



O sonho do tigre

COLLEEN HOUCK

2 milhões de livros vendidos





o sonho do tigre



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura

extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

COLLEEN HOUCK

o sonho do tigre



ARQUEIRO

Título original: *Tiger's Dream*

Copyright © 2017 por Colleen Houck

Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Natália Klussman

revisão: Luis Américo Costa e Tereza da Rocha

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: © Cliff Nielsen

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagens de capa: Freepik starline e onfocus (vinhetas); Creative Market (textura)

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H831s

Houck, Colleen

O sonho do tigre [recurso eletrônico] / Colleen Houck; tradução de Raquel Zampil. São Paulo: Arqueiro, 2018.

recurso digital (A maldição do tigre; 5)

Tradução de: Tiger's dream

Sequência de: O destino do tigre

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-874-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título. III. Série.

18-50372

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Alegria e tristeza

Khalil Gibran

A alegria é a tristeza sem máscara.
E o mesmo poço do qual se ergue o riso
muitas vezes esteve cheio de lágrimas.

E de que outra forma seria?

Quanto mais fundo essa tristeza escavar seu ser,
mais alegria você poderá conter.

Não é a caneca que encerra o vinho
a mesma que foi queimada no forno do oleiro?

E não é o alaúde que acalma seu espírito
a mesma madeira que foi esculpida a fíca?

Quando estiver alegre,
olhe bem no fundo de seu coração
e descobrirá que é somente aquilo
que lhe deu a dor que lhe dá a alegria.

Quando estiver triste,
tome a examinar seu coração
e verá que agora
você chora pelo que já foi seu deleite.

Alguns dizem: “A alegria é maior que a dor”,
enquanto outros dizem: “Não, a dor é maior.”

Mas eu lhes digo que elas são inseparáveis.

Juntas, elas se acercam,
e quando uma se sentar a sós com você à mesa,
lembre-se de que a outra está dormindo debaixo de sua cama.

Em verdade, como pratos de uma balança, você pende entre a
[tristeza e a alegria.

Somente quando se encontra vazio
você fica imóvel e equilibrado.

Quando o guardião do tesouro o ergue para pesar o ouro e a prata,
sua alegria ou sua tristeza deve subir ou descer.

(Do livro *O profeta*)

*Para minhas irmãs, Shara, Tonnie e Linda.
Nós rimos juntas, choramos juntas e sonhamos juntas.*

Sumário

[Prólogo | Brasas](#)

[Capítulo 1 | Phet se revela](#)

[Capítulo 2 | Salvando Kelsey](#)

[Capítulo 3 | Esclarecimento](#)

[Capítulo 4 | Tóquio](#)

[Capítulo 5 | Voyeur](#)

[Capítulo 6 | Captura](#)

[Capítulo 7 | O conto de um tigre](#)

[Capítulo 8 | Invadindo a festa](#)

[Capítulo 9 | Jejum e fome](#)

[Capítulo 10 | Festa na praia](#)

[Capítulo 11 | Amor juvenil](#)

[Capítulo 12 | Meninos perdidos](#)

[Capítulo 13 | Seda libertada](#)

[Capítulo 14 | Alerta de intrusos](#)

[Capítulo 15 | Pedra da verdade](#)

[Capítulo 16 | Um pouco tarde demais](#)

[Capítulo 17 | Um vilão, independentemente do nome](#)

[Capítulo 18 | A Princesa e o Tigre](#)

[Capítulo 19 | Por pouco](#)

[Capítulo 20 | Um devorador de homens e um milagre](#)

[Capítulo 21 | O último presente](#)

[Capítulo 22 | O quinto sacrifício](#)

[Capítulo 23 | Professor](#)

[Capítulo 24 | Confissão na piscina](#)

[Capítulo 25 | Uma caverna e um circo](#)

[Capítulo 26 | Encarnando Phet](#)

[Capítulo 27 | Templo da Terra](#)

[Capítulo 28 | O bosque](#)

[Capítulo 29 | Nas asas de um passarinho](#)

[Capítulo 30 | Templo do Ar](#)

[Capítulo 31 | Vislumbre futuro](#)

[Capítulo 32 | Templo do Fogo](#)

[Capítulo 33 | Templo da Água](#)

[Capítulo 34 | O beijo gélido da sereia](#)

[Capítulo 35 | Um sonho esquecido](#)

[Capítulo 36 | Uma promessa cumprida](#)

[Capítulo 37 | Sonho realizado](#)

[Capítulo 38 | Andarilho](#)

[Epílogo | Sonolência](#)

[Conheça outra série da autora](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

PRÓLOGO



Brasas

Seu coração selvagem disparou, palpitando de maneira caótica, igualzinho ao riacho junto do qual ela parou. Seus membros finos tremiam e, quando o luar revelou sua figura, pude ver o pulso latejando e os olhos correndo de um lado para outro, alertas ao perigo. Eu a observava das sombras entre as árvores – um espectro negro empenhado em sua morte. Depois de erguer o nariz no ar uma última vez, ela baixou a cabeça com nervosismo para beber.

Saltando de meu esconderijo, atravessei grama e matagal, devorando a distância como uma estrela cadente. Minhas garras raspavam uma raiz nodosa que se projetava do chão como o braço de um esqueleto despertando e ela ouviu o ruído.

Partindo em disparada, a corça lançou-se para a esquerda. Saltei sobre ela, mas meus dentes pegaram apenas os fios grossos de sua pelagem de inverno. Ela deixou escapar um grito de pavor. Enquanto ia atrás dela, meu sangue corria e eu me senti mais vivo do que me sentia havia meses.

Saltei novamente e dessa vez envolvi com as garras seu torso arquejante em um abraço mortal. Ela se debateu sob mim, resistindo o melhor que pôde enquanto eu mordida seu pescoço. Cravando os dentes nele, preendi sua traqueia. Esmagá-la a sufocaria, e eu acreditava que essa era uma maneira mais gentil e

humana de abater um animal, mas, de repente, tive a sensação de que era eu que estava lentamente me asfixiando.

A euforia que senti ao caçar se esvaiu e me vi mais uma vez com o vazio que constantemente ameaçava me consumir. Ele sufocava e estrangulava, me matando sem pressa, da mesma maneira que eu estava tirando a vida daquela criatura.

Abri as mandíbulas e ergui a cabeça. Percebendo a mudança, a corça lançou-se para dentro do riacho, me derrubando de suas costas. Enquanto ela desaparecia em meio à vegetação, a água fria corria sobre minha pelagem densa, e por um momento desejei poder apenas aspirá-la e me libertar. Me libertar de minhas lembranças. De minha decepção. De meus sonhos.

Se ao menos eu acreditasse que a morte seria tão generosa...

Aos poucos, saí do riacho. Minhas patas estavam tão enlameadas quanto meus pensamentos. Desalentado, sacudi a água do pelo e estava inutilmente tentando me livrar da lama em minhas garras quando ouvi a risada de uma mulher.

Erguendo a cabeça bruscamente, vi Anamika agachada no galho de uma árvore, o arco dourado atravessado em seu ombro e uma aljava com flechas presa às costas.

– Essa foi a caçada mais patética que já vi – zombou.

Rosnei baixinho, mas Anamika ignorou a advertência e continuou com seus comentários:

– Você escolheu a criatura mais fraca da floresta e ainda assim não conseguiu abatê-la. Que espécie de tigre é você?

Ela desceu com agilidade do galho robusto. Anamika usava o vestido verde e, ao vir em minha direção, fui momentaneamente distraído por suas pernas longas e torneadas, mas então ela abriu a boca mais uma vez.

A jovem deusa pôs as mãos nos quadris e disse:

– Se está com fome, posso abater sua comida, visto que você é fraco demais para fazer isso sozinho.

Lançando um sopro sarcástico pelas narinas, dei as costas a ela e parti na direção contrária, mas Anamika logo me alcançou, igualando minha velocidade

mesmo eu tendo disparado em meio às árvores. Quando percebi que não tinha como me livrar dela, parei e me transformei.

Como homem, girei, voltando-me para ela, e gritei, aborrecido:

– Por que você insiste em ser a minha sombra, Anamika? Já não basta eu estar preso aqui com você dia após dia?

Ela estreitou os olhos.

– Eu estou tão presa aqui com você quanto você está preso aqui comigo. A diferença é que eu não desperdiço a minha vida querendo uma coisa que nunca vou ter!

– Você não sabe nada do que eu quero!

Ela ergueu uma sobrancelha diante dessas palavras e eu soube o que ela estava pensando. Na verdade, ela sabia tudo que eu queria. Ser o tigre de Durga significava que nós dois tínhamos um elo, uma conexão mental que nos ligava todas as vezes que assumíamos as formas de Durga e Damon. Tentávamos dar espaço um ao outro, erguendo uma espécie de barreira mental, mas ambos sabíamos muito mais sobre o outro do que estávamos dispostos a reconhecer.

Um exemplo disso era que eu percebia que ela sentia muitíssima falta do irmão. Ela também odiava assumir o papel de Durga. O poder não lhe interessava, o que, justamente, a tornava a escolha perfeita para governar como deusa. Ela nunca abusaria das armas ou usaria o Amuleto de Damon para propósitos egoístas. Isso era algo que eu admirava nela, embora jamais fosse admitir.

Havia outras coisas que eu me dava conta de que tinha aprendido a respeitar nos últimos seis meses. Anamika era justa e sábia ao resolver disputas, sempre pensava nos outros antes de pensar em si mesma e manejava armas melhor do que a maioria dos homens que eu conhecia. Ela merecia uma companhia que a apoiasse e a ajudasse a tornar seu fardo mais leve. Essa deveria ser minha função, mas, em vez disso, eu estava sempre chafurdando na autopiedade. Estava prestes a pedir desculpas quando ela começou a me provocar de novo:

– Acredite ou não, eu não estou seguindo você para infernizar sua vida. Estou simplesmente garantindo que não se machuque. Você vive distraído, o que significa que coloca seu bem-estar em risco.

– Me *machucar*? Me *machucar*? Eu não me *machuco*, Anamika!

– *Machucado* é como você vem vivendo os últimos seis meses, Damon – disse ela em um tom mais calmo. – Tenho tentado ser paciente, mas você continua a mostrar essa... essa fraqueza.

Furioso, aproximei-me dela e espetei o dedo no ar, diante de seu nariz, ignorando de maneira eficaz as sardas quase imperceptíveis porém tentadoras que o cobriam e os olhos verdes de cílios longos nos quais um homem podia se perder.

– Vamos esclarecer algumas coisas, Ana. Primeiro, como eu me sinto é problema *meu*. E segundo... – Fiz uma pausa e a ouvi arquejar. Preocupado com a possibilidade de a estar assustando, dei um passo para trás e parei de gritar. – Segundo: em público, sou Damon, mas quando estivermos sozinhos, *por favor*, me chame de Kishan.

Dando as costas a ela, levei a mão ao tronco de uma árvore próxima e deixei a chama furiosa que ela sempre provocava em mim se extinguir até se tornar brasas fumegantes. Concentrando-me em desacelerar a respiração, não notei que ela havia se aproximado até que senti sua mão em meu braço. O toque de Anamika sempre provocava um formigamento quente que se espalhava pela minha pele, o que era parte de nossa conexão cósmica.

– Eu sinto muito... Kishan – disse ela. – Não era minha intenção deixar você furioso ou trazer à tona suas emoções voláteis.

Dessa vez seus comentários irritantes não me aborreceram. Em vez disso, ri secamente.

– Vou tentar me lembrar de manter minhas “emoções voláteis” sob controle. Nesse meio-tempo, se você parar de perturbar o tigre, ele não vai mostrar os dentes tão rápido.

Ela me observou em silêncio por um momento, então passou por mim, empertigada, seguindo na direção de nossa casa. O som abaçado de seus resmungos desapareceu enquanto ela caminhava entre as árvores, mas ainda escutei a frase: “Eu *não* tenho medo dos dentes dele.”

Senti uma culpa passageira por deixá-la voltar para casa sozinha, mas tinha percebido que ela estava usando o Amuleto de Damon e sabia que não havia nada nesta Terra que pudesse machucá-la. Quando ela se foi, me espreguicei e me perguntei se devia voltar para a casa que partilhávamos – sendo “partilhar”

um termo relativo – ou se devia passar a noite na floresta. Tinha acabado de decidir procurar um belo trecho de grama onde dormir quando meu corpo se imobilizou, pressentindo a presença de outra pessoa. *Quem estaria aqui? Um caçador? Anamika teria retornado?*

Devagar, dei meia-volta, sem fazer qualquer barulho, e, quando já havia me virado completamente, dei um pulo para trás, meu coração disparando com o choque.

À minha frente encontrava-se um homenzinho, aparentemente surgido do nada, *o que provavelmente era verdade*. O luar reluzia em sua careca e, quando ele se moveu, as sandálias esmagaram ruidosamente a grama. Não tínhamos visto o monge desde aquele fátídico dia em que eu cedera minha noiva, a garota que eu amava mais do que a vida, a meu irmão. O dia em que assisti a meus sonhos, minhas esperanças e meu futuro saltarem por um vórtice de chamas e desaparecerem, extinguindo-se como uma lamparina cujo óleo se acabara.

Desde então eu me sentia devastado.

– Phet – falei simplesmente –, o que traz *você* à minha versão do inferno?

O homem segurou meu ombro e me fitou com olhos castanhos e lúcidos.

– Kishan – disse ele com gravidade –, Kelsey precisa de você.



Phet se revela

Meus músculos se retesaram e parei de respirar.

Kelsey.

Visualizei o rosto dela. As últimas palavras que trocamos.

Eu fui um perfeito idiota.

Seis meses antes, Phet dissera que Durga precisava de um tigre e que um de nós deveria fazer a escolha e ficar. Quando Ren e eu nos afastamos para falar a respeito, meu irmão se recusou totalmente a sequer considerar ficar para trás. Ele me disse que iria aonde Kelsey fosse. Não havia qualquer opção para ele, declarou, teimoso.

Na ocasião, Phet falara conosco com calma, explicando que Sunil, o irmão de Anamika, voltaria ao futuro com Kelsey e deixaria a irmã para trás. Eu olhara para Anamika e a vira agarrando o braço do irmão recém-resgatado. Ela ainda não sabia que o irmão partiria. Eu sabia, através de minha conexão com a deusa, que a partida dele seria um golpe terrível.

“Durga *precisa* cumprir seu propósito”, enfatizou Phet. “Gerações serão influenciadas por ela. Sem uma companhia, ela ficará só e o mundo, como o conhecemos, mudará completamente. Um tigre está destinado a abraçar essa vida. Vocês precisam escolher.”

Por mais recente que fosse nosso elo na ocasião, eu estava ciente de que Anamika odiava a ideia de assumir o papel de deusa, fosse esse seu destino ou não. Havia grande chance de que, sem ter alguém a seu lado, ela voltasse para a Índia e desistisse da vida de deusa.

Esfregando as mãos no rosto, sugeri:

“Por que o irmão não pode ficar com ela?”

“O irmão é uma parte da vida humana de Anamika. Ela precisa assumir o papel de imortal, cuidar de seus deveres e deixar os pensamentos ligados ao passado para trás. Confie em mim quando digo que será melhor para ambos seguirem caminhos separados.”

Phet sabia mais do que estava falando. Isso era sempre verdade. Portanto, quando ele disse que Sunil precisava deixar a irmã, não questionei mais.

Ren pareceu chegar à mesma conclusão, porque assentiu e respondeu:

“Então eu ficarei e servirei, mas somente se Kelsey permanecer também.”

Phet sacudiu a cabeça de maneira enfática.

“O caminho de Quel-si está no futuro.”

O velho monge foi consolar Kelsey e me deixou sozinho com meu irmão.

“Ela é *minha* noiva”, comecei.

“Eu a ameí primeiro, Kishan.”

“Sim, mas você a deixou.”

“Foi um erro. Que não pretendo repetir.”

Prosseguimos nessa discussão por alguns minutos, tentando convencer o outro a ficar, mas nenhum dos dois arredou pé. Phet retornou e nos informou que precisávamos dar uma resposta sem demora e, enquanto falava, me lançou um olhar. Um olhar que sugeria que *eu* deveria pôr fim naquilo.

O que isso significava? Ele estava tentando me dizer que deveria ser eu a ceder? A desistir da garota que eu amava? Ou talvez ele quisesse dizer que era eu que entendia o chamado de Durga, que tinha a conexão. Eu me remexi, desconfortável.

Desesperado, sussurrei para Ren:

“Você sabe o que vi, o que minha visão no Bosque dos Sonhos me revelou.”

Ren assentiu, relutante.

Eu insisti:

“Se eu ficar para trás, então o filho de Kelsey nunca...” Olhei ao redor para ver se alguém estava ouvindo. Ninguém. Parecia que estavam nos dando um momento de privacidade. “Nunca nascerá”, concluí em um sussurro.

“Você não sabe disso”, afirmou Ren, teimoso.

“Ele tinha meus olhos, Ren. Meus!”

Ren desviou o olhar, como se lhe doesse ver a prova da existência do futuro filho de Kelsey ao me encarar. Então disse baixinho:

“Você tem uma dívida comigo, irmão.”

Respirei fundo enquanto suas palavras giravam em minha mente. Eu tinha uma *dívida* com ele.

Tinha?

Repassei o que havia feito, como o traíra, não só roubando-lhe a noiva, Yesubai, como pondo em risco a vida dele e também nosso reino. Então, com Kelsey, eu a havia pressionado e a beijara, mesmo sabendo que ela gostava de Ren.

Mais tarde eu tentara ser nobre e prometera que ela poderia decidir os termos de nosso relacionamento. Mas, quando finalmente ela foi minha, eu soube que não a deixaria ir, independentemente das circunstâncias. Eu tinha, sim, uma dívida com Ren, mas simplesmente não conseguia entregar a ele a garota que eu amava.

Frustrado, corri a mão pela nuca. Olhei para o grupo e percebi que Kelsey não estava ali.

“Onde ela está?”, perguntei a Phet.

“Está chorando por aquele que ela acredita que ficará para trás”, replicou Phet.

Meu corpo imobilizou-se e inclinei a cabeça, captando os sons de seu pranto suave. Seu sofrimento atravessava a floresta tão claramente que era como se ela estivesse a meu lado. Tudo que eu queria era ir até ela. Interromper seu choro. Curar sua dor.

Dei um passo à frente e então hesitei. De repente, me dei conta de duas coisas. A primeira era que eu sabia por *quem* ela estava chorando. Ela acreditava que *Ren* ficaria ali com Durga.

Quando eu assumira o papel de minha tia-avó Saachi, Kelsey havia confessado seus sentimentos em relação às tendências, digamos, heroicas de Ren. O que ela não sabia era que meu irmão preferia a companhia de diplomatas à de guerreiros. A única razão de ele se arriscar repetidas vezes era porque estava loucamente apaixonado por minha noiva.

A segunda coisa que percebi foi que meu irmão estivera atento a ela e que a ouvira chorar muito antes de eu sequer perceber que ela havia sumido. A sensibilidade exagerada dele em relação a Kelsey era irritante. Eu teria *sempre* de competir com meu irmão?

Deixando de lado minha insegurança em relação a Ren, pus-me a escutar o choro da mulher que eu amava.

Como posso deixá-la?

Outra parte de minha mente sussurrou: *Como posso não deixar?*

O peso do mundo de repente parecia estar sobre meus ombros, e eu não era nenhum Atlas para ter a força que sustentaria aquele peso. Eu sucumbiria sob o fardo.

Eu consigo fazer isso? Consigo deixá-la?

Admiti o fato de que ela ainda amava Ren. Seus sentimentos eram óbvios para qualquer um que os visse juntos, mas eu acreditava que, com o tempo, ela viria a me amar da mesma forma, se não mais. Lembrar de quão devastada ela ficara quando Ren morreu, de quanto sofrera durante o tempo em que ele não se lembrava dela e, ao contragosto, de como ela se apoiara nele primeiro quando nós a resgatamos de Lokesh deixava um gosto amargo em minha boca.

Nesse momento, Ren se manifestou, distraíndo-me de meus pensamentos, e disse suavemente enquanto fitava as árvores por onde ela desaparecera:

“Não posso viver sem ela, Kishan.”

Então o que isso quer dizer? Que eu devo simplesmente ir embora? Esquecer a felicidade? Esquecer meu futuro? Esquecer a família pela qual eu ansiava, a que aparecera na visão?

Esfregando o maxilar com a mão, pensei em meu irmão. Que ele amava Kelsey era óbvio. Se eu me afastasse, sabia que ele a faria feliz. A pergunta era... Kelsey poderia ser feliz sem Ren?

A resposta me veio em um instante.

Não.

Ela se esforçaria ao máximo, mas uma parte dela sempre sofreria por ele.

A escolha de repente tornou-se óbvia. O tigre que ficaria para trás teria de ser... eu.

Deixar essa ideia assentar em minha mente era tão doloroso quanto ser atingido por uma saraivada de flechas. Centenas de pequenas dores me feriram ao mesmo tempo. Se alguém tivesse aparecido e arrancado o coração ainda pulsante de meu peito, eu lhe teria agradecido o favor. Até respirar doía.

Phet olhou para mim com urgência mais uma vez e assenti ligeiramente.

Surpreso por ter força para isso, pus a mão no braço de meu irmão e disse:

“Você não vai ter de fazer isso, irmão. Só me deixe... – murmurei então – me deixe dizer adeus.”

Ren voltou os olhos surpresos para mim e também segurou meu braço, assentindo, com uma expressão de alívio e gratidão.

A dor atenuou um pouquinho. Ela ainda me esmagava insuportavelmente, mas enfim eu conseguia olhar meu irmão nos olhos. Após séculos de culpa e desconfiança, senti o doce alívio do perdão e percebi que meu sacrifício havia eliminado o abismo que eu criara entre nós – uma barreira que nunca deveria ter existido. De repente, eu me senti como se fosse o irmão mais velho e mais sábio.

Enquanto andava em meio às árvores para dizer adeus à mulher que eu amava, uma parte de mim tinha a esperança de que ela recusaria aquilo, que insistiria em que eu voltasse com ela. Quando irrompeu em soluços histéricos ao me ver e percebi que ela estava chorando não por mim, mas por ele, soube que minha causa estava perdida. Que o amor dela por ele era, e sempre seria, mais forte. Ela dizia que não podia me deixar, mas o fato era que ela... *fez isso*.

Desde então eu lamentava minha decisão. Tinha sido um idiota por permitir que isso acontecesse. Por fazer com que minha necessidade de remendar o relacionamento com meu irmão influenciasse minha decisão em relação a Kelsey. Racionalizei que Kelsey estava perturbada porque pensava que Ren fosse ficar para trás e que, se tivesse mais alguns minutos para considerar minha permanência no passado, teria ficado igualmente perturbada.

Agora, aqui estava Phet diante de mim, seis meses depois, dizendo que Kelsey precisava de mim. Por dentro, eu vibrava com a notícia. Talvez nem tudo estivesse perdido. Talvez ela tivesse se dado conta de que me amava, afinal.

Soltei o ar que estivera prendendo e perguntei:

– Ela está correndo perigo?

Mas o que eu queria mesmo perguntar era: “Ela sente minha falta?”

– Está. Kelsey corre grande perigo. Mas não do tipo que você está pensando.

– Como assim? – perguntei, confuso. Então outro pensamento veio à tona. – Espere um pouco. Você a chamou de Kelsey, não Quel-si. – Cruzei os braços diante do peito. – O que é que está acontecendo aqui exatamente?

Phet soltou o ar devagar e disse:

– Talvez seja melhor você saber de tudo.

Ele agarrou um emblema em um colar escondido sob sua túnica, e o gesto familiar me deixou confuso. Um presságio percorreu minhas veias e dei um passo para trás.

– O que... O que você está fazendo?

O homenzinho apurou-se até chegar a sua verdadeira altura e sorriu ao dizer:

– Lenço Divino, por favor, me devolva a minha forma normal.

Túnicas marrons se moveram enquanto fios se enrolavam em torno de seu corpo. O que eu estava vendo não fazia qualquer sentido. Eu sabia que o Lenço Divino se encontrava, nesse momento, sob os cuidados de Durga, então, mesmo que de algum modo ele tivesse se apoderado do lenço, por que estava mudando para uma forma diferente?

A magia espiralava em volta dele, obscurecendo-lhe o rosto, e então, quando os fios finalmente se aquietaram, caí de joelhos e as lágrimas toldaram minha visão.

– Não... não é possível – sussurrei, incapaz de acreditar em meus olhos.

– Você sabe que é – respondeu ele gentilmente.

– Como é que você...? – Tive dificuldade em engolir, dominado pela emoção. – Quando?

– Ah... o *quando* é um pouco complicado. O *como* eu vou lhe mostrar.

Ele segurou meu braço e me ajudou a me levantar. Seus olhos se franziram nos cantos quando sorriu e disse:

– Como é bom ver você, Kishan.

– As palavras não podem expressar o que sinto ao vê-lo outra vez, *Kadam*.

– Sim – murmurou ele, um tanto distraído. – Agora vamos ver o que podemos fazer para salvar a Srta. Kelsey, está bem?

Assenti, completamente assombrado com o fato de meu mentor, amigo e pai substituto haver de alguma forma retornado do mundo dos mortos.



Salvando Kelsey

— Podemos? – Ele encontrou um tronco virado e se sentou.

Eu ainda não conseguia acreditar que ele estivesse ali. Que estivesse vivo.

– Como você voltou? – perguntei.

– Não voltei. Não exatamente. Quando você testemunhou minha morte, eu *de fato* fiz minha passagem deste mundo. Mas você precisa entender que esse evento, embora já tenha ocorrido na sua linha do tempo, ainda não aconteceu na minha.

– Ainda não aconteceu? Não estou entendendo.

Kadam sorriu pacientemente e perguntou:

– Lembra-se de quando apareci com Nilima depois que vocês resgataram a Srta. Kelsey de Lokesh?

– Sim. Vocês estavam desaparecidos havia semanas.

– Correto. Contei a vocês então que uma força havia levado a mim e Nilima no momento em que o arpão disparou em nossa direção.

Quando assenti, ele puxou da camisa o fragmento do Amuleto de Damon que costumava usar e prosseguiu:

– E depois disso vocês descobriram que o pedaço do amuleto que uso é o que controla o espaço e o tempo.

– Sim. Mas como você pode estar usando o amuleto novamente quando sei que esse pedaço específico, que foi usado para enviar Lokesh para o passado, foi reintegrado ao amuleto completo e no momento se encontra no pescoço de Anamika?

– Eu tenho este pedaço porque ainda o uso em meu tempo.

Pondo-me de pé, comecei a andar de um lado para outro. Kadam tirou um frasco do bolso e desenroscou a tampa. Um cheiro pungente pairou no ar.

– Olibano? – ofereceu. – Acalma os nervos.

Recusei sua oferta com um gesto e ele deu de ombros, pegando um pedaço antes de tomar a fechar o frasco.

– Então me diga de *quando* você vem – insisti.

– Eu venho de pouco antes da minha morte – replicou Kadam suavemente. – Vocês todos achavam que eu não estava muito bem depois da minha volta, mas na realidade eu estava fazendo o trabalho que o destino me atribuiu.

– Você se ausentava com frequência – murmurei. – Estava distante.

– Sim – respondeu ele. – Muito distante, de fato.

Ajoelhando-me diante dele, implorei:

– Você pode voltar então e desfazer o que aconteceu. Podemos derrotar Lokesh junto com você. Seu sacrifício não é necessário. Você não tem que morrer. Ainda não aconteceu na sua linha do tempo, então podemos evitar.

Ele sacudiu a cabeça.

– Lokesh é poderoso demais. Se você tivesse me ajudado, a Srta. Kelsey teria sido levada.

– Mas nós podíamos...

Kadam me interrompeu, erguendo a mão.

– Kishan, filho, confie em mim quando digo que minha morte é e era a única maneira de mandar Lokesh para o passado e que sua derrota no passado afeta o futuro. Sem um monstro para Anamika derrotar, sem uma deusa – ele sorriu –, ou duas, entrando na batalha montada em um tigre, o tecido de nosso mundo se desmancharia. Isso é muito mais importante do que prolongar minha vida.

Como não retruquei, ele estendeu a mão e segurou meu braço.

– Por favor, aceite isso. Deixar vocês será a coisa mais difícil que terei que fazer, mas sei que precisa ser feito. De alguma forma, quando chegar a hora, tentarei encontrar coragem.

Desolado, apoiei minha testa em seu joelho. Meus olhos ardiam com as lágrimas não derramadas.

– Eu sei que encontrará – afirmei, renovando meu luto por sua perda iminente.

Quando ergui a cabeça, perguntei:

– Phet existiu ou foi sempre você?

– O propósito de Phet era orquestrar a maldição do tigre. Eu sou Phet e ele sou eu... na maior parte do tempo – afirmou, hesitante.

– Mas nós teríamos farejado você. Tanto Ren quanto eu teríamos percebido isso há muito tempo.

Kadam sacudiu a cabeça.

– Consegui ocultar meu cheiro não só enchendo a cabana com uma imensa quantidade de ervas, mas também me deslocando ligeiramente no tempo. Vocês também têm essa habilidade. Ambos podiam me ver e tocar, mas, se pararem para pensar, vão notar que não se lembram de Phet ter um cheiro pessoal. – Ele pôs a mão em meu ombro. – Kishan, por mais que eu fosse gostar de fazer isso, discutir o lugar de Phet em nosso mundo não é a razão de eu estar aqui hoje. Você precisa viajar para o futuro e salvar a Srta. Kelsey.

– Salvá-la? Como? Ren...

Kadam ergueu as mãos para me interromper, levantou-se e disse:

– Será mais fácil mostrar. Você vai precisar do Amuleto de Damon. Pegue-o emprestado com Anamika, mas não conte a ela que me viu, não ainda. Encontre-me aqui em uma hora e eu lhe darei as instruções que você precisa para cumprir seu propósito.

Pisquei e ele se foi, deixando apenas a grama amassada no local onde tinha estado. Meu mundo havia sofrido outra reviravolta, mas dessa vez a ideia me deixava eletrizado. Cada nervo de meu corpo estava tenso e a adrenalina circulava em minhas veias enquanto eu corria por entre as árvores. Insatisfeito com meu ritmo, transformei-me em tigre e cobri a distância até o pé da montanha de Durga em pouco tempo.

Esculpido no imponente pico himalaio chamado monte Kailash, o palácio de Durga raramente era visto, pois com frequência se ocultava entre as nuvens, mas, quando o sol afugentava esse seu manto orvalhado, a visão de nosso lar era impressionante. Fora construído no estilo de um templo chinês, com torres, pavilhões e arcos que acompanhavam os contornos da encosta da montanha. Cinco andares se conectavam por meio de escadarias e longos corredores, e os íngremes telhados eram revestidos com ladrilhos vitrificados que reluziam ao sol.

No centro de duas torres simétricas, Anamika usara seu poder para criar um chafariz que se elevava a grande altura, se derramava sobre pedras de granito no nível mais baixo e então corria livremente pela encosta, criando uma cachoeira que refletia o arco-íris quando o sol da tarde incidia sobre ela no ângulo certo.

Cercava o chafariz um amplo jardim florido com dezenas de variedades de rosas e, em um dos cantos, ela havia modelado um grande lago, onde cultivava lótus, sua flor favorita. Quando eu ficava no palácio, meu lugar favorito era seu jardim. À noite, eu dormia na grama aparada e macia, sob o céu estrelado, e imaginava o que poderia ter sido.

Uma escadaria em zigue-zague fora esculpida na pedra, levando do palácio até o pé da montanha, onde acólitos se reuniam para pedir favores à deusa. Era o único acesso dos mortais a nossa casa, por isso era fechado e fortemente vigiado. Havia sempre um bom número de pessoas acampadas logo abaixo do palácio, implorando permissão para entrar. Somente a poucas pessoas especiais era concedida uma audiência com Anamika. Mesmo assim, quando subiam ao topo, eram sempre escoltadas pelos leais soldados remanescentes do exército de Durga.

Querendo evitar ser visto, dei a volta por trás da montanha, passando por uma entrada particular que somente Anamika e eu usávamos. Por mais dramático que fosse subir e descer em uma nuvem todos os dias, ambos decidimos que queríamos algo mais prático e construímos entradas secretas para o palácio que um dia pertencera a Lokesh.

Mudando para a forma humana, apoiei a mão em uma depressão na parede, onde havíamos criado uma espécie de fechadura usando nosso poder. Fora ideia minha instalar um mecanismo baseado no reconhecimento das mãos que daria entrada somente a nós dois. Eu sabia que Kelsey conseguira usar a magia do desenho de hena de Phet para entrar em diferentes reinos onde os presentes de Durga haviam sido escondidos, e eu tinha guardado a informação.

A porta oculta se abriu e me certifiquei de que estivesse novamente fechada antes de subir a longa escadaria. De repente, pensei em uma coisa que me fez interromper abruptamente a subida. Percebi que nunca houve um desenho de hena dado por Phet. Sempre fora um desenho de Kadam. Fora ele quem iniciara Kelsey em sua jornada. Sacudindo a cabeça, tentei não pensar na estranheza de Kadam ser Phet e, em vez disso, me concentrei em Kelsey. Os degraus pareciam intermináveis quase todos os dias, mas especialmente hoje, quando eu sabia que logo veria Kelsey.

Irrompendo pelo painel oculto e correndo até o salão principal, gritei:

– Anamika!

Não houve resposta. Deslizando brevemente no mármore escorregadio e tropeçando nos cantos de um tapete muito caro, presente de um rei como forma de expressar gratidão pela ajuda de Durga para superar a seca que afetara sua nação, procurei conforto após conforto, minha voz ecoando em cada um dos amplos espaços.

Opulento e impressionante eram duas palavras que vinham à mente assim que se pisava no palácio que Lokesh havia criado para ser sua residência na montanha. Escavado na encosta e repleto com mais riquezas do que eu jamais imaginara que existissem, o lugar era o sonho de um rei ganancioso.

Mesmo que eu já não preferisse antes os espaços ao ar livre, o interior da casa de Lokesh teria feito com que isso acontecesse. Suponho que fosse bonito de certa forma. As paredes eram incrustadas com pedras preciosas que o mago maligno havia extraído da terra.

O trono de Durga, feito de diamante cor-de-rosa, era impressionante, assim como o salão em que ela recebia embaixadores, mas eu achava que todo o local tinha uma atmosfera estéril e fria. Anamika havia se esforçado para tornar os grandes salões mais aconchegantes, mas, como o teto de cada ambiente se

elevava muito acima das cabeças e não havia com quem partilhar as riquezas, o local acabava ecoando de uma forma solitária. Eu perambulava por ele como uma abelha deixada sozinha na colmeia. O espaço a minha volta parecia errado – desprovido do zumbido diário da vida normal.

Lokesh *tinha* o dobro do tamanho de um homem normal quando morara ali, portanto suponho que as dimensões alongadas do lugar fossem necessárias. Ele havia fundido seu corpo com o de um búfalo e se tornara uma criatura monstruosa que provavelmente precisava da cama gigante e da lareira grande o bastante para cozinhar três alces – um ao lado do outro –, que ficavam onde agora era meu quarto.

Frustrado, voltei para o salão ao qual me referia como sala do trono e chamei novamente:

– Anamika!

Senti sua presença antes de ouvi-la.

– Por que você está berrando? – perguntou ela, irritada.

– Onde você estava?

– Eu estava...

Eu a encarei com os olhos estreitados.

– Você saiu para ajudar alguém e não me avisou?

Ela levantou o queixo, resoluta.

– E se tiver saído?

Exasperado, passei a mão pelos cabelos.

– Você conhece a regra, Ana. Você não sai sem mim. E se alguma coisa tivesse acontecido?

– Você estava ocupado com seu desconsolo. Além disso, essas pessoas precisavam mesmo de ajuda. Aconteceu um incêndio e...

Eu a interrompi:

– Não estou nem aí se uma nação inteira pegar fogo. A regra é: venha e me encontre primeiro.

Ela soltou um suspiro profundo e murmurou, enquanto se abaixava para tirar as botas:

– Tudo bem. Da próxima vez vou forçar sua pessoa digna de pena a me acompanhar. Está bem assim?

– Sim.

Ela puxou a fivela que prendia seus cabelos e a cabeleira negra e sedosa cascadeou por suas costas. Fiquei transfixado quando correu as mãos por ela e suspirou de prazer por finalmente poder relaxar.

Quando ela se virou e anunciou que ia tomar um banho e depois iria para a cama, eu a segui até ela perceber. Então ela empurrou meu braço e colocou a mão em meu peito, como se para me impedir.

– Isso não foi um convite – disse ela.

O calor de seu toque se espalhou por meu corpo, provocando uma lânguida sensação de profundo contentamento. O poder fluiu entre nós, vibrando como uma tempestade em formação. Quanto mais perto ela chegava de meu coração ao me tocar, mais poderosa era a sensação. Eu me perguntei brevemente se a conexão entre Ren e Kelsey era assim tão forte. Então me lembrei de que não queria pensar nisso.

Afastando-me dela e esfregando o braço, retorqui:

– Mesmo que fosse, eu não aceitaria. Você é áspera demais para esfregar as costas de um homem.

Um rubor subiu por seu pescoço e inflamou seu temperamento já esquentado.

– Estou bem ciente de que você prefere mulheres suaves e maleáveis. E pode acreditar quando digo que não tenho qualquer interesse em ver suas costas nuas, muito menos em esfregá-las para você!

Ergui as mãos em rendição.

– Está certo. Acalme-se. Desculpe por aborrecê-la. Só estava pensando que seria uma boa ideia ficar com o amuleto enquanto você toma banho. Assim, se surgir alguma coisa, posso resolver enquanto você relaxa.

– O que aconteceu com a história de nós dois resolvermos juntos?

– Se for alguma coisa importante, virei buscar você. – Sorri. – Quer você esteja vestida ou usando nada mais que espuma de sabonete.

Anamika sibilou.

– Você *não* vai perturbar o meu banho.

Ela mordeu o lábio de forma tentadora enquanto ponderava o que fazer. Quando refletia sobre alguma coisa, seus olhos verdes se iluminavam. Aqueles

olhos se ergueram para os meus e então, rapidamente, se desviaram.

– Ana, se eu não conhecesse você, diria que está enrubescendo.

– A deusa Durga não enrubesce – declarou ela ao erguer o queixo com altivez.

Eu ri.

– Claro que enrubesce.

Com um grunhido de frustração, ela arrancou o amuleto de seu pescoço e o enfiou em minhas mãos.

– Tome, mas não me perturbe pelo resto da noite.

– Sem problema. – Ela me deu as costas. – Durma bem, Ana – falei enquanto se afastava.

Ela parou e assentiu com a cabeça antes de virar no corredor.

Eu só havia ameaçado interromper seu banho porque sabia que isso a distrairia de meu estranho pedido para ficar com o amuleto, mas não podia negar que a ideia de encontrá-la em uma banheira de espuma era agradável. Ali, parado no local em que ela desaparecera, fiquei olhando para o nada por um momento, esfregando o maxilar e sorrindo, antes de me lembrar de que tinha algo a fazer.

Kelsey!

Em dois segundos saí pela porta do palácio e usei o poder do amuleto para transportar meu corpo através do espaço de volta ao ponto da floresta onde deixara Kadam.

Quando as árvores giraram à minha volta – uma sensação vertiginosa e nauseante – e finalmente pararam, me perguntei se estava no lugar certo.

– Kadam? Kadam? – gritei.

Ele se materializou instantaneamente.

– Peço desculpas por deixá-lo à espera. A Srta. Kelsey estava preocupada comigo.

– Ela... Você a viu agora?

– Em meu tempo, sim.

Tentando me livrar da confusão, decidi não me aprofundar.

– Você disse que tinha instruções?

Ele segurou meu braço e assentiu.

– Venha comigo e, quando chegar a hora, salve-a.

Franzindo a testa, eu disse:

– Não acho que você tenha me dado informações sufi...

O solo da floresta começou a girar e, com um solavanco nauseante, fui arrancado do passado e impelido para o futuro. Quando chegamos ao destino que ele havia escolhido, ainda estávamos cercados por árvores e nossos pés afundaram numa grossa camada de neve.

– ... cientes.

Enquanto eu cambaleava e caía apoiado em um dos joelhos, subjugado pelo salto no tempo, Kadam sussurrou algumas palavras e a gravata que ele estava usando explodiu em milhares de fios coloridos. O Lenço Divino funcionou de acordo com seu comando e logo estávamos vestidos em trajes modernos para a neve. Com o trabalho finalizado, o lenço transformou-se em uma versão de si mesmo feita de lã vermelha grossa. Kadam jogou a ponta sobre o ombro e disse:

– Siga-me.

– Como não desmaiei? – perguntei enquanto avançava aos tropeços, minha força voltando rapidamente.

– O Amuleto de Damon torna a transição mais fácil e, no meu caso, já viajei através do tempo vezes suficientes para ter me acostumado a seus efeitos. Você logo se adaptará também.

As densas coníferas que nos cercavam estavam pesadas com a neve que as cobria e eram uma linda visão enquanto o sol poente fazia a neve espessa brilhar em um rubor de cores que me lembrava as bochechas de Kelsey. Em poucos minutos saímos da floresta e chegamos a um resort. As cores externas e o telhado inclinado imitavam a impressionante vista da montanha atrás dele.

– Não estamos no Himalaia, estamos? – perguntei, embora já soubesse a resposta.

Kadam sacudiu a cabeça.

– Aqui é o monte Hood.

– Oregon – eu disse, tanto para mim mesmo quanto para ele.

Estava confuso, pois lembrava que Kelsey não gostava muito de neve. Talvez isso tenha se originado quando ela foi atacada por um urso naquela vez que subimos juntos o monte Everest na busca pelo portão do espírito. Mas, se a memória não me falhava, ela mencionara que não gostava do que chamava de

“esportes de inverno”, e esse lugar, pela atividade que eu estava observando, era claramente projetado com esse objetivo.

Dezenas de pessoas, inclusive crianças pequenas, dirigiam-se para o resort, muitos carregando esquis ou pranchas ao se recolherem para a noite. Estavam vestidas com roupas em uma variedade de cores, do tipo que eu sabia serem do tempo de Kelsey.

Elas entravam em um edifício principal ladeado por duas alas fêericamente iluminadas. As dezenas de janelas me fizeram deduzir que era nas alas que ficavam as acomodações dos hóspedes. Uma luz cálida jorrava do edifício e postes de luz iluminavam nosso caminho à medida que o sol ia mergulhando além do horizonte. Logo alcançamos um grupo carregando seu equipamento nos ombros e entramos com eles no edifício.

Depois de nossa vez batendo as botas em grossos tapetes na entrada, Kadam me levou até uma lareira de pedra e mandou que eu me sentasse.

– Não se levante – disse ele. – Não até que eu lhe diga. – Com essa instrução enigmática, ele me deixou sozinho.

Uma garçonete não demorou a me trazer uma caneca de chocolate fumegante coberto com chantilly e canela, que eu suspeitava que Kadam havia pedido que me fosse servido. À medida que o fogo e o chocolate me aqueciam, meu coração começou a bater mais forte, sabendo que logo a veria outra vez.

Kelsey, a mulher que eu amava mais do que tudo, chegaria a qualquer momento. Ensaiei minhas primeiras palavras. *Você não faz ideia de como é bom ver você. Senti tanta saudade. Eu errei. Por favor, volte para mim. Eu te amo.*

Eu ainda não sabia quais palavras brotariam de mim inicialmente e, para ser sincero, não estava preocupado com isso. Se pudesse apenas pôr os olhos nela outra vez, tinha certeza de que saberia o que dizer. Uma família entrou arrastando as malas e se deteve na área de espera onde eu me encontrava. A mãe sorriu para mim timidamente, ao passo que o pai me olhou de cima a baixo antes de arrumar seus pertences em uma pilha, e então disse à jovem filha:

– Sente-se perto da lareira enquanto fazemos o check-out. A gente deve demorar alguns minutos, pois há fila.

A garota assentiu e pôs a mochila na cadeira a meu lado. Abrindo o zíper, ela pegou um livro e, depois de puxar a touca cor-de-rosa até as sobrancelhas,

escondeu a cabeça atrás dele e começou a ler.

Olhei para a garota, sorri e a cumprimentei movendo a cabeça, mas então voltei a me remexer, nervoso, pensando na mulher que eu amava. Ergui meu chocolate quente e bebi um gole, deixando que o aroma fizesse cócegas no nariz. Então fiquei paralisado quando um novo cheiro me assaltou. Kelsey! Ela estava ali! Girando a cabeça de um lado para outro, procurei por ela entre o alvoroço de pessoas e amaldiçoei o fato de Kadam ter insistido em que eu permanecesse sentado. Ainda assim, estiquei o pescoço e me contorci de toda forma possível para ter um vislumbre dela.

– Você está bem? – perguntou a garota, me espiando por sobre as páginas de seu livro.

– Sim – repliquei, irritado. – Só estou procurando uma pessoa.

– Quem?

– Estou procurando minha... minha amiga.

– Como é a sua amiga?

– Cabelos compridos castanhos, olhos castanhos, um lindo sorriso.

Os olhos dela se arregalaram enquanto ela me espiava acima da borda do livro e dava uma risadinha.

– É a sua namorada?

– Era.

Girei na cadeira, examinando as pessoas que saíam pela porta, temendo que ela houvesse passado por mim e partido. Eu não a vi, mas seu cheiro ainda estava forte, então relaxei e deixei escapar um suspiro, lembrando-me de que devia confiar em Kadam. Ainda assim, mantive os olhos bem abertos.

– E você está aqui para reconquistá-la, certo?

– Mais ou menos isso – murmurei, distraído, enquanto levava à boca o chocolate e bebia.

– Isso é tão romântico – disse ela.

Resmunguei e dirigi um sorriso irônico à garota.

– Pelo menos *você* acha isso.

– Ah, eu acho. Seu chocolate está cheiroso. Tem canela nele? – Ela agora me espiava pela esquerda do livro, de modo que eu só podia ver metade de seu rosto.

Quando inclinei a cabeça para vê-la melhor, ela arquejou e escondeu novamente os olhos.

– Quer um? – ofereci.

– Humm... não devo aceitar presentes de estranhos.

– Então vou me apresentar. Meu nome é Kishan.

– É um nome estranho. De onde você é?

– Da Índia. E você, de onde é?

– De Salem.

Sorri.

– Eu conheço a cidade. – Ela me olhou sorrateiramente por um segundo, pelo lado direito do livro, e eu disse: – Não precisa ter medo de mim.

– Não estou com medo – insistiu ela. – Só estou sendo... cautelosa.

– Como deve mesmo ser – comentei, sério, assentindo.

Chamei a garçonete, que logo trouxe um segundo chocolate para a garota, e ficamos em silêncio por alguns minutos, eu observando o vapor elevar-se no ar e ela fingindo ignorar meu gesto. Por fim, perguntei:

– Você não vai nem experimentar? É muito bom.

Devagar, ela moveu o livro, ainda mantendo o rosto escondido, e sua mão enluvada projetou-se e segurou a alça da caneca. Após alguns goles ruidosos, pousou a caneca meio vazia de volta na mesa.

Rindo, eu disse:

– É bom ver novamente uma garota que saboreia seu chocolate. Minha namorada adorava chocolate quente.

– É delicioso – disse ela, tímida. – Obrigada. – Enfim ela baixou o livro e sorriu para mim. Feliz com minha pequena vitória, eu estava prestes a caçoar dela, dizendo que parecia uma traça devorando um livro, quando fitei seus olhos. Globos familiares cor de chocolate em um rosto encantadoramente redondo, de maçãs rosadas. Um tremor me percorreu e meu coração parou.

– O que foi? – perguntou ela, formando as palavras em torno do aparelho de metal preso a seus dentes.

– Eu... eu... eu não sei. – Engoli em seco, mal conseguindo falar.

Eu a encarava de uma forma que tinha certeza que ia assustá-la e ela jogou o livro de lado.

– Está tendo um ataque cardíaco, Sr. Kishan? Por que não está se mexendo?

Ela se aproximou de mim e sacudiu meu ombro. Longas tranças balançavam de um lado para outro, como o pêndulo de um relógio de pé marcando o tempo, e, quando ela se inclinou sobre mim, não pude deixar de rir interiormente da ironia.

Kadam aproximou-se e a garota recuou. Ele assegurou-lhe de que eu estava bem, mas que provavelmente estava um pouco desorientado em razão de uma queda feia. Quando ela voltou a se sentar, me observando, preocupada, ele sentou-se ao lado dela e se apresentou. Ela falou muito mais à vontade com ele e, depois de se certificar de que eu estava recuperado, virou o restante do chocolate e começou a contar a ele sobre as férias com os pais na estação de esqui.

Kelsey.

A garota que eu amava estivera sentada a meu lado o tempo todo. Seu cheiro inesquecível estivera por toda a minha volta. Essa era *minha* Kelsey. Imaginei que ela tivesse uns 13 anos. Suas bochechas estavam rosadas por causa do calor do fogo e cor-de-rosa parecia ser sua cor favorita, se a mochila e o gorro serviam como indicação. Como pude não reconhecê-la? Era óbvio para mim agora. Eu devia tê-la identificado pelos olhos. Pela voz.

Após um momento, seus pais voltaram e, enquanto Kelsey apresentava Kadam, olhei demoradamente as duas pessoas que a haviam influenciado tanto. A mãe era cheinha e bonita como a filha e, enquanto ela ouvia Kadam contar sua história fabricada das pistas de esqui, vi a força por trás da simpatia que tantas vezes eu vira nos olhos de Kelsey. Ela herdara da mãe a determinação e a franca generosidade.

Quando o pai se sentou ao lado dela e colocou a mão no ombro da mulher, Kelsey se aninhou entre os dois e recostou a cabeça nele. Uma terna lembrança das vezes que ela fez o mesmo comigo me veio à mente. Enquanto ele falava com Kadam, reconheci a mente aguçada atrás do homem gentil. Ele limpava os óculos durante a narração de Kadam.

A versão jovem de Kelsey me fascinava. Ela ainda movimentava as mãos ao falar. Os cabelos castanhos eram mais longos do que eu estava acostumado a ver e em suas tranças faltavam as costumeiras fitas. O riso franco que ia até os olhos

era o mesmo. Meu coração se apertava ao vê-la como tinha sido, e naquele momento apaixonei-me por ela ainda mais do que antes. Eu a amava independentemente da idade e, se ela precisasse ser salva, então eu me lançaria montanha abaixo para protegê-la. Era hora de me tornar um participante ativo na conversa.

– Está tudo bem, pai – afirmei a Kadam. – Tenho certeza que posso esperar até de manhã.

– Bobagem – replicou a mãe de Kelsey. – Tem espaço suficiente para levar você.

– Bem, Maddie, nós temos muita bagagem – contrapôs Joshua Hayes.

– Não quero ser um fardo, de jeito nenhum – declarei. – Vou passar a noite aqui e irei no transporte da manhã.

– Ouça, filho – insistiu Kadam –, pode estar quebrado. Não quero esperar tanto tempo para examinar seu tornozelo. Se você pudesse andar, seria outra história.

Pegando sua deixa, eu disse:

– Olhe, está tudo bem. Eu *posso* andar. Está vendo? – Levantei-me, pondo o peso todo na perna direita, então dei alguns passos desajeitados e agarrei uma coluna de madeira ali perto, mancando como se estivesse sentindo uma dor terrível. Kelsey gritou e correu até mim. Ela passou o braço pela minha cintura e sua mãe veio para o outro lado, alvoroçando-se em volta de mim enquanto eu tornava a me sentar.

– Eu não vou mais ouvir essas bobagens – disse ela. – Joshua, vamos levar este jovem para o hospital, vê-lo acomodado e pronto. Não se fala mais nisso.

– Sim, querida. – O marido sorriu e começou a pegar a bagagem. – Vou buscar o carro e guardar nosso equipamento primeiro.

Dando tapinhas em meu braço, Maddie disse:

– Fui enfermeira até ter Kelsey e sei que um tornozelo quebrado não é brincadeira. Fique sentado aqui e nos deixe ajudá-lo. Eu insisto.

Ela exibia a mesma expressão determinada de “Não vou aceitar não como resposta” que aparecia no rosto de Kelsey e, embora eu soubesse que Kadam havia orquestrado a coisa toda, não pude deixar de me divertir com a situação. Sorri calorosamente para as duas mulheres Hayes e repliquei:

– Ter duas jovens senhoras tão adoráveis cuidando de mim já curou todos os meus males, exceto um.

– O que ainda dói, Sr. Kishan? – perguntou a jovem Kelsey.

Inclinando a cabeça na direção dela como se fosse lhe contar um segredo, eu disse em voz alta:

– O fato de que não posso ter nenhuma das duas para mim é o que mais dói.

Kelsey ficou boquiaberta e a mãe me encantou com um rubor que coloriu suas faces.

– Ora, ora – disse ela. – Eu sou muito velha para você e Kelsey é muito nova. Além disso, se meu marido o ouvir flertando conosco, pode mudar de ideia sobre levá-lo para o hospital.

– Se vocês duas me pertencessem, receio que iria guardá-las com o mesmo ciúme – concedi. – Esse será nosso segredo então – falei, com um sorriso.

Depois que Kadam pagou à garçonete nossos chocolates quentes, Maddie Hayes se levantou, enquanto Kadam exclamava com toda a sinceridade:

– Minha querida, a senhora me tratou com a maior generosidade. Não são muitos os que se dispõem a ajudar o outro como a senhora fez. Confio meu filho totalmente a seus cuidados e sei que vai tratá-lo como se fosse seu filho. – Ele fez apenas uma breve pausa antes de continuar, sério, segurando a mão dela entre as suas: – Espero que saiba que eu faria o mesmo por sua filha, se fosse preciso.

– Eu gostaria que houvesse espaço no carro para o senhor também – replicou ela com bondade.

– Infelizmente, o destino decidiu que eu deveria ficar para trás. Mas nem tudo está perdido. A senhora é uma alma extraordinária, Sra. Hayes. É uma honra tê-la conhecido.

– Minha também – disse ela.

– E sua namorada? – perguntou Kelsey. – Não devíamos esperar que ela voltasse?

Baixando os olhos, eu disse suavemente:

– Se ela quisesse voltar para mim, teria voltado.

Enquanto Kelsey pegava a mochila, eu a ouvi murmurar:

– A garota deve ser louca de deixar um cara bonito assim.

Ela não sabia que, com minha audição de tigre, suas palavras eram claramente audíveis. Quando se voltou, sorri para ela, que enrubesceu e desviou o olhar.

Joshua Hayes logo veio nos buscar e ele e Kadam me ajudaram a claudicar até o veículo. Kelsey e a mãe ficaram na entrada do hotel enquanto os homens me acomodavam. Ouvi Kelsey perguntar à mãe:

– Por que estamos levando um estranho para o hospital? Pensei que precisássemos tomar cuidado com estranhos.

A mãe, pensando que eu não ouvia, respondeu:

– Meu coração me diz que eles não têm a intenção de nos fazer mal, e acredito que às vezes é melhor ouvir o coração do que a cabeça. Nunca deixe o medo impedi-la de ajudar os outros, Kells. Você está certa ao pensar que sempre deve tomar cuidado, mas às vezes, se não se arriscar, pode perder uma aventura incrível. Quero que você experimente tudo que a vida tem a oferecer, e isso significa correr riscos de vez em quando. Entendeu?

– Entendi – replicou Kelsey.

– Ótimo. Agora vamos nos certificar de que nosso convidado está confortável, ok?

Kelsey logo se juntou a mim no banco traseiro e, enquanto seus pais prendiam os cintos de segurança, me dei conta do milagre que era ter aquele vislumbre do passado de Kelsey. Sua mãe era uma mulher incrível e eu gostaria de tê-la conhecido antes. Ela me lembrava minha mãe, e fiquei triste por saber que Kelsey não podia mais contar com os pais. A morte deles deve tê-la deixado arrasada.

A noite estava fria e límpida e, embora houvesse nevado à tarde, as estrelas estavam claramente visíveis e a lua iluminava nosso caminho. Kelsey prendeu o cinto de segurança e guardou o livro na mochila. Antes que fechasse o zíper, vi de relance um objeto muito familiar.

– Isso é uma colcha? – perguntei.

Ela assentiu e, constrangida, gaguejou:

– Eu sei que estou muito velha para andar por aí carregando meu “cobertorzinho”, mas foi minha avó que a fez para mim e ela morreu uns meses atrás, então eu gosto de mantê-la por perto.

Inclinando a cabeça para ela, eu disse:

– Não precisa se envergonhar. Minha namorada tem uma colcha de estimação também.

Maddie me lançou um olhar de gratidão e acenou para Kadam, que assentiu silenciosamente para mim quando o pai de Kelsey ligou o carro. Agarrei o Amuleto de Damon escondido sob minha camisa, me perguntando de que forma eu teria de usá-lo.

O pai de Kelsey ligou o rádio, deixando a música tocar suavemente ao fundo enquanto descíamos devagar a montanha coberta de neve. O pequeno automóvel estabeleceu um ritmo que criava uma espécie de música própria quando combinado ao som das correntes dos pneus abrindo passagem na neve espessa. Recostando a cabeça, fechei os olhos e quase pude acreditar que Kelsey era minha e que estávamos visitando seus pais para pedir sua bênção, para que ela me apresentasse como o homem que ela amava, aquele sem o qual ela não podia viver.

Em vez disso, ela chamou minha atenção quando falou sobre a escola com a mãe. Parecia tímida ao responder às perguntas da mãe e eu me perguntei se seria o assunto ou minha presença que a deixava nervosa. Maddie tinha acabado de voltar sua atenção para mim e perguntava se eu estava de visita ou se havia me mudado para o Oregon quando Joshua ajeitou o retrovisor e olhou para trás.

– O que foi? – perguntou a mulher.

Ouvi o ruído de um carro e olhei pela janela traseira. A aceleração do motor vinha acompanhada por risadas escandalosas. Kelsey deu um pulo quando o motorista acionou a buzina várias vezes.

– Garotos loucos – disse Joshua. – Provavelmente estão bêbados.

– Ainda restam vários quilômetros de descida. Acene para que nos ultrapassem – sugeriu Maddie.

Joshua baixou o vidro da janela e agitou o braço, mas a buzina continuou. Quem quer que estivesse conduzindo o veículo atrás de nós dirigia em zigue-zague na densa camada de neve e gelo que cobria a estrada. Eles bateram com a traseira do carro em um abeto alto e o impacto lançou uma chuva de neve em

cima do seu automóvel. Em vez de trazê-los à razão, o efeito que isso provocou nos garotos foi fazê-los dar gritos de comemoração, como se tivessem acabado de ganhar uma grande batalha. Então aceleraram, aproximando-se perigosamente de nosso veículo. Kelsey gritou.

– Vai ficar tudo bem – eu lhe assegurei. Ela assentiu, confiante, mas então o motorista em nossa traseira piscou os faróis altos. Kelsey abaixou-se no assento, de modo que sua cabeça não pudesse mais ser vista, envolveu o próprio torso com os braços e começou a brincar nervosamente com uma das tranças.

Vê-la assustada fez meus punhos se fecharem de raiva. Eu queria assumir a forma de tigre e atravessar a janela traseira. Imaginar-me aterrissando pesadamente no capô do carro deles e raspando as garras no para-brisa enquanto eu rugia e eles choramingavam me deu certa satisfação, mas duvidava que esse fosse o motivo para eu estar ali.

Por que estou aqui? Para salvar Kelsey. Mas de quê? Desses garotos? O que eles querem com ela? Assim que comecei a especular, minha mente foi tomada por possibilidades nefastas que me fariam rasgar a garganta de qualquer garoto que ousasse sequer pensar nelas. *É por isso que estou aqui? Para evitar que esses garotos machuquem Kelsey e seus pais?*

Até aquele momento, eles tinham se limitado a ser irritantes. Não havia razão para cortar gargantas. Pelo menos, *ainda* não. Kelsey e os pais estavam seguros por ora.

O carro seguia costurando atrás de nós, os faróis criando no interior de nosso carro sombras que se esticavam e encolhiam a cada curva. Eu podia ver a tensão nos olhos de Joshua Hayes, mas devo reconhecer que ele estava tão calmo como se estivesse lendo um livro.

Ele se esforçava para acalmar a mulher e a filha e se recusou a acelerar na descida da perigosa montanha, apesar da pressão dos jovens idiotas colados em sua traseira. Para distraí-las, começou a falar sobre aonde deveriam ir nas férias do próximo ano, sugerindo uma praia ou algum outro lugar quente, e perguntou aonde elas gostariam de ir.

– Kelsey – disse ele –, o que você acha?

Ela deu de ombros e, quando ele tornou a perguntar, falou baixinho:

– Eu escolhi este ano. Talvez mamãe possa escolher no próximo.

– Tem razão. – O pai sorriu no espelho retrovisor. – Maddie? Aonde você gostaria de ir?

– Ah, não sei – respondeu ela, nervosa. – Kishan? Talvez você possa nos falar um pouco sobre a Índia – sugeriu.

Eu tinha acabado de abrir a boca para responder quando o carro que vinha atrás bateu em nós e nos jogou alguns metros à esquerda antes que o pai de Kelsey recuperasse o controle.

– Agora isso está indo longe demais! – disse o Sr. Hayes em tom severo. Manobrou para voltar à sua faixa com a intenção de parar o carro, mas os garotos bêbados, que continuavam atrás, nos atingiram novamente, dessa vez nos lançando para a frente. O lado direito do carro raspou na parede da montanha. Quando faíscas voaram entre as janelas e a montanha, Kelsey gritou e agarrou minha mão. Eu apertei a dela, tentando tranquilizá-la.

Assim que o outro carro se afastou, eu me inclinei para a frente.

– Precisamos sair do carro, Sr. Hayes. Eu posso cuidar deles – garanti.

– Mas você está com o tomozelo quebrado – interveio a Sra. Hayes, ansiosa.

– Além disso, é melhor ficar longe dos valentões e denunciá-los às autoridades do que enfrentá-los.

– Fugir de valentões não é o meu estilo, senhora. Sem querer ofender.

Ela me olhou.

– Não. Não consigo imaginá-lo fugindo de nada.

Kelsey me fitava com os olhos arregalados e o rosto pálido.

– Você não vai sair daqui, vai? – perguntou, nervosa.

– Se seu pai puder parar o carro com segurança, vou, sim.

Joshua Hayes assentiu pelo retrovisor e conseguiu parar o carro, virando as rodas dianteiras um pouco para a esquerda de modo que, quando minha porta se abrisse, eu estivesse de frente para os arruaceiros. No entanto, em vez de parar o carro, eles aceleraram.

– Joshua! Cuidado!

Eu tinha acabado de soltar o cinto de segurança quando eles nos atingiram e a porta do meu lado do carro dobrou para dentro, estilhaçando o vidro. Kelsey gritou e agarrou meu braço na tentativa de me puxar para o lado dela, para que eu não me fêrisse. Nosso carro deslizou vários metros, descendo uma encosta

que estava coberta com tanto gelo que nem mesmo as correntes dos pneus proporcionavam aderência. Fomos empurrados para a outra faixa, saindo dela e nos chocando contra um rochedo.

Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, meu corpo tornou-se leve e fui jogado com violência do outro lado do carro, atingindo alguma coisa macia, que logo reconheci: Kelsey. Nós nos agarramos um ao outro e rolamos juntos enquanto o carro girava uma, duas, três vezes. Tentei protegê-la com meu corpo da melhor forma possível, mas o veículo dilacerado deu uma guinada até a beira da estrada e ouvi o ruído de metal sendo triturado quando nos chocamos contra um poste. Então meu estômago se revirou quando o carro foi lançado pela encosta, numa queda livre em direção ao topo das árvores na floresta lá embaixo.

Apertando Kelsey de encontro a meu peito, usei o poder do Amuleto de Damon para tirá-la dali antes que o carro atingisse uma árvore e o para-brisa se espatifasse. Não havia mais nada que eu pudesse fazer para evitar o horrível acidente que não só custou a vida da amada família de Kelsey como iria transformá-la para sempre, impactando a mulher que ela um dia viria a ser.



Esclarecimento

Nós nos rematerializamos na estrada no exato momento em que o carro atingia a borda saliente da montanha. Com um estrondo de metal se retorcendo, o veículo girou e se espatifou lá embaixo, transformando-se em um monte de aço amassado. O mundo branco à nossa volta aquietou-se quando o motor morreu. Então ouvi uns estalidos e me virei para o outro lado quando a parte inferior do veículo, agora voltada para o céu, irrompeu em chamas.

Cambaleei para trás e desabei apoiado em um joelho, ainda com Kelsey nos braços. Ela gritou quando uma de suas pernas tocou o chão. Rapidamente pegando-a no colo outra vez, perguntei:

– Onde está doendo?

– Minha... minha perna – gemeu ela. – Tem alguma coisa errada com o meu joelho.

Seus olhos estavam sem foco e o sangue pingava de um corte na têmpora. Eu precisava verificar esse ferimento em sua cabeça. Um grande galo estava se formando.

– O que aconteceu? – perguntou ela. – Onde estão meus pais?

Engolindo em seco, eu disse:

– Houve um acidente.

Ela assentiu, mas eu não tinha certeza se havia entendido. Tremendo levemente, ela disse:

– Estou com tanto frio.

– Eu sei, *bilauta*. – Aconcheguei-a junto a meu peito e senti o rastro de lágrimas geladas em meu rosto.

Eu não sabia o que fazer. Se tivesse trazido o *kamandal* comigo, poderia curá-la. O mínimo que eu podia fazer era ajudá-la a se aquecer. Usando a parte de fogo do amuleto, criei um bolsão de ar aquecido que nos envolveu. Ela suspirou e enterrou o rosto em meu suéter. Roçando os lábios em seus cabelos, eu disse:

– Feche os olhos, minha querida. Não abra até eu mandar.

Suas pálpebras estremeçaram, fechando-se, e eu a levei para o chão da floresta, não muito longe do carro destruído que ainda queimava mais abaixo. Pedacos de metal haviam sido arrancados e se encontravam espalhados por toda parte. Usei a parte de água do amuleto para apagar as chamas. Uma fumaça negra subiu no ar, e estava tão frio que a água em torno do automóvel começou a congelar. Abrindo caminho até o carro através de um denso banco de neve, aproximei-me do veículo destruído e parei abruptamente quando vi uma poça gelada de sangue, que aumentava à medida que uma quantidade maior penetrava devagar na neve, vinda do lado do motorista.

Ouvi o ruído de alguém caminhando e esmagando a vegetação rasteira e girei o corpo, esperando ver a mãe de Kelsey, mas era Kadam. Ele carregava a colcha de Kelsey e a enrolou em torno do corpo trêmulo da menina. O fato de eu ter me transportado com ela usando o poder do amuleto a havia afetado. Ela estava praticamente inconsciente.

– Os pais? – perguntei.

Ele sacudiu a cabeça com tristeza.

– O pai se foi.

Engoli em seco com dificuldade.

– Maddie?

– Ela foi lançada para fora do veículo. Maddie Hayes vai viver apenas por mais alguns minutos. Ela fraturou a coluna e uma perna e um braço estão esmagados. Tem ferimentos por todo o corpo e vai morrer antes que o socorro chegue – respondeu ele.

Dando um passo determinado à frente, eu disse:

– Isso é tempo suficiente para fazer alguma coisa. Ela não tem de perder a mãe também. Fique aqui com Kelsey enquanto eu volto e pego o *kamandal*.

Kadam bloqueou meu caminho e pôs a mão em meu ombro.

– Não, filho. – Seu rosto enrugado parecia esculpido em pedra. Somente seus olhos mostravam quão doloroso isso era também para ele.

Afastou-se, caminhando entre as árvores, e, quando parou, apertei Kelsey junto ao peito com os braços tremendo. Ouvi quando ele murmurou suavemente para a mãe de Kelsey:

– Pronto, Maddie. Prometo que vou tomar conta dela. A ajuda chegará em breve. Ela vai ficar bem.

Então eu escutei aquele som – o ruído ao mesmo tempo áspero e suave da mãe de Kelsey tentando respirar uma vez, duas, e depois o horrível som do nada. Ela havia partido.

Quando Kadam voltou para perto de mim, perguntei rudemente:

– Por quê? – As lágrimas escorriam pelo meu rosto. – Por que salvar apenas ela?

Com um suspiro fundo, ele explicou:

– O elixir da sereia não deve ser usado para mudar o destino. Cada pessoa tem seu tempo estipulado aqui na Terra. O tempo deles chegou ao fim.

– Papai? – chamou Kelsey, grogue, tentando desesperadamente se levantar.

Dei as costas para o local do acidente, voltando para o meio das árvores, para que ela não visse os destroços retorcidos e fumegantes do automóvel.

Eu não suportava a ideia de contar a ela o que acontecera.

– Estou aqui, Kells – falei.

– Papai, tive um sonho lindo! – Ela sorriu com doçura, mas então gemeu e levou a mão ao couro cabeludo.

Perguntei silenciosamente a Kadam se ela ia ficar bem. Ele assentiu e seus lábios se moveram, embora sem emitir qualquer som:

– Concussão.

Meu coração estava partido por ela.

– Com o que você sonhou, amor? – perguntei, tentando não deixar a dor transparecer em minha voz. Ajeitando a colcha em torno dela, sentei-me em um

tronco caído e afastei seu cabelo do rosto.

– Estou... estou um pouco tonta – disse ela, tentando abrir os olhos.

– Shh. Mantenha os olhos fechados e tente relaxar. – Aqueci o ar à nossa volta outra vez enquanto Kadam mantinha vigilância ao nosso lado.

– Sonhei com um príncipe lindo. Ele me salvou de um dragão!

– Salvou, não foi? – Sorri enquanto pressionava os lábios em seu cabelo, incapaz de resistir ao breve momento de proximidade.

– Acho que ele me ama, papai.

– Eu *sei* que ele ama – repliquei.

Ela ficou em silêncio depois disso e resvalou para um sono leve. Levantei a cabeça e perguntei a Kadam:

– E agora, o que vai acontecer?

– Esperamos até as autoridades chegarem.

– E depois?

– Nós a deixamos.

Sacudi a cabeça.

– Não. *Não*. Não posso deixá-la para que enfrente a morte dos pais sozinha.

Kadam pressionou um pedaço de pano no ferimento que sangrava no couro cabeludo de Kelsey.

– É *preciso*, Kishan. Se é para ela se tornar a garota que você conhece, a garota disposta a ir para a Índia ajudar um estranho, a garota por quem você se apaixonou, então precisamos deixá-la vivenciar essa dor sozinha.

– Como isso pode ser a coisa certa a fazer?

– A coisa certa muitas vezes machuca. Se alguém sabe disso, esse alguém é você.

Depois de um momento, perguntei:

– Por que eu?

– Por que você o quê?

– Por que fui eu que precisei salvá-la? Por que não você? Por que não Ren?

– É você porque *sempre* foi você.

Trouxe Kelsey para ainda mais perto de meu peito e observei com irritação:

– Destino. Destino é a sua resposta para tudo, não é? Bem, eu não acredito nem um pouco no destino. Na realidade, acho que o destino errou com a minha

vida.

– Você não está vendo a situação da forma certa. O destino não é um anjo da guarda que influencia suas escolhas. O destino não escolhe nada. Ele simplesmente é. Você está aqui salvando Kelsey apenas porque você a salvou *de fato*. Se você não estivesse aqui, agora, neste momento, então ela teria morrido com os pais.

– Então você está dizendo que eu não tenho escolha? Nenhuma liberdade? Sou simplesmente um peão empurrado de um lado para outro em um jogo cósmico de xadrez?

– De jeito nenhum. – Kadam sentou-se no tronco a meu lado. – Você sempre teve a liberdade de fazer as próprias escolhas. Só que suas escolhas estão gravadas nos anais do tempo. Todas as suas escolhas. Cada pessoa é levada em conta. Cada evento é registrado. A única diferença é que eu posso vislumbrar os eventos que afetam nossas vidas e agora conheço meu lugar. A ironia é que, se eu não tivesse visto minha linha do tempo, não teria o conhecimento necessário para assumir meu papel como seu guia.

– Você conhece meu futuro também?

Ele hesitou.

– Conheço.

– E o de Ren? De Kelsey?

Kadam assentiu.

– Ela... ela está feliz?

– Acho que é melhor para você não saber como as coisas se desdobram. Viajar no tempo não é uma empreitada fácil. O conhecimento que tenho influencia cada pensamento, cada palavra, cada atitude que tomo. Se você aprendesse as coisas que sei, isso o transformaria para sempre. O que aconteceu é algo que eu não posso consertar, Kishan. – Após refletir por um momento, acrescentou: – Muitas vezes eu gostaria de poder.

– Não estou pedindo que você conserte. Só quero que me diga. A futura Kelsey é *feliz*?

– Lamento, mas não posso partilhar essa informação com você, e há acontecimentos dos quais você não deve tomar conhecimento. Se tentar saber

mais ou modificar coisas com as quais não deve mexer, as consequências podem ser catastróficas. Eu lhe imploro, deixe Kelsey entregue à sua sorte.

Sua *sorte*. Seu *destino*. Enquanto embalava a versão juvenil da garota que eu amava e ouvia seus suaves gemidos durante o sono, sabia que deixar Kelsey entregue à sua sorte era algo que eu jamais poderia fazer. Se tinha cometido um erro ao deixá-la partir com Ren, então eu precisava saber. Kadam podia ter escrúpulos em relação a alterar a linha do tempo, mas, se eu pudesse evitar que Kelsey sofresse e pudesse me assegurar de sua felicidade, então faria o possível para que isso acontecesse.

Meus pensamentos foram interrompidos quando ouvi uma sirene na estrada acima de nós e gritos de homens.

– Está na hora – anunciou Kadam. – Precisamos ir embora antes que eles cheguem.

– Você quer deixá-la aqui sozinha?

– Precisamos fazer isso. Não deve haver qualquer registro de nossa presença ou de nossos nomes associado ao que aconteceu aqui hoje.

Estreitei os olhos brevemente, então suspirei e beijei o rosto macio de Kelsey ao me levantar. Estudando o cenário ao nosso redor, não fiquei satisfeito. Eu me recusava a deixá-la perto demais do carro, com medo que acordasse e deparasse sozinha com a cena traumática, mas, se ela continuasse a dormir, eu precisava que ela estivesse perto o bastante para que a equipe de resgate pudesse encontrá-la.

Fechando os olhos, usei o poder do Amuleto de Damon. A terra ribombou e pedras surgiram, bloqueando a visão que ela poderia ter do carro. Derreti a neve e sequei o chão à nossa volta; até fiz crescer alguns tenros brotos de grama e flores silvestres. Kadam ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada. Satisfeito com meus esforços, cuidadosamente a deitei sobre o tapete natural que eu havia criado.

Quando terminei, Kadam disse:

– E agora é hora de apagar a memória dela.

Eu me assustei.

– Apagar a... – Cerrei o maxilar. – O que você está dizendo?

– Precisamos alterar a memória dela para que esqueça a nossa presença. Certamente você compreende por que isso precisa ser feito.

Impaciente, passei a mão pelos cabelos. *Apagar a memória dela?* Quando Kelsey me conheceu na selva, tinha dito que sabia quem eu era e o que eu era. Ela sabia que eu era irmão de Ren e que era um tigre, mas não houve qualquer centelha de reconhecimento ao ver meu rosto. Eu me irritei ao pensar no que Kadam estava me pedindo e me perguntei o que aconteceria se não aquiescesse.

Ela se lembraria de mim e levaria essa conexão com ela? Quando me visse pela primeira vez, lembraria que eu era o homem que a salvou? Ela me daria uma chance de amá-la antes que Ren pusesse suas garras nela? Não apagar a memória de Kelsey poderia alterar o futuro de maneira significativa. De repente, compreendi por que Kadam estava pressionando.

– O que eu precisaria fazer? – perguntei, ainda indeciso.

– O Amuleto de Damon tem o poder de remover as lembranças que ela teria de você. Como há apenas umas poucas neste momento da vida dela, deve ser muito fácil seguir sua trajetória. Use o amuleto para abrir a mente dela. Feche os olhos e veja o que ela vê.

Entrei na mente de Kelsey, embora ainda não estivesse certo de que iria com isso até o fim, mas imaginei que não faria mal nenhum dar uma olhada. Uma centelha de luz reluziu quando o amuleto brilhou e senti um calor se espalhar por mim. Imagens a princípio difusas, que se tornavam cada vez mais claras, encheram minha mente.

Inicialmente me senti oprimido ao ver tantos pensamentos dela. Passavam tão rápido que eu não conseguia absorver todos eles, mas logo reconheci padrões e uma organização em sua mente. Os pensamentos sobre sua avó e sua preocupação com um garoto na escola que a estava perseguindo eram predominantes. Meus punhos se fecharam enquanto eu a via chegar em casa em lágrimas porque ele estava fazendo bullying com ela.

A voz de Kadam me interrompeu.

– Concentre-se nas últimas horas – disse ele.

As imagens mudaram, passando rapidamente às mais recentes. Eu vi a mim mesmo no resort, esticando o pescoço à espera de um vislumbre de Kelsey. Ela

não estava lendo nada, mas me observando. Sorri quando descobri que ela pensou que eu era o homem mais bonito que ela já vira.

Logo essas imagens foram substituídas pelo medo quando os garotos bateram em nós e a lembrança de agarrar minha mão quando ela instintivamente buscou em mim força e proteção. Ela não queria que os baderneiros no outro carro a vissem. Quando me ofereci para enfrentá-los, me olhou com espanto e algo despertou dentro dela naquele momento. De repente, ela queria reagir e encará-los. Com orgulho, percebi que fora *eu* quem dera isso a ela.

– Kishan, precisamos nos apressar – disse Kadam.

Examinei suas lembranças e decidi que, se eu ia mudar o futuro, teria tempo suficiente para fazê-lo quando Kadam não estivesse por perto para me deter. Por ora, eu faria como ele pedira. Com um rápido movimento mental, roubei as lembranças que Kelsey tinha de quando conheceu a mim e Kadam no hotel e da minha presença no carro.

Infeliz, removi a recordação de segurá-la nos braços após o acidente, mas, no último minuto, decidi deixar duas coisas – o último conselho que recebera da mãe e o embrionário sentimento de querer enfrentar e lutar. Ela não saberia de onde ele veio, mas ainda o reconheceria, e eu sempre saberia que fora eu quem lhe inspirara aquela coragem.

Tendo concluído, levantei-me e assenti para Kadam, que pousou a mão em meu ombro. Usando o Amuleto de Damon, removi todos os sinais de nossa presença. Quando o ruído de um helicóptero ficou mais forte, eu também pus a mão no ombro de Kadam. Mais uma vez o mundo inclinou-se em seu eixo enquanto girávamos no redemoinho do tempo.

Dessa vez meu estômago se estabilizou mais rápido e, quando vi onde nos encontrávamos, olhei para Kadam.

– Se você não se importa de ir procurar Anamika – pediu ele –, há algumas coisas que precisamos discutir. Encontro vocês dois na sala do trono.

Eu ainda estava furioso com ele por causa de sua absoluta recusa a sequer considerar alterar a história. Enquanto me dirigia para o quarto de Anamika, me perguntei por quanto tempo tínhamos ficado ausentes e se ela estaria dormindo

ou ainda no banho. Fazendo meia-volta, decidi verificar primeiro no banho e fiquei levemente desapontado ao não encontrá-la recostada em meio a milhares de bolhas cor-de-rosa. Eu não tinha quaisquer intenções com a deusa, mas certamente gostava de vê-la irritada. Uma briga com Anamika teria me distraído do que eu tinha acabado de vivenciar com Kelsey, pelo menos por algum tempo.

Bati de leve na porta de seu quarto, mas não houve resposta. Quando a abri e entrei silenciosamente, esperava que uma mulher muito aborrecida me colocasse no meu devido lugar por ter entrado em seu quarto sem licença, mas, em vez disso, fiquei perplexo com as mudanças que ela fizera no cômodo.

Para uma mulher tão dura quanto Anamika aparentava ser, eu esperava que seu quarto fosse simples, austero ou talvez semelhante a sua tenda no campo de batalha. Em vez disso, me vi cercado pela suavidade. Não era suntuoso, embora houvesse suntuosidade ali, remanescente dos adornos de Lokesh, mas o quarto era aconchegante, convidativo.

Diversos vasos cheios de flores exalavam sua fragrância, o que combinava com o leve cheiro de fumaça vindo do fogo fraco. Ela havia usado o Lenço Divino para fazer tapetes espessos e almofadas, e o quarto era repleto de lembranças e presentes que lhe haviam sido ofertados. As paredes estavam decoradas com tapeçarias elaboradamente bordadas, mas também com desenhos de crianças. Relíquias, peças de cerâmica e miniaturas da deusa em batalha enfeitavam prateleiras simples de madeira.

Apesar dos vários níveis de habilidade requeridos para criar essas coisas, Anamika parecia atribuir-lhes igual consideração, posto que versões infantis estavam colocadas ao lado de obras de arte. Embora houvesse muitas peças expostas, percebia-se uma ordem entre elas. Era quase como se cada coisa tivesse sido colocada exatamente no lugar certo.

Seguindo em direção à cama, eu a encontrei dormindo profundamente. O cabelo estava espalhado sobre o travesseiro e sua mão descansava em cima dele. A leve camada de sardas no nariz quase desaparecia na escuridão, mas os cílios e sobrancelhas escuros ainda eram facilmente visíveis à luz do fogo.

Mudando de posição, ela virou-se de lado, ficando bem de frente para mim. Inspirei fundo. Jasmim de floração noturna e lótus. As flores em seu quarto haviam quase me sufocado com sua fragrância, mas o perfume quente que ela

exalava era melhor do que o de todas elas, embora eu jamais fosse admitir isso para ela.

Percebi que ela havia puxado tanto o cobertor que seus pés ficaram descobertos. Estendi a mão para cobri-los. Anamika era tão alta quanto a maioria dos homens, embora eu ainda fosse alguns centímetros maior do que ela, e era uma guerreira formidável nas batalhas. Tinha músculos, mas sem exagero – ainda era curvilínea em todos os lugares certos e seu cabelo espesso era certamente invejado por toda mulher que a conhecia.

O problema eram aquelas pernas compridas, pensei com um sorrisinho. Todas aquelas outras coisas já distraíam o bastante, mas eram as pernas que a metiam em apuros. Suas pernas eram... bem, espetaculares seria um eufemismo. Eu sempre tinha de repelir devotos do sexo masculino que sentiam a necessidade de venerar a deusa um pouquinho demais.

Quando ela deu um leve suspiro, estudei seus lábios e pensei que sua boca era linda, uma boca feita para ser beijada. Que pena que ela preferia usá-la para insultar os homens. A *karkasha*, pensei, com um sorriso relutante. Bem, nem todos os homens. Na maioria das vezes, só a mim. Mas mesmo eu tinha de admitir que Anamika era uma bela mulher, uma verdadeira deusa nascida humana. Qualquer homem a desejaria e cairia a seus pés para adorá-la. Se não estivesse apaixonado por Kelsey, até eu poderia ter sido subjugado por seus encantos.

No entanto, o que eu queria era uma mulher de verdade. Carinhosa, suave e amorosa. Não uma princesa de gelo que me olhava de cima, desdenhosa, e tinha um comentário mordaz sobre tudo que eu fazia. Anamika era demasiadamente majestosa. Rígida demais. Fria demais. Excessivamente...

A deusa adormecida ressonou de leve.

Congestionada?

Reprimi o riso e imaginei como ela ficaria mortificada se eu zombasse dela por roncar e provavelmente me destruiria com um raio se me pegasse espiando enquanto ela dormia. Ainda assim, eu tinha de lhe dar crédito. Os círculos escuros sob seus olhos eram visíveis. Anamika era uma deusa perfeita. Ela trabalhava arduamente, amava seu povo e tinha um coração bondoso.

Delicadamente, eu a sacudi pelo ombro, torcendo para que tivesse dormido por um bom tempo. Ela gemeu baixinho em protesto. Sacudi com um pouco mais de força.

- Ana. Anamika, você precisa acordar.
- Vá embora – murmurou ela.
- Não.
- Por que você tem sempre de me perturbar quando estou tentando relaxar?
- perguntou com os olhos fechados.
- Eu vivo para irritar você – repliquei.
- Que sorte a minha.

Ela rolou e sentou-se na cama, embora seus olhos continuassem fechados. Passou a mão pelos cabelos despenteados, bagunçando-os ainda mais. Uma imagem muito distante da deusa perfeita que ela preferia mostrar em público. Sorri, pensando que parecia encantadora e vulnerável, como uma garotinha. Então meus pensamentos se voltaram para outra garotinha, uma que eu deixara sozinha ao lado dos destroços de um carro.

- Venha – chamei. – Vista-se. Kadam precisa falar conosco.
- Kadam? Quem é esse? Um rei?
- Não, ele não é um rei, é... Ele mesmo precisa explicar a você.
- Muito bem. – Ela se levantou, tropeçou ligeiramente e espetou o dedo em meu peito. – Mas depois disso você vai me deixar dormir.

Peguei a mão dela, firmemente afastando o dedo em riste de meu peito, e envolvi com seus dedos a escova de cabelo.

- Tome. Talvez você queira fazer alguma coisa em relação a esse ninho que uma ave estinfaliana fez no alto da sua cabeça. Vista-se. Vou esperá-la do lado de fora.

Eu tinha acabado de fechar a porta quando ouvi a escova acertá-la pelo lado de dentro. Por alguma razão, a reação dela me fez rir. E ainda estava rindo quando a porta se abriu um momento depois e deparei com uma mulher totalmente desperta e vingativa, com olhos flamejantes e os lábios volumosos franzidos.

- Agora estou suficientemente apresentável para você? – sibilou.
- Esfreguei o queixo, como se considerando sua aparência.

– Creio que sim. Embora seu cabelo não esteja tão lustroso quanto poderia estar.

Furiosa, ela contraiu um músculo do maxilar. Eu não sabia bem por que gostava tanto de irritá-la. A verdade era que nunca tinha visto cabelo tão lustroso quanto o dela. As ondas espessas caíam pelos ombros de tal maneira que eram, para mim, uma tentação constante. Eu queria passar as mãos naqueles fios sedosos.

Quando entramos no salão do trono, encontramos Kadam andando de um lado para outro.

– Ah, aí está você, minha querida.

Ele tomou-lhe as mãos e beijou cada uma delas.

Anamika sorriu amavelmente, mas deu um passo para trás, ficando mais perto de mim; na verdade, ela estava tão perto que segurei seus braços e me inclinei para sussurrar:

– Ele não vai machucar você.

Ela se enrijeceu e afastou-se bruscamente.

– Não tenho medo dele. – Com um gesto gentil, ela o conduziu em direção ao trono, onde normalmente se sentava. – Gostaria de se sentar, meu amigo?

Kadam sorriu e disse:

– Não. Obrigado. Mas talvez seja melhor você se sentar.

Intrigada, Anamika acomodou-se no trono e eu me sentei ao lado dela enquanto Kadam se aproximava de nós dois.

Ele esfregou as mãos e andou de um lado para outro por um instante, erguendo os olhos para nós a cada volta. Por fim, se deteve e estendeu as mãos.

– Talvez eu devesse me apresentar primeiro. Meu nome é Anik Kadam. Sou o soldado que serviu à Casa de Rajaram.

Anamika me lançou um olhar estupefato.

– Mas você... você está morto. Kishan e Kelsey falam de você.

– Eu não estou morto... ainda. Mas perecerei em breve.

– Não compreendo – disse Anamika.

– Você está ciente de que a Corda de Fogo e o Amuleto de Damon têm o poder de permitir a quem os usa viajar através do tempo e do espaço?

Anamika assentiu.

– Foi assim que vim até aqui agora. Estou vivo no meu tempo e venho até aqui falar com vocês antes da minha morte.

– Entendo. Prossiga.

Anamika estava entendendo essa história de viajar pelo tempo bem mais rápido do que eu.

– Embora não tenha me encontrado nesta forma – prosseguiu Kadam –, você me conhece em outra.

Anamika franziu as sobrancelhas.

– Que outra forma? – perguntou.

– Fui seu professor, minha querida criança.

Em sua língua nativa, Kadam falou de uma aula memorável:

– Uma vez você caiu de um potro arisco e jurou que nunca mais montaria nele. Lembra-se?

Anamika franziu ainda mais a testa, assentiu e disse:

– Meu professor o acalmou, como se por magia, me convenceu a montá-lo novamente e o guiou até eu me sentir segura. – Sentando-se na borda do trono, ela perguntou: – Como sabe disso? O senhor não se parece nada com o meu professor. O que está dizendo é impossível.

– Sim, é possível, com isto. – Ele tirou do pescoço o lenço, que se retorceu até adquirir sua forma natural.

Anamika se pôs de pé imediatamente.

– O senhor roubou isso de nós? Deve ter entrado no meu quarto enquanto eu dormia, pois eu o deixei lá!

– E, se voltar lá agora, vai encontrá-lo no lugar em que o viu pela última vez. Tomei este Lenço Divino emprestado no meu tempo, e muitas vezes eu o usei e vou usá-lo para assumir o papel de Phet, seu professor.

– Vai usá-lo? – perguntei.

Ele assentiu com gravidade.

– Ainda há muito trabalho a ser feito e vou precisar de vocês dois para me ajudarem a realizá-lo.

Anamika me olhou em busca de orientação.

– Ele é mesmo quem diz ser? – indagou.

– É. Embora possamos ter opiniões diferentes sobre o trabalho que ele pretende nos dar.

Após um breve momento examinando-o, Anamika suspirou e então disse:

– Quando jovem, aprendi a confiar no meu professor. Ele parecia sempre saber das coisas antes que elas acontecessem. – Ela olhou para mim e acrescentou: – Faremos o que nos for pedido.

Como me limitei a grunhir, Kadam me agradeceu com um brilho nos olhos. Eu conhecia aquele olhar. Ele estava satisfeito por termos aceitado um desafio. Exibia uma expressão semelhante quando eu me mostrava particularmente teimoso no treinamento com armas quando garoto.

Kadam curvou-se, fazendo uma reverência para Anamika, e, sorrindo de maneira afetuosa, disse:

– Uma mente aberta e um coração solícito são o início de muitas aventuras grandiosas. Começemos então.



Tóquio

Anamika agarrou os braços do trono de diamante cor-de-rosa, sua tensão imperceptível para qualquer um, menos para mim. Pus a mão em seu ombro e tentei transmitir-lhe um pouco de energia tranquilizadora.

Kadam falou, hesitante:

– Não sei muito bem por onde devo começar.

– Talvez deva começar do início – brincou Anamika, mas eu ainda percebia a seriedade por trás de seu tom leve.

– Sim. Bem, essa é a questão. Não existe um início. A linha do tempo dá voltas e reviravoltas, dobrando-se sobre si mesma como um grande anel. Eu só sei onde há fragmentos faltando, à espera de serem preenchidos... o que deve ser feito para completar o círculo.

– Então nos diga o que precisa ser feito – disse Anamika baixinho.

Kadam se remexeu e torceu o Lenço Divino nas mãos. As cores do lenço se modificavam à medida que espirais pretas avançavam pelo tecido mágico.

Quando ele levantou a cabeça, olhou para mim e disse em voz baixa:

– Vocês precisam criar a maldição.

Meu coração parou quando ouvi essas palavras.

– O que quer dizer com “criar” a maldição? – perguntou Anamika.

– A maldição que transformou Kishan e Ren em tigres não foi lançada por Lokesh – explicou Kadam. – Foi por vocês dois.

Quando Anamika começou a perguntar como, eu a atrolei e questionei:

– Por quê?

Suspirando, Kadam apertou o nariz na altura dos olhos e disse:

– Não há uma só parte disso que não tenha tido a mão de vocês dois. Quando visitamos os templos de Durga, vocês dois estavam lá. Quando Ren e Kishan foram transformados em tigres, foram vocês os responsáveis. Os presentes de Durga encontrados nos reinos de Shangri-lá, Kishkindha, Cidade de Luz e Sete Pagodes foram todos escondidos lá por... *vocês*.

Anamika ficou sem fala e eu também me vi atordoado com as palavras de Kadam.

Gaguejando, murmurei:

– Você está dizendo que fizemos isso a nós mesmos? Que nós *causamos* a maldição?

– Causar não é a palavra certa. É mais como... vocês a orquestraram – replicou Kadam.

Que insanidade se apossou da mente de Kadam? Nós orquestramos a maldição? Qual seria o propósito de fazermos isso? Não bastou eu ter sacrificado a vida que queria com a garota que eu amava para fazer o papel do tigre de Durga? É assim que o universo me recompensa? Não só tira o que eu mais quero como faz com que eu seja aquele que causou meus próprios problemas?

– Eu sei o que você está pensando – disse Kadam.

Duvido.

– Você está questionando tudo. Seu lugar no mundo. Seu propósito.

Olhei para Anamika e a vi ouvindo em silêncio, as mãos recatadamente cruzadas no colo. Parecia mais relaxada agora.

É claro. Para ela isso é apenas outra tarefa a cumprir. Ela não se importa se o que Kadam propõe acabar por destruir minha vida. A maldição do tigre não recai sobre ela; afeta a mim. Se eu não fosse um tigre, eu iria... iria o quê?

– Eu também tive essas preocupações, mas, quando pensei bem – continuou Kadam –, percebi que meus sacrifícios eram para o bem da minha família, o bem da humanidade.

O bem da minha família? A maldição do tigre destruiu minha família. O bem da humanidade tampouco era o primeiro item da minha lista de prioridades, e eu tinha certeza de que, se houvesse uma chance de Ana abrir mão de ser Durga, ela a agarraria com todas as forças.

– Não – falei.

Anamika ergueu os olhos para mim com uma expressão curiosa.

– O que você quer dizer? – perguntou Kadam.

– *Não*. Eu não vou condenar meu eu passado, meu eu futuro nem qualquer outra parte de mim a ser um tigre.

– Mas, filho, você precisa fazer isso.

– Por que preciso? Você disse que eu tinha a liberdade de escolher; bem, eu escolho ser livre.

– Não creio que você compreenda plenamente o que isso significa.

– Sei muito bem o que significa. Significa que Ren e eu teremos vidas normais. Podemos usar o poder do amuleto para voltar e derrotar Lokesh antes da maldição, o que será muito mais fácil, já que ele não tem o amuleto inteiro. Ren pode se casar com Yesubai e se tornar o imperador e eu vou para o futuro e encontro Kelsey. Todos ficam felizes!

– Não é assim que funciona, Kishan.

Cruzei os braços diante do peito.

– Por que *não*?

– Porque você não pode voltar e mudar o que já aconteceu. Você não vê? Se *tivesse* feito isso, então por que estaria aqui agora?

Eu não tinha uma resposta para ele. Meu coração e minha mente estavam me dizendo para ir, *agora*, para evitar que a maldição acontecesse, mas Kadam tinha razão. Alguma coisa me detivera ou iria me deter. Caso contrário, eu teria feito isso. A lógica circular estava me dando uma dor de cabeça lancinante.

– Isso me aflige tanto quanto a você – acrescentou ele. – Acredite quando digo que já pensei muito no assunto. Acabei de passar semanas me segurando para não comprar Ren ou não evitar que o roubassem. Deixá-lo naquelas jaulas

quase me destruiu. Confe em mim quando digo que isso é tão difícil para mim quanto será para você.

– Então o que você gostaria que fizéssemos? – perguntou Anamika, me lançando um olhar de simpatia.

Cansado, Kadam suspirou e, por um momento, senti uma onda de culpa por atacá-lo. Se alguém tinha em mente os melhores interesses de minha família, era ele. Eu sabia disso. Era uma das únicas coisas no universo que permanecia constante. Ele estava usando os últimos dias de sua vida para nos ajudar, para me ajudar. Eu deveria ser um pouco mais agradecido. Mas era difícil não me irritar com a ideia de amaldiçoar meu eu passado diante da vida solitária que eu vinha levando. Pelo menos Ren havia escapado da maldição. E eu? Eu passaria o restante dos meus anos como um tigre.

Alheio a meus pensamentos sombrios, ou talvez ignorando-os, Kadam apresentou uma lista de épocas e lugares em que precisávamos intervir na história para criar nosso presente. A lista era muito mais longa do que eu havia antecipado e Anamika tinha perguntas imediatas do tipo “Como vamos saber o que fazer?” e “E se saltarmos para o tempo ou o lugar errado?”.

Kadam ergueu a mão.

– O Amuleto de Damon funciona como um... como um... Ainda não existe expressão para descrevê-lo, só em termos futuros. É como um GPS cósmico. Kishan vai explicar o conceito para você. De certa forma, ele está pré-programado para ir a esses lugares onde a linha do tempo deve ser reforçada. Quanto à questão do que vocês farão uma vez lá, não posso mesmo dizer. Isso poderia afetar suas ações.

Depois de uma pausa, continuou:

– Apreendi que permitir que as coisas aconteçam organicamente em geral funciona melhor. Agora preciso voltar para o meu tempo, mas confio em que vocês dois farão a coisa certa. Kishan conhece os lugares listados e a ajudará nas tarefas que precisam realizar. Usem o lenço para se disfarçar, quando necessário, pois não seria sensato da parte de vocês encontrar seu eu passado. *Bhagyashalin*. Boa sorte para os dois.

– Espere! – gritei quando ele segurou seu pedaço do amuleto. – Nós o veremos novamente?

Sua boca se retorceu em um sorriso triste.

– Sem dúvida.

Assim que ele baixou a cabeça, o vento espiralou a sua volta, toldando nossa visão. Quando o vento se dissipou, ele havia desaparecido.

Anamika pressionou os dedos contra os lábios. Eu me perguntei o que ela estava pensando e quase estendi a mão para tocar seu braço. Nós dois podíamos partilhar os pensamentos se nos tocássemos e estivéssemos dispostos a abrir a mente, mas o breve contato físico só produzia o agradável zumbido ao qual já havíamos nos acostumado.

Ela deslizou do trono de diamante e começou a andar de um lado para outro no tapete espesso enquanto lia a lista. Quando chegou ao fim, me entregou o papel e esperou, impaciente, que eu terminasse de ler. Soltei um suspiro e corri a mão pelos cabelos.

– O que vamos fazer com isso? – perguntou ela.

Inclinando a cabeça, contrapús:

– O que você quer fazer?

– É muita coisa para se levar em conta. – Ela ficou brevemente paralisada quando, por fim, percebeu o amuleto pendurado em meu pescoço. Seus olhos voaram para os meus, como se ela estivesse tentando ler os pensamentos escondidos sob a superfície. Como não ofereci qualquer explicação, ela disse: – Talvez devêssemos discutir isso em detalhes amanhã.

Assenti, ciente de que precisava contar a ela o que havia acontecido. Eu sabia que ela não deixara de notar que um item, o primeiro da lista, já fora riscado.

Salvar Kelsey

Com o andar duro, Anamika voltou para seus aposentos. Eu me senti muito culpado e não sabia muito bem o porquê. Não tinha feito nada de errado. Sim, pegara o amuleto sem falar com ela. Kadam, porém, tinha dito que esperasse até que ele pudesse explicar. Ainda assim, eu me sentia como se houvesse traído pessoalmente a confiança de Anamika.

Enquanto ela seguia montanha adentro, optei pela direção oposta e saí do castelo escavado na pedra, indo até uma varanda que dava para o jardim de Durga. A noite estava fria e as estrelas pareciam estar tão perto que daria para tocá-las. O perfume de lótus e rosas pairava no ar e fazia cócegas em meu nariz.

Sem parar, saltei a varanda e aterrissei, agachado, na grama alguns níveis abaixo. Então, ato contínuo, mudei de forma e bebi a água gelada da fonte. Depois de saciar a sede, encontrei um lugar macio no solo e me acomodei para a noite. O vento soprava minha pelagem preta e a sensação era relaxante, então resvalei para o sono, pensando na versão mais jovem de Kelsey.

Acordei ao alvorecer e estava terminando de me espreguiçar quando captei um cheiro de jasmim no ar. Anamika achava-se sentada junto à fonte, repetidamente mergulhando as mãos e deixando a água escorrer entre os dedos. Parecia absorta em pensamentos.

Preguiçosamente, fui até ela, que correu a mão por minhas costas quando me sentei a seus pés. Enquanto ela continuava a acariciar minha cabeça e meus ombros, eu a senti falar em minha mente – uma habilidade especial que descobrimos quando entramos na batalha com Lokesh como Durga e Damon. Nunca tive a chance de perguntar a Kelsey e Ren se o mesmo acontecia com eles. O truque era bastante conveniente quando eu estava servindo como tigre de Durga. Ela nunca precisava adivinhar, com base em minha cara de tigre, o que eu queria dizer.

O que vamos fazer?

Não sei. O que você acha de tudo isso?, foi o que respondi.

Não estou muito certa. Se quero desfazer o passado – visitar batalhas que perdi, buscar aqueles que amo? Sim! Mas, se eu mudar a história, também não estarei arriscando perder meu irmão para o demônio? Se eu criar resultados positivos onde antes fui derrotada, também não perco as lições que aprendi e, em última análise, abro mão de meu verdadeiro eu?

Grunhindo levemente, respondi:

Você está dizendo que eu devo amaldiçoar meu eu passado?

Não. Estou dizendo que você deve aprender a abraçar quem você é, o que você se tornou.

Sacudindo meu corpo de tigre, repliquei:

Eu perdi tanto, Ana... O tigre destruiu tudo que era importante para mim: meus pais, minha herança, minha chance de ter uma família... e tirou de mim as duas mulheres que amei.

Talvez você esteja certo, no entanto, pense no que o tigre lhe deu.

Eu poderia igualmente pedir a você que abrace sua versão deusa.

Ela ficou paralisada, com a mão em minha cabeça.

Você tem razão em pensar que eu não acolho de braços abertos meu destino. Após um momento de silenciosa reflexão, ela enviou outro pensamento para minha mente: *Você já começou sua jornada em direção ao nosso destino, não é, Kishan?*

A mão dela caiu de meu ombro quando me afastei alguns metros. Mudando para a forma de homem, me mantive de costas para ela e disse:

– Você está se referindo ao item riscado.

Inclinei a cabeça, mas só ouvi o leve ruído de sua respiração como resposta. Dando meia-volta, deparei com ela me fitando com firmeza, pacientemente esperando minha explicação. Corri a mão pelos cabelos e me agachei diante dela.

– Kadam me pediu que pegasse o amuleto e não contasse a você. Disse que precisávamos salvá-la.

– Kelsey – afirmou Anamika.

– Sim. Eu presumi que alguma coisa estava errada em casa, que ela fora atacada, mas o que de fato aconteceu foi... bem, foi completamente inesperado.

– Me conte – pediu ela, mudando de posição e expondo uma longa e deslumbrante perna nua.

Sentindo um desconforto repentino, me levantei e comecei a andar de um lado para outro.

– Não fomos até o presente ou o futuro de Kelsey, fomos para o seu passado.

– Passado? Por quê?

– Quando ela era adolescente, seus pais morreram em um acidente de automóvel.

- O que é adolescente?
- Uma adolescente é uma garota jovem. Que não é mais criança, mas ainda não é mulher.
- Entendi – observou ela, pensativa. – E o que é um automóvel?
- Um automóvel é uma espécie de... – Vasculhei meu cérebro tentando encontrar uma forma de descrevê-lo. Em vez disso, ofereci minha mão. – Talvez seja mais fácil mostrar a você.

Anamika se levantou e estendeu a mão. Quando envolvi sua mão quente com a minha, não pude deixar de perceber como sua pele era macia e como seus cabelos exalavam uma fragrância de lótus e jasmim. Ela sorriu, vislumbrando rapidamente para onde minha mente me conduzia, mas eu logo embaralhei os pensamentos sobre suas pernas e o perfume de seus cabelos, mandando-os para o fundo da mente, e trouxe à superfície minha experiência recente com Kelsey.

Quando estávamos juntos, Anamika raramente abria a mente para mim e, como cortesia, eu mantinha a minha inacessível para ela também, embora fosse completamente possível saber tudo que cada um de nós sentia e vivia. Também era possível limitar o que era mostrado, como eu fizera com Kelsey. Eu trouxe à superfície tudo que acontecera desde que Phet se revelara para mim e deixei-a ver tudo através de meus olhos.

Anamika absorveu tudo em silêncio, mas, ainda assim, pude perceber que a surpresa e o espanto a dominavam. Perguntas enchiam sua mente enquanto ela estudava as cenas que, da minha perspectiva, se desenrolavam para ela como um filme. Depois que viu a morte dos pais de Kelsey e testemunhou quando eu me removi de sua mente, ela estendeu delicados dedos mentais, em uma tentativa de ver mais. Eu a interrompi e soltei sua mão.

– Você já viu o bastante – declarei abruptamente.

Ela me estudou com os olhos verdes límpidos e cheios de compaixão. Tomando minhas mãos nas dela e oferecendo simplesmente a serena calidez de nossa conexão, ela disse:

– Por favor, não se zangue. Peço desculpas pela intromissão. Não tive a intenção de ver mais do que você queria mostrar.

– Mas viu.

Anamika assentiu.

– Vi sua intenção. O que está cogitando fazer é perigoso.
– Perigoso para quem?
– Para todos nós. *Meu professor...* – ela fez uma pausa – ... *Kadam* disse que ver nosso eu passado poderia ser desastroso.

Cerrando o maxilar em um gesto resolutivo, retruquei:

- Eu só quero ver se ela está feliz.
- E se ela não estiver?
- Vamos lidar com o problema quando chegar a hora.

Unindo as mãos atrás de si, ela atravessou o jardim, seguindo para o amplo arco de pedra com passos determinados. Fui atrás dela.

- Aonde você vai?
- Buscar minhas armas.
- Você não vai precisar de armas onde eu planejo ir.

Ela se deteve e pôs as mãos nos quadris, o que destacou a cintura fina e fez subir a barra do vestido verde, o favorito para caçar, até o meio das coxas.

Esfreguei o maxilar.

- Mas vai precisar de roupas novas.

Enquanto ela balbuciava alguma reclamação, agarrei sua mão, dei meia-volta e segui na direção do castelo, os nervos e a excitação acelerando meu passo.

Minutos mais tarde, eu usava um terno executivo escuro e gravata, e decidira fazer as vezes de auditor. Eu usara o lenço para vestir Anamika como minha assistente.

- Por que não vamos direto visitar Kelsey e Dhiren? – perguntou Anamika.
- Porque não quero interferir, a menos que seja absolutamente necessário.
- Então você vai encontrar a informação que procura na sua... *ampesa*?
- É empresa a palavra correta, e, sim, devo conseguir saber mais se puder acessar o computador.

- Eu não entendo empresas ou computadores.
- Eu sei. Olhe, sua função é ser minha assistente.
- As assistentes precisam usar esta roupa desconfortável?

Ela puxou, irritada, a jaqueta cinza antes de fazer comentários depreciativos sobre a cor de sua blusa de seda rosa. Depois de deslizar as mãos pela saia justa e chutar a cadeira com suas sapatilhas de tecido macias, ela exigiu:

- Quero ao menos manter minhas botas.
- Você tem sorte – respondi com um sorriso irônico. – Se o lenço pudesse fazer saltos altos, era o que você estaria usando.

Jogando os cabelos compridos por cima do ombro, ela seguiu até o espelho, resmungando o tempo todo sobre saltos altos e empresas.

Cruzei os braços e sorri. Mesmo com trajes modernos, Anamika era a própria princesa guerreira e selvagem. Pigarreando, eu disse:

- Vamos ter de fazer alguma coisa em relação a esse cabelo.
- Ela girou e, na defensiva, me fuzilou com os olhos.
- Qual é o problema com meu cabelo desta vez?
 - Ele precisa ser... bem... controlado. Quem sabe um coque na nuca?
 - Meu cabelo não pode ser controlado. Muitos tentaram, mas todos fracassaram.

– Entendo.

Esfregando o polegar no maxilar, estudei suas longas madeixas.

– Sente-se – ordenei.

Ela recuou um passo, os olhos alarmados.

– O que você pretende fazer? – perguntou, cautelosa.

– Pretendo arrumar o seu cabelo.

Erguendo o queixo com altivez, ela respondeu:

– Não.

– Ele precisa ser arrumado, Ana.

Ela sacudiu a cabeça e afastou-se ainda mais de mim.

Meus sentidos se aguçaram e alguma coisa mudou em mim. Senti um súbito impulso de caçar. Um rosnado ribombou em meu peito enquanto eu me aproximava devagar. Quando as costas dela encontraram a parede, estreitei o olhar, fixando-o em seu pescoço esguio, e dei mais um passo, transfixado pela pulsação que saltava violentamente à minha aproximação.

Estendendo a mão para tocar seu cabelo, perguntei:

– Está com medo de mim, Ana?

Ela engoliu em seco e ergueu os olhos. Não foi medo que vi ali, mas havia alguma coisa, alguma coisa... vulnerável. Tão rapidamente quanto eu havia

reconhecido o sentimento, ela piscou e seus lindos olhos verdes reluziram, desafiadores.

– Não tenho medo de você, tigre negro.

Zombei dela de leve:

– Não. Você só está com medo de que penteiem seu cabelo.

Com um sibilo, ela me empurrou e se sentou.

– Não estou com medo de nada – disse e me entregou uma escova de cabelo.

Jogando o cabelo dela sobre seu ombro, pressionei meus lábios em seu ouvido e disse:

– Desculpe se não acredito em você, Deusa.

Anamika fez um gesto, como uma rainha dispensando um laçao, e dei uma risadinha. Ela sentou-se, rígida, enquanto eu corria a escova por seu cabelo longo e escuro. A sensação era relaxante e me fez pensar em minha mãe.

Quando eu era garoto, gostava de escovar o cabelo de minha mãe. Era nosso segredinho, ela dizia. Depois que comecei a ser treinado por Kadam, peguei a escova da minha mãe e a escondi. Alguns dias mais tarde, ela mandou me buscar e perguntou se eu a pegara. Com a expressão séria que só um garoto de 8 anos pode ter, eu lhe disse que um guerreiro tão formidável quanto eu iria me tornar perderia toda a credibilidade, teria a reputação arruinada, se descobrissem que gostava de escovar cabelo de mulher.

Mamãe, em resposta, perguntou se uma mulher poderia escovar o cabelo de um homem.

– É claro! – respondi. Ela se inclinou para mim, seu nariz quase tocando o meu, e disse: – Então talvez eu possa escovar o seu.

Pegou a escova quando eu prontamente deitei a cabeça em seu colo e, enquanto ela a deslizava por meu cabelo, fálamos de minhas reflexões infantis. Com o passar dos anos, criei o hábito de deitar a cabeça no colo de minha mãe. Eu contava todas as minhas preocupações e então ouvia seus sábios conselhos.

Quando vi Yesubai pela primeira vez, lembro-me de ter notado seu cabelo muito, muito comprido. À medida que a fui conhecendo, concluí que era inteiramente apropriado a um marido escovar o cabelo da mulher na privacidade de seus aposentos. Eu planejava dar a ela um conjunto de lindas escovas como

presente de casamento. Então ela morreu e eu fui amaldiçoado e condenado a viver como tigre.

Minha mãe tentou transpor o abismo que surgira entre nós depois que me tornei um tigre, mas eu estava determinado a ser infeliz. Ela me abraçava ou acariciava minhas costas de tigre, mas eu sempre me afastava. Sentia falta da intimidade entre nós, mas não sabia como consertar o que eu era ou anular o que eu fizera. Ser um tigre foi a punição que recebi por me apaixonar pela namorada de Ren.

Então veio Kelsey. Seu abraço me curou. Seu toque me fez esquecer. Me deu a esperança de um futuro que agora parece ter sido levado para sempre. Eu havia deitado a cabeça no colo de Kelsey. Pedido que fosse minha mulher. Finalmente ia me tornar o homem que sempre quisera ser. Mas o tigre não me deixaria. Mais uma vez, a maldição ameaçava me destruir porque eu me apaixonara pela garota de Ren.

Como se pressentisse meus pensamentos, Anamika perguntou:

– Você escovava o cabelo dela?

Eu soube imediatamente a quem o “dela” se referia. Ainda assim, perguntei:

– Kelsey?

Ela assentiu. Eu me imobilizei e pensei em minha ex-noiva. Engoli em seco antes de responder:

– Não. Nunca fiz isso.

– Talvez devesse ter feito – brincou ela de leve. – Você tem boas mãos.

Juntando seu cabelo, eu o enrolei e prendi em sua nuca com uma tira de couro. Satisfeito, cutuquei-a na cadeira.

– Também sou francamente adepto das massagens – informei com um sorriso triste.

Anamika virou-se, tentando entender o funcionamento do botão em sua jaqueta.

– O que são massagens? – perguntou enquanto enrolava a Corda de Fogo na cintura, como um cinto, e amarrava o Lenço Divino no pescoço.

Estendendo a mão para ajudá-la com o botão, respondi:

– Mais tarde eu mostro a você.

Anamika mexeu no botão de meu paletó, acariciou a gravata de seda e então tocou o amuleto que pendia de meu pescoço.

Oferecendo-lhe o braço, chamei:

– Vamos?

Ela olhou meu braço com uma expressão confusa.

– Vamos o quê?

Peguei sua mão, dobrei seus dedos sobre meu braço e disse:

– Vamos embora?

Fitando os próprios dedos como se eles não fizessem mais parte de seu corpo, ela assentiu, calada.

Selecionando um tempo de quatro semanas depois que Ren e Kelsey retornaram ao futuro, fechei os olhos e visualizei o parque arborizado perto das Indústrias Rajaram, no Japão. Apertando Anamika junto a meu corpo, desaparecemos.

Eu havia propositadamente escolhido um lugar à sombra de uma grande árvore, nas primeiras horas do dia, momentos antes do nascer do sol, e por muita sorte não havia ninguém por perto quando aparecemos. Pegando a mão de Anamika, eu a guiei entre as árvores, na direção do lago. As Indústrias Rajaram ficavam do outro lado do parque e, se tínhamos cronometrado corretamente, havíamos chegado no momento em que abriam.

Quando um par de ciclistas madrugadores passou à nossa frente em um caminho sombreado por ginkgos, Anamika se assustou.

– O que... o que são essas coisas? – perguntou com espanto. – São carros?

– Não. – Dei uma risada. – Essas coisas são chamadas de bicicletas. São usadas como transporte e para as pessoas se divertirem.

Uma música pairava no vento e ela puxou meu braço para me levar naquela direção.

– Venha. Quero ouvir os tambores.

Então nos aproximamos de uma área onde músicos de todos os tipos se preparavam para tocar. Fiquei surpreso ao ver no rosto dela uma expressão de deleite em lugar de medo. Depois que eu disse a ela que era indelicado apontar a

roupa e a aparência esquisitas dos transeuntes, que aumentavam em número à medida que os minutos passavam, ela se contentou em sussurrar comentários para mim sobre os estranhos penteados, roupas e piercings que notava.

Anamika ficou especialmente fascinada com os corredores da madrugada. Com as mulheres que usavam rabo de cavalo, fones de ouvido e sapatos de corrida coloridos. Ela se maravilhou com os amplos jardins de rosas, e a animação em seu rosto me fez desacelerar o passo para que ela pudesse parar e sentir o perfume das flores. Quando cruzamos a ponte, a fonte no lago disparou um jato d'água bem alto no ar. Deixei-a observar a água por vários minutos até parecer satisfeita e voltar-se para mim com uma expressão de curiosidade.

– Este é o mundo em que você cresceu?

– Não. Este é o mundo de Kelsey. Eu nasci num tempo em que as coisas se moviam lentamente, muito parecido com o seu. – Quando voltamos a andar, perguntei: – Este lugar assusta você?

– Não. Não com você ao meu lado.

Olhei para ela, me perguntando se estaria tentando brincar comigo, mas Anamika observava o ambiente, completamente alheia a meus pensamentos. Censurando-me, lembrei que ela era muitas coisas, mas frívola não era uma delas. Ela se orgulhava de ser direta. Era algo que eu admirava nela. O fato de minha presença lhe dar coragem despertou um sentimento de satisfação em mim.

– Você me honra, Deusa – declarei com um brilho nos olhos.

Seus olhos verdes ergueram-se para os meus, procurando descobrir minha disposição, e um segundo depois ela me presenteou com um raro sorriso.

Depois de passar por um templo japonês, deixamos o bosque e atravessamos um amplo gramado. Anamika parou de repente. Sua respiração se acelerou e senti o cheiro pungente de seu medo. Ela agarrou meu braço.

– O que foi? – perguntei baixinho.

– Não... não é possível – disse ela.

Sua cabeça estava erguida para o céu. No ponto onde as árvores se separavam, o horizonte de Tóquio era claramente visível e um avião passou sobre os arranha-céus enquanto observávamos.

– Anamika, olhe para mim.

Pus as mãos em seus ombros e a virei para mim:

– Nesta época, as pessoas têm recursos para construir edifícios muito altos e transitar pelo céu em carruagens de metal. Elas viajam por terra em estradas amplas que parecem não ter fim. Existe uma força invisível chamada eletricidade que fornece uma luz equivalente a cem velas. Portas são feitas de vidro e se abrem sem que ninguém as segure. Você verá muitas coisas estranhas e diferentes, mas quero que se lembre de que você tem mais poder do que tudo isso. Você é a deusa Durga e nada pode feri-la. Eu estarei ao seu lado. Caso se sinta insegura, observe o que eu faço. Prometo que não vou deixá-la desorientada.

Anamika engoliu em seco e assentiu com a cabeça. Um brilho familiar surgiu inadvertidamente em seus olhos.

– Estou pronta – disse ela. – Pode me acompanhar até a empresa gigante de metal.

Quando começamos a andar na direção da faixa de pedestres agora fervilhante e seus olhos se arregalaram ao ver as centenas de carros mudando de faixa e buzinando, acrescentei:

– Ah, mais uma coisa: provavelmente vai ser melhor se você não falar muito.

Ela franziu a testa e arqueou uma sobrancelha, desafiadora, e essa expressão me fez rir. Sua indignação justificada diante de meu comentário também serviu para ajudá-la a esquecer quanto esse mundo era totalmente estranho para ela. Estávamos nos aproximando das portas de vidro da sede das Indústrias Rajaram e, vendo-a caminhar de maneira corajosa a meu lado, eu me perguntei se lidaria com essa época tão bem se nossos papéis estivessem invertidos.

A recepcionista foi simpática até eu declarar nosso propósito. Sua testa se franziu, numa expressão confusa.

– Acabamos nossa auditoria anual recentemente. Desculpe, mas não estou entendendo – disse ela em tom educado, mas com uma expressão de “Nada esquisito passa por mim”. Anamika não ajudou nem um pouco quando perguntou bruscamente à garota por que ela estava usando cor nos lábios e no rosto.

A recepcionista estava pegando o telefone para chamar um supervisor quando Ana agitou os dedos no ar. A garota piscou e se desculpou por incomodar o

supervisor sem necessidade antes de desligar o telefone. Ela então retornou a seus papéis, ignorando-nos completamente.

Havia muito tínhamos descoberto que ambos podíamos acessar o poder do Amuleto de Damon, não importando quem o estivesse usando, desde que não estivéssemos afastados mais do que alguns poucos quilômetros.

– O que foi que você fez? – perguntei, incrédulo.

– Simplesmente acessei a memória dela e nos bloqueei de seus pensamentos. Ela não vai se lembrar de nós ou nos ver enquanto estivermos aqui.

– Como foi que fez isso?

– É a mesma coisa que você fez com Kelsey.

– Não exatamente. Você nos tornou invisíveis.

– Ah, isso. É um truque. O lenço pode distorcer a luz quando usado com o pedaço do amuleto que nos permite viajar no tempo. – Ela franziu a testa. – É difícil explicar. Nossos corpos são desfocados de modo que andamos em um tempo ligeiramente diferente, o que obscurece o outro tempo, então eu uso o pedaço do fogo para refazer os padrões de luz à nossa volta. É semelhante a esconder-se da presa com pintura na pele ou roupas camufladas.

Olhei para ela com franca admiração até que ela se remexeu, desconfortável, e perguntou:

– Podemos nos apressar e encontrar o que você procura, por favor?

Assentindo, segurei-a pelo cotovelo, conduzindo-a para dentro do elevador, e me amaldiçoei quando vi que precisaríamos de um cartão-chave. Expliquei-lhe rapidamente como um elevador funcionava enquanto apertava o botão para fechar a porta. Ela posicionou a palma da mão sobre o teclado e faíscas azuis de eletricidade cintilaram por entre seus dedos. Para uma garota analfabeta em termos de tecnologia, sua capacidade de apreender conceitos e manter a mente aberta era impressionante. Em um segundo, estávamos disparando para o último andar do edifício, onde acharíamos minha sala.

Agora era minha vez de, literalmente, dar uma mãozinha para resolver a situação, então pousei a palma sobre a fechadura e a porta se abriu. Entreguei a ela uma barra de chocolate japonês e uma garrafa de refrigerante que peguei no frigobar antes de deixá-la explorando o escritório enquanto eu verificava o

computador. Observá-la se encantar com um aquário, atacar o frigobar e perder o fôlego diante da vista da cidade da janela da minha sala era tentador, mas ainda assim consegui passar os olhos pelos e-mails de Nilima e descobri o anúncio de que Ren estava assumindo a presidência das Indústrias Rajaram.

Havia um artigo de jornal sobre como ele reagira à triste notícia do falecimento de seu amado avô, Anik Kadam, e de seu irmão, Sohan Kishan Rajaram. Deixei escapar um suspiro quando li a história fabricada de nossas mortes. Aparentemente, tínhamos sido vítimas de um acidente aéreo no oceano Índico. O avião caíra e nossos corpos nunca foram encontrados.

Ren não perdera tempo em assumir a empresa e se estabelecer em uma vida humana normal. A inveja infiltrou-se cruelmente em minhas veias, mas eu a esmaguei de maneira impiedosa. Fazia muito tempo desde que eu sentira inveja de meu irmão por causa de bens materiais. Eu não dava a mínima para a empresa. O que precisava saber era o que estava acontecendo com Kelsey.

Navegando por outras manchetes e avisos da empresa, fiquei paralisado quando li: *Líder das Indústrias Rajaram, Dhiren Rajaram, fica noivo*. Cliquei no artigo.

O multibilionário herdeiro da corporação Indústrias Rajaram, Alagan Dhiren Rajaram, está de casamento marcado com a universitária norte-americana Kelsey Hayes e a cerimônia acontecerá bem aqui no Japão, no dia 7 de agosto. As bodas serão uma celebração reservada, mas vários VIPs e funcionários do alto escalão das Indústrias Rajaram receberam convites para a recepção do casal, que acontecerá no topo do luxuoso hotel Rajaram Grand Towers, de propriedade do noivo.

Alagan Rajaram herdou a corporação após a morte do avô, Anik Kadam, que essencialmente dirigia a companhia através da sobrinha Nilima Mehta. Recluso e pouco afeito à imprensa, Anik Kadam só era conhecido de alguns poucos membros do conselho, e mesmo estes não sabiam da existência de seus netos até ele os apresentar à companhia menos de um ano antes de sua morte.

É uma infelicidade que, justamente quando a família Rajaram estava sendo descoberta, o mundo tenha perdido tanto o presidente da empresa,

Anik Kadam, quanto o co-herdeiro e irmão caçula de Dhiren, Sohan Kishan Rajaram, mas, como Nilima Mehta, presidente interina, afirma: “Todos nas Indústrias Rajaram esperam ansiosamente que o jovem herdeiro da fortuna Rajaram assuma sua posição de presidente. De minha parte, mal posso esperar para tirar longas férias depois que ele estiver instalado no cargo. Por ora, quando começam uma vida juntos, desejo a ele e à sua noiva muitas felicidades.”

Quando perguntamos como o solteiro bilionário conheceu sua futura esposa, o jovem Sr. Rajaram brincou: “Em um circo, é claro.” Talvez um dia tenhamos a sorte de ouvir a verdadeira história de como uma garota norte-americana comum e desconhecida conseguiu tirar o partido da década do mercado matrimonial.

Nós também lhes desejamos sorte e uma feliz união, e torcemos para que o contentamento que recentemente encontraram um no outro atenuie a dor de perder um irmão e um avô muito honrado.

Recostei-me na cadeira, silenciosamente absorvendo a notícia do iminente casamento de Ren e Kelsey. Dessa vez, deixei o ciúme que sentia correr desenfreado. Ren não só recebera a dádiva da humanidade como também ficara com minha garota. E eu? Era obrigado a correr pela selva com o rabo entre as pernas.

Não que eu não esperasse que ele pedisse Kelsey em casamento. Sabia que Ren a amava e eu mesmo tinha pedido a ele que cuidasse dela. Só que era cedo demais. Eles iam se casar menos de dois meses depois de voltarem. Ela havia me esquecido assim tão rápido? Estava feliz? O fato de que talvez ela achasse que não tinha opção me veio à mente. Agarrei-me a essa ideia e não a larguei.

Meus pensamentos estavam tão voltados para Kelsey que nem percebi Anamika se aproximar.

– O que foi, Kishan? – perguntou suavemente, pousando a mão em meu braço. – Você está agitado.

Foi só quando ela deu a volta e se empoleirou em minha mesa a fim de me olhar de frente que dei por sua presença. Correndo a mão pelos cabelos, recuei, me afastando dela, me levantei e fui até a janela. Minha mão se fechou e a levei

até a vidraça. Mas, em vez de quebrá-la, como era minha vontade, encostei a testa no punho e disse, destroçado:

– Ela vai se casar.



Voyeur

— Você quer dizer que Kelsey vai se casar com Dhiren — disse ela sem emoção.

Assenti sem me virar e fitei meu reflexo no vidro. Eu não havia envelhecido em mais de trezentos anos, mas meus olhos estavam velhos, cansados. O ferrão da deslealdade picou meu coração. Embora soubesse que Kelsey nunca deixara de amar Ren, pelo menos não completamente, ainda mantivera viva a esperança de que talvez ela escolhesse a mim se tivesse tido opção.

Mais uma vez eu me repreendi por permitir que Ren partisse com ela. Que escolha eu dera a ela, de verdade? Praticamente a empurrara para os braços dele e dissera: *Tenham uma vida feliz*. Espalmei a mão na janela aquecida pelo sol e imaginei o poder e a energia da luz amarela fluindo para meus dedos. Isso me fez tomar uma resolução, que eu não ousava dizer em voz alta, mas a ideia dominou minha mente.

Pensei na jovem versão de Kelsey e soube que ela de fato vira algo em mim naquela ocasião. Ela havia acreditado que eu era seu protetor, confiara totalmente em mim. Precisara de alguém então, assim como eu precisara dela para me trazer da escuridão para a luz. Kelsey nunca desistiu de mim, e uma coisa era certa: eu não iria desistir dela ou simplesmente deixá-la entregue a seu destino. Eu

precisava saber se ela realmente queria se casar com Ren ou se estava apenas escolhendo o caminho mais fácil.

Anamika interrompeu meus pensamentos.

– Ela *está* se casando com Dhiren, não *está*?

Esfreguei o maxilar antes de responder.

– Vamos ver. – A determinação fluía em meu sangue e me incitava a agir.

Girando, agarrei seu braço e disse: – É hora de ir.

Puxando o braço para se desvencilhar de mim, Anamika recuou, os olhos reluzindo de fúria. Seus cabelos soltaram-se, cascadeando em longas mechas, meu fraco esforço para contê-los indo por água abaixo. Ela estava linda, como uma deusa livrando-se de sua forma humana. O poder ondulava em sua pele enquanto ela me encarava, estreitando os olhos, e dizia:

– *Não* me segure dessa maneira.

Quando soltei a mão, a raiva dela foi diminuindo aos poucos e ela baixou as pálpebras de forma que seus longos cílios se destacaram como leques contra o rosto. Mais calma, acrescentou:

– Nenhum homem faz isso.

– Eu... Me desculpe, Deusa. – Uma emoção se irradiava de Anamika, algo que eu nunca sentira nela antes. Constrangimento... vergonha... com uma pontada de... *medo*? Dei um passo em sua direção e ergui seu queixo com meu dedo, delicadamente, de modo que ela pudesse se afastar e romper o contato a qualquer momento. Quando seus olhos verdes encontraram os meus, eu disse: – Não precisa ter medo de mim, Ana.

– Eu não tenho medo de você, Kishan.

– Então o que a amedronta? – perguntei.

O rosto dela se suavizou por um momento e pareceu que ela confessaria o que a estava aborrecendo, mas então suas costas se retesaram e ela fechou a conexão emocional entre nós.

– Meu passado é só meu, tigre negro. É algo que escolho não partilhar com você.

Dei um passo para trás e, depois de observá-la atentamente por um instante, assenti. Havia algo de vulnerável nela naquele momento e senti uma urgência

irresistível de consolá-la, mas a deusa Durga não queria consolo. Ela tampouco gostava de mostrar vulnerabilidade. Disso eu já sabia.

Pronto para partir, ofereci-lhe a mão, que ela aceitou após um segundo de hesitação. Pousou a mão em meu braço enquanto eu instruía o amuleto a nos levar para casa.

Quando voltamos para nosso palácio de pedra na montanha, ela perguntou:

– Por que você escolheu se materializar no parque e se dar o trabalho de se disfarçar, se podíamos simplesmente ter aparecido em sua sala de vidro?

Esfregando o pescoço, dei de ombros.

– Era mais seguro supor que tivessem dado meu escritório para outra pessoa, eu acho.

Eu podia ver a mente dela trabalhando, tentando compreender o significado pleno da palavra *escritório* e o estado transitório de tal coisa.

– Quero agradecer a você por ter me levado lá – disse ela. – Gostei de andar pelo...

– Parque? – sugeri.

– Isso. Parque. Gostei das flores e das fontes.

– Fico feliz. – Sinceramente, uma parte de mim tivera vontade de caminhar pelo parque de braços dados com a deusa. Eu gostava da ideia de perambular com ela pela era de Kelsey, por um lugar onde não fôssemos reconhecidos. Ninguém ali clamava por nossa atenção ou formava fila com presentes para a deusa. Podíamos apenas ser nós mesmos. Duas pessoas desfrutando de um passeio tranquilo, sem pressa. Eu tinha quase me sentido contente enquanto estávamos lá. Isto é, até saber do casamento iminente de Kelsey.

Ao usar o lenço para me transformar, passando de um auditor asiático de terno a minhas roupas pretas de hábito e meu rosto, Anamika me olhou com astúcia.

– Não entendo por que você precisava da informação da caixa de imagens em sua mesa. Você não poderia descobrir a notícia do casamento de Kelsey simplesmente perguntando a alguém ou talvez bisbilhotando quando os próprios Kelsey e Ren conversassem?

– Eu... – Por que eu *não* queria ir diretamente à fonte? Suponho que uma parte de mim, uma peça que eu não queria admitir que existia, sentia-se

desconfortável com a ideia de vê-los juntos. Eu não estava pronto para arriscar a possibilidade de que Ren fosse a pessoa que Kelsey tinha desejado o tempo todo, porque, se isso fosse verdade, então todo o meu futuro, a vida que eu começara a planejar para mim mesmo a partir do momento em que soubera que Kadam era Phet e embalei uma jovem Kelsey em meus braços, estaria destruído em um instante.

Não. Não bastava ver se Kelsey estava feliz agora. Eu precisava me convencer totalmente de que ela estava feliz desde o começo. Se Ren fosse de fato o homem certo para ela, então ficaria óbvio. Eu precisava de uma nova perspectiva. Rebobinar o passado e dar uma segunda olhada não faria mal algum. Além disso, havia uma comichão desesperada em meu cérebro que gritava “E se...?”. Para calar essa voz, eu teria de estudá-la de todos os ângulos. Somente então, quando tivesse certeza de que Ren era, sem a menor dúvida, a pessoa certa para ela, eu me resignaria a meu destino.

Anamika ainda estava aguardando minha resposta.

– Tenho motivos para o que estou fazendo, Ana, e esses motivos não lhe dizem respeito. – Era uma resposta evasiva, um tanto fria, mas a deusa compreendia a franqueza.

– Entendo. – Ela piscou, como se esperasse que eu acrescentasse algo, mas então suspirou e disse: – Você vai me dar o Amuleto de Damon agora?

Levando a mão ao objeto, eu o envolvi com os dedos.

– Ainda não. Tem uma coisa... uma coisa que preciso fazer primeiro.

Anamika me fitou por um longo minuto antes de inclinar a cabeça e sair. Eu sabia que ela estava me dando um presente. Mesmo que ela não aprovasse o que eu queria fazer, estava permitindo que eu tivesse a liberdade de fazer minhas escolhas, e eu era grato por isso. Em certo sentido, seu gesto me surpreendeu. Era como se ela tivesse se resignado à vida de deusa mas não quisesse que eu tivesse de sofrer o mesmo destino. Talvez houvesse uma saída para nós dois, racionalizei, sentindo-me culpado por deixá-la para trás.

Antes que ela saísse, avisei:

– Mantenha as armas por perto. O amuleto estará muito longe para que você use o poder dele.

Ela não demonstrou ter ouvido meu comentário, apenas se afastou e desapareceu na área do palácio que levava a seus aposentos.

Decidi começar imediatamente.

Minha primeira parada foi a selva onde conheci Kelsey.

O vento fustigava à minha volta quando reaparei na selva indiana. Os cheiros da floresta me cercaram quando mudei para minha forma de tigre em um bosque denso. Sabia que Ren e Kelsey apareceriam em breve, então fiquei à espera deles na trilha que tomariam. Não demorou muito para que eu ouvisse o barulho de alguém caminhando, então me esgueirei pela mata para poder observar. Ren apareceu primeiro, mantendo o nariz erguido ao vento, mas eu tomei o cuidado de me manter o mais a favor do vento possível.

Ele fazia pausas ocasionais e eu me perguntava se teria captado meu cheiro, mas Ren seguia em frente. Se eu estivesse na forma humana, teria rido ao ver Kelsey arrastando-se atrás dele com uma evidente frustração em seu lindo rosto. Estava cansada e ainda não tinha resistência física para andar por horas pela selva. Isso só viria mais tarde, depois de começarmos a treinar juntos.

Quando chegaram ao acampamento, fiquei lá pacientemente escutando-o falar de borboletas, por incrível que pareça, e então o ouvi explicar que seu propósito era me encontrar. Logo ficou óbvio para mim que, embora ele estivesse interessado em começar um relacionamento com Kelsey, se sentia inseguro sobre como abordar a questão. Sua tentativa de cortejá-la parecia incluir duas coisas: tocá-la a cada oportunidade e tentar deixá-la o mais confortável possível durante a busca.

Mantive vigília durante a noite, embora soubesse que não havia predadores na selva que estivessem à minha altura. Eu tinha declarado esta selva meu território séculos antes e fazia pelo menos cinquenta anos que nenhuma outra criatura ousava cruzar meu caminho quando Kelsey apareceu. A verdade era que eu nem tinha certeza de quantos tigres ainda restavam nesse século. Kadam mencionara que eles tinham sido caçados até quase a extinção.

Esfregando o queixo, me dei conta de que não encontrava machos dominantes em minha selva desde os anos 1950 mais ou menos. A ideia me

entristeceu. Os tigres eram criaturas nobres. Inteligentes. Predadores perfeitos. De todas as feras com que eu tinha trabalhado como príncipe e de todos os animais que eu encontrara em minhas perambulações pela selva, o tigre era o que eu mais respeitava.

Apesar de minha inveja de Ren por ele ter conquistado o direito de levar uma vida mortal normal, eu precisava admitir que abraçara meu lado tigre muito mais rapidamente do que ele. Embora eu não precisasse mais assumir a forma do tigre negro, ainda fazia isso. Preferia cochilar à tarde como tigre, e caçar com meus dentes e garras me concentrava como nada mais, além de Kelsey, conseguia fazer.

No dia seguinte, rastreei Ren quando ele, supostamente, estava procurando por mim. Mas, em vez disso, eu o encontrei tentando colher flores, só que as pétalas caíam do caule à medida que eram esmagadas em suas garras de tigre. Ele cuspiu pétalas e folhas e espirrava com frequência, rosnando baixinho antes de desistir. Por fim, decidiu levar mangas para ela. Importunou os macacos em uma mangueira até eles começarem a atirar nele as esferas pesadas.

Recolhendo várias com a boca e deixando algumas caírem ao longo do caminho, ele voltou ao acampamento. Eu observava do alto de uma árvore, em minha forma humana, e me comprazia em torturá-lo usando o poder do amuleto para colocar pedras grandes ou troncos caídos em seu caminho a fim de atrapalhar seu progresso.

Ele parava e cheirava as pedras recém-desenterradas e então dava a volta por elas até captar o cheiro de sua trilha novamente. Quando ofereceu seu presente lamentável e babado, tive de reprimir um risinho, sobretudo quando Kelsey disse que não as queria. Se ao menos ela soubesse o esforço que ele fizera, na forma de tigre, para levar-lhe um presente tão simples.

Eles nadaram juntos perto da cachoeira, e, quando a pedra caiu, tive de me segurar para não ir eu mesmo salvar Kelsey. Após algumas horas de intensa especulação, concluí que o fato de Ren tê-la salvado poderia ter sido o catalisador para que ela se apaixonasse por ele. Ela havia demonstrado uma grande indiferença e talvez até um pouco de medo de Ren antes do resgate na cachoeira, mas, depois que ele a salvou do afogamento, ficou bastante óbvio que ela estava começando a sentir algo mais que simpatia por ele.

Impaciente com as longas horas, descobri que podia avançar no tempo, acelerando as coisas como um dos filmes de Kelsey. O sol se pôs em questão de segundos, as estrelas se moveram como se alguém puxasse um cobertor cheio de luzes brilhantes sobre o céu. Durante o processo, meu estômago se revirou, mas isso não me afetou por mais que alguns segundos. Ajustar-me aos desconfortos da viagem pelo tempo não acontecia suficientemente rápido.

Por volta do meio-dia, quando eles se sentaram novamente diante da fogueira e Ren estava na forma humana, desacelerei o tempo para que voltasse ao ritmo normal. Ren ia dizendo os últimos versos de um poema. Revirei os olhos e ouvi.

*... Tu, ó esguia donzela,
o amor apenas aquece;
mas a mim ele queima;
como a estrela do dia apenas sufoca a fragrância da flor noturna,
mas extingue o próprio orbe da lua.
Este meu coração,
oh, tu que és de todas as coisas a que lhe é mais cara,
não terá nenhum propósito que não seja tu.*

“Ren, é lindo!”, disse Kelsey.

Ela falava baixinho e eu não conseguia ouvir tudo, então usei o amuleto para me aproximar um pouco mais e me rematerializei no instante em que Ren ia dizendo:

“... permissão... para beijá-la.”

Uma fúria cega percorreu meu corpo. Mesmo conhecendo a história deles, eu queria estrangular meu irmão. Levei um minuto para conseguir me acalmar e perceber que nada estava acontecendo. Kelsey fechou os olhos, esperando que ele a beijasse, e ele ficou lá parado como um dois de paus.

Quando ela se deu conta de que ele não ia se mexer e começou a fazer um sermão sobre ser antiquado, eu me vi feliz como há muitos meses não me sentia. Cheguei a rir alto, mas me contive e usei o poder do amuleto para ficar

invisível. Ren, que tinha se afastado, zangado, e entrado na floresta, olhou a sua volta, desconfiado, mas, não vendo nada, logo seguiu em frente.

Observei o acampamento por tempo suficiente para ver Kelsey me encontrar pela primeira vez. Eu a ouvi dizer que sabia que eu era irmão de Ren, que o havia traído e roubado sua noiva. Embora fosse verdade, eu me encolhi. Ren já havia azedado a impressão dela a meu respeito desde o começo e minha recusa a acompanhá-los na busca também não ajudou. Por um momento, cogitei revelar minha presença para o tigre negro que eu costumava ser.

Um chute e um breve esclarecimento talvez fossem o truque para fazer com que meu eu teimoso os ajudasse a ir até o Fruto Dourado. Além disso, minha presença naquela busca serviria para esmorecer as intenções românticas de Ren. No entanto, Kadam havia declarado de forma excessivamente dramática que encontrar nossos antigos eus desencadearia um resultado trágico, como o colapso do universo.

Como esse definitivamente não era meu propósito, fiquei ali ponderando as ramificações que aconteceriam se eu alterasse a história, mas acabei decidindo que essa era uma viagem de coleta de informações. Se eu fosse mudar alguma coisa, só o faria depois de ter reunido todos os fatos.

Relutante em correr o risco de mandar meu eu passado naquela primeira missão, mais uma vez me repreendi por ser um idiota e usei o poder do amuleto para seguir para o próximo local em minha programação: Kishkindha.

Dessa vez apareci à noite e minhas roupas escuras me esconderam da luz do pequeno acampamento. Quando senti as árvores a minha volta ganharem vida e lançarem seus ramos coleantes em minha direção, usei o Amuleto de Damon para paralisá-las. Estalidos e ruídos vindos da perigosa planta ali perto fizeram Ren erguer a cabeça e espiar entre as árvores, mas ele logo voltou a se acomodar ao lado de Kelsey.

Irritado ao vê-lo agir possessivamente em relação a ela de forma tão rápida e não querendo vê-lo dormir ao lado dela por horas, alterei o tempo. Disparei através dos minutos e eles desapareceram com velocidade. O poder do Amuleto de Damon fluiu através de meus membros e arrepiou os pelos em minha nuca. Minha pele formigava à medida que o tempo rodopiava em torno de meu corpo como folhas de outono roçando minha pele em meio a um vento forte.

Quando Kelsey acordou na manhã seguinte, fez uma pausa e a observei traçar as linhas do rosto de Ren. Uma dor tão densa correu por meu corpo que tive de engolir em seco. Ela nunca havia me olhado com uma admiração tão patente. Ren acordou e a abraçou. A naturalidade que ele sentia com ela, no entanto, logo mudou.

Ren era um tolo por não ver que alguma coisa estava errada. Em vez de agir com cautela em relação a ela, dando-lhe espaço, ele a pressionou, querendo ir muito longe muito rápido. Deixou que seu orgulho o impedisse de enxergar o medo que ela sentia. Eu vi os dois pegarem o Fruto Dourado e a observei afastar-se cada vez mais dele.

Empoleirado, invisível, no alto de uma construção antiga, ouvi os dois gritarem um com o outro enquanto eram perseguidos por centenas de macacos. As criaturas caíram sobre eles como uma enchente, mas, ainda assim, meu irmão com cérebro de macaco estava mais preocupado com a rejeição de Kelsey do que com aquela horda. Sacudi a cabeça. Salvar a vida dela era mais importante do que analisar seus sentimentos. Ele teve sorte de ela não ter sido morta.

Quando Ren atravessou correndo a ponte levadiça com dezenas de macacos agarrados a seu pelo e vi que Kelsey estava em segurança, movi a mão no ar e a gigantesca onda remanescente de macacos parou e voltou para seus poleiros; sua trêmula massa de corpos tornou-se silenciosa à medida que eles se transformavam mais uma vez em estátuas. Eu me perguntei se, caso não estivesse ali e não tivesse cuidado do problema dos macacos, Ren e Kelsey teriam conseguido sair de Kishkindha.

A ideia era alucinante e aterradora ao mesmo tempo. *E se, em algum momento particularmente perigoso, eu não estiver lá quando ela precisar de mim?* As palavras de Kadam voltaram a mim naquele instante, mas dessa vez elas eram reconfortantes. Ele dissera que quaisquer mudanças, quaisquer decisões que eu tivesse tomado ou fosse tomar estavam todas registradas nos anais do tempo. Em essência, Kelsey *estará* salva porque ela *estava* salva.

Embora fosse um alívio saber que o que eu tenha feito, ou que faria, não causou a morte de Kelsey, ainda era desagradável pensar a respeito. Eu odiava a ideia de que todas as minhas decisões estavam sujeitas, de alguma forma, ao

universo e que alguma programação invisível estava ditando minha vida. Esse conceito era irritante.

– É o mesmo que me enjaular – murmurei para mim mesmo.

Ouvindo um grunhido, me virei e estudei Kelsey através das árvores enquanto ela enfrentava os macacos restantes com a *gada*. Ela ficou orgulhosa de si mesma quando os acertou. Seu roubo de entusiasmo me lembrou de quando ela desferia um chute forte em nosso boneco de treinamento ou quando finalmente conseguiu atingir uma flor com seu poder do raio.

Feliz em observá-la, recostei-me e sorri, atingindo o macaco que ela acertara com um pequeno raio quando ela não estava olhando. Eles saíram correndo de volta à cidade com o rabo entre as pernas e, com um aceno de minha mão, tornaram a ficar inertes.

Fui distraído quando Ren, na forma humana, emergiu de entre as árvores de agulhas e o babuíno do qual eu vinha protegendo Kelsey avançou alguns metros. Ren logo pôs um ponto final nisso e eu usei o poder do Amuleto de Damon para mandar de volta a seus leitos de pedra os últimos dois macacos que restavam.

Seguindo-os na caminhada de volta, eu esperava descobrir mais sobre seu relacionamento incipiente, mas ambos estavam obstinadamente calados, falando apenas quando necessário. Eu não conseguia me livrar da sensação de que estava deixando escapar alguma coisa. Então Kelsey avistou os *kappa* e bisbilhotar foi para o final de minha lista de prioridades. Os demônios os deixaram em paz na ida, mas, agora que eles tinham o fruto e os macacos haviam fracassado, acho que concluíram que tinham o dever de interferir.

“Olhe, Ren. Temos companhia”, ouvi Kelsey dizer.

Os demônios recuaram quando Ren brandiu a *gada*, mas, no momento em que ele disse “Continue, Kelsey. Vá mais rápido!”, ouvi um sibilo e eles avançaram. Embora eu não estivesse naquele tempo, vários deles olharam em minha direção. Não tentaram me atacar, mas tampouco agiram de forma amistosa comigo. Como eu fizera com as árvores, tentei paralisá-los com o Amuleto de Damon, mas eles não foram afetados por minhas tentativas.

Ren e Kells se saíram bem mesmo sem minha ajuda. Mantive-me vigilante ao lado de Kelsey quando ela adormeceu depois de os *kappa* perseguirem Ren

até o meio das árvores e aproveitei o fato de estar sozinho com ela. Estendendo os dedos, acariciei seu rosto macio e tirei uma ou duas folhas de seus cabelos. Mais do que qualquer coisa, eu queria tomá-la nos braços e mantê-la a salvo, protegê-la do sofrimento e da dor que ela deveria estar experimentando, mas tinha de me lembrar que essa Kelsey mal me conhecia naquele momento. Ela acreditava que eu não me importava se ela vivesse ou morresse. Que eu não tinha qualquer interesse na maldição do tigre.

Eu estava traçando as linhas na palma de sua mão quando ela sorriu e murmurou, em seu sono, o nome de Ren. Delicadamente, pousei sua mão e encolhi minhas pernas, levando os joelhos ao peito. Seria tarde demais? Ela já estava apaixonada por meu irmão a essa altura? Enquanto eu me perguntava se deveria retroceder mais na linha do tempo, ela tornou a dizer o nome dele, mas dessa vez em tom de alarme.

Algo estava errado. Ergui a cabeça e o grito de guerra de Ren ecoou pela floresta. Levantei-me imediatamente. Rastreando-o em meio às árvores, segui seu cheiro até encontrá-lo. Ele estava cercado por demônios da água. Permanecendo invisível, lancei-me contra os *kappa*, tirei-os de cima dele e arremessei os demônios cambaleantes de encontro às árvores de agulhas. Mais demônios se aproximaram.

Ren esforçou-se para ficar de pé. Muito fraco para perceber a força invisível que o ajudava na batalha, avançou na direção dos demônios, pronto para lutar até suas últimas forças. Eu sempre admirara Ren em uma batalha. Ele era inteligente, calculista, nunca despendendo mais energia do que a absolutamente necessária sem usando mais força do que era preciso.

Por meio de lutas e treinamentos com Ren, eu sabia que ele podia ver buracos na defesa quando eu jurava que não havia um. Era um talento natural dele, que eu invejava. Ele percebia quando um homem privilegiava o uso de uma das pernas ou quando um cavalo estava ávido por desalojar o cavaleiro. Se eu era os músculos, ele era o cérebro. Juntos, tínhamos sido quase invencíveis nos campos de batalha. Não seria diferente aqui.

Rapidamente, avaliei os ferimentos de meu irmão. Apesar de sua habilidade em curar-se, Ren estava ensanguentado por causa das árvores de agulhas e tinha sido violentamente mordido pelos *kappa*. Ele sangrava profusamente por

ferimentos em que nacos de carne haviam sido arrancados de seu corpo. Embora houvesse tentado trocar de tática, mudando de homem para tigre e de volta para homem, eles o haviam quase destruído, dilacerando-o brutalmente pedaço a pedaço.

Entre os *kappa* e as árvores de agulhas, ele não tinha qualquer chance de se salvar, muito menos Kelsey. Um de seus braços pendia, flácido, ao lado do corpo e ainda assim ele se pôs de pé, pronto para lutar até seu último suspiro. Eu estava ali para me assegurar de que seu último suspiro não seria nesse dia. Ren nunca me contou quão próximo esteve da morte nessa floresta.

Arrependimento e vergonha tomaram conta de mim. Eu deveria estar ali com meu irmão, lutando a seu lado. O antigo eu estivera chafurdando na dor, enfrentando demônios interiores em vez daqueles que podiam aleijar e matar. Era um orgulho teimoso que me mantinha na selva. Eu estivera tão determinado a me sentir infeliz que bloqueara tudo. Por minha causa, Ren poderia ter sido despedaçado. Kelsey poderia ter morrido. Eu não merecia o presente que ela havia me dado – que ambos tinham me dado –, mas com certeza podia cuidar para que eles sobrevivessem àquilo.

Com um toque de poder, instruí as árvores a focarem nos *kappa* e deixarem Ren em paz. Diferentemente dos *kappa*, as árvores obedeciam ao Amuleto de Damon. À medida que Ren lançava os demônios contra as árvores, eu cuidava para que eles não voltassem. Depois de vários minutos de luta sem que o fim dos demônios parecesse próximo, ambos ouvimos um grito.

Com um poderoso rugido, Ren correu as garras pelas barrigas dos dois demônios mais próximos, derramando suas vísceras negras pelo solo da floresta, e então disparou em meio aos galhos que o açoitavam, alheio a suas feridas ou ao fato de que seu braço mal se sustentava preso ao corpo. Grunhindo, mudei para a forma de tigre e mantive os demônios restantes à distância, dilacerando-os ao mesmo tempo que instruí as árvores a que formassem uma parede de galhos atrás de Ren para funcionar como barreira.

Repulsa e raiva me percorriam em ondas enquanto eu dilacerava as criaturas letais. Era uma sensação boa. Parecia ser a coisa certa a fazer. Em algum momento da luta, porém, me dei conta de que minha raiva e minha repulsa não eram dirigidas aos demônios, por mais nojentos que fossem, mas a mim. Que a

criatura sombria e baixa que eu realmente queria destruir era o homem que eu era. Uma alma covarde e negra que preferia esgueirar-se para a escuridão a se pôr de pé e lutar pelo que queria.

Com os últimos *kappa* liquidados, segui a trilha de Ren de volta a Kelsey, torcendo desesperadamente para que tivesse tomado a decisão certa ao assegurar a fuga de Ren em vez de voltar eu mesmo até ela. As árvores ganharam vida e açoitaram meu rosto com os galhos, deixando uma dorzinha incisiva em todos os lugares que tocaram, mas dessa vez aceitei a dor aguda. Acolhi-a. Eu merecia a dor, então me regoziquei com ela. E pedi mais. No entanto, ainda não era penitência suficiente.

Quando tomei a encontrar Ren, ele estava eliminando o *kappa* que estivera sugando o pescoço de Kelsey. Eu me amaldiçoei por deixá-la sozinha. Por não ter me lembrado de que ela havia sido atacada. Amaldiçoei o fato de não ter vindo nessa busca, de não ter ajudado. Kelsey estava pálida. Seus membros caíram, flácidos, junto ao corpo de Ren quando ele a levantou. Uma substância negra vertia do ferimento no pescoço dela.

Eu tinha feito isso. Ela estava machucada por minha culpa. Cada dor que ela sofria aqui, cada desconforto, cada risco, tudo isso poderia ter sido eliminado, ou pelo menos aliviado, se eu tivesse agido como homem. Senti cada passo doloroso que Ren dava como uma adaga em meu coração. Estremeci com os gemidos de dor que ele não conseguia reprimir ao ajeitar Kelsey cuidadosamente em seus braços, que ainda estavam em processo de cura.

Nunca mais, eu jurei. Nunca mais vou permitir que outra pessoa sofra por causa da minha inércia.

Ren carregou Kelsey até uma caverna e procurou madeira para fazer uma fogueira, nunca se afastando muito dela. Fiquei empoleirado, invisível, no morro ali perto e me forcei a ver o sofrimento de Kelsey. O mínimo que eu podia fazer era ficar ali com Ren, mesmo que ele não soubesse. Minhas brincadeiras tolas na selva, enquanto ele levava mangas para Kelsey, pareciam infantis agora. Eu era um homem pregando peças como um garoto mimado.

Embora devesse ter se transformado em tigre para se curar mais rápido, Ren permaneceu como homem para poder cuidar de Kelsey. Seu corpo humano tentava se curar e eu estremeci, sabendo a dor que ele estava experimentando.

Quando nos machucávamos como tigres, os ferimentos se curavam mais de cinco vezes mais rápido do que quando estávamos na forma humana. Como homens, uma febre acompanhava a regeneração, uma febre tão alta que um ser humano normal morreria. A sensação era de que nossas veias estavam pegando fogo quando isso acontecia. Também nos curávamos rápido como humanos, mas suportar essa dor por um tempo extenso era um grande sacrifício da parte de Ren.

Gentilmente, ele pôs panos molhados no braço e na testa de Kelsey, embora seus braços tremessem e o suor escorresse de suas têmporas. Ren falava com a forma inconsciente dela e suas palavras me ferroavam de várias maneiras. Ela já significava tudo para ele. Ele era ferozmente protetor em relação a ela e se culpava por quaisquer ferimentos que ela viesse a sofrer quando estava sob seus cuidados.

Poucas horas depois, alguns *kappa* alcançaram o acampamento. Ren ergueu a *gada* e se preparou para se defender mais uma vez. Em vez de fixar seus sinistros olhos negros em Ren, eles hesitaram e ergueram a cabeça para mim. Ren olhou em minha direção, mas eu permanecia invisível para ele. Como se fossem um único ser, os *kappa* avançaram e Ren ergueu a arma com o braço bom.

Tocando o pedaço da água do amuleto, sentindo sua forma pressionada contra a carne de meu polegar, fechei os olhos e comecei a falar em uma língua que eu não conhecia. As palavras soavam sombrias, líquidas e suscitaram uma resposta nos *kappa*, cujo avanço se desacelerou até cessar. Um deles começou a falar e, embora eu não compreendesse completamente as palavras, o significado era claro. Eles queriam. Eles precisavam. Eles cobiçavam. E nos consideravam seus inimigos. Sua presa. Era seu direito nos caçar.

Repliquei em tom sussurrado e rebuscado, formando palavras que pareciam turvas como um pântano ao escapar de meus lábios. O farfalhar das árvores ao vento que eu havia criado levava as palavras direto até eles e ocultava minha voz do tigre com a audição ampliada. Eu sussurrava não para eles, posto que eles não acatavam o poder do amuleto, mas para a água que fluía neles e através de suas guelras: *Adormeçam, recuem, desapareçam, ou eu tirarei as águas que sustentam vocês.*

Os demônios oscilaram para a frente e para trás com suas pernas grossas, piscaram os olhos de crocodilo várias vezes, como se considerando minha autoridade, e então finalmente voltaram a seus covis aquáticos. Quando senti que todos eles haviam voltado para a água, congelei o rio para que não pudessem sair e deixei um comando para que as águas permanecessem congeladas até Kelsey e Ren deixarem Kishkindha.

Ren e eu cochilávamos apenas ocasionalmente, mantendo Kelsey sob vigília por dois dias. Embora eu pudesse ter acelerado o tempo, não o fiz. O mínimo que podia fazer era ficar com ele. Ren acreditava que Kelsey estava morrendo. Ele parecia destruído. Inconsolável. Eu já o tinha visto assim. Era como estava quando ela partira para o Oregon. Meu coração doeu ao pensar nisso, mas então lembrei que o amor de Ren por Kelsey nunca foi a questão. Não foi por isso que eu viera.

Na noite do segundo dia, Kelsey piorou. Ela estava perdendo a batalha contra o veneno *kappa*. Ela se contorcia de dor e eu enxuguei lágrimas de raiva. Sabia sobre essa parte. Não havia nada que eu pudesse fazer para interromper o processo. *Por que Fanindra não a mordida para deter o abominável veneno?* Enquanto Ren tentava fazê-la beber água, eu sussurrei: “Vamos, Fanindra. Kelsey precisa de você.”

Naquele momento, a cobra dourada acordou. Ela deslizou, deixando o braço de Kelsey, e enroscou-se perto da coxa de Ren. Ele nem a notou. Dilatando o pescoço, a língua dela projetou-se para fora da boca diversas vezes e então ela se virou e olhou diretamente para mim. A cobra balançou-se para a frente e para trás, como se esperasse que eu reconhecesse sua presença.

Eu sabia que precisava pedir.

Sussurrando para a escuridão, implorei a Fanindra que ajudasse Kelsey, que a livrasse da dor e a curasse daquele veneno demoníaco. A cabeça da serpente ergueu-se e sua língua disparou, como se sentisse o sabor de minhas palavras. Então, coleando, deslizou o corpo de escamas douradas pelo ombro de Kelsey, ergueu a cabeça, escancarando a boca, e deu um bote rápido. Repetiu o processo várias vezes.

Ren estava de costas para ela, remexendo na mochila, quando isso aconteceu. Fanindra estava novamente enroscada e inanimada quando ele levou a

garrafa de água até os lábios de Kelsey, que arquejou e levou os dedos ao pescoço. Foi nesse momento que Ren finalmente notou os orifícios na pele. Com cuidado, limpou os ferimentos e ergueu Kelsey nos braços.

Quando ela perdeu a consciência, ele ameaçou a cobra reluzente:

– Se você salvar a vida dela com o que quer que tenha feito, então eu devo minha vida a você. Mas, se ela morrer, esteja avisada que vou encontrar uma forma de destruir tanto você quanto a deusa que nos mandou nesta busca.

Algo sombrio e agourento fêrvilhcou nos olhos de meu irmão naquela noite escura, algo com que eu estava bastante familiarizado. Algo que eu nunca quis que ele conhecesse. Meus pensamentos voltaram-se para a deusa que ele mencionara. Minha testa se franziu. A ideia de que Ren ou qualquer outra pessoa pudesse fazer mal a Anamika era ridícula e, no entanto, me incomodou quando eu pensei que a estava deixando tanto tempo sozinha. Fechando os olhos, testei nossa conexão e fui assegurado de que ela não sofrera qualquer mal durante minha ausência. Mudei de posição, sentindo-me um tanto culpado, mas determinado a seguir meu caminho.

Logo ficou evidente que Kelsey estava se curando e, depois do nascer do sol, ela acordou. Ren ficou abraçado a ela e expressou seus sentimentos de uma forma melancólica, como eu jamais poderia fazer. Como eu poderia competir com um poeta que seduzia as mulheres com discursos floreados?

Na verdade, o fato de Ren expressar abertamente seus pensamentos e sentimentos para Kelsey a essa altura me surpreendeu. Ele confiava nela. Contou-lhe coisas que nunca havia confiado a mim ou a meus pais, nem mesmo a Kadam, até onde eu sabia.

Que ele também estivesse contemplando pôr fim à sua existência era algo de que nunca tínhamos falado. Eu me identificava com isso. E, no espaço de alguns minutos, passei a ver meu irmão sob uma nova luz. Talvez ele tivesse sofrido tanto quanto eu. Talvez, quando viu Kelsey, ele também tenha enxergado uma saída, um caminho, uma forma de deixar para trás nosso triste destino.

Eu não o culpava por amá-la.

Não o culpava por querer sair da selva um homem completo.

Não o culpava por aproveitar sua chance de tê-la.

Fechando os olhos, respirei fundo. Kelsey respondeu às emocionadas palavras de Ren dizendo: “Está tudo bem. Eu estou aqui. Não precisa ter medo.”

Mantendo os olhos fechados por mais um momento, fingi que ela estava falando comigo. Pousando a mão em *meu* braço. Confortando o tigre *negro*, não o branco.

Kelsey agradeceu a Ren e em seguida a Fanindra por salvar sua vida, e eu não pude deixar de sentir uma certa amargura com o fato de que, na verdade, fora eu quem a salvara e ela nunca saberia. Grunhindo, saltei para a boca da caverna para segui-los até o interior e corrigi esse pensamento: Kelsey não sabia... *ainda*.

Segui os dois através da caverna e fiquei fascinado com os lampejos de cenas do nosso passado e do futuro deles. A caverna assombrada não exercia nenhum efeito sobre mim, afora zombar de mim com imagens de coisas que me traziam arrependimento. Anamika apareceu perto do fim. Ela era jovem e estava chorando, algo que eu nunca a vira fazer. Tinha um machucado no rosto e, se eu não conhecesse a natureza daquela caverna, teria ido atrás dela para cuidar de seu ferimento.

No túnel que levava a Hampi, eu me locomovi o mais silenciosamente que pude, mas, vira e mexe, Ren olhava para trás e de tempos em tempos parava para ouvir. Em determinado ponto, ele farejou o ar e eu me dei conta de que ele poderia identificar meu cheiro. Então, com algumas palavras sussurradas para o amuleto, mascarei meu cheiro, como Kadam fizera, e logo o único cheiro que eu podia sentir, além do de Ren e de Kelsey, era o do musgo que crescia nas paredes.

Kelsey estava exausta e, na maior parte do tempo, alheia tanto a Ren quanto ao ambiente. O fato de que ele estava apaixonado por Kelsey, mesmo no começo, era indiscutível. Mas eu já sabia que *ele* a amava. A pergunta que permanecia era: ela o amava verdadeiramente mais do que amou a mim?

Avançando no tempo, espionei os dois. Ondas de esperança foram desfeitas por cenas ternas que torturaram meu coração e me despedaçaram. Obriguei-me a

analisar suas discussões íntimas, ouvi suas promessas sussurradas e vi o amor crescer entre eles.

Disfarçando-me de garçom, eu os servi no Dia dos Namorados e mal pude me conter para não puxar a cadeira onde ele estava sentado antes de ela se acomodar no colo dele. Escondido nos arbustos, eu o vi presenteá-la com uma tornozeleira e implorar que ela não o deixasse. Na festa em Trivandrum, eu o observei desprezar o harém de garotas e se afastar com uma expressão sombria no instante em que Kelsey se retirou em lágrimas.

Invisível, espiei sua conversa no iate logo depois de Ren recuperar a memória e me empolguei por um breve momento quando Kelsey disse que ia ficar comigo. No entanto, avançando um pouco no tempo, deparei com os dois colados em um abraço muito íntimo na cabine dele, em uma época em que, supostamente, ela estava comigo. Quando apertei o amuleto, a cena desapareceu. Murmúrios de aflição irromperam de meus lábios enquanto eu girava em um turbilhão, sem saber aonde deveria ir a seguir ou o que realmente estava tentando fazer.

Minha mente aquietou-se um pouco e concluí que o que mais me confortaria e me ajudaria a compreender os sentimentos de Kelsey por mim seria reviver os momentos em que senti seu amor. Um sorriso aflorou em meu rosto quando observei nossa guerra de sorvete e revivi momentos em Shangri-lá que provavelmente significavam mais para mim do que para ela. Kelsey parecia satisfeita de mãos dadas comigo enquanto caminhávamos pela selva e ao se agarrar a mim com força quando a carreguei depois que ela torceu o tornozelo tentando resgatar Ren.

Quando cheguei ao dia em que a pedi em casamento, franzi a testa, vendo que ela estava distraída. Foi preciso estudar a cena de vários ângulos diferentes e finalmente me disfarçar de banhista, tomando sol na areia, antes de me dar conta de que ela estava distraída por *Ren*. Enquanto meu eu passado se debatia com o que dizer e como soar romântico, tudo que Ren precisou fazer foi sair da água e todas as mulheres em um raio de mais de um quilômetro suspiraram por ele, inclusive aquela que estava em vias de se tornar minha noiva.

Ren ficou paralisado quando me viu oferecer o anel a Kelsey e então disparou morro acima como um raio, transformando-se em tigre assim que os arbustos

lhe deram cobertura. Mesmo então, naquele momento, tive o pressentimento de que alguma coisa estava errada. De que Kelsey parecia quase triste ao aceitar a proposta. Ignorei o desapontamento que senti. O fato era que ela *havia* se tornado minha noiva. Mesmo sabendo que Ren tinha visto tudo, ela assumiu um compromisso comigo, e era óbvio, observando nós dois juntos, que ela sentia alguma coisa por mim.

Deixando a praia, voltei no tempo até nosso encontro no iate. Das sombras, assisti inúmeras vezes ao nosso beijo.

“Você devia se sentir muito solitário”, disse Kelsey enquanto eu via a cena pela décima vez.

“E me sentia mesmo”, meu outro eu respondeu. “Fazia tanto tempo que estava sozinho que me achava o último homem na Terra. Então, quando vi você, foi como um sonho. Você era um anjo que finalmente tinha chegado para me resgatar da minha existência infeliz.”

Eu ainda me sentia assim. A maldição foi quebrada para Ren, mas não para mim. Eu ainda estava preso a uma existência infeliz, e essa garota era a única pessoa no universo que poderia pôr fim nisso. Cruzei os braços e me encostei em um pilar, movendo os lábios conforme as palavras que havia muito eu tinha decorado eram ditas:

“Quis ficar com você, sem me importar com quem iria magoar ou em como isso iria fazer você se sentir. Eu queria que você me quisesse da mesma maneira, e você não queria. Queria que sentisse por mim o mesmo que sentia por Ren, mas você não era capaz disso.”

“Mas Kishan...”

“Espere... deixe-me terminar. Não sei se foi algo que aquele pássaro idiota fez comigo em Shangri-lá, mas tenho sido capaz de enxergar com mais clareza desde então... não só no que se refere ao meu passado e a Yesubai, mas a você também, e ao meu futuro. Eu sabia que não ia ficar sozinho para sempre. Vi isso no Bosque dos Sonhos.”

Refleti por um momento sobre as visões que me foram dadas no Bosque dos Sonhos. Talvez tivesse sido orgulho o que me motivou a esconder o conhecimento de que o bebê de Kelsey tinha meus olhos. Aquele doce

bebezinho de olhos dourados embalado por sua linda mãe era uma imagem que me perseguia em todos os momentos em que eu estava desperto.

Ela lhe dera o nome de Anik. Isso eu tinha lhe dito, mas o que eu não partilhara era o fato de que o nome do meio era Kishan. Anik Kishan Rajaram, meu filho de olhos dourados. Talvez, se eu lhe tivesse dito o que sabia, ela tivesse se sentido de outra maneira. Nosso relacionamento poderia ter sido mais fácil, e Ren, uma influência menor. No entanto, meu ego atrapalhou tudo. Eu queria que ela me escolhesse porque *me* amava, não por causa de uma visão.

Estúpido! Que diferença isso teria feito? Kelsey tomou uma decisão sem ter todas as cartas na mesa. Como eu poderia esperar que ela ficasse, se ela não sabia o mesmo que eu? Tornei a voltar a atenção para a cena que se desenrolava à luz de velas.

Vi o Kishan lá embaixo tocar os lábios de Kelsey. Se eu fechasse os olhos, ainda podia sentir aquela textura de veludo sob a ponta dos meus dedos.

“Eu não estava pronto para ter um relacionamento naquela época. Não tinha nada a oferecer. Não para uma mulher deste tempo. Mas Shangri-lá me deu algo mais valioso do que mais seis horas por dia como homem. Me deu esperança. Uma razão para acreditar. Por isso esperei. Aprendi a ser paciente. Aprendi a viver neste século. E agora... o mais importante: acho que finalmente aprendi o que significa amar alguém.”

Meu antigo eu tinha pelo menos uma gota de bom senso. Ele, ou eu, tivera paciência, e essa paciência tinha valido a pena. Talvez, se eu pudesse reunir um pouco mais de paciência, as coisas terminassem bem. Ainda tinha tempo. Muito tempo, na verdade. Não havia razão para que um casamento tivesse de acontecer. Eu podia parar aquilo antes que as coisas fossem longe demais.

Ouvi um rangido quando Ren apareceu em meu campo de visão. Ele se agachou no convés logo abaixo do meu e observou o casal abaixo com o mesmo fascínio e a mesma atenção que eu vinha lhes dedicando. Seus dedos seguraram com força a cadeira de piscina perto dele.

O antigo Kishan disse:

“Então, suponho que a única questão restante, Kelsey, seja... será que os meus sentimentos são correspondidos? Você sente pelo menos uma pequena parte do que eu sinto por você? Há um pedaço seu que pode reservar para mim?”

Que eu posso chamar de meu? Que eu posso tomar para mim e guardar para sempre? Prometo que vou valorizá-lo e defendê-lo ardorosamente por todos os dias da minha vida. Seu coração chega a bater por mim, meu amor?”

Após um breve momento, Kelsey respondeu:

“Claro que sim. Não vou permitir que você fique sozinho nunca mais. Eu também amo você, Kishan.”

Assisti ao beijo, lembrando a força e a paixão presentes nele, e senti inveja de meu antigo eu por ter aquela experiência naquele momento. As palavras de Kelsey ecoavam em minha mente. Um pedaço dela pertencia a mim e sempre pertenceria. Eu sabia que isso era verdade. Quando Ren perdeu a cabeça, atirou a cadeira e um caos geral se seguiu, murmurei silenciosamente as palavras da promessa de Kelsey para o ar escuro e balsâmico:

– Eu não vou ficar sozinho.

– É claro que você não está sozinho – declarou uma zombeteira voz feminina atrás de mim.



Captura

Girando na direção do som às minhas costas, deparei com Anamika sorrindo afetadamente. Meu instinto dizia para agarrar o braço dela, mas o olhar que ela me lançou me fez parar, e eu me contive a tempo.

– O que está fazendo aqui? – sibilei.

Ela deu de ombros.

– Você ficou fora muito tempo.

Eu estava prestes a dizer que retornaria na manhã seguinte e que não tinha nenhuma importância por quanto tempo me afastasse, mas obviamente eu não retornara na manhã seguinte, ou ela não estaria aqui agora. As flutuações na linha do tempo me davam dor de cabeça. Então perguntei:

– Há quanto tempo estou fora?

– Duas semanas. Há quanto tempo você está aqui observando a si mesmo bajular Kelsey?

– Não é da sua conta.

Ela deu um passo em minha direção e olhou a cena lá embaixo. Ao passar por mim, o suave aroma de jasmim de sua pele e de seu cabelo me envolveu. Sua presença me deixou com raiva e o fato de eu gostar do cheiro dela me fez sentir mais raiva ainda.

– Bem, como foi que você chegou aqui? – sussurrei.

– Psiiu. – Ela ergueu a mão.

“Você está... bem?”, o antigo eu perguntou a Ren.

“Agora estou.”

“O que aconteceu com você?”

“O véu do obscurecimento foi removido.”

“Véu? Que véu?”

Ren disse:

“O véu da minha mente. Aquele que Durga pôs em mim.”

Olhei para Anamika, que observava a cena com uma sobrançelha levantada e um perspicaz olhar analítico.

“Agora eu me lembro”, disse Ren. “Eu me lembro de tudo.”

Pouco à vontade, eu queria sair dali e lancei a Anamika uma série de suspiros e olhares significativos. No entanto, ela me ignorou e continuou a estudar Ren lá embaixo.

Quando Ren pediu baixinho “Não vá, *iadala*. Fique comigo”, Anamika enxugou uma lágrima no olho e finalmente voltou-se para mim com uma expressão irritada. Fechou a mão em torno de meu pulso e, embora pudesse ter me livrado de sua mão sem dificuldade, eu a segui quando se dirigiu a uma parte distante e deserta do barco.

Quando ela se deu conta de que o barco não estava preso a terra, entrou em pânico por um breve momento, mas então firmou as longas pernas e segurou a amurada. Sem dizer palavra, segurou o cinto de couro torcido que usava na cintura e, com um rápido movimento do pulso e um estalo suave, a Corda de Fogo elevou-se no céu noturno. Logo uma passagem se abriu e a expressão de Anamika indicou que queria que eu saltasse por ela. Resignando-me ao papel do obediente tigre de estimação de Durga, pelo menos no momento, saltei do convés superior do iate e mergulhei na corrente do tempo.

Permanecendo consciente ao longo do salto, uma vantagem de ser o lacaio imortal de Durga, pousei suavemente no gramado do jardim da casa na montanha e virei-me para observar o portal de fogo para a chegada de Anamika.

Fiquei preocupado quando pareceu que ela estava mais do que alguns passos atrás de mim, e eu estava prestes a saltar de volta através do portal para procurá-

la quando o anel de fogo de repente se fechou com um estalo. Comecei a andar de um lado para outro, me perguntando aonde ela teria ido e o que lhe teria acontecido. Então, alguns segundos depois, outro círculo se abriu. Justamente quando me virei para ele, o corpo dela passou pelas chamas circundantes. Eu a peguei, mas a força com que ela saiu do anel de fogo foi suficiente para me fazer cair.

Rolamos pelo chão algumas vezes e agarrei o corpo dela junto ao meu em uma tentativa de protegê-la e evitar que se machucasse. Amortecendo a maior parte do impacto da queda com minhas costas, paramos com as costas dela pressionadas contra a grama, os lindos cabelos esparramados à sua volta e eu em cima dela. Antes que eu tivesse chance de me mexer ou mesmo de apreciar plenamente a posição em que tínhamos caído, ela começou a se contorcer e se sacudir. Meu gesto protetor foi recebido com raiva, não com gratidão.

– Saia de cima de mim, seu brutamontes! – berrou ela, me empurrando pelos ombros. – Você pesa mais do que um elefante de batalha!

Sua ingratidão me aborreceu, principalmente porque ainda podia sentir o cascalho do caminho ali perto cravado em minhas costas, bem como as gotas de sangue que vertiam dos ferimentos.

– Acalme-se, Deusa. Se ficar parada, vou remover minha deselegante forma elefantina de sua proximidade.

Anamika aquietou-se, mas me lançou um olhar hostil, e quando me levantei, mais devagar do que faria normalmente porque a reação dela me irritou, ela imediatamente afastou-se de mim, recuando até a fonte sem se levantar, e começou a tremer.

Seu medo era tão forte que eu podia sentir o gosto dele no vento.

– Ana – comecei, suavizando a voz –, o que aconteceu? O que é que está assustando você tanto assim?

Olhos verdes arregalados encontraram os meus e se desviaram, envergonhados.

– Não posso falar disso, Kishan. Eu... peço desculpas por minha reação. É que eu tinha de voltar. Tinha de ver aquilo novamente.

Aproximando-me alguns passos, agachei-me, ficando perto o bastante para uma conversa íntima e, ao mesmo tempo, longe o suficiente para lhe dar espaço.

– Voltar aonde? Quando? O que foi que você viu?

Ela sacudiu a cabeça e deixou os cabelos caírem em torno de seu corpo como uma cortina, mas não antes que eu visse o machucado em sua bochecha. Parecia idêntico ao ferimento que eu vira na caverna em Kishkindha. Eu sabia que nossa queda não poderia ter causado uma lesão daquelas. Somente uma coisa poderia – o punho de um homem. Hesitante, perguntei:

– Alguém... um homem machucou você?

Engolindo em seco, ela abraçou as pernas e enterrou o rosto nos joelhos. Balançou-se para a frente e para trás e sussurrou, enquanto lágrimas escorriam por seu rosto:

– Foi há muito tempo. Pensei que, se eu pudesse ajudar, as coisas seriam diferentes.

– Então você tentou oferecer ajuda a alguém? – perguntei, tentando fazê-la falar, mas ela sacudiu a cabeça novamente.

Pouco depois, com voz trêmula, admitiu:

– Tentei ajudar uma garota a escapar das garras de um monstro. Mas travei. Em vez de ajudá-la, piorei as coisas.

– Anamika, por favor, me conte o que aconteceu. Você estava servindo a um rei? Um acólito? – A palavra *monstro* invocava a imagem de uma única pessoa em minha mente: Lokesh. – Você voltou à luta com Lokesh? Era Kelsey a garota que você estava ajudando?

Os ombros dela se contraíram e ela levantou a cabeça de maneira brusca.

– Kelsey? É só nisso que você pensa? Em salvar Kelsey? Encontrar Kelsey? Chorar por Kelsey? Amar Kelsey? Existem mais pessoas no mundo que precisam ser salvas, não só Kelsey!

Ela virou as costas para mim e limpou as lágrimas dos olhos, furiosa. Eu não sabia o que fazer, o que dizer. Abri meus pensamentos para ela e falei gentilmente à sua mente: *Ana, me desculpe. Por favor, me conte o que aconteceu.*

Uma dor vermelha e latejante tomou conta de sua mente e, antes que ela bloqueasse os pensamentos para mim, captei vislumbres de um homem encoberto pelas sombras avultando sobre ela, seu sorriso cheio de um prazer perverso. Ela gritou e o chutou enquanto ele a arremessava brutalmente contra

uma parede. Havia uma garotinha de olhos arregalados na cama atrás dele, chorando, as mãos no rosto. Então a visão de Anamika ficou branca.

Um fogo abrasador cresceu em mim, mais profundo do que qualquer coisa que eu já tivesse sentido. Meus punhos involuntariamente se cerraram e tentei controlar a fúria o suficiente para falar em tom normal, calmo, mas ainda assim a raiva conseguiu infiltrar-se em minhas palavras.

– Quem? – consegui enunciar. – Quem bateu em você?

Isso só fez com que ela recomeçasse a chorar. Aproximei-me ainda mais e disse:

– Ana, vou pegar você e levá-la para dentro. Tudo bem por você?

Ela não assentiu, mas tampouco protestou. Então, lentamente, como se estivesse carregando um recém-nascido, passei os braços por baixo de seus joelhos e por trás de suas costas. Com muito cuidado, a ergui, e o peso e a culpa que eu estava sentindo abrandaram um pouco quando ela enterrou a cabeça em meu peito.

Abrindo nossa conexão e dando-lhe pleno acesso a tudo que eu era e tudo que eu sentia sem pedir o mesmo dela, falei em sua mente e assegurei-lhe que eu jamais a machucaria daquela forma. A raiva que tomou conta de mim contra quem quer que tivesse feito isso com ela me consumiu a ponto de eu esquecer todas as minhas preocupações e meus receios.

Depositando um beijo em seus cabelos, atravessei o corredor e senti que ela relaxava de encontro a meu corpo. Percebi que minha conexão aberta a ajudava a confiar em mim ou, se não em mim, em minhas intenções. Amaldiçoando-me por me fechar para ela e sabendo que não cumprira a promessa feita a seu irmão de que tomaria conta dela, eu me repreendia enquanto a colocava com todo o cuidado em sua cama e me virava para o lavatório e pegava uma toalha molhada.

Enquanto eu limpava as lágrimas de seu rosto, ela disse:

– Ele não sabia.

Fiz uma pausa.

– Quem não sabia?

– Meu irmão. Eu nunca contei a ele o que aconteceu... com a garota.

Mil perguntas surgiram em minha mente. Eu havia deduzido que esse homem que a machucou fizera isso em sua viagem recente, o que explicaria o

ferimento, mas, se seu irmão estivera junto, então devia ter acontecido no passado. Refleti sobre as imagens que vira, mas não consegui dar sentido a elas.

– Kadam tinha razão – disse ela. – Eu não pude salvá-la do monstro.

– O que você fez foi perigoso, Ana. Você poderia ter cruzado o caminho de seu antigo eu no passado.

– Achei que pudesse mudar o que aconteceu – sussurrou Anamika.

Sabendo instintivamente que ela não queria ficar sozinha e que também não estava pronta para falar sobre o assunto, ajeitei os cobertores em torno dela e peguei sua mão.

– Vou massagear sua mão. Se em algum momento isso a deixar desconfortável, é só falar que eu paro.

Anamika não disse nada, mas não tirou a mão da minha. Comecei pelos dedos e segui em direção à palma.

– Você fazia isso... essa esfregadura nos dedos de Kelsey? – perguntou ela.

– Fazia.

– É... gostoso.

– Que bom.

– Estou envergonhada do meu comportamento quando você me segurou no jardim. Peço seu perdão.

Ergui os olhos e me vi, por um momento, preso em seus grandes olhos verdes.

– Não há nada para perdoar, Deusa.

– Agora que sabe isso sobre o meu passado... não quero que você me veja como uma fracote. Enfrentei homens muitas vezes depois daquilo e fiz isso com sucesso, mas, quando estou perto de você, acho difícil...

– Difícil o quê?

– Ficar distante. Minhas emoções afloram quando estou perto de você. Talvez isso se deva à nossa conexão.

– Pode ser.

Deslizei os dedos até o pulso dela e achei sua pele tão incrivelmente macia que tive de me dar uma sacudidela mental para voltar a me concentrar.

– Desculpe por me fechar para você, principalmente quando precisou de mim – eu disse.

– Não preciso de homem algum. De um tigre, talvez, mas não de um homem. Pelo menos, não como Kelsey precisa.

Franzindo a testa, perguntei:

– Então por que estava interessada em Ren?

– Dhiren não me pressionava como outros homens fazem.

– Como assim?

– Ele não esperava que eu... o bajulasse.

– Bajulasse?

Anamika suspirou, frustrada.

– Sim, bajulasse. Como quando Kelsey pegava sua mão, tocava você ou – ela engoliu em seco e passou a língua pelos lábios – beijava você.

– Você está falando de um relacionamento físico.

– Sim. Dhiren não esperava isso de mim.

Não pude evitar. Dei uma gargalhada.

– Pode ter certeza que esperava de Kelsey.

– Por que os homens têm de exigir isso? Não basta terem uma mulher forte a seu lado? Uma mulher que irá apoiá-los e lutar com eles?

– Um homem pode querer isso de um guerreiro de confiança. Mas sua companheira de vida deve ser mais. Homens bons não fazem exigências ou magoam as mulheres que eles amam, Anamika. Mas tocar é um desejo natural, normal, entre um homem e uma mulher.

– E Kelsey gostava desses toques e beijos?

– Gostava.

– Você – ela lutou com as palavras – massageava o resto do corpo dela?

Eu não tinha muita certeza do que ela estava perguntando e não queria dizer a coisa errada, então respondi da forma mais direta que pude:

– Eu massageava os braços, os pés, os ombros e a cabeça de Kelsey, embora também possa fazer massagens nas pernas ou nas costas. Se você está se referindo a toques mais íntimos, então não, não fazia.

Depois de levar alguns instantes ponderando essa informação, Anamika disse:

– Você pode massagear meus pés, se quiser.

Escondendo o sorriso, passei para os pés dela e fiquei encantado ao vê-la fechar os olhos e relaxar no travesseiro. Quando terminei a massagem na outra mão, ela já estava dormindo e, em vez de seguir para meu quarto ou para o jardim, como normalmente eu fazia, saí em silêncio do quarto e dormi ali fora como tigre, meu corpo grande bloqueando a porta fechada.

Eu dormia profundamente quando a porta se abriu de repente e acertou minha cabeça de tigre. Diante de meu suave e queixoso rosnado, Anamika passou pela porta e então me fuzilou com os olhos, pondo as mãos nos quadris. Transformando-se mais uma vez de garotinha vulnerável em uma poderosa deusa, ela anunciou que estava na hora de avançarmos para o próximo item na lista de Kadam e, se isso não me agradasse, azar o meu.

Não gostei dessa reviravolta. Nem um pouco. As implicações do fracasso de Anamika em salvar seu eu passado de um homem lascivo significavam que os planos que eu havia feito para mim estavam cheios de bloqueios iminentes, e a última coisa que eu queria era acrescentar mais troncos à represa que me impedia de consertar o passado para obter o que queria.

Ela apresentou a lista e o item seguinte era nos certificarmos de que Ren fosse capturado. Após refletir sobre isso por um momento, concluí que estava de acordo com esse item. Se eu quisesse conhecer Kelsey no futuro, hã... passado, então Ren tinha de estar no circo.

Cogitei brevemente a ideia de que eu poderia me fazer capturar no lugar dele, mas um tigre negro era tão raro que, provavelmente, eu seria mantido na Ásia para sempre e nunca iria parar naquele pequeno circo no Oregon. Além disso, havia o probleminha de eu não envelhecer. Seria muito difícil fazer dar certo, então era necessário colocar Ren em uma jaula.

Assim que nós dois ficamos prontos, Anamika se pôs a meu lado e, quando lhe ofereci a mão, ela a pegou. Juntos desaparecemos de nossa casa na montanha e nos rematerializamos em meu antigo território. Captando meu cheiro de tigre, abaixei-me imediatamente e a puxei comigo, levando o dedo aos lábios para indicar que ela devia ficar quieta.

Um suave rugido ecoou em meio às árvores e, justamente quando minha antiga forma enfiou a cabeça entre a vegetação para investigar, Anamika envolveu meu bíceps com a mão e ficamos invisíveis, mergulhando nossos corpos em uma corrente do tempo, que também mascarava nossos cheiros. O tigre negro aproximou-se de nós e passou um bom tempo farejando o ar. Então, para minha surpresa, atravessou nossas formas agachadas. Com um rápido movimento da cauda negra, ele se foi.

– Essa foi por pouco – disse Anamika baixinho após nos rematerializarmos um momento depois. – Você se lembra disso?

– Não. Lembro-me muito pouco dos meus dias na selva.

– Ótimo. Vamos procurar os caçadores então?

Voltando meu nariz para o vento, comecei a caminhar na direção leste, parando com frequência para farejar a área e movendo-me o mais silenciosamente possível pela floresta. A seu favor, devo dizer que Anamika era uma companhia silenciosa atrás de mim. Quando me virei para olhá-la, ela permanecia alerta, o arco dourado a postos, com uma flecha preparada. Mais uma vez ela usava seu vestido verde e as botas que iam até as coxas, e não emitia nem um sussurro, embora as folhas secas na trilha crepitassem até mesmo com meus passos cuidadosos.

Refleti sobre sua ideia do que queria de um homem. Anamika afirmava que não precisava de um, e em todas as minhas pesquisas sobre a deusa Durga nunca encontrei uma indicação de que ela houvesse tido um companheiro. Sua única companhia era o tigre, Damon. Seria fácil ser o tipo de homem que ela queria, o tipo de que precisava. Com meu *chakram* pendurado no bolso e minha habilidade em empregar dentes e garras, eu poderia ser exatamente o que ela precisava – uma companhia que lhe desse proteção. O problema era que... eu queria mais.

Eu sonhava com uma casa onde haveria uma mulher que me amasse, que me enlouquecesse tanto com debates passionais quanto com abraços apaixonados – o tipo de relacionamento que meus pais tiveram. Além disso, eu queria filhos. Um filho que eu pudesse ensinar a caçar e com o qual pudesse lutar; uma filha linda e doce, com o ímpeto da mãe. Quando os pretendentes aparecessem, eles

pensariam duas vezes em como a tratariam, com um pai que poderia rasgá-los em dois.

Era triste pensar em todas as coisas de que Anamika estava disposta a abrir mão. Ela se resignara a um futuro sem amor e ternura. A perda do irmão deve ter sido realmente difícil para ela.

Nuvens deslizavam pelo brilhante céu azul, mas a selva estava abafada, apesar das sombras das árvores. Ao sol do meio-dia, o suor escorria por minha nuca e me encharcava a camisa. Anamika enxugou a testa. Sua pele reluzia no calor; apesar disso, ela não se queixava, e me vi admirando não só sua energia, mas a maneira como seus cabelos se encaracolavam na umidade.

Não pude evitar compará-la com Kelsey. Minha ex-noiva teria resmungado por causa do calor pelo menos uma vez por hora enquanto caminhava ruidosamente a meu lado. Eu não me importava. De verdade. Mas isso dificultava bastante emboscar uma presa. Como eu recentemente tinha visto Kelsey avançando com dificuldade pelo matagal, tagarelando com Ren como um passarinho contente, ela oferecia um chocante contraste com a jovem que caminhava a meu lado.

Enquanto Kelsey me mantinha entretido com sua alegre tagarelice e suas histórias, Ana era pensativa e quieta. Seus olhos estavam fixos na selva, e seus sentidos, alertas ao ambiente ao redor. Quando ergui a mão, indicando silenciosamente que deveríamos seguir para oeste, Anamika assentiu e avançou de maneira tranquila, encontrando trilhas com a mesma facilidade que eu.

Kelsey, por outro lado, costumava se perder, embrenhava-se pela vegetação impenetrável ou precisava de um empurrãozinho para se manter na trilha certa. Ela espalhava suas coisas pelo acampamento. Suas roupas, o diário e os apetrechos eram jogados aleatoriamente, como se ela estivesse plantando um jardim de coisas arbitrárias, e ela acabava deixando seu cheiro por toda parte. Qualquer idiota que soubesse alguma coisa sobre rastreamento poderia seguir sua trilha tão facilmente quanto a de um rebanho de búfalos.

Ana, porém, mal deixava vestígios. Era como um espectro na floresta, um fantasma. Às vezes, enquanto caminhávamos, ela desaparecia por completo. Eu parava e me virava, apurando os ouvidos em busca de um sinal de seu paradeiro, e ela então surgia de repente dos arbustos com a mão cheia de futinhas

silvestres ou a muda de uma planta que queria acrescentar ao jardim de casa. Eu olhava carrancudo para ela, mas Anamika simplesmente erguia uma sobrancelha, me desafiando a dizer alguma coisa. Era mais fácil manter a paz.

Não demorou para que encontrássemos um grupo de caçadores. O cheiro de morte e de medo agarrava-se a eles como uma doença. Criaturas da selva fugiam diante daquele fedor, se distanciando o máximo possível daqueles humanos. Anamika franziu o nariz, como se também pudesse sentir seus cheiros. Um calor ondulante pairava sobre o grupo que penava em meio às árvores. Saber o que eles eram, o que faziam, trazia um gosto de bile à minha boca.

Mesmo da distância em que nos escondíamos entre as árvores, eu conseguia distinguir dezenas de aves e animais enjaulados, peles de todos os tipos e o inconfundível brilho do marfim projetando-se de grandes bolsas. Um homem provocou uma criatura em uma das jaulas, oferecendo um pedaço de carne e então afastando-o. Sua gargalhada me atravessou como uma fada. Se eu ainda não estivesse irado, teria ficado depois de vê-lo escarnecer da pobre criatura. Uma sólida onda de fúria se retorceu em minhas entranhas ao pensar em deixar Ren nas mãos desses homens. De repente, a ideia de enviar Ren a uma jaula daquelas não me caía muito bem. Foi Ana que chamou minha atenção e me distraiu da cena.

Ela me puxou, deu a volta em um grupo de árvores e apontou. Daquele ângulo podíamos distinguir alguns homens saindo de um poço. O líder grunhiu suas instruções e os homens pegaram um dos menores animais de uma jaula, mataram-no e içaram a carcaça sangrenta acima do buraco que tinham feito. Rapidamente o cobriram com longas varas entrecruzadas e dispuseram folhas através dos galhos até que o poço estivesse escondido. Quando se deram por satisfeitos, pegaram suas bolsas e jaulas e se foram, adentrando mais a selva.

Julgando seguro o tempo de meia hora que esperamos depois que se foram, saímos do meio das árvores e esfreguei o queixo, inspecionando a armadilha.

– Ele não vai cair nesta. É inteligente demais. Mesmo assim – murmurei, curvando-me para espiar através das folhas que cobriam o poço –, tem lanças afiadas lá dentro. Ele poderia se curar se fosse empalado, mas teria dificuldade de se libertar.

– Então vamos fazer uma segunda armadilha e cuidar para que ele não veja esta – disse ela.

– Acha que é uma boa ideia? Mesmo que ele caia, como pode ter certeza de que os caçadores a encontrarão?

– Vamos colocar a segunda perto da primeira.

– Os caçadores não vão perceber que não é a armadilha deles?

– Esses não são o tipo de homem que honra qualquer código de caça. Se o virem, vão levá-lo. Só precisamos nos certificar de que o vejam.

Usando o poder do Amuleto de Damon, Ana cavou a terra rapidamente, abrindo outro poço ao lado do primeiro. Quando ficou preparado, ela apagou nossos cheiros e subimos bem alto em uma árvore para esperar Ren. A princípio, fiquei preocupado com a possibilidade de esperarmos muito tempo, então nos transportei para a manhã do dia em que Ren havia desaparecido; estávamos na árvore havia pouco tempo quando o ouvi.

Ouviu-se um estalo nos arbustos e, com um gesto da mão, Anamika nos tornou invisíveis. A cabeça de tigre de Ren projetou-se da vegetação e ele ergueu o focinho no ar. Esperou algum tempo, atento a possíveis ruídos, e então saiu de entre os arbustos, espreguiçou-se e ergueu a cabeça para olhar a carne crua. Com cuidado, circundou o poço, intencionalmente empurrando com o focinho as folhas que cobriam o buraco até deixá-lo exposto. Ele franziu o focinho, em uma careta felina, quando viu as varas pontiagudas que se projetavam lá de dentro, no buraco.

Olhando mais uma vez para a carne, lambeu os bigodes. Era uma refeição fácil e ele provavelmente estava com fome. Ren não gostava de caçar tanto quanto eu. Era comum que eu levasse minhas caças para casa e as partilhasse com ele. Ren tinha os mesmos instintos que eu, mas odiava ceder à sua metade tigre. Quando estava perto do segundo poço, Anamika disparou uma série de flechas contra ele, de nosso posto na árvore. Ela errou todas as vezes, de propósito, mas, quando ele começou a rumar para a direção errada, ela permitiu que uma flecha o atingisse de raspão, para que ele voltasse ao outro lado.

Ele saltou para o lado depois que uma flecha perfurou seu flanco e caiu no buraco que Ana tinha feito. Aquele sem as lanças mortais. Silenciosamente, ela desceu da árvore, sincronizando seu corpo com o tempo, de modo que Ren não

pudesse detectá-la. Ela recolheu suas flechas e olhou lá de cima para o tigre que andava de um lado para outro. Eu a segui e, juntos, nos afastamos, nos escondendo entre as árvores, permanecendo perto o bastante para protegê-lo, mas longe o suficiente para que não houvesse risco de ele nos ouvir. Quando ficamos satisfeitos com nossa posição, Anamika acelerou o tempo.

Depois de dois dias para Ren e alguns minutos para nós, ela segurou o amuleto e o tempo desacelerou, voltando ao ritmo normal. Ren já estava com fome ao cair no poço. Eu podia ver suas costelas salientes mesmo através da folhagem. Ele devia estar faminto agora, então Anamika usou o amuleto para que chovesse sobre o poço e ele tivesse água, e afugentou alguns animais pequenos, fazendo-os cair no poço, a fim de que ele tivesse algo para comer. Então ela voltou para meu lado e o relógio disparou para a frente novamente.

Enquanto observávamos e esperávamos, eu me perguntei se Ren teria morrido se eu não estivesse lá no momento exato para cuidar que fosse alimentado. Então me lembrei de como era difícil nos destruir. Ren tivera o coração literalmente arrancado do peito e sobrevivera. Sem dúvida, ficar sem comida e água não iria matá-lo.

Ainda assim, era alentador pensar que minha presença tinha dado algum conforto a seu eu passado. Meus pensamentos voltaram-se do desejo que eu tinha de estar com Kelsey para a captura de meu irmão. Eu não invejava seus anos de cativo e o sofrimento que ele tivera de suportar. Por trezentos anos. Não tenho certeza se eu teria me saído tão bem se estivesse no lugar dele.

Estávamos nos preparando para dar água e comida a ele de novo, no quarto dia, quando percebemos que os caçadores retornavam. Anamika desacelerou o tempo para que pudéssemos ouvir o momento em que descobríamos o resultado de sua caça. Eles se maravilharam com seu prêmio e discutiram por algum tempo se deveriam tirar a pele de Ren ali mesmo ou levá-lo vivo.

Ren rosnava para eles do fundo do poço e tentava atingi-los com as garras sempre que tinha uma chance. Ele rugiu bem alto e reconheci seu grito. Era para chamar minha atenção. Devia ter pressentido minha proximidade. Eu me sobressaltei. Meu antigo eu estava perambulando pela selva, longe dali, resmungando sobre Yesubai e meu destino. Não ouvi seu rugido pedindo ajuda. *Estou aqui, pensei. Estou com você, irmão.*

Meu irmão jamais saberia disso, é claro. Seu eu passado não chegara a ver o homem que eu me tornara desde então. Esse Ren só conhecia um irmão que o havia traído, roubado sua noiva e se refugiado na selva. Eu sentia vergonha do homem que fora. Se tivesse prestado atenção, teria percebido que ele estava desaparecido. Ele ficara no poço por quase quatro dias. Se eu tivesse procurado minha família com mais frequência, poderia tê-lo encontrado facilmente. O fato era que sua captura fora a tragédia final que levara meus pais a seu leito de morte.

Eu poderia impedi-la.

Mudar seu passado. Mudar nosso passado.

Kadam insistia em que Ren precisava ser levado pelos caçadores. Mas isso era mesmo verdade? Se Ren não tivesse ido para o circo, ele nunca teria encontrado Kelsey. A ideia inundou meu coração de tristeza. Mas talvez, apenas talvez, meus pais tivessem vivido mais tempo. Talvez Kadam não tivesse ido embora. Talvez fosse melhor para Kelsey se nunca nos conhecesse. Pressionei as palmas de encontro às têmporas e apertei. A lógica circular estava me esmagando.

Senti um toque no braço. O calor de Anamika se irradiou por ele. Seu olhar era de compreensão. De compaixão. Inclinando-se, ela encostou os lábios em meu ouvido e sussurrou:

– Vai ficar tudo bem. Confie em nosso professor.

Com um aperto confortador, ela voltou a atenção para os homens. Ana confiava em seu professor, Phet, ou melhor, Kadam, completamente. Eu podia confiar nele tanto quanto ela confiava? Havia feito isso no passado. Sabia que ele tinha segredos. Que havia mais coisas em jogo do que ele nos contava. Dando uma risadinha, me admirei do fato de ele ter conseguido evitar que soubéssemos de tudo isso por tanto tempo. Ele era astuto. Mas eu confiava nele, sim. Sempre confiara. Ninguém amava meus pais, a mim e Ren mais do que ele.

Os gritos dos homens perto do buraco chamaram minha atenção. Quando o líder defendeu a ideia de matar Ren, entrei em ação, me disfarçando como um dos caçadores que havia se embrenhado entre as árvores para se aliviar. Eu disse que conhecia um homem rico que pagaria muito para adicionar um tigre branco vivo a sua coleção de animais selvagens. É claro que, na realidade, eu não

conhecia ninguém assim, mas concluíra que precisava dizer alguma coisa para impedi-los de esfolar Ren.

O líder pareceu surpreso que um de seus subordinados tivesse qualquer conexão com um homem de recursos e exigiu que eu lhe dissesse quem era o homem. Falei o primeiro nome que me veio à mente, Anik Kadam, e disse-lhe o nome da cidade mais próxima. Concorde, então, em levar o tigre vivo para esse Kadam e negociar o pagamento.

Se eu estivesse errado, seria severamente punido. Concordei e escapei para o meio das árvores no momento em que o homem que eu havia personificado retornava.

Embora não tenha sido fácil, eles conseguiram colocar Ren em uma jaula construída às pressas. Foram necessários seis homens para carregá-lo. Como eu não tinha certeza de que não iriam matar Ren no fim das contas, decidimos nos separar. Anamika seguiria a procissão através da selva enquanto eu retornava ao futuro para encontrar Kadam. Suas instruções haviam deixado muito espaço para nossa imaginação e eu não queria arriscar a vida de Ren por causa de uma falha de minha parte.

Peguei a mão de Ana antes de nos separarmos e perguntei se ela preferia retornar ao futuro em meu lugar. Ela sacudiu a cabeça, lembrando-me de que eu estava mais familiarizado com os caminhos de Kadam do que ela. Era uma sensação incômoda deixá-la sozinha com todos aqueles homens, apesar do fato de que ela obviamente conhecia a selva melhor do que qualquer um deles. Eu sabia que Anamika não confiava nos homens em geral e que estar perto deles a deixava nervosa, mesmo com o poder que tinha a sua disposição.

Garantindo-lhe que me apressaria, peguei sua mão e, quando a apertei, passei o braço em torno de seus ombros. Fiquei surpreso quando ela se entregou ao abraço. Acabou antes que eu pudesse reagir. Afastando-me, dirigi-lhe um rígido aceno de cabeça e desapareci, a escuridão espiralando à minha volta enquanto eu ia à procura de Kadam.



O conto de um tigre

Deslocando-me através do tempo e do espaço, concluí que a maneira mais segura de rastrear Kadam era encontrar Phet. Eu sabia a data em que Ren e Kelsey tinham entrado em minha floresta, à minha procura, para que eu os ajudasse a quebrar a primeira parte da maldição, portanto segui para a cabana de Phet... hã... de Kadam, escondida entre as árvores, e deixei o tempo fluir para trás até ver Kelsey e Ren. O poder precipitou-se sobre mim em um jorro quando parei o tempo e deixei que ele progredisse normalmente outra vez.

Kelsey e Ren, em sua forma de tigre, deixaram a cabana e seguiram pela selva enquanto Phet lhes acenava adeus e os encorajava em sua jornada com sua voz cantada. A fumaça saía preguiçosamente da pequena chaminé no telhado enquanto ele os observava se afastar. Quando desapareceram, o estranho meio sorriso desapareceu de seu rosto e ele endireitou as costas até parecer mais Kadam com o rosto de Phet.

Embora ele ainda usasse o disfarce do pequeno xamã, reconheci a expressão cansada. Era como ele estava nas últimas semanas que antecederam sua morte. Engoli em seco, sentindo um nó na garganta enquanto me lembrava dos últimos dias de meu mentor. Como ele devia ter se sentido solitário ao executar seu trabalho sem ter ninguém com quem confidenciar. Ele tornou a entrar na cabana

e eu saí de meu esconderijo, tomando o cuidado de não fazer barulho para que Ren não me ouvisse e se virasse para trás.

Phet reapareceu na porta com uma gaiola, que abriu, encorajando o passarinho ali dentro a retornar para as árvores, mas a avezinha não se movia. Ele ainda não tinha me visto.

– Parece que ele prefere ficar engaiolado – eu disse baixinho da lateral da cabana.

Phet, não... Kadam voltou os olhos arregalados em minha direção.

– O que está fazendo aqui, filho?

– Procurando você. Preciso da sua ajuda.

Ele olhou para as árvores, na direção em que Ren e Kelsey tinham acabado de partir.

– Entre então – disse ele. – Rápido. Não quero que eles nos ouçam.

Abaixei-me, seguindo-o para o interior da cabana, e sentei-me em uma cadeira familiar.

– Então – eu disse, sem saber direito por onde começar. – Esta construção esteve sempre aqui ou foi você que a criou?

Após apoiar a gaiola com o pássaro e deixar a porta aberta para que ficasse livre, ele fechou as cortinas finas da cabana e acendeu uma segunda vela. Não demorou para que eu ouvisse o murmúrio de tecido. Quando ele se sentou, o monge havia desaparecido e em seu lugar estava o homem que guardava mais segredos do que qualquer um deveria ter de suportar.

– Um homem viveu de fato aqui uma vez. A estrutura estava intacta – disse ele. – Eu só acrescentei o suficiente para fazer parecer que alguém vivia aqui no momento.

Ele virou-se para trás, pegou uma chaleira e me serviu uma xícara de chá fragrante, então pôs um prato de biscoitos rústicos entre nós, esfarelando a ponta de um deles e salpicando-a na mesa. O pássaro foi até ali e começou a comer.

– Como posso ajudar? – perguntou.

Kadam parecia mais necessitado de ajuda do que eu.

– Você está cansado – eu disse, talvez um tanto bruscamente demais.

– Há muito que fazer antes que meu esqueleto possa descansar.

– Quanto tempo lhe resta? – indaguei baixinho.

Ele optou por não responder. Em vez disso, levou a xícara aos lábios e bebeu, pensativo, olhando para mim brevemente acima da borda da xícara. Por fim, pousou-a na mesa e disse:

– O tempo é uma coisa engraçada, não é, Kishan?

– Sim – admiti, bebendo da minha xícara. – Pressinto que suas horas restantes são poucas.

– Você deve estar correto, motivo pelo qual deve me dizer o que veio falar.

Deixei escapar um suspiro pesado.

– Muito bem. Capturamos Ren. O segundo item na sua lista.

– Ele está bem de saúde?

– Está ileso.

– Então qual é a questão?

– Simplesmente não sabemos para onde os caçadores devem levá-lo. Essa informação não estava incluída em sua lista. Sugerir aos homens que um rico mercador chamado Anik Kadam poderia estar interessado.

– Então ele estará.

Assenti rigidamente.

– Ótimo. Iremos quando você estiver pronto.

– Você me entendeu mal. – Kadam pousou a xícara na mesa, ergueu uma colher e mexeu bem devagar o líquido restante. Parecia muito velho naquele momento. Mais do que qualquer coisa, eu queria que ele confiasse em mim. Que me ajudasse a aliviar seu fardo. – Não posso acompanhá-lo – disse ele.

– Então... o que você quer que a gente faça?

Ele me fitou e em seus olhos vi o reflexo da eternidade.

– Não cabe a mim instruir vocês – declarou.

Confuso, perguntei:

– Mas não é isso que você vem fazendo todo esse tempo?

– Sim e não. – Kadam sorriu, mas era apenas o eco de um sorriso verdadeiro... um frágil fingimento que parecia errado em seu rosto.

– Acho que não estou entendendo – repliquei.

– A lista que dei a vocês dois cabe a vocês seguir. Se eu interferisse de alguma forma, poderia atrapalhar a maneira como as coisas devem acontecer.

– Você já não interferiu ao nos dar a lista, para começo de conversa?

Kadam sacudiu a cabeça.

– Dar a lista a vocês era algo que eu deveria fazer. Ajudá-los a executar as tarefas aqui descritas não. – Seu tom era quase ríspido, um contraste gritante com seu comportamento normal. Levantando-se abruptamente, ele me deu as costas, guardou com cuidado o chá na prateleira arqueada e se ocupou lavando nossas xícaras e em seguida secando-as. Então me pus de pé para ajudar e trabalhamos em silêncio por um tempo.

Quando ele começou a revirar uma pilha de pergaminhos macios, claramente me ignorando, eu disse:

– Me... me desculpe se estou pedindo muito de você.

Os ombros dele curvaram-se e, devagar, ele virou-se para me olhar, arrependido.

– Não, filho. Sou eu que peço desculpas. É difícil para mim navegar as vias do tempo, como venho fazendo. Estou subjugado à visão do futuro e à perspectiva do passado. As horas passam rápido demais e a dor aguda de saber mais do que eu deveria entorpece minha mente e meu coração. Me perdoe.

– É claro. – Pus a mão em seu ombro. Seu corpo, antes forte, pareceu frágil sob meus dedos. – Farei como você achar melhor – eu disse. – Vamos tentar resolver isso sozinhos da melhor maneira possível. Se preferir que eu não o visite mais, embora isso vá me entristecer, assim o farei.

Ele deu um suspiro profundo e os cantos de seus olhos se franziram.

– Embora eu não vá encorajá-lo a fazer isso, se você optar por cruzar seu caminho com o meu novamente, não consideraria isso prejudicial.

Sorri para ele, tentando mostrar que estava confiante, embora nunca tivesse estado mais distante disso.

– Então eu o verei de novo.

Assentindo, ele deslizou o polegar sobre um dos olhos. Kadam nunca fora do tipo que demonstra suas emoções abertamente. Nem mesmo quando meus pais morreram.

Ele me estudou por um momento e disse:

– Devo enfatizar três coisas: uma, não cruze o próprio caminho.

– Sim, você me disse que o universo implodiria.

Ele se sobressaltou.

– Isso não é bem verdade.

– Ah, é? O que acontece então?

– Você seria sugado por seu eu passado. Quando isso acontece, separar-se de seu passado é praticamente impossível. Não corra esse risco.

– Como é que você sabe disso? – perguntei baixinho.

– Vamos dizer apenas que cometi o erro de ir a meu enterro. Mesmo então, depois que minha alma já havia deixado minha forma mortal, fui puxado de volta para mim. Não é algo que eu desejaria a ninguém.

– Entendo – repliquei. – Quais são as outras duas coisas que você queria me dizer?

– Sim. Segunda: não deixe Anamika andar por aí sozinha. Ela precisa de você. Há ocasiões em que ela se deixa levar por sua cabeça forte e seu coração mole, e existem pessoas dispostas a se aproveitar disso. Cuide dela. E por último... – Ele se virou, enrolou um pergaminho, amarrou-o com um cordão e o entregou a mim. – Quando você entrar em pânico e não conseguir encontrar quem procura, abra isto. Saberá quando chegar a hora certa.

Peguei o rolo de papel e assenti. Eram Ren e Kelsey que gostavam de ficar horas decifrando profecias, não eu. Eu preferia caçar a ler. As instruções vagas e a ideia de que eu ainda tinha outra busca para completar, dessa vez sem Kadam, Ren e Kelsey, eram desanimadoras. No entanto, eu não queria que ele soubesse quão desesperado me sentia. Com um aperto em seu ombro, eu disse adeus e me preparei para ir, mas ele então me deteve.

– Somente desta vez, vou ajudar. Procure um homem chamado Vanit Savir. Ele é um mercador honesto com quem trabalhei por muitos anos. Não mencione meu nome, pois naquela época eu ainda não o conhecia, mas ele vai ajudá-lo a colocar Ren em uma boa casa. Além disso, não se esqueça de tirar de Ren a capacidade de se transformar.

– Eu... eu posso fazer isso? – gaguejei.

– Sim. Você fez. Você fará. Não duvide.

Esfregando a nuca, assenti. Tenho certeza de que a confusão que eu sentia estava evidente em meu rosto. Abrindo a porta, parei na soleira, me perguntando que outras surpresas esperavam por mim e por Ana.

– Ah, e antes que você vá...

– Sim? – Eu me virei da porta de entrada aberta.
– Você pode levá-lo com você? Acho que ele sente falta da dona.
– O pássaro? – perguntei. – Quem é o dono? – Ele não respondeu de imediato, mas foi até a gaiola, arrastando os pés, fez o pássaro entrar e trancou a porta. Lentamente compreendi. – Ah, Kelsey uma vez mencionou isso. Ele é de Durga.

– Sim. Ela cuidou dele desde o ovo e o alimentou à mão.

– Quando?

– Isso importa?

Dei de ombros, desconfortável com a ideia de que Ana ainda não havia sequer encontrado o ovo desse pássaro, e peguei a gaiola.

– Ele está velho agora – prosseguiu Kadam, me acompanhando até a porta. – Pensei que iria poupá-la de sua morte, mas parece que ele quer olhar o rosto dela quando deixar este mundo.

Observando atentamente o pássaro, que virava a cabeça de um lado para outro enquanto falávamos, eu disse:

– Acho que não posso culpá-lo por isso.

– Sim. – Kadam me fitou com seus olhos demasiado sábios, então olhou para baixo, murmurando: – É apropriado estar perto daqueles que você ama ao deixar este mundo.

Assenti, sem saber o que dizer, e ele pegou minha mão e a apertou com firmeza. Pude sentir o tremor em seus dedos. Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça e disse:

– Melhor voltar agora.

Então, com um breve aceno, usei o poder do Amuleto de Damon para me levar de volta a Anamika no passado.

Quando cheguei ao lugar e ao tempo em que a deixara, tomando o cuidado de me dar algumas horas a fim de não causar o colapso do universo ou correr o risco de adentrar de vez meu passado ao esbarrar em meu antigo eu, já era noite. O céu acima das árvores estava escuro e salpicado de estrelas. Os galhos pesados das árvores moviam-se com o vento forte. Seu rangido significava que uma tempestade estava a caminho.

Tirei o pássaro da gaiola e lhe dei uma última chance de partir, mas, em vez disso, ele voou para o bolso de minha camisa e se enfiou ali. Gentilmente, acariciei seu corpinho quente e joguei a gaiola entre as árvores.

– Muito bem, então – eu disse. – Vamos procurar a sua dona.

Só levei alguns segundos para localizar o cheiro de Anamika. Sua trilha mal era perceptível. Mas, como ela obviamente estava seguindo os caçadores, peguei a rota mais fácil e segui o caminho que eles haviam percorrido através da selva. Duas horas depois, eu estava agachado junto à orla da floresta, tentando decidir se deveria seguir para a cidade e encontrá-la ou se deveria esperar até o amanhecer.

A tempestade decidiu por mim. Ela desabou e a brisa que havia refrescado a selva me perseguiu com um dilúvio que me encharcou em um instante. Segui para a cidade e fui atrás do cheiro de Anamika até ele terminar em um beco entre edifícios. O local cheirava a podridão.

– Ana? – sibilei. Ao não obter resposta, um arrepio de preocupação percorreu meus nervos. – Ana! – tentei mais uma vez.

– Estou aqui – respondeu uma voz irritada.

Estendi a mão na escuridão, tateando loucamente até meus dedos tocarem seus cabelos sedosos, e então cheguei mais perto. Meu pulso foi envolvido por uma mão e uma deusa carrancuda emergiu das sombras. A Corda de Fogo era um cinto dourado preso em sua cintura e o Lenço Divino estava amarrado em seu pescoço. Amaldiçoei o fato de não termos trazido nenhuma de suas armas.

– Você está machucada? – perguntei, correndo as mãos por seus ombros e braços.

– Tire as mãos de mim – resmungou ela, empurrando meus braços para longe. – Não estou machucada.

– Eu deveria ter deixado o *kamandal* com você, por via das dúvidas – afirmei.

– Aqueles caçadores não são páreo para mim – desdenhou ela –, mesmo apenas com minhas habilidades de mortal. Eu nunca corri perigo, Kishan. A menos que você considere perigosos os ratos vasculhando o lixo neste beco.

– Ter cautela nunca é demais – repliquei.

Inclinando a cabeça, os olhos verdes cintilando na escuridão, ela me estudou.

– O que há de errado com você? – perguntou, perspicaz. – Está nervoso. Aconteceu alguma coisa com nosso professor?

– Não. Sim. Bem, vai acontecer. E logo. Ele está... – Corri a mão pelos cabelos. – Ele está tão cansado... Está perto do fim, eu acho.

Ela assentiu, séria.

– Ele concordou em nos ajudar, então?

– Concordou. Mas estamos por nossa conta depois disso. Explicou que não pode nos ajudar com o que vem depois na lista, mas pôde me dar algumas sugestões para esta situação em particular.

Contei a ela tudo que tinha se passado entre mim e Kadam. Ela ouviu com atenção, mordendo o lábio enquanto sua mente trabalhava.

Quando acabei, ergueu o queixo, indicando com o gesto o edifício do outro lado da rua.

– Os caçadores se reuniram lá dentro. Acredito que estejam consumindo bebidas alcoólicas. Ren está sendo mantido alguns prédios adiante com os outros animais. Ele está em segurança por ora. O jovem que você personificou foi enviado para encontrar Anik Kadam, o comprador do tigre, mas fugiu, pois não conhece tal homem. Seu desaparecimento nos dá uma oportunidade.

– Concordo. É pouco provável que o esperem de volta antes de amanhã. Quer voltar para casa e descansar até lá? – perguntei.

Anamika sacudiu a cabeça.

– Prefiro ficar perto de Dhiren até termos certeza de sua segurança.

Pisquei.

– Sim, é claro. Então parece que precisamos providenciar nossas acomodações para esta noite. Espere aqui. Volto logo.

Seguindo na direção do barulho abafado vindo do prédio, abri a porta e entrei. Levei apenas um instante para localizar o estalajadeiro e perguntar sobre a possibilidade de alugar um quarto. Quando mencionei que precisaria de dois, um para mim e outro para minha irmã, os caçadores apuraram os ouvidos. Os poucos comentários imorais que ouvi fizeram com que eu me recriminasse.

Homens eram homens, independentemente do século, e homens como aqueles estavam sempre à procura de encrenca.

Quando o proprietário pediu o pagamento, fiquei paralisado. Assegurei-lhe que, se pudesse reservar os quartos, seria bem remunerado. Seus olhos se estreitaram e ele examinou minha roupa e meus pés descalços. Então me informou que só restava um quarto e ele só seria meu se eu apresentasse uma quantia que eu sabia ser bem superior à que ele pedira aos outros.

Assentindo, fui buscar Ana. Ela usou o poder do amuleto para extrair moedas e pedras preciosas da terra. Eu havia esquecido que tínhamos essa habilidade, embora tivesse visto Lokesh usá-la para tirar uma espada havia muito enterrada no solo. A própria espada, na verdade, que ele usara para matar Kadam.

Ela me entregou os tesouros cobertos de terra e fez cair uma chuarada sobre minha mão. Quando ficaram bem limpos, resmunguei e disse que aquilo seria suficiente, então tentei convencer Anamika a se disfarçar como uma solteirona feiosa, mas ela se recusou, afirmando que não tinha medo dos sujeitos abomináveis e grosseiros e que não havia nada que pudessem fazer para machucá-la.

Acabei concordando, mas, quando entrei com ela na hospedaria, todo o salão ficou em silêncio. Entreguei a fortuna em pedras preciosas, moedas esquecidas e pepitas de metais preciosos ao estalajadeiro, que gaguejou, perplexo. Ele apresentou na mesma hora a chave de um quarto que, eu suspeitava, tinha acabado de ser tirado de um dos caçadores e desculpou-se profusamente por ter apenas um aposento vago.

Com alívio, aceitei a chave oferecida, rangendo os dentes ao ver os olhares maliciosos no rosto dos homens. Segurei Anamika pelo cotovelo. Ela parou e olhou para minha mão e em seguida para meu rosto com as sobrancelhas erguidas. Devolvi seu olhar com outro igualmente significativo e disse:

– Vamos, irmã, vamos acomodá-la. – E inclinei a cabeça na direção da escada. Suas costas estavam rígidas, mas ela colocou um sorriso no rosto e me seguiu.

Quando ela começou a subir a escada, virei-me e disse ao boquiaberto estalajadeiro:

– Importa-se de nos levar o jantar no quarto? Minha irmã está faminta.

Ele assentiu e perguntou se gostaríamos de roupas limpas. Quando lhe disse que não era necessário, isso provocou uma onda de tosse e risadas sufocadas. Eu estava fazendo tudo errado. Passara muito tempo no século de Kelsey. As mulheres eram tratadas de modo diferente no futuro. Quando viajávamos em seu tempo, éramos ignorados na maioria das vezes. Kadam havia sempre cuidado das delicadas interações cotidianas com as pessoas. Ren provavelmente poderia fazer um trabalho bem melhor ao distrair aqueles homens e também seus olhares curiosos. Eu fora um tigre por demasiado tempo. Minha reação instintiva era rasgar e dilacerar.

Dando meia-volta, segui Anamika escada acima e tentei ignorar as vozes dos homens lá embaixo, que se maravilhavam com a beleza dela e se perguntavam por que eu permitia que uma jovem tão linda usasse roupas tão reveladoras. Um deles disse achar que eu não era irmão dela coisa nenhuma e outros sugeriram que eu era um cafetão, e ela, uma nova aquisição que eu havia trazido para a cidade. Levantaram a hipótese de eu estar aberto a negociação.

A simples ideia de uma coisa assim me enfiureceu. O poder concentrou-se em meu corpo e eu podia sentir o tigre dentro de mim. Ele rasgava minha pele, querendo puxá-la até as presas emergirem. Meu sangue fervia e os ossos em meu pescoço estalavam. O tigre queria mutilar e destruir, e precisei dar o melhor de mim para contê-lo, embora o fogo que me queimava por dentro implorasse para ser liberado. Agarrei o corrimão da escada com tanta força que a madeira lascou sob minha mão.

Então senti um toque no braço. Anamika havia se voltado e me olhava, preocupada.

– Venha, Damon – disse ela baixinho. – Estou exausta.

Seu toque me acalmou e o tigre se aquietou. Não protestei por ela usar meu nome de tigre, pois naquele momento eu era mais feroz do que homem.

Os caçadores lá embaixo ainda falavam baixinho sobre Ana. Eles não sabiam que eu podia ouvir cada palavra que pronunciavam. Cada uma delas era como uma chicotada em minha pele, atravessando minha mente como uma lança na água. Nossos olhos se encontraram e senti o tremor de sua mão. Segurando seus dedos, apertei-os de leve, assenti e então a segui escada acima.

Localizamos nosso quarto e ela caminhou até a pequena janela, abrindo as cortinas para olhar as estrelas. Seus braços estavam cruzados com firmeza diante do corpo quando ela se recostou no parapeito. Tive a sensação de carregar uma pedra no estômago. Por que eu a trouxera aqui? Por que eu agira como um animal, um tolo?

– Me desculpe por assustar você – eu disse estupidamente.

Ela virou-se para mim, os lábios contraídos. E suspirou.

– Não foi você quem me assustou, Kishan. Não pense mais nisso.

Franzi a testa.

– Se não fui eu, então... foram os homens lá embaixo? Você tremia quando me tocou.

Um leve tremor tornou a percorrer seu corpo. Ver uma guerreira como ela tremer por causa das palavras de um homem me enervava.

– Não quero falar disso – disse ela baixinho, me dando as costas mais uma vez.

Houve uma batida na porta e o estalajadeiro fez uma mesura e entrou, trazendo um par de velas e uma travessa coberta. Pousou a travessa e o aroma da comida encheu o pequeno quarto. Então ele usou as tochas que ardiam no corredor para acender as velas. Isso feito, trouxe um balde d'água, uma bacia e algumas toalhas e deixou tudo ali.

– Descansem bem – disse ele. – Me chamem, se precisarem de alguma coisa.

Pude ouvir o inconfundível tilintar de moedas em seu bolso quando desceu a escada.

– Está com fome? – perguntei.

Anamika sacudiu a cabeça e olhou para o céu escuro lá fora. Seu reflexo me mostrava algo muito diferente da deusa que eu conhecia tão bem. Ela parecia... vulnerável. Franzi a testa e então, à semelhança de como ela fazia comigo, deixei-a com seus pensamentos. Nos acomodamos quase fácil demais em nossa rotina padrão.

Nós dois estávamos conectados em um nível íntimo, quase invasivo, mas ainda conseguíamos manter uma distância obstinada do outro. Era quase como se fôssemos duas pessoas com um adversário em comum que haviam chegado a

um acordo de apoio mútuo puramente para a autopreservação e para promover nossos interesses.

A chuva forte batia na janela, descendo em riachos que vazavam para dentro do quarto. Anamika emitiu um som irritado e recuou, usando o lenço para criar toalhas, que usou para enxugar a bagunça e enfiar nas frestas da moldura da janela. O quarto ficou abafado, parecendo apertado, já que o ar fora cortado. A umidade tomou conta do cômodo, acentuando os cheiros azedos e meio apodrecidos associados com a taverna. Era um eficaz supressor de apetite.

Deixando a maior parte da refeição, levantei-me e disse a Ana que estaria lá embaixo se ela quisesse aproveitar a oportunidade para se lavar dos odores do lixo em decomposição de lá de fora e tirar a poeira do rosto. Era para soar como uma piada, mas foi de muito mau gosto. A dor em seus olhos me atingiu como um soco no estômago. Sua reação normal teria sido me pôr para fora e bater a porta na minha cara, mas alguma coisa nesse lugar a incomodava.

A princesa de gelo empertigada e com um brilho desafiador nos olhos havia desaparecido. Em seu lugar estava uma mulher cujas emoções estampadas no rosto eram tão tensas que me perguntei se elas arrebentariam se eu a tocasse. Eu só vi Anamika chorar uma vez, quando seu irmão partira. Foi o tremor de seu lábio inferior vermelho-cereja que acabou comigo.

Bati a porta às minhas costas. Sombras escuras e densas me seguiram quando descí os degraus. Ao chegar à base da escada, não pude tolerar a presença dos outros homens, embora eles estivessem calados, a maior parte fitando suas bebidas com os olhos desfocados. Saí. A noite estava pesada e quente, a chuva, irritante ao escorrer entre meus cabelos e pingar por dentro da gola da camisa. Andei de um lado para outro, meus músculos tensos e clamando por uma briga.

O cheiro terroso do solo era familiar e deveria ter me acalmado, mas eu ficara mal acostumado vivendo nas gramas doces da casa da deusa. O aroma de rosas e jasmims lá fazia cócegas em meu nariz enquanto eu dormia e meus sonhos eram quase sempre agradáveis. Mesmo quando Kelsey aparecia neles, eram sonhos felizes, contentes, não os pesadelos que eu tinha antes.

Kadam queria que eu aceitasse o papel de tigre de Durga, que considerasse a maldição uma dádiva. Mas, para mim, fora uma punição, bem-merecida por eu

ter permitido que Lokesh matasse Yesubai. Quando Kelsey partiu, restou ao tigre a sensação de estar acorrentado.

Ocultando meu cheiro e me tomando invisível, segui para o prédio onde Ren era mantido. Abri a porta e ele ergueu a cabeça. Ele só podia sentir o cheiro da umidade da chuva e das centenas de corpos e animais ali perto; ainda assim, inclinou a cabeça para trás e para a frente, e vi o momento em que percebeu minhas pegadas molhadas.

Durante um tempo, fiquei ali parado, observando-o em silêncio, e então tomei uma decisão e permiti que meu corpo se tornasse visível. Ele estremeceu na jaula, que era muito pequena para que ele se movesse de maneira confortável. Ren grunhiu baixinho, as orelhas deitadas, coladas na cabeça.

Meus olhos dourados encontraram os seus, azuis. Havia tanto que eu queria lhe dizer, tanto que ele precisava ouvir... mas eu não sabia por onde começar, e esse Ren não compreenderia. De repente, tive uma grande empatia com o que Kadam estava passando. Respirando fundo, apertei os lábios, deixei escapar um leve suspiro, avancei alguns passos e abri sua jaula.

Quase com cautela, ele saiu para o solo lamacento e, um instante depois, meu irmão estava parado diante de mim, descalço, com sua roupa branca de costume. Seus olhos me perfuravam como agulhas. Ren falou primeiro, enquanto eu me perguntava por onde começar.

– Quem é você? – perguntou.

Franzi o cenho.

– Seu irmão – respondi.

Ele andou à minha volta, descrevendo um círculo amplo, farejando o ar como um cachorro desconfiado.

– Você não cheira como meu irmão – disse ele. – E eu confio mais no meu nariz do que em meus olhos.

Eu ri nesse momento, mas o riso soou um tanto histérico – uma risada de camisa de força, como Kelsey teria chamado.

– Apesar de tudo, senti sua falta, Ren.

Sua boca se escancarou, mas ele logo disfarçou sua reação.

– Então... irmão... você veio me resgatar?

– Não... não exatamente – falei enquanto roçava a mão sobre minha barba por fazer. – Eu só queria conversar.

– Conversar?

– Sim. Isso vai demorar um pouco, então talvez queira voltar à forma de tigre. Sei que você não tem muito tempo.

Ren franziu a testa.

– Nem você.

– Sim. Bem, sobre isso...

Encontrei um ponto mais limpo no chão e me sentei, descansando as costas na parede. A chuva era pesada o bastante para abafar minha voz no caso de alguém passar, e nós dois tínhamos luz suficiente para nos enxergarmos. Quase com relutância, Ren mudou de volta para a forma de tigre e deitou-se. Não muito perto. E escolheu o espaço entre mim e a porta, para o caso de querer ir embora. Isso não me incomodou nem um pouco.

Respirando fundo, comecei.

Durante horas, despejei minha história para ele. Contei tudo – Kelsey, a maldição, Durga, Lokesh, Kadam, nossos pais, sua transformação em mortal, até o casamento iminente. Seus olhos de tigre mantiveram-se cravados em mim o tempo todo. Se não fosse pelo movimento da cauda, eu poderia acreditar que ele era uma estátua. Quando terminei, a tempestade já tinha passado. O sol nasceria em menos de uma hora.

Dobrei uma perna e descansei o cotovelo no joelho, apoiando a cabeça na mão.

– Sobrecarregá-lo com tudo isso é uma atitude egoísta, eu sei. É que... não sei o que fazer.

Ren se transformou sem que eu percebesse. Sentou-se à minha frente e esfregou as mãos devagar, os olhos fixos nelas enquanto dava forma de palavras a seus pensamentos. Por fim disse:

– Você sempre foi o mais forte.

Minha mão afastou-se do rosto. Olhei para ele, incrédulo.

– Do que você está falando? Você estava me ouvindo?

– É claro que sim. A história que você conta... é... bem, é fantástica. Ela me dá esperança. Você me dá esperança.

– Não era essa minha intenção.

– Não. É que...

– O que é? – perguntei.

Seus olhos azuis se ergueram.

– Você sabe por que meu eu futuro procurou por você na selva?

– Sim. Você queria que eu ajudasse a quebrar a maldição.

– Sim. Claro. Mas devia haver uma parte de mim que estava com medo de fazer isso sem você.

– Isso não me parece certo.

– Mas é. Você foi sempre o corajoso, Kishan.

Sacudi a cabeça.

– Você é o líder, Ren. Não eu.

– Você está enganado. Sim... sim... eu era o diplomata. Aquele que tecia belas palavras para encantar homens ricos, pomposos e obesos, mas você era o guerreiro. Para você, Yesubai foi há muito tempo, mas para mim foi recente. Eu entendi por que ela amava você. Ela enxergava você da mesma maneira que eu. Você estava sempre confortável em ser você mesmo. O favorito de mamãe. O favorito de Kadam.

– Nada disso importa agora. Além do mais, você é corajoso. Você lutou a meu lado, derrotou Lokesh, nos salvou incontáveis vezes. Eu nunca tinha visto você tão concentrado em uma batalha.

Ele baixou a cabeça.

– Eu devo tê-la amado então. Vou amá-la, quero dizer.

Soltei um grunhido.

– Você amou. Ama.

– Mas você também.

– Sim.

Após um momento de tensão, ele perguntou:

– Você vai fazer?

Eu sabia o que ele estava perguntando.

– Lançar a maldição?

Ele assentiu.

– Não sei.

– Bem, então... – Ren se levantou, limpou as mãos na calça branca, sujando-a. – Suponho que é melhor você descobrir. – Ele se virou e andou até a porta, fitando o céu limpo, recém-lavado. Inspirou fundo e disse: – Se ajuda alguma coisa, eu sei que qualquer decisão que você tomar será a correta.

– Como pode estar tão certo?

Ele me olhou por sobre o ombro e me ofereceu um brilhante sorriso branco.

– Porque você é Sohan Kishan Rajaram. – Ren voltou até sua jaula e correu a mão por uma das barras. – Não há razão para você ter de tomar a decisão final esta noite. Parece que há muito mais coisas desagradáveis em meu futuro do que simplesmente ficar em uma jaula.

Levantei-me, segurei seu ombro e o fiz se virar.

– Está me dizendo que quer que eu o venda amanhã? Que providencie o seu cativeiro, do qual você não terá qualquer trégua durante trezentos e cinquenta anos? Que apague a sua memória para que não reste qualquer vestígio desta nossa conversa em sua mente para lhe dar algum conforto?

Ren sacudiu a cabeça e agarrou meu braço, em um gesto familiar.

– Estou dizendo que sou seu na vida, irmão, e seu na morte. Confio em que você irá resolver os pequenos detalhes.

A confiança que ele tinha em mim era inabalável. Meus olhos arderam com lágrimas reprimidas. Que ele estivesse disposto a se entregar assim, mesmo sabendo que seu futuro encerrava torturas, espancamentos e mais sacrifícios do que se deveria pedir a um homem, me fez respeitá-lo ainda mais.

Eu o puxei pelo ombro e o trouxe para mais perto, envolvendo-o em um abraço. Meu corpo se sacudia enquanto eu soluçava. Quando parti, Ren estava em sua forma de tigre, trancado em uma jaula. Eu tirara sua lembrança de nossa conversa e sua habilidade de assumir a forma humana, deixando-o apenas com o sonho de uma garota de cabelos castanhos que um dia o amaria.

Com passos pesados, subi a escada até o quarto compartilhado e encontrei Anamika dormindo na cama. Seu corpo estava encharcado de suor e ela se debatia de um lado para outro. Lágrimas escorriam pelo seu rosto e ela chutava violentamente o lençol fino.

– Não – gemeu baixinho. – Não, por favor!

Segurei-a pelos ombros para acordá-la e ela gritou.



Invadindo a festa

— Ana! Ana! — chamei, tentando arrancá-la de seu pesadelo. — Acorde. É só um sonho!

Ela me empurrou com força, suas unhas arranhando meus braços. Eles logo cicatrizaram, mas a ardência permaneceu. Arfando, ela abriu os olhos. As lágrimas escorreram devagar dos cantos. Seu rosto estava afogado e os lábios pareciam inchados e vermelhos, como se ela os tivesse mordido durante o sono. Anamika tremia em meus braços enquanto eu acariciava seus cabelos e tentava acalmá-la.

O fato de ela se agarrar a mim como se eu fosse a única coisa que a conectasse com a realidade foi uma surpresa. Eu queria me ligar a seus pensamentos, para descobrir o que a perturbava. Parecia muito pior do que um simples sonho ruim. Mas eu não conseguia me convencer a fazer isso. Queria que ela confiasse em mim. E, se eu forçasse dessa forma ou me impusesse, pressentia que haveria muito mais a enfrentar do que apenas o humor dela. Ana estava à beira de um abismo, frágil, e, se eu fizesse um movimento errado, ela se romperia como um melão atirado ao chão.

— O que foi? — murmurei enquanto tentava acalmá-la.

Ela se enrijeceu e se afastou de meus braços, recuando na cama.

– Não foi nada – disse, enxugando as lágrimas com as mãos.
– Você não precisa me contar, Ana – afirmei –, mas estou aqui para ouvir, se precisar de mim.

Assentindo, ela puxou os joelhos até o peito e entrelaçou os dedos em torno deles.

– Obrigada.

Meus braços me pareceram vazios e descobri que sentia falta de sua suavidade. Estranho ligar a deusa Durga, a guerreira ao lado da qual eu lutara, à imagem de alguém suave. Seu coração batia freneticamente quando eu a segurara, quase como um pássaro capturado em uma gaiola. Isso me fez lembrar que eu ainda tinha um passageiro no bolso.

– Quase esqueci – disse, e abri o quadrado de tecido para espiar a criaturinha. Ele inclinou a cabeça para me olhar. – Esta coisinha pertence a você. Kadam o mandou.

Reposicionando as longas pernas para que pudesse deslizar para mais perto, ela jogou o pesado cabelo por cima dos ombros e me observou tirar o passarinho. Ele ficou na palma de minha mão e, quando ela estendeu um dedo, deu um pio e saltou para ele. Imediatamente a avezinha gorjeou e voou para o ombro dela, onde se escondeu no meio dos cabelos.

Anamika riu. Era um som descontraído, delicioso, e percebi que nunca a tinha ouvido rir antes. Sorrindo, esfreguei a mão na barba que crescia em meu rosto e disse:

– Kadam me falou que você o criou desde o ovo. Aparentemente, ainda não encontramos o ovo. Ele também me advertiu que a ave não ficará neste mundo por muito tempo.

A expressão no rosto dela murchou e ela pegou o pássaro em seu ombro e coçou o alto de sua cabecinha. Ele fechou os olhos, feliz, enquanto ela acariciava suas penas.

Não sei por que tive de arruinar seu momento de felicidade. Parecia que nada do que eu fazia em relação à deusa era a coisa certa. Suspirando, me levantei e despejei água no lavatório. Enquanto lavava o rosto, contei-lhe onde passara a noite.

Ela ouviu com atenção e fez perguntas ponderadas. Quando terminei, Ana disse:

– Deve ter sido doloroso para você... deixar seu irmão de tal maneira que ele não tenha qualquer lembrança do que aconteceu entre vocês.

– Foi – confessei. Ainda doía. A angústia de deixá-lo lá era como um carrapicho preso no pelo perto de uma ferida já dolorida. Saber que minhas ações, minha decisão, iriam relegar Ren a tantos anos de cativeiro era algo com que eu não estava inteiramente certo de que poderia conviver. A ideia de que estava fazendo isso mais para que eu viesse a encontrar Kelsey do que por um nobre sentimento de responsabilidade de fazer minha parte para ajudar o universo deixava um travo de culpa em minha boca.

A mão de Anamika tocou meu ombro. Eu nem a tinha ouvido se levantar. Meus olhos estavam secos e fixos, e minha cabeça latejava por ficar tanto tempo sem dormir. Minha pele parecia prestes a se romper, mas o toque dela me acalmou. Sem pensar, puxei-a para perto e ela me permitiu abraçá-la. Foi estranho a princípio. Suas costas estavam retas como uma prancha, mas pouco a pouco ela foi relaxando.

Após um longo momento, pouco à vontade, ela deu tapinhas em meu ombro e perguntou:

– Já está suficientemente confortado, Kishan?

Eu ri e recuei um passo.

– Sim. Obrigado.

A deusa gelada havia retornado e estava pronta a voltar ao trabalho. Eu estava acostumado a essa versão dela. A outra, a garota machucada, era estranha. Eu estava curioso, mas sabia que era melhor não perguntar por que ela se escondia atrás da máscara.

Não era só por perder o irmão e assumir o papel de deusa. Já era assim antes, quando a conheci. Havia se mostrado igualmente inacessível então. Anamika veio a ser uma garota muito diferente daquela que eu vira interagindo com o irmão pouco antes de ele partir. Afóra os poucos e breves olhares que havia me lançado, a deusa era muito semelhante às estátuas nos templos que tínhamos visitado. Fria, dura como granito e rígida em suas relações com homens.

Usamos o amuleto para voltar ao beco e o lenço para nos disfarçar. Assumi o papel do homem que havia desaparecido, ao passo que Anamika se tornou Kadam. Ela se vestiu como um homem rico daquele tempo o faria e, em uma hora, a transação estava concluída. Nós dois éramos agora os felizes proprietários de um tigre branco.

Os caçadores ficaram surpresos quando Anamika, como Kadam, mostrou-se disposta a comprar o animal às escuras, mas não podíamos nos arriscar à reação de Ren ao ver Kadam ou a sua confusão diante de Kadam com cheiro de jasmim e rosas. Ana havia extraído do solo moedas e pedras preciosas em quantidade bastante para satisfazer os caçadores, e eles eram suficientemente gananciosos para pegar o dinheiro e fugir.

Em seguida, tomamos as providências para que Ren permanecesse onde estava, contratando um rapaz de confiança para lhe dar água e comida. Até instalamos o garoto numa hospedaria próxima enquanto procurávamos o amigo de Kadam. Ficamos o tempo suficiente para observá-lo e nos certificarmos de que ele fazia um bom trabalho cuidando do tigre.

Levamos a maior parte do dia para, de fato, encontrar o mercador amigo de Kadam. Em seguida, foi preciso usar de certa habilidade de persuasão para convencê-lo a alterar seu curso e ir até a cidade onde Ren era mantido. Anamika lhe deu o restante de suas moedas e pedras preciosas e, quando ele chegou à hospedaria, ofereceu-lhe mais uma sacola cheia delas se ele transportasse Ren e o vendesse a um colecionador de bom coração.

Assim que o acordo foi fechado, Ana e eu retornamos ao nosso tempo. Ela desapareceu em seu quarto e vasculhou tudo, reunindo uma sacola de pedras preciosas de valor inestimável, e, em um piscar de olhos, voltou e foi ao encontro do mercador na hospedaria para lhe dar seu pagamento final.

Ela ficou ausente por menos de trinta segundos e, quando me disse que Ren estava em segurança a caminho de seu destino, imediatamente me transformei em tigre e caí em um sono profundo na grama. Quando acordei, encontrei Ana sentada perto da fonte, embalando seu passarinho. Ele ainda estava vivo, mas era evidente que não seria por muito tempo.

– Pensei que ele gostaria de ficar ao ar livre – disse ela.

Voltei a me deitar, me acomodando confortavelmente a seus pés, a cabeça descansando sobre as patas, e lhe fiz companhia. Antes que uma hora se passasse, o passarinho se foi. Delicadamente, ela o colocou em uma caixa dourada com que um devoto a havia presenteado. Sua plumagem vermelho-vivo logo foi oculta sob a tampa. Usando o poder do amuleto, ela abriu uma pequena cova no jardim e colocou a caixa ali. Ficou parada diante dela por um momento, em silêncio, e então ouvi o sussurro da terra cobrindo a caixa dourada.

Ao terminar, ela se aproximou de mim e sentou-se na grama, entrelaçando as mãos em meu pelo e acariciando minhas costas. Virei-me de lado, de modo que minha cabeça ficasse em seu colo. Ela puxou minha orelha com carinho e passou um dos braços em volta de meu pescoço. Instintivamente, eu sabia que ela precisava de mim, precisava do meu lado tigre. Ela relaxava comigo mais facilmente quando eu estava na forma de tigre. Seu cheiro de rosas e jasmim pairava sobre mim e fechei os olhos.

Eu também me sentia confortado por sua proximidade. Ficar com ela assim me lembrava a sensação de estar com minha mãe. Certo, havia um aspecto nessa relação que era bem diferente. Eu estava ciente, claro, de que Anamika era uma jovem linda e não havia nada de maternal em estar perto dela, mas, ao mesmo tempo, havia certa sensação de conforto. Eu me sentia completamente à vontade. Ela não estava, naquele momento, me julgando ou me hostilizando. Estava simplesmente... ali.

Ficamos assim por um tempo até eu me dar conta de que ela caíra no sono recostada na fonte. Depois de me afastar com cuidado, mudei para a forma humana e a peguei no colo. Quando não estava com os trajes de batalha, carregando todas as armas de Durga, quando era apenas Ana, ela parecia muito pequena. Eu sabia que não era. Tinha quase a minha altura. Mas quase tudo eram pernas. Pernas longas, bem longas.

Coloquei-a na cama, deixando intencionalmente o *kamandal* e todas as suas armas ali perto, então peguei o lenço e me dirigi ao quarto de banho. Depois de tomar um banho rápido, usei o lenço para me disfarçar de um velho de terno. Pensando que era melhor deixar o lenço com Ana, junto com um bilhete, voltei para seu quarto.

Ela havia virado de lado, a mão sob a bochecha. Os lábios rosados estavam entreabertos e o cabelo caía sobre o rosto. Ajeitei o cobertor em torno de seus ombros e então me olhei no espelho. Ajustando a gravata, alisei os cabelos grisalhos e grunhi. Com o terno cinza, eu parecia pronto mais para um funeral do que para uma festa, mas concluí que serviria. Rapidamente, rabisquei um bilhete e deixei o lenço ao lado dele. Então peguei o amuleto e desapareci.

O quarto se dobrou à minha volta e tudo ficou branco enquanto eu corria através do tempo em uma corrente de vento. Materializei-me em uma cobertura e me fiz invisível, o que foi inteligente de minha parte, visto que havia gente em todos os lugares. Estavam usando trajes de corte impecável e todos sorriam e gargalhavam. Dobrei em uma esquina escura e, me vendo sozinho, tornei-me visível.

Eu me encontrava em uma longa varanda que circundava a cobertura. Todo o andar superior do edifício era feito de vidro e as luzes dos arranha-céus que me cercavam piscavam como estrelas de diamantes, banhando tudo em uma luz suave. A princípio, pensei que havia levado os aromas de rosa e jasmim do quarto de Anamika comigo, mas, quando dobrei outra esquina, vi que todo o andar estava coberto com flores de todos os tipos.

Passei o dedo em uma flor familiar, um lírio-tigre, e franzi a testa. Isso ia ser doloroso.

Seguindo os outros convidados, caminhei na direção da música animada e dos murmúrios abafados de um grande número de pessoas reunidas. Passando por um elevador que trazia mais convidados para a festa, avistei recepcionistas coletando cartões e verificando listas. Por sorte, eu evitara isso. O que teria dito? Que meu convite devia ter se perdido no correio cósmico?

Cada passo que eu dava era penoso, como se estivesse tentando me manter ereto enquanto adentrava cada vez mais o oceano. Quanto mais longe ia, maior o risco de me afogar. Embora eu estivesse disfarçado, sentia-me reconhecível, deslocado, como uma flor em um cesto de frutas. Cumprimentando as pessoas com um gesto de cabeça quando necessário, segui a passos lentos até o bar. Quando o homem perguntou o que poderia me servir, olhei para ele calado por um momento e então disse:

– Só uma água, por favor.

Ele deslizou em minha direção um copo de água com gás e eu me sentei, bebericando a água enquanto examinava o salão. Nilima foi a primeira pessoa que reconheci. Ela entrou na festa em um lindo vestido. Seu sorriso estava radiante ao tomar o braço de um homem alto que me pareceu vagamente familiar. Arquejei ao me dar conta de quem era – o irmão de Anamika, Sunil. Ele parecia tão alegre quanto ela e muito mais à vontade do que eu esperaria, considerando-se que era de outra época.

Olhando à minha volta, reconheci os pais adotivos de Kelsey e alguns funcionários das Indústrias Rajaram. Continuando a bebericar minha água, fiquei estudando Nilima e Sunil. Habilmente, ele mantinha à distância todos os homens que queriam dançar com Nilima. Sua expressão dura quando alguém se aproximava era bem eficaz. Vê-la fazer cara feia para ele e se inclinar para lhe passar um sermão era gratificante. Sorri, feliz por Nilima, ao que tudo indicava, ter encontrado alguém e torci para que, quando contasse a Ana, ela também ficasse contente.

A despeito de meu interesse por eles, eu não estava ali para vê-los. Uma espécie de expectativa sufocante, um nó no estômago, tomava conta de mim. Quando o barman perguntou se eu queria mais água, fiz um breve sinal afirmativo com a cabeça. Um fio de suor desceu pela minha nuca e puxei o colarinho, me sentindo abafado.

Então, de repente, a música parou e uma nova canção começou – uma linda canção que eu lembrava que Ren havia escrito para Kelsey. Meu coração se partiu. Quase como se fosse uma só criatura, a multidão à espera virou-se para a porta de entrada. Antes que eu pudesse me preparar, lá estavam eles. Os convidados do casamento aplaudiram quando o casal entrou no salão. Ren estava radiante e acenou enquanto guiava, orgulhoso, sua agora esposa. Ele estava muito elegante em sua túnica *sherwani*, o cabelo escuro penteado para trás, mas Kelsey era uma visão de tirar o fôlego.

Assim que meus olhos a encontraram, não consegui mais desviá-los. Toda a luz no salão parecia voltar-se para ela, emoldurando seu rosto lindo. Minha boca ficou seca e tive de lutar para respirar. Juntos, os dois começaram a percorrer o salão, recebendo os cumprimentos dos convidados.

Por dentro, eu era um homem atormentado – os dentes e as garras do tigre arranhavam e mordiam, ávidos por se libertar e atacar meu rival. Por fora, estava frio e anestesiado, derretendo lentamente como a neve ao sol. A melodia alegre e vivaz passou por mim, sem encontrar nada em que se agarrar. E eu me mantive ali sentado, imóvel, como um homem que tivesse acabado de perder tudo.

Meus olhos grudaram-se neles. Nas costas de Ren, onde a túnica sob medida colava-se a seu corpo de guerreiro. Em seu rosto, que parecia confiante, feliz, cheio de vida. E então meus olhos de tigre amarelo-dourados, ocultos atrás de um par de óculos de lentes escuras, buscaram aquela que eu ainda amava. Ela era uma chama brilhante em seu vestido branco e a temura de vê-la de noiva atravessou meu peito e derreteu meus ossos.

Eles vinham em minha direção e fiquei ali sentado, imóvel e mudo como uma estátua, simplesmente fitando-os à medida que iam se aproximando, até pararem diante de mim. Minha boca ficou seca e parei de respirar.

Ren estendeu a mão e disse:

– Obrigado por ter vindo.

Abri os lábios para responder, mas descobri que não era capaz. O máximo que consegui fazer foi um breve aceno de cabeça. Ele inclinou a cabeça, como se fosse dizer alguma coisa, e pensei, por um segundo de pânico, que talvez ele tivesse descoberto meu disfarce. Quem sabe, reconhecido meu cheiro. Mas não, ele não tinha mais essa habilidade. Era triste pensar em Ren como um simples humano. Mas fora o que ele quisera. Ele nunca aceitara o tigre como eu.

Alguém chamou sua atenção e os olhos de Ren desviaram-se de mim. Por fim, deixei escapar o ar que estava contendo. Então inspirei fundo. Pêssegos e creme. Ela estava diante de mim. Perto o bastante para eu abraçá-la. Perto o bastante para eu beijá-la. Seus suaves olhos castanhos piscaram e os lábios abriram-se em um sorriso doce e acolhedor.

Tê-la tão perto, seu cheiro me envolvendo, era como a chuva na terra ressequida. Absorvi cada segundo. Quando ela me estendeu a mão, eu a segurei delicadamente e apenas a retive. Ela apertou minha mão e então escorregou a dela, desprendendo-se. Era como se alguém houvesse roubado o sol. Kelsey e seu calor tinham me deixado. Cada passo que ela dava, aumentando a distância

entre nós, era como uma gota de veneno que ia lentamente penetrando em minhas veias.

A voz de Nilima ecoou quando ela falou em um microfone:

– Os noivos agora terão sua primeira dança!

Os convidados aplaudiram e um bochicho se seguiu, com comentários sobre o casal, a comida e a decoração requintadas, a beleza da noiva. Meu corpo ardeu em chamas como uma árvore seca em um incêndio quando ouvi algumas jovens invejosas dizerem que Ren não havia se casado com alguém à sua altura. Mordi o lábio até sentir gosto de sangue e de sal.

Nesse momento, porém, eles começaram a dançar.

Quase involuntariamente, meus olhos os seguiram enquanto eles evoluíam pelo salão. Os dois se moviam em absoluta harmonia – Ren, charmoso e confiante, com a mão pousada nas costas de Kelsey. Sua noiva encantadora só tinha olhos para ele. Seus dedos enroscaram-se nos cabelos da nuca dele e Ren inclinou-se para encostar os lábios em seu ouvido e sussurrar algo. A multidão se imobilizou, tão hipnotizada pelo amor evidente entre o casal quanto eu.

Eles estão felizes.

O pensamento me veio, espontâneo e indesejável. Eu o afastei, como se fosse tóxico.

Eu sabia que eles estavam, mas precisava ver. Eu havia esperado que pôr os olhos nos dois no auge de sua felicidade conjugal exerceria uma espécie de magia. Reforçaria minha determinação. Me ajudaria a superar isso. A superá-la. Mas foi justamente o contrário. Ren estava ficando com meu “felizes para sempre”. Eu não o culpava por querer isso. Mas eu merecia tanto quanto ele.

O tempo passou enquanto eu curtia meu ressentimento. Então Ren e Kelsey se separaram. Ele tirou Nilima para dançar, enquanto Kelsey dançava com Sunil. Os garçons, carregando bandejas com deliciosos *hors-d'oeuvre*, paravam e ofereciam, mas eu os dispensava com um gesto irritado.

Outra música tocou e Kelsey passou de um parceiro a outro. Quase sem pensar, levantei-me e endireitei o paletó. Determinado, avancei e esperei minha chance. Quando a música mudou novamente, parei diante dela, pegando sua mão e fazendo uma reverência.

– Pode me conceder a próxima dança, jovem? – perguntei.

– Sim – ela respondeu, simpática. – Obrigada pela honra.

– A honra é minha.

A música começou e, embora eu tentasse me lembrar de que estava representando um papel, me vi totalmente perturbado com a proximidade dela. Deixei minha imaginação soltar-se e sonhei que era o dia do nosso casamento, que eu era o noivo. Que ela havia jurado ser minha, não de meu irmão. Fechei os olhos e revivi um beijo doce que tínhamos partilhado tantos meses antes.

Como era possível que ela estivesse tão perto e ao mesmo tempo tão longe de mim? Ela não pressentia que era eu? Será que pensava em mim? Que sentia minha falta? Que se arrependia de ter me deixado para trás?

Olhando dentro de seus olhos, não vi ali qualquer dúvida. A música já estava na metade e eu nem mesmo havia falado com ela. Meus dedos pressionaram sua cintura e eu disse:

– Senti muito quando soube do falecimento do irmão e do avô de seu noivo. Seus olhos baixaram e então retornaram a meu rosto.

– Obrigada. Foi uma perda imensa. Nós gostaríamos muito que eles estivessem aqui conosco hoje.

– Talvez estejam – retorqui baixinho.

Ela não respondeu, apenas me dirigiu um sorriso agradecido e um aceno de cabeça.

– Há quanto tempo o senhor trabalha para a empresa? – perguntou Kelsey, educadamente mudando de assunto.

– Não muito – respondi. – Foi gentileza do seu noivo me convidar. – Procurando desesperadamente algo para falar antes que ela me pedisse mais detalhes sobre meu suposto trabalho, eu disse: – As flores são lindas.

– Sim. Nilima cuidou de todos os detalhes.

– Ela até incluiu as suas favoritas – mencionei. Quando ela franziu a testa e inclinou a cabeça, apressei-me a acrescentar: – Fui incumbido de lhe enviar flores uma vez, muitos meses atrás.

– Ah – disse ela, aceitando minha tentativa pouco convincente de corrigir o deslize.

Kelsey olhou por sobre meu ombro e sorriu. Era a expressão mais deslumbrante que eu já vira. Minhas narinas se dilataram. Ren estava perto. Ela

jogou um cacho do cabelo para trás e um brilho em seu pescoço capturou meu olhar. Reconheci a forma do *Mangalsutra* e soube o que era – um presente que o noivo tradicionalmente oferece à noiva no dia do casamento. Mas não foi isso que chamou minha atenção.

Dois cordões, um dourado e outro azul, enroscados um no outro. Diamantes e flores de safira desciam pela extensão das correntes, mas no centro havia um diamante em formato de gota cercado por pétalas de flores de lótus feitas de rubi. Era o anel que eu dera a ela. A lágrima era de Kelsey. Durga a tinha transformado em diamante e os rubis haviam sido lapidados da pedra grande que eu ganhara na casa de cabaças, quando estivemos juntos em Shangri-lá.

Passei a língua pelos lábios.

– Seu... seu *Mangalsutra*. Conheço um pouco da tradição, mas nunca vi um tão original quanto este. Me diga, o que ele simboliza?

Sua mão foi até o pescoço para tocar a flor de lótus.

– Este foi um presente do irmão de Ren. Eu o uso para me lembrar dele.

– Ah, entendi – eu disse. – Esqueci o nome dele.

– Kishan. O nome dele era Kishan.

Procurei alguma coisa em seu rosto, qualquer coisa. Arrependimento. Dor. Saudade. Mas tudo que vi foi um abrandamento. Uma paz.

– Não é, hã, tradicional que a noiva use alguma coisa para ajudá-la a se lembrar do noivo? – Ri, tentando fazer minha pergunta parecer casual, mas ela souou forçada, até mesmo para mim.

– É – ela reconheceu. – Mas foi ideia de Ren. Nós dois queríamos homenageá-lo. Se ele não tivesse sido tão altruísta, não estaríamos juntos hoje.

Um nó grande o suficiente para me asfixiar cresceu em minha garganta. Eu temia que minhas emoções estivessem estampadas em meu rosto. Olhei para a sombra que lançávamos ao dançar e tive a súbita noção de que minha presença era uma mortalha estendida sobre os alegres festejos.

– É visível que você sente a falta dele – comentei.

– Nós sentimos – acrescentou ela, os olhos marejados.

Como posso fazer isso com ela? Nada menos que no dia de seu casamento!
Ela se lembrava de mim como uma pessoa altruísta, abnegada. No entanto, ali estava eu tentando arruinar aquele que devia ser o momento mais feliz de sua

vida. Da vida de ambos. Meus ombros se curvaram e tive a sensação de que minha vergonha era uma gravata apertada demais.

Fiquei em silêncio pelo restante da música, apenas deslizando pelo salão, memorizando a sensação de tê-la nos braços. Ren nos encontrou ao final e, no momento em que eu a entregava a ele, meus olhos se encontraram com os de outra mulher. Estava disfarçada, mas não fizera um trabalho muito bom. Ela se destacava na multidão como um pavão em meio a pombos.

Com um cumprimento de cabeça para Ren e um rápido obrigado a Kelsey, atravessei a multidão e peguei Anamika pelo braço.

– O que é que você está fazendo aqui? – sibilei enquanto a puxava para um corredor na penumbra. Era apenas a presença de outras pessoas que a impedia de afastar o braço bruscamente de mim.

– Kishan? – Ela franziu a testa e examinou meu rosto, esfregando o braço como se eu a tivesse contaminado com germes.

Eu havia aprendido sobre germes com Nilima, que sempre levava consigo um frasco com uma espécie de líquido para evitar doenças. Germes não me preocupavam, é claro, e eu duvidava que a deusa tivesse ideia do que fossem germes, posto que eu nunca tinha me dado o trabalho de lhe explicar.

– Quem mais seria? – perguntei, irritado e um tanto ofendido que ela quisesse limpar vestígios de meu contato.

– Você está tão... velho – disse ela, seu rosto bonito se transformando em uma careta.

– É mesmo? E você está tão... loura – concluí, puxando um longo cacho de cabelos louro-avermelhados. – Ren pode não ter mais o mesmo olfato, mas posso lhe garantir que os olhos dele ainda funcionam. Mesmo loura, eles a reconheceriam a quilômetros de distância. O que você está fazendo aqui? E por que está vestida... assim?

– Eu ia fazer a mesma pergunta a você! – replicou ela com rispidez.

Seus olhos pareciam espadas enferrujadas, suficientemente afiadas para causar danos e, ao mesmo tempo, cegas o bastante para causar mais dor do que o necessário.

Ignorei a fúria com que ela me fuzilava e examinei sua roupa. A seda fluida de seu vestido de alças colava-se a seu corpo como a espuma à praia. Eu havia

pensado que seu vestido verde de caça era perturbador, mas o modelo azul-claro que ela usava agora era devastador. O decote era profundo. Mais profundo do que qualquer coisa que eu tivesse visto Kelsey ou Nilima usarem. E a fenda na lateral expunha quase toda a perna.

Engolindo em seco, recuei um passo. Não sabia nem como ela tinha chegado ali, muito menos vestida como estava. A lua brilhava através da janela, iluminando a pele dela com raios de alabastro, e eu enxuguei o fio de suor que escorria em minha têmpora. Com os cabelos louros, ela parecia Afrodite emergindo do mar. Levei a mão à nuca, pensando por onde começar.

Ela cruzou os braços e me olhou, séria, mas meus olhos desviaram-se dos dela porque fui distraído pela maneira como o movimento fazia seu peito subir e descer. As curvas arredondadas de seu corpo, inteiramente exposto, em minha opinião estavam à mostra como pérolas cintilantes para todos os homens na festa. Tirei meu paletó e o estendi.

– Tome, vista isto.

– Não. Seu paletó não combina com meu vestido.

– Não combina com seu... – Eu me vi olhando-a novamente e sacudi a cabeça para clarear a mente. – Ana, agora não é hora de discutir comigo. Vista. Você está praticamente nua.

– Eu não estou nua – resmungou ela enquanto se cobria com meu paletó. – Além disso, seu paletó é quente demais.

– Olhe, o que você está usando é... é inadequado.

Anamika olhou o próprio corpo e franziu a testa.

– Mas há muitas mulheres na festa vestidas da mesma maneira.

– Sim. Bem... talvez seja verdade.

Havia? Se houvesse uma mulher vestida daquele jeito, eu teria notado. Pelo menos acho que teria.

– É verdade. Copiei exatamente o vestido de uma mulher. Só a cor é diferente – disse ela.

– É? – Esfreguei o rosto com a mão. – Olhe, mesmo que você esteja certa, está muito... muito... – Agitei a mão na direção de seu corpo, deslizando-a em círculos para indicar seu cabelo. – E seu rosto está excessivamente... – Meus ombros se curvaram. – Ana, você não pode usar vestidos assim.

– Por que não? – insistiu ela, pondo as mãos nos quadris.

Soltei um gemido e fechei os olhos.

– A cor é... feia?

– Não, a cor é... está ok – respondi. – É muito... – Fiz uma pausa e meus olhos se fixaram em seus lábios cheios. – ... atraente – concluí.

– Então me diga o que há de errado com ele para que eu possa corrigir no futuro – disse ela baixinho. – Eu preciso aprender.

Seu comentário inocente me desarmou e consegui recuperar minha autoconfiança. Era por isso que ela precisava de mim. Eu era seu guia em um mundo que ela não compreendia.

– Ana, você é uma mulher muito bonita. Claro que você sabe disso.

– Eu... – gaguejou ela, dando um passo para trás, subitamente hesitante. – Eu sou uma deusa.

– Sim, mas também é uma mulher. Você já era uma mulher linda antes de ser deusa.

– Mas estou disfarçada aqui. Eles não me conhecem.

– Essas pessoas podem não ver a deusa Durga quando olham para você, mas ainda assim verão uma deusa. – Segurei seu ombro e o pressionei, em um gesto tranquilizador, oferecendo-lhe um sorriso fraternal. – Nesta época, como em muitos outros séculos, algumas pessoas veem a beleza e desejam possuí-la, mesmo que a beleza não deseje ser possuída. Você compreende?

Ela inclinou a cabeça para me estudar.

– Então você quer que eu fique velha e feia como você – disse ela, arquejando em seguida. – Tem alguma mulher aqui que deseja possuí-lo? Me mostre onde ela está e eu vou lá para dizer que você não está ao alcance dela!

– Não, Ana. Não tem ninguém aqui que me deseje.

Sua carranca transformou-se em sorriso.

– Suponho que não. Nenhuma mulher quer dar comida na boca de um companheiro velho e doente.

Os cantos da minha boca se levantaram e eu estava prestes a refutar seu comentário quando seus olhos se arregalaram e ela ofegou. Virei-me e praguejei baixinho quando vi Nilima de braço dado com Sunil. Ele a acompanhou até o elevador e pressionou um botão. Nilima fez uma observação sobre ele finalmente

ter aprendido a apertar os botões e estava prendendo uma mecha de seu cabelo escuro atrás da orelha quando os olhos dele se acenderam.

Estreitando a distância entre eles, Sunil deslizou a mão pela curva do pescoço da jovem e baixou a boca até a dela, vacilante a princípio, e em seguida a puxou contra ele, posicionando seus lábios mais fortemente sobre os dela. Os braços de Nilima deslizaram em torno da cintura dele e nenhum dos dois percebeu quando o elevador apitou, abriu e tornou a fechar as portas.

– Sunil – murmurou Anamika, a voz embargada, e, antes que ela pudesse passar por mim e se aproximar do irmão, eu a abracei e nos tornei invisíveis. Com suas curvas exuberantes firmemente pressionadas contra meu corpo, eu nos conduzi através do tempo, suas lágrimas molhando minha camisa.



Jejum e fome

Quando nos rematerializamos no que eu passara a ver como o nosso tempo, Anamika afastou-se de mim tão violentamente que tropeçou e quase caiu. Cerrei o cenho. Com certeza eu não a tinha machucado. O peito dela arfava, seus olhos estavam brilhantes e ela me fitava como se eu fosse um estranho – um estranho que a tinha traído.

– Quem era ela? – perguntou Anamika. – Me diga, Kishan. Você sabia desse... desse relacionamento?

– Eu... Não. Eu não sabia que Sunil e Nilima estavam se apaixonando.

– Nilima? – Ela cuspiu o nome. – Quem é essa garota?

Erguendo a mão e mantendo a calma, eu disse:

– Você ia gostar dela, Ana. Ela é minha... minha irmã, de certa forma. Nilima é tatatatataraneta de Kadam. Não tenho muita certeza de quantas gerações há entre nós, mas ela conhece nosso segredo. Eu confio nela. Você também deveria.

– E como posso confiar? – disse ela, os lábios tremendo. – Você nunca a mencionou. Kadam tampouco.

– Desculpe. Acho que nenhum de nós pensou que vocês teriam a oportunidade de se encontrar.

– Ela ao menos gosta dele?

– Deve gostar. Nilima não é namoradaira. Ela não deixa os homens se aproximarem. Obviamente, isso não se aplica a Sunil. Eu os observei na recepção. Eles dançaram juntos como um planeta e sua lua. – Fechei os olhos e suspirei. – Você não conhece os planetas – murmurei, e então continuei, explicando: – Eles correm atrás um do outro como pássaros na primavera.

Ela cruzou os braços diante do peito e zombou:

– Sunil nunca se comportou como um pássaro na primavera e ele se recusa a dançar.

– Agora ele dança – repliquei. – É isso que o amor faz. Ele turva o pensamento do homem.

– Então o que ele faz com as mulheres?

– A mesma coisa.

– Bem, eu jamais me rebaixaria a tal exibição.

– Você pode não se importar tanto. Se for com a pessoa certa, é claro.

Meus ombros tensionaram por um momento quando imaginei que tipo de homem capturaria o interesse de Ana. Eu teria de me certificar de que ele fosse digno de uma garota assim. Ela era crédula e inocente demais para que eu permitisse que tomasse esse tipo de decisão sozinha. Vasculhei a mente, tentando me lembrar de alguma história de Durga que aludisse a um companheiro, mas eu não era um erudito como Kadam. Além disso, não tinha muita certeza de que Anamika, a garota, e a Durga das histórias fossem iguais. Ana era uma garota de carne e osso muito real. Era tão diferente das histórias que eu ouvira quando criança...

A garota de carne e osso muito real interrompeu meus pensamentos:

– Então, supostamente, esses beijos indicam a afeição que um sente pelo outro?

– Em geral, é assim que funciona – respondi com uma leve risada.

– Não tenho tanta certeza quanto você a respeito disso.

Eu podia ouvir a mágoa ecoando em sua voz. Ela estava trêmula, ali parada. Eu não sabia o que fazer. Isso a estava afetando muito mais do que eu achava que deveria. A despeito de minhas reservas, resolvi usar minha conexão com ela para descobrir o que havia de errado. Gentilmente, abri minha mente para a dela a fim

de mostrar minhas lembranças de Nilima, pensando que, se ela visse Nilima e a compreendesse, talvez aprendesse a aceitar o apreço de Sunil pela garota.

Em vez da pacífica camaradagem que tipicamente partilhávamos, fui bombardeado no momento em que fiz a conexão. O caos das emoções de Ana quase me fez cambalear. Nunca soubera que a deusa podia se mostrar tão descontrolada. No limite. Sua mente estava tempestuosa, com pensamentos e emoções sombrios, assustadores. Que ela não os estivesse escondendo de mim era prova de como ver o irmão a afetara.

Comecei com as mais fáceis, imaginando lidar com as mais profundas depois. Na superfície, Ana odiava ter se separado de Sunil. Disso eu já sabia. Ela ansiava por saber o que ele estava fazendo ou se estava feliz. Mais do que qualquer coisa, queria ter o irmão a seu lado. Ele a reconfortava de um jeito que eu não parecia capaz de fazer. Aproximar-me dela era problemático, não que eu tivesse me esforçado muito. Encolhi-me quando me dei conta de como ela precisava de alguém em quem confiar.

Ela acabou por perceber o que eu estava fazendo e bloqueou seus pensamentos, mas ainda ousou examinar os meus, em busca de Nilima. Mostrei-lhe quão corajosa e forte era Nilima. Como havia cuidado de todos nós e administrado uma empresa praticamente sozinha. Mostrei-lhe uma ocasião em que Nilima me fizera um sermão por eu estar sentindo pena de mim mesmo e me dissera que, se eu não levantasse meu eu tigre do chão e sáísse, ela ia me pendurar pelo rabo e me bater como se eu fosse um tapete. Concentrei-me nas horas e mais horas que Nilima havia passado a meu lado, pacientemente me ensinando sobre o mundo moderno.

– É o que ela provavelmente está fazendo com Sunil agora – eu disse. – Ela é uma boa professora. Muito paciente conosco, criaturas deslocadas.

O belo rosto de Ana ficou mortificado e ela baixou a cabeça, lágrimas escorrendo pelas faces. Suas emoções dispararam novamente e eu interrompi o desfile das lembranças de Nilima. Quase sem pensar, dei um passo em sua direção e toquei com a ponta dos dedos o rosto molhado de lágrimas. Nossa conexão era mais forte quando nos tocávamos.

Tentei acessar sua mente outra vez, para compreender o que ela estava passando. Havia uma escuridão em seus pensamentos, um lugar esvaziado.

Inclinando a cabeça, forcei a barra e então pisquei, atordoado, quando Ana pressionou a mão sobre a minha.

– Não – disse ela, me fitando no fundo dos olhos. – É longe demais.

Seus cílios escuros estavam molhados de lágrimas.

– O que é que você está escondendo? – perguntei.

– É pessoal, Kishan. Não me peça que lhe mostre aquelas lembranças.

– Tem a ver com aquele homem? O que você tentou enfrentar? O que ele fez,

Ana?

Eu podia imaginar, mas me agarrava a uma tênue esperança de que estivesse errado. Então fiz uma pausa e ponderei. Estava claro para mim que, qualquer que fosse a razão da tristeza que ela estava escondendo, ela fora acionada pelo que vira entre Sunil e Nilima. Eu queria respostas. Queria ajudar. Mas também queria que ela confiasse em mim. Quando eu precisara de espaço, traçara uma linha e ela recuara. Oferecer a ela a mesma gentileza era o mínimo que eu podia fazer.

– Muito bem – falei. – Mas me diga uma coisa: você não quer que Sunil encontre a felicidade?

Ela suspirou e afastou-se de mim. Então virou-se de costas, rompendo nossa conexão mental e se fechando.

– É claro que quero que ele seja feliz – retrucou suavemente.

Estrelas ardiam gélidas no alto, perfurando o veludo da noite e tocando os ombros nus de Ana, de onde meu paletó havia escorregado. Ele pendia embolado em torno de seus braços. Ela estremeceu delicadamente e eu ergui o paletó, ajustando-o em seus ombros de novo. Anamika puxou as beiradas do paletó, fechando-o na frente do corpo, e sentou-se na borda da fonte que jorrava, alheia ao fato de que a água estava deixando manchas molhadas em seu vestido de seda. Os insetos que zumbiam no jardim soavam melancólicos, quase como se ecoassem o humor da deusa.

– Por que você foi até lá? – indagou ela. – Você perguntou se eu queria que Sunil estivesse feliz. Eu pergunto o mesmo a você em relação a Kelsey e Ren.

Não respondi de imediato e sentei-me a seus pés. Tocando a bainha de seu vestido, senti a magia do Lenço Divino zumbindo ao longo dos dedos.

– Por favor, transforme minhas roupas e minha aparência, fazendo com que voltem ao normal – pedi.

Quando o sussurro dos fios cessou, alonguei as costas, girei o pescoço de um lado para outro e corri a mão pelos cabelos. Era bom me sentir eu mesmo outra vez.

– Você queria se magoar indo vê-los? – insistiu ela. – Se queria causar dor a si mesmo, tenho armas à disposição.

Dei uma rápida olhada para ela e flagrei um breve sorriso. Ela estava me provocando, mas, ao mesmo tempo, me oferecia algo de que eu precisava. Perguntei-me se teria sido nossa conexão que lhe dera essa ideia ou se ela simplesmente intuía. Resmungando, eu disse:

– Talvez treinarmos juntos possa ser uma boa distração. Vamos começar amanhã, se estiver de acordo.

Treinar com ela ajudaria a pôr para fora parte de minha energia incansável. Eu não havia treinado com ninguém desde Kelsey e, apesar de suas habilidades, Kelsey estava basicamente no nível iniciante, muito abaixo de mim para oferecer qualquer tipo de desafio.

A dificuldade com Kelsey estava em manter minha mente e minhas mãos concentradas na tarefa e não em beijá-la ou abraçá-la. Não havia qualquer surpresa com Kells, pois fora eu quem lhe ensinara tudo que ela sabia. Descobri que estava curioso para testar as forças e fraquezas de Ana e, na verdade, estava ansioso para confrontar nossos talentos.

Ana assentiu.

– Agradeço sua ajuda em manter minhas habilidades de luta afiadas. Mas você está se esquivando da minha pergunta.

Em lugar de responder, fiz uma pergunta a ela:

– Você o amou? É a Ren que me refiro.

– Conheço muito pouco do amor – disse ela. – Eu me sentia à vontade com Ren. Ele era... cortês comigo.

– Cortês?

– Sim. Ele não quis me cortejar, como outros homens. Já falei isso antes.

– Ah, sim, você gostou de ele não ter ficado bajulando você ou exigindo um relacionamento físico. – Fiquei paralisado quando um pensamento me veio à

mente. – Outros homens a pressionaram, então? – perguntei.

Isso não deveria me espantar. Anamika era muito bonita. Era natural que homens a tivessem desejado. No futuro eu teria de ser mais vigilante quanto a isso. Talvez homens até a estivessem assediando enquanto eu me martirizava na selva durante todos aqueles meses. Eu teria de agir melhor daqui para a frente por causa dela.

– Alguns tentaram. Nenhum teve sucesso – disse ela.

– Ótimo. – Deixei escapar um suspiro e ela ergueu uns olhos perspicazes para mim. Dobrei os joelhos e os abracei. – Você nunca se apaixonou, então, Ana?

– Não. Não vejo nenhum propósito nisso.

– Seus pais se amavam?

– Meus pais cuidavam um do outro – admitiu. – Foi uma união arranjada e eles pareciam não concordar em nada, mas, com o passar do tempo, respeito e afeto se desenvolveram entre eles.

– Entendo. O motivo de minha pergunta – expliquei – é que meus pais foram muito felizes juntos. É algo que desejo para mim.

– E você queria isso com Kelsey.

– Sim.

– Ren também deseja esse relacionamento? – perguntou ela.

– Sim.

– Então você os estava observando para determinar se o sentimento de um pelo outro é genuíno? Você acha que pode ter sido um erro ficar aqui como tigre e deixar Ren partir.

Meu queixo caiu. Ela acertara em cheio.

– De certa forma – repliquei.

Ana mordeu o lábio inferior enquanto pensava. Ela não estava tentando prender minha atenção ao fazê-lo e, no entanto, eu me vi atraído assim mesmo.

– Muito bem – disse ela por fim. – Antes de continuarmos a cumprir a lista de Kadam, vamos determinar se aqueles que amamos estão felizes em seus relacionamentos.

– E se concluirmos que não estão?

– Então discutiremos o plano de ação a seguir. – Ela virou-se para me fitar. – Mas vamos fazer isso juntos, Kishan.

– Estou de acordo – assenti.

Se ela iria me seguir por aí de qualquer jeito, então era melhor que eu a orientasse em suas futuras escolhas de roupa.

Estávamos prestes a discutir o que faríamos primeiro quando um soldado apareceu na entrada do jardim.

– Deusa! – O homem correu em nossa direção e se ajoelhou aos pés dela. – Que bom que finalmente a encontrei.

– O que foi, Bhavin?

– Um mensageiro veio até aqui com uma necessidade urgente. Há uma aldeia na base de uma montanha perto do encontro de dois rios. Eles estão sitiados pelo senhor das terras e pedem a sua ajuda.

– Onde está esse homem? – perguntei.

– Ele... ele morreu. Estava gravemente ferido, Deusa.

– Damon? – chamou ela, dirigindo-se a mim formalmente. – Há trabalho a fazer. Suponho que o tempo para o treino já passou. Em vez disso, vamos afiar nossas habilidades desafiando os inimigos.

Assentindo, pus o amuleto em seu pescoço, levantando-lhe os cabelos com cuidado para que o cordão não embolasse neles, e então me transformei em um tigre negro. Bhavin era um guarda de confiança e servia a Anamika desde antes da batalha com Lokesh. Ele nos conhecia como nós mesmos assim como sob a identidade da deusa e de seu tigre. Enquanto eu observava, Anamika transformou-se na deusa Durga com todos os seus oito braços. Sua armadura de batalha surgiu ao mesmo tempo que a minha. Placas douradas cobriram-me as patas e o peito e uma sela materializou-se em minhas costas.

As armas de Durga irromperam pela porta aberta, uma perigosa massa de projéteis afiados que voaram para seus braços estendidos. Ela os pegou com facilidade, agarrando cada um no ar, embora tenham chegado simultaneamente, a maior parte com a lâmina para cima. O Fruto Dourado disparou em nossa direção também e ela o enfiou em uma bolsa de couro na lateral de minha sela. Em seguida veio o *kamandal*, que ela amarrou em torno de meu pescoço.

Anamika prendeu algumas das armas e manteve outras seguras em uma de suas muitas mãos.

Seus cabelos, soltos, caíam-lhe pelas costas e seu olhar de guerreira era feroz. Mantínhamos o amuleto conosco o tempo todo e, como tínhamos acabado de viajar, também estávamos com a Corda de Fogo, que Anamika havia usado como cinto, e o Lenço Divino. A última coisa de que precisávamos bateu no pé descalço dela. Abaixando-se, Anamika disse:

– Aí está você.

Quando a deusa estendeu um braço, a cobra dourada enroscou-se e acomodou-se nele. Fanindra nunca se mantinha como joia quando a deusa executava seu trabalho, parecendo preferir ficar em sua forma de cobra. Anamika não se incomodava em ter uma cobra viva no braço, como acontecia com Kelsey.

Fanindra com frequência ficava para trás, no quarto de Ana, mesmo quando partíamos para ajudar alguém. Era quase como se soubesse que não seria necessária. Na maior parte do tempo a encontrávamos enroscada e dormindo à luz do sol na janela de Ana. Raramente ela nos honrava com sua presença. Anamika acariciou a cabeça de seu bichinho de estimação e a cobra se acomodou, a língua projetando-se para fora enquanto ela me olhava com seus olhos de joias.

Ana então parou a meu lado, pousou a mão em meu pescoço e canalizou o poder da deusa. Dezenas de imagens passaram em grande velocidade diante de nós. Gritos e preces, morte e destruição assaltaram nossos sentidos. Ambos cambaleamos com o impacto. A princípio, tentamos examinar rapidamente os pedidos para ver qual precisava ser atendido primeiro, mas aprendemos que as súplicas mais altas nem sempre são as que precisam de ajuda mais urgente.

Logo depois que ela aceitara o papel de deusa, tínhamos descoberto que o poder que Kelsey e Ren haviam exercido, o poder antes partilhado entre um par de deusas e tigres, recaíra sobre nós completamente. Recebemos todo ele. Como resultado, cada prece proferida em cada templo, independentemente da década, inundava nossos sentidos. Era preciso um esforço monumental para desligar o poder, mas descobrimos que conseguíamos fazer isso juntos. Tornar a ligá-lo era como romper uma represa. Sintonizamos o poder novamente de modo a

somente os mais necessitados, as súplicas mais frequentes, chegarem à superfície.

– Temos sido relapsos com nossos deveres ultimamente, Damon.

Temos, repliquei em minha mente.

Erguendo a Corda de Fogo, Anamika girou-a em um círculo e um portal abriu-se diante de nós. Quando ele se estabilizou, ela subiu em minhas costas e eu corri adiante, saltando pela abertura. Aterrissamos com um baque pesado em uma trilha batida e disparei em direção à cidade.

A fumaça se encapelava acima de nossas cabeças à medida que soldados ateavam fogo aos telhados de palha. Ana usou o lenço para chamar os ventos. O lenço se enfunou atrás de nós, tremulando e sacudindo-se, ficando tão grande quanto um daqueles balões de ar quente que eu vira na televisão. Ana não precisou nem mesmo segurá-lo à medida que o ar se precipitava em direção à bolsa que se formara, enchendo-a até quase explodir. Então, com um desembaraço maior do que eu ou Kelsey demonstramos antes, Ana fez um movimento com a mão e disparou terríveis rajadas, que apagaram os incêndios.

Com grandes saltos, desviei-me de soldados caídos cobertos pelo vermelho-ferrugem do sangue seco. Tínhamos adentrado a batalha quando o clamor das preces já era um cheiro queimado na brisa e o dia se tingia com as primeiras cores da noite púrpura, que se espalhavam pelo céu como contusões sob a pele. A fumaça que pairava sobre o chão como uma névoa fina fazia arder meus olhos e narinas.

Quando enfim alcançamos as pedras irregulares e as construções arruinadas que pareciam dentes quebrados, eu soube que tínhamos chegado tarde demais. Sangue fresco salpicava o chão como tinta. Encontramos soldados em pleno ato de violência gratuita. Crianças e bebês haviam sido chacinados, assim como os velhos e os enfermos.

Pressenti alguns sobreviventes escondendo-se nas sombras das casas ainda não devastadas, mas a aldeia estava cercada. Não haveria como fugir. Minhas patas deslizaram no lodo da morte e cravei as garras e rugi. Isso fez com que toda atividade fosse completamente suspensa.

Só levou um momento para que os sussurros de reconhecimento se transformassem em puro horror. Muitos soldados largaram suas armas e fugiram

em disparada para dentro da noite que caía. Correram como os ratos de um ninho descoberto, precipitando-se todos na direção do buraco mais próximo – uma agitação de botas, couro estalando e cascos. No entanto, muitos ficaram. Eles lamberam os lábios e voltaram uns olhos febris para a linda deusa. Rosnei, rangendo os dentes e abocanhando o ar.

Durga ergueu-se de minhas costas e elevou-se ao céu. Pairando acima de mim, seu corpo era mantido ereto por um colchão de ar. Relâmpagos crepitavam na ponta de seus dedos. Sua sombra dançava na fumaça dos incêndios que haviam consumido casa após casa da aldeia. Em seus olhos vi a fúria crua e brasas ardentes. Com um grito, ela evocou o poder do raio uma vez manejado por Kelsey e atacou, neutralizando a primeira leva. Um trovão sacudiu o chão e muitos caíram, mas outros correram, avançando para a batalha.

Com habilidade, ela aterrissou de pé a meu lado e demos início à nossa dança mortal, derrubando um soldado após outro. Os mercenários contratados a enfrentaram espada contra espada e espada contra tridente, mas ela era excessivamente letal, espetacular demais para que alguém levasse vantagem. Aqueles que chegavam perto logo aprendiam que Fanindra era por si só uma força. A cobra dava botes e picadas mortais.

Anamika lutou contra seis, sete homens de uma vez, abaixando-se, desviando-se e movendo os braços e o corpo de tal forma que tudo que eu queria fazer era me sentar no campo de batalha sangrento e observá-la, mas eu tinha meus oponentes para enfrentar. A pilha de corpos em torno dela foi crescendo, alguns esquartejados, outros picados, outros apunhalados.

Quando os corpos começaram a atrapalhá-la, ela elevou-se no ar e levitou até uma nova posição, permanecendo sempre perto de mim. Eu deveria me sentir fragilizado, sabendo que ela estava me protegendo tanto quanto eu a protegia, mas também me sentia orgulhoso por ser o companheiro de uma guerreira tão formidável.

Um homem afastou-se de mim rodopiando, seu peito vertendo sangue. Outro agarrou as próprias entranhas que se derramavam depois que o rasguei com minhas garras, enquanto um terceiro gritou quando abocanhei seu pescoço. Seus gritos foram interrompidos por um gorgolejo quando quebrei sua espinha. Saltando no ar, caí sobre mais um homem, esmagando-o com meu peso, então

fiz a volta e fui até Anamika para investir contra as pernas de dois sujeitos que a atacavam.

Pude ver o momento em que suas naturezas violentas se voltaram para dentro deles. O medo que haviam infligido arreganhou os dentes para os dois e os mordeu, amolecendo sua determinação e seus joelhos. Mordi o braço de um que tentava escapar e sua arma caiu no chão, inútil. Então Ana atingiu-lhe o braço com a espada, decepando-o. Ele gritou e agarrou o coto de onde o osso exposto se projetava.

Apesar de nossos esforços, parecia haver uma fonte inesgotável de oponentes buscando a própria morte. Nós os derrotamos, um a um, mal sofrendo um ferimento, salvo um dos braços de Ana, que, de alguma forma, foi atingido através da armadura. Seu sangue jorrava livremente de um corte que alguém, em um golpe de sorte, conseguira lhe infligir.

A ideia de que um soldado havia passado por minhas defesas me enfiureceu, e investi com ímpeto renovado. Ataquei repetidamente com o poder em estado bruto, abatendo homens com dentes e garras. Eu era uma perfeita arma letal envolta em pelo. Lutamos juntos, nossos movimentos uma dança fluida. Minha única tristeza era que eu queria poder lutar ao lado dela como homem. Embora me agradasse lutar como tigre, gostaria de encarar meus inimigos como fizera tanto tempo atrás. Me imaginei junto a Ana, minhas costas contra as dela enquanto derrotávamos todos os nossos oponentes.

Finalmente, a batalha terminou. Ana ficou ali parada, arfando. Nem mesmo a sujeira e o sangue em seu rosto comprometiam a beleza de suas feições. Alguns poucos foram inteligentes o bastante para escapar, mas não valia a pena persegui-los. Tínhamos matado o líder, o que começara o problema. Um homem ganancioso.

Tínhamos descoberto que os aldeões extraíam minério da montanha. Era uma renda escassa para eles e, no entanto, o senhor das terras não estava feliz com seus ganhos. Ele decidiu punir a aldeia para servir de exemplo às outras sob seu domínio. Não fosse pelo grito dos crentes, não teríamos nem sabido aonde ir. O mensageiro poderia estar falando de qualquer montanha, qualquer aldeia. Foi sorte termos encontrado o lugar certo.

Durga reuniu os sobreviventes e ergueu os braços para o céu, a fim de fazer cair a chuva confortadora. Gotas doces e robustas atingiram a terra flagelada pela guerra. Quando os incêndios foram afinal contidos, avaliamos o dano. De uma comunidade de centenas, restavam apenas dezenas. A maior parte, mulheres. O fogo havia arruinado a aldeia e destruído quase todas as construções. O muro protetor que antes cercava as casas estava despedaçado e queimado.

Ficamos tempo suficiente para cuidar dos mortos, cremando-os com a ajuda do pedaço de fogo do amuleto, e usamos o *kamandal* para curar os feridos. Ana acessou o poder do Fruto Dourado para fornecer alimento que duraria vários anos e, quando ela o apoiou no chão e o ligou ao amuleto, novas lavouras cresceram onde as antigas haviam sido queimadas.

Quando ficamos satisfeitos por termos feito o melhor que podíamos por aquelas pessoas, nós as deixamos e saltamos pelo anel de fogo mais uma vez, buscando o próximo lugar que precisava de nossa ajuda, e depois mais outro. Levamos quase três dias até chegar ao último local.

Tendo sido chamados a uma terra a leste da Índia, pisei em um solo tão seco que a poeira se ergueu à nossa volta, cobrindo tanto a pele dela quanto a minha pelagem. Embora eu houvesse passado a maior parte da vida em uma selva sufocante, o sol que nos castigava era impiedoso e mais quente do que qualquer coisa que eu já tivesse experimentado antes. Não tinha muita certeza de quanto tempo poderíamos ficar ali.

– Onde estamos? – perguntou ela.

Não havia ninguém nas proximidades e eu não conseguia avistar aldeia alguma. O calor era insuportável, então Ana fez desaparecer nossas armaduras e usou o amuleto para que a chuva caísse sobre nós de tempos em tempos e nos refrescasse. Até mesmo Fanindra estremeceu e mudou para sua forma de metal. Era como se ela já tivesse cumprido seu dever de proteger sua senhora e soubesse que agora ficaríamos bem por nossa conta. Vi isso como um bom sinal.

Em seu estado inanimado, Fanindra não necessitava de comida nem de água. Eu não havia me dado conta de que ela sentia sede ou fome. Não até ela passar grande parte do tempo como uma cobra de verdade, vivendo entre nós. Murmurei um agradecimento silencioso à cobra por ter nos protegido. Pode ter

sido minha imaginação, mas pensei ter visto seus olhos cintilarem, como se ela tivesse me ouvido. Eu passara a apreciar Fanindra de verdade, em especial depois de ver como ela havia salvado tanto Kelsey quanto Anamika incontáveis vezes. Não fosse por ela, nunca teríamos sobrevivido, quanto mais derrotado Lokesh.

As poucas árvores por que passamos estavam atrofiadas e secas. As folhas que teimosamente se agarravam aos galhos haviam se encrespado e balançavam ao vento quente como fitas marrons. Lembravam-me um pouco as árvores de pedidos nos festivais japoneses, só que essas pertenciam a um festival no inferno. Logo alcançamos sulcos abertos em longas fileiras na terra, mas nada crescia ali, nem mesmo ervas daninhas.

Finalmente encontramos uma aldeia abandonada. Pedacos de lixo e palha espalhavam-se pelo chão. Ergui o focinho no ar. Estava tão seco que mal consegui detectar um cheiro, mas percorri o vilarejo, enfiando o nariz em cada construção escura até chegar a um pequeno templo com uma pilha de oferendas ressecadas.

Foi aqui que rezaram para você, afirmei.

– Você consegue encontrá-los? – perguntou ela.

Vou tentar.

Quase duas horas se passaram antes que eu encontrasse um grupo de aldeões famintos. Eles estavam sentados perto de um rio seco, a pelo menos meia hora da aldeia. Dava para ver que o rio fora largo e cheio no passado. As margens estendiam-se à distância e sua calha era funda. As pedras no leito do rio estavam cobertas por ossos de peixes. Aquilo não era natural.

Estremeci. Do que eu podia depreender, os peixes haviam morrido rapidamente. Era como se alguém houvesse envenenado a água. Nas margens, havíamos passado pelos restos secos de centenas de animais que tinham vindo ao rio e ali ficado na esperança de que haveria água logo. Um rio daquele tamanho jamais deveria ter secado. As montanhas à distância o alimentariam o ano todo.

Como tigre, eu havia migrado, por instinto, para cursos d'água permanentes nos verões. In a cachoeira onde eu conhecera Kelsey havia secado uma vez em trezentos anos, e isso fora apenas por cerca de um mês. O lago havia baixado

consideravelmente naquele verão e muitos animais iam beber na margem, mas, quando as chuvas vieram, ele logo foi reabastecido.

Eu nunca havia me preocupado muito com água, mas aqueles dias tinham sido difíceis. Não podia imaginar o que esses animais e os aldeões haviam passado. Mesmo agora, as pessoas mal conseguiam se levantar e saudar nossa chegada. As mulheres choraram, mas as lágrimas secaram na mesma hora, com o calor. Os homens riram, mas sua felicidade logo se transformou em acessos de tosse.

Uma criança sentou-se. Eu nem mesmo a tinha visto em meio à massa de corpos. Seus pobres lábios estavam rachados e sangrando e as pernas eram tão magras que me surpreendia que pudessem sustentar seu peso. Outras crianças espiavam debaixo de tendas construídas às pressas e de lençóis pendurados entre árvores para oferecer refúgio do sol escaldante.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Anamika. Sua voz foi captada pelo vento e amplificada de modo que todos pudessem ouvi-la.

– Seca – respondeu uma mulher. – A terra está amaldiçoada. Um homem maligno lançou seu poder contra nós. Metade da aldeia está morta e a outra está morrendo.

– Quem é o homem que fez isso com vocês? – perguntou Anamika.

– Não importa. Ele já se foi.

– Vou encontrá-lo – prometeu Ana. – Ele será punido pelo que fez.

A mulher riu.

– Você nunca vai encontrar Lokesh.

Fiquei paralisado e Ana estremeceu na sela. Depois de dizer o nome dele, a mulher cuspiu na terra. Percebi que não surgiu nenhuma marca molhada no chão. Se eu estivesse na forma humana, também teria cuspidido, só para demonstrar meu apoio.

– Ele é como um lobo no meio da noite – acrescentou ela. – Nem mesmo uma deusa pode arrancá-lo de seu covil.

Será possível? Ele pode estar aqui?, perguntou-me Ana, uma ponta de pânico em suas palavras.

Não. Lokesh está morto, afirmei com certeza.

Então como? Como ele fez isto?

Refleti por um momento e disse: *Devemos ter vindo parar em uma época em que ele era um rapaz à procura dos pedaços do amuleto. Você percebeu as diferenças nos lugares em que estivemos? Atravessamos terras, mas também viajamos pelo tempo. O nó em seu estômago lhe diz isso. Quanto maior a pressão na barriga, mais distante viajamos.*

Tem certeza disso?, perguntou ela.

Eu me contorci e abocanhei um espinho que incomodava em minha pata. *Faz sentido. Até Lokesh tinha ouvido rumores sobre a deusa Durga. Essas pessoas, por mais distantes que estejam da Índia, devem ter ouvido sua história também. Talvez sejam exatamente essas as pessoas que falaram de você a ele. Lokesh não sabia que se tornaria o demônio que Durga destruiu na batalha. Nós ouvimos as súplicas, as preces delas. Agora precisamos consertar o que ele fez com elas.*

Mas, se ele está aqui, vamos destruí-lo aqui, agora, enquanto está fraco.

Kadam tentou fazer isso. Ele disse que a única maneira de derrotar Lokesh era como fizemos, com você. Disse que era o nosso destino. Ele morreu por essa convicção, Ana.

Eu entendia o fato de ela querer matá-lo. Pensara muitas vezes em voltar e destruí-lo antes de ele matar Yesubai. Não porque eu ainda estivesse apaixonado por ela, mas porque ninguém merecia morrer pelas mãos do próprio pai. Kadam fora insistente ao afirmar que a maldição precisava acontecer e que Durga e seu tigre precisavam surgir. Ver o trabalho que estávamos fazendo consolidava essa ideia em mim, ao menos um pouco.

Era o futuro que eu imaginara para mim quando era um príncipe vivendo no reino de meu pai? Não. Mas eu tinha desejado deixar minha marca no mundo. Mudei ligeiramente de posição e olhei para minhas pegadas. As curvas profundas onde as almofadas das patas afundavam a areia e os sulcos deixados pelas garras certamente eram uma marca. Talvez essa impressão não durasse, mas eu sabia com certeza que a história de Durga e seu tigre permaneceria.

Vamos falar mais sobre isso depois que ajudarmos essas pessoas, Kishan, disse Anamika.

Ana ergueu os braços no ar e canalizou o poder do pedaço de água do amuleto. Lá no alto, o límpido céu azul tremulando com o calor começou a

mudar. A princípio, foram apenas fiapos de nuvens brancas se reunindo no horizonte. Até que elas foram se juntando, tornando-se maiores e mais escuras. O vento levantou nuvens de poeira seca, trazendo com ele o cheiro de chuva.

Quando as gotas começaram a cair, os aldeões olharam para cima, deixando a chuva fresca escorrer por seus rostos, refrescando-os. Ana tinha uma espécie de instinto natural para combinar os poderes de nossas várias armas, e os usou de maneira criativa para reconstruir o que havia sido destruído. Não só ela reabasteceu o rio como usou o Fruto Dourado combinado com o *kamandal* para curar a terra e trazer a vida de volta ao rio.

Árvores cresceram ao longo das margens e abriram-se em amplas copas. Ana mergulhou no tridente no rio e agitou as águas, que sibilaram e borbulharam, e peixes de todos os tipos irromperam do tridente e nadaram em todas as direções. Ela encontrou uma casca de ovo quebrada e, quando soprou nela, um pássaro surgiu, voou para uma árvore e, em seguida, centenas de pássaros levantaram voo dali.

Pegando um osso e um pouco de lama do rio, ela os tocou com a ponta de uma flecha, criando um alce. Então arrastou a flecha em um longo sulco e o chão abriu-se, permitindo que dezenas, não, centenas e centenas de criaturas saltassem da brecha. Por fim, pegou a *gada* e bateu em um monte de terra. A colina derreteu-se em insetos de todo tipo e do centro levantaram-se répteis de várias espécies.

Deixei-me cair sentado, perplexo com o que ela havia feito. Mesmo com todos os poderes de Durga à nossa disposição, Ren, Kelsey e eu não tínhamos nem mesmo tentado fazer o que ela havia realizado. Nós não sabíamos que tudo aquilo era possível. Desviei-me quando uma cobra particularmente letal passou por mim, afastando-se das pessoas.

Você tinha de criar mosquitos irritantes e répteis peçonhentos?, perguntei.

Todas as criaturas merecem um lugar no mundo, replicou ela.

Quando tudo estava resolvido, ela se aproximou de mim. Seus olhos estavam cansados, e os ombros, vergados.

Como?, perguntei-lhe. *Como sabe fazer essas coisas?*

Ela deu de ombros, a exaustão evidente em cada um de seus braços.

– Meu professor – respondeu ela.

Kadam?, perguntei, incrédulo, absolutamente confuso com a ideia de que ele havia ensinado a ela. *Qu... quando?*

Phet veio a mim quando você esteve na selva durante todos aqueles meses. Eu não sabia então que ele era o seu Kadam.

Em voz alta, Ana disse aos aldeões:

– Podem nos levar ao seu poço?

Alguns tentaram se levantar e atender ao pedido, mas logo ficou óbvio que precisavam se alimentar primeiro. Ela deu um passo para trás e encheu o espaço diante deles com comida e jarros de caldos nutritivos, inclusive o suco da fruta do fogo à qual Kelsey a apresentara, então esperou pacientemente que eles comessem e bebessem até se fartarem e observou com atenção para ver se precisavam de mais alguma coisa. Exausta, sentou-se, descansando a cabeça em minhas costas, e adormeceu.

Enquanto ela dormia, refleti sobre o que havia me revelado. Eu ficara me lamentando na floresta enquanto ela aperfeiçoava suas habilidades, praticando. Eram ridículas as coisas que eu não sabia. Tinha me sentido todo superior, como se estivesse em vantagem no que se referia às armas ou ao amuleto. No fim das contas, estava redondamente enganado. *Que belo companheiro eu estava me saindo.*

Eu detestava acordá-la, mas sabia que ela descansaria melhor em casa. Os aldeões estavam prontos para nos mostrar onde ficava o poço, então, mentalmente, a chamei. *Ana. Ana, acorde.*

– Não, Sohan. Me deixe dormir – murmurou ela, virando-se de lado, acomodando a cabeça em um de seus muitos braços.

Sohan? Eu não achava que tivesse lhe dito meu nome completo. Apenas minha mãe me chamava de Sohan. Todas as outras pessoas usavam Kishan. Até mesmo Kadam. Fiquei surpreso, mas descobri que não me importava que ela me chamasse por esse nome.

Acorde, Ana. As pessoas precisam de você.

Ela abriu os olhos na mesma hora. O que era incomum para Anamika, que gostava de dormir e ficava bastante irritada quando era acordada. Mas, quando era Durga e as pessoas dependiam dela, respondia rapidamente. Voltamos à aldeia e, com sua magia, Ana encheu o poço até a borda com água doce. Fiquei

feliz em beber do balde que uma garotinha pôs à minha frente enquanto Ana reconstruía a aldeia, tornando-a um lugarzinho animado cheio de árvores e de suas flores típicas.

A vegetação espalhou-se à nossa volta em um amplo arco e cobriu todo o caminho até a montanha e além. Ao dar-se por satisfeita com seu trabalho, ela desabou apoiada em meu flanco e levou uma concha cheia de água aos lábios. Após nos despedirmos, deixamos a aldeia e, quando estávamos a uma boa distância, ela usou o lenço para voltar ao habitual vestido de caça verde.

Inclinando minha cabeça de tigre, eu a imitei e mudei para a forma humana. Ela segurou a Corda de Fogo em uma das mãos e o lenço na outra. O lenço transformou-se em uma bolsa não muito diferente da velha mochila de Kelsey. Ela guardou todas as armas ali dentro, com exceção do arco, que pendurou atravessado nas costas. Peguei a bolsa de sua mão e disse:

– Não vamos para casa?

Ela sacudiu a cabeça.

– Ainda não. Tem mais uma pessoa que precisa da nossa ajuda.

Soltei um gemido.

– Será que não pode esperar até amanhã? Estou exausto e sei que você também está.

– Esse chamado não nos demandará muito fisicamente. Trata-se de uma mulher do seu tempo. Ela está jejuando.

– Muitas mulheres fazem isso. Qual é a emergência?

Eu tivera de ensinar a ela essa palavra, que se tornara uma de suas favoritas. Ela gostava de me perguntar *Você tem uma emergência, Kishan?* todas as vezes que eu não conseguia encontrar um garfo ou quando estava com pressa.

Ana me dirigiu um sorriso cansado quando usei a palavra.

– A emergência é que a mulher que precisa falar comigo é a sua Nilima.



Festa na praia

— Espere aí. Nilima? Tem certeza?

— Tenho. Ela está suplicando à deusa Durga neste exato momento em que falamos. Fervorosamente.

Esfreguei a nuca com a mão.

— Você sabe por quê? Quando?

Ana inclinou a cabeça, fechando os olhos. Após um momento, disse:

— Ela está rezando pela segurança e felicidade de Kelsey. Não posso ter certeza de quando essa prece foi feita, mas acho que é importante atendermos ao seu pedido imediatamente.

Prendi a respiração à menção de Kelsey.

— Sim – repliquei rapidamente. – Concordo.

Seus lábios voluptuosos voltaram-se para baixo, em uma careta de descontentamento.

— Por outro lado, talvez devêssemos esperar – disse ela, hesitante.

— Não. – Sacudi a cabeça. – Kelsey pode estar precisando de nós.

Ana me olhou demoradamente. Eu me contorci sob seu olhar, sentindo-me culpado, mas me mantive firme.

– Muito bem – disse ela por fim, e pegou a Corda de Fogo, girando-a até surgir um vórtice.

Meu estômago se contraiu com força quando saltamos, indicando que estávamos de fato viajando bem distante no futuro. Quando aterrissamos, reconheci imediatamente que estávamos na Índia, mas onde e quando eu não tinha a menor ideia.

Era de dia e protegi os olhos contra o sol ofuscante, tentando ver se reconhecia a cidade. Eu estava descalço e Ana usava seu vestido de caça verde com botas e um arco cruzado nas costas, o que fazia com que chamássemos muita atenção no mundo moderno. Enquanto ela enrolava a Corda de Fogo e a pendurava na cintura, prendendo-a como um cinto, usei o lenço para fazer sapatos para mim e, para ela, leggings que se formaram sob seu vestido.

Ana implicou com isso, dizendo que eu não tinha qualquer direito de vesti-la sem seu consentimento. Não estava errada, portanto resmunguei um pedido de desculpas. Ela ainda se destacava. Não havia o que eu pudesse fazer em relação ao arco, então escondi-o atrás de um latão de lixo, algo horrível de se fazer com uma arma tão bela, e, depois de pedir permissão, pus o lenço sobre sua cabeça, cobrindo-lhe os cabelos longos e lustrosos. O Lenço Divino cresceu e combinou sua cor com a do vestido.

– Onde estamos? – perguntou Ana enquanto eu ajustava o lenço, prendendo seu cabelo debaixo dele.

Quando me dei por satisfeito, percebi como nossos rostos estavam próximos. Os lábios dela pareciam incrivelmente macios e fiquei paralisado. Nossos olhos se encontraram e engoli em seco. Suas mãos pressionaram meu peito e meu coração disparou, mas, aparentemente, seus pensamentos não estavam alinhados aos meus, pois ela me afastou.

– Terminou? – perguntou.

Pisquei. Então me virei de lado. *O que há de errado comigo? Estou sentindo tanto assim a falta de Kelsey que qualquer mulher serve?* Meu olfato de tigre deveria ter bastado para me desencorajar, pois o cheiro de batalha e morte ainda me impregnava. Mudar para a forma humana havia ajudado, mas eu precisava de um banho demorado para me livrar do fedor de sangue e suor. Ana deveria estar com o mesmo cheiro horrível, mas não estava. Toda vez que me

aproximava dela era como entrar em seu jardim. O perfume de rosas e jasmim fluuava em torno de Ana e agarrava-se a seus cabelos. Teria ela de alguma forma tomado banho quando eu não estava olhando?

Meu pensamento de repente se deslocou para Ana deitada de maneira lânguida em um banho de espuma e sacudi a cabeça para tirar aquela imagem da mente. Ela era como uma irmã. *Não era?* Sim, era bonita, poderosa, impressionante até. Sobretudo durante a batalha. O mais provável era que minha reação se devesse ao fato de eu estar sozinho há tanto tempo. Afastei-me vários metros, o que foi muito óbvio e provavelmente confuso para ela. A questão era que, mesmo à distância, eu ainda podia sentir o perfume de jasmim.

Fechando os olhos, rangi os dentes. Sem responder à pergunta, que ficou pairando embaraçosamente entre nós, dei meia-volta e me dirigi a uma loja próxima. Ela me seguiu e entrou logo depois de mim, maravilhando-se com os artigos expostos enquanto eu perguntava ao vendedor a data e a hora e se ele tinha um cartão de visita.

Quando ele me entregou o cartão, eu o li e arquejei. *Mangalore*. O que Nilima estava fazendo em Mangalore?

De súbito, eu soube.

– Venha – chamei e lhe estendi a mão, sabendo que ela odiaria se eu agarrasse seu braço. Ela a pegou lentamente, colocando sua mão na minha de um jeito consciente e deliberado. Aquilo significava alguma coisa para ela. Para mim também, mas eu não queria pensar a respeito disso no momento. – Para que lado fica o mar? – perguntei ao homem.

– Para oeste – replicou ele e saímos.

Depois de nos orientarmos rapidamente pelo sol, passamos entre lojas e descemos ruas a passo rápido o bastante para que as pessoas saíssem da nossa frente temendo que pisássemos nelas. Quando o mar enfim apareceu em nosso campo de visão, ouvi Ana ofegar, assombrada. Examinei a costa e, quando encontrei o que procurava, soltei o ar que vinha prendendo, meu coração batendo forte no peito como se eu tivesse corrido uns 10 quilômetros.

– Eles estão aqui – informei.

– Quem? – perguntou Ana, olhando com cautela para um lado e outro da rua.

Erguendo o braço, apontei na direção do mar, para o objeto que chamara minha atenção.

– O que eu deveria estar vendo? – indagou ela.

– Aquele é o *Deschen* – respondi. – Nosso barco. Aquele em que você me encontrou antes, quando eu estava observando Kelsey. Está vendo?

– Você está se referindo... se referindo àquela grande baleia branca na água?

– Não é uma baleia. É um iate. Um barco grande – expliquei quando vi que ela não entendia.

– O que isso tem a ver com Nilima?

Segui para a sombra debaixo de um toldo, de onde ainda podia ver o barco. Quando Ana se juntou a mim, eu disse:

– Ancoramos aqui para ir ao templo de Durga. Isso foi depois de Shangri-lá e antes dos dragões. – Ao longo dos últimos meses eu havia pacientemente ilustrado para Ana a linha do tempo da maldição e dos diferentes lugares em que estivéramos à medida que vencíamos as etapas para quebrá-la ao cumprir as profecias que Kelsey havia descoberto. Ainda assim, dava para ver que ela estava confusa. Eu não a culpava.

– Então, se procurarmos Nilima, vamos encontrar seu eu passado também?

Passei a mão pelo queixo.

– Eu não estava na cidade até irmos para o templo à noite. Eu só podia ser humano durante doze horas nessa época. Meu palpite é que devo estar a bordo do barco, cochilando como tigre durante o dia.

– Então você acredita que estejamos em segurança na cidade?

– Por ora, sim – repliquei.

Ela assentiu e fez uma pausa, erguendo o queixo como se tentasse ouvir alguma coisa.

– Ela está me chamando – disse Ana. – Posso ouvi-la.

Apurei os ouvidos para tentar captar o mesmo que ela, mas, sem a mão dela em mim conectando-me ao poder da deusa, tudo que eu conseguia distinguir eram os típicos sons da cidade – pessoas, cães latindo, carros barulhentos, o mar distante, buzinas de bicicletas e vendedores anunciando seus produtos. Ana fitava a distância, os olhos vidrados e o lábio inferior preso entre os dentes. Fitei aqueles lábios por um minuto longo demais antes de perguntar:

– O que foi?

– São... são as mulheres desta cidade. Muitas delas vêm buscando minha ajuda em relação a... em relação a encontrar um companheiro.

Anamika voltou os olhos perplexos para mim.

– O que devo fazer? – perguntou.

Dei de ombros.

– Não sei. Você *precisa* fazer alguma coisa?

– Nunca ajudei ninguém nesse sentido. Não tenho nenhuma experiência. Eu me sinto mais à vontade com a guerra do que com os assuntos do coração.

Ela ficara branca como a espuma do mar.

– Talvez esse seja o tipo de súplica que você deve apenas ouvir. Como uma terapeuta – sugeri.

– O que é uma terapeuta?

– Uma conselheira. Uma professora.

– Mas professores ajudam.

– Sim – admiti.

– Como posso ensinar a elas? Oferecer conselhos quando eu mesma preciso deles?

Sorri.

– Você precisa de ajuda para encontrar um companheiro?

– Sim. Não. Nunca pensei em ter um. Por que essas mulheres não escolhem simplesmente viver sozinhas?

– Viver sozinho é difícil. Mesmo que elas escolham ignorar as convenções sociais, uma vida solitária não é vida. Acredite em mim.

– Então talvez você possa ajudá-las.

– Eu? – Sufoquei uma risada enquanto ela dava um tapa de leve em meu braço, pensando que eu estava debochando dela.

Os olhos verdes de Ana me fitaram, afiados como punhais.

– Não zombe de mim assim, Kishan.

A seriedade de sua expressão me pegou de surpresa.

– Você quer mesmo a minha ajuda?

– Sim.

Dei um profundo suspiro.

– Se você tem certeza, então, sim, vou tentar ajudá-la. Mas, sinceramente, não acho que seja necessário. Você é a deusa das batalhas.

Seu rosto entristeceu-se como um bichinho de estimação que fosse chutado pelo dono.

– Apesar de minha habilidade nesse campo, não quero ser conhecida apenas pelas batalhas – declarou ela.

– Não, eu... – Enfie a ponta de meu sapato novo e macio em uma pedra quebrada no pavimento, subitamente inseguro sobre como consertar o que eu obviamente tinha estragado. – Olhe – falei –, eu não quis dizer que você não pode ser a deusa de outras coisas. Você fornece alimento, cura a terra... Pense em todas as pessoas que você ajudou. As batalhas foram só o que apareceu primeiro na minha mente.

– Compreendo – disse ela com suavidade. – Como posso esperar que as pessoas se lembrem de mim como humana, como uma mulher, quando tudo que veem é uma deusa guerreira?

Estendendo a mão, entrelacei meus dedos nos dela. Um formigamento me subiu pelo braço e senti a força de nossa conexão nos unindo.

– A deusa Durga já é muito mais que uma guerreira.

Rociei os nós dos dedos sob seu queixo e esperei que ela olhasse para mim. Quando o fez, pude ver que estava ansiosa, vulnerável.

– Você consegue encontrá-las? – perguntei com delicadeza.

Ela assentiu.

– Então me leve até lá e eu ajudarei da melhor maneira possível.

– Obrigada. – Dessa vez foi ela quem pegou minha mão, segurando-a com força, e me dirigiu um sorriso caloroso que mexeu com meu estômago como se tivéssemos saltado no tempo outra vez.

Enquanto caminhávamos pelas ruas, acrescentei:

– Mas lembre-se de que eu também nunca tive um relacionamento que deu certo.

– Sim, mas você já amou mulheres antes.

Tossi.

– Sim, suponho que isso seja verdade.

Ela assentiu com a cabeça.

– Você dará bons conselhos, pois é um homem grosseiro e lamuriento como todos os outros. Sem dúvida, vai poder me ajudar a dizer a essas mulheres o que um homem realmente quer.

– Espere aí – retruquei, a irritação me fazendo esquecer que ela não gostava que a segurasse. Agarrei seu cotovelo, fazendo-a girar e ficar de frente para mim.

– Você disse grosseiro e lamuriento? Eu não me lamurio.

– É claro que sim. Bem, você não é tão autoritário quanto alguns, mas se lamuria e lamenta seu destino tão alto quanto qualquer outro.

Rápido assim, esqueci minha recente adoração à deusa-guerreira e meu fascínio por seus lábios enquanto me lembrava de todas as razões pelas quais a deixava sozinha o tempo todo. A principal delas era sua língua. Se alguém aqui era grosseiro, esse alguém era Anamika.

– Autoritário? – gritei em tom abafado para não chamar atenção. Minha voz soou como um guincho, o que foi um tanto humilhante.

Eu estava prestes a lhe dizer umas verdades, sabendo que uma discussão se seguiria, quando os olhos dela se arregalaram ao ver alguma coisa atrás de nós. Ela me puxou para a escuridão de um beco e sibilou quando abri a boca, cobrindo-a com sua mão.

– É Kelsey! – disse ela, a voz mal audível enquanto retirava a mão. Ela a roçou em meu rosto com a barba por fazer e o formigamento que senti fez todos os pensamentos coerentes desaparecerem de minha mente.

– O quê? – sussurrei de volta.

– Kelsey! – seus lábios se moveram, sem emitir som, então ela segurou meu queixo e virou minha cabeça. De fato, ouvi uma voz que reconheci e, do outro lado da rua, avistei Kelsey e Kadam em um restaurantezinho. Estavam sentados do lado de fora e ambos bebericavam água com gelo e limão enquanto examinavam o cardápio.

– Pensei que você tivesse dito que eles estavam no barco! – sussurrou Ana, arfando em meu ouvido.

– Não. Eu disse que *eu* estava no barco. Eles devem ter desembarcado.

Meus olhos estavam fixos na mesa do outro lado da rua. Os ombros de Kelsey estavam curvados e Kadam dava tapinhas em seu braço. Com um susto, me dei conta de que isso foi logo depois de Ren romper com ela. Foi esse o

momento em que ela deixou de ser a Kelsey de Ren e se tornou minha. Minha *bilauta*.

- E então? – ouvi Ana dizer, a voz mais brusca.
- Então o quê?
- Você vem comigo ou vai ficar aqui chafurdando por um tempo?
- Eu não chafurdo, Ana.

Ela me dirigiu um olhar de sabe-tudo. Eu me encolhi e fiz um gesto com a cabeça indicando que deveríamos continuar, mas me mantive imóvel, fitando Kelsey, sabendo que cada lágrima que ela derramava a trazia para mais perto de mim. Do antigo eu, mas ainda assim...

Ana de repente me deu uma trombada e seguiu pelo beco com as costas rígidas, nem se dando o trabalho de olhar para trás para ver se eu a acompanhava.

– Ana – chamei. – Espere. – Logo a alcancei, mas sua expressão estava fechada e distante. Toquei seu ombro e perguntei: – Qual o problema?

Ela não respondeu e claramente ignorou minha mão estendida, se recusando a demonstrar qualquer sinal de abrandamento.

Então nos metemos em outro beco que cheirava a lixo e coisas que era melhor deixar para lá e seguimos na direção de um templo. Não era o grande templo a que meu eu passado mais tarde naquela noite iria para encontrar a deusa Durga, ou Ana. A ideia de que iríamos mesmo encontrar a mulher a meu lado era algo que meu cérebro ainda não conseguia compreender totalmente.

A área do templo estava lotada de gente. Era do tipo aberto, com um pavilhão e bancos de pedra. Fiéis dirigiam-se à estátua da deusa e deixavam oferendas a seus pés. Outros sentavam-se em silêncio, os olhos fechados, os lábios contraindo-se suavemente enquanto murmuravam seus segredos para o universo.

Encontrei um banco vazio e a conduzi até ele. Ela sentou-se e rapidamente se distraiu de sua recente crítica a mim. À medida que seus olhos iam de uma pessoa a outra, seus lábios entreabriram-se e ela inclinou a cabeça, atenta. Sentei-me ao lado dela, esperando, e enterrei o calcanhar na areia. Inclinando-me, examinei a marca que fizera. Franzindo o cenho, empurrei deliberadamente a terra de um lado para outro até que a marca se assemelhasse vagamente à minha

pegada de tigre. Então apaguei tudo com o pé e levantei os olhos. Fiquei chocado ao ver Ana chorando.

Sua expressão era de desolação.

– Aquela. – Ela apontou. – Aquela mulher ali. Perdeu quem ela amava. Aquela no banco pede que eu ajude o homem com quem se casou a amá-la. Aquela outra, ajoelhada ao lado da estátua, vai se casar na próxima semana e não conhece o noivo. Ela pede não amor, mas bondade. Algumas são jovens e só desejam um homem bonito ou rico. Outras querem um amor profundo e duradouro. – Após uma pausa, ela perguntou: – Como posso responder a essas mulheres?

Os ombros de Ana se sacudiram e eu queria enxugar as lágrimas de seu rosto, mas me pareceu um gesto íntimo demais. Então, em vez de fazer isso, pousei as mãos em suas costas e dei tapinhas gentis e desenhei pequenos círculos com meu polegar, massageando-lhe as escápulas. Isso pareceu ajudar. Ela relaxou e se recostou no banco. O lenço havia escorregado por suas costas, revelando o cabelo maravilhoso. Tentei recolocá-lo no lugar, mas ela deu um leve tapa em minha mão e eu desisti.

– Diga-me como posso ajudá-las – insistiu, voltando-se para mim.

Seus olhos verdes cravaram-se nos meus e, por meio segundo, me vi perdido neles. Dois homens passaram por nós e lançaram a ela olhares de admiração. Ana nem mesmo os viu. Contraí as sobranceiras, sentindo um rosnado fazer cócegas no fundo de minha garganta. Intencionalmente, estendi os braços no banco e acompanhei seus olhares até eles captarem meu olhar afiado.

Assim que seguiram adiante, apressados, vi que ela continuava concentrada em ouvir as preces, os olhos vidrados. O cabelo de Ana fazia cócegas em meu pulso; peguei uma mecha solta com a ponta dos dedos. Ela ou não notou ou não se importou.

– Humm – murmurei enquanto brincava com seu cabelo. – Vamos cuidar dos pedidos fáceis primeiro, certo? Creio que as jovens que querem um homem rico ou bonito não precisam de ajuda. Você não precisa de riqueza ou boa aparência para ser feliz.

– Concordo – disse ela, ávida por discutir nossas opções.

– Quanto àquela cujo marido não a apreciava, talvez, se ela se afastar dele por algum tempo, ele perceba o que tem.

Ana piscou.

– Você quer que eu a mande para longe?

– Talvez umas férias prolongadas ou uma viagem a trabalho... – sugeriu.

Agitando os dedos, Ana murmurou algumas palavras e então disse:

– Feito. Há várias mulheres na mesma situação. Ajudei todas elas.

– Como? – perguntei.

Ela mordeu o lábio.

– Não sei exatamente. O amuleto respondeu quando eu lhe disse o que queria.

Atônito, perguntei:

– Quan... quantas?

– Muitas. Eu chutaria vários milhares.

Meu queixo caiu.

– Nem todas moram na Índia – prosseguiu ela. – Parece que a falta de apreço por parte dos homens é um mal do qual muitas mulheres sofrem.

Naquele momento, uma mulher levantou-se, empolgada, e disse que fora uma das cem mulheres selecionadas para ir, com todas as despesas pagas, a um festival de cinema onde ia encontrar seus astros favoritos de Bollywood. Ela deixou correndo o pavilhão, gritando a notícia para todos que passavam.

– Isso deve ser coisa sua – comentei com uma risada.

– O que é Bollywood? – perguntou ela.

Sorri.

– Me lembre de explicar mais tarde. Vamos ver, quem é a próxima? Ah, sim, a que não conhece o noivo. Bem, não podemos simplesmente presumir que ele não será bondoso.

– Não – concordou Anamika. – Se ele não for gentil, cuidaremos disso mais tarde.

Assenti.

– O que ainda temos?

– A mulher que perdeu quem ela ama. Você tem experiência nisso. Como superar?

– Não sei – respondi baixinho. – Acho que ainda não descobri.

– Então o que me diz da que anseia por um amor profundo e duradouro? – Ela olhou para mim e o ar entre nós se contraiu até ficar seco e rarefeito.

Passei a língua pelos lábios. Meus dedos agora estavam emaranhados nos cabelos dela de tal maneira que eu teria dificuldade para tirá-los. As madeixas densas e onduladas me tentavam a mergulhar a mão ainda mais. Engolindo em seco, eu disse em um tom gorjeante:

– Você... você já encontrou Nilima?

Anamika estava tão imóvel quanto um coelho se escondendo na grama alta, e eu me perguntei se ela sabia que meus pensamentos tinham se perdido novamente em sua boca.

– É Nilima quem busca isso – disse ela melodiosamente.

Era a primeira vez, até onde me lembrava, que eu ouvia sua voz soando como nos templos e seu poder me abalou até o âmago. *Essa* era a voz de que eu me lembrava. *Essa* era a voz da deusa. Aquela a que eu não tinha forças para resistir. Seus olhos eram lagos verdes que me chamavam; eles me ofereciam paz e tranquilidade, e algo mais. A boca da deusa estava ligeiramente entreaberta, reluzente, um sedoso convite. Sem pensar, reduzi a distância entre nós.

O punho de Ana fez contato com meu maxilar com um poderoso baque e minha cabeça deslocou-se bruscamente para o lado. Sacudi-a enquanto pontos de luz circundavam minha visão periférica. Eu poderia ter esperado que Ana se afastasse. Poderia ter esperado um tapa. Mas um soco?

Não era pouca coisa levar um soco de Anamika. Ela era forte. Mesmo que você só considerasse a mulher, e não a deusa, seu corpo era firme e musculoso. Ela era treinada na arte da guerra. Era inteligente e formidável. Mas eu estava acostumado a ser o saco de pancada de Ren, e isso não era desprezível. Deveria ter sido capaz de resistir a qualquer coisa que ela me fizesse.

Os músculos em meu pescoço se contraíram quando levei os dedos até o lábio inchado. Meu maxilar parecia duro como uma pedra. Eu já tinha visto homens quebrarem a mão em meu rosto. Sibilei ao tocar a pele sensível e fizilei com os olhos a mulher que me ferira. Meu rosto esmurrado doía como se eu tivesse sido atingido com uma barra de ferro.

Lentamente, a dor abrandou, mas a mulher que a infligira ainda estava sentada a meu lado – um lembrete irritante e palpitante de um erro que eu não devia ter cometido. *Que diabo tinha dado em mim?* Eu me sentia um tolo. Um garoto inexperiente flagrado no rubor de uma primeira paixão. O que mais me irritava, no entanto, era o fato de que ela nem tinha sentido dor. Qualquer outra pessoa estaria tentando aliviar a dor da mão.

Quase despida de emoção, Ana disse:

– Você não deveria ter tentado isso, Kishan.

– É mesmo? – respondi rudemente, esfregando a nuca. – Acho que sou inteligente o bastante para perceber isso sozinho.

Afastei-me dela no banco e Ana ergueu os olhos para mim, o traço de uma emoção indiscernível desaparecendo deles. Ela agarrou o banco, os dedos ficando brancos enquanto baixava a cabeça, o cabelo caindo sobre os ombros, encobrindo-lhe o rosto. Ela já havia me deixado com raiva antes. Era quase como se não conseguisse se controlar. Às vezes eu achava que ela gostava de me provocar.

Mas isso era diferente. Ela nunca havia me atacado assim antes. Certo, eu também nunca tinha tentado beijá-la antes. Pensando melhor agora, eu me perguntava por que tinha feito isso. Não era como se eu a amasse. Eu mal a tolerava na maior parte do tempo. Talvez fosse uma coisa de soldado. Uma espécie de reação comemorativa, do tipo: *Ei, nós sobrevivemos!* Mas não. Isso não se aplicava ao caso. Eu definitivamente não estava pensando em guerra enquanto a observava.

A princípio não me dei conta de que ela estava falando.

– O que foi? – perguntei. – Receio que não possa ouvir tão bem depois de você socar meu ouvido.

– Não há nada errado com seu ouvido – disse ela. – Foi sua boca que eu acertei.

– Certo. Então foi.

– Eu não teria feito isso se você não estivesse tentando... tentando...

– Beijar você, Ana. O nome disso é beijo. E não se preocupe. Não vou tentar isso de novo. Nunca mais.

Os ombros dela tremeram.

– Me... me desculpe – murmurou, a voz frágil.

Estudei seu perfil. Nunca antes eu a vira parecendo tão abalada. Era de esperar que depois daquele soco *eu* estivesse abalado, não ela. Suspirei.

– Olhe, tudo bem. Já estou curado. Não pense mais nisso.

– Tem certeza? – perguntou ela, me espiando através de uma cortina de cabelos.

– Tenho – respondi. – Além disso, eu é que deveria me desculpar. Sei que você não aprecia esses gestos. Eu lhe garanto que não tive nenhuma intenção com isso.

Ela inclinou a cabeça.

– Então você não tem o desejo de me perseguir?

Eu ri, minha voz ressoando forte, talvez um pouco demais.

– Não. Não tenho nenhum desejo de perseguir você, Ana.

– Ótimo – disse ela, embora seu rosto não demonstrasse tanta certeza quanto sua voz.

– Ótimo – ecoei. – Vamos esquecer que isso aconteceu.

– Sim, vou me esforçar para isso.

Ela assentiu e voltou a examinar a multidão. Parecia fácil para ela deixar de lado qualquer drama emocional e simplesmente se concentrar no que estava fazendo. Ela disse que ia esquecer e eu sabia que iria. A questão era que eu não parecia capaz de deixar a questão de lado com tanta facilidade. A lembrança do que quase acontecera se agitava em minha mente como uma nuvem errante. Não produzia nada, mas obscurecia meus pensamentos, de qualquer jeito.

– Ela está aqui – disse Ana. – Quero falar com ela. Você me ajuda a me disfarçar adequadamente? – perguntou, me entregando o lenço.

Eu o peguei e o puxei lentamente de seus ombros. Segurando o tecido, eu o estudei e disse:

– Nilima nunca a conheceu. Ela não a viu ganhar vida no templo. – Tornei a envolvê-la com o lenço, posicionando-o sobre seus cabelos e correndo meu dedo ao longo da linha onde eles começavam a fim de ajustá-lo. Notei então que o lenço agora tinha o tom verde de seus olhos. Com a mão ainda em seus cabelos, eu disse: – Para ela, você vai parecer apenas uma linda mulher com uma extraordinária semelhança com a deusa.

Ela assentiu e tirou o amuleto, que me entregou junto com nossa bolsa. Depois de ajeitar o vestido, seguiu até a mulher que tinha acabado de entrar na área do templo. Segurando o amuleto, sincronizei o tempo à minha volta, de forma que pude ficar invisível, e a segui. Nilima sentou-se ao lado de uma fonte e Ana sentou-se perto dela. Senti uma mudança no ar e o lenço de Ana, o Lenço Divino, ergueu-se de seus cabelos e voou para o chão, em um sussurro de seda.

Era óbvio para mim que o movimento do lenço não fora natural. Ele ondulou como Fanindra no oceano, enroscando-se por fim nas pernas de Nilima. A tataraneta de Kadam abaixou-se e o apanhou no momento em que Ana se levantou e disse:

– Ah, muito obrigada! Esse lenço está na minha família há gerações. Eu detestaria perdê-lo.

– É muito bonito – disse Nilima ao devolvê-lo a Ana.

– Você se importa? – perguntou Ana, indicando o espaço ao lado de Nilima.

– Minha mãe sugeriu que eu viesse. Vou me casar daqui a dois meses.

– Parabéns – disse Nilima.

– Você também vai se casar em breve? – perguntou Ana.

Nilima riu.

– Ah, não. Ainda não encontrei o homem certo.

– Certamente seus pais podem arranjar... – começou Ana.

– Não. – Nilima sacudiu a cabeça. – Não estou interessada em nada arranjado.

– Ah.

– Não que eu queira menosprezar a sua escolha – acrescentou Nilima rapidamente.

Ana ficou em silêncio por um momento e então disse:

– Para ser sincera, não tenho muita certeza se o casamento é bom para uma mulher como eu.

– Ah! Por quê? – perguntou Nilima.

Anamika dirigiu-lhe um breve sorriso.

– Os homens... me assustam.

Pude sentir minha boca voltando-se para baixo com aquelas palavras. Teria eu a assustado? Não fora essa minha intenção.

– Além disso – continuou Ana –, sou uma mulher... difícil.
– Difícil? – Nilima riu. – Como assim?
– Não quero ser mantida sob o jugo de um homem.
– Ah – disse Nilima. – Isso é compreensível. Se é essa a sua definição de difícil, então eu também sou difícil.

Um ar de surpresa cruzou as feições de Ana.

– Mas Sunil jamais... – Rapidamente ela se interrompeu e mordeu o lábio.
– O quê? – perguntou Nilima. – Quem é Sunil? Seu noivo?
Com uma careta, Ana assentiu, enquanto eu olhava para o céu, me perguntando como ela ia conseguir o que pretendia.

– O que quero dizer é... que não sou o tipo que a maioria dos homens deseja.

Nilima riu com vontade dessa vez.

– Você se refere ao tipo alta, com lindas pernas, maravilhosa? Sim, os homens odeiam isso.

– Não. Não estou falando da aparência exterior. Quanto a isso, eu não me importo. Quando digo difícil, digo... digo que não sou de falar manso, nem com ternura. Não fico alvoroçada em cima de um homem, com palavras encorajadoras, como quem rega uma flor.

– Você não precisa ser desse jeito. Sou muito parecida com você nesse aspecto. E tem razão: isso afasta muitos homens.

– Afasta? – replicou Ana.

Nilima fez um gesto com a mão.

– Faz com que eles se desinteressem de tentar um relacionamento.

– Entendo. Mas você acredita que possa haver um homem, em algum lugar, que seja desafiado pela franqueza e pela integridade?

– Desafiado? – Nilima deu uma risadinha e eu bufei, mas rapidamente reprimi o ruído quando Nilima olhou à sua volta. – Sim, acho que eu acredito nisso – concluiu.

– Onde se encontra um homem assim? – perguntou Ana.

– Se eu soubesse, já teria pegado um para mim.

– Então como você vai reconhecer esse homem quando o encontrar? – insistiu Ana, uma expressão séria no rosto.

– Às vezes você não reconhece – disse Nilima, com tristeza. – Mas eu não estou aqui por causa de um homem, de qualquer forma. Estou aqui por causa da minha amiga Kelsey.

– Por causa de uma amiga?

Nilima sorriu.

– É. Ela tem uma longa e árdua estrada à frente. Pensei que ajudaria pedir a bênção da deusa...

– Certo, a deusa.

Anamika apertou a mão de Nilima.

– Foi um prazer conhecer você. Acho que a deusa vai atender às suas súplicas. Sua amiga vai encontrar a felicidade que procura.

– Você acha?

– Tenho certeza que sim.

– A propósito, eu sou Nilima. Foi um prazer conhecer você.

– Eu digo o mesmo.

– Não guardei o seu nome.

– É Ana.

Reprimi um silvo de contrariedade, passei um braço pela cintura de Ana quando estávamos longe o bastante para que Nilima não pudesse ouvir e me rematerializei ao dobrarmos uma esquina.

– O que foi aquilo? – perguntei.

– A que você está se referindo? – perguntou ela, impaciente.

– Dizer seu nome verdadeiro. Você não acha que ela pode se lembrar disso?

– E se ela se lembrar? Ana é um nome bastante popular, não é?

Cruzei os braços diante do peito.

– Acho que sim.

– Então não há mal algum.

– Tudo bem.

– Ótimo.

Fiz uma pausa e perguntei:

– Então?

– Então o quê?

– Conseguiu o que queria?

– Ah, isso... Sim. Acredito que sim.

– E o que foi...? – Deixei a pergunta no ar.

Anamika pensou com calma no que queria dizer. Fiquei ali, preocupado, esperando por ela, por muito tempo. Meu pé começou a bater no chão.

– Nilima – disse ela finalmente – vale a pena ser considerada.

Gaguejando, girei em um círculo, olhando para os passantes, como se pedisse ajuda a eles.

– O que... o que você quer dizer? – perguntei.

– Bem, preciso estudá-la mais. – Fazendo meia-volta com um floreio, ela pôs-se a descer a rua. – Venha, Kishan. Quero tomar um banho e descansar antes de irmos à festa.

– Festa? – Parei bruscamente.

– É, festa. Quando toquei a mão de Nilima, pude acessar parte de suas lembranças. Você sabia que ela foi a uma festa em que fez pedidos? Eu gostaria de ir a um evento desses. Vai me dar um entendimento maior em relação ao caráter dela. Mas, primeiro, precisamos buscar o arco.

Refizemos nossos passos e encontramos o arco sem dificuldade. Então, porque Ana queria fazer uma imersão em nosso mundo a fim de compreender melhor Nilima, nos hospedamos em um hotel. Procurei o maior da cidade e usamos o amuleto para ficar invisíveis. Foi bem fácil ir até o último andar, que quase nunca era usado, e entrar por meio de magia.

Não havia um nem dois, mas três quartos. Segui para um deles, tirei a camisa e a calça e tomei um banho bem quente. Depois de me esfregar até quase esfolar a pele, me enxuguei e desabei na cama, puxando o cobertor e me cobrindo, e fiquei desacordado por pelo menos doze horas.

Quando finalmente acordei, Ana estava relaxando em um sofá na área de estar, clicando botões que abriam e fechavam as persianas e ligavam e desligavam a música, assim como as luzes.

– Isso é bem conveniente – disse ela.

– É, sim – respondi. – Uma ajudinha?

Ela manteve a atenção no controle remoto e vagamente apontou para uma mesa onde havia criado travessas de comida. As opções eram rústicas. Mais o

que ela teria comido em um acampamento do que o que se servia no mundo moderno, mas fiquei grato por aquilo do mesmo jeito.

– Hã... obrigado – agradecei –, mas eu gostaria de me vestir primeiro.

Ela olhou para mim, para a toalha que eu mantinha presa na cintura. Suas faces ficaram rosadas e ela rapidamente se dirigiu para a escrivaninha, onde pusera todas as nossas armas. Mantendo uma boa distância de mim, segurou o lenço entre os dedos e o estendeu, esticando bem o braço, recusando-se obstinadamente a fazer contato visual.

Murmurei um obrigado e voltei para o quarto com o lenço para fazer roupas novas para mim. Quando saí, ela estava brincando outra vez com o controle remoto, mas seus dedos pairavam acima dos botões, como se não conseguisse decidir qual apertar.

– Algo errado? – perguntei.

– Não – disse ela, levantando-se rapidamente e atrapalhando-se com o controle, que caiu no chão. Abaixei-me e o peguei, colocando-o de volta em sua mão. Ela engoliu em seco e recuou, quase tropeçando na mesa de vidro.

Depois de comer, reunimos nossas coisas e Ana disse:

– Leve-nos à festa. Aquela a que você foi com Kelsey.

– Certo. – Peguei a sacola, pendurei-a no ombro e estendi a mão. Ela a olhou como se fosse veneno. – Eu não vou machucar você, Ana. Francamente, me sinto insultado que você pense isso de mim. Você, de todas as pessoas, é quem melhor conhece as minhas intenções.

– Você tem razão – admitiu ela suavemente. – Sei que você não tem a intenção de me machucar. E me arrependo de ter batido em você como fiz hoje. Você pode... pode me tocar quando quiser. Só evite me segurar de repente. E não tente me beijar outra vez. De acordo? – perguntou.

Fiquei olhando para ela por um longo momento.

– De acordo – respondi.

Ela respirou fundo, olhou de minha mão estendida para meu rosto e então pôs sua mão na minha. Envolvi sua mão com meus dedos e puxei-a delicadamente para mais perto.

– Agente firme – recomendei.

Fomos sugados por um vórtice, mas foi rápido. Não fomos tão longe quanto antes. Era noite e a vibração da música ecoava pela praia. Nossos pés afundaram na areia e eu podia ouvir a pulsação do oceano não longe dali.

Anamika franziu a testa.

– Tem alguma coisa errada. Cadê a árvore?

– Árvore? – perguntei. Então olhei ao redor e sussurrei: – Esconda-se, rápido!

Corremos para trás de uma árvore no momento em que Wes e Kelsey passavam. Ela estava linda em um vestido preto. Wes sussurrou alguma coisa em seu ouvido e ela riu. Cravei os dedos na casca da árvore. Eu tinha me esquecido completamente do caubói que tentara roubar Kelsey de nós.

– Quem é aquele? – perguntou Anamika.

– Ninguém – respondi.

– Você me trouxe para a festa errada – disse ela. – Não, espere. Acho que vi Nilima.

Ela estava prestes a sair de nosso esconderijo quando sussurrei:

– Ana, ela vai reconhecer você. Meu eu passado está aqui. Assim como Ren. Temos de nos disfarçar.

Usei o lenço para me transformar em um típico rato de praia, de calção de surfista e chinelos. Meu cabelo ficou mais comprido. A pele em meu rosto coçava enquanto eu me tornava um dos marinheiros que conhecera no barco. Ana pegou o lenço em seguida e mudou apenas a roupa. Eu quase engasguei quando ela apareceu usando um maiô branco decotado e uma saia envelope amarrada na cintura, expondo as pernas longas e bem torneadas e destacando o corpo de músculos firmes.

Minha mão cortou o ar.

– Não! – exclamei com absoluta autoridade. – Você não pode ir lá assim.

– Por que não? – perguntou ela, pondo as mãos nos quadris.

– Porque... porque, em primeiro lugar, você parece você mesma.

– Tudo bem. – Ela envolveu o corpo com o lenço e, quando o afastou, ainda estava bonita e, de certa forma, familiar.

– Quem é você? – perguntei.

– Estou disfarçada da criada que trabalhava em nossa casa.

– Trabalhava? Não é próprio de você dispensar criados.
– Ela... ela olhava para você com intenções lascivas.
– Ah... Bem, obrigado, eu acho, por me proteger de criadas com propósitos sensuais.

Franzindo o cenho, ela perguntou:

– Quer que eu mude de novo?
– Não, está bom. Mas precisa usar algo mais. Isso é chamativo demais para esta época. Acredite em mim.

Ela ergueu as mãos e me entregou o lenço. Quando o afastei, usava um vestido estampado largo que ia até os pés.

– O que é isto? – perguntou, puxando o tecido pesado.
– Vai protegê-la do sol – afirmei, pouco convincente.
– O sol está se pondo.

Ela estendeu a mão e eu lhe entreguei o lenço, recuando e erguendo o nariz para seguir o cheiro de Kelsey. Enquanto fazia isso, disse a ela:

– Tome cuidado. Me encontre aqui em uma hora.
– Muito bem. Isso me dá tempo para conversar com Nilima.

Deixando-a na praia com o lenço para refazer seu vestido visivelmente disforme, rastreei Wes e Kelsey. Passei quase meia hora só observando-os, então meu nariz se contraiu e olhei para cima. Fiquei boquiaberto, em choque, ao avistar a mim mesmo, meu antigo eu, um pouco afastado, observando Kelsey e Wes. Lembrei-me do aviso de Kadam para nunca cruzar meu próprio caminho e segui imediatamente na direção oposta.

Abri caminho entre convidados risonhos. Eles dançavam e chutavam a areia enquanto eu me desviava deles. Foi quando captei um novo cheiro e me imobilizei. Virando-me devagar, vi meu irmão, Ren. Ele estava dançando no meio de um grupo de mulheres. Todas lindas. Todas tendo olhos somente para ele.

Nilima estava lá, dançando nas proximidades, mas não foi Nilima que chamou minha atenção. Não. Eu estava fascinado por uma mulher. Uma garota de cabelos longos e escuros, de biquíni verde e uma saída de praia que não cobria nada. Ela se aproximou de Ren e pousou a mão no músculo saliente do

antebraço dele. Seu corpo curvilíneo reluzia, como se a pele tivesse sido beijada por uma chuva de prata.

Uma inveja visceral de meu irmão explodiu em mim e minhas débeis tentativas de aplacar a ira eram tão eficazes quanto jogar um cubo de gelo em um vulcão. De onde estava, ao lado de meu irmão, ela me espiou e nossos olhares se cruzaram. Com uma determinação quase brutal, estendi a mão.

Uma súplica.

Uma pergunta.

Um desafio.



Amor juvenil

Anamika despediu-se rapidamente de Ren e acenou para Nilima antes de vir em minha direção. Quando chegou perto o bastante para pegar minha mão estendida, olhou-a e ergueu os olhos para mim. Inclinando a cabeça, examinou minha expressão e então, sem pressa, tocou com a ponta dos dedos nos meus e deslizou a palma em minha mão. Embora eu fervesse por dentro, não demonstrava nada na superfície.

Com a mão envolvendo a dela, puxei-a para mim e começamos a dançar. A batida forte refletia meu humor. Ana tinha a habilidade de canalizar nossa conexão quando seu corpo roçava o meu enquanto nos movíamos juntos no meio da multidão compacta. Se a tivesse utilizado, teria facilmente lido meus pensamentos. No entanto, ela se refeou. Isso abrandou um pouco a fera dentro de mim, mas não o suficiente para me acalmar por completo.

Quando a música mudou e começou uma mais lenta, fiquei ali parado, rígido, os maxilares cerrados. Ana virou-se para observar os outros casais e então deu um passo para mais perto de mim. Eu podia sentir o calor que irradiava dela e isso fez meu sangue latejar. Ela deslizou os braços em torno de meu pescoço e automaticamente começamos a nos balançar juntos.

Apertei-a contra mim e, quando ela arquejou, relaxei a pressão e espalmei as mãos de leve em sua cintura nua. A sensação de sua pele macia em meus dedos me distraiu da raiva, mas meu sangue ainda fervia.

– Qual é o problema? – perguntou ela em meu ouvido. Como não respondi, ela insistiu: – Foi ver Kelsey?

– Não – resmunguei.

Seus cabelos longos faziam cócegas em meus pulsos. Ergui os olhos e vi Ren dançando com Randi, a loura que ele levara a bordo do navio para provar a Kelsey que estava partindo para outra. Distante de onde estávamos, vi uma figura pequenina e soube que era Kells voltando para o iate.

Ela vira Ren com todas aquelas mulheres. A atitude dele tinha partido o coração dela. Na manhã seguinte Kelsey me convidaria para sair com ela. Ela cortaria o cabelo e jantaríamos juntos, estaria deslumbrante e... não importava. Ela ainda iria ficar com Ren.

Sempre Ren. Meu irmão iria ganhar Kelsey. Provavelmente teria ganhado Yesubai também. E ainda havia Randi. Ela agarrava-se a Ren possessivamente, os olhos brilhando com determinação. Talvez até Nilima tivesse ficado caída por Ren se ele tivesse demonstrado interesse. E agora era Ana. Ren dançando com ela fora a gota d'água.

Vê-la tocar o braço dele daquele jeito fora demais. Ana se apaixonaria por ele, como todas as outras. Eu não iria permitir. O lugar da mão dela era em meu braço, não no dele. Eu era seu tigre. Ren a havia abandonado para correr atrás de Kelsey. Ele a deixou sozinha. Eu fiquei. Se alguém merecia o compromisso e a devoção de Ana, esse alguém era eu. Os músculos de meu pescoço se retesaram enquanto eu olhava para Ren com extrema inveja. Ren tinha um harém e eu não tinha nada. Não tinha ninguém. Não me restara nem mesmo meu péssimo exemplo de irmão. Ele tinha me abandonado como fizera com a deusa.

Ana tomou minha mão e me puxou. Dei as costas para Ren e a segui como um zumbi. Afastamo-nos um pouco da festa, ficando longe o suficiente para termos a sensação de que estávamos sozinhos, embora ainda perto o bastante para ouvir a música. Uma brisa que vinha do oceano soprou a saída de praia, afastando-a de seu corpo. Grunhi suavemente e puxei o tecido, tomando a cobri-la, mas isso não surtiu muito efeito para esconder suas curvas.

Ela afastou minhas mãos e me surpreendeu ao enroscar os braços em meu pescoço novamente. Enquanto se balançava suavemente, eu me movia junto com ela, mas era com um homem abalado, destroçado, entristecido que ela dançava. Quando parou e pousou a palma da mão em meu pescoço, falou comigo em pensamento:

O que foi, Sohan?

Gostei de ela pedir que eu falasse em vez de tirar a informação de mim.

Mentalmente, repliquei:

É... é só Ren. Ele... Espere. Como você sabe desse nome?, perguntei. *Só minha mãe me chamava de Sohan.*

Os olhos dela, culpados, desviaram-se dos meus.

Eu... eu visitei sua família quando você era mais novo.

– O quê? – explodi em voz alta, recuando um passo.

– Shh – sibilou ela. Então, mentalmente, acrescentou: *Ren tem a audição aguçada. Ele pode nos ouvir, mesmo daqui.*

Quando foi que você conheceu minha família?, perguntei em tom exigente. *Onde?*

Você tinha cerca de 12 anos.

Não me lembro disso.

Nem pode. Eu apaguei da sua memória.

Paramos de dançar porque fiquei paralisado. Sabia que isso era possível. Eu mesmo fizera isso. Com Kelsey e Ren. A ideia de que Ana tinha usado o poder do amuleto da mesma forma comigo não me caiu bem.

Você tirou minhas lembranças?, perguntei, um arrepio percorrendo meu corpo.

Tirei. Fiquei com medo de que maculassem seu futuro se eu permitisse que você as retivesse.

E essa foi a única vez?

Ela não respondeu imediatamente, e aqueles segundos me pareceram longos demais.

Foi.

Se ela estivesse mentindo, eu teria percebido através de nossa ligação. Mesmo agora o toque dela disparava correntes elétricas por meus nervos. Era ao

mesmo tempo estimulante e reconfortante, e implicava certa intimidade. Ver a mão dela descansando no braço de Ren havia deixado um gosto amargo em minha boca.

Teria ela sentido a mesma centelha quando o tocou? Será que a conexão cósmica acontecia com ele também? Não parecera, mas todas as garotas provavelmente experimentavam uma sensação especial ao tocar meu irmão. Deixando de lado o ciúme até onde me era possível, segurei-a pelos ombros. *Então devolva-as agora, Ana. Me mostre o que você viu.*

Ela deixou escapar um leve suspiro e assentiu. Minhas mãos voltaram, naturalmente, para a curva de sua cintura. Sua pele era quente e macia. Quase sem querer, puxei-a para mais perto de mim. Ela ergueu as mãos, alcançando meu rosto, e tocou minhas têmporas com a ponta dos dedos. Os olhos verdes de Ana perfuravam os meus e eu me perdi naqueles poços líquidos. Por um breve segundo, minha mente tentou resistir, mas seu toque mental era tão leve quanto o físico e descobri que não conseguia resistir a nenhum dos dois.

Fechei os olhos enquanto ela vasculhava minhas lembranças até encontrar o que procurava. Delicadamente, ela puxou um véu, que escorregou, revelando algo mágico. Era o seu sorriso que eu lembrava mais do que qualquer outra coisa. Seus dentes cintilavam ao sol como pérolas. Eu nunca vira Ana sorrir assim. Era tão livre, pleno e lindo. Meu eu jovem havia pensado que ela era a mulher mais linda de toda a Índia.

As lembranças voltaram lentamente, caindo como folhas no outono, rodopiando no ar. Com muita atenção, observei cada uma delas se desdobrar. Apertei ainda mais sua cintura e ouvi um arquejo, mas mesmo assim ela permaneceu imóvel enquanto revelava partes de minha vida que tinha roubado de mim.

Ana havia aparecido do nada. Viajando sozinha. Ela usava o arco e o vestido de caça verde e foi calorosamente recebida em nosso reino. Ana tinha criado uma história elaborada sobre sua jornada e, embora todos se surpreendessem que ela houvesse viajado sozinha sem ter sido assediada, meus pais a acolheram em nossa casa, especialmente porque ela afirmou que era uma parente distante de meu pai – uma sobrinha-neta do irmão distante.

Mas não importava de fato quem ela era. Meus pais eram do tipo que recepcionava estranhos tão afetosamente quanto a família, então Ana recebeu comida em nossa mesa, criados para cuidar de suas necessidades e foi informada de que poderia ficar pelo tempo que quisesse. Ela aceitou de bom grado a hospitalidade e, em troca, lhes deu uma pequena lembrança, uma joia preciosa que trouxera consigo. Uma que reconheci. Kadam a trouxera com ele quando escapamos de Lokesh anos mais tarde. Mesmo agora, provavelmente descansava no cofre da família. Ele nunca a tinha usado. Nem mesmo em suas tentativas de resgatar Ren.

Ana rapidamente se tornou querida por todos e era procurada por muitos, inclusive minha mãe e Kadam. Vi mamãe treinar com Ana e fiquei hipnotizado pela guerreira, com todo o fascínio de que um adolescente é capaz. Ela dissera que só ficaria por alguns dias, mas acabou ficando uma semana inteira. Uma semana longa e inesquecível, sobretudo para um menino de 12 anos.

O que me impressionou ainda mais foi o fato de ela ter praticamente ignorado Ren. Meu irmão crescera bem rápido, tanto em termos de charme quanto de estatura, e se tornara o favorito na família Rajaram. Ele lia muito e contava as histórias mais interessantes. Eu me sentia sem graça e inútil ao lado dele. Naquela época, ele era pelo menos uns 30 centímetros mais alto e já era um cavaleiro habilidoso. Meu pai costumava procurá-lo para jogos e para ler documentos longos e tediosos. Ele afirmava que Ren conseguia tornar interessante os pergaminhos mais maçantes.

Mas então Ana chegou. Ela era incrível, linda e fascinante, e mais: escolheu a mim, não meu irmão. Embora um lugar de honra no jantar lhe fosse oferecido entre meu pai e Ren, ela preferia sentar-se comigo na outra extremidade da mesa. Ensinei-lhe um código secreto que tinha desenvolvido a partir de batidas na mesa e, através dele, trocávamos piadas durante o jantar. Quando bati ruidosamente a colher, ganhando a desaprovação de meu pai, ela ergueu a dela e fez o mesmo. Ambos começamos a bater no prato em ritmo rápido. Mamãe riu do outro lado da mesa enquanto papai franzia as sobrancelhas.

Quando saí para treinar com Kadam, ela perguntou se poderia assistir e me deu dicas. Foi constrangedor. Principalmente porque Ren atingiu o alvo com mais frequência. Eu queria superá-lo em algo, ainda mais com Ana observando.

Depois que errei o alvo várias vezes, ela se inclinou para mim, de modo que só eu pudesse ouvir, prometeu me mostrar sua arma mais preciosa, um arco que nunca errava, e disse que me deixaria usá-lo.

Acordei cedo na manhã seguinte para ir ao encontro dela. Ana, de fato, levou a arma. Fiquei maravilhado com seu artesanato e, quando atirei, flecha após flecha, não errando o alvo uma só vez, ela se posicionou atrás de mim e me ensinou a fazer a mira. Meu eu de 12 anos tremeu quando ela me tocou, e percebi que já naquela ocasião eu sentira a conexão com ela. Depois de apenas alguns dias, já estava meio apaixonado.

Então ela pegou meu velho arco, mirou o alvo e disparou. Acertou o centro com precisão, e nesse momento eu soube que estava irremediavelmente perdido por seus encantos.

“Você não deve jamais confiar em nada nem em ninguém, exceto em si mesmo”, dissera ela enquanto reunia as flechas. “Armas podem falhar.”

“Até mesmo as mágicas?”, perguntei.

“Até mesmo as mágicas”, garantiu. “As pessoas podem decepcionar você ou ser levadas a traí-lo. Confie em sua mente e em seu braço. Acima de tudo, lembre-se de que o esforço traz a força. E a força do coração, da mente e do espírito define um homem.”

Imaginei que ela já me visse como homem. Suas palavras tocaram meu jovem coração com tamanha força que jurei lembrar-me delas para sempre. Meu peito se inflou e um profundo desejo de me tornar o tipo de homem que ela descreveu tomou conta de mim. Depois disso, passei cada momento livre em sua companhia. Levei flores para ela. Presenteei-a com histórias sobre meus parques feitos. Vê-la sorrir era tudo que eu desejava.

Fui eu que pedi que ela me chamasse de Sohan. Era algo especial. Um segredo que partilhávamos. Mostrei-lhe todos os meus lugares favoritos – a fonte espumante, o local no estábulo que era sempre mais fresco do que qualquer outro canto, o nicho atrás do trono de meu pai, com o espaço exato para que eu me escondesse. Conversava com ela por horas sobre coisas de criança enquanto escovava meu cavalo e polia a armadura, e fiquei extraordinariamente contente quando ela quis me ajudar em minhas tarefas.

Fizemos longas caminhadas juntos, jogamos e cavalgamos. Ela ficava à vontade e relaxada comigo de uma forma que não ficava agora que eu era adulto. Ela sempre tivera jeito com crianças. Severa, porém gentil e afetuosa.

Às vezes, minha mãe ou Kadam, ou até mesmo Ren, nos acompanhava nessas aventuras, mas eu sempre ficava enciumado quando ela voltava os olhos para eles. Eu a queria toda para mim. Ela era minha. Eu a reivindicara e eles não podiam tê-la.

Quando ela anunciou que partiria na manhã seguinte, engasguei com a comida. Lágrimas amargas afloraram em meus olhos e deixei a mesa abruptamente. Não sei o que esperava. Ela avisara que sua estada seria curta. Meu estômago se revirou, como se eu tivesse ingerido ácido no jantar.

Quando me encontrou mais tarde, amuado, no estábulo, ela me perguntou por que eu estava tão aborrecido.

“Não quero que você vá”, afirmei, os punhos cerrados ao lado do corpo e um olhar zangado e pueril. Farpas espinhentas cravaram-se em meu coração e, quando ela se abaixou e tocou a ponta de meu nariz com o dedo, eu me desmanchei em lágrimas.

“Sohan”, disse ela, “um guerreiro chora por uma mulher?”

Limpei as lágrimas do rosto afogueado.

“Se ele a ama, sim”, insisti. “Minha mãe diz que sim.”

Ela me recompensou com um de seus lindos sorrisos.

“Suponho que seja verdade”, concordou. “Então... você acha que me ama, é?”, perguntou.

“Acho”, garanti, assentindo vigorosamente com a cabeça.

Os olhos dela cintilaram com suas lágrimas. Eu quase podia ver os segredos contidos neles, ameaçando transbordar.

A boca de Ana curvou-se para cima.

“E o que um garoto sabe sobre o amor?”, perguntou.

Então se levantou, preparando-se para sair, e, ousadamente, envolvi sua cintura em um abraço apertado.

“Não vá”, implorei. “Você me ensina”, sugeri. “Me ensina a amá-la.”

Ela enrijeceu a princípio, mas então relaxou e desgrenhou meus cabelos antes de me abraçar frouxamente e acariciar minhas costas. Eu nunca tinha

amado nada como a amei naquele momento. Nem o gatinho que dormia comigo. Nem os momentos roubados com minha mãe. Nem os doces que eu contrabandeava da cozinha. Não entendia o que queria dela. Não exatamente. Mas sabia que teria feito qualquer coisa para mantê-la ali.

“Vou contar um segredo a você, Sohan”, disse ela, a voz terna e natural.

Fungando, levantei o rosto molhado de lágrimas para olhá-la.

“O que é?”, perguntei.

“A única razão pela qual vim aqui foi para ver você.”

Minha boca escancarou-se.

“Por quê?”, perguntei.

“Eu vim porque um dia, quando você for um homem, forte e poderoso, ficaremos juntos. Você lutará a meu lado. Será o meu guerreiro. Pensei que vir aqui me ajudaria a entendê-lo melhor.”

“Posso fazer isso agora”, garanti. “Deixe-me ir com você!”

Ela deu tapinhas em meu rosto.

“Você ainda não está pronto. Mas eu lhe prometo que vamos nos ver de novo um dia. Tenho certeza disso.”

Meus olhos se desanuviam e me enchi de determinação. Naquele momento, tive a sensação de que havia alcançado minha altura máxima e dado o primeiro passo no sentido de transpor o limiar da masculinidade. Tomei a mão dela e a pressionei em minha testa, curvando-me sobre ela.

“Então vou me preparar”, jurei, “para estar pronto quando você precisar de mim.”

Anamika assentiu, o sol poente formando um halo para seus gloriosos cabelos.

“Obrigada”, disse ela. “Você me deu muito em que pensar.” Sua voz havia assumido um tom tilintante, à semelhança de um sino, e fez um arrepio percorrer minha espinha. Era bonita e leve, como o sussurro de um riacho.

Ela inclinou-se em minha direção e o ar ficou preso em meus pulmões quando beijou meu rosto. Foi um beijo suave e meu coração juvenil começou a bater loucamente. Eu me senti bêbado, ali parado na luminosidade de sua presença, o sol por trás dela me cegando. Alguma coisa aconteceu então. Um

deslocamento em minha mente, como um movimento de nuvens deslizando pelo céu e obscurecendo a luz.

Uma brisa soprou meus cabelos e respirei fundo. O perfume de rosas e jasmim flutuava à minha volta. No entanto, eu sabia que não estava no jardim de minha mãe. De onde ele viera? Girei lentamente, perguntando-me por que me encontrava ali e por que meu rosto estava molhado. Esforcei-me para lembrar, mas era como tentar bloquear o caminho de um elefante atacando. Era uma tarefa impossível.

Alguna coisa estava errada. Algo estava faltando. Eu só não conseguia me lembrar o quê. Perguntei a mamãe sobre isso, porém ela não pôde me ajudar. Havia uma tristeza em meu coração, embora eu não compreendesse por quê. A única coisa que permanecera comigo depois que ela partiu foi um anseio, um desejo de alguma coisa ou alguém. Ela havia apagado sua visita da memória de todos nós.

Lentamente, voltei ao presente depois de tecer as lembranças devolvidas a minha mente. Abri os olhos e pisquei algumas vezes. Franzi o cenho. Anamika não estava exatamente como eu lembrava. Segurando seu rosto com a mão, exigi:

– Transforme-se. Quero ver a verdadeira Anamika.

Ela ergueu o queixo e fechou os olhos. Sua boca moveu-se ligeiramente quando ela murmurou palavras suaves para comandar o Lenço Divino. Senti o sussurro dos fios movendo-se ao redor de nós dois. Enquanto observava o lenço fazer seu trabalho, percebi cada minúscula mudança – o formato e a cor de seus olhos, a extensão dos braços firmes, a textura dos cabelos no ponto em que roçavam meu braço – e me maravilhei à medida que a deusa, a mulher que eu conhecera ainda garoto, revelava-se centímetro a centímetro.

Quando o tecido se acomodou, ela abriu os olhos verdes.

– Ana – enunciei em um sussurro venerador. Delicadamente, passei o polegar pelo contorno de seu rosto e senti o formigamento de nossa conexão me percorrer enquanto ela arquejava. Embora eu ainda fosse o mesmo e ela fosse a mulher que sempre fora, tinha a sensação de a estar vendo pela primeira vez, através dos olhos do garoto que fui tanto tempo antes.

Como um adolescente apaixonado e sonhador, eu imaginara abraçá-la, tocar seus cabelos, pegá-la pela mão para partirmos em aventuras, mas a realidade de tê-la em meus braços era muitíssimo diferente. Eu estava perfeitamente ciente de que agora era um homem em pé de igualdade, pelo menos tanto quanto se podia estar em pé de igualdade com uma deusa. Ergui a mão para traçar a linha em que começavam seus cabelos e capturei alguns fios sedosos entre os dedos.

Devagar, deslizei os dedos para baixo e, então, meus olhos seguiram espontaneamente para sua boca quando ela passou a língua pelos lábios. Meu coração disparou quando suas mãos correram por meu peito. Eu queria beijá-la. Tudo em minha mente e em meu coração gritava para que eu a tomasse nos braços e capturasse seus lábios. Para que a puxasse para mim e me fundisse com ela. Ana era minha. Ren nunca, jamais a tiraria de mim, gritou o garoto desafiador e orgulhoso dentro de mim. Um arrepio percorreu minha espinha quando imaginei me perder em seu abraço.

Por um longo momento, nossos olhos ficaram presos nos do outro. Nossa respiração era rasa e a pulsação estava acelerada. Cada instinto meu mandava que eu avançasse. E dizia que ela queria essa intimidade tão desesperadamente quanto eu. Que ela talvez fosse a resposta para tudo. A razão de tudo. A pessoa que eu estivera esperando.

Em vez disso, dei um passo para trás, tentando me livrar das memórias do garoto franco que um dia fui e tentando me lembrar da Ana que eu viera a conhecer. Ela não era receptiva a avanços amorosos e eu tinha prometido que nunca mais tentaria beijá-la. Uma espécie de ácido invadiu meu estômago quando refreei a maré emocional que me sacudira. Eu precisava de tempo para desenredar todos os sentimentos e lembranças conflitantes.

– Obrigado – falei, capturando suas mãos, ainda apoiadas em meu peito. Lentamente, levei uma delas aos lábios e beijei a palma de maneira casta e deferente. – Fico feliz por ter minhas lembranças de volta.

Quando soltei sua mão e me afastei, ela veio atrás de mim, uma expressão confusa no rosto.

– Você não está zangado comigo? – perguntou, pondo a mão em meu braço.

– Por que eu estaria zangado? – perguntei, passando para o lado e atravessando a praia, no sentido oposto à festa, para ir embora.

– Achei que fosse se ressentir do fato de eu ter tirado suas lembranças – explicou, me seguindo.

Voltando-me para ela, dei de ombros levemente.

– Você fez o que tinha de fazer. O que não entendo é por que você foi até lá. Disse que queria me conhecer melhor. Encontrou o que estava buscando?

– Encontrei – disse ela, e então sacudiu a cabeça. – Não. Não exatamente.

– Bem, o que você quer saber? – Recuando, estendi os braços. – Sou um livro aberto, Ana. Tudo que você precisa fazer é perguntar.

Sorri para ela, um sorriso amplo, então me virei e comecei a correr, sentindo-me gratificado quando ouvi seus passos macios na areia atrás de mim. Só levou um momento para ela me alcançar.

– Quer apostar uma corrida? – perguntei.

– Corrida? – replicou ela. – Com que propósito?

– Para aproveitar o passeio. Pense nisso como um treino. Um teste dos seus limites. A menos que esteja com medo de que seu tigre ganhe de você.

– Nenhum homem pode me derrotar – anunciou, com pompa.

– Vamos ver – provoqueei e imediatamente dupliquei a velocidade.

Por um breve momento, me vi na frente. Corri pela praia, os pés mal tocando a areia molhada. Então ouvi um grunhido e, pelo canto do olho, avistei longas pernas me alcançando e, em seguida, me deixando para trás. Logo que ela ficou na frente, desacelerei ligeiramente e deixei-a abrir vantagem. Alguma coisa em mim ganhou vida. Embora eu estivesse em minha pele humana, o tigre queria brincar. Disparei atrás dela, um rugido na garganta.

Para vencê-la, eu poderia ter feito o mesmo que fizera com Ren em outro tempo e outro lugar. Os longos cabelos de Ana voavam atrás dela e teria sido fácil enroscar minha mão neles e puxá-la para o lado, mas essa ideia logo se transformou em puxá-la para trás, de encontro a mim, para cairmos juntos na areia, em um emaranhado de braços e pernas.

Ela olhou para trás e um sorriso de deleite iluminou seu rosto quando viu quão longe eu estava. Minha mente voltou-se novamente para o dia em que disputei uma corrida com Ren em um tipo muito diferente de praia e como eu exigira um beijo de Kells como prêmio. Eu não havia negociado nada com Ana

antes dessa corrida, mas a ideia de receber um obséquio como esse, caso fosse o vencedor, me revigorou.

Redobrando meus esforços, disparei atrás dela e, quando ficou claro que ela venceria, trapaceei. Em um instante, eu era Sohan Kishan Rajaram e, no seguinte, era Damon, o tigre negro, o companheiro da deusa. Como tigre, lancei-me pela praia, estirando as pernas e engolindo a curta distância que nos separava.

Finalmente a ultrapassei e saltei no espaço diante de Ana, que gritou, tentando parar antes de nos chocarmos, mas acabou caindo em cima de mim e desabando na areia. Fui até ela e cutuquei com o focinho suas costas, que se sacudiam.

Ana, chamei-a em minha mente, você está bem?

Seus tremores tornaram-se mais intensos e, então, ela rapidamente virou-se em minha direção e lançou um punhado de areia em mim. Depois de me sacudir para me livrar da areia, percebi que ela estava rindo, não chorando, e sua risada era incrível. Era melódica, o tilintar de sinos e todas as coisas felizes e livres.

Rugindo de brincadeira, me agachei, a cauda balançando de um lado para outro, e dei o bote nela, tomando cuidado para não cair em cima de seu corpo. Ana gritou e ergueu os braços, mas era tarde demais. Com minhas pernas aprisionando-a, abaixei-me e lambi seu rosto, deixando uma trilha reluzente na pele.

– Kishan! – gritou ela, esfregando o rosto com o punho fechado. – Isso foi nojento!

Fiz um movimento, como se fosse repetir o gesto, e ela gritou e revirou a cabeça de um lado para outro, rindo e tentando frustrar meus esforços. Quando começou a se contorcer, tentando escapar, abaixei-me mais, pondo sobre ela apenas o peso que achava que ela poderia aguentar. Ela bateu de leve em meus ombros e implorou que eu saísse de cima dela, queixando-se de que não conseguia respirar. Reposicionei-me apenas o suficiente para ter certeza de que ela estava confortável, mas ainda presa.

Quando parou de se debater, bufei, saí de cima dela e me joguei de lado. A areia agarrava-se a meu pelo e se acumulava entre minhas garras, mas eu não liguei. Ela ficou deitada de costas na areia, estendeu os braços e as pernas e

soltou um profundo suspiro. Embora houvesse mudado sua forma, ainda usava o biquíni verde. A saída de praia estava embolada embaixo dela e um sorriso de contentamento permanecia em seu rosto. Era estranho vê-la agora com minhas antigas lembranças misturando-se às novas. Quando garoto, eu ficara totalmente apaixonado por ela.

Se a tivesse conhecido antes de Yesubai, antes de Kelsey... mas, eu *tinha* conhecido. Era tudo tão confuso. Eu ainda amava Kelsey. Não amava? Eu era fiel. Nunca fui o tipo de homem que procura várias mulheres. Queria uma única que eu pudesse amar. Uma que fosse minha por completo. Uma companheira para a vida, que fosse tão devotada a mim quanto eu a ela. Eu tivera esperanças de que Kelsey fosse essa garota.

Espiei a deusa com um olho semicerrado e aquietei meus pensamentos, algo muito mais simples de fazer como tigre do que como homem, e simplesmente saboreei o momento. O som das ondas me embalou e o cheiro terroso da grama ali perto, misturado ao aroma da mulher a meu lado, era inebriante. Ana virou-se em minha direção, apoiando a cabeça em uma das mãos, e estendeu a outra para mim.

Ela enterrou os dedos no pelo de meu pescoço e se pôs a acariciá-lo. Ficamos assim por muito tempo, só olhando nos olhos do outro e sentindo a força de nossa conexão. A lua ergueu-se acima das ondas e a areia reluziu com o aparecimento do luar. Uma leve brisa beijava minha pelagem, trazendo com ela o cheiro das árvores, das flores e do mar. Se o paraíso existisse, então eu estava nele, pensei. Só faltava uma coisa.

Devo ter caído no sono, porque o que lembro a seguir é de Anamika me sacudindo para que eu acordasse.

– Sohan – chamou ela. – Sohan – repetiu um pouco mais alto.

– O quê? O que foi? – murmurei, a voz engrolada, enchendo a boca de areia. Pisquei e fitei os grãos cintilantes que cobriam meu braço. Eu devia ter mudado para a forma humana enquanto dormia. Isso nunca tinha acontecido antes. A ideia de que podia ocorrer sem meu conhecimento me deixou com uma sensação de frio e desconforto.

Sentando-me, minhas pernas estiradas no sentido contrário às dela, vi que Ana estava enrolada em um cobertor. Ela devia ter feito um, usando o lenço,

enquanto eu dormia. O sol apenas começava a espiar acima do horizonte. Tínhamos passado a noite toda na praia. Minha barriga roncou.

– Alguma coisa errada? – perguntei. – Alguém está precisando de você?
Ela encolheu as pernas e as abraçou.

– Não tem nada urgente. Eu só queria fazer você parar de roncar. – Ana estava sorrindo outra vez.

Bati meu ombro no dela.

– Eu não ronco, Ana – falei, devolvendo o sorriso.

– Ah, ronca, sim. Parece um urso.

– Bem, então você parece um dragão.

– Um dragão?

– Sim, e eles são os piores.

– Acho que não, Sohan. Meu tigre é o pior de todos.

– *Seu* tigre? – perguntei, provocando-a. – Quando foi exatamente que eu me tornei seu?

O sorriso dela vacilou e lamentei que a brincadeira inocente tivesse seguido por esse caminho. Tentando ignorar a tensão, pus-me de pé e ofereci a mão para ajudá-la a se levantar.

– Como aparentemente sou o *seu* tigre – falei –, sugiro que você me alimente antes que eu resolva arrancar um de seus braços. Estou faminto. – Apertando seu braço, como se testasse a maciez, acrescentei: – Pensando melhor, acho que prefiro comer sua perna. Ela me deixaria satisfeito pelo menos até o almoço.

Mantive sua mão na minha mesmo depois de ela estar de pé e me senti gratificado ao ver um rubor iluminar suas faces.

– Então talvez eu tenha de colocar rabo de tigre ensopado no cardápio como vingança – disse ela, enquanto eu descaradamente olhava suas longas pernas. – É justo.

Fazendo a mão dela envolver meu braço, conduzi-a para longe do mar, caminhando em direção às árvores.

– Rabo de tigre seria muito pouco nutritivo. Você precisaria de um pedaço grande de carne. – Bati no peito, enchendo-o deliberadamente.

Ela me cutucou nas costelas e franziu os lábios.

– Receio que a carne do seu peito seja dura e fibrosa demais para o meu gosto. Mas talvez, se a assar direto no fogo, fique comestível.

Brincamos descontraidamente um com o outro enquanto passávamos entre as árvores. Então, quando ela pegou a Corda de Fogo, toquei sua mão para detê-la.

– Ana?

– Sim, Sohan?

– Aonde você quer ir?

Ela fez uma pausa, refletindo, e disse:

– Eu... acho que estou pronta para ver a próxima tarefa na lista de Kadam. Isto é, se você estiver – acrescentou, me olhando através de seus longos cílios.

– Você está satisfeita, então, em permitir que Sunil e Nilima fiquem juntos?

– Acho que sim. Nilima é uma boa escolha para Sunil.

– Concordo – anuí, e esperei que ela fizesse a próxima pergunta, aquela que gritava para ser feita. No entanto, ela não fez.

Enterrando um pé na areia, me perguntei se, como ela, eu estava pronto para seguir em frente. Ana aguardava pacientemente, em silêncio, que eu dissesse alguma coisa. Ela não se incomodava com o silêncio, o que era outra coisa que eu gostava nela. Em vez de me sentir pressionado, sentia a paz e a tranquilidade que vinham de saber que ela me apoiava por completo. O que quer que eu dissesse a seguir, ela aceitaria. Ficamos em silêncio por outro longo momento.

– Eu acho – falei por fim – que estou preparado para segui-la ao próximo local.

Ela pousou a mão em meu braço e disse:

– Ainda não há nada definitivo no que estamos fazendo. Se quiser explorar mais os seus sentimentos, temos tempo.

Cobrindo a mão dela com a minha, apertei-a ligeiramente.

– Obrigado.

Ana sorriu afetuosamente e estalou os dedos. A bolsa de couro surgiu.

– Como você fez isso? – perguntei.

Ela deu de ombros.

– Eu simplesmente procurei sua posição no tempo e no espaço e a atraí para mim. Qualquer coisa que pertença à deusa Durga a busca naturalmente.

Enquanto ela tirava a lista da bolsa e examinava o item seguinte, refleti sobre suas palavras e me perguntei se seu tigre também seria naturalmente atraído para ela. Eu não estava certo se gostava ou não da ideia. No entanto, quando meus olhos percorreram lentamente suas pernas nuas mais uma vez, tive de admitir que havia punições bem piores do que estar preso a uma mulher como ela.

Ana estalou a Corda de Fogo. As chamas se inflamaram, crepitando e soltando faíscas, e um portal se abriu. Ela estendeu a mão e eu a peguei. Então, juntos, saltamos.



Meninos perdidos

Minhas narinas se dilataram quando aterrissamos e meu estômago se revirou. Ana enrolou a Corda de Fogo e, depois de instruir o lenço a vesti-la com seu típico vestido de caça e botas macias, prendeu-a a uma correia em sua cintura. Ela se ofereceu para me fazer roupas novas também, mas eu estava habituado a minhas camisa e calça pretas, por isso aceitei somente um par de sapatos resistentes. Era noite e o céu estava cheio de estrelas. Cheio demais para uma cidade grande e moderna. Estávamos em um passado distante.

– Onde estamos? – perguntei.

– Não tenho certeza – respondeu ela, passando a bolsa pelo ombro.

Ali dentro estavam todas as suas armas, exceto o arco, que ficava preso por um laço quando ela não o estava levando nas costas. Ana murmurou algumas palavras e me entregou um saco com um lanche para a caminhada, contendo uma espécie de carne-seca, frutas secas e castanhas. Ela pegou um punhado e colocou uma castanha na boca antes de dizer:

– As instruções de Kadam só dizem que precisamos libertar Lady Bicho-da-Seda.

– Lady Bicho-da-Seda? Tem certeza?

Ana assentiu e fiquei pensando enquanto comia. Kelsey me contara a história de Lady Bicho-da-Seda muito tempo atrás. Eu não sabia muito bem se me lembrava de todos os detalhes. Ana me entregou um pequeno odre que tirou da bolsa. Agora que tínhamos todos os presentes de Durga e o amuleto estava completo, o Fruto Dourado podia acessar o pedaço de água do amuleto e nos dar de beber. Por mais que eu gostasse de chá e limonada, era água o que mais desejava. Bebi sofregamente e entreguei-lhe o odre para que ela o enchesse de novo.

– Só me lembro de pequenos trechos da história – eu disse. – Kelsey a conheceu em um templo, quando ela contou que Durga a tinha salvado de um casamento com o imperador que matou o homem que ela amava. Ele vendia tecidos ou fabricava seda, acho.

– Temos então que salvar os dois? Ela e seu fornecedor de seda? – questionou Ana.

– Não sei. Kadam não queria que interferíssemos na história.

Depois de comer, esvaziei outro odre e o devolvi a ela. Após guardá-lo na bolsa, Ana girou o corpo e em seguida se agachou para estudar a estrada que tínhamos encontrado.

– As caravanas seguiam por aqui – disse ela, apontando para leste. – Se quisermos encontrar o imperador, temos que encontrar uma cidade primeiro.

Caminhamos lado a lado até cerca de uma hora antes de o sol nascer. Eu me ofereci para carregar sua mochila, mas o máximo que ela aceitou foi um revezamento. Eu entendia a sensação de segurança que se tinha ao carregar as próprias armas, mas o fardo de levar todas era pesado, mesmo para nós. O céu estava escuro e cinzento e o campo começava a despertar. Pássaros cantavam, dando boas-vindas ao sol, e logo juntou-se a nós outro viajante, sentado no alto de uma carroça cheia de feno. O aroma da fumaça de seu cachimbo flutuou até mim.

– Olá! – chamei.

O homem carrancudo murmurou um cumprimento e repassei os idiomas em meu cérebro até descobrir o dele. Meu mandarim não era bom, mas o poder de que a deusa dispunha facilitava a comunicação.

Embora o homem me entendesse, ainda não parecia muito amigável.

– Somos viajantes tentando conseguir uma audiência com o imperador – pressionei. – Poderia nos dizer se estamos na estrada certa?

– O imperador?

Ele olhou para nós com espanto e começou a rir. Embora nos achasse no mínimo ingênuos, indicou que continuássemos naquela estrada até uma bifurcação, a duas horas dali, e depois pegássemos o caminho à direita. Logo ele nos deixou para trás, pois diminuímos o passo para conversar.

– Acho que estamos na China – falei –, a julgar pelas roupas dele e pelo dialeto que usou.

– Lokesh não veio da China? – perguntou Ana.

– Veio, mas seria coincidência demais que ele e Lady Bicho-da-Seda tivessem nascido na mesma época e no mesmo lugar, especialmente na China. Com base no que Kadam e Kelsey reuniram sobre as origens de Lokesh, eu diria que ele nasceu alguns séculos antes deste, durante um período de guerra. Mas você tem razão quando diz que devemos ser cuidadosos.

Passamos por outras pessoas na estrada e, enquanto caminhávamos, Ana fez muitas perguntas sobre como seria a vida de Sunil agora que ele vivia no tempo de Nilima. Contei-lhe tudo sobre as maravilhas que o futuro tinha a oferecer e como as mulheres podiam trabalhar e aprender lado a lado com os homens. Conversamos sobre transportes modernos, filmes, medicina, computadores e carros, e sobre como o dinheiro era guardado em bancos, não em casa. Embora eu me ativesse sobretudo às coisas agradáveis, ela expressou preocupação com o fato de Sunil não ter dinheiro. Eu disse que Nilima tinha uma situação financeira muito confortável e que Sunil poderia aprender uma profissão se quisesse.

– Ele não pode ser um guerreiro? – perguntou ela. – Ele é treinado para o combate.

– Os guerreiros são diferentes nessa época. As guerras não são travadas com braços e espadas ou arcos e flechas, mas sim com máquinas imensas ou bombas.

– Bombas?

Tentei pensar em algo que a ajudasse a entender.

– Sabe as catapultas que lançam pedras pesadas?

– Sei.

– Uma bomba é como uma grande pedra, só que muito mais potente. Em vez de derrubar um muro, ela arrasa uma cidade inteira.

– Entendo. – Ela trabalhou a ideia em sua mente antes de falar. – Não há muita honra em vencer com uma bomba.

– Não – concordei. – Infelizmente, não existem muitas oportunidades para um homem como Sunil ou como eu no futuro.

– Mas Ren parece ter se adaptado bem.

– Ren sempre foi um diplomata. Ele assina papéis e sorri, encanta as senhoras e adula os velhos. Essa é uma habilidade que ainda é útil no futuro.

– Ah...

O ar do início da manhã estava límpido com o frio do outono. O sol se erguia no horizonte e eu olhei para ela. Ana mordida o lábio, preocupada.

– O que foi? – perguntei.

– Não quero ofendê-lo com minha pergunta.

– Vou tentar não me ofender. O que quer saber?

Queria mostrar-lhe que podia ser tão compreensivo e aberto com ela quanto ela havia sido comigo. Durante muitos e muitos meses eu a afastara, preferindo ficar sozinho em minha infelicidade. Havia muito mais nela do que os olhos podiam ver, e descobri, pela primeira vez em nosso relacionamento, que queria conhecê-la melhor, e também queria que ela me conhecesse.

– O que... o que você teria feito no futuro se tivesse voltado para ficar com Kelsey?

– Eu...

Minha boca fechou-se subitamente. Andamos em silêncio por um tempo.

– Ofendi você – disse ela. – Peço desculpas.

– Não, não é isso. Acho... acho que nunca pensei muito além da ideia de estar com ela. Eu sabia que queria uma família. Tínhamos bastante dinheiro, então eu não precisava trabalhar nem ter uma carreira. Acho que simplesmente teria ido ao escritório todos os dias.

– Trabalhar? Escritório? Está se referindo àquela sala bem no alto no céu com paredes de vidro?

– Sim.

– O que você faz ali? Batuca com os dedos para mandar a janela mágica lhe contar coisas?

Resmunguei e esfreguei o queixo.

– Basicamente, eu passava meu tempo criando problemas para Nilima. Reuniões do conselho me entediavam. Não tenho cabeça para finanças nem para negócios. Apesar de o computador, ou janela mágica, como você chama, ser uma ferramenta muito útil, prefiro trabalhar com as mãos.

Ana assentiu, apesar do cenho franzido. Eu sabia que ela estava tentando entender o que eu estava falando. Eu havia explicado algumas coisas a ela, mas tinha deixado muitos detalhes de fora.

– Eu também prefiro trabalhar com as mãos – afirmou. – Não consigo imaginar passar a vida sentada.

Outros viajantes apareceram na estrada e ficamos em silêncio. Recordei os dias tristes e aparentemente intermináveis que passara naquele escritório, tentando prestar atenção ao que Nilima me ensinava. Não podia imaginar uma vida mais intolerável. Eu não servia para aquilo. A selva era meu lar. Honestamente, eu me sentia mais à vontade no passado do que no futuro. Meu local de trabalho não tinha os sons de telefones tocando ou campainhas de elevador. Era cheio do trincolejo de rédeas de cavalo, dos gritos de batalha, da vibração de uma seta disparada e do retinido de espadas em combate.

Não que minha mente se ocupasse apenas com batalhas. Eu gostava de estar na natureza. As cidades me sufocavam. Eu me sentia preso em uma armadilha dentro delas. Em vez de tapetes felpudos ou pisos ladrilhados, desejava andar sobre folhas secas. Trilhas de terra batida em vez de calçadas. Gostava da vida lenta e mais tranquila do passado. Sem Kelsey e meu irmão para me ancorarem, eu me sentia deslocado no futuro, como uma relíquia ou uma espada antiga enferrujando em uma parede em algum lugar. A tranquilidade cultivada do passado me atraía.

Quanto mais eu pensava no barulho – as vozes retumbantes e arrogantes da mídia, as propagandas sem fim, a necessidade constante de adquirir cada vez mais, como se a realização na vida viesse apenas da posse de objetos –, mais me dava conta de como a vida lá teria sido difícil. Eu me perguntava se Kelsey teria sido feliz vivendo sossegada a meu lado.

Certa vez, dei a ela uma chave de presente. Em meus sonhos, tinha imaginado construir uma casa na minha antiga selva e viver uma vida simples com ela. Mas será que ela teria abraçado aquela vida ou me desprezaria por isso? Nossos filhos teriam nos abandonado e acabado por me odiar por mantê-los longe do mundo moderno e de tudo que ele oferecia? A ideia me deixou um gosto cáustico na boca. Eu nunca tinha perguntado o que ela pensava a respeito nem o que imaginava para nosso futuro.

Achei que conseguir que Kelsey se compromettesse comigo seria a parte mais difícil, mas talvez as dificuldades tivessem sido maiores do que eu esperava. Uma vida na época de Kelsey poderia não ser fácil para nenhum de nós dois. Cerrei os dentes, não querendo aceitar que eu tinha limitações, que poderia não ter sido bem-sucedido nos padrões do mundo de Kelsey. O amor deveria ser suficiente. Pensar no que poderia ter acontecido depois me deixou abatido.

O braço de Ana roçou o meu e senti o formigamento tranquilizador de nossa conexão. Seu passo acompanhava o meu. Ela andava com confiança, a cabeça erguida e os ombros aprumados, embora estivéssemos em um lugar e um tempo desconhecidos de nós. Seu cabelo estava embaraçado e o rosto tinha uma mancha de sujeira, mas ainda assim era incrivelmente linda. Mesmo sem os ares de deusa, Anamika era o tipo de mulher que poderia chamar com o dedo e qualquer homem com algum senso viria correndo. O estranho era que ela não parecia ter consciência desse poder.

Eu não tinha dúvida de que ela ficaria ainda mais deslocada no futuro do que eu, e mesmo assim podia imaginar multidões se abrindo para lhe dar passagem enquanto ela corajosamente as atravessava. As pessoas recuariam, maravilhadas, como se ela fosse tão magnífica e rara quanto um unicórnio no centro de uma cidade. Ela deixaria um cintilante rastro de magia e todos seguiriam seus passos, esperando que apenas um pouco de seu resplendor passasse para eles.

Tínhamos lutado muitas batalhas juntos e, quando eu pensava em meu dever como seu tigre, o de levá-la até o combate, o sentimento avassalador que tinha era de orgulho. Nós passamos por muitas coisas – lama, inimigos, morte e campos de soldados caídos – e ela nunca vacilou. Nem uma vez sequer. Mantinha-se firme e determinada a cumprir seu papel de deusa. Ninguém o

merecia mais do que ela. Ela era a escolha perfeita. Ana era perfeita em todos os sentidos.

– Acho que aquilo ali adiante são as muralhas da cidade – disse Ana em tom autoritário.

Estreitando os olhos, eu os protegi com a mão.

– Tem razão. Qual é o plano?

– Precisamos mudar nossa aparência? – indagou ela, confiando em minha opinião.

– Não creio que alguém nos reconheça. Mas talvez seja bom atualizar nosso armário.

– Armário?

– Roupas.

– Ah. Então estaremos prontos para isso.

Ela assentiu rapidamente e atravessamos juntos os portões da cidade.

O lugar era movimentado. Acompanhamos o grupo principal de viajantes e fomos dar em um mercado central. Os cheiros enjoativos de carne cozinhando se combinavam ao odor penetrante e amargo dos resíduos de animais de carga. Metros e metros de seda esvoaçavam à brisa da manhã. Guiei Anamika naquela direção, esperando fazer algumas perguntas ao vendedor sobre fornecedores de seda e a costureira que morava no palácio do imperador.

Um cão rosnou sob a mesa e avançou sobre nós, latindo, até que grunhi suave, mas guturalmente. Ele ganiu e desapareceu, com o rabo entre as pernas. O vendedor finalmente se virou para nós, arregalando os olhos ao ver Anamika.

– Belas sedas para uma bela dama? – perguntou. – Tenho as melhores que a cidade pode oferecer.

– Estamos procurando um certo fornecedor de seda que recentemente teria caído em desgraça junto ao imperador.

Uma sombra passou pelos olhos dele. Aquele era um homem que gostava de possuir segredos.

– Talvez um pequeno sinal de nossa sinceridade possa ajudá-lo a se lembrar – sugeri.

Ele estendeu um prato e Anamika deixou cair uma pepita de ouro dentro dele. A pedrinha girou ruidosamente no prato e o homem, mais que rápido, a

agarrou e escondeu entre dedos longos e sujos. Suas unhas eram compridas, mas bem lixadas. Provavelmente para não puxar os fios da seda. Ele nos observou atentamente e disse:

– Você deve ter muita confiança em sua mulher para permitir que ela controle seu dinheiro.

Inclinei-me para a frente.

– Quem disse que o dinheiro é meu?

O homem guardou habilmente a pepita de ouro no bolso e voltou toda sua atenção para Anamika. O canto de sua boca se ergueu em um sorriso malicioso. Ele puxou um lindo rolo de seda azul e o segurou junto ao rosto dela.

– Azul, não – murmurei. – Ela deve usar dourado.

Anamika ergueu os olhos para mim e sorriu de leve.

– É lindo – disse ela ao vendedor, encerrando o assunto. – Afinal, lembrou-se de alguma coisa sobre o fornecedor de seda?

O homem se afastou e estalou a língua antes de voltar com um maravilhoso lenço bordado.

– Ah – disse ele –, mas você não viu o melhor que temos a oferecer.

Orgulhosamente, desdobrou o quadrado de tecido, revelando-o em todo seu esplendor. Anamika ofegou e tocou os fios, que se trançavam para formar dragões cintilantes e uma Fênix. Ousado, o homem levantou a mão com o lenço preso entre os dedos, como se fosse tocar o rosto de Ana.

– Sinta-o em sua pele – disse.

Antes que ele pudesse se aproximar, agarrei seu pulso com força, detendo-o a poucos centímetros do rosto dela, e empurrei seu braço para baixo.

– A senhora não gosta de ser tocada – avisei.

Com o sorriso fácil e cativante de um vendedor experiente, ele recuou.

– Claro, claro – disse, com astúcia e afetação. – Eu só queria que ela visse o lenço mais de perto.

– Estou certo que sim – respondi.

O homem piscou para Anamika e disse:

– Ouvi rumores sobre a estimada noiva do imperador e sua afeição por um certo homem. Talvez seja a ele que você se refere.

– E onde podemos encontrá-lo? – perguntou Anamika.

– Costumo comprar seda da família dele. Posso marcar um encontro entre vocês, se o preço for bom.

Rangendo os dentes, perguntei:

– Quanto?

– Ah, não muito, não muito. Uma ninharia.

– O que deseja? – indagou Anamika.

O homem lambeu os lábios com ganância. Eu conhecia aquele olhar. Ele queria nos roubar, e não era apenas nosso dinheiro que tinha em mente. Eu podia imaginar muito bem o que ele via quando olhava para Ana. O vendedor via apenas a superfície. Uma mulher de beleza incomum, livre e com apenas um homem para protegê-la. Os pelos de meu pescoço se eriçaram com a vontade de saltar, de protegê-la; ao mesmo tempo, porém, eu sabia que ela, mais do que qualquer outra mulher no mundo, era capaz de se proteger.

Como se sentisse minha irritação, Ana pôs a mão em meu braço.

– Isto é o que oferecemos. – Ela estendeu um rubi cintilante. Eu não tinha certeza de onde o conseguira, mas Ana sempre carregava vários tipos de gemas e moedas em sua bolsa com esse propósito. – Seja rápido com sua resposta – ela advertiu o homem –, pois esta é uma oferta generosa e há outro vendedor de seda ali adiante. Talvez ele seja mais prestativo.

O homem franziu o cenho, apressou-se em pegar o rubi de Anamika e estalou os dedos. Um garoto surgiu de sob a mesa. O cão que ele estava acariciando cutucou a perna do menino, pedindo sua atenção de volta.

– Xing-Xing – gritou o vendedor. – Leve estes visitantes à casa do fornecedor de seda. E é melhor estar de volta em uma hora. Caso contrário, vai sentir o peso da minha mão. Entendido?

O menino assentiu vigorosamente e mergulhou entre os rolos de tecido, aparentemente surgindo do nada entre nós.

– Venham – disse ele, estendendo a mão para Anamika.

Ela lhe sorriu e tomou-lhe a mão enquanto ele rapidamente serpenteava entre as pessoas, arrastando-a em seu encalço, indiferente aos que gritavam com ele por se meter no seu caminho.

Tudo que eu podia fazer era seguir as duas cabeças que surgiam e sumiam na multidão compacta. O menino só diminuiu o passo quando entramos em outro

bairro, estranhamente vazio. Seus olhos se moviam de um lado para outro e ele passou a língua pelos lábios com nervosismo.

– Está preocupado? – perguntou Anamika.

– Esta área é famosa por ter ladrões e assaltantes. – Ele olhou para mim. – Acho que seu homem não conseguiria enfrentar mais de dois.

Franzi a testa e Ana disse:

– Pode ter certeza de que Sohan é capaz de enfrentar muitas dúzias de ladrões, mesmo sem minha ajuda.

O canto de minha boca levantou-se e o garoto astuto virou-se para me estudar.

– Acho que você está exagerando – disse a ela após sua avaliação. – Ele não parece tão formidável.

Logo tivemos a oportunidade de provar quão formidáveis éramos. Como o menino suspeitava, fomos rapidamente cercados por meia dúzia de ladrões. Eram esguios e jovens. Alguns não eram muito mais velhos do que nosso guia. Levantei as mãos.

– Não queremos machucá-los – declarei em um tom de voz normal e calmo. – Vão em paz e esqueceremos seu desrespeito com a senhora.

Nosso guia pequeno e sujo teve o mérito de puxar um canivete do cinto e postar-se na frente de Anamika, protegendo-a, com uma expressão feroz no rosto.

Ela passou o braço pelo peito dele, o que serviu para fazê-lo aprumar-se ao máximo, inflando o tórax. Eu sabia que o gesto dela tinha a intenção de protegê-lo, mas ele provavelmente achou que ela estava tentando se esconder atrás dele. Entendi a valentia dele. Anamika inspirava bravura como ninguém.

Erguendo as mãos para mostrar que não tinha armas, girei para estudar meus adversários. Na minha conta, eram sete assaltantes. Quatro deles tinham facas. Um tinha uma espada curta e os outros eram grandes em estatura, sem armas visíveis exceto os punhos.

– Muito bem – falei, estalando o pescoço. – Podem vir, então.

Ouvi o zumbido do aço quando a espada foi desembainhada. Os garotos nos rodearam, os olhos frios. Mantinham-se nas sombras escuras do beco e se moviam de tal forma que logo adivinhei seu plano. Não prestavam atenção ao

garoto ou a Anamika. Provavelmente achavam que o menor deles daria conta dela. Em vez disso, concentraram-se em mim.

Avançaram todos de uma só vez, o garoto com a espada me atacando primeiro para me distrair enquanto os menores e mais jovens tentavam me esfaquear nas pernas ou nas costas. Senti mais do que vi um jovem vindo sobre mim pelo lado enquanto o que tinha a espada vinha pela frente. Entrando no jogo, mantive as mãos e os olhos erguidos para o primeiro menino e esperei o momento certo, quando então minha mão desceu sobre o braço do menino com a faca. Com um só movimento, sua arma caiu e eu o agarrei, lançando-o na frente de outro que me atacava por trás.

Eles caíram amontoados no chão. O menino com a espada golpeava sem parar, mas não era treinado para aquilo. Movi o corpo para um lado e para outro pegando os demais meninos, um de cada vez, enquanto deixava que ele continuasse a me atacar. Quando estavam todos caídos, exceto ele, cada qual com várias contusões e maxilares fraturados, voltei minha atenção para seus movimentos.

– Assim está melhor – falei. Depois de outro golpe, eu o orientei: – Você está se apoiando no pé errado.

– Você está mesmo ensinando os garotos a lutar melhor? – perguntou Ana. – São ladrões.

– Tem toda a razão, minha senhora. Está na hora de acabar com isto.

Girando o corpo, preendi o braço de meu adversário entre meu tronco e meu braço no momento em que ele desferia outro golpe com a espada. Quando torci seu pulso, a arma caiu em minha mão. Virei-me e segurei a espada embaixo de seu queixo. Nesse momento, ergui os olhos e vi o jovem escondido acima de nós. Estava se preparando para saltar sobre mim.

– Se você for inteligente, vai ficar onde está – adverti.

O jovem ladrão ficou paralisado. Ana ergueu os olhos e sorriu para ele.

– Como líder desse grupo, você é responsável pelas ações deles. Vai se render?

O jovem deixou cair uma faca. Era uma bela adaga. Uma que um imperador poderia usar. Peguei-a e passei o polegar por seu gume.

– Vamos guardar este butim como pagamento pela injustiça que nos foi feita hoje – informei. – Lembre-se de escolher seus alvos com mais sabedoria no futuro. As aparências enganam. Agora, sumam e vão lambar suas feridas.

Deixamos o beco e seguimos nosso caminho.

– Você não deveria tê-los deixado ir tão facilmente – disse Anamika.

– Eram apenas meninos mal orientados – respondi.

– Talvez. Mas meninos mal orientados se transformam em homens odiosos e cruéis.

– Nem todos.

– Só é preciso um – disse ela suavemente. – A espada da brutalidade é afiada na pedra de amolar das privações. Vire o cabo para um lado e verá sofrimento, tanto do algoz quanto das vítimas. Do outro lado encontrará desprezo por si mesmo e pelos outros.

– Mas você esquece que as privações também criam heróis. Alguns as superam e se tornam melhores por causa delas.

Anamika se virou de costas para mim e olhou para a frente.

– A maioria dos heróis são vilões que ainda não revelaram sua verdadeira natureza.

– Não acredito nisso, Ana. E, francamente, estou surpreso que você acredite.

– Há muito sobre mim que você não sabe, Kishan.

Eu a cutuquei com o braço.

– O que aconteceu com Sohan? Ou você agora me considera um vilão também?

Ela olhou para mim.

– Não acho que você seja um vilão. Tampouco acho que seja um herói.

– Então o que sou? – perguntei.

– Você é apenas... meu tigre – respondeu ela.

Eu não tinha certeza de como interpretar sua resposta nem se era bom ou ruim que ela me visse dessa forma. Anamika não gostava necessariamente de desempenhar o papel de uma deusa, embora adorasse ajudar as pessoas. Ela era incrível no combate, mas me parecia mais uma mãe ursa que defende sua cria do que uma deusa vingativa.

Seria certamente mais fácil tomar minhas decisões na vida com base nos instintos de um tigre, mas eu era mais do que isso. Kelsey não teria tido problemas em me assegurar de minha condição de herói, mas, de certa forma, era bom que Ana não me atribuisse esse papel. Era quase como se ela nada esperasse de mim. Ela me deixava ser o que eu quisesse naquele momento: homem, tigre, herói, companheiro... até mesmo um vilão.

Não que eu chegasse perto de Lokesh, mas não era uma atitude vil de minha parte pensar em estragar o final feliz de Kelsey? A definição de um homem mau é aquele que tenta obter o que deseja, não importando o custo que isso teria para os outros. Seria muito fácil para mim fazer voltar o tempo e destruir o amor que existia entre Ren e Kelsey. Eu tinha o poder de abrir um caminho direto até o coração dela. Mas o amor não exigia sacrifícios?

Meus pensamentos foram interrompidos quando nosso jovem guia parou e apontou para uma casa por trás de um portão fechado.

– Esta é a fábrica e a casa do fornecedor de seda – anunciou.

– Muito bem – falei. – Ana vai lhe dar uma moeda pelo trabalho que teve.

Ela se abaixou e tocou o nariz do menino com a ponta do dedo.

– Talvez eu possa lhe oferecer algo mais do que uma moeda – disse.

– O quê? – perguntou o menino com hesitação, a voz desafinando de maneira juvenil, sinal de que estava se transformando de menino em homem. Meus pensamentos voltaram-se para a época em que eu estava na posição dele, um garoto de 12 anos, olhando com esperança para Ana.

– O que acha de vir trabalhar para mim? – perguntou ela.

Coloquei a mão em seu braço.

– Tem certeza? – murmurei.

– Eu olhei dentro do coração deste menino. Ele é corajoso e leal. E o vendedor de seda não é seu pai, é? – perguntou ela.

O garoto sacudiu a cabeça. Com ar triste, disse:

– Ele é meu senhor. E acho que não me venderia por preço nenhum.

– Então não vamos comprar você – disse Ana. – Vamos roubá-lo, como aqueles ladrões.

Os olhos do menino se arregalaram.

– Não! Não pode fazer isso! Ele vai me encontrar e me castigar!

– Ele não pode encontrá-lo no lugar para onde eu o mandaria. – Ela pôs a palma da mão no rosto dele e entoou algumas palavras em voz baixa, deixando um pouco de seu poder iluminar sua pele. – Você é capaz de confiar em mim? – perguntou.

Ele assentiu, com uma expressão apaixonada no rosto.

– Que bom. Segure minha mão e usarei meu poder para levá-lo para minha casa. Você vai encontrar um guarda lá, o nome dele é Bhavin. Diga-lhe que você vai ser seu aprendiz e que vai servir à deusa pessoalmente. Prometo ir vê-lo muito em breve.

– Sim, senhora.

Xing-Xing curvou-se, segurando a mão de Anamika, e ela apertou o amuleto com a outra, sussurrando as palavras que mandariam o menino para nosso palácio no alto da montanha.

Depois que ele desapareceu, cruzei os braços na frente do peito.

– Vai virar um hábito você colecionar meninos que caem a seus pés? – perguntei, as palavras saindo arrastadas.

– Não decidi ficar com ele por vaidade. Sua situação exigiu minha intervenção.

Suspirando, eu disse:

– Você é muito mole, Ana.

– O que isso significa?

– Significa que você é facilmente persuadida.

– Pelo contrário. É difícil me persuadir.

Dei um passo em sua direção, aceitando o desafio em seus olhos. Ela se imobilizou, rígida, mas não recuou quando soltei um rosnado gutural e baixei a cabeça para seu pescoço. Fechando os olhos, inalei seu perfume embriagador, meu peito ressoando enquanto eu roçava de leve a linha do seu maxilar com meu rosto com a barba por fazer. Demorou apenas alguns segundos para que eu sentisse suas mãos em meu peito, me afastando.

– Parece que você está certa – falei, recuando prontamente. – Você é muito difícil de se persuadir, isto é, se quem estiver tentando for um homem. Acho que teria sido mais fácil ser seu amigo quando eu era garoto.

– Amigos não se tocam – ela fez um gesto apontando o pescoço – dessa maneira.

Ela pressionou os dedos no local, como se estivesse tentando tirar a marca de meu leve toque.

– Por que você tem tanto medo de mim? – perguntei. Embora ela tivesse se fechado para mim, eu podia sentir sua perturbação.

– Não tenho medo. Simplesmente não desejo satisfazer seus hábitos de... acariciar mulheres.

– Ao contrário do que você pensa, não ando por aí acariciando mulheres.

Com um suspiro, Ana disse:

– Não podemos discutir isso mais tarde? Gostaria de completar esta tarefa antes de ser convocada de novo.

Passado um momento, assenti com a cabeça. Ela pegou um martelo dependurado ali e golpeou o gongo ao lado do portão. Ele emitiu um som metálico e harmonioso. Um velho apareceu quase instantaneamente. Perguntei-me quanto ele teria escutado de nossa conversa.

– O que vocês querem? – indagou.

– Estamos aqui para tratar de um assunto urgente – respondeu Anamika, no que eu acreditava ser uma voz animada demais. Ela ainda estava nervosa. Sem tentar descobrir com uma leitura invasiva de sua mente e sem que ela me dissesse, não havia como saber por quê. – Acreditamos que a vida do seu senhor esteja em perigo – continuou Ana.



Seda libertada

— Meu senhor? – perguntou o homem com voz grave. – A que perigo vocês estão se referindo?

– Temos razão para acreditar que o imperador deseja matá-lo.

– Por que o imperador se importaria com um pobre fornecedor de seda? Meu senhor mal pode enxergar, quanto mais causar um tumulto grande o suficiente para perturbar o imperador. Acredito que estejam equivocados. – Debilmente, o homem ergueu os braços para nos enxotar portão afora. Quando me mantive firme no lugar, cruzando os braços e firmando os pés, os olhos dele me examinaram rapidamente e sua voz se elevou em um falsete: – Por favor, vão embora – implorou. – Não temos nada de valor.

Ana pôs a mão no braço dele e seu toque acalmou o homem. Eu não estava bem certo se esse era um dom natural dela ou se fazia parte de seu chamado, mas ela já havia usado o mesmo truque comigo e, em geral, funcionava. Isto é, a menos que fosse com ela que eu estivesse furioso. Com uma voz açucarada, ela pediu:

– Humildemente solicitamos que seu senhor nos receba. O assunto diz respeito ao imperador, a seu senhor e... e à mulher que ele ama.

Assim que ela disse isso, o homem arquejou e deu um passo para trás. Seus olhos se voltaram para as sombras.

– É melhor vocês entrarem. Depressa.

Ele nos conduziu por um caminho pavimentado com pedras que cortava um bosque de amoreiras e parou diante da porta aberta de um grande armazém. Um estranho som efervescente vinha dali. Lembrei-me de quando Kelsey me apresentara um refrigerante, mas esse ruído era como se mil copos de refrigerante estivessem sendo servidos ao mesmo tempo. Levei alguns segundos para me dar conta de que o ruído vinha de insetos – bichos-da-seda.

Observei uma mulher espalhar uma pilha de folhas sobre uma grande bandeja e então deslizá-la de volta ao lugar. Em seguida ela puxou outra e repetiu o processo. Várias mulheres dentro do armazém encontravam-se debruçadas sobre mesas, tirando folhas de galhos compridos.

– Vocês já estão terminando? – perguntou-lhes nosso guia.

Uma das mulheres veio até nós carregando um grande cesto do que pareciam minúsculos ovos.

– Quase – respondeu.

Eu nunca vira seda sendo produzida antes e o processo me fascinou. Avistei mulheres cuidando com desvelo de cestos grandes e redondos que se apoiavam em estruturas com várias fileiras. Do outro lado, a uma boa distância das larvas, outra mulher mexia uma cuba borbulhante e tirava dali casulos com as mãos nuas. Enquanto eu observava, outros trabalhadores examinavam os casulos que esfriavam, extraindo as larvas cozidas e separando o fio do inseto.

Uma mulher jogou um punhado de larvas na boca. Pude ouvir o ruído crocante e percebi que o cheiro no ar era de larvas cozidas, não de uma refeição. Trabalhadores aos pares desenrolavam os casulos enquanto os parceiros tornavam a enrolar os fios em grandes bobinas. Havia cubas para tingimento e fios coloridos pendiam de grandes ganchos enquanto secavam nas vigas.

Nosso guia fez um aceno com a mão.

– Ótimo – disse ele. – Continuem. A sineta do jantar vai soar em breve.

– Eu me pergunto qual será o cardápio – sussurei para Ana.

Ela me presenteou com um de seus raros sorrisos e me senti como se tivesse ganhado um prêmio.

A mulher com o cesto inclinou a cabeça respeitosamente para nós três, que respondemos da mesma forma e seguimos em frente. Virando a esquina, deparamos com uma grande construção que parecia um quartel e vi trabalhadores movimentando-se em seu interior. Passamos por esse prédio e terminamos em um menor que os outros, mas o trabalho realizado ali dentro era muito mais refinado.

Fomos instruídos a aguardar na porta enquanto ele nos anunciava. Assim que tivemos permissão para entrar, fomos conduzidos a cadeiras junto a uma mesa comprida. Dobrei as pernas sob meu corpo e me sentei, Ana acomodou-se a meu lado e nosso guia trouxe seu senhor. O homem estava deformado pela idade. Suas costas eram tão curvadas que deviam lhe causar uma dor terrível, mas ele não se queixou ao sentar-se diante de nós.

Serviram-nos uma refeição e comemos quase em silêncio, Ana apenas comentando sobre a noite agradável, e eu, sobre o esplendor da lua. Lamentei essa última observação quando o senhor da casa estendeu a mão trêmula para sua xícara. Quando a levou aos lábios, vi seus olhos. Eram opacos e leitosos. Eu sabia, depois de comparecer a longas reuniões diplomáticas, que devíamos esperar até que a refeição terminasse antes de tratarmos da questão que nos levara até ali.

Eu estava acostumado ao ritmo lento, tradicional do passado, e o apreciava na maior parte do tempo. Mas também havia algo de positivo na correria na condução dos negócios no tempo de Kelsey. Por mais que me sentisse deslocado no futuro, descobri que gostava da rapidez com que as coisas se processavam. Principalmente aquelas que eu considerava tediosas. Meu pé balançava com impaciência enquanto eu esperava que o homem terminasse seu jantar. Ana pôs a mão em meu joelho por baixo da mesa para conter minha inquietação e eu cobri a dela com a minha, entrelaçando nossos dedos.

Ela franziu o cenho, mas não retirou a mão. Pareceu-me outra vitória. Embora eu não soubesse muito bem o que exatamente eu estava ganhando.

Por fim, a refeição terminou e tudo foi recolhido. O criado serviu chá ao senhor da casa e sussurrou em seu ouvido que precisávamos falar com ele a respeito do imperador. Que havíamos afirmado que o senhor se encontrava em grande perigo em razão de seu amor por uma mulher. Uma lágrima escorreu pelo

rosto do homem. Ele pareceu não ter consciência dela ou não se importar que a víssemos.

– Então o senhor sabe do que estamos falando – observei.

– Sei – replicou o homem. – Vocês podem ajudá-lo? – perguntou. – Ajudar o meu filho?

– Seu filho? – comecei.

– Seu filho é quem está arriscando a vida – disse Ana, como se já soubesse a resposta. – É ele que está cortejando a mulher do imperador.

O fornecedor de seda correu a mão pelo rosto e tentou empertigar o corpo.

– Sou um homem velho – redarguiu. – Minha mulher morreu há muito tempo e só tivemos um filho. Ele é um bom garoto. Forte de corpo e sensível de espírito, mas há um ano percebi uma mudança nele. Ele não quis me dizer a razão, mas até mesmo eu podia perceber a leveza em seus passos, a felicidade em sua voz. Já me senti assim uma vez. Há muito tempo. E soube o que era.

– Amor – adivinhou Ana, bebendo seu chá.

– Sim. Mas ele se recusava a dizer qualquer coisa a respeito. Então, um dia, encontrei o lenço.

– Lenço? – perguntei.

– Sim. Um trabalho excepcionalmente delicado. Eu só conhecia uma costureira capaz de fazer um trabalho daqueles.

– Mas como o senhor...? – Fiz uma pausa, não sabendo como concluir a pergunta.

– Como vejo o trabalho com olhos que se cobriram de sombras? Não vejo, jovem. Uso as mãos. Meus dedos seguram fios de seda desde antes de eu saber andar. É simples para mim distinguir um trabalho bom de um ruim.

O homem tossiu, uma tosse seca, e estendeu a mão para pegar sua caneca. Encontrando-a vazia, bateu pela mesa até encontrar o bule e o puxou para mais perto. O criado tentou ajudar, mas o senhor bufou, e o criado recuou. O velho fornecedor de seda serviu seu chá, derramando o líquido escaldante sobre a borda da caneca e queimando os dedos.

Ele pareceu não perceber o calor e me perguntei se ele, também, um dia havia tirado os casulos ferventes do pote. O homem sugou o chá dos dedos

antes de pousar o bule com força suficiente para ouvirmos o barulho da água espirrando.

– Diga-nos: onde está seu filho? – insistiu Ana.

– Ela o chamou para ir até lá esta tarde, com uma encomenda urgente. Ele ainda não retornou, embora já tenha passado da hora. – O homem retorcia o guardanapo nas mãos enquanto falava. – Não podemos negar um chamado do imperador. Implorei a meu filho que considerasse as consequências de suas ações, mas ele não me deu ouvidos. O imperador planeja casar-se com ela. É o que todos dizem. No mínimo, ele jamais a deixará partir. Eu amo meu filho e, se ele insistir em ir atrás dessa garota, isso será a morte dele. Ninguém contraria o imperador.

Nesse exato momento, houve um tumulto na porta e o rapaz de quem estávamos falando entrou correndo na sala. Seu peito arfava enquanto ele respirava, arquejante, e a expressão em seu rosto era de absoluto terror aliado a determinação. Ele ajoelhou-se ao lado do pai encarquilhado.

– O senhor precisa me dizer onde encontrar o mago, pai!

– Filho! Você voltou. – Ele agarrou a mão do rapaz e a levou ao peito, mas o garoto repetiu a pergunta. – Mago? – ecoou o velho.

– Sim, mago, pai. Aquele sobre o qual o senhor me falava todas as noites. Aquele que mora nas montanhas. Preciso encontrá-lo!

– O que você pretende fazer? – perguntou o velho com voz fraca.

Ele se apoiou na mesa para se levantar e quase caiu quando a mesa gemeu, em protesto, deslocando-se em minha direção e de Ana. Ambos pegamos nossas canecas de chá antes que derramassem.

Os olhos do jovem queimavam como uma pedra de fogo recém-riscada quando agarrou o roupão de seda do pai. Os dois oscilaram como duas jovens mudas de árvore em uma tempestade. A única maneira de se manterem em pé era firmarem os braços e se segurarem um no outro.

– Diga-me, filho – pediu o homem –, o que posso fazer?

A boca do jovem se abriu e fechou, abriu e fechou. Dava para ver a imensa pressão que crescia dentro dele. Era como o pacote de pipoca no forno de micro-ondas sobre o qual Kelsey me explicara. Era preciso deixá-lo no micro-ondas pelo tempo suficiente. Se ficasse um tempo a mais, o milho queimaria. O garoto

diante de mim estava queimando, e me perguntei se tínhamos chegado tarde demais para salvá-lo.

– Conte-nos sobre a garota – pedi, na esperança de poder guiá-lo ao âmago da questão.

Em tom sombrio, o rapaz nos contou que havia se apaixonado pela garota aprisionada no palácio do imperador e que ela seria forçada a se casar com um homem que desprezava. Sua única esperança de salvá-la era suplicar um favor ao mago, aquele sobre o qual o pai lhe contara histórias desde a infância.

– Mas, filho, esse mago não existe – disse o pai, os membros tremendo. – Pensei que você soubesse. Eram apenas histórias. Sua mãe acreditava no mago e lhe contava histórias dele quando você era pequeno. Decidi continuar a tradição para ajudá-lo a se lembrar dela.

Pude ver os músculos fortes dos ombros do garoto afrouxarem quando se viu derrotado. Sem ânimo, ele disse:

– Então não há nada que eu possa fazer. Não há como salvá-la de seu destino horrível.

– Talvez haja uma maneira de ajudarmos – murmurou Ana, com a voz abafada.

Como se notasse nossa presença pela primeira vez, o jovem virou-se e nos examinou.

– Quem são vocês? – perguntou. – E por que visitam minha casa a esta hora?

Sem preâmbulos, Anamika canalizou seu poder e estendeu a mão. O Lenço Divino enroscou-se em seu braço como uma cobra e ondulou diante deles, mudando de cor. O garoto recuou.

– O que... o que foi? – perguntou o pai.

Quando ela murmurou um comando, o Lenço Divino soltou-se de seus dedos e voou até a palma estendida do velho. Ele esfregou a borda do tecido entre os dedos e gritou...

– Como isso é possível?

– O que... o que foi, pai? – indagou o garoto, umedecendo os lábios e fitando o lenço.

O homem ergueu os olhos para nós e disse:

– Eu consigo ver vocês. Os dois. Seu tecido toca o olho da minha mente e me mostra cores e formas outra vez. – Ele apressou-se em fazer uma medida. – Estamos honrados com sua presença, Grandiosa.

Ana sorriu quando o rapaz fez o mesmo, lhes dirigiu um gracioso aceno com a cabeça, pedindo que ficassem à vontade, e abriu as mãos para mostrar que não tencionava fazer nenhum mal.

– Fico feliz que o lenço lhe dê esse dom, mas temo que seja apenas temporário.

– Não importa – disse o velho, voltando-se para o filho e então novamente para ela. – Posso ver o rosto do meu filho outra vez. É um prêmio mais valioso do que qualquer coisa que eu pudesse pedir.

– Fomos enviados para ajudá-lo a resgatar sua dama – disse ela ao jovem. – Como pode ver, temos nossa magia. Diga-nos, que ajuda você pretendia pedir ao mago?

– Eu... – ele gaguejou – ... eu queria que ele entrasse escondido no palácio e a resgatasse. Ele usaria meu lenço como sinal de que fora enviado por mim.

– Mas, certamente, alguém que não estivesse familiarizado com o palácio levaria muito tempo para encontrá-la – observou Ana.

– Isso é verdade – respondeu ele –, mas posso desenhar um mapa.

Ana tamborilou os dedos na mesa enquanto pensava.

– Acho que seria melhor você mesmo resgatar sua amada. Você já conhece o local.

– Sim, mas meu rosto é familiar aos guardas. Sou conhecido lá.

– Então vamos disfarçá-lo.

– Disfarçar?

– Sim. O lenço tem essa habilidade.

Ana estendeu a mão e o lenço voou em sua direção.

– Lamento escurecer sua visão de novo – desculpou-se com o velho fornecedor de seda.

Ele fez um gesto com a mão, indicando que ela não se preocupasse, e Ana enrolou-se no lenço. Quando o ergueu, revelando-se, ela era eu. O jovem arquejou enquanto olhava de mim para Ana e de volta para mim.

– Como foi que você fez isso? – perguntou ele, perplexo.

Era desconcertante olhar para mim mesmo. Anamika deve ter sentido isso, então sussurrou para o lenço e meu rosto se dissolveu, revelando-a mais uma vez.

– Eu sou a deusa Durga e este é Damon – disse ela, apontando para mim. – Temos uma boa dose de magia e viemos aqui com o único propósito de salvar aquela que você ama. Vai nos ajudar?

– Sim, Deusa – disse o rapaz, a voz rouca. Então ajoelhou-se aos pés de Ana e levou a mão ao coração. – Eu faria qualquer coisa para salvá-la.

Uma hora depois, caminhávamos com ele em direção à cidade. Esperamos que anoitecesse para que ficássemos cercados pela escuridão. Usando o lenço, transformamos o filho do fornecedor de seda em um soldado e amarramos em seu pescoço o precioso lenço que a garota fizera para ele. Ele avançou silenciosamente e, quando chegou ao portão da cidade, conseguiu entrar, apesar de seus modos em nada se assemelharem aos de um soldado.

Ana e eu tínhamos nos tornado invisíveis, dessincronizando o tempo à nossa volta para que não fôssemos detectados, e seguimos atrás dele, passando, espremidos, pelo portão antes que se fechasse. Então tudo de ruim que poderia acontecer para estragar nosso plano aconteceu.

O rapaz apaixonado foi parado por um contingente de soldados e perguntado por que abandonara seu posto. O pobre garoto não se dirigiu adequadamente ao oficial superior nem lhe deu uma resposta aceitável, então foi acorrentado e levado para o cárcere mais próximo. Tivemos de esperar uma hora para que o grupo o deixasse e pudéssemos libertá-lo dos grilhões que o prendiam.

Depois que o libertamos, ele se perdeu e desperdiçamos um tempo precioso indo de prédio em prédio até ele finalmente encontrar a entrada do muro do palácio que costumava usar. Mais uma vez, ele teve dificuldade em entrar e foi preciso que Ana e eu criássemos uma distração para afastar um guarda de seu posto por tempo suficiente para que o filho do fornecedor de seda passasse.

Por fim, nos vimos embaixo da janela da garota e o rapaz estava prestes a subir quando ouvi um guarda se aproximando. Gemi quando vi que era o mesmo que tinha prendido nosso protegido algumas horas antes. Ana e eu estávamos longe demais para avisar o jovem, então ela pôs a mão no amuleto e recorreu a seu poder. O jovem, que teria sido facilmente reconhecido,

transformou-se, naquele instante, em um cavalo com o lenço amarrado no pescoço.

– O que foi que você fez? – sibilei.

– Não sei – respondeu Ana, agarrando-se com força à roda da carroça atrás da qual nos escondemos. – Eu só pedi ao lenço que o transformasse em algo que aos olhos do guarda não representasse uma ameaça.

– O lenço não pode fazer isso. Transformá-lo em um animal, quero dizer.

– Ao que tudo indica, pode – disse ela com brandura.

O lenço tinha sido capaz de transformar Kadam em nossa forma de tigre, mas não em outro animal. Então lembrei-me da maneira como Lokesh havia fundido humanos e animais. Parecia que unificar o Amuleto de Damon dera a Anamika acesso aos poderes que antes eram limitados.

– Ótimo – falei. – Então agora ele é um cavalo. E nem é dos rápidos – observei. – Pela cara, mal consegue puxar um arado.

– Eu não escolhi a forma dele – respondeu Ana, um pouco alto demais. – Foi o amuleto.

– Bem, o amuleto escolheu mal. Transforme-o em outra coisa. Algo com um pouco mais de dentes ou pelo menos pernas mais longas.

O pobre cavalo, digo, rapaz relinchou para a janela acima dele, tentando atrair a atenção de sua dama. Apesar de ter conseguido, ela parecia hesitar em descer até ele, muito embora tivesse uma corda de tecidos amarrados, pronta para ser jogada até o chão.

Esfreguei a mão na cabeça.

– Isso não está indo bem – falei.

Pelo menos os soldados passaram direto, ignorando o cavalo. Mas agora o homem transformado em animal, pensando que estava livre do perigo e vendo que tinha chamado a atenção da garota, estava causando tamanho tumulto que, com certeza, faria os guardas voltarem.

Seus relinchos tinham se tornado insistentes e agudos. Quando a garota voltou para dentro do quarto, puxando a corda de tecido com ela, ele esboçou os tijolos em frustração e empinou-se nas patas traseiras.

– Basta – bradei, puxando o *chakram* da alça em meu cinto e me preparando para lutar. O grupo de soldados estava voltando e, se quiséssemos que isso

funcionasse, teríamos de entrar no modo batalha.

Ana tocou minhas costas. O calor de sua mão disparou um formigamento que desceu pela minha espinha.

– Espere, Sohan – pediu ela.

Exatamente como eu previra, os soldados responderam ao barulho. Eles cercaram o pobre cavalo, que zurrava e mostrava os dentes. Suspirei quando o capturaram e o arrastaram para o estábulo mais próximo. Erguendo-me, me preparei para ir atrás dele, mas vi Anamika ainda imóvel, olhando para a janela. A garota inclinava-se para fora, observando os homens arrastarem o cavalo, o rosto banhado em lágrimas, os débeis sons de seu pranto atravessando o pátio e chegando até nós.

Sacudia a cabeça enquanto observava os homens e o cavalo desaparecerem nas sombras.

– Eles estragaram tudo – eu disse a Ana.

– Estragaram – replicou ela, distraída, ao pegar minha mão estendida. – Ou, talvez, nós tenhamos estragado tudo.

– Nós? – perguntei. – Nada disso foi culpa nossa. – Apontei o polegar sobre o ombro, na direção em que o cavalo fora levado. – Esse cara atrapalhado está aprontando há horas.

Ana não respondeu. Estava afita. Mordeu o lábio e me permitiu guiá-la na direção do estábulo sem sequer nos ocultarmos. Ao contrário do rapaz, eu sabia como ser silencioso e passar despercebido. A escuridão se dissolvia à nossa volta. Com meu olfato e minha audição aguçados, era quase fácil demais evitar que nos descobrissem.

Entramos sorrateiramente no estábulo e encontramos nosso protegido batendo os pés na madeira de sua baia. Algum tempo se passou até que ele finalmente se aquietasse e o último guarda saísse. Ana aproximou-se do jovem e deu tapinhas em seu flanco.

– Lamento que isso tenha acontecido. Vamos fazer o melhor que pudermos para consertar essa situação.

O cavalo relinchou baixinho e soprou o ar pelas narinas. Ana levou uma das mãos ao amuleto e manteve a outra na lateral do cavalo. Ela fechou os olhos e recorreu a seu poder, mas nada aconteceu. Tentou de novo. As tochas lá fora

tremularam e se apagaram. O ar agitou-se, levantando pedaços de feno em diminutos redemoinhos. Seus cabelos ergueram-se dos ombros e abriram-se à sua volta, formando um leque.

Até mesmo eu pude sentir a força de seu poder. Ele tomou conta de meu corpo e fez todos os meus pelos se arrepiarem. O chão foi sacudido por um tremor e foi a possibilidade de causar um terremoto que finalmente a fez parar.

– Não consigo transformá-lo de volta – disse ela. – O amuleto não permite.

– Ela deixou-se cair no feno e enterrou o rosto nas mãos.

O garoto-cavalo baixou a cabeça e soprou em seus cabelos.

– Ei – falei, abaixando-me ao lado dela. – O garoto está bem. Vamos deixá-lo aqui e procurar a garota. Uma vez que a tenhamos tirado daqui em segurança, nós o resgatamos e os estabelecemos em uma bela fazenda de criação de bichos-da-seda em algum lugar bem, bem distante daqui.

– Você faz com que pareça tão fácil, Sohan.

Sorri sedutoramente para ela.

– Nem tudo precisa ser difícil, Ana.

Pegando-a pela mão, ajudei-a a levantar-se e vi uma lágrima cintilante rolar em seu rosto. Com o dedo, colhi-a com delicadeza e pensei na ocasião em que ela transformara uma das lágrimas de Kelsey em um diamante. No exato momento em que eu pensava isso, a lágrima reluzente se transformou. Ana arquejou, pasma, enquanto eu apoiava o diamante em minha palma.

– Como foi que você fez isso? – perguntou ela.

– Não sei. Vi você fazer isso em um dos seus templos e estava justamente me lembrando disso quando ela se transformou.

Ana levou o dedo à pedra preciosa, rolando-a em minha palma.

– O que foi que você fez com ela? A que eu criei para você?

– Eu... eu a dei para Kelsey no dia em que a pedi em casamento.

– Entendo.

– É uma tradição do tempo dela um homem dar um diamante à mulher ao lhe propor casamento.

Por alguma razão, me senti muito desconfortável falando com ela sobre Kelsey e nosso noivado. Não que ela não soubesse.

– Ela ainda usa o diamante, sabe? – gaguejei. – Quando a vi em seu casamento, ela usava um *Mangalsutra*. Ren mandou fazer para ela, e o diamante estava lá.

Ana me deu as costas.

– Estamos perdendo tempo – disse ela sobre o ombro.

Segurei-a pelo braço para evitar que saísse.

– Ana, eu...

Seus olhos encontraram os meus, e havia neles algo que eu nunca vira antes.

– Não precisa explicar, Kishan. Eu só estava curiosa.

Aproximando-me ainda mais dela, minha mão em seu braço tornou-se mais gentil.

– Acho que prefiro quando você me chama de Sohan – eu disse, com voz grave e rouca.

Sua respiração foi suspensa e ficamos ali, imóveis, apenas nos entreolhando. O pio de uma coruja assustou-nos e ela piscou e recuou um passo.

– Temos trabalho a fazer – falou.

Assenti e a segui, saindo do estábulo. Passamos várias horas tentando encontrar a garota. Foi fácil para mim captar seu cheiro após termos voltado para a janela, mas, uma vez dentro do palácio, o cheiro dela desapareceu. Era como se a garota jamais houvesse deixado o quarto. Finalmente o encontramos, só para descobrir que o aposento agora estava vazio. Todos os seus pertences haviam sido removidos.

O sol nasceu e usamos o lenço para nos disfarçar. No entanto, quando passamos pelo cozinheiro-chefe, Ana foi convocada para trabalhar na cozinha. Levei uma hora para chegar até ela, pois Ana estava cercada de gente e não queríamos causar alarme ao desaparecer. Quando ela se transformou, passando de ajudante de cozinha a criada do palácio, e encontrou um jarro d'água para carregar, eu já havia sido convocado para ajudar um grupo de homens a erguer uma carroça que precisava de uma roda nova.

Assim que a tarefa foi concluída, percorremos o palácio, verificando aposento após aposento, nos perdendo mais de uma vez, antes de finalmente captarmos de novo o cheiro da garota. Eu o rastreei até um amplo quarto bloqueado por um

guarda. Ele me olhou e estendeu a mão, impedindo minha entrada, mas abriu a porta para Ana.

Ela deu de ombros e entrou. Afastando-me o suficiente para que o guarda não pudesse me ver ou ouvir, mas permanecendo perto o bastante para vigiar a saída de Ana, fiquei andando de um lado para outro, quase fazendo um buraco no tapete requintado, até que ela finalmente surgiu e nos encontramos em um canto do prédio.

– Era um harém. Um bastante grande – disse ela, os olhos brilhando com intensidade.

– Então? Ela estava lá? – perguntei.

– Não. Mas muitas de suas sedas estavam.

Meus ombros se curvaram.

– Então precisamos continuar procurando.

– Não, Sohan. Eu sei onde ela está.

– Onde? – perguntei.

– Está sendo preparada para o casamento. As garotas logo irão até onde ela está para vesti-la.

Segurei-a pelos ombros um tanto rudemente demais.

– Então chegamos tarde?

– Não. Vamos seguir as mulheres. Elas nos levarão direto a ela.

Esperamos, mas as mulheres nunca vieram.

– Vou verificar com o guarda – disse Ana.

Quando retornou, informou:

– Elas já foram. Saíram por uma porta nos fundos. Eu disse a ele que fora convocada para ir até lá e ele me indicou o caminho. Venha. Temos de ser rápidos!

Disparamos através de um labirinto de corredores e finalmente chegamos a um quarto de banho. Havia algumas garotas enxugando o chão.

– Chegamos tarde demais? – perguntou Ana. – Devíamos entregar um presente ao imperador e a sua nova noiva.

– Eles já foram – disse uma garota, indiferente.

– Obrigada – murmurou Ana, e saímos em disparada pela porta.

Para evitar muitas interrupções, nos dessincronizamos no tempo e finalmente chegamos a uma grande câmara. A porta se abriu quando um criado saiu, apressado. Entramos meio abaixados, passando por dois guardas antes que a porta se fechasse. Ouvi uma voz alterada e muitos gritos. Parecia uma batalha ou soldados marchando em formação.

Chegamos mais perto, discretamente. O tapete grosso teria camuflado quaisquer ruídos que fizéssemos, mesmo que não estivéssemos ocultos. Uma voz masculina ecoou no amplo aposento e deparamos com a garota que procurávamos e seu noivo, o imperador. Eles se encontravam em uma sacada que dava para o que devia ser um campo de treinamento.

– Tenho um presente de casamento para você, minha cara – disse o homem.

Então ele abriu um pacote e mostrou o conteúdo à garota. Ela estendeu a mão e tocou o pedaço de tecido que ele segurava. Lágrimas corriam pelo rosto dela. O imperador prosseguiu, em tom zombeteiro:

– Aconteceu uma coisa interessante ontem à noite. Parece que um cavalo de puxar arado entrou no terreno do palácio usando este mesmo lenço. Ele fez tanto barulho que os guardas o levaram embora e o trancaram nos estábulos. Esta manhã, para nossa surpresa, não encontramos cavalo algum na baia, mas sim o fornecedor de seda. Perguntamos que tipo de magia ele tinha usado e o que estava fazendo ali. Ele se recusou a falar. Ainda se nega a revelar o motivo que o levou a se infiltrar no meu palácio no meio da noite.

Dei um passo à frente, na intenção de confrontar o homem abertamente, mas Ana tocou meu braço, naquele gesto que me acalmava. Segurei meu bíceps para me manter no lugar e, quando me virei para questioná-la, fiquei surpreso ao ver sua boca formando uma linha tensa e seu rosto muito pálido.

Enquanto os ombros da garota se sacudiam, o homem covarde continuava:

– Só posso imaginar que tenha vindo para me assassinar. Como tem sorte por seu futuro marido estar a salvo.

A garota cerrou os punhos e gritou:

– Ele não veio para assassiná-lo!

Fiz uma careta. A garota não tinha qualquer malícia. Não via que o homem estava preparando uma armadilha para ela.

– Não mesmo? Tem certeza? Você o conhece melhor do que qualquer outra pessoa aqui. Talvez tenha vindo por um motivo completamente diferente. Por que acha que ele veio, querida?

Não responda, pensei. Fique calada. Infelizmente, a garota parecia não conseguir manter a boca fechada. De certa forma, ela e o fornecedor de seda eram perfeitos um para o outro.

A garota atrapalhou-se inventando uma história.

– Eu... tenho certeza de que ele só estava me trazendo mais fio. Talvez tivesse sido enfeitado por um mago e precisasse de ajuda.

Esse patético toma lá, dá cá prosseguiu por um tempo, e eu torcia para que o sujeito acabasse logo para que pudéssemos pegar a garota, sair dali e reuni-la a seu fornecedor de seda. No entanto, o imperador a levou para a sacada. *Será que ele iria jogá-la?*

Ouvi o estalo de um chicote e meu sangue gelou. O imperador lançou o lenço que segurava no rosto da garota. Ele estava roxo de raiva.

– Achou que eu não fosse reconhecer o seu trabalho, querida? – perguntou ele. – Você concedeu seus favores a este homem.

A garota implorou pela vida do jovem, mas eu sabia que era inútil. Olhei para Ana, que parecia traumatizada com todo aquele espetáculo.

– Talvez devêssemos ir salvar o garoto primeiro – sugeri.

Ela sacudiu a cabeça, anestesiada. Meus olhos encontraram os do imperador. Ele era um homem astuto. Eu havia falado bem baixinho para que não me ouvisse e, no entanto, ele correu os olhos pelo quarto, desconfiado, antes de finalmente voltar-se para a garota e humilhá-la ainda mais ao fazê-la negar o rapaz.

É claro que ela negou, embora não fosse dar em nada. Aproximei-me e olhei da sacada. O jovem estava visivelmente abalado pela rejeição dela e eu revirei os olhos. Se havia um casal que se merecia, eram esses dois. Como ele podia pensar que ela não o amava? E mais: como ele havia se transformado em homem novamente?

Lancei um olhar contundente a Ana e ela tornou a sacudir a cabeça, justamente quando o imperador disse:

– Isso era tudo que eu precisava ouvir. – Em seguida, gritou: – Acabem com o sofrimento dele!

Todos os arqueiros lá embaixo ergueram seus arcos. Eu grunhi e disparei na direção do parapeito, pronto para saltar no caminho das flechas antes que elas atingissem seu alvo, mas, quando toquei a pedra, meu corpo imobilizou-se. Eu podia mover a cabeça e nada mais.

Voltando-me para Ana, vi que ela se aproximava de mim, os olhos cheios de lágrimas. O tempo havia parado. A garota cobria a boca com as mãos e o imperador estava debruçado sobre o parapeito, os olhos iluminados por um fogo perigoso.

– O que você fez? – murmurei.

– Não é nossa tarefa salvá-lo – disse ela.

– Você imporá essa escolha a mim? – perguntei. – A eles?

Anamika não precisava responder, pois vi a determinação em seus olhos. A coisa frágil que vinha crescendo entre nós se quebrou em dolorosos estilhaços. Ela me deu as costas e o tempo voltou a correr. Isto é, para tudo e todos, menos para mim. De minha posição congelada na sacada, vi quando o jovem apaixonado foi trespassado por dezenas de flechas. Rangi os dentes ao ouvir o arrogante imperador dizer à garota:

– Lembre-se desta lição, minha cara. Eu não serei traído. Agora... recomponha-se para o nosso casamento.

Quando Anamika usou o lenço para se disfarçar, eu a fitei, sentindo a ferroada da traição. Eu me perguntava por que ela havia escondido de mim suas intenções. Eu não havia feito por merecer sua confiança? Se ela tivesse ao menos parado para me explicar, talvez eu tivesse concordado com seu plano.

Ana agachou-se e tocou a garota, que soluçava. Sussurrou condolências e murmurou algumas amenidades, dizendo que seu fornecedor de seda sempre estaria com ela quando ela olhasse os pontos no triste presente que dera a ele. Sacudi a cabeça, desgostoso. Ana e a mulher desapareceram, me deixando sozinho, invisível e imobilizado. Observei os soldados removerem o corpo do pobre rapaz lá embaixo.

Como ela pode ser tão fria?, pensei. Poderíamos ter salvado o garoto. Facilmente. Tínhamos poder para isso. Nunca acreditei no destino da maneira

que Kadam ou, ao que parecia, Ana acreditavam. Eu ainda não tinha plena certeza de que havia encontrado o meu. Que essa vida que eu estava levando era meu propósito. A única razão de estar pactuando com a lista de Kadam era porque nada estava gravado em pedra, nada do que tínhamos feito era impossível de ser desfeito. Nada do que tinham me pedido até agora ia contra a lei natural das coisas. Talvez isso fosse mudar agora.

O sangue latejava, quente, nas veias de meu pescoço. Eu estava fervendo de raiva. Nada do que eu lera na lista dizia: *Deixe o garoto morrer*. Ana havia, deliberadamente, optado por não o salvar. *Por quê?* Fiquei repetindo a pergunta. Ela era uma guerreira, certo, mas abominava a morte sem sentido, e a do garoto podia ser classificada assim.

O imperador retornou e ficou fora de si. Criados e soldados saíram correndo, procurando a garota por toda parte. O tempo inteiro fiquei ali fervendo em silêncio com o que Anamika fizera. Quando ela retornou, estalou os dedos e meu corpo relaxou. Eu podia me mover outra vez. Do outro lado do piso de ladrilhos, eu a fitei, não confiando em mim mesmo para falar. O quarto agora estava vazio, mas cada centímetro dele estava repleto de coisas não ditas. O ar entre nós estava quente e nebuloso. Bastava uma única centelha para que explodíssemos.

Ela pareceu compreender meu humor e, sem dizer uma palavra, estendeu o braço e agitou a Corda de Fogo até criar um portal. Ele estalou e cuspiu faíscas, como se sentisse a tensão. Quando, ainda assim, não me movi, ela ergueu uma sobrançelha. Alguma coisa dentro de mim se rompeu e avancei três passos, com audácia, agarrei-a pela cintura e levantei-a no ar.

Ana lutou contra mim, mas eu a sacudi ligeiramente e disse apenas:

– Não faça isso.

Ela se aquietou e segurou-se em meu pescoço. Ajeitei-a nos braços e saltei através da abertura.



Alerta de intrusos

Aterrissamos em nosso tempo, no gramado de nossa casa na montanha. Coloquei-a no chão e me virei bruscamente, indo a passos largos na direção das portas. O menino que ela mandara na frente irrompeu porta afôra no momento em que eu entrava. Ele recuou ao ver meu rosto, assim como Bhavin. Xing-Xing saiu correndo, passando longe de mim, indo cumprimentar sua deusa enquanto eu entrava no saguão e batia com força a porta atrás de mim.

Chegando a meu quarto, que eu raramente usava, pus-me a andar de um lado para outro, irritado, e depois, ao sentir que minhas emoções não se apaziguavam, desci a longa escada para a passagem secreta que levava ao lado de fora. Saltei vários degraus de cada vez e, quando cheguei à base, negligentemente deixei aberta a entrada da passagem e me transformei de imediato em tigre.

Corri na direção da floresta, sem me preocupar se alguém estava me vendo, e disparei por entre as árvores. Ao encontrar um toco de árvore apodrecido, ataquei-o com garras e dentes até reduzi-lo a destroços espalhados a meu redor. Ainda inconformado, persegui uma manada de animais, tentando morder e arranhar suas pernas, não no intuito de derrubar algum, mas apenas para causar o máximo de caos possível.

Quando me vi ofegante, com a língua pendendo da boca de tanto arquejar, penetrei ainda mais na floresta até encontrar um buraco escuro junto a um córrego. Bebi sofregamente, deixando a água gelada refrescar o sangue que pulsava em minha cabeça, depois entrei no buraco e me enrosquei, descansando a cabeça nas patas.

Devo ter caído no sono, porque a lua já havia nascido quando um som me alertou. Sem que me mexesse, meus olhos se abriram de imediato e esquadrinhei a floresta. Ouvi o barulho de água e senti o aroma de jasmim. Minha cauda se moveu quando tudo em mim voltou à vida e então ergui a cabeça. Reposicionando o corpo, concentrei-me e esperei. Meu focinho se franziu e meus bigodes se ergueram em um rosnado silencioso. O intruso se aproximou devagar, os passos quase silenciosos.

Quando ela estava no lugar exato, saltei de meu esconderijo e disparei na direção dela. No momento certo, saltei no ar, garras expostas e mandíbulas abertas, um espectro da morte tão negro quanto a noite. Minha vítima não correu. Não gritou. Em vez disso, voltou os olhos verdes para mim, a expressão resignada, e abriu os braços para o ataque.

Tentar deter meu impulso era impossível. Mesmo assim tentei, e provavelmente intensifiquei o impacto. Todo o peso de meu corpo de tigre a atingiu com força suficiente para quebrar-lhe os ossos. Torci o corpo, abaixando a cabeça para que meus dentes não a rasgassem, e retraí as garras. Mas não foi o bastante. Caímos. Meu corpo bateu no solo e rolou. Senti seus braços me envolverem e me dei conta de que estávamos rolando juntos.

Só paramos quando minhas costas bateram com força em uma árvore. Minha cauda era a única coisa que não doía, mas eu sabia que ela estaria muito pior. Tentei me afastar, mas estava preso entre ela e a árvore, e não queria machucá-la mais. Com sua mão nas minhas costelas, abriu nossa conexão para avaliar o dano e fiquei feliz ao descobrir que ela estava contundida mas não tinha quebrado nada, embora minhas garras houvessem deixado um arranhão feio em sua coxa.

– Está tudo bem – disse ela em voz alta quando soltei uma espécie de ganido rouco.

Ela levou a mão até meu rosto e acariciou meu pelo.

– Você tem razão de estar com raiva de mim, Sohan – falou. – Não o culpo por me atacar.

Suspirando, ela se afastou, e eu rolei, ficando de barriga para baixo e estudando-a enquanto ela usava o lenço para fazer uma atadura no ferimento na coxa. Era fundo e sangrava copiosamente, mas, assim que o tecido do lenço o tocou, o sangue foi diminuindo até quase estancar.

Agora que eu sabia que ela não sofrera danos irreparáveis, minha ira retornou. O que ela havia feito era cruel e abominável e, no entanto, eu sabia que aquela não era sua atitude típica. Suas ações fizeram vibrar uma nota dissonante em minhas veias e, por mais que tentasse, eu não encontrava um modo de justificar o que ela tinha permitido que acontecesse. Um jovem estava morto por causa dela, e ela exercera seu poder sobre mim para que eu não pudesse impedir que isso acontecesse.

Erguendo-me, andei em torno dela. Franzindo meu focinho, sibilei, reduzindo a distância entre nós a cada volta que dava. Eu sabia que não era a coisa mais cavalheiresca a fazer, e ser acossada por um tigre daquela maneira deveria tê-la assustado até a raiz dos cabelos. Kelsey jamais teria me perdoado por tal exibição. Mas Ana ficou ali sentada, observando, impassível, minha reação dramática, e prendeu o lábio inferior entre os dentes, o único sinal de que minha atitude a perturbava.

Finalmente saltei, caindo bem na frente dela, e rugi alto o bastante para estourar seus tímpanos. O silêncio que se seguiu foi tão intenso quanto o rugido. Ela não se mexeu. Não se defendeu. Nem mesmo se encolheu, o que era um sinal de que tinha absoluta confiança em mim ou – a ideia que mais feria minha masculinidade – de que não tinha absolutamente qualquer medo de mim.

Enquanto olhava para ela, meu focinho se contraiu e percebi que ela estava chorando. A grande deusa Durga tinha baixado a cabeça, os longos cabelos escondendo-lhe o rosto, e chorava silenciosamente. Se eu não tivesse farejado o sal de suas lágrimas frescas, talvez nem percebesse. Nunca, em minha longa vida, eu tinha visto uma garota chorar daquela maneira.

O fio que nos ligava me puxou vigorosamente. Sentei-me depressa e fiquei apenas olhando para ela. Quando Kelsey chorava, era uma coisa selvagem e turbulenta. Uma tristeza molhada – hematomas arroxeados por dentro e raiva

rubra por fora – e sentimentos em nós emaranhados. Suas emoções explodiam de tal forma que era difícil acalmá-la. Depois, esgotada, acabava dormindo doze horas seguidas.

Com Anamika, as lágrimas eram quase fantasmagóricas. Ela mal permitia que apenas meros traços de seus sentimentos penetrassem seu coração, quanto mais deixar que transbordassem. Suas lágrimas lembravam-me as de um guerreiro – algo quase vergonhoso, escondido, que acontecia no escuro, junto à fogueira de um acampamento. Os vestígios de lágrimas molhavam os cobertores em que os guerreiros se enrolavam após uma batalha exaustiva e mortal.

Não fosse pela conexão que eu tinha com ela, ainda aberta entre nós depois que eu avaliara seus ferimentos, eu poderia duvidar que ela chegasse a estar aborrecida. As trilhas úmidas em seu rosto podiam ser o brilho do luar. Ela era tão controlada. Tão contida em seu pesar. Mas estava sofrendo. Na verdade, estava quase se afogando na dor. Ouvi o estrondo de um trovão em algum lugar acima de nós e um raio atingiu uma árvore na floresta.

Eu não queria sentir a dor dela. Não queria ceder à tentação de confortá-la. Não depois do que ela havia feito. No entanto, quase sem querer, me aproximei. Ela estendeu os braços e abraçou meu pescoço. Enterrou o rosto em minha pelagem e os sons abafados de sua tristeza desapareceram por completo. Fiquei surpreso por ela não ter interrompido automaticamente nossa conexão. Na verdade, ela me abraçou mais forte e absorveu toda a minha raiva e todo o meu sentimento de traição. Ela os processou e aceitou.

Aos poucos, minha fúria amainou o suficiente para que eu abrisse a mente para seus pensamentos. Podia sentir a queimação em sua garganta enquanto ela engolia os soluços. Com o toque calmante de sua mão em minhas costas, ela ao menos me deixou ver, através de seus olhos, o que tinha acontecido: Kadam havia aparecido. Eu devia ter imaginado.

Ele a encontrara no saguão, antes que ela voltasse para me informar o paradeiro de Lady Bicho-da-Seda. Após uma preleção sobre deixar a história se desdobrar do modo como deveria, ele insistiu em que ela me impedisse de salvar o garoto, que eu precisava deixar o destino decidir a sorte dele.

Foi Kadam quem nos impediu de transformar o cavalo de volta no rapaz, no estábulo. Então ele disse a ela que, se eu tivesse salvado o fornecedor de seda,

Lady Bicho-da-Seda jamais encontraria Kelsey, nunca nos guiaria em nossa viagem até os dragões. Que retirar aquele jovem específico do tecido do universo causaria um desmantelamento que destruiria tudo que tínhamos realizado. Suas palavras e seu comportamento tinham assustado Ana, enchendo-a de temor com relação à justiça dos propósitos de Kadam, baseados em suas percepções sobrenaturais.

Naquele momento, tive vontade de atacar meu antigo mentor e arremessá-lo no inferno, ou pelo menos no lugar horrível onde Ana e eu vivíamos, que era uma espécie de inferno para mim. Pelos longos meses desde que Kelsey e Ren partiram, eu tinha a sensação de que fora capturado em um terrível limbo, onde estávamos presos – algum lugar entre a mortalidade e a imortalidade –, perdidos no tempo.

Mas então lembrei que Kadam estava preso no mesmo círculo trágico que nós. Ele era tão vítima quanto nós dois. Só que agora ele *estava* de fato morto. Era irônico e triste que eu pudesse ficar tão irritado com um homem morto. Todas as vezes que ele aparecia para um de nós, era apenas um eco do homem que agora se fora para sempre. Quando aconteceria a última visita? Já havia ocorrido?

Sua morte abria uma ferida imensa em meu coração. Como o buraco aberto na terra de onde uma árvore grande foi arrancada pela raiz. Nós já tínhamos vivenciado o luto por ele, mas Kadam não havia partido de fato, não inteiramente. Ele deixara pequenas sementes espalhadas, e, mesmo quando tentávamos abrir nossos caminhos, tropeçávamos em um de seus outros eus e seu impacto era sentido mais uma vez. Eu me perguntava se o luto por ele algum dia terminaria.

Tentar evitar o caminho que ele queria que tomássemos era tão inútil quanto chutar um formigueiro. Ele o refazia ou descobria um modo de nos contornar. Qualquer que fosse o caso, eu não podia culpar Anamika por escutá-lo. Kadam tinha sido seu professor, assim como meu. Ela confiava nele tanto quanto eu. Ele nos colocara nesse caminho juntos e, não importava o que acontecesse, eu não pretendia deixá-la encarar essa vida estranha sozinha.

Fechando os olhos, mudei para a forma humana e puxei Ana, trêmula, para meu colo. Ela passou os braços em volta de meu pescoço com mais força e eu

fiquei acariciando suas costas.

– Shh, Ana. Eu não culpo você. Vai ficar tudo bem.

– O fornecedor de seda está morto por causa da minha decisão – sussurrou junto a meu pescoço.

– Já tomamos decisões difíceis como essa antes – falei, a voz abafada pelos cabelos dela.

– É – ela respirou fundo, trêmula, e levantou a cabeça, fitando meus olhos –, mas ele era só um garoto. Não era um guerreiro como os outros.

Um trovão ribombou novamente acima de nós. Enxugando uma lágrima do rosto dela com meu polegar, eu disse:

– Você fez o que tinha que fazer.

– Fiz? – perguntou ela, em tom sombrio.

Com um suspiro profundo, respondi:

– Fez. Kadam não é um homem cruel. Se ele acredita que a morte do rapaz precisava acontecer, então é porque precisava. Senão...

Minhas palavras morreram. Minha tentativa de tranquilizá-la soou falsa e, de certa forma, equivocada. Não que eu não confiasse em Kadam. Eu confiava. Eu acreditava que *ele* acreditava que era necessário que aquilo acontecesse. Só não sabia se *eu* já acreditava.

– Você questiona também minhas ações – disse ela.

– Não. Não as suas.

– Vou falar com você primeiro da próxima vez, Sohan – insistiu ela. – Prometo.

– Obrigado – repliquei.

– Foi errado da minha parte tomar a decisão sem você.

Agora que ela estava mais controlada, afastei deliberadamente as mãos do corpo dela e coloquei-as no chão.

– Você pensou que eu iria detê-la – afirmei simplesmente.

Ana inclinou a cabeça e assentiu rapidamente antes de se levantar e me oferecer a mão. Aceitei-a e olhei para sua coxa ferida exposta sob a roupa rasgada.

– Não importa que você tente ou não me deter – disse ela. – Combinamos fazer isso juntos.

Levantei-me com a mão ainda na dela, embora não permitisse que ela sustentasse nada de meu peso.

– Desculpe ter machucado você – eu disse, asperamente.

– Você não me machucou mais do que eu machuquei você.

Começamos a voltar para casa.

– Acho que machuquei você um pouco mais – falei, provocando-a de leve. –

Vou usar o *kamandal* para curá-la quando chegarmos.

– Eu gostaria de um banho e uma boa noite de sono.

– Eu também.

Rumamos para nossa casa na montanha, caminhando lado a lado, um silêncio camarada entre nós. Quando chegamos à base, ela estacou ao ver o grande número de pessoas acampadas lá. Era como se uma pequena cidade tivesse surgido ali. Aguçando meus ouvidos, captei a melodia de pelo menos meia dúzia de línguas e, no entanto, a atmosfera era de alegria e respeito mútuo.

– Precisamos mandar provisões para cá – disse ela, preocupada, enquanto contava as fogueiras que pontilhavam o terreno.

– Vou cuidar disso – falei, com cansaço. – Vamos entrar pelos fundos? – perguntei, pensando na passagem secreta.

– Não.

Virando-se para mim, ela passou os braços ao redor de meu pescoço e aproximou o corpo do meu.

Reagi instintivamente, embora estivesse confuso, e deslizei as mãos em torno de sua cintura estreita. Meus olhos foram atraídos para as pétalas macias de seus lábios e os cílios espessos e escuros que lhe roçaram as maçãs do rosto quando ela fechou os olhos. À nossa volta, o ar mudou. Uma luz brilhante e dourada envolveu nossos corpos, borbulhando suavemente como espuma do mar tingida pelo pôr do sol. Seus cabelos tocaram de leve meu braço ao serem açoitados pelo vento que nos elevou no céu noturno.

Enquanto flutuávamos acima do acampamento, envoltos por seu poder, pressionei meu rosto contra o dela e nos seguramos um no outro. Eu não tinha certeza se nossa luta superara completamente a barreira que havia entre nós, mas a distância a transpor certamente era menor agora do que tinha sido. Tocamos o solo e peguei a mão de Ana, conduzindo-a até seu quarto. Depois de a deixar lá,

com a porta se fechando sobre o leve sorriso que lhe dirigi, procurei nosso jovem aprendiz, Xing-Xing, e lhe entreguei o Fruto Dourado.

Os olhos dele se arregalaram quando lhe falei sobre seu poder. Após algumas demonstrações de como usá-lo, deixei-o na despensa com a tarefa de criar comida suficiente para alimentar dois mil guerreiros. Ele se lançou ao trabalho com grande entusiasmo, e não pude deixar de rir quando o cheiro de açúcar e mel se espalhou pelo ar.

Antes de me deitar, tomei um banho rápido, sem nem me dar o trabalho de me secar. Sacudi o cabelo molhado, como um tigre faria, e me enfiar entre os lençóis. Umhas boas doze horas se passariam antes que tornasse a me mexer e, quando o fiz, soube imediatamente que havia algo errado. Minha cabeça doía e faíscas negras e brilhantes piscavam diante de meus olhos. Alguém tinha estado em meu quarto e me acertado com o que seria um golpe letal na cabeça, se eu fosse um típico mortal.

Crostras de sangue escuro e ressecado soltaram-se dos lençóis quando me sentei e, com cuidado, toquei o grande calombo na parte posterior da cabeça. Ao ficar de pé, quase caí; procurei desesperadamente a cabeceira da cama para me segurar enquanto tentava estabilizar minhas pernas trêmulas. Cambaleando, corri na direção do quarto de Ana e escancarei a porta, encontrando o quarto saqueado e a cama vazia. O cheiro de vários homens invadiu minhas narinas. *Como eles tinham entrado?*

Gritei por Xing-Xing e pelo escudeiro de Ana, Bhavin. Nenhum dos dois respondeu. Em pânico, fiz uma busca no quarto de Ana. Teria ela tirado o amuleto? A única maneira de ela ter sido capturada seria se tivesse sido atingida na cabeça como eu, isto é, a menos que tivesse tirado o amuleto. Ela fazia isso eventualmente, para tomar banho, embora eu a tivesse avisado várias vezes para jamais se separar dele.

Vasculhando o que restara de sua caixa de joias, nada encontrei de valor. Suas armas tinham desaparecido, assim como vários presentes inestimáveis que ela havia recebido ao longo dos anos. Para meu grande alívio, avistei uma cauda dourada escondida atrás da cortina.

– Fanindra – chamei –, você pode me ajudar a encontrá-la?

A cobra dourada piscou os olhos e esticou seus anéis, crescendo até atingir seu tamanho natural. Deslizou pela cama de Anamika, a língua se projetando para provar o ar, e depois rodeou o pé do móvel, descendo rapidamente até chegar ao chão. Eu a segui até a banheira de Ana e Fanindra enfiou a cabeça debaixo de uma toalha na borda de pedra.

Quando a peguei, o amuleto caiu no chão com um ruído seco. Agradecendo a Fanindra, coloquei o amuleto no pescoço e baixe o braço. Fanindra enroscou-se nele e endureceu, transformando-se em ouro, enquanto eu saía correndo do quarto, seguindo o cheiro dos homens. Os odores seguiam para a escada escondida e me amaldiçoei por ter saído tão abruptamente na véspera e deixado a porta secreta aberta. Em vez de perder tempo descendo os degraus, saltei no espaço negro e caí, usando o poder do vento para reduzir a velocidade da queda, de modo que aterrissei suavemente, agachado, lá embaixo.

Dessa vez, quando fechei a porta secreta atrás de mim, usei o amuleto para trancá-la permanentemente e saí em disparada, no encalço dos homens que tinham levado Ana. Os olhos esmeralda de Fanindra iluminavam a paisagem para mim, embora, como tigre, eu enxergasse o suficiente à noite. Mesmo assim, percebia como as criaturas vivas tinham seu contorno vividamente destacado quando ela lhes voltava seu olhar.

– Ajude-me a encontrá-los – sussurrei para Fanindra. – Ajude-me a encontrar Ana.

Sem o amuleto, eles poderiam dominar Ana, mantê-la inconsciente. Não conseguiriam manejar o arco nem brandir a *gada*, embora, com certeza, pudessem levá-los. Se tivessem homens suficientes, poderiam dividir o peso das armas facilmente, e meu fãro me dizia que eram muitos.

Na verdade, o número aumentava. Cada vez mais cheiros se juntavam ao grupo enquanto eu corria. Meu sangue gelava quando eu pensava no que poderiam fazer com ela. Ana era uma guerreira, mas, sem seus poderes, não teria como enfrentar tantos homens. Para manter minha mente longe do perigo em que ela se achava, fui fazendo uma lista de possíveis agressores, tentando descobrir quem poderia ter feito aquilo. Na realidade, tínhamos feito muitos inimigos, mesmo considerando apenas o tempo presente.

A tentação de apropriar-se dos poderes da deusa era uma forte motivação. Por mais proteção que tivéssemos estabelecido, agora era óbvio que não fora suficiente. Eu tinha sido condescendente demais em meus deveres. Relaxado demais. Deveria ter acordado antes mesmo que um homem entrasse em meu quarto, quanto mais dar-lhe tempo para me golpear na cabeça.

É verdade que ambos estávamos exaustos por causa de nossos esforços recentes, mas isso não era desculpa. Ren arrancaria minha cauda por tal negligência. Corri até a escuridão cair de novo e então entrei na floresta. Com minha visão noturna, meu fôro e a audição aguçada, eu acelerava, enquanto os homens diminuía a velocidade.

Finalmente, encontrei a fogueira deles. Um espeto com algum tipo de carne quebrou e caiu sobre as chamas, e minha boca encheu-se de água. Eu não comia fazia um bom tempo. Colocando Fanindra no chão, perguntei:

– Você consegue encontrar Ana?

A cobra ergueu a cabeça, dilatou o pescoço e virou-se para a direita, balançando-se no ar, e em seguida virou-se para a esquerda. Lentamente, o capuz fechou-se e ela baixou a parte superior do corpo, deslizando para a grama.

Eu a segui da melhor forma que pude enquanto ela contornava o acampamento, mas ela se aproximou demais de um guarda, que gritou e recuou correndo. Abaixei-me para não ser visto quando ele ergueu a cimitarra e golpeou o chão. Minha boca se abriu, mas fiquei quieto quando o homem, cauteloso, saltou para longe e outro se juntou a ele.

– O que foi? – perguntou o segundo.

– Uma cobra. Nunca vi uma como essa. Albina, eu acho. Não tenho certeza se a acertei. Não consigo encontrá-la agora.

Eu estava me preparando para me movimentar de novo, esperando que Fanindra estivesse ilesa, quando algo roçou meu pé. Era Fanindra, sem a cauda. Percorri seu corpo com o dedo. Enquanto fazia isso, ela se contorceu, a boca aberta, e, diante de meus olhos, uma nova cauda cresceu para substituir a velha.

Ela virou a cabeça, como para inspecionar sua nova metade antes de prosseguir entre as árvores novamente, dando aos guardas um amplo espaço. Contornamos todo o acampamento até que Fanindra parou e fitou o espaço à frente. Afastei uma samambaia com a mão e vi Ana amarrada a uma árvore.

Pegando Fanindra do chão, esperei até que o guarda perto de Ana cochilasse e rastejei mais para perto. Um grande hematoma manchava o queixo dela e a cabeça estava caída sobre o peito. Seus braços estavam amarrados à árvore atrás dela e as pernas também estavam atadas. Ela vestia apenas a camisola, que estava erguida até o meio da coxa, e o decote estava rasgado, expondo a curva superior do seio. Eu não sabia dizer se isso tinha acontecido durante uma luta ou se ela já havia sofrido algum abuso.

Hematomas roxos, vários deles com o tamanho exato de marcas de dedos, manchavam suas longas pernas e os braços. Rangi os dentes com fúria. Eu os mataria por terem tocado nela. Os homens junto à fogueira falavam em seu dialeto anasalado, comentando sua astúcia e recapitulando a incursão triunfante. Um insinuou o que planejava fazer com Ana, enquanto outro se gabava abertamente. Discutiram quem tinha direito a ela primeiro e felicitaram o homem que tinha a magia capaz de manter tigras a distância.

Fiquei imóvel e escutei com atenção. Agora tudo fazia sentido. Eles tinham saído e encontrado um ancestral dos baigas. Tinham um *gunia* entre eles. Foi um alívio saber que eu não tinha falhado em meu posto. Havia magia envolvida. Magia que também tinha incapacitado Ren. Enquanto continuavam a ameaçar a deusa, tive de me segurar para não matá-los imediatamente.

Não que eu não planejasse matá-los. Eu os mataria, sim. Só queria que ela estivesse a salvo primeiro. Inclinando-me sobre ela, arrumei a camisola e dei-lhe tapinhas no rosto.

– Ana? – sussurrei. – Ana, amor, você precisa acordar.

Ela gemeu e choramingou. Sua cabeça pendia, como se ela estivesse embriagada.

– Ana – chamei de novo, sacudindo-a pelo ombro. – Preciso tirá-la daqui.

Ela passou a língua pelos lábios, que estavam rachados e ensanguentados, e afastou bruscamente a cabeça de mim.

– Não – implorou baixinho. – Não!

Cobri sua boca para que ela não acordasse o guarda, mas, para ela, eu era um dos agressores. Ela tragou o ar, a respiração irregular, e tive certeza de que iria gritar.

Deslizei a mão para seu queixo e falei com ela em minha mente, silenciando-a e acalmando-a. Mesmo semiconsciente, ela relaxou na mesma hora, sentindo que eu não tencionava fazer-lhe mal algum. Tirei o amuleto do pescoço e o coloquei no dela. Acariciei suavemente seu rosto machucado, cheguei ainda mais perto e sussurrei:

– Vá para casa, Ana. Você tem que ir para casa.

– Casa – repetiu ela, a voz forte.

Antes que eu pudesse recolher a mão, ambos fomos arrebatados no tempo e no espaço e, quando aterrissamos, a parte superior de seu corpo, sem a árvore para apoiá-la, bateu ruidosamente no solo. Sibilei e levantei seu corpo cheio de contusões, apoiando a cabeça dela em meu joelho. Tínhamos deixado todas as nossas armas para trás. Anamika estava inconsciente. E à minha frente estendia-se uma imensa propriedade inequivocamente indiana.

Um garoto irrompeu do meio das árvores, seguido por uma menina de pernas longas e olhos verdes.

– Ana – murmurei, em choque.

Tínhamos ido parar no passado de Ana. O adolescente era Sunil, e a menina ao lado dele, uma jovem Anamika. Com os olhos arregalados, os dois se aproximaram. A Anamika adolescente agachou-se ao nosso lado.

– Vá correndo chamar papai, Sunil – disse ela, os olhos cheios de compaixão enquanto nos olhava. – A moça está ferida.

Sunil partiu e, antes que eu pudesse detê-la, a bela jovem estendeu a mão para tocar o cabelo de seu pai mais velho. A mulher ferida a meu lado tremeluziu e desapareceu em seguida, transformando-se em uma chuva dourada que se elevou no ar. O amuleto que ela estava usando caiu no chão.

– Ana! – gritei e olhei para cima.

A luz dourada cercou a menina e a ergueu no ar. Seus olhos se reviraram quando a luz foi aspirada para dentro de seu corpo. Quando a luz foi absorvida, ela aproximou-se de mim, flutuando, e desceu devagar, ocupando a mesma posição em que Ana estivera antes. Caiu em meus braços no mesmo instante em que o pai e o irmão corriam até nós.

O homem alto, usando um turbante adornado com joias, ficou vermelho.

– Faça o favor de tirar as mãos de minha filha! – ordenou o homem.

– Para onde a mulher foi? – perguntou Sunil.

Eu nada disse, apenas me levantei e coloquei Anamika nos braços do pai.



Pedra da verdade

Quando o homem olhou para a filha inconsciente, senti um peso enorme no estômago. Abaixei-me para pegar o amuleto caído e as espirais de metal de Fanindra com a intenção de seguir Sunil e o pai de volta à casa, mas, no momento em que me ergui, soube que alguma coisa estava errada.

Meu pé não se mexia. Abri a boca para chamá-los, mas nenhum som saiu. Nem mesmo minha tentativa de me transformar em tigre teve resultado. Sunil virou-se para trás para ver se eu os estava seguindo e franziu a testa, olhando para a direita e para a esquerda, como se não pudesse mais me ver. Ele puxou a manga do pai, que também olhou para trás e gritou alguma coisa, mas não pude ouvir o que ele disse.

O espaço começou a pressionar meu corpo. Meus ouvidos estalaram e senti o cheiro de energia elétrica que enche o ar pouco antes de uma forte tempestade desabar. A pressão em meu corpo era terrível e quanto mais o pai de Anamika se afastava de mim, pior eu me sentia. Era como se ela estivesse sendo violentamente arrancada de mim, e essa ruptura era pior do que qualquer coisa que eu já tivesse experimentado.

Um forte zumbido se elevou e a paisagem desbotou, como um quadro deixado ao sol. Então um violento impulso deslocou meu corpo através do

espaço e do tempo. Sem chão, meu estômago se contraiu e eu encolhi braços e pernas enquanto rolava várias vezes, em círculos vertiginosos, minha respiração saindo em fortes arquejos.

Apaguei por um tempo. Quando voltei a mim, estava caído na grama. Rolei e me ajoelhei com ânsias de vômito, mas não havia nada em meu estômago. Gemendo, a cabeça latejando, desabei. Com as costas pressionadas contra a grama, fitei as frondosas copas das árvores acima de mim, desejando que parassem de girar. Eu não sabia o que tinha acontecido com Ana, mas sabia que precisava consertar. Tinha que voltar para ela.

Erguendo a cabeça, respirei fundo uma vez, depois outra, e mais outra. Os cheiros que eu normalmente captava estavam tão abrandados a ponto de não mais existirem, mas, ainda assim, eu sabia que essa era minha floresta. A mesma em que passei a maior parte do tempo. Reconheci os marcos. O que quer que acontecera com Ana havia me lançado de volta a meu tempo.

Pelo menos eu ainda tinha o amuleto.

Segurando-o nas mãos em concha, instruí-o a me levar de volta para ela. Nada aconteceu. Esfreguei o polegar nele e fitei a inscrição. As palavras que circundavam sua parte externa saltaram a meus olhos. *O amuleto de Damon – O pai da Índia – O filho de Rajaram.*

Desde que Ren e Kelsey partiram, eu não tinha pensado muito naquela inscrição. De fato, preferia não pensar no assunto. Ana me chamava de Damon quando eu assumia a forma de tigre, mas eu nunca abraçara de verdade o título. Ele não me pertencia. Sim, eu era um filho de Rajaram, mas Ren também era. Sim, Damon era o tigre de Durga e era o papel que eu desempenhava, mas, ainda assim, eu nunca pensara no amuleto como meu. Na maior parte do tempo ele estava no pescoço de Ana e, embora apreciasse seu poder e o usasse quando necessário, eu teria preferido nunca ter posto os olhos na coisa.

– Vamos lá – instei ao amuleto. – Precisamos trazê-la de volta.

Fechei os olhos e me concentrei. Mais uma vez, nada aconteceu. Grunhindo, lancei o abominável amuleto no meio das árvores, mas não ouvi o baque que ele deveria ter produzido ao atingir o chão. Preocupado, me levantei e cambaleei adiante, só para me imobilizar quando ouvi o ruído de vegetação se quebrando.

– Pensei que tivesse lhe ensinado a respeitar suas armas, filho – ouvi uma familiar voz de barítono falar.

– Kadam! – exclamei quando ele emergiu do meio das árvores.

Ele se aproximou e me devolveu o amuleto que eu havia atirado.

Quando se inclinou, a parte quebrada do amuleto que representava o passado e permitia que ele viajasse no tempo oscilou na corrente em torno de seu pescoço.

– Ensinou, sim – assenti, manuseando o amuleto completo e me perguntando como os dois objetos podiam existir no mesmo espaço. Rapidamente, expulsei o pensamento da mente. Eu não gostava de pensar nessas coisas. – Mas isto está muito distante de ser uma fâca ou uma espada.

– Ele não é feito do mais fino aço, reconheço, mas o Amuleto de Damon é a arma mais poderosa que você tem.

Deixei escapar um suspiro de frustração.

– Poderoso, mas não funciona no momento – retruquei.

– Não – replicou Kadam. – Imagino que não esteja funcionando mesmo.

Minhas costas se enrijeceram.

– Você sabe o que aconteceu, então?

Ele suspirou.

– Sim. Eu sei.

– Se você sabia que isso ia acontecer, deveria ter nos advertido.

– Só porque sei de uma coisa não significa que possa ou vá evitar que ela aconteça.

– É. O que me faz lembrar de algo. – Dei um passo ameaçador na direção dele, não muito certo do que iria fazer. Não que eu nunca tivesse brigado com ele antes. Tínhamos treinado bastante nos longos anos em que nos conhecíamos. Cerrei os punhos e o sangue latejou em minhas veias.

– Pode me bater se quiser, filho – disse ele suavemente. – Eu não o culparia.

Ele me pareceu muitíssimo cansado naquele momento. A exaustão máxima era como um manto que usava sobre o corpo ainda forte. Lembrei-me da tristeza que sentira quando o perdemos. Eu a havia engolido e ela agora descansava bem fundo dentro de mim, mas ainda rasgava minhas entranhas como um anzol

sempre que eu pensava nele, me deixando ferido e sangrando. O fato era que eu ainda estava de luto por ele. O gosto em minha boca era de cinzas.

Afastei-me dele.

– Então qual é o problema com o amuleto? – perguntei, erguendo o objeto entre os dedos.

– O problema é que, quando Anamika cruzou o caminho de seu antigo eu, ela essencialmente apagou seu eu futuro do tecido do universo. A deusa Durga não existe mais e, por causa disso, o elo entre vocês se fragmentou e o amuleto não tem mais poder. Sem uma deusa, Damon e seu amuleto não têm nenhum propósito.

Ele sentou-se em um tronco caído e prosseguiu:

– Tudo que vocês dois deveriam fazer, deveriam se tornar, agora existe em um limbo.

O sangue gelou em minhas veias.

– Você quer dizer que Ren e Kelsey...

– Nunca se conheceram. Neste plano, tanto você quanto Ren morreram há muito tempo. Esta sua versão não pode se transformar em tigre. Na verdade, você não tem absolutamente nenhum poder além do que teria como um jovem guerreiro.

– As armas? – perguntei.

– As armas e os presentes de Durga estão desvanecendo. Mesmo que você conseguisse recuperá-los dos espíritos malignos que se apoderaram deles e desse um jeito de manejá-los, eles não serviriam para você. Lembra-se de como eu penei para usar o arco?

– Lembro.

– Você seria tão incapaz de manejá-lo quanto eu. De qualquer maneira, as armas logo irão desaparecer.

– E quanto ao demônio?

– Lokesh?

Assenti.

– Ele nunca obteve imortalidade, porque o Amuleto de Damon não existe em seu plano.

– Entendo.

Deixei-me cair na grama, dobrando as pernas sob o corpo e esfregando o amuleto distraidamente com o polegar. Eu a havia perdido. Havia me perdido. Havia perdido tudo. Justamente quando o desespero ameaçava me afogar, uma coisa me ocorreu.

– Espere. Se o amuleto nunca existiu, então como é que você está aqui?

Kadam me dirigiu um breve sorriso.

– Você sempre foi um estrategista ágil. A resposta é que você conseguiu consertá-lo em meu plano de existência. Lembra-se de quando eu disse que havia percorrido muitos caminhos possíveis?

– Lembro – respondi sombriamente.

– Este era um dos caminhos potenciais. Na verdade, este é o que, no fim das contas, leva ao melhor resultado.

– E qual é ele?

– Acredito que você pode triunfar e salvá-la.

– Mas como? Você vai me levar de volta a ela?

Ele sacudiu a cabeça.

– Eu não posso transportá-lo ao tempo e ao lugar a que você precisa ir, mas posso aconselhá-lo.

– Me aconselhar – resmunguei, em tom seco. – Que novidade... Me diga, Kadam, para que servem conselhos quando estou em um tempo diferente do dela?

– Você *pode* voltar para o tempo dela, Kishan. Mas, quando chegar, estará completamente sozinho, contando com a força de seus braços e a astúcia de sua mente. Você terá de arrancá-la de seu eu mais jovem, e vou lhe dizer desde já: não vai ser uma tarefa fácil. Mesmo que você tivesse o poder do amuleto, seria difícil. Você fez algo semelhante ao resgatar Ren da morte.

– Mas, como você disse, eu tinha o amuleto daquela vez.

– Sim, tinha. Mesmo assim, você sacrificou sua imortalidade para salvá-lo. E, ao resgatar Ana, novamente lhe será pedido que abra mão de alguma coisa. Mas tenha coragem, filho. Eu vi você fazendo isso. O poder de libertá-la está de fato em suas mãos. – Ele inclinou a cabeça, os olhos intensos e profundos. – Quanto Ana lhe contou do seu passado?

Dei de ombros.

– Não muito. Tem uma parte que ela guarda com todo o cuidado. Eu sei que alguma coisa em seu passado a assusta.

– Entendo. – Ele deixou escapar um suspiro, a expressão indecisa. – Não creio que caiba a mim lhe falar do passado dela, mas, de qualquer forma, você logo descobrirá. A jovem Anamika que você viu era uma criança muito feliz, mas algo que vai mudar a vida dela está prestes a acontecer. – Ele inclinou-se para a frente, a expressão séria. – Você precisa deixar que aconteça.

– O que é? – perguntei, temendo o caminho que meus pensamentos estavam tomando.

Ele franziu o nariz.

– Acredito que, se você soubesse, faria tudo que estivesse em seu poder para evitar que acontecesse. Sinto muito, Kishan, mas acho que é melhor eu deixar que descubra sozinho. No entanto, direi que você precisa ser aquele que vai salvá-la.

Meu estômago se contraiu.

– Salvá-la? Você está falando de algo mais do que simplesmente arrancar a deusa de sua forma mais jovem, não é? Está querendo dizer que alguém vai tentar matá-la?

Kadam sacudiu a cabeça.

– Eu já disse mais do que deveria.

Minha raiva retornou.

– Ótimo – repliquei bruscamente. – Guarde os seus segredos, então. Me diga apenas como chegar lá.

Meu amigo e pai substituto pareceu magoado com minha raiva e minha falta de fé. Eu sempre o tratara com deferência e respeito, e não gostava do grande abismo de desconfiança que havia surgido entre nós, mas estava cansado dos mistérios envoltos em enigmas e das expectativas do universo em geral. Como Kadam agora representava tudo que havia me proporcionado infelicidade, era fácil desconfiar nele.

Ele desviou os olhos, como se não pudesse mais encarar meu azedume.

– Você está disposta a levá-lo, minha querida? – perguntou Kadam, olhando para meus pés.

– Com quem você está falando? – perguntei, olhando ao redor.

– Com Fanindra, é claro.

A serpente dourada se contorceu, voltando à vida, e expandiu seus anéis, mas parecia diferente. Sua pele estava se soltando em vários pontos e os olhos estavam embaciados. A cobra coleou em meio à grama até chegar à bota de Kadam, então esticou a parte superior do corpo, erguendo-se no ar. Delicadamente, ele estendeu a mão e a pegou, aninhando seu corpo de forma protetora nos braços.

– O que há de errado com ela? – perguntei.

Kadam acariciou-lhe as costas, não se abalando quando um pedaço da pele se soltou.

– Ela está morrendo – explicou sombriamente.

– Morrendo? – gritei, alarmado. – Fanindra *não pode* morrer.

– Garanto que ela pode. Ela é uma das armas de Durga, não é?

– É, mas...

Abri e fechei a boca. A náusea estava de volta.

– Mas Fanindra é mais do que uma arma. Não é, querida? – perguntou ele, dirigindo-se a ela. – Ela também é um presente.

Os olhos verdes da cobra cintilaram com um brilho fraco.

– Um presente?

– Sim. Como a corda ou o fruto – explicou ele com um floreio das mãos.

– Mas só havia quatro presentes.

Kadam contou nos dedos.

– Quatro presentes, cinco sacrifícios, uma transformação.

– Certo – falei, cruzando os braços. – Temos os quatro presentes. Onde Fanindra entra?

– Como você sabe, cada presente corresponde a um pedaço do amuleto. O cordão funciona com o pedaço da água; o lenço, com o do ar.

– Então Fanindra está ligada ao...

– Tempo – ele respondeu por mim.

– Tempo? – perguntei, boquiaberto.

– Lembra-se de quando lhe falei sobre o primeiro templo de Durga? Aquele com as colunas?

– Lembro. Você me falou que foi ali que Kelsey descobriu como invocar a deusa.

– Correto. Naquela ocasião, Kelsey descobriu quatro colunas. Cada uma representava uma cena que deixava vocês terem um pequeno vislumbre das diferentes missões que realizaram. Desde aquele tempo, venho estudando profundamente as colunas, e o que descobri foi muito revelador. Basicamente, cada uma delas representava a terra, o ar, o fogo e a água. Kishkindha, sendo subterrânea, era a terra. Shangri-lá era o ar.

– Sim, sim. O fogo era o lugar em que encontramos os Lordes da Chama e a água, é claro, era a Cidade dos Sete Pagodes. O que isso tem a ver com o que estamos vivendo agora? – perguntei, passando a mão pelos cabelos.

Kadam me lançou o mesmo olhar que me dirigia quando eu era um rapazinho e não queria dedicar tempo ou energia a imaginar seus cenários de guerra.

– Quantos presentes existem?

– Ao que parece, cinco – respondi de modo automático.

– E quantos pedaços formam o amuleto? – perguntou suavemente.

– Cinco – repeti, cada vez mais impaciente.

– E o número de colunas? – indagou ele, me dirigindo um olhar significativo.

– Certo – falei, me concentrando em seu enigma. – Você está dizendo que havia uma outra coluna representando o último pedaço do amuleto?

– Sim, ela existiu em algum momento. Para guardar a informação do pedaço do tempo do amuleto, aquela coluna foi destruída.

– Quem a destruiu?

Ele agitou a mão no ar.

– Isso é irrelevante. A pergunta que você deveria fazer é: o que havia nela?

– Muito bem – concedi. – O que havia nela?

– Como você disse, as colunas mostravam como a deusa Durga poderia ser invocada para cada missão.

– Mas não há mais missões. Nós derrotamos Lokesh.

– Sim – concordou ele. – Lokesh se foi. Mas ainda resta uma missão em seu futuro: salvar Anamika.

Franzi a testa.

– Então o que é que eu faço, exatamente? Invoco a deusa de novo? Ou a resgato, como fiz com Ren? Enfrento dragões? – Aponte o dedo para ele. – Você disse que a deusa Durga não existe neste plano. Como é que posso invocá-la, se ela não existe?

– Ela não existe, mas ainda assim você precisa invocá-la. Você deve fazer uma oferenda à deusa para invocar a alma dela e separá-la de sua forma jovem. Se conseguir fazer isso, então vocês dois irão retornar à corrente do tempo normal e a jovem Anamika Kalinga vai se tornar o que deve ser. Ela já é a filha de um homem poderoso, mas, quando retornar de sua provação, virá a ser muito mais.

Após uma breve pausa, Kadam prosseguiu:

– Se você falhar, ela nunca se tornará uma campeã ou guerreira. Nunca será treinada ao lado do irmão nem aprenderá a liderar exércitos. Não teria uma vida infeliz, mas a deusa Durga jamais existiria, e todo o bem que ela faz, já fez e fará seria desfeito.

Com o indicador e o polegar, belisquei a ponte do nariz.

– Certo – falei.

– Certo?

– Certo. – Ergui a cabeça. – Eu vou. Farei uma oferenda. Farei o que precisa ser feito. Se você acha que posso trazê-la de volta, salvá-la, vou fazer isso.

Ele me dirigiu um olhar demorado e perspicaz; pareceu estudar o homem que eu havia me tornado e, de alguma forma, me considerar deficiente. Essa ideia me perturbou mais do que deveria.

– Aqui – disse ele. – Leve-a com você.

Erguendo-se, ele me entregou Fanindra e então deixou cair uma velha mochila a meus pés.

– O que é isto? – perguntei, pendurando-a em um ombro.

– Aí há uma faca, roupa, suprimentos e... e o ovo da Fênix.

– Você quer dizer o que estava no meu quarto?

– Sim.

– Por que você o colocou na mochila?

– Porque é hora de você desvendar a verdade, Kishan.

– A verdade?

Quando recebi o ovo, a Fênix me advertira de que ele nunca produziria uma Fênix, mas, em vez disso, se tornaria uma pedra da verdade. Até onde eu sabia, ele não havia feito coisa alguma nenhuma. Eu tinha tentado várias vezes espiar dentro dele e fazer-lhe perguntas, na esperança de que me concedesse a sabedoria que a Fênix prometera. Acabei desistindo. Supostamente, havia o coração de uma Fênix ali dentro. Mas nenhuma luz, nem mesmo a magia de Durga, jamais pôde penetrar a casca preciosa. Eu deduzira que ele simplesmente não respondia a *mim*.

Kadam pôs a mão em meu braço.

– Aí tem um jarro cheio de suco de fruta do fogo. Foi a única coisa que pude trazer para você. Use-o com parcimônia. Como agora você é mortal, pode ser ferido ou até mesmo morto. Tenha cuidado, filho.

– Terei.

– E traga-a de volta.

– Farei o melhor que puder.

– Cuide de fazer. – Ele apertou meu braço, os olhos brilhantes e penetrantes.

Eu sentia que ele queria dizer mais, no entanto se continha de propósito. Ele acarinhou a cabeça de Fanindra. – Você precisa se apressar, antes que o poder dela falhe. Ela o levará à senhora dela. Boa sorte e adeus.

Antes que eu pudesse responder, ele apertou o amuleto que trazia no pescoço e desapareceu.

– Bem, creio que agora somos só você e eu – comentei com Fanindra.

A cobra dourada torceu a cabeça para me olhar, a língua saindo e entrando na boca. O ouro soltava-se em flocos de seu corpo e caía na grama. Tremendo com o esforço, ela voltou-se e dilatou o pescoço. Seu corpo oscilou para a frente e para trás, para a frente e para trás, como se ela estivesse dançando segundo a música de um encantador. Minha pele arrepiou-se quando ar frio cobriu meu corpo. Parecia que a morte havia me envolvido em suas mãos gélidas. As árvores sussurravam, enquanto as folhas farfalhavam no alto e seus pesados galhos rangiam ao vento.

Entre as árvores, o sol lançou uma coluna de luz, mas os raios não eram quentes ou relaxantes. Quase em transe, segui a cabeça balançante de Fanindra

enquanto ela se voltava na direção da luz. Minha respiração tornou-se áspera nos pulmões e a pele da cobra, em geral quente, ficou fria ao toque. Quando me posicionei na luz, fomos sugados para o interior de um vácuo. Pensei ter gritado, mas não houve som algum.

Em um momento eu estava em um lugar luminoso, sem nada à volta a não ser uma dolorosa luz branca, e no seguinte, cambaleava em um caminho pedregoso. Consegui me equilibrar, evitando ir ao chão, mas ainda deixei Fanindra cair de meus braços. A mochila aterrisou com um baque ao lado dela.

– Fanindra! – gritei e me abaixei para ver se ela estava bem.

Se antes ela parecia mal, agora estava muito pior. Desesperado, peguei o jarro de suco de fruta do fogo na mochila e pinguei algumas gotas em sua boca aberta, tomando cuidado para não derramá-lo no chão embaixo dela. Após um momento, ela reviveu um pouco, mas seu corpo ainda estava branco como a morte. Ela conseguiu se transformar em joia, entretanto, e eu a apanhei e guardei na mochila.

Uma propriedade familiar erguia-se no alto de uma colina à distância e reconheci a casa de Ana. Peguei a mochila e pus-me a caminho. Por mais tranquilo que o lugar parecesse de longe, à medida que fui me aproximando, não demorei a perceber que alguma coisa havia perturbado sua paz. Criados corriam de prédio em prédio e homens se reuniam nos estábulos, de onde montarias estavam sendo retiradas. E, antes que eu chegasse lá, um berrante soou, dando sinal aos homens. Eles ergueram as vozes assim como as espadas e partiram por uma estrada de terra, afastando-se da casa, deixando os idosos e as mulheres retorcendo as mãos e soluçando.

– Minha senhora – falei, quando alcancei uma mulher encurvada que trabalhava em uma horta –, o que aconteceu aqui?

Quando ela se virou para me olhar, lágrimas robustas escorriam por seu rosto e molhavam a blusa suja de terra.

– Levaram minha preciosa menina.

– Quem? – Sacudi de leve seu ombro. – Alguém levou Ana? – Meu coração gelou quando ela se limitou a balançar a cabeça, seu choro soando em um lamento enquanto ela tornava a se curvar, voltando ao trabalho.

Segui na direção da casa, incapaz de desfazer o nó na garganta, e um barulho vindo da lateral do celeiro chamou minha atenção. O relincho de um cavalo irritado foi seguido por um xingamento. Captei a palavra *durbala* e sorri. Anamika havia me xingado assim uma vez. Dobrando a esquina, esperei encontrá-la, mas, em seu lugar, deparei com seu irmão gêmeo, Sunil, tentando inutilmente montar um pônei irascível.

– Fique quieto! – gritou Sunil, um pé preso no estribo. Ele dançava à medida que a montaria girava, mal conseguindo se manter em pé.

– Precisa de ajuda? – perguntei, pegando as rédeas.

– Obrigado – disse ele, subindo, desajeitado, no pônei. O animal sacudiu a cabeça, tentando soltar-se de minha mão, mas eu o segurei com firmeza. – Ei – disse ele, reconhecendo meu rosto. – Foi você quem desapareceu há dois meses.

Dois meses? Aparentemente, Fanindra não tinha conseguido me trazer de volta ao momento preciso em que partimos. Pobre cobra. Suspendi a mochila. Pelo menos estávamos no lugar certo, ainda que não no momento exato. Teria de funcionar assim.

– Sim – repliquei. – Eu mesmo. Como está sua irmã? – perguntei, tentando fingir despreocupação. – Ela se recuperou?

– Anamika acordou logo depois que você se foi. Ela não conseguia se lembrar de você, nem da mulher que víamos com você, nem mesmo de desmaiar.

– É mesmo?

– Meu pai ficou furioso para valer quando você desapareceu.

– Sim, bem, a garota que estava comigo correu para o meio das árvores e estava muito machucada. Então tive de segui-la. Eu só queria me certificar de que sua irmã estava bem antes.

Sunil assentiu sabiamente.

– Foi o que eu disse a ele, mas meu pai não acreditou em mim.

– Então – continuei – ela está aqui? Sua irmã, quero dizer.

Com isso, Sunil irrompeu em lágrimas.

– Ela foi levada. É por isso que estou indo. Conheço minha irmã melhor do que ninguém. Eu posso encontrá-la.

– Levada? – Meu coração saltou, alarmado. – Quem fez isso?

– Esse é o problema. Meu pai não sabe. Mika foi levada à noite por ladrões.
– Como você sabe que foram ladrões? – perguntei. – Ela pode estar apenas se escondendo.

Embora eu tenha dito essas palavras, não acreditava nelas. Sabia, lá no fundo, que essa era precisamente a situação sobre a qual Kadam havia me advertido.

– Gastamos a maior parte do dia procurando por ela, mas, no fim da tarde, meu pai encontrou marcas de botas no quarto dela – disse ele. – Então papai convocou rastreadores para seguir as pegadas.

– Seu pai tem inimigos? – perguntei. – Alguém que quereria machucar sua família?

Sunil sacudiu a cabeça.

– Eu não sei. Não entendo quem faria uma coisa dessas.

Dei um tapinha no ombro dele.

– Eu posso ajudar. Sou um bom rastreador.

Os olhos dele se iluminaram.

– Você poderia ir comigo! – exclamou, animado.

Inclinando a cabeça, eu o observei.

– Sua mãe sabe que você está indo se juntar ao resgate?

Sunil mordeu o lábio, entregando-se.

– Acho que eu deveria me apresentar a sua mãe primeiro. Talvez ela nos deixe ir. Você tem outro cavalo que eu possa pegar emprestado?

Ele assentiu vigorosamente.

– Venha – disse, descendo de sua montaria. – Vou levá-lo até ela.

Segui-o até a casa e ele me conduziu por um pátio aberto até um deslumbrante jardim nos fundos. Do portão em arco pendiam longos cachos de buganvília púrpura que fizeram cócegas em meus ombros quando me abaixei e passei sob eles. O jardim estava cheio de plantas floridas: rosas, calêndulas, rododendros, lírios, orquídeas e, é claro, jasmims. Era fácil ver de onde Anamika herdara seu amor pelas flores.

Tocando um lírio delicado, pensei nas garotas que eu havia amado. Tanto Yesubai quanto Kelsey gostavam de flores. Parecia certo, de alguma forma, que Anamika também gostasse. Sunil passou por mim e gritou:

– Mãe!

Encontramos uma bela senhora com olhos como os de Sunil e cabelos como os de Ana. Seu rosto estava manchado de vermelho e era visível que estivera chorando, mas, apesar de seu sofrimento, ela me cumprimentou com amabilidade e me conduziu para dentro da casa. Depois que me serviu uma bebida fria, eu disse a ela que era um peregrino a caminho de casa e que ouvira a história dos homens que levaram sua filha.

Quando ofereci ajuda para procurá-la e pedi que me fornecesse todas as informações de que tinha conhecimento, ela fez um gesto com a mão.

– Meu marido vai encontrá-la. Nada sob estes céus vai detê-lo.

Assenti com deferência.

– Cara senhora, tenho habilidades específicas para perseguir vilões. Eu lhe garanto que posso ser de grande ajuda.

– Eu também, *Amma*!

– Não, *ladka*. Se você fosse, quem ficaria para me proteger?

Enquanto Sunil discutia com a mãe, eu pensava no que precisaria fazer. Sem meu fardo de tigre, não podia rastrear cheiros. Fazia muito tempo desde a última vez que eu usara habilidades humanas para rastrear, mas estava bastante seguro de que ainda me lembrava da maior parte dos truques.

– Será que posso ver o quarto de onde ela foi levada? – perguntei.

A mulher me estudou e então sacudiu a cabeça.

– Agradeço sua oferta – disse ela –, mas o senhor é um estranho. Eu lhe ofereço nossa hospitalidade, mas não posso permitir que parta nessa missão antes que meu marido retorne.

O rastro desapareceria se esperássemos muito tempo. Mordi o lábio e refleti, então lhe dirigi um sorriso.

– Ficarei muito agradecido em aceitar sua hospitalidade, pois estou exausto da estrada e gostaria de descansar.

Sunil grunhiu, demonstrando contrariedade, e, depois que ela o despachou para avisar na cozinha que eu me juntaria à família para o jantar, contei-lhe sobre a tentativa do filho de seguir o pai.

– Seria melhor ficar de olho nele – adverti.

– Obrigada – disse ela. – Quero expressar meus humildes agradecimentos.

– Não, cara senhora. Sou eu que devo agradecer sua generosidade em um momento tão difícil.

Ela acenou com a cabeça educadamente e deixou a sala.

Após uma refeição longa demais, fui levado a um quarto confortável. Eu teria de esperar que a casa adormecesse antes de examinar o quarto de Ana. Enquanto esperava, tirei o conteúdo da mochila e espalhei na cama. Fanindra caiu sobre o cobertor e atingiu o ovo da Fênix, retinindo. Estremeci e a peguei, mas flocos de ouro cobriram a cama.

– Fanindra? – murmurei suavemente.

A cobra ganhou vida, alongando e espessando as espirais do corpo. Estremeceu e abriu a boca, quase como se quisesse falar comigo, mas, em vez disso, se afastou. Sua cauda ainda estava dura e metálica. Era como se ela não conseguisse completar a transformação. Empurrando para o lado meu monte de roupas, encontrei o suco de fruta do fogo e tirei a rolha.

– Beba um pouco mais – sugeri, estendendo o jarro até ela.

Ela o olhou e então, deliberadamente, virou-se e enroscou o corpo enfraquecido em torno do ovo uma, duas, três vezes, deixando para trás escamas douradas e pele. Seu pobre corpo estava ferido e vermelho sob as escamas arrancadas. Exausta, descansou a cabeça sobre sua cauda metálica.

– Diga-me – falei enquanto minha visão ficava embaçada. – Diga o que posso fazer para curar você.

A serpente lentamente ergueu a cabeça, as presas projetando-se da boca, uma gota dourada reluzindo na ponta de cada uma. Pensei que ela fosse me picar, o que eu aceitaria de bom grado. Eu sabia que ela conseguira curar Kelsey assim. Talvez a picada a ajudasse de alguma forma. Mas, em vez de cravar as presas em mim, ela pressionou a boca contra o ovo da Fênix.

Erguendo a cabeça e jogando-a para trás, ela deu o bote. Ouvi um estalo quando as presas penetraram a casca. Seu corpo pulsava enquanto ela injetava o veneno dourado no ovo. Depois ela recolheu as presas e desabou na cama. Sua barriga branca estava exposta e os olhos fixos reluziram com um brilho esverdeado e em seguida se apagaram, tornando-se pretos. O corpo de Fanindra estremeceu uma última vez e ela morreu.



Um pouco tarde demais

— Fanindra! — exclamei.

Quando peguei o corpo do precioso animal de estimação de Durga, a companheira que estivera conosco por anos, meus olhos se encheram de lágrimas. O ar ficou preso em meus pulmões quando seu corpo lentamente se desfez em pó na palma de minhas mãos e, em seguida, elevou-se no ar, me envolvendo em uma nuvem dourada, pequenas centelhas de luz estalando e estourando. Estendendo a mão na vã tentativa de capturar sua essência fugidia, maravilhei-me com a beleza evanescente de minha amiga de tanto tempo.

— Não vá — supliquei, mas a luz dourada se dissipou até nada mais restar.

Meus ombros se sacudiam enquanto eu tentava conter os soluços. Eu tinha fracassado. Não consegui proteger Anamika e agora tinha perdido Fanindra. Kelsey e Ren nunca arruinaram suas missões assim. Caindo pesadamente na cama, enxuguei o rosto com a mão e fitei o teto.

A casa estava em silêncio. Todos tinham se recolhido. Com a partida de Fanindra e o rapto de Anamika, eu me sentia terrivelmente só. Os muitos anos de solidão na selva foram autoimpostos. Tinha dito a mim mesmo que gostava de viver assim. Era mentira. Quando Kelsey e Ren de repente entraram em minha vida, pedindo-me que deixasse a selva, fiquei muito tentado a ir com

eles. Meu relacionamento com meu irmão na época estava frágil demais. Eu achava que ele me culpava, me odiava pelo que tinha acontecido a Yesubai. Mesmo depois de séculos, eu ainda não estava pronto para encará-lo.

Agora, sentia falta dele. De todos eles. Apesar de ter sido difícil ver Ren e Kelsey no dia de seu casamento, a lembrança agora era agradável. Eles estavam felizes. Ele estava exultante ao dançar com sua recente esposa e a expressão dela quando olhava para ele era cheia de amor. Eu não podia tirar aquilo deles. Mais do que qualquer outra coisa, queria que estivessem aqui comigo. Nós três em uma última missão.

Ren era capaz de encontrar uma saída para qualquer situação usando a lógica. Provavelmente teria conseguido obter da mãe de Ana as informações de que precisava apenas abrindo um sorriso, sua marca registrada. Kelsey sempre fora boa em me distrair e me manter focado no que era positivo. Ela teria uma agenda repleta de pesquisas de Kadam e já estaria trabalhando em um plano de resgate. Eu amava isso neles.

Aliás, eu os amava e ponto. Nem mesmo a distância ou o tempo poderiam mudar isso. Eles eram minha família.

Mas Ana também era. A garota havia me conquistado. Para o bem ou para o mal, precisávamos um do outro. Ela era corajosa, obstinada e extremamente leal. E eu... eu tinha de salvá-la. Era responsável por ela. Era minha culpa que ela tivesse sido levada. Minha negligência tinha colocado todos nós em risco. Era uma bênção que ela ainda não estivesse morta.

Respirando fundo, levantei-me da cama e me dirigi à porta, batendo com a cabeça na viga de madeira rústica da entrada. Eu tinha me esquecido de como a porta do quarto era baixa. Sem fazer barulho, fui até o quarto ao lado e vi Sunil dormindo. O quarto adjacente pertencia aos pais de Sunil. Sua mãe descansava na cama, totalmente vestida, como se esperasse ouvir a qualquer momento o grito de que Anamika tinha voltado.

O quarto seguinte era o de Ana. Agachando-me para estudar o chão, amaldiçoei o fato de não mais ter meu fôro nem minha visão aguçada. Pensei em pedir a Fanindra que usasse o brilho de seus olhos, mas não, Fanindra se fora. Engoli a onda de tristeza e comecei a trabalhar.

O quarto não era muito diferente daquele que ela mantinha como adulta. Ana gostava de colecionar coisas. Havia uma pilha de pedras brancas lisas, flores secas em um pote de argila, uma fita bonita, uma escova de cabelo. Seus pertences eram simples. Tudo tinha seu lugar.

Embora ela só tivesse sido levada na noite anterior, não havia sinal algum de luta. Nem um grão de poeira sequer. Franzi o cenho. Se alguma bota tivesse marcado o chão antes, essa marca havia sido limpa. A mãe de Ana provavelmente tinha arrumado o quarto na expectativa da volta da filha.

Olhei pela janela, afastando a cortina esvoaçante. Era fácil ver como os sequestradores tinham entrado e a levado sem grandes dificuldades. A construção tinha degraus fáceis de transpor, que, imaginei, até Ana talvez usasse de vez em quando para dar uma volta depois que todos tivessem ido dormir. Debruçando-me na janela, vi a pegada seca de uma bota. Pegando um graveto caído no parapeito da janela, que devia ter sido quebrado da árvore próxima, inclinei-me para fora o máximo que pude e raspei a lama seca.

Levando-a ao nariz, inalei. O cheiro era fraco, mas inconfundível. Excremento de camelo. Provavelmente, Anamika tinha sido levada por uma caravana. Mercadores costumavam ir de um lugar para outro tentando vender seus artigos. Ana era bela o bastante, mesmo tão jovem, para chamar a atenção dos inescrupulosos. Poderia ser facilmente vendida como escrava ou como um brinquedo para um homem rico. Essa ideia fez meu sangue gelar.

Voltei rapidamente para meu quarto e reuni minhas coisas. Se tivesse lápis e papel, deixaria um bilhete para Sunil. No entanto, pensando melhor, eu sabia que ele tentaria me seguir. Saí sorrateiramente da casa e comecei a descer pelo caminho, pegando a mesma trilha que o pai de Anamika tomara, a lua iluminando meus passos.

Só me afastei da trilha da equipe de resgate no segundo dia. O grupo de cavaleiros que rastreava Ana fora eficiente em seguir as pegadas deixadas pelos camelos, até que as marcas dos animais desapareceram misteriosamente. A trilha que o pai de Ana e seus caçadores seguiam mostrava que eles tinham parado e andado em círculos por ali, mas acabaram prosseguindo no mesmo caminho.

Deslocando-me rapidamente, segui a mesma trilha por uma hora e descobri que ela levava a uma estrada movimentada. Viam-se ali muitas marcas – de

cavalos, rodas de carroça e até elefantes –, mas nenhuma de camelo. Esse fato não pareceu deter os rastreadores e eles continuaram pela estrada, suas marcas desaparecendo no poente. Por um momento pensei em segui-los, mas algo naquelas pegadas que faltavam me incomodava.

Retornei até a área onde as pegadas tinham sumido e estudei o solo com atenção. Levei a maior parte da tarde para entender o que tinha acontecido. O solo naquela área era particularmente pedregoso e levava a um desfiladeiro fundo. Do alto, parecia perigoso demais para um grande bando de animais atravessar, mas, depois de passar várias horas estudando a vegetação rasteira, encontrei um caminho para descer.

Era bem escondido e a trilha tinha sido varrida, o que era mais fácil de fazer em solo pedregoso. Mas, agora que eu sabia o que procurava, o caminho era inconfundível. Naquela noite, escalei a lateral do penhasco e dormi em uma depressão rasa de onde podia ver uma grande extensão do rio lá embaixo. Se eu rolasse um pouquinho, provavelmente mergulharia para a morte. Apesar disso, eu não dormia havia dois dias e estava drenando aos poucos o suco de fruta do fôgo só para manter meu organismo funcionando.

Quando tirei a rolha do frasco naquela noite, pensei em prosseguir apesar da exaustão, mas parei e me perguntei se precisaria do suco para salvar Ana. Por mais que odiasse perder tempo dormindo, eu necessitava do sono. Naquela noite, sonhei que ela estava gritando por mim. Estava presa em um cercado pequeno demais para poder esticar as pernas e os braços e sentia dores terríveis. Acordei com um sobressalto. Ainda estava escuro, mas pequenas luzes salpicavam o céu de rocha de minha alcova estreita.

Piscando, estiquei uma das mãos para tocar uma delas e notei que minha pele estava brilhando com as luzes. Olhei para baixo e vi que minha mochila estava aberta, o ovo da Fênix exposto. Seu interior cintilava e vi um lampejo mínimo e depois outro, fazendo parecer que um coração batia dentro dele. Mudando de posição, peguei o ovo e olhei dentro dele.

Como isso era possível? A Fênix tinha dito que ele nunca eclodiria. Quando o segurei em minhas mãos em concha, murmurei:

– Você está vivo?

Um calor inundou minhas mãos e o coraçãozinho pulsou, a batida vibrando nitidamente em minha pele.

– Pode me ajudar a encontrar Anamika? – perguntei. Dessa vez o ovo esfriou em minhas mãos. As luzes se turvaram e minha esperança enfraqueceu. – Não pode – respondi por ele. – Para que você serve, então?

Um pulsar mínimo vibrou na ponta de meu dedo. Sorri com tristeza.

– Não culpo você – declarei, desculpando-me, embora não soubesse por quê.
– Fui eu que a perdi.

Tornei a me deitar, com uma das mãos tocando o ovo. Havia algo de reconfortante em saber que não estava mais totalmente sozinho. As horas restantes da noite passaram depressa enquanto eu dormia.

No dia seguinte, saí do desfiladeiro e franzi a testa ao ver que diversos outros camelos haviam se juntado aos que eu vinha seguindo. À tarde, dúzias de novos viajantes tinham se integrado ao grupo. Alguns se separaram e outros ficaram. Eu não conseguia saber qual grupo estava com Anamika.

Naquela noite, por fim, deparei com o acampamento de uma caravana e procurei o líder. Os homens não foram amigáveis, mas havia algumas mulheres e crianças que pareciam gentis, embora nervosas, o que atenuou um pouco minha preocupação. Perguntei se estavam naquela área havia muito tempo e se tinham algo para vender. Eles me mostraram muitas coisas, mas não mencionaram qualquer escrava. Dei a entender que o homem para quem eu trabalhava podia estar interessado em adquirir uma nova esposa, uma vez que a atual tinha se tornado feia e ranzinza.

Embora tenham rido disso, os homens disseram que não podiam me ajudar.

– Que pena – comentei. – Ele é muito rico e pagaria generosamente se a garota certa fosse encontrada.

Peguei minha mochila e sentei-me junto à fogueira, aceitando de maneira educada a comida e a bebida que as mulheres me ofereceram. Quando estendi a manta que elas me deram para o pemoite, um homem se aproximou. Era sujo e coçava a barba maltratada.

– Talvez eu conheça um homem que poderia conseguir o que você está procurando – disse ele em voz baixa.

– É mesmo? – perguntei, curvando-me sobre a mochila como se verificasse meus pertences.

– É. Se você não deixar de mencionar meu nome, é claro – apressou-se em acrescentar.

– Pode deixar. Eu lhe asseguro que meu benfeitor vai saber a quem agradecer pela informação.

Enquanto ele me contava sobre uma caravana pela qual tinham passado mais cedo e descrevia para onde tinha rumado, mantive a mão no ovo da Fênix. A pedra esquentou rapidamente e a pulsação contra minha pele indicou que o homem dizia a verdade.

– Agradeço sua ajuda – declarei, jogando para o homem uma pequena moeda tirada da bolsinha que Kadam tinha posto na mochila. – Se eu os encontrar, mais tarde haverá mais dessas para você.

O homem ganancioso umedeceu os lábios ao, deliberadamente, evitar olhar minha mochila. Em seguida ele se foi, os olhos faiscando.

Deitei-me, mas não dormi. Eu sabia que o homem iria tentar levar minhas coisas. Quando ele se aproximou sorrateiramente, estendi um braço e o joguei com força no chão. Minhas mãos rodearam seu pescoço, esmagando-lhe a traqueia antes que ele pudesse gritar.

– Olá de novo, amigo – falei enquanto ele se contorcia sob meu joelho. – Não está pensando em me roubar quando sua caravana me ofereceu hospitalidade, está?

Seus olhos saltaram enquanto ele sacudia a cabeça. Em vez de ele me roubar, vasculhei seu bolso e peguei o pouco dinheiro que tinha, bem como uma faca afiada que deixara cair no chão. Pressionei a faca contra sua garganta.

– Vamos manter isso entre nós, está bem? – sugeri. – Senão terei que derramar seu sangue, e está uma noite agradável demais para isso. Concorda?

O homem assentiu vigorosamente e eu o soltei. Depois que ele fugiu correndo na escuridão, peguei minha mochila e levei a manta comigo, por precaução. Logo a caravana ficou para trás. Levei mais um dia para alcançar a outra caravana descrita por meu agressor. Era muito maior que a primeira. Na verdade, havia várias carroças grandes puxadas por cavalos, além dos camelos

carregados. Ouvi o grito agudo de uma ave de rapina no céu e olhei para cima para vê-la mergulhando no ar até o braço estendido de um cavaleiro montado.

A caravana se deslocava devagar e pude alcançá-la sem esforço, mas, quando me aproximei, fui cercado de imediato por mercenários. Ergui as mãos no ar e disse-lhes que encontrara outra caravana, que tinha me enviado na direção deles, e que estava interessado em comprar algo valioso, sugerindo que valeria a pena negociar comigo.

Um dos homens deu um assvio agudo e outro cavaleiro se aproximou. Esse eu reconheci como o líder. A luva de couro mostrava que era ele o dono da ave. Uma feia cicatriz passava sobre o centro de um dos olhos, cuja íris era de um branco leitoso, mas, quando ele me olhou, pude ver que sua deficiência não o tornava menos terrível ou perigoso.

Sua constituição física era grande. Maior do que a de muitos guerreiros que eu tinha visto. Os braços e o tórax eram musculosos. Uma longa tatuagem de espadas interligadas começava no alto do malar e desaparecia sob a camisa. Até seu cavalo era notável. Fazia muito tempo que eu não montava, mas podia ver a definição do peito do animal e a vivacidade de seus olhos. Claramente, era treinado para a batalha.

Inclinando a cabeça no que eu esperava ser uma atitude respeitosa, me apresentei, usando meu nome verdadeiro. Anamika vivia em um tempo muito anterior a meu nascimento. Nem mesmo meu tataravô existia ainda, de modo que usar meu nome era seguro, pensei.

– Por que nos seguiu? – perguntou o homem com voz rouca.

– Meu senhor me enviou numa missão – respondi em tom calmo. – Minha tarefa é encontrar-lhe uma nova esposa.

O líder puxou uma fâça de seu colete de couro e passou o polegar pelo cabo.

– E o que faz você pensar que negociamos mulheres? – perguntou. – Essa é uma prática sórdida. Não é, homens? – indagou.

Os mercenários que me cercavam gargalharam selvagememente. Eu soube então que esses homens estavam com Anamika. O fato de usarem carroças tinha sido a primeira pista. Se houvesse mulheres ou crianças, não iam querer que ninguém notasse. A ave provavelmente era usada para passar mensagens a vários contatos, para poderem negociar as vendas de escravos em segredo. Franzi o cenho. As

carroças não podiam ter atravessado o desfiladeiro; no entanto, quando refleti um pouco, me dei conta de que teria sido bem fácil reencontrá-las adiante.

Então minha mente se ateve a outro pensamento. *Por que camelos?* Era evidente que aqueles homens eram muito mais do que simples comerciantes. Sim, eles tinham camelos, mas estavam sendo usados como animais de carga, não como transporte. *Por que tinham usado camelos para sequestrar Anamika?*

Um deles ergueu a espada, apontando para mim.

– Devo ensiná-lo a não insultá-lo? – perguntou ao homem da cicatriz enquanto se aproximava montado em seu cavalo, servil e com uma camada de crueldade subjacente.

Levantando a cabeça, o líder me avaliou, ergueu os olhos para o sol e suspirou.

– Queria estar bem mais longe agora. Se vamos nos encontrar com nossos compradores, precisamos nos apressar. Tragam-no – disse ele, e puxou a rédea de seu cavalo, fazendo o animal voltar para a caravana, que tinha prosseguido enquanto falávamos.

Quando os homens chegaram mais perto, protestei:

– Estou desarmado. Vim de boa-fé para negociar.

Os homens corpulentos riram enquanto faziam um círculo a meu redor montados em seus cavalos. Um deles disse:

– Somente um tolo ou um fanático se aventuraria longe de casa desarmado. Como não o tomo por um tolo, você deve ser um zelote. – Ele se inclinou para baixo. – Lamento informar, mas parece que sua fé é fraca demais, zelote. Não acho que seu deus ou deusa vá salvá-lo.

Não, pensei. Não quando estou aqui para salvá-la. Abri a boca para dizer algo e me virei bem a tempo de ver uma bota vindo na direção de meu rosto. Minha cabeça foi jogada para trás e cuspi sangue. A mochila escorregou do ombro e, ao erguer as mãos para lutar, senti uma dor aguda na parte de trás do crânio. Depois me veio um rugido nos ouvidos e o céu escureceu.

A primeira coisa de que tive consciência ao acordar foi um movimento de balanço constante que revirou meu estômago. Tudo que pude fazer foi mudar a

posição da cabeça para que o conteúdo do estômago não acabasse sobre meu peito.

Gemi e ergui um dedo para tocar de leve minha bochecha inchada e sentir o calombo na nuca. Um pano molhado foi jogado ruidosamente ao lado de minha perna, seguido por uma voz mal-humorada.

– Agradeço se você mesmo limpar seu vômito – disse a voz.

Estreitando os olhos no escuro, só consegui divisar uma forma grande em um dos cantos.

– Quem é você? – perguntei.

– Humpf – resmungou a voz, e a pessoa se aproximou. – Não importa muito, importa?

Com um silvo de dor, sentei-me, as costas contra a parede da carroça, e ouvi barulho de ferro. Meus tornozelos e pulsos estavam acorrentados ao chão.

– Meu nome é Kishan – falei. – Vim resgatar uma menina.

Ouvi uma risada de desdém.

– Então encontrou uma garota, não é mesmo? Mas, vendo o estado em que está, acho que não vai prestar para muita coisa.

Pegando o pano úmido, levei-o ao rosto e depois o pressionei contra a nuca. A dor era algo fugaz para mim. Até mesmo a pior dor logo desaparecia, desde que me tornara um tigre. Foi a única coisa que me deu algum consolo quando soube que Ren havia sido sequestrado por Lokesh. As torturas que sofreu foram terríveis. Conversamos sobre isso uma vez e prometemos nunca contar a Kelsey o que se passara com ele. Eu tinha pesadelos só de pensar nisso.

A dor que sentia agora não era nada em comparação com o que ele havia sofrido, no entanto, era algo que eu tinha de levar em conta. Eu poderia morrer ali. Aqueles homens poderiam me mutilar a ponto de impedir que eu alcançasse meu propósito. Teria de ser mais cuidadoso. Na verdade, fora tolice minha andar desarmado pelo interior. Eu nunca ficara desarmado antes. Sempre tivera dentes ou garras. As armas de Durga não existiam mais. Pensando bem, eu deveria ter procurado uma arma na casa de Anamika ou pedido a Kadam que me trouxesse uma.

É claro que, conhecendo-o, ele acharia alguma razão para que eu não pudesse levar uma arma do futuro para o passado, para não arruinar a linha do tempo. Ele

arrumara pessoalmente minha mochila... espere aí... minha mochila! Tateei no escuro o chão da carroça a meu redor.

– Eles levaram o que você tinha, garoto tolo – disse a mulher em tom de deboche. – Não vai encontrar suas coisas aqui.

– Você... você sabe para onde estão nos levando? – perguntei.

– Para o leilão de escravos – respondeu ela. – Imagino que um rapaz forte como você vá render um bom preço.

– Onde é? – perguntei. – Em que cidade?

– Sempre muda. Às vezes, está no meio de um oásis. Às vezes, numa cidade. Outras, na praia. É de onde gosto mais.

– Quer dizer que você está com eles *faz* algum tempo?

– Mantenho os prisioneiros vivos – respondeu ela.

– Então deve conhecer a garota que estou procurando. – Eu podia sentir seus olhos em mim, embora o interior da carroça estivesse mais escuro do que breu. – Por favor – implorei. – Sou o protetor da menina. Apenas me diga, ela está viva?

Houve silêncio por duas longas respirações e então a mulher disse em voz baixa:

– Sim, garoto. Ela está viva.

Eu não sabia que estava prendendo a respiração até soltá-la.

– Obrigado – falei.

– Parece que não é um protetor muito bom, já que você mesmo foi capturado.

– Meu encarceramento é só temporário – declarei.

Ela deixou escapar um ruído áspero e pensei por um momento que a velha estivesse sufocando. Então percebi que ela estava rindo.

– Você duvida da minha capacidade de nos libertar? – perguntei.

– Filho, estou aqui há muito tempo – disse ela. – Mais tempo do que você tem de vida, aposto.

Essa aposta ela perderia.

– Ninguém jamais escapou. Pelo menos, ninguém que tenha sobrevivido.

– Então eu vou ser o primeiro.

– Isso nós vamos ver, garoto, vamos ver.

Girei o corpo e enfi os dedos entre meu tornozelo e as algemas, tentando encontrar um ponto fraco na corrente, mas, depois de algum tempo, desisti.

– Melhor descansar por enquanto – aconselhou a mulher. – Eles vão querer você bem-disposto para amanhã.

– Amanhã?

– O leilão é amanhã.

Um dia? Eu tinha apenas algumas horas para tentar descobrir uma maneira de salvar não só Anamika, mas a mim também. Não era tempo suficiente.

No dia seguinte, fui arrastado para fora da carroça e encharcado com um balde de água antes de ser jogado sem cerimônia em uma construção. Fui forçado a sentar-me no chão de terra com uma dúzia de outros prisioneiros. Examinei o grupo, desapontado por encontrar somente homens. A velha que conheci na carroça entrou com uma cesta de pão, entregou um a cada um de nós e depois voltou com uma concha e uma jarra de água. Cada prisioneiro teve direito a apenas uma concha.

Quando chegou a mim, ela se abaixou e murmurou:

– Tente atrair a atenção do homem de turbante roxo. É ele quem vai comprar a sua menina.

Antes que ela saísse, segurei sua mão. Nossas correntes se chocaram.

– Obrigado – falei. – Depois que a libertar, prometo voltar para buscar você.

Seu rosto enrugado se animou com um sorriso cansado, mas ela não disse nada e seguiu, arrastando os pés, para o prisioneiro seguinte. A tarde passou devagar enquanto os homens iam sendo retirados, um a um. Eu ouvia gritos e vaias conforme o leilão avançava, até que chegou minha vez. Fui arrastado para fora do prédio por um homem corpulento, com uma lâmina de aspecto perigoso presa à cintura. Quando resisti, ele me deu um tapa na lateral da cabeça e o zumbido em meus ouvidos substituiu os sons da multidão.

A área estava repleta de pessoas. Escravos seguravam guarda-sóis sobre seus proprietários sentados em tapetes ou cadeiras sob o sol brilhante e os abanavam. Fui conduzido até o estrado e virado para um lado e para outro, de forma que todos pudessem dar uma boa olhada em mim. Minha camisa foi arrancada do corpo para que pudessem ver meus braços e meu peito, e o leilão começou.

Bastou apenas um instante para que eu avistasse o homem de turbante roxo. Parecia entediado com o leilão e examinava uma bandeja de comida em vez de assistir aos procedimentos. Eu não sabia, a princípio, o que poderia fazer para chamar sua atenção, mas então notei as garotas trêmulas sentadas a seu redor. Seus rostos estavam cobertos e eram jovens. Anamika tinha aproximadamente a mesma idade que elas.

O menino que servia as bebidas acidentalmente derramou algo e ficou paralisado, empalidecendo de terror. O homem apenas sorriu e acariciou o rosto do garoto. Traçou uma cicatriz no rosto do jovem e o menino, trêmulo, saiu, visivelmente abalado. *Então, pensei, ele gosta de machucar crianças.*

Na mesma hora soube o melhor caminho para fazê-lo me comprar. Em um movimento rápido, empurrei o homem que segurava minha corrente e saltei do estrado, caindo bem na frente do homem de turbante roxo. As meninas nem se mexeram, embora eu pudesse ter facilmente caído sobre elas. Gritei com os compradores de escravos, chutei areia no homem de turbante e cuspi em seu rosto antes de lhe dizer que sabia o que ele gostava de fazer às crianças.

Lentamente o homem se levantou, sorriu e ofereceu uma soma considerável por mim quando meus captores começavam a me arrastar de volta. A oferta foi imediatamente aceita e fui retirado de lá. Pouco antes de me empurrarem de volta para dentro da construção, ouvi aplausos e me virei para olhar o estrado. Anamika estava parada no meio – sozinha, suja e inocentemente bela. O homem que me comprou ficou de pé, a cobiça evidente em seu rosto.

Queria ter conseguido me sentir feliz por ter alcançado meu objetivo depois de ouvir o leiloeiro gritar que o homem de turbante comprara Ana, mas um medo doentio me dominou. Meu estômago se contraiu quando ela foi trazida para o mesmo local e acorrentada à minha frente.

Em um instante estudei-a da cabeça aos pés e senti alívio ao ver que estava relativamente ilesa. Ela deixou pender a cabeça, os cabelos escuros cobrindo-lhe o rosto.

– Olá – eu disse gentilmente quando ficamos a sós.

Ela levantou aqueles olhos verdes para mim, lágrimas não derramadas fazendo com que brilhassem na penumbra da prisão. A ausência de reconhecimento em seu olhar me perturbou mais do que eu imaginava.

– Vou tirar a gente daqui, Ana – declarei. – Eu prometo.

Eu a ouvi ofegar e então um homem entrou e perguntou:

– Você estava falando com ela?

– Não – respondi.

– Dê uma lição nele – disse uma voz atrás do guarda. Era o homem de turbante roxo. – Dê uma lição nele e depois vamos embora. O sol está sufocante.

– Sim, senhor – respondeu o guarda.

Então recuou o braço e seu punho poderoso acertou meu rosto.



Um vilão, independentemente do nome

Minha cabeça virou bruscamente para o lado e o gosto metálico de sangue encheu minha boca. Mal tive tempo de notar que um dos molares estava bambo quando o segundo golpe me atingiu. Quando meu olho não abria, de tão inchado que estava, e o ar chiava nos pulmões, o homem felizmente foi chamado. Permaneci imóvel, esperando que a cura começasse e a dor diminuísse, mas ela parecia piorar, não melhorar. Gemi e levei a mão ao reparador suco de fruta do fogo, mas lembrei que minha mochila tinha sido levada.

Saber que não podia mais contar com o suco de fruta do fogo já era ruim o bastante, mas perder a pedra da verdade fora uma coisa totalmente idiota da minha parte. Se essa era minha missão, aquela que eu fora incumbido de completar sozinho, eu estava estragando tudo em grande estilo. Ren e Kelsey teriam se saído muito melhor.

Consegui, com muita dificuldade, abrir um olho e vi Anamika sentada à minha frente. Ela me fitava com olhos arregalados, apavorados. Eu teria de fazer melhor por ela, por nós dois. Apesar da dor, tentei lhe dirigir um sorriso

tranquilizador, mas ela rapidamente desviou o olhar. Tinha medo de também ser espancada ou de o homem retornar para terminar o que começara comigo.

Quando nos recolheram, segui de boa vontade. Embora o espancamento tivesse sido severo, não fora nada que não se curasse com o tempo. Nenhum dos ossos fora quebrado e meu corpo ainda estava forte. O rosto, no entanto, se encontrava destruído. Eu podia sentir como as maçãs do rosto e o maxilar estavam inchados e feridos. A pior parte era saber que minha cara inchada provavelmente assustava a jovem Ana. Eu tinha certeza de que não era uma visão bonita.

A versão mais velha de Ana certa vez zombara de mim por usar minha boa aparência para conseguir o que queria, sobretudo quando se tratava de obter porções extras. Eu tinha dito que ela estava louca. As garotas sempre gostavam de Ren, não de mim. As criadas sussurravam por trás das mãos quando eu entrava no salão de jantar, era verdade, e me ofereciam pratos extras de comida, mas eu suspeitava que isso acontecia principalmente porque eu era sério e retraído demais e elas queriam interagir comigo o menos possível. Em suma, serviam a comida e fugiam.

Quando sugeri que elas tinham medo de mim, Ana riu do modo zombeteiro como sempre ria e disse que elas estavam tentando atrair minha atenção e que era uma pena que eu fosse tapado demais para perceber quando uma garota gostava de mim.

“Não sobrou nada em mim para alguém gostar”, eu dissera a ela, baixinho, sentindo pena de mim mesmo.

Em resposta, ela segurara meu rosto entre as mãos até que eu a olhasse nos olhos. Era um gesto terno da parte dela. Do tipo que ela raramente exibia.

“Uma garota inteligente”, dissera ela, “veria o homem por baixo da armadura. Além disso”, acrescentara, traçando com o dedo uma pequena cicatriz branca em meu queixo, lembrança de uma batalha muito antiga, “as pedras mais fortes são as mais preciosas. Elas não racham. Pedras mais frágeis quebram quando se chocam com elas. Essas são as pedras preciosas que as mulheres desejam e que colocam em seus dedos como símbolos do amor. Não é assim?”

“É”, eu respondera, “mas você esquece que os diamantes são cobiçados pelo seu brilho, não por sua durabilidade.”

“E por que a mulher não pode ter ambos?”, ela havia perguntado. “Basta um pouco de polimento para fazê-los brilhar.”

Com isso ela pressionara a mão sobre meu nariz e começara a esfregá-lo vigorosamente. Eu rira e a empurrara para o lado, mas, girando, ela se levantara e saíra correndo atrás de mim com a mão cheia de lama, dizendo que precisava esfregá-la em minha pele para me deixar mais bonito.

Essa era uma de minhas poucas lembranças boas com Anamika. Ela sempre tinha a capacidade de me distrair de meus pensamentos sombrios. E esse era o problema. Eu não queria ser desviado. Queria ruminar a falta que Kelsey me fazia e sentir pena de mim mesmo. Depois disso, todas as vezes que comíamos juntos e eu ganhava uma porção extra, ela erguia as sobancelhas, tentando me fazer rir. Eu não valorizava seus esforços e, como resultado, costumava deixá-la sozinha. Não demorou muito para que suas tentativas de me animar desaparecessem.

Antes eu a via como uma pessoa dura, severa e formidável demais para permitir qualquer ternura, mas agora eu já via muitos lados diferentes dela e tivera uma conexão direta com suas emoções. Com aqueles que machucavam outras pessoas, sua vingança era implacável, mas, com os pequenos e alquebrados, ela era terna e gentil. Não era paternalista, mas sua gentileza e sua generosidade transpareciam. Eu pensava que essas características eram simplesmente parte de seu brilho etéreo de deusa, mas vi sinais delas em sua versão jovem também.

Mesmo agora, enquanto seguíamos nosso novo senhor, ela me ofereceu um breve sorriso de empatia. Era como se conhecesse a direção que meus pensamentos haviam tomado e quisesse que eu soubesse que ela compreendia. Embora ela não soubesse quem eu era ou quem ela se tornaria, e mal tivesse saído da infância, sua presença me centrava, de certa forma. Eu não tinha me dado conta de como passara a depender de sua companhia. Parecia certo estar perto dela, mesmo que nossa situação estivesse muito longe do ideal.

Anamika foi colocada em uma carroça e eu recebi ajuda para subir em um camelo. As rédeas foram mantidas longe de mim e o dócil animal que eu montava seguia o homem à minha frente. Meu rosto queimava ao sol ardente enquanto viajávamos e eu cochilava intermitentemente, agradecido a cada vez

que me davam um pequeno gole de um cantil. Eu mantinha os olhos fixos na carroça de Ana, rezando para que não nos separassem.

Se eu estava sofrendo nas costas do camelo, sabia que o interior da carroça, onde ela se encontrava com as outras crianças recém-escravizadas, devia estar horrível. Embora eu ouvisse as crianças fungando baixinho na carroça, não sabia dizer se algum desses sons vinha de Ana. A versão mais velha dela raramente demonstrava esse tipo de emoção, mas talvez essa versão mais nova fosse diferente.

Quando o sol se pôs atrás das colinas poeirentas, finalmente paramos. Grupos de animais, principalmente camelos, pontilhavam a terra. Talvez meu novo senhor os comerciasse. Então notei os mercenários montando guarda. Havia um homem a cada 50 metros mais ou menos, todos brandindo cimitarras de aspecto ameaçador. Parei de contar depois que passei de cinco dúzias. Se o homem de turbante fosse um simples vendedor de camelos, então eu era um... como é mesmo que Kelsey os chamava? Ah, um astronauta. Camelos precisavam de muito pouca proteção, então por que todos os homens estavam armados até os dentes, seus olhos voltados para o horizonte?

A lua subindo no céu parecia aguada e pisquei rapidamente com o olho bom para colocá-la em foco. Agora que o sol havia baixado, a temperatura parecia quase amena. Um homem começou a acender luzes no alto das torres de vigia. Elas lançavam um brilho tênue sobre a areia, onde todos os novos escravos foram enfileirados e inspecionados. Os bem jovens, inclusive Anamika, foram levados por um portão, enquanto eu e dois outros homens seguimos escoltados por outro. Meus músculos forçavam as correntes enquanto Ana era conduzida para longe. O chacoalhar das correntes chamou a atenção de vários homens, que nos cercaram e me inspecionaram rapidamente.

– Este aqui está causando problemas? – perguntou um deles.

– Tentou falar com as crianças – respondeu outro. – Mas se comportou na viagem. Entende seu lugar agora.

O primeiro homem resmungou:

– Melhor ficar de olho nele.

Então gesticulou para que o seguissemos.

Depois que fui trancado em uma jaula, com os outros dois novos escravos a meu lado, deram-nos um prato de comida e um copo d'água. Os dois homens desmoronaram no chão de terra, encolhendo-se em um canto, e adormeceram. Eu permaneci alerta e fiquei ouvindo o som dos guardas.

Na casa dos Rajaram, os guardas eram zelosos. As conversas à noite eram sussurradas, mas alegres. Esse lugar era muito diferente. O estado de espírito era hostil, sombrio e tão pressagioso quanto uma tempestade se aproximando no mar. Os homens eram endurecidos. Não por batalhas, mas pela crueldade. Eles me lembravam os homens que trabalhavam para Lokesh. Tinham visto muito e estavam dispostos a fazer o que fosse necessário para manter sua posição, ou apenas para manter a cabeça presa ao corpo.

Fiquei sentado observando-os durante horas naquela noite. A dor em meu rosto teria dificultado meu sono, de qualquer jeito. Quando a manhã chegou, fomos apresentados ao feitor dos escravos. Se eu tinha pensado que os soldados eram endurecidos, esse homem era muito pior. Faltavam-lhe vários dedos na mão direita, por isso ele usava uma luva. Era uma luva especial que, em lugar de dedos, tinha fâcas costuradas. A primeira coisa que ele fez foi ameaçar nos estripar se saíssemos da linha, brandindo sua mão enluvada para enfatizar as palavras. Eu acreditei nele.

Fomos levados imediatamente ao trabalho. Meu corpo forte foi usado para fazer mais trabalhos pesados do que meus companheiros escravos. Logo provei meu valor, mas os outros dois não eram tão saudáveis ou grandes quanto eu e eram espancados por isso. Não levou muito tempo para eu saber que estava certo em minhas primeiras suposições. A criação de camelos era uma fachada para a venda de armas.

Como o homem de turbante vendia armas a qualquer cliente que pagasse, ele empregava diversos condutores de caravana que negociavam com abastados membros de tribos em muitos lugares diferentes – alguns até fora da Índia. Para evitar envolver-se em problemas por vender armas para reis adversários ou fornecê-las a exércitos enfrentando-se em guerras, sua identidade era mantida secreta e a maior parte das negociações era feita com os mercadores. No espaço de uma semana, embalei milhares de lâminas, fâcas e conjuntos de flechas com

ponta de aço em compartimentos secretos criados para serem encaixados sobre as costas dos camelos.

Em cima deles, eu carregava grãos, tecidos, especiarias, mel e uma variedade de outros produtos para disfarçar as armas que estavam sendo transportadas. Uma caravana vendendo tecidos era um acontecimento banal, mas, se fosse divulgado que armas muito procuradas estavam ocultas entre os coloridos rolos de tecido, os mais desonestos poderiam se sentir tentados a atacar a caravana. Os mercadores levavam alguns homens extras com eles, montando guarda, mas isso não era algo anormal.

Eu tinha de admitir que a operação completa era eficiente e executada de forma brilhante.

Após uma semana, ainda não havia qualquer sinal de Anamika, embora eu tivesse avistado uma das outras crianças: um garoto que parecia ter 14 ou 15 anos. Ele apresentava machucados ao longo de ambos os braços, tinha o lábio inchado e andava mancando. Seu corpo estava encurvado e os olhos mostravam-se vazios. O garoto parecia faminto, mas eu não havia observado as outras crianças o bastante para saber se ele tinha sido comprado na mesma leva que eu ou se já se encontrava ali havia algum tempo. Meu palpite era que fora recentemente substituído pela nova safra de crianças.

Ele me entregou pão e encheu meu copo com água, e eu lhe dirigi um olhar de simpatia. No entanto, não disse nada ao garoto, exceto um grunhido de agradecimento. Mesmo assim, o feitor dos escravos me observou atentamente e, quando o garoto se foi, advertiu:

– Não fale com as crianças nem fale sobre elas.

Ergui os olhos para registrar que tinha ouvido, mas mantive a boca fechada e dei outra mordida no pão, sabendo que precisaria de toda a minha força para escapar com Ana. Apesar das liberdades limitadas que me tinham sido dadas, eu ainda não conseguira formular um plano. A cidadela em que estava aprisionado era formidável. Fora construída com pedras grandes na encosta de uma montanha. Sentinelas enfileiravam-se junto aos muros o tempo todo, tanto de dia quanto durante a noite. Arqueiros observavam o entorno através de aberturas grandes o bastante para encaixar projéteis capazes de abater um elefante de batalha blindado.

Sem meus poderes, eu não sabia se poderia escapar sozinho, muito menos levando Ana. Ela nem mesmo era mantida no mesmo lugar que eu. Tudo que eu sabia era que fora levada para a casa fortificada do outro lado da cidadela, que era cercada por outro muro. Até onde eu podia ver, a única maneira de entrar ali era por uma grossa porta de ferro, e o senhor dos escravos era o único que tinha a chave.

A construção era fortemente guardada. Para entrar ali, eu teria de obter a chave, passar sem ser visto por todos os guardas do muro e depois dominar os dois que ficavam à porta. Então havia a questão do que encontraria do outro lado. Pelo que eu sabia, Ana estava sendo mantida em uma masmorra embaixo da casa. Esfreguei o maxilar, pensando que, se tivesse corda suficiente, talvez conseguisse escalar o muro e entrar por uma janela. Eu podia vislumbrar o topo do telhado espreitando por trás do muro.

O feitor dos escravos me acertou na parte de trás da cabeça. Felizmente, com a mão normal.

– Preste atenção! – ordenou. – Ouvi falar do dia em que você insultou nosso senhor. Neste momento, ele está ocupado com as crianças, mas também gosta de domar rapazes como você. Mais cedo ou mais tarde virá atrás de você. Acredite em mim quando digo que você não vai querer que isso aconteça.

Ele agitou os dedos letais diante de meu rosto, os gumes afiados das fícas raspando em minha bochecha, e meu sangue gelou. *Será que o homem de turbante arrancou seus dedos?*

– Estou lhe dizendo isso porque gosto de você – falou o homem, enquanto eu tentava disfarçar o horror estampado em meu rosto. – Você é esperto, trabalha duro e mantém a cabeça baixa. Eu também fui um soldado. – Ele fez uma pausa. – Isso foi há muito tempo, mas não estou velho demais para reconhecer um guerreiro quando vejo um.

– Como... como o senhor soube? – perguntei.

Ele soltou um grunhido.

– Homens de aluguel são dissimulados e traiçoeiros. Um soldado olha nos seus olhos enquanto mata você. Ele não sente nenhum prazer nisso. Seus olhos me mostram o que você é, garoto.

Assentindo, engoli em seco e disse:

– Agradeço o conselho.

O homem inclinou-se para mim.

– Não faça pouco caso do que estou dizendo, filho. O que acontece naquela casa é algo que fará meus músculos virarem água se eu parar para pensar a respeito.

Ele olhou com cautela ao redor para ver se alguém estava ouvindo nossa conversa e minhas veias se transformaram em gelo. O que quer que o homem de turbante fizesse em sua casa fortemente guardada era obviamente ruim o bastante para amedrontar um homem endurecido como o feitor dos escravos.

Durante a segunda semana, eu ainda não conseguira fazer muito mais do que esconder um pequeno pedaço de corda e explorar o muro em busca de um ponto mais fácil de escalar. Quando fui encarregado de fazer o inventário de um novo carregamento, observei que uma lâmina afiada e benfeita que viera da Ásia estava sendo testada pelo feitor dos escravos e fiz um comentário a respeito.

Ele a levou à minha garganta na mesma hora e perguntou o que eu sabia sobre ela. Depois de uma série de perguntas e um rápido relato sobre como a família de minha mãe viera de uma terra distante, o que provei ao falar em várias línguas diferentes, ele perguntou o que eu sabia sobre armas.

Felizmente, eu fora aluno de Kadam e sabia muito mais sobre as espadas em questão do que qualquer um dos homens à minha volta. Perguntei se poderia demonstrar o uso da espada e ele concordou, me observando com olhos atentos. Logo fui cercado por mercenários empunhando arcos e flechas, e ele me entregou a arma.

Rodopiei em uma série de movimentos com a espada e então encontrei a caixa em que ela fora trazida. Erguendo uma segunda lâmina, girei ambas no ar e comecei uma dança complexa usando muitas das técnicas que havia aperfeiçoado ao longo dos anos. Quando terminei, curvei-me sobre as espadas e as estendi, mãos voltadas para cima, ao feitor dos escravos.

Ele olhou para outro homem, fazendo um movimento com a cabeça para indicar que ele deveria pegar as espadas. Quando estavam de volta à caixa e em segurança, ele pediu outra arma. Assim que ela foi colocada em minhas mãos, fiz uma estrela, levando a lâmina ao pescoço de um homem antes que ele

pudesse disparar uma flecha, e, em seguida, cortei a trança no alto da cabeça de outro homem.

Mais armas foram trazidas e, depois que demonstrei minha habilidade com cada uma delas, minha carga de trabalho foi transferida para os outros escravos e eu passei a ser usado para examinar as armas em busca de defeitos e para testar a força das lâminas. Satisfeito com meu trabalho, o feitor dos escravos passou a me tratar mais como um homem de confiança do que como escravo, principalmente quando descobrimos um carregamento inteiro com defeito.

Pude ouvir os mercadores falando em sua língua e descobri não só que eles planejavam nos enganar e ficar com o dinheiro como também que haviam retido as melhores espadas. Como resultado de nosso confronto, as armas de boa qualidade foram apresentadas e um novo acordo, muito lucrativo, foi fechado. O feitor dos escravos me deu rações extras, uma tarde de folga e uma moeda de ouro em reconhecimento por meus esforços.

No fim daquela semana, ele me puxou de lado.

– Você é de grande valor para mim – disse, sem rodeios. – Gostaria de levá-lo comigo para negociar uma compra. Você conhece as armas melhor do que qualquer outro e fala a língua deles. Ir comigo também irá tirá-lo de circulação, o que beneficiará nós dois. – Ele estremeceu visivelmente quando olhou para o telhado sobressaindo acima do muro. – Se provar seu valor para mim – prosseguiu –, mais liberdades serão concedidas a você. Talvez até se livre daquelas correntes enquanto dorme. Mais comida. Uma cama confortável. Se tentar fugir ou arruinar o acordo, ou tentar negociar sua liberdade, você perde a mão ou a cabeça, dependendo do que melhor atender a meus propósitos. Entendeu, garoto?

Bebi de uma só vez um copo d'água.

– Entendi – falei.

Ele grunhiu e voltamos ao trabalho.

Sair da cidadela era uma mudança bem-vinda, mas abandonar Anamika aprisionada ali me deixava de consciência pesada. Eu me saí bem com o feitor dos escravos e fechamos o negócio com vantagem. À medida que os dias passavam, sua confiança em mim ia crescendo lentamente. Quando retornamos,

ele cumpriu a palavra e me deu uma cama confortável para dormir, assim como comida e água à vontade, e minhas correntes se tornaram coisa do passado.

Um mês inteiro havia se passado nesse processo em que eu vinha trabalhando aos poucos para ganhar minha liberdade quando, uma manhã, fui acordado por um sujeito rude, que me cutucou com a bainha de sua espada, espetando-a em minhas costelas.

– O que foi? – perguntei.

– O senhor deseja ver você.

– A esta hora?

Esfreguei os olhos e saí tropeçando da cama, calçando minhas botas. Algemas foram presas em meus pulsos depois que os braços foram levados às costas. Eu congelei. Havia alguma coisa errada.

– Aonde estamos indo? – perguntei.

O homem não respondeu e continuou me arrastando para fora. Seis outros homens vieram ao encontro de meu captor e me cercaram, escoltando-me até o portão. Vi o feitor dos escravos parado ali perto. Ele me fitou nos olhos quando passei, a expressão pétrea. Então olhou significativamente para a casa oculta atrás do muro.

Deixei escapar um suspiro e assenti de maneira discreta, demonstrando que entendera. O homem de turbante havia enfim decidido voltar a atenção para mim. Com os ombros eretos, segui os homens pelo portão, observando com muito cuidado para ver como a tranca funcionava, e então estudei o rosto do homem que tinha a chave e vi onde ele a guardava.

Assimilar cada detalhe dos arredores servia para me distrair da dor que eu sabia que estava por vir. Ren havia sofrido muitíssimo nas mãos de Lokesh, a ponto de ter seu coração arrancado do peito. Certamente, eu poderia tolerar a dor tão bem quanto ele.

Assim que entramos na casa, um tapete foi empurrado para o lado, revelando um alçapão que levava a um porão. As dobradiças rangeram quando o alçapão foi aberto. Um homem desceu e pegou uma lanterna na parede enquanto os outros me empurraram para baixo, atrás dele. Meus olhos levaram algum tempo para se ajustar à escuridão do lugar e, quando isso aconteceu, desejei poder desfazer a imagem à minha frente.

Dentro do porão, ao longo de cada parede, viam-se pequenas jaulas, e em cada uma havia uma criança. Algumas dormiam. Outras choravam baixinho. Muitas tinham ataduras envolvendo mãos ou pés, e eu pensei nos dedos que faltavam na mão do feitor dos escravos lá fora. Um garoto tinha um curativo no olho. Todas as crianças pareciam debilitadas e desidratadas.

À medida que passávamos, elas corriam para o canto mais distante de suas jaulas, diminuindo e desaparecendo quanto podiam nas sombras. Passei os olhos por cada jaula, à procura de Anamika, mas não a vi. Se a deusa Durga tivesse sido chamada a esse lugar, ela teria matado cada um dos homens, salvo cada criança e encontrado um lar para elas – provavelmente o nosso – ou as devolvido aos pais.

Carrei os punhos. Uma coisa era torturar um homem, mas crianças? Jurei naquele momento que mataria o homem de turbante antes de ir embora. Sim, eu *iria* embora. E levaria Ana comigo. Fui escoltado até um quatinho no fundo do porão e colocado em uma cadeira. Meus pés foram presos em correntes soldadas ao piso.

Os homens então me deixaram, levando a luz com eles, e fiquei pensando na casa. Era cheia de riquezas e opulência, mas, debaixo do piso, havia um segredo medonho. Uma doença que corroía o coração da casa como uma podridão. Não se podia vê-la até que se tirassem camadas suficientes, mas sentado ali, na escuridão, ouvindo os sons de ratos correndo e o choro baixinho de crianças, eu podia sentir o mal pulsando à minha volta como uma presença tangível.

Não sei quanto tempo fiquei sentado ali até que uma luz penetrou a escuridão. Passos pesados se aproximaram e o choramio das crianças foi interrompido por completo. Os passos vieram até a entrada de meu quarto e a porta se abriu devagar. O homem de turbante entrou. Dessa vez ele não usava turbante e notei que sua cabeça redonda era quase careca. Tinha fios de cabelo compridos e finos penteados para trás e suava profusamente na testa.

Um mercenário entrou com ele, pousou um lampião e se posicionou do lado de fora, fechando a porta ao passar.

– Finalmente nos encontramos – disse o homem, os olhos brilhando de interesse.

Como eu não dissesse nada em resposta, ele inclinou-se para a frente, apoiando as mãos gordas na mesa entre nós. Eu não tinha me dado conta de quanta carne o homem tinha. Ele se encontrava envolto em faixas de tecido no leilão de escravos. Não era de admirar que estivesse suando ao sol. Mudou de posição em sua cadeira, movimentando-se quase preguiçosamente ao tirar o casaco.

De um forro interno, tirou uma bolsinha e a desenrolou sobre a mesa à minha frente. Vários instrumentos, reluzindo como se tivessem acabado de ser polidos, encontravam-se enfiados em pequenos compartimentos na bolsa. Ele tirou um deles e começou a usá-lo para limpar as unhas. O canto de minha boca se ergueu. Ele podia amedrontar crianças assim, mas, até agora, eu não estava impressionado.

– O que você quer? – perguntei, pouco disposto a entrar no jogo que ele tinha em mente.

– Achou que estivesse construindo um lugar para você aqui, não foi? – perguntou com uma expressão *blasé*.

– Que outra escolha eu tinha? – repliquei.

– Verdade. Totalmente verdade – retrucou ele. Então suspirou e guardou o instrumento. Seu olhar me atravessou enquanto ele me avaliava do outro lado da mesa, tamborilando os dedos no tampo. – Serei direto com você – disse.

– Agradeço – respondi em tom neutro.

– Adquiri um item que já lhe pertenceu e despertou minha curiosidade o suficiente para que eu tente coagir você a cooperar a respeito dele.

– Hein? – perguntei, fingindo ignorância.

Ele gritou uma ordem e o homem que estava lá fora entrou e depositou uma mochila familiar sobre a mesa.

Depois que voltamos a ficar sozinhos, ele abriu a mochila e pegou o ovo da Fênix.

– Esta... pedra preciosa pertencia a você, não é? – perguntou.

– Pertence – repliquei.

– Pertencia – esclareceu com voz aguda. – Agora pertence a mim. O que eu quero saber é... o que é isto?

Dei de ombros.

– É uma pedra preciosa, como você disse.

Ele soltou uma gargalhada.

– Acha que sou idiota? – perguntou.

Optando por não responder, recostei-me na cadeira. Seus olhos queimavam ante meu silêncio e sua careca adquiriu uma tonalidade diferente.

– Eu lhe garanto – advertiu – que você vai me contar...

Interrompendo-o, eu disse:

– Ou o quê?

Se antes achei que ele estava furioso, agora ele fervia. Sua careca estava prestes a pegar fogo, como uma das tochas lá fora. Rápido como uma espada incandescente mergulhada em um balde de água, ele se recostou, o temperamento esfriando, expelindo fumaça pelos ouvidos, e me ofereceu um sorriso frio.

– Ou o quê, de fato – disse ele. – Você *vai* me contar o que eu quero saber. Isso eu lhe garanto – ameaçou.

Então chamou o mercenário e desapareceu pela porta, deixando-me com o homem, que tirou os grilhões presos em meu tornozelos.

– Não devia ter feito isso – a voz do homem ribombou enquanto ele me levava a uma jaula vazia. – Só torna a coisa pior.

– Não gosto de valentões – falei em resposta.

Ele me conduziu ao longo das jaulas, abriu uma vazia e me empurrou para dentro.

– É a sua cabeça que está em jogo – disse ele. – Lembre-se disso.

Com essas últimas palavras, o homem saiu e a escuridão caiu no porão mais uma vez. Não sei por quanto tempo fiquei ali. Devo ter caído no sono em algum momento, mas acordei quando a porta do porão se abriu e outro prisioneiro foi trazido para baixo. A jaula diante da minha foi destrancada e uma criança magricela foi jogada ali dentro. A triste criatura correu para o fundo da jaula e envolveu os joelhos ossudos com os braços.

Quando os homens se foram, esquadrinhei as sombras, mas não pude ver um rosto.

– Olá! – chamei suavemente, cuidando para que os guardas não me ouvissem.

Houve um leve movimento e então distingi cabelos escuros e um olho verde espiando por trás deles no momento exato em que a porta se fechava com um estrondo.



A Princesa e o Tigre

— **A**namika? – murmurei suavemente. – Meu nome é Kishan. Estou aqui para resgatá-la.

Ela não respondeu. Eu não podia culpá-la, de verdade. Ela não me conhecia. Seu irmão dissera que ela nem se lembrara de mim antes. Alguma coisa roçou em meu ombro. Afastei o corpo, pensando que se tratava de um rato, uma aranha ou algum fantasma assustador decidido a me matar, mas então ouvi a voz de um garotinho vinda da cela ao lado da minha.

– Vai nos salvar também? – perguntou ele.

Eu não conseguia ver na escuridão absoluta do porão, mas estendi a mão e encontrei um braço fininho e os dedos que haviam me tocado. Meu coração se partiu naquele momento e gentilmente peguei a mão dele na minha e a apertei de leve.

– Vou ajudar todos vocês – declarei. – Prometo.

Embora eu não contasse mais com a visão de tigre, podia jurar que dezenas de olhos famintos tinham se voltado em minha direção. Eu podia quase sentir o gosto de sua esperança, de sua fé infantil.

– Vocês terão de ter paciência comigo – avisei, tentando falar alto o suficiente para que todos pudessem ouvir, mas baixo o bastante para não atrair a atenção

dos guardas. – Vou precisar de tempo para descobrir como nos tirar daqui.

– Vamos esperar. E vamos ajudá-lo quando estiver pronto – disse o garoto perto de mim.

– Ótimo. Você então será meu capitão – disse-lhe eu, estendendo a mão para dar tapinhas em seu ombro ossudo.

O fato de ele estar passando fome a ponto de ficar desnutrido fez minha pele ficar quente. Eu queria estrangular com minhas mãos o homem que estava fazendo isso com eles.

Até então, Anamika nada dissera. Ouvi um ronco na cela do outro lado e me dei conta de que vinha da barriga de uma criança.

– Querem que eu conte a vocês uma história de grande bravura? – perguntei ao grupo.

Meu propósito era distraí-los de sua fome e seu sofrimento. Era um truque que Kadam usara com frequência conosco e que funcionava muito bem.

A garota à minha esquerda sussurrou:

– Tem princesa na sua história?

– Bem, sim – respondi. – Por acaso, tem, sim, e uma princesa muito gentil. Essa história se chama “A Princesa e o Tigre”.

Fazendo psiu, as crianças pediram silêncio umas às outras para que pudessem ouvir e eu comecei.

– Era uma vez, há muitos e muitos anos, em um mundo que esquecemos, uma árvore especial. Nela crescia a fruta mais deliciosa, que era consumida apenas pelos deuses. Se um mortal desse uma mordida, vejam bem, ele se tornava imortal.

– Isso não parece tão ruim – disse a garota.

– Ah, sim, você tem razão. Mas não se pode morar no mundo e ser imortal. Essa é a razão pela qual os pés dos deuses nunca tocam a terra. Eles se sentam em flores de lótus e em tapetes mágicos. Ou montam em grandes feras e flutuam no ar. Qualquer um, mesmo um deus, se comer essa fruta enquanto toca o solo com os pés, irá sofrer as consequências.

– O que acontece com eles? – perguntou o garoto.

– O corpo da pessoa é consumido e se transforma em pura luz. Uma vez que isso aconteça, os deuses a usam para seus propósitos, pois essa pessoa não pode

mais andar pela terra. Qualquer um que a encontrasse queimaria em seu fogo. Apesar disso, muitos homens roubaram a fruta imortal e cometeram o erro de comê-la com os pés na terra. É por isso que existem tantas estrelas.

– Você está dizendo que cada pessoa apanhada pelos deuses vira uma estrela?

– Isso mesmo. Os deuses a colocam lá no alto, no céu, para iluminar a escuridão do mundo.

– É muita gente! – exclamou a garota.

– É, sim. Bem, apesar do risco, muitas pessoas buscavam a imortalidade e o céu estava ficando superlotado de estrelas. Então os deuses decidiram fazer alguma coisa a respeito. Criaram um tigre, o primeiro do mundo, e o colocaram embaixo da árvore, para guardá-la. Quem viesse roubar a fruta seria comido pelo tigre antes.

– Eu tenho medo de tigres – disse o garoto.

– Tigres são ferozes e poderosos – afirmei com um sorriso e me recostei na parede, cruzando as pernas. – Você tem razão em ter cuidado perto deles. Mas esse tigre, o primeiro de todos, era diferente. Embora devesse comer quem fosse até a árvore, não gostava do sabor dos mortais. De qualquer forma, ele não matava para comer porque seu corpo não precisava de comida. O tigre gostava de caçar, mas seu dever era proteger a árvore, portanto nunca se afastava dela por muito tempo. A maioria das pessoas tinha medo dele e nem mesmo tentava pegar a fruta quando o via. Sabem, ele tinha um rugido muito feroz e garras afiadíssimas. Quando as pessoas vinham, ele mostrava os dentes e arranhava o chão. Quase sempre, isso era suficiente para afugentá-las.

Fiz uma pausa antes de continuar:

– Alguns homens tentavam enganar o tigre, mas ele era muito esperto e ninguém jamais tinha levado vantagem sobre ele, embora muitos houvessem tentado. A maioria dos tigres tem audição apurada e olfato ainda melhor, mas esse podia ouvir pássaros cantando em montanhas distantes. Quando uma tempestade se aproximava, ele podia prever o momento em que ela passaria. Podia se agachar e se esconder na grama ou na folhagem de uma árvore e se tornar invisível. Você nunca o via até ser tarde demais. Na maior parte dos casos, ao ver sua figura assustadora, as pessoas que chegavam perto fugiam de pavor. Isso era o que ele preferia que acontecesse. Em alguns casos, porém, os

mortais se mostravam teimosos e ele era forçado a matar o transgressor. Em vez de comê-los, como os deuses queriam, ele arrastava os corpos até uma grande vala longe da árvore. Dessa forma, não seria distraído pelo cheiro dos cadáveres apodrecendo. Às vezes ele falhava e um mortal pegava uma fruta na árvore e a mordida antes que ele pudesse impedi-lo. Quando isso acontecia, só lhe restava olhar enquanto o mortal se transformava em luz e os deuses desciam para escutar a pessoa até o céu. Cada vez que isso acontecia, os deuses o puniam com um golpe de seu chicote de fogo. Foi assim que o primeiro tigre adquiriu as listras.

Ouvi um arquejo vindo das crianças. Era surpreendente que elas nunca tivessem ouvido aquela história antes. Mordendo o lábio, fiz uma pausa, me perguntando se fora assim, no momento em que eu a tinha contado, que a história se originara. Kadam teria um ataque se soubesse. Suspirei, me perguntando se havia cometido um erro ao contar a história para elas, mas o menino me pediu que continuasse e eu prontamente atendi.

– Muito bem. Como eu ia dizendo, esse tigre foi o primeiro e, como o primeiro, ele fora criado sem listras. Estas lhe foram dadas pelos deuses como punição: uma para cada mortal que se tornara estrela.

– Pensei que essa história tivesse uma princesa – comentou a menina.

– Já estou chegando a essa parte – repliquei.

As duas crianças cujas celas eram adjacentes à minha haviam se aproximado. Eu podia ouvir a respiração áspera do garoto e a mais suave da menina. Até agora, não ouvira um só ruído vindo da cela de Ana. Me preocupava o fato de ela estar tão quieta. Não era um comportamento típico de Ana.

– Então – continuei –, um dia, uma princesa veio ver o tigre.

– Ela era bonita? – perguntou uma criança algumas jaulas adiante.

– Era de tirar o fôlego. Na verdade, o tigre nunca vira uma criatura tão linda. Àquela altura, em sua longa vida, ele só tinha umas poucas listras em seu traseiro e se sentia um pouco constrangido com elas, então se mantinha escondido na grama alta. Se ele quisesse permanecer oculto, ela não conseguiria vê-lo, mas um tigre tem uma reputação a zelar. Quando a princesa se aproximou, o tigre entrou em desespero, pensando que teria de matá-la. O interessante, porém, era que os olhos da garota não estavam na árvore, em absoluto, mas no

tigre. Era surpreendente que ela pudesse vê-lo escondido na grama, a cauda balançando, pois a maioria dos mortais só podia vê-lo se ele permitisse. O tigre sentiu um desejo irresistível de ir ao encontro da garota. Primeiro, pôs o focinho para fora da vegetação, em seguida a cara, e parou para farejar o ar. Não havia mais ninguém por ali.

Todos me ouviam, atentos. Então prossegui:

– O tigre deu um passo na direção dela e depois outro. Ela ofegou ao ver o tamanho dele, pois era grande até mesmo para os padrões dos tigres. Mas não havia medo nos olhos dela. Na verdade, ela estendeu a mão e se ajoelhou. O tigre olhou para a mão estendida e soprou suavemente nela. A menina falou: “Tigre poderoso, eu não venho roubar aquilo que você protege. Em vez disso, venho implorar que você não tire a vida do meu irmão.” O tigre não sabia o que pensar daquilo. “Seu irmão virá aqui?”, perguntou. Tremendo, a garota respondeu: “Sim. Nosso pai, o rei, está sofrendo e morrerá em breve. Ele decretou que meu irmão mais velho seja coroado o próximo rei imediatamente, se retornar com uma fruta e conceder imortalidade a meu pai.” O tigre sentou-se e perguntou se ela sabia o que acontecia quando um homem comia a fruta. “Sei”, ela replicou. “Meu pai sabe o que acontece. Ele anseia por ascender aos céus de modo que de lá possa vigiar seu reino para sempre.” O tigre parou para refletir e declarou que nunca vira alguém pegar a fruta e não mordê-la. Empertigando-se, a princesa disse: “Meu irmão é um homem honrado. Ele não busca a imortalidade para si mesmo, mas para meu pai.” O tigre ficou comovido com a súplica da princesa, especialmente quando ela estendeu a mão e acariciou seu pescoço, pois é uma verdade sabida que não há nada de que os tigres gostem mais do que uma massagem no pescoço.

– O que foi que ele decidiu? – perguntou o garoto.

– Bem, o tigre refletiu e decidiu que gostara da deferência com que a princesa o tratara. Ele também gostou do beijo no alto da cabeça que ela lhe dera quando ele disse que permitiria que seu irmão pegasse uma fruta. O tigre pensou que ajudar um rei moribundo e sua linda filha valia uma listra em suas costas.

– Deu certo? – quis saber a menina.

– Infelizmente, não. O príncipe pegou facilmente a fruta, mas, na volta para casa, caiu em tentação e a comeu. Ele se transformou em luz na mesma hora e

foi apanhado pelos deuses e colocado no céu. O tigre ouviu um grande sermão e ganhou outra listra. Ela ainda estava vermelha quando a princesa apareceu novamente. Agora, ela pedia pelo segundo irmão mais velho. Mais uma vez, o tigre permitiu que o príncipe viesse e, mais uma vez, o jovem provou a fruta antes de entregá-la ao pai. Quando a princesa retornou e viu a segunda listra, ainda em carne viva, que estava ali por sua causa, abraçou o tigre e chorou. Ele gostou do abraço da garota e resolveu perdoá-la. Então ela disse: “Detesto pedir isso a você, mas tenho outro irmão. Você vai deixar que ele venha?” O tigre suspirou, mas tinha começado a gostar das visitas da garota. Disse que iria permitir desde que ela concordasse em ficar com ele o resto do dia. Sem demora, a garota concordou e o tigre passou o dia mais agradável de sua vida. Ele até deitou a cabeça no colo da garota e dormiu enquanto ela corria os dedos em seu pelo. Quando o sol baixou, ele implorou que ela não fosse embora. Temia que outro predador, um que gostasse da carne de mortais, pudesse machucá-la.

Pigarreei antes de continuar:

– Ela concordou em ficar e dormir ao lado dele naquela noite. Quando foi embora, na manhã seguinte, ele ficou péssimo. Andava de um lado para outro, infeliz, enquanto pensava que talvez nunca mais visse a princesa. O terceiro príncipe veio e o tigre permitiu que ele pegasse uma fruta. Sentiu-se mal por torcer para que o garoto seguisse o exemplo dos irmãos mais velhos, mas, assim mesmo, torceu. Apesar da culpa, ficou feliz ao descobrir que suas esperanças tinham se concretizado e prontamente aceitou outra listra, enquanto observava atento a estrada sinuosa, à espera da figura familiar da princesa. O tigre saltou da grama, verdadeiramente feliz ao vê-la outra vez. A garota deixou-se cair no chão, lamentando a perda dos irmãos. “Eu pensava que eles fossem honrados”, lamuriou-se. Tentando consolá-la, o tigre disse: “Sinto muito. Gostaria de poder fazer mais para ajudar.” Naturalmente, o tigre *podia* fazer mais para ajudar, mas isso seria algo que enfureceria os deuses. Feliz ou infelizmente, dependendo de sua perspectiva, a princesa tinha outros seis irmãos. A cada vez que um deles vinha, o tigre permitia que pegasse uma fruta. A cada vez, o príncipe dava uma mordida e facassava em sua missão. E, a cada vez que a princesa retornava, ele concordava que outro irmão tentasse se ela ficasse com ele. A cada visita ele a persuadia a passar mais dias com ele.

A história prendia a atenção de todos. Retomei de onde havia parado:

– Os dias que passava com ela eram os melhores que o tigre já vivera. Ele caçava para a princesa e lhe trazia galhos repletos de futinhas maduras. O tigre lhe mostrava os melhores lugares para dormir tomando sol e onde encontrar a água mais fresca. A princesa parecia tão feliz por estar com ele quanto ele com ela. Era com grande tristeza que os dois se separavam depois das semanas juntos e o tigre chorava por ela a cada vez que a princesa voltava para casa. Quando só restava um irmão, ela veio uma última vez. Ajoelhou-se, abraçou o tigre e chorou com o rosto enterrado em seu pelo. A essa altura, o tigre estava apaixonado pela garota, pois tinham passado muitas semanas juntos para cumprir as exigências que tinha feito. Seu coração se partiu, pois não tinha nada para dar a ela. Nenhuma lembrança para mostrar a ela a profundidade de seu afeto. Mas então o tigre pensou em seu segredo e soube que havia, sim, algo que poderia dar e que, para ela, significaria mais do que qualquer coisa. Ele tinha sido proibido de revelar o segredo, mas detestava vê-la tão abatida, principalmente quando sabia como ela ficaria feliz por salvar seu último irmão vivo. Desafiando os deuses e sabendo que isso resultaria em mais listras em suas costas, ele disse: “Seus irmãos eram honrados.” E suspirou. “Não foi culpa deles terem comido a fruta. Assim que a fruta toca a pele dos mortais, ela exerce sua magia sobre eles. Se a pessoa não a morder, a pressão se torna tão intensa e dolorosa que é quase impossível resistir a ela.” Mudando de posição para que ela pudesse acariciar suas costas no lugar certo, o tigre esfregou a cabeça no ombro da garota. “Lamento ter tido de ocultar essa informação de você”, disse ele. A princesa chorou pelos irmãos perdidos e, quando se recuperou o suficiente para falar, replicou: “Não se culpe. Eu vejo quanto você sofreu pelos meus irmãos, e sei que vai sofrer mais por me dizer a verdade.” Ela correu os dedos sobre as listras nas costas dele, que, com o tempo, haviam se tornado pretas. Ele estremeceu de prazer ao toque dela. “Se você permitir”, disse ela, “vou avisar o meu irmão mais novo para que ele não toque a fruta com as mãos.”

– Nossa! – uma das crianças exclamou.

– O tigre concordou e se desesperou – prossegui –, sabendo que essa seria a última vez que a veria. Quando ela perguntou quanto tempo deveria ficar com

ele dessa vez para receber esse favor, ele disse: “Não vou exigir que fique, mas, se quiser, pense em mim de vez em quando e saiba que vou pensar em você cada dia da minha longa e solitária existência.” Ela beijou-lhe a cabeça várias vezes e, com lágrimas escorrendo pelo rosto, despediu-se dele. Não demorou para que viesse o mais novo dos irmãos, o último filho do rei. Trazia uma bolsa e usava luvas e, enquanto o tigre observava da grama, o garoto cuidadosamente procurou um lugar para pegar a fruta na árvore. Infelizmente, os galhos mais baixos não tinham mais frutas que ele pudesse colher, pois os irmãos haviam pegado todas. Por causa disso, o jovem foi forçado a subir na árvore. Nisso, seu pulso nu roçou em uma fruta, embora ele não tenha notado. Com o prêmio na mão, ele partiu, com um grande sorriso no rosto. O tigre esperava do fundo do coração que o garoto conseguisse voltar. Que ele vivesse, se tornasse rei e cuidasse de sua irmã. Mas não era esse o seu destino. Dali a alguns dias, os deuses apareceram e lhe deram uma chicotada pelo garoto e mais uma dúzia por contar o segredo da fruta à garota. Ele aceitou as listras de bom grado, pois elas o distraíam da dor em seu coração. Um dia, ele estava lá deitado, se curando, quando ouviu um ruído. Passos distantes, mas familiares. Era a sua princesa. Ele correu de um lado para outro, empolgado com a perspectiva de tomar a vê-la. O coração em seu peito batia violentamente com a ideia de que ela havia sentido falta dele tanto quanto ele sentira dela. Quando ela surgiu na trilha, ele correu em sua direção, não querendo esperar nem mais um momento. Mas, quando se aproximou, viu que ela vinha cabisbaixa. “Princesa! O que aconteceu?”, gritou ele. Com uma expressão arrasada e magoada, ela disse que seu último irmão fracassara. O fardo de levar a fruta para o pai agora era dela, mas temia chegar tarde demais para realizar seu último desejo. “Meu pai já vê os fantasmas de nossos antepassados rodeando-o”, contou ela. “A cada momento eles chegam mais perto, chamando-o com gritos de aves carniceiras.” Empertigando-se com orgulho, ela perguntou: “Grande tigre, você me permite pegar uma fruta? Se tiver sucesso, retornarei para você após a morte do meu pai e ficarei com você o restante dos meus dias.” O tigre respondeu imediatamente que podia pegar uma fruta, é claro, mas precisava ser muitíssimo cuidadosa. Iriam juntos e ela deveria ficar de pé nas costas dele, de modo que seus pés não tocassem o solo.

Olhei no rosto de cada criança antes de seguir com o relato:

– A princesa agradeceu: “Obrigada, meu amigo.” Embora o tigre sentisse a palavra *amigo* machucá-lo como se ele fosse um pedaço de pergaminho a ser embolado e jogado por cima do ombro, seguiu de perto a princesa, determinado a não perdê-la. Quando escolheu o local certo, advertiu-a mais uma vez a não deixar que a fruta tocasse sua pele e mandou que ela ficasse de pé em suas costas. Quando estava segura, ela ergueu a mão enluvada e, com delicadeza, puxou uma fruta luminosa, que se soltou da árvore com um leve estalo do galho, e a garota rapidamente a pôs em sua bolsa. Assim que ela desceu de suas costas, o tigre perguntou se estava tudo bem, se a fruta não tocara sua pele. Ela garantiu que não e ele então disse que iria acompanhá-la até o limite do seu território. Juntos, percorreram a trilha, a bolsa batendo no quadril da garota. Sem saber o que dizer, os dois seguiam em silêncio. Quando chegaram à divisa onde a garota seguiria para suas terras, ela ajoelhou-se e acariciou a cara dele. “Prometo que vou voltar”, disse ela. “Vigie o horizonte, à minha espera.” O tigre soltou um suspiro profundo, sentindo-se vazio e seco como uma casca de milho após a colheita. “Vigiarei”, prometeu ele, mas, justamente quando ela deu o primeiro passo para longe dele, deixando a área que ele guardava, o chão tremeu e a princesa caiu. Trovões ribombaram acima deles e um raio atingiu o espaço entre eles, enegrecendo o solo. A eletricidade crepitava, cercando-os, de forma que não havia como escapar.

As crianças estavam tensas, mas não queriam que eu parasse.

– Então outro relâmpago caiu na área, e com ele vieram o cheiro e o chiado que anunciavam a presença de um deus. O tigre fez uma careta, seus bigodes se levantando. “Tigre!”, soou uma voz grave e sonora. Árvores atrás da princesa partiram-se ao meio, as partes desabando enquanto ela soluçava. O tigre nada podia fazer além de se ajoelhar e olhar os pés descalços que se erguiam no ar acima de sua cabeça. Ele se preparou para receber nas costas as listras que sabia que viriam. “Você nos traiu pela última vez”, declarou o deus. “O que fez não beneficiou esta garota nem seu pai. Só resultou em você extinguir sua autoridade. Por isso você será punido.” O deus voltou-se para a princesa. “Você, garota mortal, pegue a fruta na bolsa e morda.” “Não!”, gritou o tigre. “Por favor! Ponha mais listras em mim. Destrua-me! Mas eu lhe imploro: não faça

mal a ela.” “Seu tigre tolo”, disse o deus. “Esta não é uma punição para ela, mas para você. Ela encontrará consolo no frio céu noturno enquanto seu corpo arde. Sua luz será usada para guiar outras pessoas e ela terá seus tolos irmãos para lhe fazer companhia.” Ele voltou-se para a princesa. “Seu pai já se foi”, disse, insensível. “Não há mais nada para você aqui.” “Mas eu estou aqui”, disse o tigre. “Eu amo a princesa. Vou cuidar dela. Por favor, não a obrigue a provar a fruta.” O deus então perguntou: “E ela sente o mesmo por você, tigre? Olhe as listras em suas costas e tente me convencer de que alguém que o ama permitiu que isso acontecesse.” A princesa ficou ali parada, os dedos agarrando a bolsa e as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Ela ficara branca, tão branca quanto a barriga da lua cheia, mas seus olhos estavam escuros e cheios de pesar. O leve suspiro que escapou de sua linda boca quando ela olhou para o tigre trespassou-lhe o coração, empalando-o, de forma que ele não conseguia se mover, não conseguia sequer respirar. “Eu amo o tigre, sim”, disse ela baixinho, a voz suave e macia como seda. Suas palavras costuraram o coração partido do tigre. “Soferei de bom grado a punição.”

– Ah! E o que disse o deus? – indagou uma das crianças.

– Ele disse que ela poderia ir em frente então, dar uma mordida. O corpo inteiro do tigre ribombou quando ele rugiu “Não!”, mas a princesa, determinada, procurou na bolsa, pegou a fruta e a levou à boca. “Lamento pela dor que lhe causei”, disse ao seu amado tigre. “Por favor, me perdoe.” Com isso, a garota mordeu a fruta e arquejou quando a luz da imortalidade lentamente foi enchendo seu corpo. A fruta esquecida caiu de sua mão, rolando, e cruzou a divisa, indo até onde o tigre se encontrava, em sua prisão invisível. O tigre, desesperado, saltou sobre a fruta e a abocanhou, engolindo o que restava. Porque era um tigre incomum e já imortal, a fruta o afetou de forma diferente dos outros.

– O que foi que a fruta fez? – perguntou a garota mais próxima.

– Ela o transformou. Grandes asas surgiram em suas costas e, antes que a mudança na princesa se completasse, ele rompeu a barreira que o deus havia lhe imposto e a pegou. Ela agarrou-se a ele e abraçou seu pescoço. A essa altura, todo seu corpo reluzia e, antes que o deus pudesse detê-lo, ele saltou em direção ao céu, as grandes asas levando ambos cada vez mais alto, até desaparecerem entre as estrelas.

Fiz uma pausa breve para ouvir as crianças. Um suave “Oh!” veio do menino a meu lado.

– O que aconteceu com eles? – perguntou.

Dando de ombros no escuro, eu disse:

– Ninguém sabe. Alguns acreditam que eles perambulam até hoje pelo grande rio de estrelas no céu. Outros dizem que os veem quando uma estrela cai ou cruza o céu. Mas todos concordam que ainda estão juntos.

A história tendo chegado ao fim, eu me acomodei na cela, descansando a cabeça nos braços.

– É melhor dormirem um pouco – sugeri às crianças. – A manhã não demora a chegar.

Logo tudo ficou quieto e ouvi a suave respiração das crianças à minha volta. Meus olhos se fecharam e eu mesmo já tinha quase resvalado para o sono quando captei um leve som vindo da cela em frente à minha. Era Anamika. Em uma voz que mal pude discernir, ela disse:

– Queria que um tigre me levasse embora também.

Eu estou aqui, Ana, falei em minha mente, torcendo para que alguma parte dela me ouvisse. Estou bem aqui.



Por pouco

A manhã chegou rápido demais. Meu corpo se pôs em alerta quase no mesmo instante em que ouvi movimento na porta do porão. Meus membros estavam frios e letárgicos. Fazia muito tempo que eu não sentia a fígada do ar frio. O tigre em mim sempre me manteve aquecido. Era estranho ser apenas eu novamente. Não só sentia falta do pelo como também descobri que ansiava pela conexão que tinha com a deusa.

Embora a jovem versão dela estivesse muito perto, nosso elo havia sido rompido. Era como se a deusa e tudo que lhe dizia respeito nunca tivessem existido. O mundo precisava dela. Com surpresa, percebi que eu também precisava dela. Havia um grande conforto em sentir a presença constante de alguém a seu lado. Mesmo quando estávamos separados, ela era como uma âncora me conectando não só a ela, mas também ao mundo.

Enquanto refletia, percebi que sentia falta de seu brilho e de sua autoconfiança. Sua risada zombeteira, que costumava me irritar, havia de alguma forma se transformado em algo que ela usava para rir de si mesma, não para me magoar. Agora que eu a conhecia melhor, podia entender quem ela era de verdade. Ela estivera me testando, me pressionando, para descobrir se eu ficaria

ou se fugiria. Muitas vezes fugi. A ironia era que precisei das lembranças de meu eu mais jovem para me dar conta do valor de Ana.

Por fora, ela era tímida, linda, intocável. Mas eu a via derreter sempre que encontrava uma criança que precisava dela. Eu a via lutar com unhas e dentes para defender os fracos. Ela não pensava em si mesma. Não havia um pinga de vaidade nela. Era leal ao extremo e esperava o mesmo de seus homens e, agora eu sabia, de mim. Eu era o companheiro que o universo havia moldado para ela e, no entanto, meu coração e minha mente não foram seus. Não totalmente.

Um homem com uma tocha percorreu a série de jaulas, tirando as crianças. Em seguida, prendeu seus pulsos finos com ferro e amarrou seus tornozelos para que não pudessem correr. Elas receberam um gole d'água e um pedacinho de pão e, então, foram designadas para várias tarefas. Uma a uma, subiram, desaparecendo de vista.

Quando passavam por mim, seus olhos arregalados relanceavam em direção à minha jaula e pude ver que me reconheciam como o contador da história. Algumas sorriram, hesitantes. A coisa mais assustadora de observar naquela procissão era o alívio em seus rostos ao saber que passariam o dia varrendo o chão, batendo tapetes ou ajudando a levar lenha para a cozinha. Se elas estavam felizes com isso, alguma coisa estava muitíssimo errada. Logo o porão ficou praticamente vazio. Anamika e eu fomos os únicos cativos deixados ali.

Alguns homens pararam diante da jaula dela.

– Esta noite você vai servir ao mestre pessoalmente outra vez, portanto, se eu fosse você, descansaria um pouco, enquanto pode – disse um deles, jogando um pedaço de pão para ela e entregando um copo d'água. O homem riu. Sua expressão grosseira confirmou meus medos mais profundos. – Ele gostou bastante de você. Mas não posso dizer que o culpo. São esses olhos, não acha? – perguntou ao companheiro.

– Imagine como ela será daqui a uns anos – replicou o sujeito e assoviou.

– Verdade – disse o primeiro, para em seguida franzir a testa. – É claro que ele vai acabar com ela muito antes de ela se tornar uma mulher.

Enfurecido, levantei-me de um pulo e segurei as barras de minha jaula com força. Meu sangue fervia tanto que seria capaz de derreter o ferro.

– Não ousem falar com ela – adverti, minha voz sussurrada e ameaçadora. – Se um de vocês se aproximar dela de novo, eu mato os dois. Sua dor e seu sofrimento serão tão lentos e terríveis que vocês vão implorar pela morte. Juro a vocês.

Um dos homens recuou, como se pressentisse minha sinceridade. O outro avançou corajosamente e insinuou que eu também devia ter uma queda por olhos verdes. Esse foi o último erro que ele cometeu. Rápida como uma cobra, minha mão disparou e agarrou a frente de sua camisa. Puxando-o em minha direção com violência, esmaguei seu rosto de encontro à jaula. O nariz dele se quebrou e o sangue escorreu pelo rosto. Antes que ele pudesse pegar a espada, empurrei sua mão e eu mesmo a peguei.

Agarrando o pescoço do homem que se debatia, atravessei sua barriga com a lâmina, então puxei a espada para golpear também o amigo, mas o homem correu escada acima, gritando por socorro. Erguendo a espada, golpeei com força a fechadura de minha jaula, empurrei o cadáver do homem para o lado e fiz o mesmo com a de Ana. Quando cedeu, abri a jaula e fiz sinal para que ela avançasse. Ela sacudiu a cabeça, os olhos verdes arregalados de pavor.

– Não vou machucar você – falei. – Prometo. Seu pai me mandou para resgatá-la.

– Meu... meu pai? – perguntou.

– É. Tive de me esforçar para evitar que Sunil me seguisse. – Tentei sorrir, mas temi que parecesse mais uma careta.

Seus olhos encheram-se de lágrimas à menção do irmão e ela estendeu a mão trêmula e a colocou na minha. Levantou-se, hesitante, enquanto eu olhava para a porta aberta do porão. Era apenas uma questão de tempo até que os reforços aparecessem, e o fato de me movimentar lentamente para encorajar sua confiança estava consumindo os minutos. Tentei não pensar no que fora feito a ela, principalmente quando a vi mancar. Quando tive certeza de que ela viria comigo, eu disse:

– Agora fique atrás de mim. Vou ter de lutar. Quando chegarmos lá em cima, quero que você encontre um lugar para se esconder. Eu irei buscá-la, prometo.

Ela assentiu e começamos a subir em direção à porta do porão. Um mercenário veio a meu encontro no topo dos degraus, mas eu o despachei

rapidamente e joguei seu corpo escada abaixo. Levando a mão atrás de mim, procurei por Ana e meus dedos esbarraram em seu ombro. Tentei ignorar o fato de que ela se afastou na mesma hora.

– Venha – falei com suavidade. – Temos de continuar.

Meus olhos arderam com a luz depois de tantas horas preso na escuridão. Deparei apenas com o rosto assustado de duas crianças quando alcançamos o piso principal da casa. Gesticulei para que elas viessem conosco e se posicionassem atrás de mim. Progredimos devagar através dos quartos e salas. O tilintar das correntes das crianças me fazia estremecer. Logo eu tinha Anamika e outras seis crianças. Não fazia a menor ideia de como iria tirá-las dali em segurança. Com o número de homens que guardava a cidadela, era praticamente impossível, mas eu precisava tentar.

Levei o dedo aos lábios para fazer as crianças ficarem em silêncio enquanto espiava o interior de cada um dos cômodos. Estavam todos vazios. O mais silenciosamente possível, abri armários à procura de mais armas ou das chaves para abrir as correntes das crianças, mas não encontrei nada exceto uma faca de cozinha. Enfiei-a na faixa enrolada em minha cintura. Avançando sorrateiramente pela casa, cheguei à porta da frente e a entreabri. Havia muitos guardas.

Pressionando a cabeça contra a porta, sussurrei uma súplica silenciosa por ajuda, embora não soubesse de fato quem poderia me ajudar. As crianças me seguiram para os fundos da casa, movendo-se o mais silenciosamente que conseguiam. Era surpreendente como eram boas em manter silêncio. Isso não estava certo. Crianças devem estar rindo e brincando, não se encolhendo de medo.

Meus olhos absorviam tudo à medida que atravessávamos a casa – a ausência de adultos, a bagunça em uma cozinha que fora deixada às pressas, a pilha de sujeira em um piso parcialmente varrido. Isso era uma armadilha. Eu podia sentir. Quando espreitei pela porta dos fundos e não vi ninguém, deixei escapar um suspiro de alívio. Voltando-me para as crianças, avisei que permanecessem atrás de mim e seguissem minhas instruções. Pelo ângulo do sol, eu podia ver que a manhã já ia pelo meio. Fomos até a esquina da casa, mas havia muitos homens para que eu conseguisse passar.

Voltando na direção em que tínhamos vindo, espiei na outra esquina e vi uma cena semelhante. Então ouvi o inconfundível som de uma espada sendo desembainhada. Lentamente, virei-me e vi que tínhamos sido cercados. Enquanto andávamos furtivamente ao longo da casa, os homens do outro lado haviam se posicionado. Vários deles seguravam com força as crianças, enquanto muitos outros tinham arcos e flechas voltados para mim, prontos para disparar.

Tudo que eu tinha era um punhado de crianças agora espremidas atrás de mim junto à casa, uma espada suja de sangue e uma faca. Eu falhara. A esperança irracional de que a sorte fosse de alguma forma me encontrar foi incinerada e me deixou um gosto de cinzas na boca. Erguendo os olhos, pude ver dezenas de reforços, antes escondidos, subitamente de pé nas ameias acima. O feitor dos escravos encontrava-se entre eles, me olhando com um misto de desapontamento e pesar.

Usando um novo turbante, dessa vez verde, o homem que me comprou abriu caminho entre os homens e juntou as mãos, um sorriso piegas no rosto.

– Muito bem – disse ele. – Preciso cumprimentá-lo por chegar até aqui.

Eu não respondi.

Ele me olhou com perspicácia.

– Tenho de dizer que estou um pouco surpreso. Você não foi atrás do tesouro, como pensei que iria. – O homem olhou as crianças atrás de mim, especificamente Anamika. – Embora eu não possa menosprezar seu bom gosto – ele pegou uma bolsa e tirou dali o ovo da Fênix –, tenho de admitir que estou decepcionado por você ter optado por deixar isto para trás. Talvez não seja tão valioso quanto pensei.

O homem de turbante, girando o ovo entre as mãos, continuou:

– Foi deixado em uma mesa, bem à vista, mas você passou direto, como se não ligasse a mínima para ele. Mas, quem sabe, talvez você voltasse para buscá-lo mais tarde.

O ovo da Fênix cintilava à luz do sol. De fato, eu não o tinha visto. Estava totalmente concentrado em salvar Anamika para sequer pensar na pedra da verdade.

O homem instruiu alguns dos soldados a levar as crianças, assim como a espada que eu carregava. Eu a entreguei sem resistência. Até agora, eles não

tinham descoberto a faca. Enquanto estavam distraídos com as crianças, casualmente a tirei da faixa em minha cintura e a coloquei nas mãos do garoto que estava atrás de mim, à esquerda. Eu o reconheci como o que ocupava a jaula ao lado da minha. Quando tornei a olhar para ele, a faca havia desaparecido por completo e não havia o menor sinal dela em sua roupa. Dei uma piscadela quando ele acenou discretamente com a cabeça.

O homem de turbante aproximou-se, sem demonstrar qualquer medo de mim. Suponho que não devesse mesmo sentir medo, não com mais de cinquenta homens à sua disposição. Depois que levaram todas as crianças exceto Anamika, um homem adiantou-se e a pegou pelo braço.

– Devagar, devagar – advertiu o homem de turbante. – Ninguém machuca esta, a não ser eu.

Ele dirigiu um sorriso nauseante a Ana, tocando-lhe o rosto com o dedo, e ela visivelmente se encolheu. Era como se os ossos em seu corpo estivessem derretendo sob o olhar dele.

– Tire as mãos dela – ameacei.

Meu novo dono voltou olhos interessados para mim e riu com vontade.

– Você também sucumbiu aos encantos dela? Ela é uma diversão agradável. Isso eu tenho que admitir.

Ele observou Ana até sua forma pequena desaparecer no interior da casa. Cerrei os punhos. Eu queria cravar minhas garras em sua barriga trêmula e lentamente eviscerá-lo, e observar enquanto os animais comedores de carniça se aproximassem. Somente então, depois que ele tivesse sofrido, eu abriria a boca e morderia seu crânio, esmagando-o enquanto arrancava a cabeça da tora que era seu pescoço de forma que meus dentes fossem a última coisa que ele veria antes de mergulhar na escuridão a que almas nefastas assim pertenciam.

– Pois bem – disse ele, alheio a meus pensamentos sombrios. – Acho que você e eu temos muito que conversar.

Para um homem gordo, ele se movia com agilidade. Dando meia-volta, gritou sobre o ombro:

– Tragam-no.

Depois de ter estado lá fora, o fedor impregnado no porão era evidente para mim, mesmo sem o fardo do tigre. O mercenário que eu matara ainda estava no

mesmo lugar e o homem de turbante escorregou em seu sangue, batendo o ombro em uma jaula.

– Limpe isso – sibilou, furioso, para um homem atrás dele enquanto ajeitava a túnica.

Sem a menor cerimônia, fui jogado na mesma cadeira em que me sentara antes. Meus pés foram presos ao chão, mas apenas uma das mãos foi atada atrás das costas. O guarda grandalhão pegou meu outro braço e o largou com força sobre a mesa. Tentei me desvencilhar, sobretudo quando o homem de turbante tirou uma faca da bolsa que trouxera.

– Segurem-no – disse ao se aproximar.

Tiveram de trazer outro homem para me segurar. Uma hora depois, eu estava exausto e sangrando, com vários cortes profundos no antebraço. Ele não me fizera nem uma só pergunta.

– Muito bem – disse ele, dando a volta por trás de mim. – Deixei seus dedos e sua mão em paz por ora só porque acho que você talvez precise deles para liberar a magia dentro do ovo.

– O que o faz você pensar que ele é mágico?

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Existem muitas histórias de tesouros assim. Sou um homem que negocia por dinheiro, mas também por segredos. Conheço um objeto de valor quando vejo um. Há magia nessa pedra. Eu apostaria minha vida nisso.

– Eu também reconheço valor quando o vejo – cuspi em resposta. – E você não vale os parasitas que vivem nas costas dos besouros que comem a bosta que se agarra nas patas dos seus camelos...

O soco veio de lado e senti um molar quase amolecer na parte de trás de minha boca. Cuspi sangue e tive a satisfação de ver que ele foi parar nos sapatos limpíssimos e bordados com joias do homem de turbante. Ele pulou para trás e pegou uma faca de punho entalhado. Com o rosto vermelho, levou a lâmina à minha garganta e poderia ter me degolado com muita facilidade, principalmente quando os guardas agarraram meus cabelos e puxaram minha cabeça para trás, expondo o pescoço.

Ele pareceu pensar melhor e desistiu de pôr fim à minha vida, seus olhos tornando-se pensativos enquanto arrastava a lateral da lâmina por um lado de

meu rosto e depois pelo outro, em uma carícia ameaçadora.

– Você vai se arrepender disso – ameaçou de forma quase agradável. – Bem, onde eu estava mesmo? Ah, sim. Estava falando sobre valor e por que deixei seus dedos presos às mãos. Presumo que você seja inteligente o bastante para valorizá-los. Mas estou bem certo de que você não precisa de duas orelhas.

Ele pressionou a faca na pele entre minha orelha e o couro cabeludo.

– O que você quer saber? – perguntei, sentindo o sangue quente escorrer pelo rosto.

– Você já sabe a resposta – retrucou ele, arfando com algo semelhante a alegria. – Não desperdice meu tempo.

– Vou lhe dizer como usar a magia – declarei. – Mas você tem de me dar algo em troca.

Ele fez uma pausa.

– Sua vida não é um presente bom o bastante? – perguntou.

– Deixe-a ir e eu ficarei aqui, trabalharei para você, serei seu escravo, o que quiser. Mas deixe-a ir.

– De quem você está falando? – perguntou ele, dando a volta para me encarar.

– Você já sabe a resposta – repliquei com um sorriso zombeteiro.

Lívido, ele baixou com força a faca, prendendo minha mão à mesa. Doeu, mas eu já suportara dores piores. Um prazer demoníaco iluminou seu rosto. Sua expressão exuberante, porém, logo desapareceu quando viu que não gritei, não implorei por minha vida, nem mesmo estremeci.

Olhei para a faca e então ergui a cabeça para mostrar-lhe que não tinha medo de nada do que ele pudesse fazer. Ele estreitou os olhos, malicioso, então ergueu outra faca e a cravou em meu ombro. O sangue se acumulou em torno do ferimento, escorrendo quando ele torceu a lâmina. Soltei um grunhido, mas, novamente, não gritei, pressentindo que era desse tipo de coisa que ele gostava.

As lufadas de sua respiração passavam sobre mim enquanto ele me fitava, procurando sinais de fraqueza. Que ele gostava de torturar era óbvio. Isso, mais a dor que ele me infligia, me deu ânsia de vômito, embora eu não tivesse qualquer comida no estômago.

– Isso está ficando monótono – comentei. – Ou você me mata ou a liberta. Não tenho medo da morte. Já olhei na cara dela muitas vezes, mas lhe asseguro que sou um homem de palavra. Vou lhe contar os segredos do ovo se você a libertar. Você só precisa decidir quanto quer saber.

Ele estudou meu rosto com atenção. Finalmente, afastou-se e fez um gesto para o guarda, que removeu as fâcas e enrolou os ferimentos com panos apertados. O cheiro de meu sangue permeava o ambiente. Lenta e pacientemente, o homem de turbante limpou as fâcas e tornou a guardá-las na bolsa de instrumentos que usava para torturar as pessoas. Observei-o com indiferença enquanto pressionava com a língua o dente amolecido.

Esse homem tinha muito em comum com Lokesh, concluí. Mas era difícil equiparar-se a Lokesh. Eu tinha visto coisas muito piores do que qualquer uma que esse sujeito poderia fazer. O sangue encharcou as ataduras em meu ombro e na mão e continuou a escorrer também pelo rosto. As gotas quentes que pingavam do queixo mancharam a camisa, mas eu me sentia distanciado de tudo isso.

Estranhamente, me sentia quase grato a Lokesh por isso. Vencê-lo tinha me dado um nível de autoconfiança que eu nunca tivera. Sua extrema crueldade exigiu que elevássemos nossos instintos de heroísmo e bravura para enfrentá-lo como iguais. Sem ele, eu não teria a coragem e a força que possuía agora. Qualquer outro vilão que eu havia enfrentado desde então – senhores feudais, déspotas, tiranos e criminosos – não chegava nem perto dele. Esse, porém, merecia morrer. E, de fato, pereceria em minhas mãos ou garras, na primeira oportunidade.

Ele não me assustava. Suas fâcas, sua postura e seus ataques de fúria não eram nada mais que inconveniências. Sinceramente, eu também não me importava com as armas que ele negociava, ou com o fato de ele comprar e usar escravos. Mas um homem que fazia tais coisas com crianças merecia a ira da deusa e de seu tigre e, de uma forma ou de outra, ela cairia sobre ele.

Quando suas fâcas foram guardadas, eu disse:

– Segure a pedra entre as mãos. – Quando ele o fez, acrescentei: – Agora me diga que vai deixar a garota ir embora.

Ele hesitou por um instante e então disse:

– Sim, sim. Se me contar o segredo da magia, vou libertá-la.

O ovo da Fênix permaneceu escuro.

– Você está mentindo – falei.

– Você não está em posição de questionar...

Eu sacudi a cabeça.

– Não. Estou dizendo que sei que você está mentindo porque a pedra permanece escura. Quando alguém fala a verdade, a pedra brilha por dentro. Observe com atenção e vou lhe mostrar. – Inclinando-me para a frente, eu disse: – Quando eu fugir, e lhe asseguro que farei isso, nenhuma sombra vai ser escura demais, nenhum quatinho vai ser escondido o bastante para me impedir de encontrá-lo. E, quando eu encontrá-lo, vou matá-lo sem demora.

Quando terminei de falar, a pedra da verdade cintilou com uma luz interior e o homem de turbante levantou as mãos rapidamente, afastando-as da pedra e gritando:

– Ela está viva!

– Está – eu disse. – É uma coisa viva e, quando a verdade é dita, ela brilha.

Ele recostou-se na cadeira e girou a pedra, examinando-a com atenção enquanto ela se apagava. Inclinando a cabeça, ele disse:

– Isso é um truque.

– Não é nenhum truque – declarei. – Experimente você mesmo. Veja se consegue enganá-la com uma mentira.

O homem umedeceu os lábios enquanto olhava da pedra para mim com pálpebras pesadas.

– Minha mãe morreu quando eu tinha 4 anos – começou.

A pedra brilhou, iluminando seu rosto com uma luz diabólica.

– Eu adoro camelos – foi sua tentativa seguinte, e o fogo no interior da pedra se apagou. – Posso confiar em minha guarda pessoal – disse, e a pedra permaneceu apagada.

Ele fez contato visual com o guarda a meu lado e o homem engoliu em seco, os músculos dos braços se contraindo.

Ignorando o guarda por ora, ele proferiu afirmação após afirmação, revelando tudo, de sua fruta favorita ao nome de um camundongo de estimação que tivera, declarando também o lugar onde guardava seu ouro. Verdade, mentira, mentira.

Ele então praticou com o guarda, fazendo-lhe uma série de perguntas, e rapidamente ficou evidente que nem tudo em sua casa era como ele supunha. Isso prosseguiu por algum tempo, até que ele finalmente relaxou, satisfeito.

– Este é um tesouro de valor inestimável, de fato – disse o homem. – De posse deste objeto, nenhum homem jamais poderá mentir para mim outra vez. São tantas as possibilidades...

Minha mente trabalhava ao mesmo tempo que a dele. Havia muitos usos que um homem como ele poderia dar à pedra. Era perigoso deixá-la em suas mãos.

– Por que você o deixou para trás? – perguntou-me, me arrancando de meus pensamentos.

Dei de ombros.

– Salvar as crianças era mais importante.

Ele baixou os olhos para a pedra, mas ela permaneceu escura.

Suspirando, eu disse:

– Eu não o vi.

O ovo reluziu.

– Ah. – Ele sorriu, satisfeito. – Há muitas coisas que quero perguntar a você, mas confesso que primeiro quero testar um pouco mais esta pedra da verdade. Leve-o de volta para a jaula – disse ao guarda, advertindo-o em seguida: – E não pense que vou esquecer as verdades que a pedra revelou sobre sua lealdade – advertiu. – Eu andaria com muito cuidado se fosse você.

O guarda, nervoso, fez uma rápida medida e me puxou bruscamente, forçando-me a me levantar, e me algemou por precaução antes que seu senhor saísse, fechando a porta atrás dele.

– Você sabe que ele vai matá-lo – declarei enquanto ele me escoltava até a jaula.

– Cale a boca – rosnou ele.

O homem me empurrou para dentro da cela e subiu a escada, deixando o porão e trancando a porta ao sair. Embora fosse apenas início da tarde, mergulhamos todos na escuridão. Peguei a borda da camisa e a pressionei contra a boca, que sangrava.

Quando os passos desapareceram lá em cima, ouvi uma vozinha perto de mim.

– Ainda estou com a faca – sussurrou o garoto. – Eu a usei para abrir minha fechadura.

– Bom trabalho, filho – elogiei. – Acha que consegue abrir a minha?

– Acho que sim.

– Cuidado. Quando ouvir que estão voltando, volte depressa para a sua jaula e feche a porta.

– Farei isso.

Um momento depois, ouvi a dobradiça da porta da jaula dele rangendo ao se abrir e logo o garoto estava trabalhando em minha fechadura.

– Não consigo – informou. – Tome. Tente você.

Ele tentou me passar a faca através das barras de minha jaula.

– Você vai ter de fazer isso – falei gentilmente. – Minha mão foi machucada.

– Ele cortou seus dedos? – perguntou uma voz das celas à frente. – Ele cortou dois meus.

Respirei fundo, tentando engolir a dor que sentia por essa pessoa tão jovem que já havia sofrido nas mãos do desumano homem de turbante.

– Não – respondi baixinho. – Só não consigo mexer a mão. Sinto muito que ele tenha machucado você – comentei. – Vamos nos libertar. Todos nós.

Foram necessários vários minutos para que o garoto conseguisse abrir minha fechadura. Então ele passou para outra jaula. Já havia aberto várias e começara a trabalhar nas do outro lado quando ouvimos o ruído de botas no piso acima de nós.

– Corra para a sua jaula! – exclamei. – Não se esqueça de fechar a porta e esconder a faca!

O garoto mal tinha entrado na jaula e fechado a porta quando o porão foi aberto.

– Aqui está o jantar de vocês – disse o homem enquanto servia um aromático ensopado em tigelas, que eram colocadas rudemente nas mãos estendidas de cada criança.

Quando chegou à terceira jaula, esbarrou o braço nela e a porta se abriu com um rangido.

– Seu maldito idiota! – vociferou para o guarda que o ajudava. – Se o senhor descobrisse que você deixou a jaula destrancada, ele quebraria seus tornozelos e largaria você apodrecendo no deserto! – Com repulsa, ele trancou a porta e então observou a seguinte. – Esta aqui também? Inacreditável! Verifique todas elas.

Quando chegaram à minha jaula, ambos me olharam desconfiados, mas eu estava deitado de frente para eles, pressionando a camisa na boca e gemendo. Eles me revistaram, mas não encontraram nada. Prosseguindo, testaram metodicamente todas as jaulas e, como apenas algumas estavam destrancadas, o guarda culpou o colega em vez de suspeitar de um esquema nosso.

Assim que todos nós recebemos uma tigela de ensopado e um copo d'água, eles abriram a jaula de Ana e a tiraram de lá.

– O senhor quer ver você – disse o homem.

Eles se mantiveram longe de minha jaula, embora eu ainda estivesse caído de bruços perto da parede. Deviam ter ouvido a história de como eu matara o outro guarda.

No momento em que desapareceram e a porta do porão se fechou, meu jovem amigo começou a abrir sua fechadura outra vez.

– Depressa – falei. – Tenho de ajudá-la.

Assim que ele abriu sua jaula, começou a trabalhar freneticamente na minha. Tão logo ela foi destrancada, peguei a faca dele e me dirigi para a porta do porão. Mesmo com a arma, não havia como abri-la. Amaldiçoei o fato de Ana estar nas mãos do homem de turbante e não haver absolutamente nada que eu pudesse fazer a respeito.

O rapazinho puxou minha camisa e perguntou se deveria abrir as outras jaulas. Sacudi a cabeça e então falei, pois ele não podia me ver:

– Não, esta noite, não. Temos de esperar a oportunidade certa. Preciso elaborar um plano de fuga que dê certo.

Voltamos a nossas jaulas e lhe dei meu ensopado, mas esvaziei o copo d'água. Fiquei sentado a noite toda com a cabeça nas mãos, imaginando o terrível sofrimento pelo qual minha Ana estava passando. Era culpa minha. Se eu tivesse sido melhor como rastreador... Se não tivesse deixado a porta de nossa casa aberta... Se não fugisse todas as vezes que as coisas ficavam difíceis... Eu não parava de me repreender.

Todos os dias eu vigiava sua pequena jaula, observando seus membros trêmulos e a maneira como ela, alheia a tudo, fitava o nada. Todas as noites eu me obrigava a olhar enquanto ela era retirada de sua jaula e levada para o andar de cima para entreter o homem de turbante. O homem viera apenas uma vez, ele mesmo, convocar Ana. Ele havia olhado diretamente para mim, ciente de que estava quebrando sua promessa. À luz da tocha, pude ver que havia algo diferente nele.

Sua pele parecia amarelada. Ele perdera peso e as veias nas mãos pareciam escuras, quase negras sob a pele. Os olhos estavam injetados de sangue e os dedos tremiam quando ele disse aos homens que se apressassem. Lembrei-me naquele momento do aviso que a Fênix me dera. Ela dissera que o coração da Fênix dentro da pedra da verdade destruiria qualquer um que a usasse para fazer mal a alguém. Talvez o aspecto doentio do homem de turbante fosse um indício disso.

Na quinta noite, nossa oportunidade surgiu. Ficamos atentos ao revelador clique da fechadura da porta do porão após Ana ser escoltada para o andar de cima, mas ele não veio. Eu estava febril e sabia que meu sangue estava se envenenando. Meus ferimentos não haviam sido tratados e estavam começando a infeccionar. Apesar disso, estava determinado a salvar Ana a qualquer custo, mesmo que morresse tentando.

Meu jovem amigo abriu sua jaula e a minha com a faca clandestina e então prosseguiu em abrir as restantes. Como não tinham os pés acorrentados, as crianças puderam movimentar-se silenciosamente. No tempo em que ficamos juntos, elas tinham me dado uma descrição detalhada da casa. Uma delas até sabia de uma passagem secreta que oferecia uma saída dos aposentos do senhor em caso de ataque. Nosso plano era seguir diretamente para o quarto do senhor, matá-lo e aos guardas que surgissem em nosso caminho, e então fugir pela passagem.

Em silêncio, ergui o alçapão para deixar o porão e fiz sinal para que as crianças saíssem primeiro. Elas eram hábeis em encontrar esconderijos. Eu as havia instruído a permanecerem escondidas enquanto eu cuidava dos guardas e, então, elas deveriam me seguir o mais silenciosamente possível. Depois de a última criança desaparecer, eu saí e me dirigi para o quarto do senhor.

Eliminei um dos guardas com um corte na garganta e aparei o corpo antes que caísse no chão. Deixei-o e segui em frente. Quando olhei para trás, vi as crianças escondendo o corpo em um armário e limpando o sangue. Houve um breve confronto em que matei mais dois. Tão rápido quanto o primeiro, os corpos foram levados embora. Logo estávamos no corredor que levava ao quarto do senhor. Na falta de uma maneira de chegar a ele sorrateiramente, eu sabia que teríamos de recorrer ao ataque direto.

Antes que pudesse fazer isso, o corajoso garoto a quem eu chamava de meu capitão disparou para o corredor e ficou ali parado por tempo suficiente para que os guardas o vissem. Eles o chamaram e começaram a persegui-lo. Abati um deles e então enterrei a faca na espinha do segundo quando ele arrastava o menino de volta ao porão. As crianças jogaram os corpos no porão e o trancaram. Agora não havia nada se interpondo entre nós e a porta.

Experimentei a maçaneta, mas a porta estava trancada. Sem fazer barulho, enfiei a faca entre suas duas folhas e ergui o trinco. O quarto estava iluminado por carvões em brasa em uma pequena lareira e, no centro do aposento, havia uma imensa cama. Em uma mesa próxima, acomodada em uma almofada, estava a reluzente pedra da verdade. Indiquei-a ao garoto que agia como meu braço direito e ele assentiu. Então pegou a pedra e a entregou a uma das garotas atrás dele enquanto revirava uma pilha de roupas até encontrar uma camisa, que usou para improvisar uma bolsa, onde a colocou.

O senhor estava esparramado na cama, roncando bem alto. Quando me aproximei, percebi que sua pele agora estava manchada de azul e parecia descascar em muitos lugares. Só quando cheguei perto pude ver um corpinho pressionado contra o dele. Puxei um pouco o cobertor e deparei com Anamika, os olhos lacrimosos e arregalados me fitando. Seu rosto contorceu-se de dor e ela choramingou baixinho. Praguejei em silêncio, sabendo que provavelmente eu parecia apenas mais um homem ameaçador na penumbra do quarto, e recuei com rapidez, para sair de seu campo de visão.

Enquanto eu estava na cama, as crianças encontraram a passagem oculta e agora meu jovem ajudante acenava com o braço, certificando-se de que todos os pequenos prisioneiros escapassem. Erguendo a faca, cravei-a no pescoço do homem que roncava, e ele acordou de repente, gritando como um porco. Mais

que depressa, dei a volta na cama e peguei Ana nos braços. Ela subitamente ganhou vida, debatendo-se e chutando, mas eu tinha pegado também o cobertor e a enrolei nele, prendendo-lhe as pernas e os braços, desejando que houvesse tido mais tempo para ser gentil com ela.

Com um último olhar para o homem agonizante, virei-me e me dirigi para a passagem, seguindo a luz da tocha erguida por uma das crianças. Ana, de repente, parou de lutar. Sua cabeça caiu para um lado, os olhos ainda abertos. Era como se ela tivesse se trancado em um lugar bem distante. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu me debruçava sobre ela e sussurrava:

– Por favor, me perdoe.



Um devorador de homens e um milagre

Seguimos pela passagem sombria por quase uma hora, até finalmente emergir na abertura de uma caverna escondida em uma montanha deserta. As crianças afastaram a vegetação para que eu pudesse passar sem espetar as pernas de Ana nos espinhos. Estreitando os olhos na escuridão, divisei as formas irregulares de muitos animais pontilhando o terreno. Respirei fundo ao ver os camelos.

As crianças me ajudaram a reunir três dos animais e eu os amarrei uns aos outros usando a faixa de minha cintura e as mangas das camisas dos meninos. Depois que as crianças montaram, subi na garupa do camelo dianteiro e acomodei a forma inerte de Ana na minha frente. Partimos para oeste, direção oposta à que eu queria ir, mas que nos afastava mais da cidadela do homem de turbante; achei melhor colocar o máximo possível de distância entre nós e seus mercenários.

Felizmente, apenas alguns dos homens tinham conhecimento da passagem secreta. Tomamos o cuidado de fechá-la atrás de nós e as crianças tinham escondido os corpos dos homens que matamos. Se tivéssemos sorte, ninguém

verificaria o senhor nem nossas jaulas até de manhã, e aí já estaríamos a uma boa distância quando se dessem conta do que tinha acontecido.

No pior dos casos, calculei que teríamos menos de uma hora de vantagem. Minha maior esperança era encontrar um comerciante amigável, que não devesse lealdade ao homem que vendia armas, mas as probabilidades estavam contra nós. Se fôssemos apenas Ana e eu, poderia haver uma chance de escapar. Mas uma dúzia de crianças dependiam de mim. Precisavam de comida e água e de um curandeiro para tratar suas feridas. Meus ferimentos se curavam devagar e estavam infeccionados, e, como arma, eu só podia contar com uma faca. Nossas chances de sobrevivência não pareciam muito boas.

Cruzamos o deserto rápida e silenciosamente por duas horas, o que já foi surpreendente, mas então deparamos com um poço, o que era uma sorte tão rara quanto formidável. As crianças beberam com sofreguidão. Até mesmo deram água aos camelos. Tentei fazer Anamika beber e forcei a concha entre seus lábios, mas ela me deu um tapa e jogou a cabeça para trás e para a frente, como se delirasse. Eu sabia como o deserto ficaria quente e desconfortável depois que o sol nascesse, por isso tentei ao máximo fazê-la beber água, mas só consegui que algumas gotas passassem entre seus lábios.

Acabei por desistir e instruí as crianças a montarem de novo nos camelos. Quando encontramos o poço, esperei que o proprietário trouxesse seus animais para beber água ao amanhecer, mas ninguém veio naquela hora silenciosa. Partimos, mantendo-nos próximos a uma trilha bastante usada onde eu poderia obter ajuda, mas longe o suficiente para não ficarmos expostos.

Somente uma hora após o nascer do sol me lembrei do ovo da Fênix. Chamei o menino que tanto havia me ajudado e ele incitou seu camelo a se aproximar.

– Pode pegar a pedra para mim? – pedi.

Ele a guardara embrulhada em uma camisa que se achava amarrada ao redor de seu corpo miúdo. Era espantoso que o peso dela não o tivesse derrubado. Era um garoto resistente. Sem questionar, desamarrou as mangas da camisa e a entregou a mim.

– Por favor, permita que isso funcione – murmurei. Apertando o ovo entre minhas mãos, espiei em seu interior. – Preciso de sua sabedoria – sussurrei para

a pedra. – Por favor, ajude-me a salvar estas crianças.

De início, nada aconteceu, mas depois a luz dentro da pedra da verdade ganhou um brilho dourado e ela pulsou calorosamente em minhas mãos. O coração da Fênix falou em minha mente. A voz era ao mesmo tempo suave e terrível. Era totalmente irreconhecível e, no entanto, parecia, de algum modo, familiar. Minha cabeça ficou zozza e oscilei, quase caindo do camelo, mas então o horizonte se estabilizou e meu foco retornou à pedra. De súbito, um conceito ficou muito claro.

SEGURO, disse a pedra, e em seguida mostrou-me uma imagem.

Era a estrada que percorríamos, e vi com o olho da mente o caminho que deveríamos seguir e uma grande casa no fim dele. O mapa ficou impresso em minha mente e eu soube aonde deveríamos ir e o que encontraríamos ao chegar. Também soube que a viagem levaria cerca de três dias a camelo.

Confiando na pedra da verdade, enrolei a camisa no pescoço, amarrei as mangas e seguimos em frente. Por volta do meio-dia, o grande peso que pressionava meu peito ficou quente e toquei a pedra. Ela me mostrou uma imagem de homens a cavalo. Foi o tempo exato de levar os camelos para trás de uma grande área de rochas e árvores raquíticas. Desmontando, fizemos os camelos se ajoelharem e as crianças se esconderam atrás deles.

Os homens chegaram perto o bastante para que eu escutasse seus gritos, e temi que encontrassem nossos rastros. Quando, porém, olhei para trás, as pegadas de nossos animais tinham desaparecido. Nem mesmo as minhas apareciam na areia funda, embora eu soubesse que havia sinais de nossa passagem por toda a região. Algo, ou alguém, estava nos protegendo.

Será que Kadam está atrás de nós? Como ele dissera que eu estaria por minha conta, descartei essa possibilidade. Durga não existia neste plano, ou assim ele dissera. Talvez fosse o coração da Fênix que nos protegia. O que ou quem quer que fosse, eu não me queixava. Esperamos ali, escondidos, até bem depois que os homens partiram e em seguida decidi que precisávamos descansar. Meu ombro latejava e minha cabeça doía. Embora estivéssemos todos incomodados com o calor e sofrendo pela exposição ao sol, eu sabia que também ardia em febre.

Dormimos à sombra das árvores esguias e altas por algumas horas e depois seguimos viagem. Eu me virava com frequência para olhar atrás de nós e vi que nossa trilha se dissolvia no deserto poucos segundos após nossa passagem, de modo que nos rastrear seria difícil, se não impossível. Essa era uma reviravolta milagrosa, da qual precisávamos desesperadamente. Mais para o fim da tarde, pus a mão no ovo da Fênix e disse a ele que precisava encontrar comida, água e abrigo para a noite.

Um instante depois, senti no ar o cheiro de lenha queimando e avistei fumaça subindo no céu sem nuvens. Quando perguntei se o fogo representava um lugar seguro para nós, a pulsação do coração dentro da pedra se acelerou.

Guiei as crianças na direção da coluna de fumaça e localizamos uma pequena cabana no meio do nada. Árvores cercavam a casa, criando sombras que a protegiam do sol quente, e cada uma delas estava carregada de pesadas frutas maduras. Observei o pequeno pomar enquanto amarrava os camelos e vi que aquelas árvores normalmente não produziam frutos na mesma estação.

Apesar disso, não questionei nossa boa sorte. Em vez disso, soltei um suspiro de alívio. As crianças, famintas, alheias ao perigo ou à possibilidade de ofender nossos anfitriões, correram para as frutas, servindo-se de tantas quantas podiam. Bati na porta da cabana e esperei. Como ninguém atendeu, abri e entrei.

Uma peça de carne assava em um espeto sobre um fogo crepitante e havia uma pilha de roupas e sapatos macios – em número suficiente para todas as crianças –, até mesmo uma túnica e uma calça do meu tamanho. Um par de grandes botas estava ao lado. Havia também uma bacia enorme cheia de água quente, uma panela repleta até a borda com um mingau espesso e um pote de mel, além de um cesto com pães, ainda fumegantes e inflados do cozimento.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Nunca em minha longa vida eu tinha me sentido tão grato por tão pouco. As crianças entraram correndo com os braços cheios de frutas e se maravilharam diante do presente colocado diante delas. Mandeí que comessem enquanto eu cuidava de Ana. Elas caíram sobre a comida, as mais velhas ajudando as mais novas, sob a orientação de meu jovem capitão.

Anamika ainda não mostrava reação nem ficava em pé sozinha. Amparando-a em meus braços, mergulhei um pano na água quente, espremi o excesso e o pressionei contra suas faces vermelhas e a testa. Soltei os longos cabelos e os afastei de seu rosto, encolhendo-me ao ver os hematomas no pescoço e os lábios inchados e cortados.

Rapidamente, tirei a manta fina que a cobria e lavei seu corpo. A raiva que senti ao ver os vergões, os cortes e o sangue seco em suas pernas me fez tremer. Se ele já não estivesse morto, eu voltaria no tempo e mataria o homem de turbante de novo e de novo e de novo.

A ideia de que ele ousara satisfazer sua luxúria com uma criança inocente rasgava meu coração, e amaldiçoei a mim mesmo e minhas fraquezas mais uma vez. Era minha culpa. Eu nunca, jamais me perdoaria pelo que tinha acontecido a ela e prometi passar o resto da vida tentando compensar meu terrível fracasso.

Quando terminei de limpar Ana, uma das meninas me trouxe algumas roupas e me ajudou a vesti-la. Embora os olhos ainda estivessem abertos, os membros estavam tão inertes como os de uma boneca e ela não reagiu quando passei a túnica por sua cabeça e a baixei sobre o corpo magro. Com cuidado, puxei seu cabelo sobre o ombro e o prendi com um pequeno laço.

– Volte para mim, Ana – falei em tom suave enquanto tocava seu queixo e apertava sua mão. – Seu tigre está aqui.

Não me dei conta de que ela estava chorando até ver uma lágrima cair em seu rosto e escorrer para sua orelha. Ana piscou uma, duas vezes e depois virou a cabeça a fim de olhar para mim. Deixando escapar um leve suspiro, acariciou meu rosto barbado, fechou os olhos e encostou a cabeça em meu ombro. Com delicadeza, puxei-a para meu peito, embalando-a em meus braços e acariciando seus cabelos. Quando vi que tinha adormecido, acomodei-a sobre a manta que as crianças esticaram e depois ajudei as outras a se banharem e se vestirem.

As mais velhas, depois de se lavarem, alegremente tornaram a encher a banheira para mim com água do poço que havia do lado de fora. Elas me viam como uma espécie de general e se esforçavam para me servir de todas as maneiras possíveis. Como pareciam revitalizadas pela refeição farta e as roupas limpas, permiti que me ajudassem e comi enquanto trabalhavam.

Quando a banheira ficou cheia, disse-lhes que era hora de dormir um pouco e que bons soldados aprendiam a pegar no sono rápido quando tinham uma oportunidade. Elas obedeceram de imediato e se acomodaram nas mantas perto de Ana, os pequenos de mãos dadas com os mais velhos. A noite caiu e eu fiquei fitando o fogo crepitante, perdido em pensamentos, fazendo listas mentais do que precisávamos empacotar para levar conosco.

Algum tempo depois, quando todas as crianças já estavam dormindo, tirei por fim as ataduras e as roupas sujas e afundei na banheira de água morna, estremecendo quando ela envolveu todos os cortes e machucados. Mal consegui abafar um grito ao lavar os ferimentos mais graves. Puxar as ataduras que tinham grudado nas feridas as reabriu. Estavam piores do que eu imaginava.

Meus dedos estavam inchados e pálidos; só de pensar em dobrá-los eu já sentia dor. A ferida no ombro pulsava junto com as batidas de meu coração. Fazendo uma concha com a mão boa, lavei o local da melhor maneira que pude, mas quase desmaiei. Fiquei ofegante enquanto o mundo a meu redor girava e me recostei na banheira, tentando controlar a tontura.

Abrindo um pouquinho um dos olhos, cutuquei o ombro de novo e vi pequenas veias vermelhas de infecção espalhando-se a partir da ferida. A pele ao redor parecia um dos mapas de papel de Kadam. Um líquido amarelo escorreu pelo braço. Onde antes havia uma dor vaga, agora a mão e o ombro pareciam estar em chamas. Deixei-me afundar na água e usei a mão boa para alisar para trás meus cabelos desganhados.

Ao recostar na água morna, senti a emoção das últimas semanas me subjugar. Como pude arruinar minha missão daquele jeito? Ana tinha sido raptada e sofrera abuso de um monstro. Eu tinha mais de uma dúzia de crianças dependendo de mim e a chance de salvar todos nós era pequena, sendo otimista. Mesmo que encontrássemos um porto seguro, eu não tinha ideia de como tirar a Anamika adulta de dentro de seu corpo jovem, e ocorreu-me que talvez nem fosse possível regressar a nosso tempo.

Eu precisava de uma grande dose de sorte, mas o abismo entre onde me encontrava agora e a conclusão bem-sucedida da missão parecia tão vasto quanto o cosmos, e eu não tinha meios para transpor esse vão. Meus pensamentos

vagaram e devo ter adormecido. Espirrei água fora da banheira quando acordei, sobressaltado, e vi que o fogo se apagara e meus dedos estavam enrugados.

Saindo da banheira, sequei-me com a camisa velha e peguei a túnica nova que tinha sido deixada para mim. O tecido era macio e confortável e ela coube direitinho. Mais uma vez me perguntei quem seriam nossos misteriosos benfeitores e se algum dia ele se apresentariam. Depois de vestido, sentei-me em frente ao fogo quase extinto, recostei-me na parede e aninhei o ovo da Fênix no colo, na esperança de que ele me concedesse mais sabedoria ou me mostrasse em sonhos o que eu deveria fazer.

Não sonhei com o lugar aonde eu precisava ir nem com o que precisava fazer. Em vez disso, sonhei com Bodha, a Cidade da Luz. Alguém caminhava à minha frente, apesar de eu não poder ver-lhe o rosto. Mas sabia que era uma mulher, porque ouvi sua risada.

– Venha, Sohan – disse ela. – Venha e deixe que as árvores curem você.

Ela me guiou até um grupo de árvores de fogo e uma delas estendeu um dos galhos para tocar meu rosto, depois desceu até meu ombro e tocou o ferimento. Soltei um silvo e dei um passo para trás.

– Não – disse a mulher. – Confie no fogo. Ele vai tirar o veneno do seu organismo.

Quando hesitei, senti que a mão dela pegava a minha, puxando-me para as árvores.

Depois de me achar no meio das árvores e elas baixarem seus galhos, passando-os ao redor de meu corpo, a mulher tentou se afastar.

– Não vá – pedi. – Por favor.

Ela parou por um momento e então se virou para mim. Deslizou os braços, subindo por meu peito, e passou-os ao redor de meu pescoço, pressionando o corpo contra o meu. Abracei-a com força, sustentando seu peso com facilidade quando as árvores nos levantaram no ar. O calor pulsava à minha volta, queimando-me de dentro para fora. Gritei de dor, mas ela acariciou meus cabelos e sussurrou em meu ouvido que logo estaria terminado.

Enterrei o rosto em seu pescoço e respirei seu perfume – jasmim e rosas – e depois molhei seu ombro com lágrimas que secaram em sua pele, que ardia tanto quanto a minha. O calor enfim diminuiu e as árvores nos baixaram devagar

até o chão, mas continuei a segurá-la. Soltá-la seria insuportável. Ela permaneceu comigo e ficamos ali, colados um no outro, ambos encontrando consolo e companheirismo.

Quando finalmente se afastou, tocou meu ombro recém-cicatrizado e sorriu, e eu estava prestes a descobrir quem era ela quando empurrou meu ombro. Meus olhos se abriram e percebi que era de manhã e que meu jovem capitão estava tentando me acordar.

– Estou acordado – falei, quando ele fez menção de me sacudir de novo.

Eu ia lhe dizer que não tocasse naquele ombro quando me dei conta de que não estava doendo.

Puxei a gola da túnica e espiei o local. Estava completamente cicatrizado. Levantei a palma da mão e a virei para ver as costas, depois flexionei os dedos. Eles se dobraram sem dificuldade e os únicos sinais dos ferimentos anteriores eram poucas cicatrizes novas. A pedra da verdade estava perto de minha coxa e pulsava, quente.

– Obrigado – disse-lhe em voz baixa, pousando a mão agora saudável sobre ela.

Virando-me para o menino, eu o instruí a providenciar que todas as crianças comessem e que os camelos recebessem água. Ele imediatamente foi cumprir a tarefa. Enquanto isso, peguei uma manga e um pedaço de pão e fui até Anamika. Ela se sentava encostada na parede, os braços envolvendo as pernas dobradas. Interpretei aquilo como um bom sinal.

Sentei-me a seu lado e entreguei-lhe a comida.

– Você deve estar com fome – sugeri.

Ela limitou-se a me olhar, desconfiada. Tentei usar um tom de voz tranquilizador.

– Você sabia – falei, usando a faca para cortar fatias da manga – que a árvore de onde veio esta fruta dá quatro tipos de manga diferentes? É incrível. Terei de contar a Sunil quando o virmos. Talvez eu leve uma muda para ele.

– Su... Sunil?

A voz dela soava rouca, como se tivesse chorado ou gritado muito. Tentei não me sobressaltar.

Colocando uma fatia de fruta na boca, assenti.

– Está deliciosa – declarei. – É claro, só comi uma delas até agora. As outras podem não estar tão gostosas quanto parecem. Tome, experimente.

Ofereci-lhe uma fátia de manga e ela a pegou, hesitante.

Sem querer intimidá-la, concentrei-me em cortar outra fátia e comer, e me senti recompensado quando ergui os olhos e a vi mordiscar a borda do pedaço, o suco molhando seus dedos.

– Acho que já estou satisfeito – comentei, preparando-me para me levantar. – Aqui, pegue a faca e coma quanto quiser, enquanto peço aos outros que colham mais para nossa viagem.

Entreguei-lhe o restante da manga e a faca. Seus olhos verdes se arregalaram quando apertei a faca em sua mão. A princípio, ela olhou o objeto como se fosse uma cobra, mas depois cerrou os maxilares quando seus dedos seguraram o cabo com força. Ela assentiu com a cabeça e mordeu a manga sem usar a faca.

Voltando as costas para ela, comi um pedaço de pão enquanto as crianças se lavavam e se preparavam para partir. Meu jovem capitão veio lá de fora.

– Encontramos estas bolsas – disse, segurando uma em cada mão. – Estavam empilhadas do lado de fora da porta da cabana.

– Ótimo – sorri. – Encha-as de frutas, pão e carne. Vamos levar tudo.

Ele assentiu e foi cuidar de seu trabalho.

– E umas garrafas vazias ao lado do poço – informou uma garota. – Já enchemos com água.

– Maravilha. Avisem-me quando estiver tudo pronto.

As crianças demoraram menos de dez minutos para reunir tudo. Então dispuseram as bolsas atravessadas no dorso dos camelos e montaram sozinhas, as mais velhas ajeitando as mais novas entre elas. Quando Anamika saiu da cabana, andando devagar em nossa direção, parei ao lado de meu camelo.

– Escolha um animal – sugeri, tentando parecer não me importar com sua escolha.

Eu preferia que ela continuasse comigo, mas não queria forçá-la. Ela se dirigiu para o último camelo, que estava lotado com cinco crianças bem agarradas umas às outras. Então voltou para o meu.

– Posso ir com você? – perguntou.

– Hum... – Esfreguei o queixo, como se estivesse considerando a possibilidade. – Acho que sim. Você ocupa muito espaço? Detestaria ser derrubado.

Seu breve sorriso foi como uma vitória.

– Não muito – respondeu.

– Bem, vamos fazer uma tentativa. – Estendi a mão e ela hesitou, olhando de minha mão para meu rosto antes de finalmente aceitá-la. Depois que nos acomodamos, estalei a língua e o camelo levantou-se, desajeitado, soltando um pequeno grito de protesto.

Prosseguimos, parando ao meio-dia para descansar e comer, e acampamos sob as estrelas naquela noite. No dia seguinte, andamos ainda mais depressa e encontramos um espaço plano perto de uma fonte borbulhante. Tínhamos consumido todo o pão e toda a carne, mas enchemos os cantis com água e havia frutas suficientes para que cada um de nós comesse duas, deixando uma para o café da manhã.

A pedra da verdade indicou que estávamos na trilha certa e que chegaríamos ao lugar seguro na tarde do dia seguinte. Quando nos preparávamos para partir, na manhã seguinte, senti um formigamento na nuca. Os camelos blateraram, nervosos, olhando para uma moita de arbustos. Olhei nessa direção por um longo tempo e depois respirei fundo.

Embora não pudesse ver nada atrás dos arbustos, eu sabia exatamente o que era – um tigre. Um tigre faminto, caso estivesse pensando em atacar nosso grupo. Não era natural para os tigres caçar seres humanos. Predadores de homens eram pouco comuns, a menos que estivessem feridos demais para caçar suas presas habituais.

– Crianças – falei baixinho –, venham para trás de mim. Ana? Vou precisar daquela faca.

Estendi a mão por trás das costas e senti o cabo da faca roçar minha palma. Fechando os dedos sobre ele, dei um passo à frente, erguendo a faca diante de meu corpo. Olhando diretamente para a moita, sabendo que o fato de ser visto enervaria o tigre, eu disse em voz alta:

– Não há nada para você aqui, meu amigo felino. Sugiro que vá andando.

Os arbustos se mexeram e ouvi um rugido gutural e profundo. Uma pata enorme afastou o mato, seguida por uma segunda, e então a cara listrada emergiu, os olhos amarelos fixos em mim. Ele se agachou, a cauda balançando ligeiramente enquanto me estudava. O tigre era imenso e me perguntei se eu parecia tão grande quando assumia minha forma felina. Minha percepção como tigre era diferente e eu nunca olhara de perto meu reflexo antes, exceto em uma poça d'água.

Incerto sobre o que éramos, o tigre começou a andar para a minha esquerda, onde a maioria das crianças estava amontoada.

– Fiquem juntos – avisei. – Se vocês se separarem, ele vai atacar.

Uma das crianças choramingou, mas foi logo silenciada.

– Acho que não, meu amigo – falei, posicionando o corpo de maneira a ficar entre ele e as crianças.

Ele estacou e recuou alguns passos, rosnando. Seu rugido baixo teria me aterrorizado se eu fosse um ser humano normal, mas reconheci a hesitação quando seu rosnado parou. Ele estava inseguro em relação a nós.

Recuou mais um passo e então notei sua pata traseira mutilada. O tigre tinha sido apanhado em uma armadilha e perdera parte da pata. Sua dificuldade de andar era visível.

– Lamento por você, meu velho – falei –, mas não vai encontrar seu café da manhã aqui.

Ficamos nos encarando por longos minutos. O tigre devia estar desesperado, porque não dava mostras de desistir. A pedra da verdade se achava fechada em uma bolsa no dorso do camelo. Com cuidado, deslizei a mão para dentro da bolsa e toquei a pedra, murmurando um pedido de ajuda. A pedra esquentou e em seguida ouvi o som sibilante de cobras, muitas delas. A menos de 1 metro de onde eu estava, uma cabeça marrom triangular ergueu-se de um buraco. Outra deslizou rapidamente por um declive e mais duas juntaram-se a ela.

As crianças começaram a chorar de verdade quando um número cada vez maior de cobras emergiu do solo. Os répteis avançavam como um tapete ondulante, criando uma grande barreira entre nós e o tigre. Devagar, elas rastejavam, aproximando-se mais do imenso animal. Ele franziu o focinho e bufou. Frustrado, começou a andar de um lado para outro, dando um salto

rápido para trás quando diversas cobras esguicharam veneno em sua direção e outras deram o bote, errando por centímetros. Finalmente ele se virou e fugiu, a cauda marcando seu avanço pelo capim.

As cobras continuaram olhando adiante por um momento e depois foram embora deslizando, algumas pelo capim, outras entrando em buracos. Outras apenas rumaram para o deserto e desapareceram. Quando todas haviam ido embora, virei-me para as crianças trêmulas e as abracei com força, segurando em meus braços tantas quantas eu podia.

– Vocês foram todos muito corajosos – afirmei. – Agora vamos. O perigo passou. Montem nos camelos.

Não houve mais incidentes pelo restante de nossa jornada e a gratidão e o alívio que senti quando a casa que aparecera em minha visão surgiu foram imensos. Um casal idoso saiu da casa quando chegamos mais perto e o homem me saudou. Eles deviam estar confusos e surpresos ao verem tantas crianças viajando com um homem sozinho.

Enquanto a mulher levava as crianças exaustas para dentro, a fim de alimentá-las e ajudá-las no banho, expliquei ao marido quem éramos e que, embora apreciássemos sua hospitalidade, ele provavelmente estava colocando sua família em risco ao nos oferecer auxílio. Ele pôs a mão em meu ombro e contou que tinha escutado rumores sobre o homem que eu matara e que ficaria contente em nos ajudar.

Mais tarde naquela noite, soube que os dois viviam sozinhos havia muitos anos e que tinham desejado uma família grande, mas a mulher não pôde ter filhos. Ele concordou em ajudar as crianças a encontrar as respectivas famílias e, para aquelas que não se lembravam mais de onde tinham vindo, ficaria feliz em lhes oferecer um lar.

Contei que tinha sido encarregado de encontrar Anamika e devolvê-la à família e que precisava fazer isso o mais depressa possível. O casal insistiu em que eu ficasse com eles, para descansar após nossa provação. Quando eu quis partir na manhã seguinte, eles prepararam bolsas com suprimentos e até ofereceram um cavalo em troca dos camelos.

O homem me deu de presente uma espada antiga e me orientou a seguir para o sul. Disse-me que as caravanas e os negociantes de camelos costumavam usar

as rotas do norte. Demoraria mais tempo para levar Ana para casa, mas era melhor evitá-los sempre que possível.

Embora lamentassem minha partida, era óbvio que as crianças já tinham se apegado ao casal e se despediram de mim carinhosamente. Anamika não hesitou em juntar-se a mim. O homem lhe dera uma bainha para sua faca e ela usava o cinto de couro com orgulho, de vez em quando descansando a mão sobre o cabo da faca, como querendo se tranquilizar.

Depois de sentá-la no dorso do cavalo e montar atrás dela, partimos pela estrada do sul, a pedra da verdade segura em uma bolsa a nosso lado.



O último presente

Não falamos muito de início. Eu estava feliz em deixar Ana em paz agora que ela estava a salvo. Ela passara por uma provação terrível e eu queria que começasse a se curar tanto mental quanto fisicamente. De tempos em tempos eu parava para descansar o cavalo e dar a Ana a oportunidade de se esticar. Ela estava mais acostumada a cavalgar do que alguém como Kelsey estaria, mas eu queria deixá-la o mais confortável possível.

Quando acampamos, ela recolheu madeira para mim e eu fiz uma cama para ela, usando o cobertor que a mulher nos dera. Comemos em silêncio e amarrei o cavalo em uma árvore que tinha bastante grama embaixo para que ele pastasse. Ao retornar de um riacho com os cantis cheios, vi que Ana havia apoiado a cabeça na sela, enfiado as mãos sob o rosto e adormecido placidamente. Senti um aperto no coração ao notar que dormia da mesma forma descuidada que fazia em casa. Meus olhos arderam. Eu sentia falta dela. Mesmo com sua versão mais jovem a meu lado, descobri que ansiava pela companhia da mulher.

Quando eu era um tigre, vivendo na selva na Índia, ficar sozinho não me chateava. Pelo menos, eu me convencera disso. Vivia tão absorto em meu sofrimento que não me permitia buscar o que eu mais queria. Foi só quando

Kadam veio até mim que percebi como eu queria fazer parte de alguma coisa novamente.

Eu ansiava por uma família. Por um lar. Por me cercar de pessoas que me amassem. Durante muito tempo, pensei que Kelsey seria essa família. De certa forma, acho que ela foi. Mas vê-la com Ren confirmou minhas dúvidas mais profundas. Kelsey não precisava de mim como eu precisava dela. Ela tinha meu irmão. Tinha um lar e uma vida da qual eu não podia mais fazer parte. Pelo menos não da maneira que eu havia esperado.

Sentando-me perto de Anamika, puxei a pedra da verdade para meu colo, olhando para a garota que dependia de mim. Se eu iria salvá-la, tinha de descobrir o que fazer em seguida.

– O que posso oferecer a ela? – murmurei para a pedra. – Como posso tirar minha Ana desta linha do tempo?

A pedra permaneceu fria e escura. Se existia uma resposta, ou ela não sabia ou não podia me ajudar.

Todas as vezes que havíamos feito uma oferenda para a deusa antes, tínhamos um sino e eu assumia a forma de tigre. Não podia fazer isso ali e não havia um sino entre nossas escassas posses. Apesar disso, separei um pedaço de fruta, uma pena que havia encontrado, uma garrafa de água e um carvão morno do fogo. Pensei que, oferecendo algo que representasse cada elemento, cobriria todas as bases. Então me ajoelhei ao lado dela e curvei a cabeça, encostando-a no chão aos pés dela.

– Poderosa Deusa – falei –, eu... eu sinto a sua falta. Por favor, ouça o apelo de Damon, seu tigre, e volte para mim.

Afora uma faísca que se soltou e voou para o céu noturno, nada aconteceu. Tentei outra vez, misturando as palavras, tentando replicar as coisas que eu ouvira Kelsey dizer. De novo, porém, não houve resposta. Até tentei imitar o som vibrante de um sino, cerrando os lábios, mas isso só serviu para eu me sentir um tolo.

Por fim desisti e me deitei, descansando a cabeça nas mãos enquanto olhava as estrelas.

– Me diga o que fazer – murmurei para o céu, mas as estrelas frias não sussurraram de volta.

Na manhã seguinte, Ana espreguiçou-se e me entregou a sela, que cheirava a couro, óleo e, para meu nariz, uma versão esmaecida de seu cheiro natural de jasmim. Quando eu prendia a pedra da verdade na lateral do cavalo, ela perguntou, hesitante:

– Você vai me ensinar a usar a fâca? Quero poder ajudá-lo a lutar se alguém vier atrás de nós.

Fiquei um instante paralisado, as mãos apoiadas na sela.

– Eu... eu posso – disse, pigarreando e ajustando as rédeas sem olhar para ela. – Mas, primeiro, você vai ter de aprender a cuidar dela.

– Posso fazer isso – respondeu ela.

Virando-me, estudei seu rosto e então assenti brevemente com a cabeça.

– Vamos começar nossas aulas quando pararmos para o cavalo descansar no meio do dia.

E assim começou nosso treinamento.

Anamika tinha a mente viva e aprendia com rapidez. Assim que lhe ensinei a encontrar a pedra certa e afiar a fâca em sua superfície, ela imediatamente começou a trabalhar. A cada dez minutos me entregava a arma para que eu a inspecionasse e eu apontava os pontos que deixara escapar. Quando terminou com a fâca, começou a trabalhar na velha espada. Era pesada demais para ela carregar, mas deixei que cuidasse dela assim mesmo.

Queria que ela tivesse a sensação de controle. Ser responsável por minhas armas e cuidar delas foi a primeira lição que Kadam me ensinou, portanto foi por onde comecei. Durante as horas que passava com ela no cavalo, eu falava sobre a filosofia da batalha, dava exemplos de guerras em que lutara e as razões para elas, e falava sobre as muitas ocasiões em que tivera de aprender as coisas da maneira mais difícil.

Quando eu disse que um homem podia afiar o corpo e a mente exatamente como fazia com as armas, ela perguntou:

– Uma mulher também?

– É claro – repliquei. – A mente deve ser regularmente afiada, como uma fâca. Para fazer isso, você deve sempre se desafiar. Não importa que seja mulher. Verifiquei muitas vezes que as mulheres são mais espertas que os homens.

Apenas se lembre de que sua mente é a arma mais poderosa à sua disposição. Uma ideia brilhante pode destruir um exército. Eu vi isso acontecer.

Durante as tardes e as noites, eu a treinava, ensinando-lhe a atacar um inimigo de surpresa e a esquivar-se de ataques físicos de inimigos muito maiores do que ela, e lhe dei enigmas mentais para resolver. Ela era brilhante e resolvia os enigmas de Kadam muito mais rápido do que eu jamais conseguira.

Todas as noites, depois que ela adormecia, eu tentava evocar a deusa novamente. Todas as tentativas fracassavam. O tempo estava se esgotando e eu começava a me desesperar. Por que Kadam não tinha me dito logo o que oferecer? Isso não fazia sentido. Eu havia tentado oferecer-lhe alguns pequenos lagartos e camundongos, mas eles simplesmente fugiam. Encontrei ovos de aves e uma cobra, mas nada do que eu fazia produzia resultado.

Enquanto cavalgávamos, eu parava diversas vezes para coletar coisas interessantes: uma folha bonita, uma pedra perfeitamente redonda, uma flor – nada funcionava. Anamika perguntou o que eu estava fazendo e, quando eu disse que estava tentando ganhar a simpatia de uma deusa, ela começou a me ajudar a procurar itens interessantes. Mesmo com a ajuda da própria deusa, meus esforços continuavam infutíferos. Quando encontramos um mercador solitário, nós lhe demos parte de nossas rações em troca de um pedaço de tecido colorido que me lembrava o Lenço Divino.

Embora o tecido não tenha funcionado, Ana agradeceu o presente assim mesmo. Ela enrolava o tecido nos cabelos ou o usava como véu para se proteger do sol causticante enquanto viajávamos. Pressentindo minha depressão em razão da missão fracassada, ela costumava me pedir que lhe contasse mais histórias do tigre, e eu prontamente aquiescia, deleitando-a com narrativas de nossas aventuras, muitas vezes me descrevendo como herói, embora ela não soubesse.

Ela gostou sobretudo do relato em que o tigre enfrentava um grande urso na neve para salvar a vida de uma linda garota. Talvez eu tivesse exagerado as proporções do urso, mas ela não precisava saber disso. Ela também não perguntou como um tigre pôde carregar uma garota montanha abaixo.

Quando ficávamos em silêncio, eu pensava no que aconteceria se não conseguisse realizar minha tarefa. Pelo menos agora Ana estava em segurança. Ela crescerá com Sunil. Era óbvio que a Ana mais velha amava o irmão. Pelo

menos, dessa vez, ela ficaria com ele. Sunil não a deixaria se ela nunca assumisse o papel de deusa. Quanto a mim, poderia ficar com a família dela. Talvez me aceitassem como empregado. Esfreguei o queixo, com a barba crescida. Eu poderia fazer o que Kadam fazia e treinar seus soldados. Ponderei que podiam nos acontecer coisas piores do que ficar presos no passado dela.

Não era o futuro que eu imaginara para mim e, sim, o mundo teria de sobreviver sem a ajuda da deusa, mas pelo menos Ana estava a caminho de casa, para ficar com pessoas que a amavam. Isso havia se tornado mais importante para mim do que qualquer outra coisa.

As advertências de Kadam ainda me alfinetavam no fundo da mente, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer além do que já estava fazendo. Sabia que meu mentor não podia me pedir mais do que isso, e as ramificações de meu fracasso eram algo que eu havia afastado de minha mente consciente. À medida que os dias passavam, Ana se tornou minha única preocupação. Era nela que eu estava concentrado.

– A escuridão pode proteger você – falei uma noite quando ela colocava um graveto no fogo depois de terminado nosso treinamento. – Lembra-se do tigre que nos atacou?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Os tigres usam a grama e a vegetação rasteira para se esconder. Sua pelagem se mistura ao ambiente. A invisibilidade é a melhor arma que eles têm. Você pode pensar que são os dentes ou as garras. Essas são, de fato, armas poderosas, mas os animais que eles caçam são rápidos. A camuflagem é muito importante para a sobrevivência de um tigre. Use isso em seu benefício.

Ana franziu a testa, confusa.

– Você quer que eu me vista como um tigre, Kishan?

– Não – repliquei.

Eu havia refletido sobre usar um nome diferente com ela, mas concluí que, se estávamos presos no passado, não faria diferença e, se eu de alguma forma conseguisse evocar a deusa, poderíamos tirar as lembranças que Ana teria de mim, exatamente como Anamika havia se apagado de minha mente tantos anos antes. Voltando à pergunta dela, respondi:

– O que quero dizer é que você deve usar sua aparência externa para enganar os outros e levá-los a esperar menos. É como se esconder à vista de todos.

– Não entendo.

Corri a mão pelos cabelos.

– Você é uma mulher... quero dizer, uma garota... linda. Ninguém imaginaria que você também é uma boa lutadora. Tudo que verão é o que está no exterior. Os homens, principalmente, cometem esse erro. Eles baixam a guarda porque não conseguem imaginar que uma mulher vá superá-los. Essa é a hora de você atacar.

Ela assentiu de maneira vivaz e sua expressão tornou-se mais doce e afável. Piscou rapidamente e jogou a trança por sobre o ombro.

– Você diz assim? – perguntou ela, os olhos brilhando à luz do fogo.

Não pude deixar de rir.

– É, isso mesmo. – Estendendo a mão, dei um leve puxão em sua trança. – Ninguém esperaria que alguém tão adorável tivesse uma faca escondida na manga.

O rosto de Ana tornou-se sombrio.

– Quem dera eu tivesse uma faca quando fui levada.

– Eu concordo.

– Mas não teria feito diferença. Eles provavelmente me revistariam e a tomariam.

– É provável.

Ela ficou em silêncio por um momento. Então chamou:

– Kishan?

– Sim?

– Você... você acha que meu pai vai me aceitar de volta?

– Claro que sim – assegurei a ela rapidamente enquanto acrescentava outro pedaço de madeira à fogueira.

– Como é que você sabe?

– Porque ele é um homem bom. Um homem sábio. Aqueles que são sensatos não culpam uma pessoa, especialmente alguém tão jovem quanto você, pelos erros dos outros.

– Mas nenhum homem me tomará como esposa agora.

Abri a boca para dizer que isso não era verdade, mas sabia como era no tempo em que ela vivia. Também sabia que Anamika não havia se casado.

– Você quer se casar? – perguntei.

– Não se ele fizer comigo o que aquele homem fez.

– Um homem que a ame não vai machucá-la dessa forma. – Recostei-me em um tronco, cruzando as pernas na altura dos tornozelos. Ela também se recostou, imitando minha pose. – Meu mentor certa vez me disse que um vilão pode machucar sua mente e seu corpo. Ele pode tomar as coisas que são mais preciosas para você. Mas não pode diminuir quem você é. Seu coração e sua alma pertencem a você, Anamika.

Após uma breve pausa, prossegui:

– Você pode dar seu coração a um homem digno, mas é você quem decide quem vai ser esse homem privilegiado, e, se ele não cuidar do presente que lhe foi dado, você simplesmente o pega de volta. Ninguém... nem um estranho, nem seu pai, e certamente não esse homem que a machucou... pode obrigá-la a entregar essa parte especial de você. O amor é um presente. Quando você escolher se casar, se o fizer, o homem que escolher irá cair a seus pés e adorá-la como a uma deusa.

Ela bufou e levou a mão à boca para reprimir a risada.

– Não vai, não – disse Ana, rindo.

Sorri.

– Eu lhe garanto que estou falando a mais absoluta verdade. Quando um homem ama de verdade uma mulher, ele cuida dela todos os dias de sua vida e sacrifica qualquer coisa pela felicidade dela.

Ficamos fitando o fogo e peguei a pedra da verdade, embalando-a nas mãos.

– É como aquela história que você contou para a gente sobre o tigre – disse ela. – Ele amava tanto a garota que abriu mão de tudo para ficar com ela. Desafiou até mesmo os deuses para isso. Foi assim que ele conseguiu as asas.

– É – falei, com o canto da boca levantado de forma provocadora. – Às vezes até mesmo um tigre pode encontrar o amor.

– Posso... posso ir com você se meu pai não me receber de volta?

– Ah, Ana – murmurei suavemente e deixei escapar um suspiro. – Pode. Se isso tranquiliza sua mente, prometo ficar com você pelo tempo que precisar de

mim.

– Obrigada – retrucou ela.

Naquela noite, tentei evocar outra vez minha versão de Ana e uma brisa soprou, levando embora minha pena de pavão. Respirei fundo e estudei o céu. Uma tempestade se aproximava. Mesmo sem meu nariz de tigre, eu podia sentir o cheiro da chuva. Em menos de três horas, ela caiu. Quis deixar Ana dormir o máximo possível, mas quando pesadas gotas de chuva caíram sobre o fogo, fazendo-o chiar, e salpicaram as pedras à nossa volta, trazendo com elas um cheiro doce e úmido, eu a acordei.

Não sabia o que encontraríamos à frente, mas lembrei que tínhamos passado por uma área com um afloramento de rochas algumas horas antes. Colocando-a na minha frente na sela, disse-lhe que tentasse dormir enquanto eu voltava até aquele abrigo. Os rastros que tínhamos deixado antes desapareceram rapidamente na chuva. Eu a protegi da água da melhor maneira possível, mas a tempestade, fustigada pelo vento, nos açoitava de forma tão violenta quanto um martelo batendo em uma bigorna.

Logo nossa roupa ficou encharcada e a chuva escorria por meu pescoço e pingava da ponta do nariz. Também fazia frio. O vento cortante gritava, estridente, ao passar velozmente por nós. Depois da terceira hora nas costas do cavalo, eu soube que tínhamos perdido o afloramento de rochas que eu estava procurando. Pus a mão sobre a pedra da verdade e pedi orientação ou sabedoria, e, como se pressentisse nosso desespero, ela me mostrou um caminho à esquerda. Eu o peguei e logo chegamos a uma caverna.

Entrei no abrigo, torcendo para que não houvesse um tigre ou outro predador qualquer escondido nos recessos escuros, e vi que estava vazio. Voltando a Ana, envolvi seu corpo trêmulo com os braços. Ela estava inclinada sobre o cavalo, na tentativa de proteger o rosto da chuva.

– Venha – chamei, elevando a voz acima do ruído do vento. – Vamos esperar aqui dentro a tempestade passar.

Depois que a deixei em segurança no interior da caverna, tirei a sela e nossas bolsas e amarrei o cavalo a uma árvore próxima. Mal havia espaço para duas pessoas, quanto mais para um cavalo, e, embora ele relinchasse em protesto, eu sabia que estaria seguro do lado de fora. Espremi minhas roupas, eliminando o

máximo de água possível, tirei a camisa e a pendurei em uma pedra. Só havia dois pedaços de madeira secos dentro da caverna, então acendi uma fogueira minúscula e nos sentamos diante dela para nos secarmos da melhor forma possível.

Ana estremeceu; o calor vindo da fogueirinha não era suficiente nem para cozinhar um marshmallow, muito menos para aquecer uma garota com frio. Um relâmpago caiu lá fora e o cavalo relinchou alto. Ouvi o rugido da água e prendi a respiração quando pensei no solo antes ressecado. *Será possível que viemos parar em uma zona de inundações rápida?*

A tempestade era violenta. Enquanto Ana dormia, os braços finos envolvendo o próprio corpo, eu fitava o céu turvo. Não tentei invocar a deusa naquela noite. O fogo se consumiu rapidamente e, sem lenha seca para alimentá-lo, ergui Ana em meus braços e me sentei, as costas pressionadas contra a pedra, com ela aninhada em meu peito. Ela não acordou, o que provavelmente foi melhor. Não queria assustá-la ainda mais depois do que ela passara.

Se eu ainda tivesse a habilidade de me transformar em tigre, poderia facilmente tê-la mantido aquecida, mas meu corpo humano tremia de frio. Ainda assim, mantê-la perto de mim era o melhor que podia fazer. Caí em um sono agitado e acordei, atordoado, com o canto de um pássaro lá fora.

A aurora cinzenta ainda estava nublada e chuvosa, mas pelo menos o vento havia passado. A chuva fina caía em um ritmo monótono, embora ainda desconfortável sobre o cavalo. Foi só quando voltei a atenção para o calor em meu peito que percebi que algo estava errado.

— Ana?

Sacudi-a de leve, mas, quando ela abriu os olhos, eles estavam sem foco. Ela rapidamente tornou a fechá-los, gemeu baixinho e tentou falar, mas sua voz saía engrolada. Eu não conseguia entender o que ela dizia. Cutucando-a com mais energia e não obtendo resposta, tomei seu rosto entre as mãos e senti o calor intenso da febre.

Agora desesperado, eu a pousei com cuidado no chão e vasculhei nossas bolsas em busca de um frasco de água. Levei-o aos lábios dela, mas as gotas escorreram por seu pescoço e molharam ainda mais a blusa úmida.

– Ana – chamei novamente, dessa vez de forma mais enérgica. – Ana, qual é o problema?

Era uma pergunta estúpida. O que não estava errado em sua situação? Ela fora levada de casa à força, privada de alimentos, abusada, e eu fora negligente o bastante para nos deixar apanhar em uma forte tempestade sem abrigo. O que deveria me surpreender era que ela tivesse se saído tão bem até aqui. Eu havia sido descuidado e perdido o suco de fruta do fogo. Kadam me dissera para ser cuidadoso com ele, mas eu lhe dera ouvidos? Claro que não.

Então lembrei-me da pedra da verdade. Ela havia de alguma forma me curado. Ou pelo menos eu achava que sim. Tinha toda a certeza de que não havia ido de verdade à floresta de fogo em meu sonho. Eu a tirei da bolsa e coloquei a mão de Ana sobre ela.

– Você pode curá-la, por favor? – pedi. – Ela precisa de você.

O ovo da Fênix permaneceu escuro, embora a leve pulsação em seu interior tremulasse. Esperei um minuto e mais outro. Nada estava acontecendo, até onde eu podia ver. Esfregando minha mão sobre a superfície lisa da pedra, eu disse:

– Se não pode curá-la, então me dê sabedoria. Diga-me o que fazer.

Enquanto esperava uma resposta ou uma visão, eu alisava os cabelos de Ana, afastando-os de seu rosto. Os cílios escuros pareciam pequenas luas crescentes em suas faces. A pele queimava com a febre e não havia nada que eu pudesse fazer para baixá-la. Eu não tinha qualquer dos remédios de Kelsey. O único objeto mágico que possuía era a pedra da verdade e, embora ela bruxuleasse, não estava ajudando. Eu não queria arriscar sair do lado dela para buscar ervas e plantas que poderiam ajudar com a febre e, de qualquer forma, duvidava que encontraria o que precisava.

Pegando o pedaço de tecido que lhe dera, lavei seu rosto e sentei-me ao lado dela. Enquanto pressionava o tecido molhado em seu pescoço e nos braços, falava com ela. Quando ela gemia ou se debatia, eu a segurava junto de mim, tentando acalmá-la, e, quando ela ficava imóvel, sua respiração tomando-se cada vez mais rasa, eu massageava suas mãos e implorava que melhorasse.

Tentei mantê-la hidratada e amaldiçoei o fato de não termos um hospital moderno para onde pudesse levá-la. Talvez ela tivesse sido picada por um mosquito portador de alguma doença. Talvez sua enfermidade fosse resultado da

tempestade ou alguma sequela do abuso que sofrera. O que quer que fosse, estava devastando seu jovem corpo. Ela estava morrendo e não havia nada que eu pudesse fazer exceto assistir.

Um dia se passou, e então um segundo e um terceiro. Pressentindo que sua força se esvaía a cada hora, espremi o suco das últimas frutas e a encorajei a beber. Insistindo até conseguir atear fogo à madeira úmida, preparei um caldo com a carne-seca, mas ela não conseguiu mantê-lo no estômago.

Eu conservava a pedra da verdade perto dela e falava com o objeto com frequência, persuadindo, implorando, ameaçando e amaldiçoando. Desesperado, pus as mãos de Ana sobre a pedra de forma que esta ficasse apoiada sobre seu peito, como se fosse uma boneca sendo abraçada, e gritei:

– Ela é sua, Ana. Pegue-a! Deixe o poder dela tomar conta de você. Sare. Por favor.

As mãos flácidas dela caíram de lado, então eu as peguei e as cobri com as minhas.

– A Fênix queimou Kelsey – murmurei –, mas a trouxe de volta. Faça o mesmo por Ana – implorei à pedra. – Você precisa. O coração dela é merecedor.

O coração flamejante dentro da pedra permaneceu mudo. Mantive os olhos fixos nela por horas, polindo-a, esperando que a magia ali dentro agisse. Depois, para manter as mãos e a mente ocupadas, penteei os cabelos de Ana, trancei-os e tornei a amarrá-los. Conte-i-lhe história após história em voz animada, torcendo para que isso a despertasse. Na quarta manhã, eu soube que ela estava chegando ao fim. Havia tanto que eu não tinha dito a ela, tanto que guardara para mim.

Então falei tudo – desculpando-me por meu orgulho, minha arrogância e minha atitude rude quando fora deixado para trás. Esfregando meu polegar sobre os dedos dela, contei-lhe tudo sobre os sonhos e as esperanças a que eu havia renunciado. Falando das batalhas que lutamos juntos, sussurrei palavras de admiração e respeito e disse que ela era a criatura mais impressionante que eu já havia contemplado.

Quando sua respiração rasa tornou-se mais intercalada, segurei sua mão junto a meu rosto e chorei com todo o sentimento que meu coração mais jovem nutria por ela. Então beijei cada um de seus dedos e solucei pelas experiências

que eu jamais teria com ela. Sem Ana, não restava nada para mim. Eu falhara com ela. Falhara com o mundo inteiro.

– O que vou fazer sem você? – sussurrei.

Quando ela soltou seu último suspiro, o pequeno tórax subindo e descendo pela última vez, alguma coisa em mim se partiu. Tinha acabado. Eu havia fracassado. A deusa jamais existiria. Nunca salvaria ninguém. Ren e Kelsey nunca se conheceriam. Tudo e todos que eu conhecia haviam desaparecido. Eu estava sozinho.

Terrivelmente. Absolutamente. Só.

Levando a mão ao pescoço, puxei o Amuleto de Damon com força suficiente para arrebentar a tira de couro e esfreguei o polegar sobre o tigre. Gentilmente, coloquei-o sobre o peito de Ana e cruzei suas pequenas mãos sobre ele, de modo que o medalhão parecia espreitar entre seus dedos.

Emocionalmente esgotado, corri a mão sobre meus olhos ainda úmidos e pelos cabelos. Eu teria de enterrá-la. Embora soubesse que precisava fazer alguma coisa, meu corpo não se movia. Como poderia colocá-la no chão? Cobrir um rosto tão lindo com cascalho e terra?

Escondendo o rosto nas mãos, entreguei-me aos soluços, e a profundidade de minha dor era tamanha que de início não ouvi os estalidos. Quando finalmente registrei o som, ergui os olhos e limpei as lágrimas para poder ver. A pedra da verdade estava tremendo, caída ao lado do corpo de Ana. Uma rachadura longa e irregular surgiu no meio do ovo e então outra fissura se espalhou pela lateral.

Ele estava eclodindo. *Como era possível?* A Fênix tinha dito que o ovo não era mais viável depois de sair do reino do fogo.

Um pedaço da pedra esfacelou-se e caiu, e uma língua disparou do interior do ovo. Fiquei ali, imobilizado. Seria aquela a língua da Fênix? Eu não conseguia me lembrar. Parecia mais a língua de um dragão do que do pássaro de fogo. Inclinando-me a fim de chegar mais perto, espiei dentro dele, mas não dava para ver nada exceto o brilho externo da pedra preciosa. Então uma cabeça surgiu.

Era dourada, com minúsculos olhos de um tom de verde exatamente igual ao dos olhos de Ana. A cabeça desapareceu de volta no interior da pedra e eu disse:

– É seguro aqui. Se quiser sair, não vou machucar você.

A língua voltou a se projetar da pedra e então a criatura emergiu. Rapidamente deslizou e enrolou o corpo em um círculo ao lado do ovo. Ergueu a cabeça e oscilou no ar, dilatando o pescoço. Era uma naja. Recém-nascida. A largura de seu corpo era igual à do meu dedo mínimo e seu comprimento era de apenas uns 25 centímetros.

– Olhe só você – falei com um arquejo incrédulo. – Parece Fanindra.

Talvez eu devesse ter medo dela, mas não tive. Havia perdido tudo, e se morrer da picada de uma cobra mágica era meu destino, eu não ligava. Estendi um dedo e a minúscula cobra enroscou-se nele. Acariciei-lhe a barriga branca e ela disparou a língua e a encostou em minha unha. A língua era branca, o que era raro em najas. Franzindo a testa, virei o dedo para estudar a parte posterior do capuz. Os padrões das escamas eram mais claros que os de Fanindra, mas pareciam idênticos.

– Você é parente de Fanindra? – perguntei em voz alta, tentando entender como uma cobra bebê fora parar no ovo da Fênix. O sorriso tolo desapareceu rapidamente quando me lembrei de Anamika; enxuguei uma lágrima.

A serpente, é claro, não respondeu.

Segurando-a de maneira delicada, expliquei:

– Fanindra foi uma cobra dourada e gloriosa. Pertencia à deusa Durga. – Ela inclinou a cabeça pequenina para o corpo a meu lado. – Se minha Ana ainda estivesse viva, você também pertenceria a ela, suponho.

Esticando o corpo sinuoso, ela passou para o braço de Ana e deslizou até suas mãos. A cobra bebê projetou a língua para fora e então aproximou-se da cabeça de Ana. Ergueu-se o mais alto que seu corpinho permitia e espiou o rosto da garota. Então abriu a boca e deu o bote, as pequenas presas enterrando-se no pescoço de Anamika.



O quinto sacrifício

Honestamente, eu não sabia o que fazer. A cobra estava presa ao pescoço de Ana como uma longa sanguessuga. Seu corpo ondulava à medida que injetava o veneno dourado no pescoço pálido. Um fio escorreu lentamente e cintilou à luz do fogo.

– Vá em frente – sussurrei para a criatura recém-nascida. – Por favor, salve-a, se puder.

Por fim, a cobra desprendeu-se, deslizou pelo ombro e desapareceu sob os cabelos da garota morta. Fiquei lá sentado, boquiaberto, sem saber o que fazer.

Fechando a boca, inclinei-me para a frente.

– Aonde você foi, cobrinha? – perguntei, levantando, hesitante, a trança de Ana para olhar debaixo dela. Encontrei a minúscula serpente enroscada em um círculo no espaço entre o pescoço de Ana e o chão. Sua cabeça descansava na última volta do corpo, os olhos de esmeralda reluzindo no esconderijo escuro. Soltei a trança, deixando a cobra em paz, e encolhi os joelhos, abraçando-os. Fiquei sentado ali por muito tempo, a testa pressionada contra os joelhos, sentindo-me anestesiado.

O sol subira no céu, já passando do meio-dia, e eu sabia que não podia mais postergar. Não sabia o que estava esperando. Suponho que um milagre. O

veneno dourado parecia a mesma substância que salvara Kelsey mais de uma vez. Essa nova cobra, porém, por mais que parecesse Fanindra, não era ela, e Anamika tinha partido. Seria apenas ilusão esperar que uma serpente mágica, nascida do ovo da Fênix, a trouxesse de volta?

Saí da caverna e passei o restante da tarde cavando um túmulo. Se o Amuleto de Damon funcionasse, eu poderia ter executado a tarefa em alguns segundos, apenas com a mente, mas trabalhar dessa maneira, de alguma forma, era bom e parecia certo. Era o último ato de culto que eu podia prestar à deusa a quem servia. O suor fazia a túnica colar nas costas e nos braços enquanto eu trabalhava, então finalmente a tirei e joguei sobre uma pedra.

Se eu tivesse as ferramentas apropriadas, a tarefa teria sido muito mais fácil. Em vez disso, cavei o lugar do descanso final de Ana usando grandes galhos que cravavam farpas em minhas mãos. Eu acolhia a dor de bom grado. O suor que me escorria entre as escápulas brilhava no peito e pingava do rosto, misturando-se com as lágrimas que escorriam sem cessar.

Na metade do trabalho, pensei em queimar seu corpo, mas a ideia de que ela então deixaria totalmente de existir, suas cinzas elevando-se para o céu noturno, muito além de meu alcance, doía mais do que eu pensava ser possível. A própria ideia de que ela não teria um lugar de descanso final era inaceitável para mim. Era um imenso peso em meu peito que me fazia afundar no negrume de um piche de emoções.

Enquanto eu trabalhava noite adentro, meus membros tremendo de exaustão, as mãos em carne viva, o desalento em minha alma permeava todo o corpo. Vindo à superfície, poluía meus pensamentos e voltava minha mente para a vingança. Eu culpava um homem pela morte de Ana, por sua dor, e o mínimo que poderia fazer era me certificar de sua morte.

Se, por alguma razão, ele houvesse sobrevivido, e uma parte de mim esperava que isso tivesse acontecido, então eu tentaria matá-lo outra vez. Eu mataria todos eles. Minha ira seria brilhante e feroz. Inflamá-la seria tão fácil quanto riscar um fósforo.

Com a tarefa finalmente cumprida, joguei água no rosto e no torso e corri as mãos pelos cabelos, que pingavam. A poeira cobria meu rosto e eu tive de lavar e cuspir várias vezes para livrar a boca da sujeira. Quando me vi suficientemente

limpo, entrei na caverna. Com cuidado, ajeitei o cobertor em torno do corpinho de Ana e a ergui nos braços. Depois de depositar um beijo suave em sua testa, ajoelhei-me para colocá-la no túmulo. Foi quando senti um sopro em meu pescoço. Franzindo a testa, olhei com atenção o rosto dela, então apoiei seu corpo em um braço e pus a palma da mão perto de sua boca. Pela segunda vez, senti uma leve respiração.

– Ana? – chamei, a voz grossa de esperança. – Anamika?

Ela não se moveu nem piscou, mas, quando examinei o pescoço, onde a cobra havia picado, vi dois minúsculos fúrinhos. Milagrosamente, a pele estava se regenerando. Colocando-a no chão, pus a palma da mão em seu peito. Senti um batimento. Prendi a respiração para ter certeza. Um longo momento se passou e então senti um segundo batimento. Ela estava viva! Ri e chorei outra vez, então dei um pulo para trás quando algo tocou meu braço. A pequena cobra devia ter ficado presa no cobertor de Ana.

Com delicadeza, tirei a serpente, que, de imediato, se retorceu entre meus dedos e levantou a cabeça, olhando para mim.

– Você é um amuleto que me trouxe uma boa sorte que eu não esperava – afirmei. – Nunca vou conseguir agradecer o suficiente a você.

Coloquei-a em uma pedra próxima e ela se enroscou, os olhos fixos em Ana.

Minha empolgação por saber que Ana ainda estava viva foi rapidamente substituída por um intenso desejo de salvá-la. Era claro que havia algo de muito errado com a garota e que estava além de meu poder resolver isso. Eu precisava levá-la para casa. Tive um sono intermitente naquela noite, acordando com frequência para me certificar de que ela ainda estava respirando.

Na manhã seguinte, reuni todos os nossos pertences e enrolei Ana no cobertor. A cobra havia deslizado para minha bolsa e fiquei feliz em deixá-la ali. Quando tudo que restava na caverna eram os fragmentos da pedra da verdade, peguei um dos pedaços maiores e o examinei.

– Eu vou salvá-la – garanti, e, para minha surpresa, a pedra reluziu. Durante a doença de Ana, nem uma só vez a pedra havia me respondido.

Aproveitando-me de seu poder renovado, enchi-a de perguntas e declarações.

– Vou levá-la para casa – declarei, e a pedra respondeu afirmativamente. – Ela não vai morrer aqui. – Mais uma vez, ela cintilou. Uma energia renovada corria

em meu corpo. Sem demora, recolhi todos os pedaços da pedra e os coloquei em um dos alforjes, ficando com um pequeno pedaço e enfiando-o no bolso da túnica. Então enchi nossos cantis com água, amarrei-os à sela e peguei Anamika.

Tendo ficado amarrado tanto tempo, o cavalo, inquieto, estava ávido para se pôr em movimento. Eu decididamente também queria partir. Isso iria funcionar. Eu iria salvá-la e, de alguma forma, invocar minha Anamika e consertar tudo. Com a jovem Ana aninhada em meus braços, parti pela estrada mais uma vez, usando um pequeno pedaço da pedra da verdade como guia.

Duas semanas se passaram antes que finalmente chegássemos à casa do pai dela. Quando me aproximei do portão, cavaleiros armados vieram a meu encontro. Eu devia estar parecendo um vagabundo, sujo como estava, sem fazer a barba havia mais de um mês. Ficara sem suprimentos na semana anterior e conseguira caçar e cozinhar um coelho, mas não fora suficiente.

Tínhamos bastante água, mas eu estava faminto e Ana ficava cada vez mais magra. A água que eu forçava por sua boca escorria pelos lados do rosto. Eu estava certo de que uma parte chegava a seu estômago, mas sabia que era apenas uma questão de tempo para que ela morresse de desidratação.

Ela ainda dormia como se estivesse à beira da morte, mas seu pulso era estável, e a respiração, regular. Eu não compreendia o que havia causado seu sono profundo, mas me sentia grato por ele. Uma coisa era certa: Anamika havia morrido e agora, de alguma forma, estava viva. E vida significava esperança. Ninguém jamais se sentiu mais feliz do que eu ao deixar aquela cova rasa para trás, e torci para que não houvesse razão para abrir outra. Pelo menos, não por muito, muito tempo.

Exausto, permiti que os homens nos levassem, mas me recusei a entregar Anamika. Quando seu pai veio cavalgando até nós, em uma comoção de cascos e crinas, puxou as rédeas com força ao se aproximar e correu até mim. Afastei o cobertor que cobria o rosto de Ana. As lágrimas em seus olhos se derramaram e ele estendeu os braços para receber a filha. Hesitando somente por um momento, eu a entreguei com todo o cuidado e ele esporeou o cavalo, lutando para equilibrar seu fardo, voltando em disparada para a casa. Eu o segui.

A mãe de Ana veio correndo em nossa direção, agitando os braços, aos prantos. Os dois, meio desajeitados, conseguiram pôr a filha no chão e o pai gritou que um médico fosse chamado. Dois homens imediatamente partiram a cavalo. Minha montaria parou, mas meu corpo continuou a se mover. A próxima coisa de que lembro é que o mundo se inclinou e desabei com força no chão antes que tudo ficasse escuro.

Quando acordei, era noite e reconheci o quarto de hóspedes em que ficara antes. Alguém estava sentado na cadeira ao lado.

- Está acordado? – perguntou um garoto.
- Sunil? – Minha voz era áspera e rouca.
- Você a encontrou – disse ele.
- Sim.

Mudando de posição na cama para me sentar, pus a cabeça latejante nas mãos.

Sunil saiu em disparada e levei um momento para fortalecer minha determinação. Semanas nas costas de um cavalo haviam deixado todo o corpo rígido. Antes que conseguisse me levantar, a mãe de Sunil entrou no quarto. Gritou ordens para o filho, que a seguiu e saiu correndo para cumpri-las. Ela sentou-se na cadeira dele. Levando um copo a meus lábios, ordenou:

- Beba.

Bebi, hesitante a princípio, e então pus a mão sobre a dela e a virei, bebendo a água fresca e doce em grandes goles até acabar.

– Ótimo – disse ela. – Agora você vai comer. – Virou-se para o vão da porta vazio. – Sunil? A sopa. Depressa!

Sunil entrou correndo no quarto em um emaranhado desengonçado de braços e pernas adolescentes e entregou à mãe uma tigela de sopa.

– Consegue comer sozinho? – perguntou ela. – Sunil pode ajudá-lo, se precisar.

Os olhos do garoto se arregalaram e ele engoliu em seco, mas assentiu quando olhei para ele com o canto da boca levantado.

– Posso comer sozinho – respondi. – Como está Ana? – Rapidamente me corrigi: – Anamika, quero dizer.

– Sua mente ainda está dormindo – disse a mãe. – Mas consegui alimentá-la um pouco.

– Ótimo.

– Quero lhe agradecer por trazê-la de volta para nós. Tive medo de nunca mais ver minha filha.

– Ela... ela passou por muita coisa – comentei, olhando para Sunil.

A mãe olhou para o filho, depois para mim. Após um instante, ela assentiu rigidamente.

– Coma. Enquanto come, Sunil vai lhe trazer água para o banho e roupas limpas. Cuide disso, filho – instruiu, deixando o quarto.

– Sim, mãe – guinchou Sunil com sua voz instável.

Ele estremeceu com as dores do crescimento, esfregou os olhos para espantar o sono e começou a trazer baldes de água quente, despejando-os em uma pequena banheira de metal, cujo tamanho era suficiente apenas para que eu me sentasse. Saboreei a sopa deliciosa, aromatizada com ervas, cheia de pedaços de carne e de vegetais, e tirei a camisa suja.

Sunil ficou para esfregar minhas costas, embora eu tenha lhe dito que não era necessário. Ele insistiu, dizendo que era o mínimo que podia fazer depois de eu salvar sua irmã. Quando terminei de ensaboar o cabelo e o corpo, ele jogou um balde de água fria em minha cabeça e me entregou uma toalha fina para me secar.

– Obrigado – agradei enquanto enrolava a toalha em torno dos quadris. – Sua mãe mencionou alguma coisa sobre roupas?

Ele saiu correndo novamente e logo voltou com uma túnica fina e uma confortável calça de pijama. Vesti a roupa, amarrando a calça apertada na cintura para que se mantivesse no lugar. Ele também me deu um par de sandálias e um pente. Assim que fiquei apresentável, quis ver Ana, mas era tarde da noite e ouvi o zumbido cadenciado de uma mulher falando baixinho vindo de seu quarto. Então segui Sunil até o andar de baixo, onde o ruído grave de vozes masculinas chamou minha atenção.

Tão logo os homens me viram, suas vozes silenciaram. O pai de Ana fez sinal para que eu me sentasse e, assim que me sentei, não perdeu tempo.

– Conte para nós – disse, simplesmente.

Puxei minha barba curta, me perguntando quanto deveria lhe contar. Quando pensei no que eu queria saber se fosse minha filha que tivesse sido raptada, minha decisão foi tomada.

– Ela foi vendida como escrava – contei. – Não creio que tenha sido em retaliação ao senhor ou a sua família. Ninguém falou disso no complexo e os mercadores que a levaram não pareciam se importar com sua origem.

O pai de Anamika engoliu em seco. Sua boca tornou-se uma linha implacável e seus olhos brilhavam.

– Então quem é o responsável por isso? – perguntou.

– Não tenho certeza – respondi. – Talvez um mercador ao passar tenha visto sua beleza e soube que ela renderia um bom preço. Mas também é inteiramente possível que alguém quisesse atingir sua família com uma vingança pessoal e tenha sugerido que ela fosse levada. Não sei o que aconteceu de fato, mas prometo que vou descobrir.

– Houve um mercador – disse ele devagar. – O homem mostrou interesse por Ana e perguntou se ela já estava prometida. Eu não gostei da maneira como os olhos dele se demoravam em minha filha e o mandei embora. Talvez seja essa a razão.

– Lembra-se do nome dele?

– Não. – Ele sacudiu a cabeça. – O incidente aconteceu rápido demais e eu o expulsei de minhas terras antes de saber mais sobre ele.

– Então, quando eu estiver recuperado, vou fazer o que puder para descobrir quem ele é e onde se encontra.

– Você já fez muito. Estamos em dívida com você, estranho. Por favor, considere nossa casa sua pelo tempo que desejar, mas, como pai dela, insisto em tomar conta, eu mesmo, desse assunto daqui em diante, como é meu direito.

Nesse momento, a mãe de Ana entrou na sala.

– Se este jovem deseja ficar e ajudá-lo a encontrar a pessoa responsável, então ele fica.

– Vamos falar sobre isso depois – retrucou o marido.

– Eu disse o que tinha a dizer, o que significa que não temos mais nada a falar sobre o assunto. O mínimo que você poderia fazer é não chamá-lo de

estranho.

– Por acaso ele me disse seu nome para que eu pudesse usá-lo?

O homem se pôs de pé e encarou a mulher, a frustração estampada em seu rosto. Pressenti que essa contenda era algo comum entre eles. Lembrei-me de Anamika. Ela herdara o lado questionador da mãe. Recostei-me e fiquei ouvindo a discussão com um sorriso no rosto.

– Meu nome é Kishan – informei. – Kishan Rajaram.

– Está vendo? – disse a mulher, sacudindo um dedo em minha direção e depois na direção do marido. – Você deveria agradecer-lhe adequadamente e usar seu nome, agora que sabe. Na verdade, deveria estar cobrindo-o de ouro e ajoelhando-se aos pés dele.

– Ele não precisa fazer isso – comecei, mas fui rapidamente cortado pelo pai de Ana:

– Vou agradecer a quem eu tiver de agradecer e vou usar nomes quando achar adequado usá-los. Não me diga como conduzir questões entre homens. – Seu pescoço ficara vermelho. – Se eu quiser me ajoelhar e me humilhar, farei isso. Se quiser lhe dar ouro, também farei isso. Mas você não decide o que eu faço!

– Ora – disse ela e virou as costas para o marido no intuito de se retirar, mas parou junto à porta. – Não podemos dispensar um homem assim tão facilmente. Ele trouxe de volta nossa Mika. Isso não significa nada para você?

O rosto do homem passou do amargo ao terno em questão de segundos.

– É claro que sim. Significa tudo tê-la de volta. – Depois de dizer isso, ele perguntou: – Alguma mudança?

Os ombros da mulher se curvaram.

– Ainda não. É como se ela estivesse esperando alguma coisa, mas não sei o que poderia ser.

O pai de Anamika aproximou-se da mulher e tocou-lhe o ombro. Ela apoiou-se nele e os braços dele a envolveram. Peguei a pedra da verdade e a esfreguei entre os dedos, um hábito que adquirira durante a viagem, e levei um susto ao ver uma aura suave ao redor dos pais de Ana, que se iluminou enquanto eles falavam baixinho um como o outro.

Lembrei então que a Fênix dissera que a pedra da verdade também me permitiria ver dentro dos corações. Era óbvio para mim que o pai e a mãe de

Anamika se amavam, apesar de suas rixas. Quando ela se afastou, ele beijou-lhe suavemente a fronte e ela saiu. Ele voltou para junto de nós, o pescoço ainda um pouco vermelho, e seus olhos desviaram-se dos meus, como se estivesse constrangido por eu ter ouvido a conversa.

– Minha mulher tem razão – falou. – Eu não lhe agradei suficientemente pelo que fez.

– Estou feliz por tê-la encontrado.

A pedra da verdade ainda estava em minha mão e notei que a luz que cercava o pai de Ana diminuiu um pouco quando ele se separou da mulher, mas ainda estava lá. Curioso, olhei para os outros homens, que presumi fossem parentes ou empregados que haviam ajudado na busca. Examinei cada um deles e descobri que todos eram cercados por graus variados de luz.

Alguns tinham tons de azul ou verde em sua luz – a dos pais de Ana era de um amarelo vivo –, mas havia um homem que não tinha luz alguma. Não havia nada de extraordinário nele. Permanecia quieto, participando pouco da conversa, mas algo nele me parecia ligeiramente anormal. Isso me incomodou e me peguei voltando os olhos para ele diversas vezes.

– Por favor, pode me falar a verdade – disse o pai de Ana.

Voltei minha atenção para ele.

– A verdade sobre o que aconteceu? – perguntei.

– É. Temos nossas suspeitas, mas eu gostaria de ouvir de você.

Assentindo, deixei escapar um leve suspiro e torci para que estivesse certo em relação ao pai de Ana. Será que ele teria vergonha dela depois de saber o que acontecera?

– O senhor confia em todos aqui? – perguntei-lhe. – É um assunto delicado.

– Sem sombra de dúvida – replicou.

– Muito bem. – Inclinei-me para a frente, pondo a pedra entre a palma das mãos e movimentando-a devagar para a frente e para trás. – Ana foi levada por uma caravana de mercadores e então foi entregue a outro bando, que vende carne. Quando alcancei o primeiro comboio, consegui obter informações sobre a localização dos outros. Minha intenção era fazer uma permuta pela libertação dela, mas eu mesmo fui feito prisioneiro.

Depois de uma pausa, continuei:

– Uma escrava generosa me advertiu sobre o homem que ela suspeitava que iria comprar Anamika. Quando fui levado a leilão, eu o irritei o suficiente para fazê-lo me comprar também. Levei semanas para conseguir entrar na casa onde ele mantinha Anamika e outras crianças escravas, e ainda mais tempo para planejar a fuga. Assim que escapamos, eu tinha não só Anamika, mas várias outras crianças para cuidar. Deixei-as com um generoso casal de idosos, peguei Anamika e parti. O casal nos deu suprimentos, mas, como podem ver, eles acabaram.

– E as crianças escravas – disse o pai de Ana – trabalhavam na casa?

– Algumas, sim – respondi. – Outras eram mantidas para as afeições abomináveis do senhor. Lamento dizer que Anamika era uma dessas.

Os homens à nossa volta arquejaram e se puseram de pé, ultrajados. O único que permaneceu sentado foi o pai de Anamika. Suas mãos tremiam quando ele fechou os olhos.

– E onde está esse homem agora?

– Presumo que esteja morto, pois eu o apunhalei no pescoço. – Inclinei-me, aproximando-me dele, e pousei a mão em seu ombro. – De verdade, lamento não ter conseguido salvá-la antes que fosse vendida.

– Eu também, Kishan. Eu também.

O pai de Anamika pareceu envelhecer dez anos no espaço de dez minutos. Os homens começaram a falar em vingança e perguntaram se eu poderia guiá-los de volta ao complexo. Eles especulavam sobre qual caravana fora responsável por levar Anamika e falavam sobre muitos outros homens que poderiam angariar para sua causa. O tempo todo o pai de Ana continuou sentado, imóvel e rígido.

– Você pode fazer isso? – perguntou-me.

– Levá-los até lá? – Assenti lentamente. – Posso. Mas existem muitos homens nesse complexo. São soldados treinados e mercenários. Por mais correto e adequado que seja lançar a vingança sobre suas cabeças, vocês precisariam de um exército para derrotá-los. Eles têm mais armas do que já vi em um só lugar. Em minha opinião, seria temerário enfrentá-los em um embate aberto.

A atmosfera havia se tornado tensa e pesada. Eu compreendia como era difícil ficar ali sentado e não fazer nada. Eu me irritava diante dessa ideia também, mas

sabia que a vingança raramente acalmava uma mente perturbada.

Ficamos lá sentados, falando baixinho, por muitas horas. Era como se estivéssemos presos em uma bolha cheia de ar envenenado. Quanto mais os homens falavam no sangue que queriam derramar, mais o veneno nos penetrava, enrijecendo nossos braços e pernas e cegando nossos olhos. Achei interessante que o único homem que não tinha uma aura fosse o mais silencioso em relação à captura de Anamika.

O sol se ergueu e pedi licença ao grupo de homens, perguntando se podia dar uma volta no jardim. O pai de Anamika me acompanhou. Parecia perdido em pensamentos e fiquei feliz com seu silêncio. Quando dobramos em outra aleia, eu o segui e fiquei surpreso ao pararmos diante de um pequeno monumento.

– O que é isto? – perguntei.

– Um cenotáfio para Anamika – disse ele e deu uma breve risada. – A mãe dela ficou muito aborrecida quando mandei construí-lo. – Voltou-se para mim, os olhos lacrimosos injetados de sangue. – Eu desisti dela, está vendo, mas a mãe não. Ela é muito mais forte do que eu. Cheia de fé. – Erguendo a mão, acrescentou: – Mas não lhe conte que eu disse isso. Ela nunca mais ia parar de falar nisso.

Acocorando-me, apanhei algumas flores murchas perto da base do monumento e joguei-as para o lado.

– É um gesto lindo – falei debilmente, sem saber como responder.

– É? – perguntou ele. – Ou é só um monumento à minha fraqueza?

– O senhor acha que é uma fraqueza não defender a honra dela – adivinhei.

– Acho. Você não acharia a mesma coisa?

– Eu acho o mesmo – respondi, solidário. – Ele merecia morrer e acredito que tenha morrido.

– Mas você não tem certeza.

– Não. Era mais importante salvar as crianças do que me certificar da morte dele.

– Temos sorte de um homem como você surgir em nossas vidas.

Eu ia dizer que era eu quem tinha sorte. Conhecer Ana de todas as formas que a conhecia agora era um presente. Ela era especial. Em vez de lhe dizer isso,

o que teria soado bem estranho vindo de uma pessoa que eles mal conheciam, apenas agradei e me virei para voltar para a casa.

Nesse momento, ele fez a pergunta pela qual eu vinha esperando.

– Por quê? – murmurou. – Por que arriscou tanto por nós? Por ela?

Eu sabia que aquela pergunta viria e, por mais que vasculhasse meu cérebro, nada me ocorreu que soasse razoável. Senti seus olhos em minhas costas, querendo que eu respondesse. Quase sem pensar, falei:

– Uma garota que amei foi destruída por um homem assim. Eu não pude evitar sua morte. A dor quase me matou. Não poderia deixar que isso acontecesse de novo. Não quando eu podia salvá-la.

Ele não fez qualquer comentário, então o deixei com suas rumações.

Passaram-se dias e eu não estava nem perto de descobrir como extrair minha Ana de sua versão mais jovem. Oferecia um sacrifício todas as noites – acendendo velas e fazendo oferendas à deusa. A mãe de Ana me dera um pequeno sino e cuidava para que toda a casa me deixasse sozinho quando eu perambulava pelas aleias do jardim.

Quando ela perguntou o que eu estava fazendo, disse-lhe que estava rezando por Ana. Fora ela quem sugerira usar o jardim. Na verdade, sua fé em mim era tão certa que ela começou a me perguntar se eu precisava de alguma coisa a cada noite após o jantar. Ela não hesitou quando pedi velas, penas, pedaços de tecido ou mangas. Uma vez, ela me acompanhou. Murmurei minhas preces em silêncio naquela noite e ela deve ter percebido meu desconforto, porque, depois disso, me deixou sozinho.

Durante o dia, eu me sentava ao lado de Ana. Lia para ela e, quando ficávamos sozinhos, conversava com ela, enquanto ela continuava dormindo, contando-lhe como sentia falta de estar com ela. Anamika parecia saudável. Apesar de não comer e não beber de verdade, seu corpo estava se curando. Eu não sabia se isso se devia à magia da deusa ou à da picada da cobra, mas, de qualquer jeito, era grato.

Tentei juntar os pedaços da pedra da verdade novamente, pensando em refazer o ovo da Fênix, mas eles pareciam não se encaixar. Ergui um dos pedaços

maiores e ocorreu-me que talvez pudesse aparar a ponta afiada, e assim, em uma tarde, peguei minha fâca e comecei a trabalhar na pedra. De início foi preciso algum esforço, mas descobri que, quando posicionava a fâca em um determinado ângulo, a pedra se descamava como madeira. Quando aquela extremidade ficou lisa, comecei a trabalhar do outro lado, pensando em moldar uma bela pedra preciosa que poderia servir como pingente no pescoço de Ana.

Passado um mês, ainda não havia qualquer mudança em Ana. Eu tinha me tornado parte da casa e costumava sair para caçar ou ajudar o pai de Ana, mas fazia questão de me sentar ao lado de sua cama todos os dias e esculpir. A mãe de Ana estranhava esse comportamento, mas o pai lhe disse que me deixasse, que eu curaria minhas feridas ficando perto dela. Ele não sabia quão verdadeiras eram suas palavras.

Terminei um pequeno pedaço da pedra e o transformei em um tigre. Coloquei-o em uma caixinha em meu quarto, perto da cobra. A serpente estava crescendo aos poucos, mas conseguia se esconder sem dificuldade quando alguém entrava no quarto. Eu lhe trazia água e camundongos que encontrava no celeiro, mas ela ignorava os bichinhos, deixando-os fugir. Eu não sabia o que serpentes mágicas comiam. Na verdade, nunca vira Fanindra comer, então talvez elas não precisassem de alimento.

O homem sem aura foi apanhado deixando a propriedade com uma preciosa coleção de fâcas. Ele foi seguido e, após um interrogatório intenso, confessou que conspirara com o mercador expulso para capturar Anamika. Aparentemente, ele recebera uma generosa quantia pela ajuda. Em troca de conduzir um grupo de homens até o mercador, que logo foi despachado, sua vida foi conservada.

Para agradecer à escrava que me ajudara, o pai de Anamika procurou seu senhor. Então comprou sua liberdade e a mandou para o casal que cuidava das crianças resgatadas, junto com três camelos carregados de suprimentos e dinheiro suficiente para sustentar todos eles. Ele recebeu uma carta dizendo que três das crianças retornaram a suas famílias, mas as das outras ainda precisavam ser localizadas.

Eu já estava no segundo mês ali, esculpindo o ovo de pedra preciosa quebrado, quando a fâca escorregou e um pedaço da pedra se partiu. Cortei o dedo e rapidamente o coloquei na boca enquanto observava a fálha que havia

feito em meu trabalho. Alguma coisa ali me pareceu familiar. Eu o examinei, tentando ver, sob a superfície, em que aquilo se transformaria. Prendi a respiração e meu coração disparou. Uma risadinha boba saiu de minha boca e virei o objeto, me certificando de que estava mesmo vendo o que achei que estivesse.

– Será possível? – murmurei.

A única pessoa no quarto era Anamika e, até onde eu sabia, ela não podia me ouvir. As cores eram aquelas. O tamanho combinaria, mas minha mente não conseguia apreender de fato o que estava acontecendo. Testando minha ideia, recomecei a esculpir, dessa vez com a nova imagem na mente. As camadas externas da pedra preciosa soltaram-se como manteiga à medida que minha lâma reduzia uma das bordas, quase como se estivesse me ajudando a moldá-la no que estava destinada a ser. Corri o dedo ao longo do corte recente. Agora não tinha como estar enganado.

Aquilo que eu tinha nas mãos ainda não era, mas um dia seria o selo da família Rajaram.

Era claro para mim que algo muito simples e precioso estivera em minhas mãos o tempo todo e eu não conseguira ver. Havia me resignado a meu destino, acreditando que fracassara em minha missão, e decidira que poderia ter uma vida feliz no passado, servindo à família de Anamika e cuidando dela até eu morrer. Mas ver o selo de minha família ganhando vida em minhas mãos era um milagre. Ele simbolizava o futuro.

Com esperança renovada, pus a lâma de lado e me ajoelhei diante de Ana, pondo a pedra da verdade na cama, perto dela. Peguei sua mão, levei-a aos lábios e tentei ver nela a coisa preciosa que estava escondida de mim, tanto quanto o selo estivera.

– Sei que não sou digno de você – declarei, esfregando meu polegar em seus dedos. – Eu não a salvei quando você precisou de mim. Não fui o companheiro que você merecia. – A pedra da verdade brilhava onde estava. Uma represa se rompeu dentro de mim e todos os pensamentos e palavras que eu havia guardado jorraram: – Quando Phet disse que um tigre precisava ficar para trás, eu não queria que fosse eu. Secretamente esperei que Ren tomasse a atitude

nobre, como ele sempre fazia, para que eu voltasse para o tempo de Kelsey com ela. Eu não via você como você era de verdade.

Estendendo a mão para ela, alisei os cabelos escuros, afastando-os de seu rosto.

– Agora eu conheço você, Ana. Conheço a garota que você foi, a mulher por quem me apaixonei aos 13 anos, a guerreira capaz de me enlouquecer e a deusa que você se tornou. Me dê uma chance. Volte para mim. Desta vez estou escolhendo esta vida sem reservas. Prometo servir a seu lado pelo resto de nossos dias.

Encostei os lábios em sua testa e lhe dei um beijo casto. Levou um momento para eu me dar conta de que meus cabelos, mais longos do que costumava usar, estavam roçando em meu pescoço. Ergui a cabeça e vi que o quarto havia se tornado claro e um vento rápido agitava as cortinas na janela. O céu escuro lá fora se iluminou quando um raio caiu e todos os pelos em meus braços e na nuca ficaram em pé.

Uma voz ecoou no quarto. Era melodiosa, como o tilintar de sinos, e ao mesmo tempo tão poderosa que penetrou em minha mente e em meu coração como um trovão.

Anamika abriu os olhos e os voltou para mim. Então me dirigiu um sorriso doce e disse:

– Sohan, sua oferenda foi aceita.



Professor

O corpo da jovem Anamika elevou-se no ar e um redemoinho a envolveu. Levantei-me rapidamente, pensando em pegá-la, mas sem de fato saber o que fazer. Eu estava ciente de que era a magia da deusa em ação, e torcia para que isso significasse que eu havia finalmente conseguido trazê-la de volta.

A garota fechou os olhos e dedos de luz, vento e água cravaram-se nela ao mesmo tempo que me rasgavam. O calor percorreu meu corpo e meus membros tremeram. O amuleto que eu usava reluzia com uma luz branca que disparou na direção da garota e extraiu dela algo brilhante. Ana gritou e, de repente, a entidade reluzente flutuando acima dela fugiu como um estrela pela janela e desapareceu na escuridão lá fora. Com a respiração pesada, segurei seu corpo quando caiu.

Enquanto a colocava de volta na cama, ajeitando o cobertor, seus olhos se abriram.

– Ana? – falei suavemente. – Anamika, consegue me ouvir?

Não houve resposta. Na mesma hora ouvi um barulho de passos do lado de fora do quarto e os pais dela entraram.

– O que aconteceu? – perguntou a mãe, alarmada e, ao mesmo tempo, com um brilho de esperança.

Não havia censura nos olhos deles. Sabiam que eu passava grande parte de meu tempo vigiando-a, mesmo tarde da noite. A mãe quase parecia ter um sexto sentido em relação a mim e acreditava que eu possuía um toque de magia que poderia ajudar Ana. Em uma ocasião a ouvira falar com o marido que eu era um talismã e que a única razão pela qual Ana não definhara nesses últimos meses era eu estar partilhando minha energia vital com ela.

De certa forma, ela estava certa. Anamika e eu tínhamos mesmo um elo. Pelo menos, no futuro. Quanto a partilhar a energia, eu não sabia dizer, mas conseguia entender de onde ela tirara essa ideia. Bolsas haviam se formado sob meus olhos e, embora eu estivesse sempre exausto, raramente dormia a noite toda. Quando ocasionalmente adormecia na cadeira no quarto de Ana, ao acordar descobria que a mãe dela tinha ido ver se eu estava bem e me cobrira com uma manta durante a noite.

– *Maa? Baabaa?* – Anamika sentou-se, esfregando os olhos com a palma das mãos.

– Estamos aqui, *pyaari beti*.

A mãe de Ana tomou a filha nos braços enquanto eu me afastava.

– *Mika!* – exclamou o pai com um arquejo estrangulado. – O que foi que você fez? – perguntou-me ao se aproximar e acariciar os cabelos da filha.

– Nada – respondi. – Ela acordou quando o raio caiu.

– Não ouvi nenhum trovão – disse a mãe, embalando a filha para a frente e para trás. – Obrigada – acrescentou com lágrimas nos olhos. – Você é um presente dos deuses.

Anamika resmungou:

– Estou com fome, *baabaa*.

Quando a mãe gritava para o andar de baixo, pedindo que um criado aquecesse a sopa e um pedaço de pão, um raio atingiu novamente o solo. Os pais de Ana pareceram não notar. Olhei pela janela e vi uma figura de pé na escuridão sob uma árvore. Quando outro relâmpago tornou a iluminar o céu, arquejei, o reconhecimento disparando eletricidade por minhas veias. Quando um raio caiu pela terceira vez, vi que a pessoa havia desaparecido.

– Vocês podem me dar licença? – perguntei. – Vou deixar que os três conversem.

Eles não fizeram qualquer comentário sobre minha saída. Segui para a árvore solitária e olhei ao redor, mas não vi ninguém. Um par de pegadas era visível no solo macio, mas não havia rastros levando a outro lugar.

– Você ainda está aqui? – perguntei baixinho.

– Estou aqui, filho.

Kadam pôs a mão em meu ombro e eu me virei. Minha pulsação disparou, batendo forte na garganta quando engoli em seco. Uma emoção arrebatadora percorreu meu corpo. Não pensei que o veria de novo. Na verdade, não pensei que veria nenhum daqueles que eu amava depois de meu fracasso em salvar Anamika. Reprimi um soluço.

Quase como se soubesse o turbilhão que agitava meu coração, ele segurou meu braço e me puxou para ele. Abracei-o, desesperado para me agarrar ao pouco de minha vida que restava. Os ombros dele tremiam. Ele cheirava a chá e especiarias, livros e a nossa casa. Eu sentira tanto a falta dele.

– Eu falhei com ela – lamentei em resposta.

O sentimento de vazio que eu vinha nutrindo havia meses tinha crescido no centro de meu peito, lentamente sugando toda a esperança e drenando o senso de propósito. Embora Ana houvesse enfim acordado e Kadam estivesse nesse momento ali de pé na minha frente, a escuridão bocejava, abrindo a boca para engolir os pequenos fragmentos a que eu me agarrava. Ele viera para se despedir. Qualquer que fosse meu destino, eu o merecia. Kadam estava ali para me dizer que estava tudo acabado.

– Não. – Ele recuou um passo, suas mãos sacudindo meus braços enquanto fitava meus olhos. – Não. Você não falhou com ela. Você a salvou. Era como devia acontecer.

Percebendo que o olhava boquiaberto, sacudi a cabeça e perguntei, atropelando as palavras:

– Como devia acontecer?

Lembrei-me de suas palavras apressadas e enigmáticas ditas havia muito tempo. Ele tinha me advertido de que algo pernicioso aconteceria a Ana e que eu precisava aceitar, permitir que ocorresse.

Afastei-me bruscamente dele, mas meu gesto não foi enérgico o bastante e uma de suas mãos continuou firme em meu braço.

– Eu deveria deixar que abusassem dela? – acusei, incrédulo. – Deveria deixá-la morrer? Você sabia que isso ia acontecer e não fez nada para impedir. Você não é o homem que eu acreditava que fosse.

– Talvez eu não seja – replicou ele suavemente. – Eu lhe disse que viajar pelos caminhos do tempo me afetou. Sem dúvida, todos nós mudamos. O universo irá decidir se para melhor ou para pior.

Ele encolheu-se quando recuei, trôpego. A justa indignação que queimava como ácido minhas veias lentamente esfriou, transformando-se em uma tristeza sombria. Eu lamentava por mim, mas lamentava ainda mais por Anamika. A doce e jovem garota que eu sabia não merecer o que lhe tinha acontecido.

– Sei que você está abalado – disse ele. – Não o culpo, filho. Mas esse é o passado dela, Kishan. Você se lembra das histórias. A deusa Durga nasceu do rio. Quando as chuvas vieram, a Anamika que você conheceu precisava perecer para que a deusa pudesse nascer. O que passou como cativa é a lembrança obscura que ela esconde de você. Estava lá. Sempre esteve lá, Kishan.

Em tom desdenhoso, sentindo-me indignado tanto comigo quanto com ele, repliquei:

– Devia haver outra forma.

– Não – retrucou ele. – Você lhe deu o quinto presente, a pedra da verdade. E o quinto sacrifício agora está plenamente cumprido. Sem os terríveis acontecimentos de seu passado, Ana jamais teria estado naquela estrada solitária, nunca teria tido você a seu lado e jamais teria se tornado a deusa.

– Talvez isso tivesse sido melhor.

– Melhor para quem? – perguntou Kadam.

– Melhor para ela – devolvi.

Os lábios de Kadam se contraíram em uma linha fina. Ele me deu as costas.

– Ela está à sua espera, você sabe.

Meu olhar disparou para a janela de Ana.

– Não, não aquela – esclareceu ele. – A que você extraiu dela.

Corri os olhos à minha volta, pela paisagem escura.

– Ela está aqui? – perguntei, desesperado para vê-la.

Ele sacudiu a cabeça.

– Aqui, não – falou. – Em casa. No tempo que vocês partilham. Ela o está chamando agora mesmo. Quer que você volte para casa. Você não consegue ouvi-la?

Franzindo a testa, inspirei fundo e fechei os olhos. Uma suave vibração de energia pulsava sob minha pele e me senti renovado e vivo, de uma forma que não me sentia havia muito tempo. Virando o pescoço, dilatei as narinas e cheiros de todos os tipos foram registrados por minha mente. Minhas pálpebras se abriram com a surpresa e invoquei a energia da transformação. No espaço de alguns segundos, minha perspectiva mudou.

Bígoles brotaram sobre meu lábio superior e meus dentes se alongaram. Eu me abaixei, aproximando-me do chão, e experimentei a sensação familiar das garras rasgando a grama. Abanando a cauda, arqueei as costas e me espreguiceei de uma forma que me pareceu perfeita. Meu tigre estava de volta. Era interessante para mim como eu sentira a falta dele.

Grunhi baixinho e bufei aos pés de Kadam, embaçando seus sapatos lustrosos com minha respiração. Uma melodia monótona e longínqua fez cócegas nos pelos sensíveis de meus ouvidos. Inclinei a cabeça. Era o pássaro recém-nascido de Durga cantando com sua deusa enquanto ela chamava seu tigre. Quase com relutância, voltei à forma humana.

– Lamento pelo que você perdeu, filho.
– Você quer dizer pelo que Ana perdeu.
– Não, não é a isso que estou me referindo, embora lamente por isso também.

– Então o que é?
– Aquilo de que abriu mão desta vez para salvá-la, para trazê-la de volta.
– Você se refere a me comprometer com uma vida dedicada a servir à deusa?
– Tem isso também. Mas, ao trazer Ana de volta, você abriu mão de algo.

Meu coração congelou. Lembrei-me daquele dia muito distante em que salvei Ren. Kadam, ou Phet, tinha me dito que eu abrisse mão de minha humanidade para trazê-lo de volta. Não me parecera grande coisa na ocasião e, sinceramente, eu não queria viver para sempre. Não mesmo. Mas minha imortalidade já fora levada. O que restava dela.

– Me diga – pedi, tenso.

– Você não pode mais ser separado do tigre. Se você escolher esse caminho e decidir levar a cabo tudo que está na lista, então o tigre será uma parte de você até o dia em que morrer. Sua vida estará para sempre interligada à dele.

– Entendo.

Ali de pé, considerei a consequência de salvar Ana e concluí muito rapidamente que valera a pena. Eu tinha vivido com o tigre por muito tempo. Éramos parte um do outro. Não me arrependia de ter salvado Ren e não iria me arrepender de fazer o mesmo por Ana.

– Sei que não confia em mim neste momento, Kishan – disse Kadam. – Acredite, se eu pudesse ter mudado esse acontecimento na vida da jovem Anamika, teria feito isso.

– Você quer dizer que teria mudado se não afetasse a existência da deusa.

Os olhos dele desviaram-se rapidamente.

– Sim. É isso que quero dizer.

Endireitei os ombros, com uma expressão pétrea.

– Então o que vem agora? – perguntei. – Eu simplesmente retorno para ela?

– Ainda não. Volte e fique com a família de Ana esta noite. Tente descansar um pouco. Você me verá amanhã e entenderá tudo então.

Exausto, olhei para a casa.

– Muito bem.

Dei alguns passos, afastando-me dele, e então parei quando ouvi suas palavras suaves:

– Espero que você possa me perdoar um dia, Kishan. Mas eu o encorajo a, pelo menos, perdoar a si mesmo. Você não tem culpa do que aconteceu.

Sem olhar para trás, continuei em frente e entrei na casa. Anamika estava na cozinha, remexendo no conteúdo de uma tigela de sopa.

– Pensei que você estivesse com fome, Mika – disse a mãe.

– Se você lhe desse algum espaço em vez de ficar em cima dela como uma galinha com os pintos, então talvez ela comesse – disse o pai.

O jovem Sunil encontrava-se sentado diante deles, o rosto apoiado nas mãos fechadas enquanto observava a conversa.

– Você viu muitos bandidos? – perguntou ele.

– Psiu! – repreendeu o pai. – Você não deve falar dessas coisas.

Anamika ergueu os olhos para Sunil e então me fitou brevemente. Eu nem tinha certeza de que ela percebera minha presença no cômodo. Seu rosto enrubescceu.

– Havia muitos bandidos – disse ela a Sunil. – Havia mercadores de escravos, homens que chicoteiam crianças e... vilões malvados. E um dia eu vou matar todos eles.

A mãe de Anamika começou a chorar e dizer que seu bebê não sabia o que estava falando, enquanto a expressão do pai se tornava dura. Mas os olhos de Ana encontraram os do irmão e ele assentiu, sério. Em seus rostos jovens pude ver os guerreiros que um dia se tornariam. Ver isso partiu meu coração e, no entanto, eu também compreendi. Esse foi o momento da virada para ela.

Kadam estava certo. O que acontecera a Anamika marcara seu caminho de tal forma que forjaria quem ela se tornaria no futuro. Eu não podia negar minha parte nele ou o fato de que admirava a pessoa que ela era e que se tornaria. Só queria que não tivesse de acontecer do jeito que aconteceu, e não estava muito certo de que poderia perdoar a mim ou Kadam por deixar que acontecesse.

Anamika levou a colher à boca e começou a comer com vontade. Nenhum deles me deteve quando deixei a cozinha. Dormi um sono agitado por algumas horas e então voltei a esculpir a pedra da verdade. Agora que Ana estava acordada, terminei de fazer o cordão que tinha planejado para ela usando uma comprida tira de couro. Depois de passar a tira pelo pequeno tigre que havia esculpido junto com algumas contas que a mãe dela me deu, enfeiei o cordão em uma bolsinha, planejando entregar a ela na próxima vez que nos fálássemos.

Na manhã seguinte, houve uma grande movimentação quando um viajante apareceu. Ele foi recebido na casa e imediatamente fui convocado de minhas devoções matinais no jardim. Sunil me encontrou e me levou para a casa. Quando vi Anamika, dei-lhe um raminho de jasmim e ela o pegou, retorcendo-o entre os dedos. Os longos cabelos de Ana ainda estavam molhados do banho e suas bochechas reluziam de saúde. Ela sorriu timidamente para mim.

– Nós conversamos e estávamos nos perguntando... Você pode treinar Sunil também? – perguntou ela.

O irmão assentiu vigorosamente com a cabeça.

– Precisamos estar preparados, caso os homens voltem.

Respirei fundo enquanto considerava os dois.

– Podemos falar sobre isso depois de encontrarmos o visitante? – perguntei.

Ambos concordaram.

Dirigindo-me à sala onde os homens haviam se reunido, perguntei-me o que aconteceria aos dois em seguida. O pai não era exatamente um guerreiro, até onde eu podia ver. Imaginei que o visitante fosse Kadam, embora não tivesse certeza. Não pela primeira vez, odiei o fato de ele guardar tantos segredos.

Quando entrei na sala e vi quem estava sentado ali, fiquei paralisado por alguns segundos, olhando demoradamente o visitante. É claro. Tudo fazia sentido. Um sorridente Phet me espiou de onde estava sentado, os olhos disparando mensagens secretas pelo ar como se fossem flechas. Ergui uma sobrancelha, em uma expressão sardônica, mandando também uma mensagem.

– Meu garoto! – exclamou Phet, levantando-se com agilidade.

Ele firmou as mãos em meus ombros e ficou na ponta dos pés para murmurar em meu ouvido. Kadam tinha quase a minha altura. Eu sabia que o Lenço Divino mudava aparências, mas, pela primeira vez, me perguntei onde o restante dele tinha ido parar. Phet era minúsculo, em comparação com Kadam. Confirmou o que eu havia acabado de entender e nos sentamos.

Ele facilitou as coisas para mim e deu a maior parte das explicações. Depois de se apresentar como meu ex-professor, disse que havia sido enviado para me chamar de volta para casa. O rosto de Anamika ficou triste e eu não fui o único a vê-la sair abruptamente da sala. O irmão a seguiu um momento depois. Até a mãe deixou cair a costura no chão e logo se abaixou para apanhá-la.

– Ele precisa ir agora? – perguntou ela.

– Sinto muito – disse Phet com sinceridade –, mas estão precisando dele em casa.

O pai de Ana assentiu.

– Tem sido uma bênção para nossa família tê-lo aqui. Temos com ele e com sua família uma dívida que nunca poderá ser paga. – Ele voltou-se para mim. – Iremos, naturalmente, equipá-lo com nosso melhor cavalo, provisões e ouro.

Levantando a mão, eu disse:

– Vocês foram mais do que generosos, permitindo que eu ficasse aqui esses últimos meses. Agradeço a oferta, mas prefiro viajar com o mínimo possível e

caçar ao longo do caminho. – Fazendo uma pausa, e incapaz de ignorar as sobranceiras erguidas de Phet, acrescentei: – No entanto, há uma coisa que poderiam fazer por mim.

– Diga qualquer coisa que queira e cuidaremos para que seja feita, se for possível – replicou o pai de Ana.

– Durante a jornada até aqui, antes de adoecer, Anamika me pediu que a ensinasse a usar a faca.

A mãe de Ana cobriu a boca com a mão. Seu leve arquejo pôde ser ouvido.

– Pensei que aprender a manejar a arma a ajudaria a sentir-se confiante. Se ela fosse apanhada de surpresa, teria um meio de se defender.

O pai de Ana apertou os braços da cadeira, os nós dos dedos ficando brancos, enquanto a boca da mãe se movia sem emitir som. Eu sabia que ela protestaria contra o que eu estava planejando sugerir, então tentei evocar a diplomacia de Ren e explicar de uma forma que entendessem.

Como não dissessem nada, segui em frente, torcendo para que desse certo:

– Ela é muito boa com a faca. Seus reflexos são instintivos e aguçados. Acredito que a continuação do treinamento irá ajudá-la a se ajustar ao que aconteceu.

– Mas... mas mulheres não treinam com armas – disse a mãe de Ana.

Sua costura havia caído no chão de novo e dessa vez ela não se deu o trabalho de pegá-la.

– Algumas treinam – afirmei. – Minha mãe, na verdade, é uma renomada espadachim. Phet trabalhou com ela inúmeras vezes.

Os pais de Ana lançaram um olhar de dúvida a Phet e eu ri.

– Ele não parece tão ameaçador quanto era antes, mas foi quem me treinou.

As sobranceiras de ambos se ergueram. Tinham me visto treinar com os poucos homens que empregavam como soldados. Eu tinha passado muitas horas com eles, ajudando-os a aperfeiçoar suas habilidades. Nenhum deles chegava sequer perto de meu nível e os pais de Ana sabiam disso. Eles se entreolharam e então voltaram-se para nós dois.

– Se permitirem – falei –, Phet gostaria de ficar com vocês por alguns meses. Ele não é mais tão ágil de corpo quanto costumava ser, mas sua mente continua bem alerta.

– É claro que seu amigo pode ficar – disse a mãe de Ana. – Mas tem certeza de que você não pode ficar até ele se recuperar e então seguirem viagem juntos?

Sacudi a cabeça.

– Infelizmente, não posso. Já fiquei muito tempo. Há pessoas em casa que precisam de mim.

O pai de Ana mexeu-se na cadeira, desconfortável, e inclinou-se para a frente. Eu podia ver por sua linguagem corporal que ele iria negar meu pedido. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, aproximei-me dele e, baixando a voz, acrescentei:

– Eu consideraria esse um favor de peso equivalente ao que fiz ao senhor ao trazer Anamika para casa. Phet não pode viajar tão rápido quanto eu, então seria um grande conforto para minha mente se ele ficasse com vocês por um tempo.

Eu sabia que, quando Kadam estava disfarçado como Phet, podia ouvir tudo que eu dizia, mas ele olhava pela janela, chamando com os dedos um passarinho que havia pousado no parapeito, e então pegou agilmente o bordado caído, devolvendo-o à mãe de Ana. Ela agradeceu e ele lhe dirigiu um sorriso em que faltavam alguns dentes.

Em voz mais alta, continuei:

– Ele é um estrategista brilhante e poderia me substituir no treinamento de seus soldados. Pode cuidar de Anamika e Sunil e instruí-los em quaisquer disciplinas que vocês desejem. Se precisarem de mim, podem mandá-lo me buscar.

Isso mais do que qualquer coisa pesou na decisão a meu favor.

– Ficaríamos encantados em mostrar a... Phet – a mãe de Anna fez um gesto de cabeça para ele – nossa hospitalidade. Considere sua a nossa casa – disse ela. – Quando você vai partir? – perguntou após voltar-se para mim.

– Dentro de uma hora. Se me permitem, gostaria de me despedir primeiro de Anamika e seu irmão.

Levantei-me para procurar Ana. Fechando os olhos, me abri para nossa conexão. Era mais forte onde a Ana adulta me aguardava no futuro, mas eu também podia localizá-la onde se encontrava agora e nossa ligação estava totalmente aberta. Aberta o bastante para eu saber que ela era uma garota que fora

horivelmente usada, mas ainda era muito inocente e estava com o coração partido.

Ana se encontrava sentada no chão, as costas apoiadas no memorial que o pai encomendara para ela quando pensou que estivesse morta. Sunil sentava-se perto dela, vigiando-a. Notei que trazia uma espada pequena na mão. Ele se levantou quando me aproximei, como se pretendesse defender a irmã.

– Quer dizer que você veio se despedir? – perguntou, o rosto jovem feroz e carrancudo.

– Vim – respondi.

– Então está simplesmente nos abandonando? Não se importa mais conosco?

– É claro que me importo com vocês. Mas estão precisando de mim em casa. E tenho boas notícias.

– O que é? – perguntou ele, cruzando os braços diante do peito.

– Seu pai concordou com o treinamento. Dos dois.

– Quem vai nos treinar, se você vai embora? – perguntou uma vizinha.

Olhei para Anamika. Os longos cabelos pendiam em mechas que cobriam seu rosto. Enquanto Sunil estava fechado e aborrecido, Ana era o oposto. Com as costas curvadas e os braços caindo flacidamente no colo, parecia esgotada e vazia, como um pedaço de renda descartado, uma coisa bonita que tinha sido descuidadamente deixada de lado. Doía o fato de ser eu a causa de ela se sentir assim.

Agachando-me ao lado dela, eu disse:

– Sunil? Importa-se de me dar um momento para falar com Anamika em particular?

Ele pareceu querer protestar, mas então assentiu e voltou para a casa.

– Ana? – Peguei sua mão, mas ela a puxou de volta e virou as costas para mim. Suspirei e sentei-me ao lado dela, também me recostando no monumento de pedra. – Sinto muito ter de ir embora. Eu convenci, sim, seus pais a permitirem que você seja treinada. Phet será um bom professor. Eu prometo. Ele me ensinou tudo que sei.

Ela me olhou, desconfiada, através da cortina de cabelo.

– Não vai ser a mesma coisa – disse.

– Eu sei. Mas você não precisa mais de mim.

– Não é o que eu sinto.

– Não – concordei. – Não é.

Ouvi uma fúgada e a vi passando a mão pelos olhos.

– Trouxe uma coisa para você.

– O que é? – perguntou ela, virando-se parcialmente em minha direção.

– É algo para você se lembrar de mim.

Pegando a bolsinha, tirei lá de dentro o cordão do tigre e o estendi para ela.

– É o tigre que vimos em nossa jornada? – perguntou.

Sacudi a cabeça.

– Não. Este tigre é muito especial. Quando você se sentir sozinha ou triste, se não tiver certeza do que fazer, pergunte ao seu tigre. Ele vai estar sempre à sua disposição e lhe dirá qual é o caminho certo a seguir. Tome.

Abrindo os dedos dela, coloquei o tigre em sua palma.

– Faça uma pergunta a ele.

– Eu... – Ela fez uma pausa e umedeceu os lábios. – Eu vou ver Kishan novamente?

O tigre brilhou e ela arquejou, admirada.

– Pronto. Está vendo? Ele tem um pouco de magia. Prometo que ele vai sempre proteger você e vai fazer tudo que puder para mantê-la a salvo de qualquer mal. Quando ele se aquecer em sua mão, a resposta é sim, e isso também quer dizer que as pessoas na sua presença estão falando a verdade, mas, se ele permanecer frio, é melhor você agir com cuidado. Entendeu?

Ana assentiu, os olhos arregalados de espanto.

– Obrigada por este presente.

Toquei seu queixo com o dedo e sorri.

– Eu lhe daria qualquer coisa que pedisse, Anamika Kalinga.

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Então você vai ficar?

– Eu sempre estarei com você, Ana. Mesmo que não possa me ver.

Ela pareceu aceitar a resposta e eu a deixei ali com seus pensamentos, torcendo para que Phet fosse de fato capaz de guiá-la. Ela era tão vulnerável, tão frágil. Estar com ela e saber o que lhe acontecera me ajudou muito a entender a

mulher que ela se tornara. Enquanto caminhava de volta à casa, percebi que me sentia ansioso por me reconectar com a Anamika adulta. Talvez agora não brigássemos tanto. Talvez conseguíssemos encontrar uma forma de nos sentirmos confortáveis ao lado do outro.

Quando voltei a meu quarto, enquanto reunia meus pertences, uma cabeça dourada projetou-se de sob o travesseiro.

– Aí está você – falei, pegando a cobra nas mãos.

Ela se enroscou em meu pulso e, quando abri a bolsa, enfiou a cabeça ali dentro e o restante do corpo logo a seguiu. Então me despedi dos pais de Ana e Phet ofereceu-se para me acompanhar até o limite da propriedade.

Assim que nos vimos longe da casa, ele aprumou as costas curvadas e mudou para seu aspecto normal.

– É melhor voltar para ela agora, filho – disse.

– O que vai acontecer?

– Você quer dizer com Anamika?

Fiz que sim com a cabeça.

– Seus pais vão acabar se convencendo, mas terei de treinar Ana e Sunil em segredo por alguns anos. Quando os pais perceberem quão habilidosos, de fato, eles são os dois já estarão bem perto de se tornar guerreiros. Sunil ficará ao lado da irmã todos os dias, assumindo a tarefa de seu guardião pessoal. Ele se culpa pelo que aconteceu com ela.

Kadam refletiu um pouco e então acrescentou:

– Na verdade, a única razão de ele ter deixado a irmã e ido para o futuro foi acreditar que faria um desserviço a ela se ficasse. As lembranças de prejudicá-la pelo tempo que ficou sob o jugo de Lokesh são muito fortes. Fortes demais para que ele as ignore. A última coisa que ele deseja fazer é lhe causar algum mal.

– Você viu o futuro dele? – perguntei.

– Sim. – Kadam sorriu. – Eles estão muito felizes juntos.

– Nilima e Sunil, você quer dizer?

Ele sorriu, o rosto sereno.

– É o que eu quero para vocês todos, sabe? Para ela também.

Eu não tinha certeza se ele ainda estava falando sobre Nilima ou se seus pensamentos tinham divagado para outro lugar, mas achei melhor não perguntar.

– Agora vá. – Ele me deu um empurrão de leve. – Tenho muito trabalho a fazer.

– Como você conseguiu? – perguntei. – Você ensinou aos dois durante anos. Como teve tempo?

Uma expressão cansada cruzou rapidamente seu rosto.

– O tempo é meu maior aliado, Kishan. É meu maior inimigo também. Você vai aprender isso por si mesmo, receio. – Ele segurou meu ombro. – Mas há muito mais em seu caminho antes disso. Verei você em breve.

O pequeno pedaço da pedra da verdade que pendia de uma tira de couro em meu pescoço se aqueceu.

– Até breve – falei.

Ele deu meia-volta e seguiu para a casa, e eu o observei mudar fisicamente de um homem alto e ereto para um mago enrugado e corcunda. Assim que desapareceu, respirei fundo e permiti que a conexão com Anamika aflorasse em meu peito. A consciência de sua existência saiu de meu coração como um raio e preencheu meu corpo com uma luz penetrante.

– Estou indo – falei baixinho.

Quando apertei o amuleto com força, pensei na garotinha que estava deixando para trás. A deusa estivera aprisionada dentro de uma jovem vulnerável e desesperançada. A Anamika que eu conhecia fizera todo o possível para esconder aquela garotinha, trancando-a bem fundo dentro de si. Talvez agora ela abrisse essa parte de si mesma para mim. Talvez, quando eu olhasse em seus olhos, ela me deixasse ver aquele pedaço dela, havia muito esquecido.

Em um torvelinho de energia, o tempo e o espaço se dobraram à minha volta e logo eu estava olhando para nossa familiar montanha. Seguindo para casa, sorri, achando que agora conhecia Anamika de todas as formas possíveis.

Eu estava enganado.



Confissão na piscina

Enquanto caminhava em direção à nossa casa, eu refletia sobre nosso encontro. Sentia-me empolgado e ao mesmo tempo hesitante em vê-la. Na verdade, não me sentia tão nervoso desde meu primeiro encontro com Kelsey. Não que Ana e eu fôssemos ter um encontro romântico, mas o que tínhamos passado juntos havia me modificado, ou nos modificado, ou modificado nosso relacionamento. *Não havia?*

Eu tinha a sensação que sim.

Abrindo uma nova porta na base de nossa montanha, praticamente no mesmo lugar que a antiga, vinculei sua abertura à impressão de minha mão, fazendo uma nota mental de acrescentar a de Ana mais tarde. Entrei e fechei-a com cuidado. Minha visão de tigre entrou em ação e, sem nenhuma luz, subi o longo lance de escada que levava à casa que compartilhávamos. Correndo a mão por meus cabelos longos demais e sentindo a barba espetar, pensei que talvez fosse melhor passar primeiro em meu quarto e me fazer apresentável.

Disse a mim mesmo que era um sinal de respeito me lavar antes de ir vê-la. Não estava postergando. Ao menos, foi o que disse a mim mesmo. Após um banho rápido, vasculhei as poucas caixas e recipientes na mesa de meu quarto despojado, procurando uma tesoura. Quando meus cabelos ficaram mais curtos e

tão cuidados quanto me era possível deixá-los sem os benefícios dos produtos disponíveis no tempo de Kelsey, fitei-me no espelho.

Embora agora estivesse barbeado e de volta ao meu antigo eu imortal, meus olhos pareciam velhos. Eu havia perdido peso nos últimos meses, preso no tempo da adolescência de Ana, sem o apetite de tigre, mas o peito e os braços ainda eram fortes e musculosos. Tracei algumas cicatrizes de batalhas familiares em meu torso. Havia muito elas tinham clareado e se harmonizado com a pele. Eram remanescentes de meu tempo de mortal.

Desde então, eu não tinha adicionado nenhuma outra a elas, pois o poder de cura do tigre sempre reparava qualquer dano que eu sofresse. Mas agora havia algumas marcas novas. Cicatrizes que falavam de meu tempo no passado. Ferimentos que sofrera enquanto salvava Ana. Ao tocar uma, no dorso da mão, refleti que aquela imperfeição valera a pena. Independentemente do que acontecesse no futuro, eu sabia que sempre serviria como lembrete de meu voto de permanecer ao lado dela e servi-la.

Mesmo enquanto vestia uma túnica e uma calça, podia sentir a força que me atraía para ela. Ana estava ciente de meu retorno e tranquila com a espera, mas seu chamado era algo que eu não podia ignorar. Anamika era como um ímã e quanto menor a distância entre nós, mais forte a urgência em estar perto dela. Nossa conexão sempre me parecera uma algema, mas agora havia mudado. Agora me parecia uma promessa.

Obedecendo à atração, segui para a sala do trono, mas fiquei surpreso ao encontrá-la vazia. Pensei em verificar no quarto, mas, ao fechar os olhos, soube exatamente onde ela estava e então me dirigi para o jardim. Quando meus pés tocaram a grama, fiquei tentado a me transformar no tigre. Nossa relação tinha sido sempre melhor quando eu era o tigre. Mas essa era uma saída covarde. O mínimo que eu podia fazer era dar a ela a chance de me criticar por meu fracasso, cara a cara.

Na realidade, eu havia falhado com ela em mais de um aspecto. A lasca da pedra da verdade pendurada em meu pescoço se aqueceu e eu soube que ela confirmava meus pensamentos. Meus passos vacilaram quando a vi. Ela estava podando suas rosas, os longos cabelos roçando a cintura. O fundo de minha garganta queimava e meu cumprimento morreu na língua. Eu sabia que havia

deixado sua versão jovem no passado e, no entanto, ainda a via nos gestos familiares de Ana.

Eu me vi incapaz de me mover. *Será que ela me culpava? Como poderia não culpar?* Minha coragem enfraqueceu, meus músculos se liquefizeram. A tristeza tomou conta de mim, espessa e viscosa. *Como pude ter permitido que aquele homem cruel a tocasse? Como pude deixar a garota que me implorava para ensiná-la a lutar?* As lembranças do que acontecera e das escolhas que eu fizera atravessaram minha mente outra vez, como vinham fazendo com muita frequência. *Como ela poderia me perdoar um dia?*

O encantamento que senti ao vê-la encolheu como uma frágil plantinha queimando em uma fogueira. Então se transformou em uma bola preta e compacta e se plantou em minhas vísceras. Camadas de autorrecriminação a cobriram até ela me pesar como uma pedra. Não havia nada que eu pudesse dizer, nada que pudesse fazer que apagasse a coisa horrível que lhe acontecera. Ela era vítima de algo terrível. Algo que pessoa alguma jamais deveria ter de sofrer.

O que eu poderia dizer? Nenhuma palavra, por mais cuidado que eu tivesse ao escolhê-la, jamais seria suficiente para me desculpar. Jamais seria suficiente para consertar o que acontecera. Era como colocar um cataplasma em um homem eviscerado – um esforço inútil e insensato.

Anamika virou a cabeça ligeiramente, de modo que pude ver seu rosto de perfil, mas manteve a atenção nas flores.

– Então? – disse ela em tom sarcástico, cortando bruscamente um ramo comprido. – Demorou bastante para que você me agradecesse com sua presença. Vai ficar aí parado trocando de pé ou vai me cumprimentar adequadamente?

Tentei responder, mas o único resultado foi um vibrante “Eu...” e então o ineficaz abrir e fechar da boca, como um peixe tirado da água, uma reação muito distante do refinado cumprimento que planejara originalmente. Como falar não estava funcionando para mim, apoiei um joelho no chão, baixando a cabeça.

– Sou seu criado, minha senhora – consegui, enfim, deixar sair.

Anamika me olhou e franziu o cenho, uma ruga entre as sobrancelhas. Cerrou os lábios e veio até mim. Depois de prender o cortador no cinto de

couro, pôs as mãos nos quadris e me observou. Minha cabeça voltou a baixar e senti uma familiar ferroadada no fundo dos olhos.

A grama sob meus pés tornou-se um borrão e então ela tocou minha cabeça. Em seguida, abaixou-se a meu lado e deslizou a mão para meu pescoço. Senti seu questionamento mental e, de bom grado, abri meus pensamentos para ela. Mostrei-lhe a completa confusão que fiz em tudo. Toda a culpa e a vergonha que me corroíam por dentro foram expostas para que ela as visse. Enquanto ela estudava meus pensamentos, me encolhi, sabendo que ela me menosprezaria e que eu merecia isso.

– Eu sinto tanto, tanto, Ana.

Eu nem sabia que tinha falado em voz alta até sentir a vibração das palavras no fundo da garganta.

Em resposta, Anamika passou os braços à minha volta. Os meus serpentearam pela cintura dela e puxei-a com força para meu peito, descansando a cabeça contra seu pescoço delicado.

– Shh – murmurou ela, correndo as mãos lentamente por meus cabelos. – Eu estou aqui, Sohan – acrescentou, sua voz, veludosa e cálida, me tranquilizando, embora eu soubesse que não era digno de tal tratamento.

À medida que ela me tocava, luz entrava pelas bordas de minha mente.

Eu sabia que a luz vinha dela. O que eu via era a alma de Anamika revelada pela pedra da verdade. Era brilhante e linda, e, enquanto ela me olhava de cima, como a deusa que era, a escuridão e a culpa dentro de mim se encolheram e desapareceram. Deliciei-me nas camadas de calor e no poder bruto da deusa. Lentamente, minha consciência recuou e eu adormeci.

Quando acordei na cama, minha mente estava calma e sossegada, como terra coberta por um manto de neve. O mundo à minha volta era suave, novo e limpo. Pus as mãos sob a cabeça e refleti sobre o que tinha acontecido. Ana me dera um presente. Algo raro e precioso. Seu perdão e sua compreensão haviam enterrado meus fardos em uma macia camada de marshmallow.

Eu ainda tinha as lembranças. Ainda sabia o que havia no fundo de minha alma, mas ela me oferecera o tipo de misericórdia que somente uma deusa podia dar. Tinha me absolvido da culpa e exigira que, em troca, eu aprendesse também a me perdoar.

Essa parte levaria tempo.

Não havia como negar agora que Anamika era especial. Fora uma garotinha especial e se tornara uma mulher especial. Eu levara muito tempo para reconhecer esse fato, mas agora reconhecia, e passaria o resto de minha vida, por mais longa que fosse, tratando-a de uma forma que demonstrasse meu respeito.

Afastando o cobertor, levantei-me, me vesti e segui para a sala do trono. Quando entrei, encontrei-a cumprimentando uma variedade de visitantes. O Amuleto de Damon agora estava em seu pescoço. Levando a mão ao meu, me perguntei quando ela o pegara. Então franzi a testa, tentando imaginar como ela me levara para o quarto. Sendo deusa, era forte, mas eu nunca a vira levantar nada tão pesado quanto eu.

Concluindo que era melhor não pensar sobre isso, fiz uma profunda mesura no momento em que ela dispensava um visitante e instruía seu guarda de que não receberia mais ninguém com pedidos nesse dia. Ela estendeu a mão para mim e sorriu.

– Dormiu bem? – perguntou.

Apertei seus dedos de leve e respondi:

– Sim, graças a você. – Olhando ao redor e vendo dezenas de presentes espalhados pela sala, me dei conta de que provavelmente ela já estava trabalhando havia horas e acrescentei: – Você deveria ter me acordado. Está trabalhando muito.

– Sim. Ficamos fora muito tempo. Há bastante trabalho a ser feito.

– Estou pronto para começar quando você estiver – declarei cordialmente.

– Haverá tempo para isso mais tarde – disse ela. – Venha, sente-se aqui comigo.

Levantando-se do trono, ela sentou-se nos degraus de mármore e estendeu a mão. Eu a tomei e me sentei ao lado dela. Nossos ombros estavam colados e nenhum dos dois sentiu necessidade de se afastar, como teríamos feito antes. Ana tampouco tirou a mão da minha, portanto continuei a segurá-la.

Como eu estava com dificuldade com as palavras, ela começou a falar:

– Eu... eu queria agradecer a você.

Virei-me rapidamente em sua direção, pensando que ela havia enlouquecido. Um sorrisinho brincava sobre seus lábios, à espera para irromper. Aquilo não

fazia sentido.

– Me agradecer? – perguntei, hesitante. – Por que diabo você ia querer fazer isso?

– Eu não sabia antes – disse ela. – Que foi você, quero dizer.

– Fui eu o quê?

– Foi você quem me salvou.

– Salvei você? Eu falhei com você.

– Não, você conseguiu. – Ana suspirou e puxou minha mão para seu colo, brincando com meus dedos. Isso me deixou muito consciente de como estávamos perto. Remexi-me, desconfortável. – Eu voltei enquanto você dormia – disse baixinho, como se estivesse confessando um crime. – Tirei as lembranças dela... quero dizer, as lembranças que *eu* tinha de você.

– Você fez isso?

– Fiz. Quando encontrei você, Ren e Kelsey pela primeira vez, eu não o conhecia. Nunca tinha visto você antes.

– Isso é verdade – rebati.

– Tive de voltar e apagar essas lembranças. Meu eu mais jovem sabe que um homem a salvou, um homem que lhe ensinou a usar a faca, mas agora ela não consegue se lembrar do rosto dele. Meus pais e Sunil também esqueceram você.

Assentindo, eu disse:

– Isso foi inteligente.

– Foi? – perguntou, entrelaçando seus dedos aos meus e erguendo os olhos para mim. – Talvez, se meu eu mais jovem se lembrasse de você, tivéssemos brigado menos quando nos conhecemos.

– Talvez – respondi. Senti que meu pescoço de repente estava quente. Esfreguei o rosto no ombro. – Mas agora isso não tem importância. O que está feito está feito, certo?

– Certo – concordou, os olhos verdes examinando os meus. – No entanto, *agora* eu me lembro. Me lembro de *tudo*.

Engolindo em seco e tentando umedecer a boca repentinamente seca, eu disse:

– Você... você se lembra?

– Sim. Eu estava com você, sabe? Quando minha consciência se fundiu com meu eu mais jovem, era como se eu estivesse presa dentro dela. Eu vi tudo, revivi tudo.

Desviei o olhar.

– Eu sinto muito.

– Eu não.

– Como você pode não sentir? – perguntei, incrédulo.

– Eu não queria reviver meu rapto, se é o que você está pensando, mas revivê-lo me deu uma nova compreensão em relação a ele. De minha perspectiva adulta, ele era um homem patético. Descobri, mais do que qualquer outra coisa, que eu queria proteger meu eu jovem. Agora, com meus poderes, eu poderia matá-lo só com o pensamento, mas meu eu jovem ficava aterrorizado com ele. Esse medo permaneceu comigo por muitos anos.

Depois de um instante de reflexão, ela continuou:

– Em minhas lembranças, ele era monstruoso, desumano, poderoso. Agora eu o vi como uma criatura fraca, doente e morta de fato. Essa revelação foi importante para mim. Tive longos meses para pensar a respeito, presa dentro da garota que também estava aprisionada dentro de si mesma, esperando que você me libertasse.

– Então você está dizendo que estava alerta esse tempo todo? Mesmo enquanto ela dormia?

– Estava. Mesmo quando ela morreu. Foi minha presença que a manteve presa a esta esfera mortal por tempo suficiente para que ela se curasse. Sem você, ela, quero dizer, eu, teria morrido. Está vendo? Você me salvou, sim. Mais de uma vez. E, como fui eu quem tirou essas lembranças dela, agora posso me lembrar de tudo que foi escondido de minha mente jovem anos atrás.

– Voltar foi perigoso – comentei. – Você poderia ter sido sugada outra vez.

Anamika deu de ombros.

– Fui quando ela estava dormindo. A chance de ela acordar era menor. – Ana sorriu. – Também fiquei observando Sunil por um tempo enquanto ele dormia. Esqueci quanto ele tomou para si a tarefa de ser meu guardião. – Erguendo os olhos para mim, acrescentou: – Você deve saber também que apaguei os rastros e forneci alimento e abrigo quando você resgatou as crianças.

– Isso foi fundamental. Você me levou à floresta de fogo para que eu me curasse? – perguntei.

Ela franziu a testa.

– Não. Pelo menos, acho que não. Sonhei com isso enquanto estava presa. Como a pedra da verdade veio da floresta de fogo, talvez ela tenha canalizado a cura das árvores.

– Entendo.

Ana hesitou e em seguida acrescentou:

– Também confiei para ter certeza de que o homem que abusou de mim estava morto. Eu precisava saber.

Assentindo, repliquei:

– Se você não tivesse feito isso, eu faria.

Puxando algo de seu cinto, ela me estendeu uma faca familiar. A que eu usara para esculpir a pedra, que usara para escapar.

– Você a guardou? – perguntei, pegando-a de sua mão e deslizando o polegar ao longo do fio. Uma fina linha de sangue surgiu, mas o corte cicatrizou-se rapidamente. – Estou vendo que a manteve amolada.

– Foi minha primeira lição como guerreira – disse Ana, sorrindo e batendo em meu ombro. – Fique com ela. Venho guardando-a para você todos esses anos, embora não soubesse disso.

Agradecendo, deixei-a ao lado. Ficamos calados e o silêncio entre nós pareceu denso, com uma tensão indefinida. Gentilmente, apertei a mão dela.

– Está pronta para trabalhar? – perguntei.

– Se você estiver.

Seu rosto se iluminou e ela se levantou, invocando as armas e os presentes. Eles voaram em sua direção e eu peguei o *chakram* com facilidade, amarrando-o a uma tira de couro no cinto que usava. A seguir vieram o tridente, o *kamandal*, o Fruto Dourado. Com movimentos rápidos, a mão de Anamika pegou um de cada vez no ar. Ela me jogou o *kamandal* e eu o passei pela cabeça de modo que a concha descansou ao lado da pequena pedra da verdade.

Quando ela pegou a Corda de Fogo e a enrolou na cintura, formando um cinto, notei um pendente em forma de tigre em seu pescoço. Tomando-o entre os dedos, sorri, vendo que era o presente que eu lhe dera antes de partir. Ela

segurou minha mão e deu um passo em minha direção enquanto o Lenço Divino se assentava em seus ombros, transformando-se em manto.

O Colar de Pérolas enrolou-se em seu pescoço, prendendo-se enquanto ela apanhava a *gada* e o arco com as flechas, pendurando todos em bolsas nas costas. Os dois broches se encaixaram, como se fossem luas gêmeas em órbita. Uma delas se fixou em seu manto e a outra se prendeu em minha túnica.

A espada disparou em nossa direção, dividindo-se em duas no último minuto, e cada um de nós agarrou uma e a colocou na bainha que havia se materializado na lateral de nossos cintos. Pelas minhas contas, tínhamos recuperado todas as armas, mas Ana pôs a mão em meu braço.

– Espere – disse. – Ela está vindo.

Eu não sabia a quem Ana estava se referindo. Até que vi uma cabeça dourada disparando em nossa direção ao entrar na sala. Anamika sorriu beatificamente e abaixou-se, estendendo o braço. A serpente enroscou-se nele, mas seu corpo não era longo o bastante para dar mais do que uma volta.

A cobra voltou a cabeça para o rosto de Ana e a deusa fez um carinho nela.

– Olá – disse. – Acho que por ora um anel seria mais adequado, não acha?

– Um anel? – perguntei, confuso.

– Sim. Ela não se transformou ainda? – perguntou Ana.

– Transformou?

Ana franziu o cenho.

– Quem você acha que ela é? – perguntou.

Dei de ombros.

– Parece Fanindra, mas essa saiu do ovo da Fênix, então eu de fato não sei.

– Esta é Fanindra – afirmou Anamika.

– Não pode ser – repliquei. – Fanindra morreu. Eu vi seu corpo desaparecer.

– O que aconteceu antes de ela morrer? Me diga exatamente.

– O corpo... o corpo dela se enrijeceu. Metade dele permaneceu como metal.

Ela estava fraca. Usou toda a energia que tinha para me levar para o passado. – Senti a garganta se fechar com a lembrança. – Segundos antes de morrer, ela mordeu o ovo da Fênix. Não creio que soubesse o que estava fazendo. Então morreu e seu corpo desapareceu.

– Entendo. – As sobranceiras de Ana se juntaram quando ela se inclinou, aproximando o rosto da cobra. – Sim – disse suavemente. – Compreendo. – Uma pausa. Então: – É mesmo? Isso nunca tinha me ocorrido.

– Com quem você está falando? – perguntei, olhando à nossa volta.

– Fanindra. Você não a está ouvindo?

– Ouvindo? – Sacudi a cabeça. – Nem Fanindra nem essa cobra falam.

– É claro que ela fala. – Mais uma vez Ana hesitou, como se estivesse ouvindo. – Certo, eu não tinha pensado nisso – disse. – Você pode segurá-la por um momento? – perguntou, dirigindo-se a mim.

Assenti e a cobra se enroscou na ponta de meus dedos. Anamika afastou o Amuleto de Damon do pescoço e, com a ponta dele, tocou o corpo de Fanindra. Fechando os olhos, murmurou algumas palavras e um colar dourado flutuou até nós, trazido por um vento que soprou seus cabelos para trás. Quase como se uma minúscula explosão tivesse acontecido, o cordão se desfez em pequenos fragmentos que começaram a girar em uma nuvem diante de nós.

– Tem certeza? – perguntou Ana.

– Certeza de quê? – respondi.

– Shh – sibilou ela. – Não estou falando com você.

A cobra ergueu a cabeça e oscilou no ar como se transfixada pelas partículas de ouro rodopiantes.

– Muito bem – disse Ana.

Sua mão girou e direcionou para minha mão a nuvem cintilante, que envolveu a cobra. Com um estalo e uma luz brilhante, as partículas de ouro foram sugadas pelo corpo da cobra. Sua forma esguia adquiriu um brilho familiar e o desenho de suas escamas se definiu com um contorno tremeluzente.

– Pronto – disse Ana. – Vá em frente e tente.

Com isso, a serpente enroscou-se em seus dedos e então seu corpo se imobilizou e encolheu até se transformar em um anel dourado com pedras preciosas como olhos.

Estendendo um dedo, deslizei-o sobre a cabeça da cobra.

– Tem certeza que é ela? – perguntei.

– É Fanindra – garantiu Ana. – Ela nasceu do ovo da Fênix. Você foi testemunha tanto do nascimento quanto da morte dela.

– Mas como isso é possível?

– Como alguma coisa do que fazemos é possível?

– E... ela fala com você?

– Ela me disse que somente aqueles que ela já picou podem ouvi-la. Kelsey achou que fosse a própria mente lhe dizendo coisas, ou que fosse a deusa ou sua mãe, mas era Fanindra, que ela também podia ouvir, quando necessário. Somos novos para ela agora, mas ela diz que está feliz em ficar conosco. – Ana olhou afetuosamente para a cobra. – E, embora ela tenha vida própria, não se importa que você tenha me presenteado com ela.

– O que... o que você fez com ela?

– Eu lhe dei a habilidade de se transformar. Lembra-se de como Lokesh usava o amuleto para fazer novas criaturas?

Fiz que sim com a cabeça.

– A magia em si não é maligna, mas ele forçava mudanças em criaturas que não queriam mudar. Phet, ou Kadam, como você o conhece, me disse que precisaríamos dominar o mesmo poder. Ele não me contou tudo, é claro, mas disse que Fanindra nos mostraria o caminho. – Ela estendeu a mão, tocando meu braço. – Está pronto, Sohan?

– Estou.

– Importa-se se fizermos uma única parada antes de começarmos?

– Estou a seu serviço, Deusa.

Uma sombra passou momentaneamente pelo rosto de Anamika, mas então ela respirou fundo e me dirigiu um breve sorriso. Fomos levados dali e nos materializamos em um local muito familiar.

– Ana! – sibilei. – Por que estamos aqui?

– Shh – murmurou ela e me puxou para trás do armário de toalhas.

Ela levou a mão ao amuleto e senti quando nos tornamos invisíveis.

Eu estava prestes a questioná-la outra vez quando ouvi um barulho de água e uma exclamação indignada.

– Sunil!

Uma risada profunda seguiu-se logo depois. Ana pegou minha mão e me levou mais para perto, de modo que pudéssemos ter uma visão melhor das duas pessoas na piscina. Sob o guarda-sol, deitada em uma espreguiçadeira ao ar

livre, estava Nilima. A água pingava de suas pernas e ela bufou, impaciente, enquanto enxugava o livro que estava lendo.

– Eu não sabia que você estava lendo – disse ele, embora fosse evidente que sabia. – Peço desculpas se estraguei seu livro.

– Tudo bem – resmungou ela. – Só não faça isso de novo.

Sunil cruzou os braços na borda da piscina e apoiou o queixo neles.

– Tem certeza que não quer me acompanhar aqui? – perguntou. – A água está fresca e você parece estar pegando fogo.

Seu sorriso ia de orelha a orelha e as sobrancelhas de Nilima se juntaram quando ela o olhou de cara feia.

– Pare de usar essa expressão.

– O quê? Pegar fogo? – perguntou ele inocentemente.

– Ela não tem o sentido que você está usando.

Ela levantou o livro, bloqueando-o de seu campo de visão.

Sunil saiu da piscina e pegou uma toalha, enrolando-a na cintura. Secou os cabelos com outra e jogou a toalha úmida nas pernas de Nilima.

– Sunil! – exclamou ela outra vez e se pôs de pé em um salto, pegando a toalha e jogando no rosto dele.

Ele a pegou com facilidade e partiu para cima de Nilima, mas ela manteve a cadeira entre os dois. Ele foi se aproximando devagarzinho, sorrindo, enquanto ela pegava o copo de limonada cheio. Os olhos de Sunil se estreitaram.

– Você não faria isso – disse ele.

– Eu acho que *você* está *pegando fogo*, Sunil – disse Nilima, triunfante.

No momento exato em que ele saltou, ela lançou o conteúdo do copo em seu rosto e, com um gritinho, tentou correr, mas ele a segurou pela cintura e pulou na piscina, levando-a junto. Nilima subiu à superfície, arquejando e cuspidando água. Ele também emergiu e inspirou.

– Você mereceu isso, mulher. Há meses está me enlouquecendo lentamente.

– E você? – devolveu ela enquanto tirava o cabelo do rosto e começava a nadar em direção aos degraus. – Você vem sendo um espinho no meu pé desde que chegou aqui!

– Você é tão espinhenta que estou surpreso que note um pequeno espinho como eu – replicou ele, seguindo-a.

– Queria que você fosse um de meus empregados para eu fazer uma observação em sua ficha – vociferou ela. – E não, essa eu não vou explicar. Descubra por si mesmo!

Sunil a havia encurralado na borda da piscina. Ela voltou-se para ele e fez uma débil tentativa de fugir, mas logo desistiu. Sua respiração estava acelerada, e seus olhos, em brasa.

– Então – disse ele, levando a mão a um fio molhado do cabelo dela e passando-o sobre o ombro, seus dedos roçando-lhe a pele – você finalmente admite que vem me observando.

– Como ousa! Eu...

Sunil deu um passo à frente e cobriu com sua boca a dela. Ela o empurrou por um momento, mas ele tirou a mão dela de seu peito e a pôs em seu pescoço. Quando ela gemeu baixinho e deslizou a mão para os cabelos dele, ele a puxou pela cintura, abraçando-a com força. Eles se beijaram de maneira tão apaixonada quanto brigaram. Mas, de repente, os beijos dele se tornaram mais suaves e lentos e ele se afastou antes que ela quisesse.

Ele encostou a testa à dela.

– Nilima – disse, correndo a mão pela extensão de seus cabelos molhados –, diga que me ama.

Ela afastou-se dele, mas não foi muito longe.

– Não, Sunil. Eu não... – Nilima fez uma pausa, as palavras congelando em seus lábios.

Sunil tocou o pescoço dela, o polegar desenhando a linha de seu maxilar. Ele chegou mais perto e os olhos dela desceram para seus lábios. Ele sorriu.

– Muito bem, sua teimosa. Então eu vou dizer primeiro.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos.

– Eu amo você mais do que qualquer coisa neste mundo. Mais do que as lembranças do meu passado que tanto prezo e mais do que os milagres do presente. Ponho meu futuro a seus pés. Eu percorreria o desconhecido com você a meu lado e descobriria cada novidade que este mundo tem a oferecer. Seja minha noiva, Nilima. Você não precisa dizer que me ama. Diga apenas que aceita se casar comigo e vou me dedicar todos os dias a conquistar o restante.

Nilima piscou, a água batendo em seus ombros.

– Oh, Sunil – sussurrou com um suspiro.

– Você quer esmagar meu coração? Meu espírito? – perguntou ele com uma falsa expressão de horror. Então pôs as mãos nos ombros dela e a sacudiu de leve. – Confesse os seus sentimentos. Eu sei que você tem sentimentos. Dentro deste exterior frio – disse ele, cutucando-a no braço – existe uma mulher cálida. Disso eu sei bem – acrescentou, levantando as sobrancelhas de modo significativo. Então falou em voz alta: – Ela me nega seu afeto, mas continua a me atacar escandalosamente em cada canto escuro, comprometendo minha reputação. E agora ela me jogou numa piscina para me seduzir!

– Pare com isso! Pare! – Ela riu, cobrindo-lhe a boca com a mão.

Os olhos dele cintilavam enquanto ele beijava a palma da mão dela e cada um dos dedos.

– Diga que vai se casar comigo, Nilima – implorou ele baixinho. – Por favor.

Ela pôs a mão em seu rosto.

– Sim, Sunil. Eu me caso com você.

Sunil riu, contente, e a agarrou, girando com ela até Nilima gritar e rir com ele, agarrando-se com força em seus braços.

– E agora diga que me ama.

– Eu te amo – ecoou ela.

Ele parou de girar, pondo-a no chão, e acrescentou:

– Com todo o seu coração.

Correndo a mão pelos músculos fortes de seu peito e parando quando sua palma alcançou a altura do coração dele, ela aquiesceu:

– Com todo o meu coração.

Então, com a mão cobrindo a dela, ele baixou a cabeça e capturou seus lábios mais uma vez.

Ana apertou minha mão e a cena diante de nós desapareceu.



Uma caverna e um circo

Nós nos rematerializamos em uma densa floresta. O ar estava quente, mas nuvens se agrupavam no alto. Inspirei fundo e reconheci o lugar na mesma hora.

– Oregon – constatei. – Por que estamos aqui?

Anamika começou a avançar em meio às árvores e disse, sobre o ombro:

– Temos de libertar Ren.

Franzi a testa e segui em seu encalço.

– Libertá-lo? De que exatamente?

– Ele está preso como tigre. Isso é algo que você lhe impôs quando ele foi capturado, não é?

– É, mas...

– Estamos aqui para libertar seu lado humano. Diferentemente de como você está agora, ele poderá sustentar a forma humana por tempo limitado, mas isso lhe dará a oportunidade de que precisa para, enfim, quebrar a maldição.

Fiquei paralisado.

– Isso é quando Kelsey o conhece no circo.

– É o que diz o papel. – Ana voltou-se para mim. – O que é exatamente um circo?

Nunca tendo ido pessoalmente a um, mas tendo ouvido em primeira mão daqueles em quem confiava, eu disse:

– Kelsey e Ren têm opiniões opostas. Talvez devêssemos descobrir por nós mesmos.

– Certo – disse ela.

Quando chegamos ao limite das árvores e vi a grande tenda à nossa frente e o estacionamento cheio de carros e trailers, toquei o cotovelo dela.

– Que tal mudarmos de roupa para nos misturarmos às pessoas?

Ana assentiu e, embora Kelsey ainda não tivesse conhecido nenhum de nós àquela altura, decidimos que seria melhor alterar nossa aparência também. Depois de usar o lenço, parecíamos um casal jovem e comum do Oregon que tinha resolvido ir ao circo. Pelo menos era o que eu esperava. Minhas experiências no país de Kelsey me mostraram que era possível ir à maior parte dos eventos usando o que ela chamava de jeans. Ana esfregou as mãos nas coxas de sua calça, sentindo-se muito desconfortável.

– Tem certeza de que as mulheres usam esta coisa nesta época? – perguntou.

– Cobre muito mais do que o vestido que você usou no casamento de Ren – comentei.

– É, mas... – Ana chegou mais perto e sussurrou em meu ouvido: – ... mostra minhas formas.

Minhas sobrancelhas se juntaram quando recuei um passo e a olhei de cima a baixo. O jeans que se colava a seu corpo, sem dúvida, revelava suas formas. Embora estivéssemos disfarçados como outras pessoas, seu corpo havia permanecido praticamente o mesmo. Permiti a mim mesmo apreciar a visão por alguns segundos a mais enquanto ela se remexia, desconfortável.

– Você prefere uma saia? – perguntei.

Ana olhou para suas longas pernas, considerando a ideia.

– Não – disse por fim, com um suspiro. – Se é isto que as mulheres usam, é melhor me enquadrar.

– Sim – concordei.

Com um aceno de cabeça, ela aceitou minha mão estendida e eu a conduzi para a frente da tenda, onde encontramos um jovem vendendo bilhetes.

– Quanto? – perguntei a ele.

– Dez cada bilhete. Vinte no total – respondeu ele.

Soltei um grunhido, tateando os bolsos. Ana me entregou uma grande pedra preciosa e eu sacudi a cabeça lentamente. Uma família entrou na fila atrás de nós.

– Devo ter deixado a carteira no carro – falei. – Já voltamos.

Dando meia-volta, procurei uma placa indicando onde poderia ficar a máquina de dinheiro. Não sabia se conseguiria fazê-la funcionar usando nossos poderes, mas não custava tentar.

Ao encontrá-la, mostrei-a a Ana, que bateu de leve na lateral.

– Onde fica a fechadura? – perguntou.

– Não tenho certeza – respondi. – Além disso, existem câmeras. Se ficarmos muito tempo aqui experimentando, vamos alertar o banco.

– Câmeras? Banco?

– As câmeras tiram o seu retrato. Como alguém desenhando sua imagem. Mas, em vez de um artista, é uma máquina que faz isso. E o banco é a empresa proprietária da máquina.

– Entendo.

Eu não estava muito certo se ela entendia.

– Você pode me emprestar o amuleto? – perguntei.

Ela o tirou do pescoço e me entregou. Segurei-o com firmeza, dizendo-lhe o que eu queria, mas a máquina não fez mais do que emitir um zumbido. Quando tentava de novo, ouvi Ana dizer:

– Muito obrigada.

Olhei por sobre o ombro e a vi conversando com um rapaz que parecia um universitário. Ele entregou alguma coisa a ela e sorriu ao se afastar, andando de costas, até quase tropeçar em um bloco de cimento do estacionamento.

– O que ele queria? – perguntei.

– Ele me deu vinte – respondeu Ana.

Olhei para o dinheiro apertado em sua mão e ela o estendeu para mim. Havia mais de 20 dólares em sua mão. Parecia que o rapaz tinha esvaziado a carteira. Ali estavam várias cédulas, totalizando pelo menos 300 dólares, assim como seu cartão de visita com o número do telefone circulado.

– Isso é suficiente? – perguntou ela.

– Mais do que suficiente.

Estendi a mão e ela a pegou.

– Por que você está emburrado? – perguntou. – Não está feliz porque temos os vinte?

– Estou. Só não gosto da ideia de rapazes ficarem dando o número do telefone deles para você.

– Não sei o que isso significa.

– É, eu sei que você não sabe. Significa que ele gosta de você.

– Se não gostasse, então não teríamos os vinte.

– Não é que eu não queira que as pessoas gostem de você. Sei que elas a amam. Elas são atraídas por você.

– Elas reagem à deusa.

– É, mas é mais do que isso. Mesmo antes de você se tornar deusa, os homens a seguiam cegamente.

– Isso é ruim?

– Não é, não. – Corri a mão pelos cabelos. – Os homens devem segui-la. Só não quero que eles tenham ideias.

– Ideias do tipo...?

– Ideias de romance.

Ana me olhou demoradamente enquanto eu comprava os ingressos. Quando lhe ofereci o braço, ela aceitou e me seguiu, entrando no circo. Assim que nos sentamos, ela finalmente falou:

– Você não quer que eu experimente um romance?

Deixei escapar um suspiro profundo.

– Não pensei que você quisesse isso. Não depois do que aconteceu.

– O que aconteceu comigo foi há muito tempo.

– Não é a sensação que tenho.

– Não?

Um homem passou com um grande recipiente cheio de caixas vermelhas e brancas de pipoca. Levantei a mão e comprei uma.

Abrindo-a, inclinei-a na direção de Anamika, que cobriu minha mão com a dela e levou a caixa ao nariz.

– O que é isso? – perguntou.

– Isso se chama pipoca. Esta, na verdade, é pipoca doce, que é ainda melhor do que a salgada. – Cutuquei seu ombro. – Experimente.

Com cuidado, ela pegou um grão e o colocou na ponta da língua. Sorri diante da expressão de surpresa em seu rosto quando ela o mordeu e ouvi o ruído.

– Gostou? – perguntei.

Ela assentiu e posicionei a caixa para que ela pudesse pegar mais. Quando enchi a mão depois dela, Ana protestou com um gritinho e a boca cheia e puxou a caixa de minha mão. As pipocas ameaçaram cair de sua boca e ela deu um empurrãozinho com as costas da mão, mastigando rapidamente, e me ameaçou de morte se eu pegasse mais.

Eu ri e fiz uma tentativa, de brincadeira, de tirar a caixa dela, mas Ana habilmente a afastou de mim, e, quando a vi murmurando disfarçadamente e a caixa tornando a se encher sozinha, adverti:

– Melhor não deixar nenhum desses mortais ver o que você está aprontando.

Ela limitou-se a sorrir e reclinou-se, saboreando seu lanche.

As pessoas iam entrando na tenda, ocupando os assentos, e Ana sugeriu que mudássemos para dois lugares algumas fileiras à frente, para ver melhor. Quando tornamos a nos acomodar e ela já havia acabado com metade da caixa de pipoca, Ana girou um grão entre os dedos e disse:

– Você não me perguntou sobre Sunil.

Dei de ombros.

– Pensei que a cena tivesse sido autoexplicativa. Você queria vê-lo feliz. Sinceramente, fiquei contente em ver que Nilima encontrou o amor. Ela é uma garota incrível. Acho que vão dar certo juntos.

– Então você aprova o... romance deles?

– Aprovo. Você não?

Ela pensou por um momento na resposta e então disse:

– Eu amo o meu irmão. Ele foi um companheiro sincero e leal e vai se dedicar a Nilima exatamente como fez comigo. A segurança dela nunca mais estará em risco.

Assenti, decidindo não elaborar sobre os perigos do tempo de Kelsey.

– Tive a impressão de que levou muito tempo para ele ganhá-la. – Quando ela franziu a testa, confusa, expliquei: – Para ele convencê-la a se casar com ele.

– Ele é persistente – disse ela.

Dando uma risadinha, falei:

– Eu me lembro. Nesse caso, a persistência dele deu resultado.

– É, mas ainda assim levou mais de dois anos, desde o momento em que ele me deixou, para conquistá-la completamente.

Soltei um suspiro. Era um tempo de espera muito longo. Eu os vira se beijarem no casamento de Ren, o que, pelos meus cálculos, fora apenas alguns meses após o retorno deles. Nilima fora teimosa. Aparentemente, os pensamentos de Ana tinham seguido a mesma linha que os meus, porque a pergunta que ela fez em seguida foi:

– Se o coração dos dois bate pelo outro daquela forma, por que eles hesitaram em formar um vínculo?

– Pode haver várias razões.

– Tais como...?

– O momento, em primeiro lugar. Às vezes, a vida se põe no caminho.

– Não compreendo essa razão.

– Ela se aplica mais a este tempo do que ao nosso. Às vezes, uma pessoa quer terminar os estudos enquanto a outra trabalha em um país diferente.

– Uma separação física?

– É.

– Isso não me impediria.

– Eu... eu imagino que não – falei lentamente, não gostando do caminho que a conversa estava tomando.

– O que mais? – perguntou. – Que outras coisas dificultam o romance?

– Às vezes, o sentimento de uma pessoa é mais forte que o da outra.

Ela assentiu sabiamente, como se eu tivesse lhe dado a explicação da origem do universo.

– E a terceira?

As luzes diminuíram e a música começou, e nunca me senti tão aliviado em ser interrompido. Um homem grande usando uma maquiagem exagerada brilhava sob os refletores enquanto anunciava os números. Ana logo aprendeu a

arte de aplaudir, começando o processo cedo demais e o finalizando tarde demais para ser natural, mas seus olhos estavam fixos no espetáculo.

Ela não entendeu nada dos palhaços, mas adorou os acrobatas e divertiu-se especialmente com os cães, me fazendo prometer que encontraria um para ela. Tentei lhe dizer que cães e tigres quase nunca se dão bem, mas ela agitou a mão no ar em um gesto para que eu me calasse. Nesse momento, captei um cheiro, um cheiro humano familiar, o que era surpreendente, considerando as grandes quantidades de pipoca, algodão-doce e cachorro-quente na área.

Esquadrinhando a multidão, finalmente a avistei alguns bancos abaixo. Ela usava um traje brilhante e prendeu uma mecha solta de cabelo atrás da orelha. A indefectível fita estava amarrada na ponta da trança. Minha respiração ficou presa e a pulsação no pescoço se acelerou.

– O que foi? – perguntou Ana, então seguiu meus olhos até a pessoa mais abaixo, sentada sozinha. – É ela? – indagou suavemente.

Fiz que sim com a cabeça. O suor brotou na palma de minhas mãos, então as enxuguei nas coxas e apoiei os punhos fechados nos joelhos, não percebendo, até Ana tocar o dorso de uma delas, que minhas mãos ficaram brancas.

– Ela não vai nos reconhecer – sussurrou Ana em meu ouvido.

Virando a mão, agarrei seus dedos e ela deslizou um pouco mais para perto de mim no banco. Não desviei os olhos de Kelsey até captar outro cheiro. Esse, inconfundível. Minhas narinas se dilataram. Ouvi um suave rosnado, o ruído de garras e o resflego de irritação antes que ele fosse trazido para a arena.

Uma música selvagem soou quando o homem apareceu para anunciar o ato final. As palavras repercutiram em meus ouvidos como uma canção que se repetisse indefinidamente.

“... tirado das selvas indômitas da Índia e trazido para os Estados Unidos.”

Os holofotes disparando raios de luz para todos os lados me deixaram tonto. Suor brotou em minhas têmporas. Era como se eu pudesse sentir os olhos da multidão fixos em mim, em expectativa. Os aplausos tornaram-se hostis a meus ouvidos. O barulho me atingia vindo de todos os lados. Meu coração batia freneticamente. Eu tinha a sensação de que estava sendo caçado. Eles iam me matar.

Uma grande gaiola sobre rodas foi trazida para a arena e meus nervos saltaram, desenfiados. Eu precisava escapar. Por trás da cortina, dentro do vagão, o tigre, que também era meu irmão, andava de um lado para outro, nervoso.

As palavras gritadas nadavam em meu cérebro.

Caçador.

Perigoso.

Predador.

“Observem com atenção nosso domador arriscar sua vida para lhes trazer.. Dhiren!”

Ren desceu correndo a rampa e entrou na ampla gaiola, rugindo seu desagrado para a multidão. Dei um pulo com o estalo do chicote e lágrimas surgiram em meus olhos. Dedos macios envolveram meu pescoço quente. Uma dormência refrescante percorreu meu corpo àquele toque. Ana me puxou delicadamente para ela e murmurou em meu ouvido:

– Fique calmo, Sohan. Estou aqui com você.

Senti a pressão de seus lábios em meu rosto molhado e assenti.

Busquei a mão dela, envolvendo-a com a minha, e fiquei apertando seus dedos com nervosismo enquanto assistia ao que se passava na arena. Era como estar preso em um pesadelo. Eu sabia o que Ren havia sofrido. Ele descrevera para mim várias vezes. Enquanto o número continuava, passei a observar Kelsey. Ela olhava, extasiada com tudo aquilo. Quando o homem com o chicote pôs a cabeça na boca de Ren, apertei os punhos.

– Morda – sussurrei selvagememente.

Ele não fez isso, é claro, apesar de praticamente deslocar o maxilar para se certificar de que seus dentes não machucariam o homem sem querer. Pensei que, se aquele homem era tolo o bastante para pôr a cabeça na boca de um tigre, merecia pelo menos um arranhão pelo incômodo. Só consegui voltar a respirar quando ele foi levado sob os ruidosos aplausos da multidão – de Kelsey, inclusive.

Para mim, pareceu uma traição ver Kelsey ali sentada, batendo palmas. Ela não fazia ideia do que estava de fato acontecendo. Eu sabia disso. Mas vê-la arrebatada no que, para mim, se tratava de uma exibição tão humilhante era

deprimente. Ana manteve-se em silêncio a meu lado, tão ciente de meu estado de espírito quanto eu sempre estava do dela. Eu me sentia melancólico. Indigno. Quantas vezes ele havia se apresentado assim? Com que frequência bateram nele, o açoitaram? Era demais. Era eu o responsável por sua captura. Era minha culpa.

– Sohan – disse Ana e me abraçou.

Enterrei meu rosto em seu pescoço e não me dei conta, a princípio, de que ela estava usando seus poderes. Era uma coisa natural, instintiva, da parte dela. Ana percebeu minha tensão e quis me acalmar à sua doce maneira, e o mundo à sua volta respondeu. Uma brisa leve invadiu a tenda, trazendo com ela os cheiros de seu jardim, que era um de nossos lugares favoritos. As pessoas se viravam para um lado e para outro, perguntando-se se seria algum truque do circo, mas eu sabia o que era. Era o amor incondicional da deusa.

No momento em que Kelsey se virava em nossa direção, canalizei o poder do Amuleto de Damon para nos tornar invisíveis.

Ficamos lá sentados, os braços de Ana à minha volta, mesmo quando a multidão começou a se dispersar. Como não estávamos visíveis, Anamika disse ao lenço para nos devolver nossa aparência. Senti o formigamento em meu corpo enquanto minha forma física se transformava, mas isso não diminuiu em nada a ansiedade que empoçava em minhas entranhas. Kelsey se levantou e começou a trabalhar. Aparentemente, ela estava no serviço de limpeza. Era impressionante a rapidez com que tudo era desfeito e quanta sujeira umas poucas centenas de pessoas podiam fazer. Quando finalmente ficamos sozinhos, Ana perguntou:

– Como você está, Sohan?

Eu ri com tristeza.

– Estou me sentindo... me sentindo mal. Ele passou por tanta coisa... e fui eu que fiz isso.

– É. Você fez. Mas ele lhe disse que confiava em você. Não foi?

– Foi. Ele confiava em mim.

– Ele não passaria por tudo novamente para ficar com Kelsey?

Não respondi de imediato. A garota em questão entrou na tenda e começou a mover caixas de um lado para outro. Enquanto ela lidava com seus fardos, agitei a mão no ar e fiz metade das caixas desaparecerem e reaparecerem no lugar certo, do outro lado. Fiquei chocado que tivesse a habilidade de fazer isso com um

simples pensamento. Agora que eu pensava a respeito, as caixas que foram movidas estavam cheias de comida, então deviam ser o lenço e o fruto, combinados, que fizeram o trabalho.

– Passaria – respondi, por fim.

Kelsey parou e se virou, pondo uma caixa debaixo do braço e examinando os assentos, como se pudesse nos ouvir conversando.

Logo que Kells continuou o que estava fazendo, Ana disse:

– Foi disso que você falou antes. A barreira para o romance. Ren e Kelsey estavam separados pelo tempo e pela localização física. É claro que, no caso deles, estavam também separados pela natureza de tigre de Ren. Era essa a terceira coisa de que você falou?

O canto de minha boca se ergueu. Ana tinha um talento todo especial para me distrair de meu humor azedo. Não era algo que me agradasse sempre, mas funcionava, de qualquer forma.

– Não – retorqui. – A maioria dos romances não é frustrada por uma pessoa se metamorfoseando em um animal.

– Então o que era a terceira coisa? – perguntou ela, levantando-se e esperando que eu a seguisse. – Seria a aprovação da família?

– Isso era verdade nos tempos passados – respondi, seguindo-a pelas fileiras de assentos. – Mas não tanto neste tempo. Os jovens saem com quem querem.

– Saem?

– Um jeito moderno de dizer que namoram.

– Ah. Você... saiu com Kelsey?

– De certo modo. Jantamos juntos.

– Comer é namorar?

– Não é tanto o consumo da comida, é mais ficarem sozinhos um com o outro, se conhecerem.

Ela tentou entender essa ideia enquanto esperávamos que Kelsey retornasse para que a seguissemos até Ren. Ana me disse que Ren não poderia se transformar até que ela tocasse sua cabeça. Não sei bem por que isso era importante. Mas era como nos orientavam as anotações de Kadam. Observamos Kelsey durante toda aquela tarde e aquela noite, no entanto, ela não se aproximou de Ren nem uma só vez.

Ana estava preocupada enquanto esperávamos que Kelsey terminasse o jantar. Pousando a mão no topo do papel de Kadam, ela canalizou suas energias, e ambos sentimos a leve pulsação que vibrou em nossa pele.

– O momento está errado – comentei.

– Você também sentiu isso? – perguntou ela. – É minha culpa. Eu estava... distraída quando saltamos.

Inclinando a cabeça, esperei que ela finalizasse sua explicação, mas Ana optou por não dizer nada.

– Você sabe como consertar? – perguntei.

– Segure-se em mim – pediu ela.

Pus as mãos em seus ombros e ela avançou o tempo. As estrelas moveram-se acima de nossas cabeças como um borrão e então o sol se levantou e se pôs em questão de minutos. Ainda assim, havia uma vibração do tempo ligeiramente discordante e, quando ela finalmente nos desacelerou, era quase como se tivéssemos caído em um espaço criado apenas para nós. Era fim de tarde e o espetáculo do circo já havia começado. O número de Ren fora anunciado.

Entramos sorrateiramente na tenda, invisíveis, e nos sentamos perto do picadeiro. Não havia muitas pessoas na plateia nesse dia, então acabamos ficando muito perto da jaula. Eu soube na mesma hora que alguma coisa estava errada. Ele não assumiu a posição que o treinador indicou. Em vez disso, começou a correr em torno da jaula, a cabeça levantada.

– Ele pode me fêrejar – afirmei, agitando a mão no ar, anulando o cheiro. – Estamos perto demais e esqueci de mascarar meu cheiro.

– Talvez não seja isso – respondeu Ana. – Ele parece ter se acalmado agora.

Ana estava certa. O que quer que tenha causado sua inquietação, não dava para saber agora. Ele se apresentou rapidamente e foi tão obediente quanto aqueles malditos cães. Puxei a gola de minha camisa, enervado, sentindo que estava preso por algemas invisíveis.

Quando o espetáculo chegou ao fim e Kelsey terminou a limpeza, nós a seguimos até um amplo galpão. Eu podia ouvir Ren andando de um lado para outro antes mesmo de entrarmos. Ele estava claramente agitado. Tomando o

cuidado de fazer o mínimo de barulho, avançamos, mantendo distância tanto de Kelsey quanto do tigre.

“Oi, Ren”, disse Kelsey, aproximando-se da jaula. “O que está havendo com você hoje? Estou preocupada. Espero que não esteja ficando doente nem nada.”

No momento em que a viu, ele se acalmou. Seus olhos se fixaram nela e ele se manteve tão alheio à nossa presença quanto Kelsey. Ela parecia transfixada pelo tigre branco, assim como ele por ela. Devagar, ela estendeu a mão e tocou sua testa. Lancei um olhar incisivo a Ana, mas ela apenas sacudiu a cabeça e disse, sem emitir som: “Ainda não.”

Ouvi Kelsey arquejar quando ele lambeu seus dedos. Ela lhe agradeceu por não comê-la e sentou-se para ler um poema para ele. Revirei os olhos. Algumas coisas não mudavam nunca. Se havia duas pessoas feitas uma para a outra, eram esses dois. O fato de eu pensar isso me espantou. *É isso mesmo que eu acho? Kelsey estava destinada a ficar com ele desde o início?*

A despeito de minha antipatia generalizada por poesia, me peguei arrebatado pelo poema sobre gatos. Desse eu gostei. Serviu para corrigir a minúscula fissura no caráter dela que eu permitira que me deixasse ressentido na última hora. Kelsey era jovem. Ela ainda não sabia quem éramos ou o que tínhamos passado. Eu não podia culpá-la por se sentir fascinada por um tigre, mesmo que fosse um mantido em cativeiro.

Enquanto a ouvia ler e falar com Ren, me dei conta de duas coisas. A primeira era que ela e Ren sempre estiveram mesmo destinados a ficar juntos. A segunda era que era hora de me libertar dela, de deixar Kelsey livre para viver a vida que ela escolhera.

No momento em que ela sussurrou “Queria que você fosse livre”, quase pude sentir a magia vibrando pelo galpão. Ela circulou em mim tanto quanto nela e em Ren. O poder da deusa e de seu tigre se elevaram, uma luz dourada se irradiando de mim e de Ana, e, após um breve toque da deusa, se assentou sobre as duas pessoas perto da jaula. Ren e Kelsey responderam a essa força. Se podiam nos ver ou apenas ver nosso poder, eu não tinha certeza, mas podiam definitivamente ver alguma coisa.

As pedras da verdade que pendiam em nossos pescoços brilharam e vimos a luz branca das auras de Ren e Kelsey se tornarem douradas e reluzentes como o sol. Kelsey recuou até ser amparada por um fardo de feno enquanto ofegava e levava a mão à boca, e Ren, rosnando, fugiu para o fundo da jaula. Chegando mais perto de meu irmão, tornei-me visível e usei o Amuleto de Damon para lhe devolver a habilidade de se transformar em homem, embora por apenas breves 24 minutos diários.

Quando os deixamos, eles não tinham qualquer lembrança de nós ou do que havia acontecido. Até onde sabiam, a única magia fora o toque de uma garota em um tigre. Voltamos para a floresta.

– O que vem agora? – perguntei.

– A Caverna de Kanheri – murmurou Ana, após examinar a lista de Kadam.
– Precisamos criá-la.

– Criá-la? – ecoei, incrédulo. – Não sei bem que aparência ela deve ter.

– Como é totalmente desconhecida para mim, terei de confiar em seu conhecimento.

Esfreguei a nuca com a mão, pensando, e então estalei os dedos.

– Tenho uma ideia. Mas teremos de ser sorrateiros.

Ana prontamente veio para meus braços, para que eu pudesse canalizar o poder do amuleto, e levei-a de volta para minha casa na Índia. O luar se infiltrava pelas amplas janelas quando nos dirigimos, às escondidas, para o escritório de Kadam. Ele roncava levemente no quarto ao lado. Usando minha visão noturna de tigre, examinei seus arquivos e finalmente descobri o que estava procurando – imagens digitais da Caverna de Kanheri. Kelsey tinha fotografado o lugar quando esteve lá.

Ao me virar, esbarrei em um vaso cheio de penas de pavão e o derrubei. Anamika me pediu silêncio e ouvi o ruído de Kadam saindo da cama e de garras nos ladrilhos da cozinha. Apertando os arquivos de encontro ao peito, puxei Ana para mim e desaparecemos, deixando para trás o vaso caído.

De volta a nossa casa, estudamos com atenção as imagens.

– O monólito parece fácil de fazer – disse Ana.

– Havia armadilhas – expliquei. – Felizmente, Kadam fez muitas anotações.

– Parecem perigosas – disse Ana.

– E eram mesmo – murmurei, distraído com o que estava lendo. – Kelsey quase morreu. – Apontei uma observação escrita por Kadam. – A caverna é antiga. Teremos de calcular o ano aproximado. Além disso, havia entalhes nas paredes.

– Se ela quase morreu, temos de ficar e guiá-los – disse Ana. – Não podemos correr o risco de deixá-los passar por lá sozinhos.

Ergui os olhos.

– Certo. Podemos fazer isso.

– E se não for para ajudarmos?

Dando de ombros, eu disse:

– Isso importa? Kadam disse que éramos os responsáveis por isso. Foi impreciso de propósito.

– Suponho que sim – replicou ela. Após um momento, empurrou um papel para mim. – O que fazemos a respeito disto? – perguntou.

Fiquei sem ar quando ela me estendeu uma fotografia muito clara do selo real da família Rajaram. Peguei a foto e a estudei. Era ainda mais óbvio para mim agora que a coisa que eu tinha começado a esculpir, e deixado de lado antes de terminar, um dia se tornaria a relíquia de família ali retratada.

– É, esse pode ser um problema.

– Não está com você?

– Não exatamente. Eu não... hã... terminei ainda.

– Terminou? Como assim?

Fiz um relato abreviado dos entalhes que havia feito na pedra da verdade. Ana sabia que ela vinha de um ovo, mas eu ainda não encontrara a oportunidade de partilhar as origens do selo de minha família com ela.

– Não vejo por que isso deveria nos deter. Você vai ter muitos anos para finalizar a pedra e sabe o aspecto que ela deve ter. Certamente pode criar uma entrada secreta para a caverna, com base em sua forma.

– Suponho que sim – concordei.

– Então vamos.

Com o poder do Amuleto de Damon, foi surpreendentemente rápido criar a caverna. Voltamos ao tempo em que Kadam estimara que ela fora descoberta e arquitetamos toda a estrutura subterrânea usando a parte de terra do amuleto.

Tínhamos fotos e impressões feitas com carvão do monólito, e Ana ficou muito orgulhosa de criá-lo enquanto eu instalava as várias armadilhas.

Optamos por não fazer muita coisa na superfície que levava à caverna. Kadam dissera que os monges budistas se estabeleceriam ali em algum momento do século III. Criamos, porém, uma marca que se ajustava ao selo e a moldamos para abrir a porta que dava para a caverna, quando encaixada e girada. Para disfarçar, Ana usou seu poder para recriar todos os glifos da foto que Kelsey havia tirado. Nenhum de nós conseguiu ler, e nem tínhamos certeza se era um idioma real, mas ficaria ali ao longo dos séculos.

Decidimos criar os insetos quando Kelsey e Ren entrassem ali, caso contrário teríamos ou uma caverna lotada de insetos ou um punhado de insetos extintos e petrificados. Quando fizemos a porta onde o monólito ficaria, contei a Ana sobre a marca da palma da mão que deu acesso a Kelsey e o desenho de hena. Ana andou de um lado para outro por um tempo, pensando em como fazer esse mecanismo funcionar.

– Como ele criou um desenho de hena mágico? – perguntou Ana.

– Não sei. Talvez a capacidade de abrir a porta venha do poder do relâmpago da parte de fogo do amuleto – retruquei, e então pensei melhor. – Não. Isso não é possível. Kells só conseguiu aquele pedaço do amuleto mais tarde.

– Não podemos simplesmente fazer a mesma coisa que fizemos com nossa casa? – perguntou ela. – Criar uma fechadura que abra quando ela a tocar?

– Mas isso só funciona conosco.

Refletindo, Ana disse:

– Vimos como o poder da deusa e de seu tigre envolveu os dois no circo. Talvez a porta responda a isso.

– Acho que podemos tentar. Se não funcionar, faremos outra coisa para deixá-la entrar.

Ana levou a mão à parede de pedra perto da porta e eu pousei a minha sobre a dela. Uma luz prateada surgiu debaixo de sua palma. Ao erguermos nossas mãos, uma impressão luminosa ficou ali.

Quando julgamos que havíamos recriado a caverna da forma correta, atravessamos o tempo até chegarmos ao exato momento em que Kelsey e Ren entraram nela. O selo dos Rajaram pendia do pescoço de Kelsey, portanto,

mesmo que ele tecnicamente ainda não existisse para mim, eu sabia que um dia concluiria aquele objeto muitíssimo importante.

Mais uma vez invisíveis, Ana e eu os conduzimos através do labirinto. Flutuamos em uma brisa que ela evocou com o amuleto. Dessa forma, nossos pés nunca tocavam o chão e não levantavam suspeitas em Ren. Embora ele pudesse pressentir nossa presença, levando seus instintos a adverti-lo do perigo, isso serviria para deixá-lo mais alerta e cauteloso. Confiávamos nesse seu sentido inato para proteger os dois das armadilhas que tínhamos criado.

Quando Kells quase voltou, pegando o caminho errado, fiz aparecer um portão e bloqueei o caminho para que ela não recuasse. Embora estivesse apavorada, Kelsey foi em frente e seguiu para o lugar onde deveriam encontrar os insetos. Pessoalmente, eu considerava os insetos verdadeiras pragas. Pulgas, piolhos, moscas, mosquitos – essas coisas eram, no mínimo, irritantes para um tigre e, no pior dos casos, transmissores de doenças. Mas Anamika amava toda espécie de animal, inclusive os insetos.

Percorremos o túnel antes que Ren e Kelsey chegassem. Anamika ergueu os braços e, no instante seguinte, enxames rastejavam acima de nossas cabeças, subindo pelas paredes, sobre nós. Abriam caminho para ela a cada passo seu, o chão aparecendo logo embaixo de nossos pés, e, quando ela estendeu as mãos, eles voaram para suas palmas, erguendo as mandíbulas afiadas e estalando-as, como se fossem bichinhos de estimação pedindo um mimo. Enquanto ela falava carinhosamente com eles, eu estremecia de repulsa.

Depois de sair, sacudi-me de um lado para outro, tentando me livrar deles. Ela sibilou e me fez ficar imóvel enquanto pacientemente os retirava de minhas roupas e meus cabelos. Com delicadeza, colocou-os de volta no túnel enquanto esperávamos que Ren e Kelsey surgissem.

Quando nossos dois protegidos saíram correndo do túnel, Ana fechou a cara, zangada ao ver muitas de suas criações sendo destruídas. Bufou em silêncio, agitou a mão e nós dois ascendemos no ar e seguimos para nossa próxima armadilha, deixando Ren e Kelsey se recobrando da experiência. A armadilha seguinte eram as lanças envenenadas. Elas não estavam envenenadas de fato. Só fiz o cheiro do veneno chegar às narinas de tigre de Ren.

Fui duro com eles, sem dúvida, e estavam assustados, mas em nenhum momento estiveram em perigo. Avancei o tempo devagar, à medida que prosseguiam, observando com muito cuidado cada movimento que faziam. Mesmo quando Kelsey escorregou, eu poderia ter facilmente feito a lança desaparecer. Em vez disso, deixei que ela atravessasse a mochila dela só para ter certeza de que Ren estava devidamente motivado para tomar conta de Kelsey dali em diante. Não havia nada como ver sua garota quase morrer para se livrar da negligência.

A armadilha seguinte era o tanque de água. Fiquei preocupado durante os vários e longos minutos que levaram para escapar. Era uma armadilha razoavelmente simples, pensei. Kelsey só precisava usar o selo para abri-la e escoar a água. Eles ainda pareciam ver a situação com senso de humor depois que conseguiram sair, o que era um bom sinal. Pobres Ren e Kelsey. Queria ter podido dizer a eles que estava lá ou ajudá-los a resolver tudo usando meu poder, mas fazer isso teria arruinado sua linha do tempo e, como Kadam várias vezes me advertira, havia consequências, às vezes desastrosas, ao se fazer tal coisa.

Quando Ana e eu estávamos posicionados no lado oposto da câmara, ela ergueu os braços e a terra tremeu, fazendo surgir um abismo. Depois usou o poder do vento para ajudá-los a atravessar. Desviei os olhos, pouco à vontade ao ver a temura com que Ren segurava Kelsey. Quando me virei e vi que Ana também os observava, senti o calor subir pelo pescoço. Então, por fim, eles se viram diante da porta atrás da qual o monólito estava escondido.

Kells pousou a mão sobre a marca na porta e soltou uma exclamação por causa da luz, mas não pôde ver o que fizemos. Para ela, a hena simplesmente fazia brilhar uma luz vermelha, mas nós víamos a conexão entre ela e seu tigre. Tanto Kelsey quanto Ren se iluminaram com sua luz dourada, a aura que mostrava sua conexão e seus corações afinados um com o outro. Ela envolveu seus corpos e o dispositivo respondeu, não só a nós, mas à outra versão da deusa e a seu tigre.

A porta deslizou, se abrindo, e Ana e eu entrando, os seguimos.

Kelsey passou pelas etapas necessárias para acionar o monólito e Ana ergueu as mãos, provocando uma reação química que expôs os entalhes. Nós dois nos sentamos no alto de uma grande pedra enquanto o ácido começava a se espalhar

e escorrer pelas laterais da pedra e pelo chão. Queríamos ficar por tempo suficiente para nos assegurarmos de que eles não se queimariam e que conseguiriam sair com segurança antes que destruíssemos a caverna.

Alheia ao líquido dourado se espalhando, Kelsey estava debruçada sobre uma pedra, fazendo uma impressão com carvão e fotografando. Ren já tinha visto o perigo, mas Kelsey estava distraída. Ele rugiu baixinho. Ana pensou que um empurrãozinho poria os dois a caminho, então fez a caverna tremer ligeiramente. Uma pedra caída do teto bateu no ácido e espirrou.

Uma gota do líquido dourado respingou em minha mão. Soltei um silvo de dor, sacudindo-a, e os olhos de Ren dispararam na direção de onde estávamos, como se pudesse nos ouvir, mas eu estava confiante em que ele não conseguia nos ver nem farejar, e, de qualquer forma, ele estava muito mais preocupado com Kelsey do que com quaisquer sons estranhos em uma caverna desabando.

O ácido formou uma bolha no dorso de minha mão, corroendo a pele bem rápido. Mesmo enquanto eu sarava, sua ação continuou. O que quer que Ana tenha criado era poderoso. Só torci para que não caísse em Kelsey ou Ren.

Anamika cerrou os lábios. Então se inclinou, tomou minha mão na dela e soprou suavemente no local. O ácido secou e foi levado pelo vento. Deslizando delicadamente os dedos sobre a pele agora cicatrizada, ela levou minha mão até sua boca. O ar ficou preso em meus pulmões enquanto eu olhava seus lábios sensuais tocarem minha pele. Embora eu não estivesse respirando, meu coração começou a vibrar em *staccato*.

Melhor?, seus lábios formaram a palavra silenciosamente após o beijo casto.

Assenti em silêncio, a boca escancarada. Obrigando-me a sair daquele transe, ouvi Ren gritar. Ele deu um pulo, sacudindo a pata com cuidado. Ana soprou um beijo de deusa na direção dele, curando sua ferida, e fiquei feliz que ela não tivesse de beijá-lo como fez comigo. Ela então agitou os dedos e os tremores do solo se intensificaram. No instante em que o monólito rachou e se partiu, os pedaços pesados despencando, Ana abriu um buraco que levava ao lado de fora e Ren aproveitou-se dele, cavando com as garras até que ficasse grande o suficiente para ambos escaparem.

Assim que eles se encontraram em segurança do lado de fora, uma rocha caiu ruidosamente sobre o buraco e mergulhamos na escuridão.



Encarnando Phet

O tremor parou logo depois que Ren e Kelsey fugiram, mas as pedras ainda se deslocavam e uma grande caiu perto da rocha sobre a qual estávamos. Nossa rocha se moveu. Agarrei-me em Ana quando caímos com a rocha, determinado a protegê-la da queda e do ácido que se espalhava e que eu podia ver brilhando como um lago dourado na escuridão. Ela gritou, surpresa.

Meu ombro acertou a parede e bati a cabeça com força. Apertando Ana contra o peito, virei em pleno ar, como Ren tinha feito quando pulou o abismo com Kelsey. Mesmo que fossem graves, os ferimentos provavelmente não incapacitariam nenhum de nós por muito tempo, mas eu não quis arriscar.

Ana podia quebrar o pescoço ou bater a cabeça em uma pedra. Havia muitas variáveis que não conhecíamos com relação aos limites de nosso poder e eu me recusava a perdê-la de novo por ser descuidado. Kadam tinha me avisado que eu abrisse mão de uma parte de mim para trazer Ren de volta e de outra para salvar Ana. Depois de sentir recentemente o gosto da mortalidade, eu não estava disposto a aceitar ferimentos corporais graves de novo. Esperei pelo impacto do chão em minhas costas, mas ele não veio.

Pisquei na escuridão e me dei conta de que o peso do corpo de Anamika ainda estava sobre mim, mas pairávamos no ar, a centímetros do chão. Seus

cabelos longos caíam à nossa volta, envolvendo-nos em uma tenda que cheirava a flores de lótus e jasmim. Nossas pernas estavam entrelaçadas e eu a abraçava com força, as mãos espalmadas em suas costas e cintura. Esticando o pé para baixo, toquei o chão.

– Pode nos soltar agora, Ana.

Ela nos baixou devagar até o solo e fiquei aliviado ao ver que estávamos bem longe da efusão de ácido.

– Você está bem? – perguntei, puxando seus cabelos para trás, para poder ver seu rosto.

– Sabia que seus olhos brilham no escuro? – indagou ela, inclinando a cabeça para olhar dentro de meus olhos.

Franzi o cenho, surpreso com a pergunta.

– Não. Nunca me disseram isso.

De repente fiquei muito consciente da posição em que nos encontrávamos. Cada centímetro de seu corpo curvilíneo estava pressionado contra o meu. Coxa contra coxa, barriga contra barriga, peito contra peito. Suas mãos tremiam, apoiadas em meu peito.

– Er... desculpe – falei, saindo, desajeitado, de baixo dela. – Venha. Deixe-me ajudá-la a levantar.

– Por que está se desculpando? – perguntou ela ao ficar em pé.

– Eu não pretendia... Sei que você não gosta... – comecei, hesitante. – Serei mais cuidadoso no futuro – completei.

– Cuidadoso? – Ana olhou o caos à nossa volta. – Você não fez a rocha cair. Fui eu.

– É, mas eu agarrei você, puxei-a da rocha, e acho que com isso causei mais danos do que se tivesse deixado você se cuidar.

Levei a mão à nuca e suspirei enquanto ela me olhava, confusa. Tentando explicar melhor, eu disse:

– Sinto necessidade de tomar conta de você e protegê-la, Ana. Esqueço que você é poderosa o suficiente para se manter a salvo.

– É verdade – concordou ela.

Sáímos juntos da caverna e, com um gesto de sua mão, as pedras encheram toda a estrutura.

– Mas às vezes até mesmo uma deusa quer que tomem conta dela.

Fitei-a, sentindo que ela queria dizer mais, porém Ana se calou. À medida que retornávamos, passando por todas as armadilhas que tínhamos preparado, o chão subia atrás de nós, seguindo nossas pegadas e ocultando a Caverna de Kanheri, enterrando cada passagem como se nunca tivesse existido. Mesmo se alguém tentasse explorá-la no futuro, não encontraria evidência alguma de que a deusa ou sua profecia tinham estado ali algum dia.

Quando chegamos a seus insetos, ela os chamou. Eles a cercaram, subindo uns nos outros para chegar mais perto, como se fossem limalhas muito feias respondendo a um ímã. Suas pernas aderentes e mandíbulas estalando não pareciam incomodá-la em absoluto. Fiz uma careta quando um deles subiu em seu ombro e desapareceu sob seus cabelos. Ela murmurou instruções e abriu um buraco na caverna acima de nós, expondo o céu noturno. Como se fossem uma só, as criaturas bateram asas e subiram em uma nuvem, desaparecendo na escuridão acima ao obedecer à sua deusa.

– Para onde você os mandou? – perguntei.

– Para um tempo e lugar onde vão prosperar.

– E onde fica isso? – perguntei, esperando não encontrá-los em minha cama quando chegássemos em casa.

– Mandei-os para o Egito – respondeu ela. – Sua magia será apreciada por lá.

– Entendo – retorqui, sem querer realmente saber quão mágicos eram seus insetos recém-criados.

Enquanto andávamos, pensei em como Ana parecia saber tantas coisas. Ela me lembrava Kadam nesse aspecto. Só porque eu também tinha acesso ao amuleto não significava que entendesse os movimentos do universo. Talvez eu fosse apenas um animal burro – um soldado ignorante nos caminhos dos estudiosos.

Ren me chamara de corajoso, e em algumas situações eu era, mas a ideia de viajar entre as estrelas, sendo desfeito pelo tempo e vendo todas as coisas passadas, presentes e futuras, me perturbava. Eu tinha pensado que Ana era igual a mim, mas talvez o fato de ser uma deusa desse a ela uma percepção maior. Um dia, quando eu de fato *tivesse* coragem suficiente, perguntaria a ela sobre isso.

– E agora? – indaguei quando terminamos nosso trabalho.

Ela examinou a lista.

– Aqui diz para esvaziarmos o complexo depois da batalha com Lokesh e ajudar os baigas. Como uma observação, Kadam adicionou: “Diga a Kishan que é a batalha das balas duras.” – Anamika franziu o cenho. – Ele quer que experimentemos doces?

Eu ri.

– Não. As balas eram tão duras que foram usadas como armas. Então fomos nós que fizemos tudo aquilo desaparecer. Kadam tinha dito que todas as coisas no complexo sumiram misteriosamente. Ele deduzira que tinha sido uma ação de Lokesh. – Respirando fundo, continuei: – Acho que posso tomar a frente disso. Mas preciso cronometrar com cuidado para não deparar comigo mesmo.

Depois de nos levarmos de volta ou, acho eu, para a frente, partindo do tempo da caverna, fizemos uma pausa nas cercanias da floresta dos baigas e observamos um Lokesh cheio de ira sair correndo do prédio. Se Ana ficou chocada ao ver veículos, luzes ou tecnologias modernas, não demonstrou. Ela era notavelmente resiliente nesse aspecto.

Começamos pelo lado de fora. Todo homem ferido que servia a Lokesh foi mandado para os arredores de uma cidade grande próxima. Anamika não queria ajudá-los demais. Os baigas que ela encontrou foram curados e se arrastaram atrás de nós como servos fiéis, comentando sobre a deusa que os salvou e ajudando-nos a vasculhar os destroços para procurar os mortos em combate.

Ela ignorou praticamente todas as tentativas de envolvê-la e desmontamos depressa os equipamentos na sala principal. A madeira danificada das torres da guarda se transformou em cinzas e foi carregada pelo vento. As peças de metal do prédio derreteram e vi quando o chão se abriu para engolir o que outrora fora uma sala repleta de computadores, cabos, registros de vídeo e câmeras.

Quando chegamos à área cheia de doces, Ana pegou uma bala dura vermelha e a rolou entre os dedos com uma sobrancelha erguida. Coloquei uma na boca, mordi e me arrependi.

– Ai! – exclamei, com o doce embolado na boca.

– Como Kelsey criou isto? – perguntou ela.

– Com o Fruto Dourado.

– Criativo. – Ana encostou a língua no doce, cautelosa. – Eu gosto – disse.
– Talvez, se lamber em vez de morder, você aprecie o sabor.
– É – filei, observando seus olhos se fecharem, o rosto fascinado, enquanto lambia o doce.

Senti a garganta se fechar de repente e quase sufoquei com minha bala dura. Quando ela não estava olhando, cuspi o doce na pilha que rolava entre nossas pernas e usei o poder do amuleto para transformar aquilo tudo em uma massa de pó cintilante que Ana varreu porta afora com um floreio da mão. O doce que ela segurava também se transformou e ela soprou o pó de sua mão. Tentei ignorar a atraente mancha vermelha em seus lábios enquanto seguíamos em frente.

Na outra ponta do prédio, chegamos à prisão onde Lokesh mantivera Ren. Ana parou por um instante na cela onde Ren sofrera por meses e correu a ponta dos dedos pelas barras. Começou o trabalho de fazer desaparecer tudo que havia dentro do recinto a partir da cela dele. Fiquei de lado, completamente hipnotizado pelas ferramentas que Lokesh tinha usado para ferir Ren.

Não tenho certeza do que me deu. Tinha estado ali antes, sabia o que Ren tinha enfrentado. Na época, porém, havia me concentrado em Kelsey e em tirar Ren dali. Agora, vendo as evidências da brutalidade que Lokesh infligira a meu irmão, não podia mais fechar os olhos ao que tinha sido feito a ele. As evidências se achavam diante de mim em fios de sangue seco sobre a mesa. Minhas mãos tremiam ao tocar com a ponta dos dedos o cabo de uma maça. Ela se moveu ligeiramente e encostou em uma das quatro algemas sobre a mesa. A corrente presa a ela retiniu de leve.

De repente, foi como se eu estivesse de volta ao circo, farejando sua ansiedade, seu medo. O sangue começou a latejar em minhas veias e a respiração ficou presa em meus pulmões. Aquela cena toda foi de mais para mim. Por que eu não o resgatara? Por que não voltava no tempo agora e impedia isso? Eu não tinha nada de corajoso. Era um covarde. Fraco e frívolos demais para proteger aqueles que amava da dor desnecessária.

Joguei os instrumentos para o lado e, com um poderoso golpe, atirei a mesa para o outro lado da sala. Ela se despedaçou contra a parede. Depois de me transformar em tigre, destruí armários e objetos de madeira com as garras e quebrei uma cadeira com os dentes.

Alguma coisa tocou meu ombro; girei, rosnando, e rugi alto. O cheiro era fresco, como de flores, mas eu estava ensandecido de raiva e não queria me acalmar. Golpeei algo macio e escutei um grito. Com aquilo fora do caminho, retornei a minha tarefa destruidora e, quando não havia mais nada ao alcance do tigre, reassumi a forma humana.

Ao ver todos os ganchos, todas as serras e todas as fâças a meus pés quebrados ou lançados longe o bastante de meu campo de visão, desabei no chão, o peito arfando. A dor invadiu meus pulmões e meu coração, como se uma das fâças quebradas tivesse sido cravada em meu peito. E ali ficou, denteada e afiada, cortando minha respiração ao meio.

Um soluço escapou de meus lábios e, uma vez que o primeiro deixou meu corpo, outros se seguiram. Com as costas apoiadas na parede, puxei as pernas dobradas para o peito, pressionei a cabeça entre as mãos e chorei com a angústia mais profunda que já sentira. O vasto mundo, todo o tempo e o espaço estavam abertos para mim e, mesmo assim, me sentia confinado em uma prisão que eu mesmo criara. Queria desesperadamente modificar o que acontecera com Ren, no entanto, Kadam me disse que eu não podia. Só me era permitido mudar as coisas que eu já tinha feito.

Se eu tivesse tido a coragem de salvar Ren, se tivesse cumprido de verdade minha missão, ele nunca teria sofrido nas mãos de Lokesh. Mas ele sofreu. E suas desgraças eram agora duas vezes minha culpa. Certa vez, na floresta com Kelsey, eu falhara com Ren e ele fora capturado por Lokesh. E agora aqui estava eu de novo, permitindo que sua tortura e sua angústia continuassem. Como ele poderia me perdoar pelo que eu tinha feito? Parecia que eu estava destinado a falhar com todos.

Alguma coisa macia tocou meu braço e o frescor de dedos tirou os cabelos de minha testa. Ana se agachou diante de mim. Sua mente tocou a minha, que estava sobrecarregada, e por um tempo ela observou meus pensamentos em silêncio, como se à distância. Em vez de tentar racionalizar ou mudar o que eu estava sentindo, ela simplesmente me permitiu ser. Deixou que a tristeza se instalasse entre nós e dividiu seu peso comigo.

Sem ter plena consciência do que estava fazendo, estendi a mão para ela, necessitando de sua proximidade, tanto física quanto mental. Seus pensamentos

se fecharam para mim por um instante quando ela se reposicionou em meus braços. Deixei cair as mãos e recuei mentalmente, achando que ela estava desconfortável. Mas um momento depois sua mente estava aberta para mim de novo. Ela passou os braços a meu redor e acariciou minhas costas em pequenos círculos enquanto eu a apertava de encontro a mim.

– Shh, Sohan – disse ela. – Volte para mim, meu tigre.

Sua voz abrandou e aliviou meus pensamentos hesitantes.

Seus lábios tocaram minha têmpora e minhas sobrancelhas enquanto ela cobria minha testa de beijos leves. Senti um bálsamo refrescante correr por minhas veias. O efeito era quase entorpecente. Os limites de meu campo de visão se tornaram indistintos e tudo dentro de mim ficou dormente.

– O que... o que você fez? – perguntei.

– Estou fazendo a dor diminuir – respondeu ela, as mãos segurando meu rosto.

Ana mordeu o lábio e respirou fundo. Hesitante, a princípio, ela aproximou o rosto do meu, devagar, e então sua boca, trêmula e cheia, tocou a minha. O beijo durou apenas um momento e fiquei chocado demais ou incapaz de responder, mas jamais esqueceria a sensação de sua boca na minha.

Seus lábios eram almofadas, macios e doces como pétalas de rosas. A boca maleável e hesitante de Ana era como um bálsamo calmante e, embora eu permanecesse imóvel, uma parte profunda de minha alma queria absorvê-la e esquecer tudo que eu era e tudo que eu sabia. O beijo mágico levou embora o resto de minha dor, deixando atrás de si uma bem-aventurada paz e um desejo de algo que eu sabia ser impossível.

Quando se afastou, ela inclinou a cabeça enquanto olhava para minha boca, como se a se perguntar, assim como eu, exatamente como e por que aquilo acontecera. Mas, para ser sincero, eu não queria saber. Por enquanto, só queria fingir que havia uma bela garota que gostava de mim e queria estar comigo. Por mais que tentasse ignorar as razões, um pensamento me passou pela cabeça, e uma sensação alarmante me percorreu, expulsando o encanto do momento que acabara de experimentar.

– Não quero me esquecer – declarei, presumindo que ela estava entorpecendo mais do que a dor. Minha voz soou rouca e grave.

Ela não respondeu de imediato e eu me mexi. Suas mãos se afastaram, mas peguei uma delas e a retive.

Por fim, ela retorquiu:

– Eu não o livre de sua dor de verdade, Sohan. Ao menos não totalmente. Eu só... só a estou dividindo com você. – As palavras dela eram fracas e sem firmeza. – Eu nunca vou tirar suas lembranças.

Quando ela se levantou e sacudiu o pó das mãos, eu me perguntei se estaria falando da tortura de Ren ou do beijo. Eu me lembrei de ambos e, francamente, não sabia dizer qual deles me afetava mais.

Após demolirmos tudo no complexo, exceto a estrutura principal, levamos os baigas restantes conosco enquanto procurávamos sua tribo. Avançamos um dia no tempo, para que as antigas versões de mim, Kadam, Ren e Kelsey pudessem fugir, e depois entramos no acampamento dos baigas com os membros da tribo que foram resgatados.

Filhos correram para pais que eles acreditavam estar mortos e mulheres deram boas-vindas a maridos e filhos. Eles falaram da sorte de encontrar deuses duas vezes em tantos dias. O *gunia* me olhou, pensativo. Eu tinha me esquecido de mudar minha aparência, mas ele apenas se curvou e comentou sobre como estava contente em ver que eu tinha encontrado uma deusa para mim. Dei um grunhido em resposta e, depois que ele concordou com a relocação de sua tribo, transportamos o grupo todo, com cabanas e tudo, para um tempo e um lugar diferentes.

Ana me garantiu que estariam bem escondidos e que agora poderiam viver suas vidas como bem desejassem, sem a interferência dos homens do tempo de Kelsey. Olhei ao redor da nova selva me perguntando *em que tempo* estávamos exatamente, mas decidi que, no fundo, não importava. Depois de usar seu amuleto para criar um curso d'água perene, lavouras, muitos animais na floresta para eles caçarem e um suprimento de comida, ela os instou a chamarem, se precisassem, e ela viria, se possível.

Satisfeitos, mergulhamos nas sombras da selva e Ana examinou a lista.

– Você tem energia suficiente para cumprir mais uma tarefa antes de descansarmos? – perguntou.

– Depende de quanto tempo vai demorar – respondi.

– Acredito que esta será breve – disse ela, enigmática.

Então pegou minha mão e fomos levados embora do novo lar dos baigas na selva. O chão se solidificou sob meus pés e uma cabana familiar entrou em foco.

– A cabana de Phet? – Franzi a testa. – O que temos a fazer aqui?

– Diz aqui que você deve assumir o papel de Phet para poder guiar Kadam.

– Espere... O quê? – perguntei, confuso.

– Só diz isso – respondeu ela.

Naquele momento, Kadam surgiu de trás da cabana. Meu coração disparou quando pensei ter estragado a linha do tempo, mas Kadam nos cumprimentou calorosamente.

– Muito bem – disse ele. – Eu queria falar com vocês antes de entrarem.

– O que exatamente você quer que façamos? – perguntei.

– Posso ver a lista, minha cara? – Ele estendeu a mão para Ana e ela a entregou de bom grado. Ele examinou os itens riscados. – Excelente. Vocês estão fazendo progressos – elogiou.

O vento aumentou e a grama alta perto da cabana sussurrou segredos como as ondas sibilantes do oceano. Eu queria que tudo silenciasse. Estava cansado de mistérios envoltos em charadas.

– Foi aqui que encontrei Phet pela primeira vez – disse ele.

– Não entendo – retruquei. – Pensei que você fosse Phet.

– Sou, na maior parte do tempo. Mas não na primeira vez. A primeira aparição de Phet era você. – Ele percebeu minha expressão e me dirigiu um sorriso breve e compreensivo. – Entrem, por favor; vou explicar.

Entramos na cabana e bati minha cabeça na entrada, como de costume. Não entendia por que alguém faria uma porta tão pequena. O interior me pareceu um pouco diferente da última vez que estivera ali. Lembrava-me de uma pia, de armários, frascos cheios de ervas e temperos em pó, até de uma banheira. A mesa e as cadeiras ainda estavam ali, assim como uma cama improvisada e uma lanterna.

Pensando melhor, não me lembrava de ter visto o jardim de Phet nem o varal. Havia madeira empilhada lá fora e um lugar pequeno para acender o fogo, mas parecia que a cabana não era usada havia muito, muito tempo. O musgo tinha crescido sobre as pedras e o telhado estava caindo aos pedaços.

- O que aconteceu com este lugar? – perguntei.
- Nada – respondeu Kadam. – Nenhuma das melhorias de que você se lembra foi feita ainda.

Com a luz que se infiltrava pela porta, eu podia ver os centímetros de poeira e as plantas passando entre as fendas onde as paredes encontravam o chão. Respirei fundo e soltei o ar.

- Animais já viveram aqui – afirmou.

Kadam sorriu.

- É possível. Esta cabana pode ser uma toca muito aconchegante. – Seus olhos me seguiram enquanto eu andava pelo pequeno espaço, olhando tudo. – Nada vive aqui há algum tempo, creio.

- É verdade – admiti. – Nenhum dos cheiros é fresco.

Ele assentiu, como que satisfeito com minha avaliação.

- Vamos nos sentar? – sugeriu, indicando a mesa com um gesto.

Tocando o amuleto em sua garganta, ele congelou o tempo que nos rodeava para garantir que seu outro eu não aparecesse por acaso enquanto falávamos.

Tomamos nossos lugares. Ana sentou-se a meu lado e usou o Fruto Dourado para nos oferecer uma pequena mesa de chá. Kadam sorriu, deliciado.

- Você se lembrou dos meus favoritos – disse a Ana enquanto enchia a caneca.

Olhei para ela e vi um rubor feliz subir por seu rosto.

- Lembro-me de tudo que você me ensinou.

- Você foi uma excelente aluna – disse ele. – Muito mais maleável do que este aqui – acrescentou, acenando com a cabeça para mim. – Talvez agora você já saiba como ele pode ser teimoso.

Ana riu, e percebi que gostava tanto daquele som que esqueci de me irritar com o fato de a piada ser sobre mim. Depois de comermos, pedi:

- Diga-me o que devo fazer.

Kadam empurrou o prato cheio de migalhas e juntou os dedos das mãos.

- Você deve me orientar para encontrar Kelsey e trazê-la aqui, onde eu, como Phet, vou aconselhá-la para que ela e Ren encontrem a Caverna de Kanheri.

- Então eu lhe digo onde ela está?

– Não. De modo algum. Seu principal objetivo aqui é me dar esperança. Dar esperança a Ren. Depois de ver Phet e descobrir que há uma profecia, vou visitar Ren ao longo dos anos e, embora não consiga libertá-lo, vou dizer-lhe que existe um modo de quebrar a maldição, se tivermos paciência suficiente para esperar por isso.

– Você quer dizer esperar por ela.

– É, exatamente. Eu já sussurrei a ideia de que existe um xamã nesta selva para alguns de meus antigos contatos e eles compartilharam a informação com meu outro eu. Tracei percursos e vasculhei esta selva por muitos anos antes de descobrir esta cabana. Fica longe de todas as estradas, mesmo no tempo de Kelsey.

Soltei um suspiro.

– Bem, então por que eu?

– Você conhece tanto quanto eu os perigos de cruzar o caminho consigo mesmo. Será mais seguro para mim não encontrar uma versão futura ou passada de mim mesmo. A propósito, não se esqueça de me dizer que, depois que a garota escolhida for encontrada, ela e seu tigre deverão vir aqui sozinhos. Devo ficar bem longe enquanto você estiver atuando como Phet nesse momento.

– Entendo. Então quando você vai chegar?

– Alguns instantes depois que eu reiniciar o tempo. – Kadam levantou-se e colocou a mão em meu ombro. – Vocês dois estão se saindo muito bem. Desejo-lhes sorte ao completar o restante da lista. – Ele se inclinou para meu ouvido. – E não se esqueça de trazer aquele pergaminho em suas próximas aventuras.

Fiz uma careta ao escutar a palavra *aventuras*, mas assenti com a cabeça. Ele reiniciou o tempo, depois desapareceu com um estalo e ficamos sozinhos.

– Pode me emprestar o lenço? – perguntei. – Se Kadam vai chegar logo, é melhor eu mudar de forma.

– Posso ficar e assistir? – perguntou Ana enquanto enrolava o lenço em meu pescoço. Eu tinha me abaixado e nossos rostos estavam muito próximos.

Meus olhos se desviaram para seus lábios e, quando ela se aproximou, eu recuei e pigarreei.

– Acho que pode. Mas fique invisível.

Ela afastou-se no tempo, seu corpo tremeluzindo e depois desaparecendo quando os fios do lenço começaram a trabalhar, transformando-me no homem curvado chamado Phet. Quando terminou, toquei várias vezes minha túnica rústica. Corri os dedos por minha cabeça calva e passei a língua nos lábios, sentindo as lacunas onde os dentes deveriam estar.

Ouvi uma risadinha vir do canto da sala e virei-me, quase tropeçando em minhas pernas magricelas.

– Não se parece nada com você, Sohan – observou ela.

Dando-lhe um sorriso largo e desdentado, perguntei:

– Você sente mais falta dos meus cabelos ou dos meus dentes?

Uma mão fantasmagórica tocou meu braço.

– Humm. Eu diria que dos seus músculos. – Ana sacudiu meu braço. – Está magricela como uma galinha.

Eu ri e passei uma das mãos ao redor dela, surpreso por encontrar sua cintura mais alta do que costumava ser. Aparentemente, eu encolhera tanto na altura quanto nos músculos.

– Acho que ainda sou forte o suficiente para lutar com uma deusa.

Ela gritou e se afastou. Eu estava prestes a procurá-la com meu fardo quando ouvi uma voz.

– Olá! – chamou alguém lá fora.

– Entre! – gritei com minha voz normal. Então me lembrei que Phet não falava assim. – Venha! Venha, meu jovem – falei em um tom cantado e abri a pequena porta.

Um Kadam mais jovem enfiou a cabeça pela porta.

– Obrigado – disse ele. – Faz muito tempo que ninguém me chama de jovem.

Olhando para ele do jeito que eu achava que um falso sábio olharia, eu disse:

– Percebo que você é mais velho do que sua idade e, no entanto, jovem para este mundo.

– Suponho que sim – disse Kadam. – Tenho percorrido um longo caminho.

– Viagrou longe. Ah, sim. Phet vê. Você é – fiz uma pausa, tentando evocar Phet – muito bem-vindo. Bebida? – ofereci.

– Por favor, obrigado – respondeu ele ao se sentar.

Virei-me para o espaço que ainda viria a ser a cozinha e torci as mãos por um momento, e então senti algo sendo enfiado entre elas. Anamika preparara uma caneca de chá fumegante. Dei tapinhas em sua mão invisível e me dirigi à mesa, pousando a caneca na frente de Kadam.

– Aqui – eu disse enquanto ele pegava a caneca. – Beba tudo, bom para você. Agora conte a Phet de suas viagens.

– Sim, bem, estou na selva à procura de um xamã.

– Xamã? – Inclinei a cabeça para o lado. – O que é xamã?

– Um homem que conhece as respostas.

Eu ri.

– Todos os homens conhecem algumas respostas. Todos os homens são xamãs?

– Não. – Kadam sorriu. – Procuro um homem que conheça uma resposta específica. Sabe, existe um tigre, um par deles, na verdade...

– Ah! – falei. – Você deseja quebrar a maldição do tigre. Você procura remédio.

Ele pousou a caneca na mesa bruscamente.

– Você sabe disso? – perguntou, a esperança iluminando sua expressão.

Senti uma mão fantasmagórica em meu ombro e um calor reverberou por meu corpo, preenchendo-me.

– Linda deusa guerreira, Durga, é forte. Ela fala ao meu ouvido. Muito suaves são suas palavras, mas homens inteligentes escutam mulheres. Principalmente deusa.

Os cabelos invisíveis de Ana caíam sobre meu ombro enquanto ela soprava suavemente em meu ouvido. Pigarreei alto, esfregando o lóbulo extralongo de minha orelha com os dedos, e prossegui:

– Ela gosta de tigres, mas só uma garota especial pode ajudar. Garota protegida da deusa. Garota ama tigre. Alivia dores e sofrimentos dele.

– Como encontro essa garota? – perguntou Kadam.

Ele pegou um bloco de papel e começou a fazer anotações rápidas.

– Phet sonha tigres. Um claro como lua. Um escuro como noite. Garota é devotada, excepcional. Ela vai encontrar seu tigre. Libertar ele. Então você sabe.

– Minha voz se suavizou quando me lembrei de Kelsey: – Garota está sozinha,

sem família. Ela se preocupa com tigre. Seu cabelo é marrom como casca de árvore, seus olhos, escuros e suaves. Traga garota especial para mim. Vou orientar mais.

Foi então que percebi que Anamika tinha se afastado. Virando a cabeça, tentei farejar seu cheiro, mas ela estava se escondendo de mim. Eu continuei:

– Quando ela vem, você fica para trás. Só garota e tigre podem entrar na selva. – Franzindo o cenho, concluí: – Ela é a protegida de Durga, que quebra a maldição do tigre.

Ao mencionar a deusa, estendi meus dedos mentais, tentando me conectar com ela, mas Ana se desligara de mim.

– Sim – disse Kadam. – Vou trazê-la. Obrigado. Muito obrigado!

Com isso, ele saltou da cadeira, inclinou a cabeça respeitosamente, pôs a mochila no ombro e partiu.

Assim que ele se foi, mãos fantasmagóricas agarraram minha túnica fina e me jogaram contra a parede.



Templo da Terra

Não lutei, pois não queria que Kadam retornasse.

– Qual é o problema? – sibilei baixinho enquanto seu corpo lentamente voltava, tornando-se visível. Seus olhos verdes faiscavam de raiva e mágoa. – Ana? – falei e levantei as mãos para cobrir as dela, que ainda agarravam minha camisa.

Quando vi que eram as mãos de Phet, sussurrei as palavras que devolveriam meu corpo e o lenço se pôs a trabalhar.

Ela não me respondeu quando toquei seu rosto, oferecendo-lhe acesso fácil à minha mente. Afastou-se de mim e ergueu entre nós a velha e familiar barreira.

– Eu disse alguma coisa errada? – perguntei. – Me esqueci de alguma coisa?

– Não – respondeu ela por sobre o ombro. – Você não esquece nada. Esse é o problema.

– Me fale o que está errado – pedi. – O que quer que seja, eu conserto.

Dando meia-volta, ela enfiou a lista em minhas mãos.

– Algumas coisas você não pode consertar, Sohan. – Ela se dirigiu para a porta, as botas atravessando, silenciosas, o chão da cabana. – Vou esperar lá fora até você estar pronto para ir – falou e abaixou-se para sair, ocultando o corpo para o caso de Kadam ainda estar por perto.

Ergui os olhos para o teto, suplicando aos céus da maneira que eu imaginava que a maioria dos homens fazia ao se verem absolutamente desconcertados com as mulheres com quem moravam, e então fui atrás dela. Quando a alcancei, ela estava fechada para mim de uma forma que não acontecia desde que nos tornamos companheiros. Toda sua postura estava rígida e inacessível. A camaradagem que havíamos construído ao longo dos últimos meses tinha desaparecido – o sentimento que tínhamos compartilhado como uma manta sob a qual nos sentamos, juntos, desfrutando do calor que ela oferecia.

Suspirando e desejando ter um manual de instruções que me ajudasse a entender Anamika, examinei a lista que Kadam nos dera e disse:

– A próxima parada é Kishkindha e depois o Templo da Terra. Não tenho a menor ideia do que é esse segundo.

Ana pegou a lista de minhas mãos e disse:

– O amuleto sabe. Você só precisa dizer a ele o destino na lista e ele nos leva ao lugar onde precisamos estar, ou pelo menos perto o suficiente para que a gente descubra. Mas primeiro precisamos descansar.

Retornamos à nossa casa e, para minha surpresa, percebi que Ana vinha trazendo crianças quando eu não estava prestando atenção. Na verdade, uma ala inteira da casa estava praticamente ocupada por elas.

– O que é isto? – perguntei-lhe quando meia dúzia de crianças atravessaram ruidosamente o corredor.

– Deve ser a hora dos estudos delas – respondeu, cansada.

– Temos professores aqui?

– Alguns. Eles vêm de diferentes tempos e lugares. E algumas babás. O suficiente para cuidar delas.

Com um sorriso debochado, perguntei:

– Você está tentando formar um novo exército?

– Não. Elas só precisavam de um lar.

Suspirei.

– Só não espere que eu seja um pai para metade da humanidade – falei, tentando diluir a tensão entre nós.

Em resposta, Ana disse baixinho:

– Eu não espero nada de você. Boa noite, Kishan.

– Boa noite.

Ela seguiu pelo corredor no qual as crianças haviam desaparecido. Uma sensação de vazio dentro de mim me levou a sair. Não querendo ficar em meu quarto solitário, fui para a floresta e dormi. Depois de um rápido café da manhã, eu a procurei, encontrando-a à minha espera, com a lista na mão.

Quase com relutância, ela se aproximou e fomos arrebatados, não para Kishkindha, mas para as ruínas de Hampi. Reconheci o Banho da Rainha e o Templo de Virupaksha.

– Onde estamos? – perguntou Ana.

– Este é o caminho por onde Ren e Kelsey entraram em Kishkindha.

– E como isso foi feito?

Sua atitude era fria e pragmática. Isso não me agradava. Eu queria a Ana calorosa de volta. A que despenteava meus cabelos e me provocava.

Estendi a mão e, quando ela a aceitou, senti como se tivesse ganhado alguma coisa.

– Se me lembro bem – eu disse enquanto caminhávamos –, eles passaram por dentro da estátua. Se a encontrarmos, encontramos nossa entrada.

Passamos entre construções até que chegamos ao lugar certo.

– Lá está ele – afirmei, apontando. – Anamika, este é Ugra Narasimha.

– Lindo. – Ela pôs as mãos nos quadris. – E agora?

Coei o pescoço enquanto circulava a estátua.

– Bem, havia alguma coisa com um sino e uma oferenda. – Estalando os dedos, eu disse: – Já sei. Vamos avançar no tempo e ver como Ren e Kelsey entram.

Ana limitou-se a erguer uma sobrancelha, o que tomei por aquiescência, e, com o pensamento, corremos no tempo, só desacelerando quando Ren e Kelsey apareceram. Nós nos mantivemos afastados no tempo apenas o suficiente para poder ouvir e ver o que estava acontecendo sem sermos vistos por nenhum dos dois. Oculti meu cheiro para que Ren não me detectasse. Juntos, observamos Kelsey desvendar as pistas de Kadam e, depois que desapareceram, descendo pela abertura, desloquei-nos para nosso ponto de partida. Voltamos velozes como uma daquelas tiras elásticas de Kadam.

– Não parece muito difícil – comentei.

Enquanto Ana se mantinha parada, de braços cruzados, segui até as colunas e bati em uma delas três vezes.

Quando voltei, ela apontou para a estátua.

– Não tem névoa. A boca não se abriu e os olhos da cobra não estão vermelhos.

Franzi o cenho.

– Talvez essas coisas não tenham influência nenhuma. Precisamos de uma luz.

Ana abriu a mão e no centro de sua palma surgiu uma bola de fogo.

– Serve esta? – indagou.

– Sim. Deve servir. Em seguida vêm as garras.

Ana me dirigiu um olhar incisivo e estendeu o braço. Assumi a forma de tigre e deslizei as garras por seu braço, com força suficiente para tirar sangue, mas não o bastante para machucá-la seriamente.

– Desculpe – falei depois de voltar à forma humana.

Ela deu de ombros, mas, quando a ergui nos braços, manteve-se calada e fria, seu corpo rígido como um atizador de fogo.

– Relaxe – pedi, meus lábios roçando sua orelha.

Quando cheguei ao portal, olhei para seu rosto. Os olhos estavam fechados; a franja formada pelos cílios lançava uma sombra sobre seu lindo rosto ao luar. *Diga-me o que fez para magoá-la, bela dama*, falei diretamente com sua mente. *Não tive a intenção de atizar sua ira.*

– Não importa – replicou ela em voz alta. Após um longo momento de silêncio, Ana se contorceu em meus braços. – Isso não está funcionando. Por favor, me ponha no chão.

Ela estava certa, mas me vi relutante em largá-la. Eu gostava da sensação de seus cabelos sedosos esparramados em meu braço e da curva tensa de sua boca quando ela me olhava de cara feia. Alguma coisa nisso me deixava feliz. Quando começou a se debater, coloquei-a no chão e ela arrumou o vestido, puxando-o com uma fúria que mal conseguia conter.

– Você parou para pensar – disse ela – que possivelmente criamos Kishkindha, como fizemos com a Caverna de Kanheri?

– Não, eu... eu acho que não pensei nisso. Mas, de fato, faz sentido. Fizemos quase tudo mais. Por que não criar toda uma cidade subterrânea?

Ela não entendeu meu sarcasmo e assentiu, erguendo os braços.

– Então vamos começar.

Antes que pudéssemos sequer discutir qualquer coisa, Ana já estava pondo em ação sua magia. A estátua começou a brilhar, e a cobra, a se retorcer. Até Fanindra ganhou vida para assistir ao processo. Quando conectamos uma marca de mão à recém-criada entrada do túnel abaixo de Hampi, Ana enviou seu poder pela abertura. A luz floresceu na escuridão e descemos por degraus que surgiam, vindo ao encontro de nossos pés.

À medida que caminhávamos pela passagem, a rocha e a terra derretiam-se diante de nós, reposicionando-se ou voando para o alto e para fora, e eu me perguntei se uma nova montanha estava sendo criada a partir do solo que deslocávamos. Finalmente, depois de percorrermos uma boa distância sob o solo, ela fez uma pausa, empurrando as mãos para a frente, e murmurou um feitiço que sacudiu a terra. Um abismo surgiu diante de nós. Rochas e terra rodopiaram em grandes redemoinhos, desaparecendo em rachaduras no teto bem acima de nós ou disparando pelo túnel por onde acabáramos de passar.

Quando a poeira abaixou, ela virou-se para mim e esperou até eu fechar a boca. Seu poder, não, nosso poder era... era imensurável.

– O que há em Kishkindha? – perguntou.

Contei a ela sobre a floresta de agulhas que poderia ser vencida pela *gada*. Em seguida, falei da misteriosa caverna cheia de túneis que abrigavam espíritos malévolos empenhados em induzir Ren e Kelsey a saírem do caminho que levava ao prêmio. Ana assentiu e espalhou os dedos. Usando o pedaço terra do amuleto e o arco e as flechas, ela combinou seus poderes para criar árvores vivas e providas de agulhas afiadas.

Elas se ergueram do solo recentemente arrasado e espalharam galhos frondosos. Em seguida, correndo ao lado delas, Ana criou um rio que forneceria água para as árvores. Para suprir a necessidade de luz, ela usou o poder do fogo e o lenço e fez uma espécie de pseudossol que nascia e se punha, fornecendo à caverna luz e calor suficientes para manter o ecossistema que ela havia construído.

Ana percorreu o caminho que atravessava a floresta, sussurrando para as árvores enquanto seguia. Elas se curvavam diante dela e prometiam honrar sua deusa e suas armas, se um dia retornasse. Chegamos a uma elevação natural da terra e, em questão de segundos, ela criou o labirinto de túneis. Usando o pedaço do amuleto que correspondia ao tempo combinado com o lenço e a pedra da verdade, algo que nunca me ocorreria fazer como parte de nossos recém-descobertos poderes, ela colocou elementos do passado de Kelsey e de Ren em cada túnel.

Pequenos animais que viviam no subsolo foram chamados a atrair e influenciar passantes, e o lenço transformou seus corpos em outros que Kelsey e Ren reconheceriam. Ana então prometeu-lhes que, assim que Ren e Kelsey se fossem, eles voltariam a suas formas naturais.

À medida que prosseguíamos, sentia-me perplexo não só com a absoluta extensão de sua criatividade como também com a naturalidade com que ela exercia seu poder. Quando chegamos ao rio e ela perguntou sobre as criaturas que viviam nele e que caçaram Ren e Kelsey, fiquei lá parado, mudo, olhando para ela.

– Você está bem? – perguntou Ana, pondo a mão em meu braço e me sacudindo.

– Você... você é incrível – falei, as palavras tropeçando em minha língua. Sempre que a via no modo deusa, eu me emocionava de tal forma que não conseguia descrever. Kadam ensinou muito bem você. Eu... eu tenho sorte de ser seu companheiro – concluí debilmente.

Ela me fitou durante algum tempo, com uma expressão cética.

– É isso mesmo que você sente? – perguntou.

Peguei sua mão e a pressionei contra meu peito.

– Olhe em meu coração, Ana. Você sabe que eu a venero. De verdade.

Apesar de meu pedido, seus pensamentos permaneceram bloqueados para mim. Ela só me ofereceu um breve sorriso.

– Você me honra com suas palavras – replicou. – Mas acho que sua mente e seu coração estão em outro lugar.

Ela voltou-se para o rio e se agachou, mergulhando a mão na água. Ajoelhei-me ao lado dela, mas Ana não olhou para mim. Nossos reflexos se distorciam e

tremiam no rio. Percebendo a importância das próximas palavras, pensei cuidadosamente no que queria dizer antes de começar:

– Anamika, de todo o meu coração, eu juro que sou seu. Não estou olhando para trás. Eu garanto a você. Servirei fielmente à deusa por todos os anos que me restam na vida.

Sua mão se imobilizou na água e notei que uma gota pousou em sua superfície brilhante. Ondulações se propagaram a partir do ponto em que a gota caiu. Quando ela olhou para mim, vi que aquela gota não era de chuva, mas uma lágrima.

– Eu sei que você servirá à deusa – murmurou. – Mas há uma mulher aqui também.

– Ana... eu não... eu não entendo. Claro que você é uma mulher também. Eu sei disso.

Em um gesto brusco, ela enxugou o rosto com as mãos, depois juntou-as em concha, permitindo que a água do rio se acumulasse nelas, e lavou o rosto. Usando o lenço para secá-lo, ela deu um passo para trás. Eu estava prestes a abordá-la novamente e pedir respostas quando percebi uma agitação na água. Arquejando, olhei para baixo.

– O que é isso? – indagou ela, aproximando-se e parando a meu lado.

Embora ainda fossem minúsculos, como já os vira adultos, eu sabia o que eram.

– Demônios *kappa* – respondi suavemente. – Criaturas nascidas das lágrimas de uma deusa.

Enquanto observávamos, os frutos de sua tristeza cresceram. Eles amadureciam dentro das lágrimas, que os abrigavam como uma bolha flexível. Suas longas caudas perfuravam os ovos translúcidos e se prendiam a plantas subaquáticas, ancorando-os como um cordão umbilical enquanto eles se balançavam suavemente.

Quando atingiram o tamanho adulto, o que aconteceu no intervalo de alguns segundos, eles morderam a membrana que os abrigava, cortando-a, e a substância gelatinosa se soltou e afundou no rio. Conteí pelo menos uma dúzia e sabia que haveria muitos mais no momento em que Ren e Kelsey chegassem.

Isso significava que Ana iria chorar de novo ou apenas que eles se reproduziam com facilidade? A ideia me fez estremecer.

Três dos seres recém-criados se separaram de sua planta subaquática e seguiram lentamente para terra. Eram tão feios quanto eu me lembrava. Como se fossem uma só criatura, eles se ajoelharam aos pés de Ana, que recuou um passo. Inspiravam medo até mesmo nela. Pensei que isso não era um bom sinal.

A voz sinistra da untuosa criatura do meio saiu de seus lábios arreganhados. Sua língua se projetava de forma antinatural entre os dentes afiados como os de um tubarão.

– Deusa – disse a criatura –, nós surgimos da escuridão como estrelas errantes arrancadas dos céus. Para seus inimigos, somos um indesejável flagelo. Cairemos sobre eles como o mar furioso, atacando com as mandíbulas escancaradas e os dentes à mostra até que eles estejam duas vezes mortos, suas bocas espumando e seus olhos, incrustados de sal, cheios de vergonha.

– E como vocês distinguirão aqueles que considero inimigos? – perguntou Ana.

A criatura virou a cabeça em um ângulo impossível a fim de me olhar. Seu sorriso era cheio de ameaça.

– Aqueles que causam suas lágrimas são seus inimigos – disse o monstro malicioso, sua voz viscosa e sibilante, como um poço de piche fervendo.

– Entendo – disse Ana.

Dando um passo na direção dela, eu estava prestes a segurá-la pelo braço quando as três criaturas rapidamente se ergueram e se colocaram entre nós, arreganhando os dentes e sibilando. Arrepios percorreram minha espinha quando me lembrei do que tinham feito com Kelsey.

– Este aí não tem coragem em relação à senhora – afirmou o monstro para Ana. – É uma árvore sem frutos. Vamos cortá-lo.

– Não. Deixem-no – disse Ana. – Ele é meu, assim como vocês.

– Mas ele provocou suas lágrimas – gemeu um deles.

– Provocou. E, sem dúvida, provocará muitas mais em minha vida, mas, ainda assim, ele é meu. Vocês não lhe farão mal. Nem agora nem nunca. Agora vão – ordenou. – Cumpram seu dever. Mantenham vigilância e protejam esta terra daqueles que queiram prejudicá-la.

– Sim, Deusa – sibilaram em uníssono, me fuzilando com os olhos enquanto voltavam para o rio.

Depois que se foram, cruzei os braços e olhei para a água, a repulsa curvando para baixo os cantos da minha boca.

– Repugnantes – falei. – Já os vi em ação também. Você sabia que eles quase mataram Kelsey? Se Fanindra não estivesse lá...

Anamika empurrou com força minhas costas e, como eu já estava meio desequilibrado, cambaleei para dentro d'água, escapando por um triz antes que aquelas coisas lá embaixo me pegassem. Saí rápida e atrapalhadamente e me virei para ela. O problema não era ela ter me empurrado, já havíamos brigado vezes suficientes para que eu conhecesse sua força. O que ela fizera não fora para me machucar, mas para mandar uma mensagem, e eu também tinha a minha.

– Qual é o problema? – perguntei, espremendo a camisa.

Em minha raiva, acabei rasgando o tecido e um segundo depois arranquei a camisa ensopada do peito e a joguei longe com toda a força. Ela foi parar do outro lado do rio. Depois de puxar o lenço das mãos dela, eu o usei para secar meu peito. Os olhos dela iam de meu rosto para meu tórax. O tom avermelhado em suas bochechas me dizia que agora ela devia estar arrependida do que fizera, mas eu a conhecia. Ela jamais admitiria que tinha ido longe demais.

Enquanto eu usava o lenço para criar roupas novas para mim, seus olhos se arregalaram e ela se virou, pisando duro e entrando no rio. Vários demônios levantaram a cabeça da água e piscaram, me olhando de lado com seus olhos negros. Um deles, pintalgado, correu a língua sobre os dentes irregulares, observando-me como se estivesse antevendo o jantar.

Com um floreio da mão, Ana os dispensou e, devagar, eles voltaram a submergir. Peguei uma pedra e joguei com raiva no rio. Eu tinha mirado nos *kappa*, mas por um triz não acertei Ana. Quando a vi se encolher, imediatamente me arrependi e me lembrei do abuso que ela sofrera quando garota.

Soltando um longo suspiro, eu disse:

– Me desculpe, Ana.

Fui até onde ela estava e lancei outra pedra na superfície do rio. Enquanto afundava ela se transformou em uma pedra preciosa, e eu fiquei olhando,

observando-a cair, para ter certeza de que não era apenas um truque da luz. Então vi que todas as pedras do rio tinham se transformado. O leito agora estava coberto com diamantes, rubis, esmeraldas, safiras e outras pedras preciosas.

Por que as pedras mudaram na água? Será que os kappa fizeram isso? Olhei para Ana e a vi brincando com uma esmeralda, jogando-a para cima e pegando-a com a mão, enquanto fitava, pensativa, a água.

– Você fez isso? – perguntei, apontando a água.

– Fiz – respondeu ela calmamente.

As pedras preciosas tentariam qualquer um. A ideia de que Ana atrairia Kelsey intencionalmente para aquelas criaturas malignas me parecia destoante.

– Por quê? – perguntei em tom agressivo.

Ela virou-se para mim.

– Por que não, *Kishan*? – Ana cuspiu meu nome com um ar de repugnância, como se a mera menção a mim deixasse um sabor ruim em sua língua.

Tentando me controlar, movi o maxilar de um lado para outro, rilhando os dentes, até ter certeza de que iria falar com civilidade. No fim das contas, não adiantou nada.

– Ana – comecei, erguendo as mãos e falando com calma, tentando apaziguar a mulher irascível –, você não entende que isso pode ser um problema?

– Não é – disse ela com arrogância, cruzando os braços diante do peito depois de jogar a esmeralda na água.

Corri a mão pelos cabelos, puxando-os, frustrado.

– Mas Kelsey e Ren vão...

Ela me cortou.

– Não quero ouvir falar nem mais uma palavra sobre Kelsey.

Um sibilo me desviou de nossa discussão e me virei para o rio, onde vi várias criaturas prestando atenção a tudo que dizíamos. Baixei a voz, me lembrando de como os demônios quase mataram Kells.

– Por que você não me ouve?

– Por que eu deveria? Você claramente não me escuta! Se por acaso se desse o trabalho de perguntar de maneira educada em vez de fazer suposições, eu lhe diria o porquê de ter agido assim. Não que isso devesse importar. Pensei que a esta altura eu já merecesse sua confiança.

Minha expressão estupefata devia ter dito tudo, mas, por via das dúvidas, falei:

– É claro que confio em você. Confio em você para qualquer coisa, para tudo.

– Não tudo. Não quando se trata de Kelsey.

O silêncio caiu entre nós. O peito dela arfava de emoção e, afóra o barulho da água batendo na margem, nossa respiração era tudo que eu podia ouvir. Havia, porém, mais coisas entre nós. Coisas que não estavam sendo ditas. O peso invisível, intangível do que não estávamos dizendo fluía entre nós, como fumaça. Que enchia meus pulmões e exigia que eu reconhecesse sua existência.

– Eu... eu... – comecei, sem saber o que iria dizer, mas deixando as palavras subirem como bolhas de algum lugar bem fundo dentro de mim. – Eu sei que você nunca faria algo para machucar Kelsey.

Os olhos dela cravaram-se nos meus, procurando desesperadamente alguma coisa, e pude ver o momento em que ela desistiu da procura.

– Deixe para lá – disse por fim, seu corpo inteiro envergando com o peso da decepção. – Vamos só terminar o trabalho.

Não gostei do tom definitivo em sua voz ou da maneira como ela seguia à minha frente pelo caminho. Naquele momento, ela parecia totalmente a garotinha encolhendo-se diante do vilão. Não havia o menor traço da deusa, e eu odiava o fato de ter sido eu a fazê-la sentir-se assim. Em voz baixa, descrevi a fortaleza desmoronada, a mangueira, o chafariz e os macacos.

Ao canalizarmos o poder da terra, poderosos blocos de rocha se ergueram do solo, empilhando-se uns sobre os outros até formar ali uma antiga cidadela indiana. As árvores se sacudiam às nossas costas e reconheci os gritos dos macacos. Eles haviam respondido ao chamado de Ana e as árvores permitiram que passassem para que pudessem servir à sua deusa. Ela os incumbiu de guardar o precioso Fruto Dourado da Índia e, depois que concordaram em curvar-se diante tanto da deusa quanto de suas armas, eles se instalaram no alto da fortaleza, transformando-se em pedra, da mesma forma que Fanindra se tornava metal.

Quando chegamos à fonte, ela pegou a manga dourada em sua bolsa e a colocou em um grande vaso que se ergueu no centro. Com algumas palavras

murmuradas por Ana, ele afundou no solo e, em questão de segundos, uma plantinha brotou e cresceu diante de nossos olhos até alcançar sua altura plena. Flores se abriram e frutos surgiram. No topo, uma flor especial, que brilhava mais do que o sol, desabrochou e se transformou no Fruto Dourado.

– Mas nós não vamos precisar dele? – perguntei.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não se tivermos o amuleto. Com isto – ela ergueu o medalhão pendurado em seu pescoço –, podemos recorrer ao poder do Fruto Dourado, independentemente de onde estivermos.

– Mas como? Nunca funcionou assim antes.

– O fruto é um presente de Durga, não é?

– É, mas...

– Meu... meu corpo absorveu o poder dos presentes. Já não preciso do lenço ou do fruto para recorrer à magia deles.

– Quando isso aconteceu? – perguntei.

– Percebi pouco depois que retornamos do passado. Nosso professor sugeriu que isso poderia ser o resultado da picada da jovem Fanindra associada ao fato de eu ter me fundido com meu eu passado. Ele deduziu que, em algumas espécies, o veneno da cobra recém-nascida é muito mais poderoso que o do animal adulto. Não sei se esse é o caso de Fanindra, mas meus poderes cresceram desde então.

Ana virou-se para outro lado e vi a orgulhosa rigidez de seus ombros. Embora ela se recusasse a abrir a mente para mim, eu sabia que os poderes expandidos que ela agora possuía a perturbavam. Ela optara por não me contar e doía saber que ainda não confiava em mim.

Afastando-se, ela disse:

– De qualquer forma, o fruto tem cumprido seu propósito para nós. Agora irá servir outra vez. – Ela murmurou mais algumas palavras e então disse: – Pronto. Está feito. Quando Ren e Kelsey colherem o fruto da árvore, vocês dois recuperarão seis horas diárias como homens.

Criamos então a marca da mão e o enigma. Ana deixou a mão sob a minha apenas pelo tempo suficiente para criar o mecanismo que elevaria a árvore. Preocupado com Ren e Kelsey, mencionei os ataques a eles que eu testemunhara

antes e perguntei se ela poderia limitar suas criações ainda mais para que eles não se machucassem. Ela levou a mão ao babuíno de pedra e perguntou suavemente:

– Eles sobreviveram, não foi?

– Sim, eu suponho – respondi, lembrando-me de como os ajudara antes. – Mas uma deusa poderia, com certeza, fazer mais para...

– E quanto às minhas criaturas? – indagou ela. – Você se preocupa mais com Kelsey do que com esses seres que, de boa vontade, servem a mim?

Cruzando os braços diante do peito, retruquei:

– Sinceramente? Sim.

Ana me lançou um olhar cortante. Seus olhos tornaram-se vítreos e sem expressão. Ambos viramos a cabeça assim que ouvimos um estrondo do outro lado da cidade de macacos. Sem dizer palavra, seguimos naquela direção.

Suspirando, estendi a mão e toquei seu ombro, mas ela se esquivou de mim.

– Ana, vamos lá. Precisamos conversar sobre o que está aborrecendo você.

– Não – retrucou ela. – Não precisamos. Se você continua ansioso em relação à garota que o abandonou, então pode voltar para ajudá-la sem me fazer assistir a isso.

Não me dei o trabalho de dizer a ela que já tinha feito isso. Pareceu-me a hora errada de mencionar esse fato. Encontramos a fonte do barulho e vimos que um pedaço da ponte levadiça havia caído. Como tínhamos acabado de criá-la, ficamos surpresos.

Enquanto eu examinava o local, ela falou, de costas, correndo o dedo por uma dobradiça quebrada.

– Se você tivesse se dado o trabalho de me perguntar por que enchi o rio com pedras preciosas, eu teria lhe contado. – As costas de Ana estavam rígidas, a epítome da deusa inacessível. – Apesar das suas suspeitas – continuou –, eu não fiz isso para atrair Kelsey. Se quer saber, os *kappa* são como dragões com um tesouro. As pedras preciosas os acalmam e os mantêm adormecidos e quietos.

– Você poderia ter me contado – redargui.

– Não deveria ser necessário – replicou Ana, os olhos distantes.

Sem saber o que dizer, perguntei se ela iria consertar a ponte levadiça. Não foi uma boa escolha. Ana apertou o amuleto na mão e nos transportou no tempo e no espaço sem nem mesmo me tocar. Estava certa quanto a seu poder ter aumentado. Meu estômago se contraiu ao chegarmos à parada seguinte – o Templo da Terra.

Raios cintilantes de sol nos envolveram com sua luz, que se infiltrava pelas rachaduras do teto. Girando, examinei o lugar onde nos encontrávamos. E o reconheci de fotografias.

– É o templo de Durga – falei. – Este é o primeiro.

Ana caminhou pelo recinto, examinando as colunas. Percebi que suas pegadas desapareciam na poeira assim que ela levantava os pés. As minhas também. Eu não tinha certeza se ela havia providenciado para que fosse assim ou se isso era uma coisa natural que acompanhava seu poder. Lembrei-me de quando os rastros dos camelos desapareceram no passado. Ela passou a mão pelas lisas colunas de terracota, ignorando-me de propósito.

– Espere – eu disse. – Tem alguma coisa errada. – Tornei a girar devagar, descrevendo um círculo, tentando ver o que estava faltando. – As colunas estão vazias. Deveriam estar cheias de pistas sobre as coisas que irão acontecer em cada uma de nossas jornadas. A primeira busca deveria ser aqui – concluí, apontando uma coluna. – A do tubarão, bem aqui. Naquela de lá, a Cidade de Luz, e nesta aqui deveriam estar os silvanos. – Dei um tapa na testa. – Suponho que eu possa buscar as fotos na biblioteca de Kadam. Ele tirou muitas...

Ana sacudiu a cabeça.

– Não vai ser necessário.

Seu corpo desapareceu por um instante quando ela fechou os olhos e então, com um movimento rápido de sua mão esquerda, a areia irrompeu da coluna e a luz cintilou por dentro à medida que os entalhes que eu vira em fotografias se materializavam exatamente como eu me lembrava deles, até o último detalhe. Ela agitou a mão sobre a segunda coluna e senti o cheiro das flores que haviam sido trançadas nos cabelos de Kelsey pelas fadas.

Na terceira, captei o cheiro do mar e a quarta rapidamente materializou-se em Senhores da Chama e *qilins*. O forte odor de enxofre e um jato de calor me assaltaram. Eu estava estudando um demônio *rakshasa* na recém-concluída

quarta coluna quando uma luz brilhante destruiu uma quinta coluna em que Ana vinha trabalhando. Foi poderosa o bastante para lançá-la do outro lado do ambiente. Corri na mesma hora até ela.

– Você está bem? – perguntei, ajoelhando-me a seu lado.

Havia um corte em seu braço e um pó vermelho cobria seus membros e cabelos.

– Machucada, mas não quebrada – disse ela enquanto seus olhos assimilavam a destruição.

– A quinta coluna – ponderei. – Kadam disse que eu não deveria me preocupar com a maneira como ela foi destruída. – Mordi o lábio. – Você... viu alguma coisa?

Ela ergueu os olhos para mim.

– Um pouco. Reconheci nossa imagem como deusa e tigre, com todas as armas. Estávamos a caminho da batalha. – Ana tocou um dedo no brilhante bracelete de cobra. – Vi a morte e o nascimento de Fanindra. Eu falando com Nilima no templo. A criação da Caverna de Kanheri e de Kishkindha. Assim que cheguei a esse ponto, um véu de escuridão nublou minha visão e, embora eu saiba que finalizei os entalhes, não tive permissão para vê-los. Quando estava completo, um poder o destruiu. Isso é tudo que sei.

– Eu me pergunto se fomos nós que fizemos isso – falei baixinho.

Ela sacudiu a cabeça.

– Seria perigoso demais. Encontraríamos a nós mesmos.

Assenti. Ambos sabíamos que só havia uma outra pessoa com um motivo e o poder de destruir a coluna.

– Foi ele, não foi? – perguntei.

– Faz sentido – disse ela, com um suspiro.

Estendendo a mão, me ofereci para ajudá-la a se levantar, mas Ana claramente me ignorou e se pôs de pé sozinha.

– Mais alguma coisa? – perguntou.

Esfregando o rosto, franzi a testa e olhei ao redor.

– Acho que isso é tudo. Não. Espere. Havia uma marca de mão oculta que foi exposta por um terremoto. Uma em cada templo.

Aproximando-se da estátua, Ana levou a mão à pedra e olhou em minha direção, esperando que eu fizesse o mesmo. Deslizei a mão sobre a dela e nossos olhos se encontraram. *Ana*, eu disse para sua mente, *eu não quero brigar. Me diga qual é o problema. Deixe-me compartilhar sua dor, da maneira como compartilhou a minha*. Dei um passo à frente, pressionando meu corpo contra o dela. Ana não me respondeu, mas tampouco se afastou. Com nossas mãos se tocando, ela acelerou o tempo. Os séculos passaram velozmente. Eu estava hipnotizado pela luz que brincava em suas feições até que, rápido demais, a luz desacelerou.

Eu estava prestes a falar quando, naquele momento, ouvimos uma voz alegre e aguda. Era Kelsey, sem dúvida. Ana ficou rígida e afastou-se abruptamente, agitando a mão para cobrir a impressão com pedra. Pensei que ela gostasse de Kelsey. Não fazia sentido que estivesse tão aborrecida por vê-la outra vez. Mas eu podia sentir o ressentimento elevando-se em ondas. Ela não agira assim no casamento de Kelsey. Por mais ligados que fôssemos, eu não conseguia entender o que estava acontecendo com ela.

Ana murmurou algumas palavras e o poder do vento levantou todo o pó de seu corpo e de suas roupas e o levou embora. Um instante antes de Kelsey entrar no templo com Ren como tigre a seus pés, ela nos deslocou no tempo, de modo que ficássemos fora do alcance da visão deles. Mais uma vez, tomei o cuidado de bloquear meu cheiro e apagá-lo do templo para que Ren não pudesse detectar minha presença.

Kelsey aproximou-se e eu ia sair do caminho, mas Ana segurou meu braço e sacudiu a cabeça. Kelsey nos atravessou. Ela estremeceu, mas, afbra isso, nada percebeu. Eles seguiram até a estátua de Durga com seu tigre. Ela era antiga e já se encontrava no templo. Nós os seguimos em silêncio, nossos passos desaparecendo na areia como por mágica.

“Acho que ela também tinha um tigre para protegê-la, hein, Ren?”, disse Kelsey. “O que você acha que o Sr. Kadam espera que encontremos aqui? Mais respostas? Como conseguimos a bênção dela?”

Kelsey andou em torno da estátua limpando a sujeira, um gesto inútil, considerando-se que a poeira tornava a se assentar no instante em que sua mão se afastava. Ren abanava a cauda de um lado para outro, alheio ao pó que se

grudava em seu pelo, os olhos fixos em Kelsey. Ela sentou-se e continuou a tagarelar enquanto ponderava sobre a situação em voz alta.

Suspirei com impaciência. *Apenas olhe para cima*, pensei. A resposta está bem ali.

Finalmente ela se levantou, passando o dedo sobre o entalhe.

“Ren”, disse Kelsey, “o que você acha que ela tem na mão?”

Ren assumiu sua forma humana. Apoiei o ombro na estátua, observando o diálogo entre os dois. Que ele já estava apaixonado por ela àquela altura era óbvio. Estava caído de quatro. Eles discutiram sobre como fazer uma oferenda, saíram para buscar comida com Kadam, que esperava do lado de fora, e então finalmente começaram o processo de invocar as bênçãos da deusa.

Demoraram vários minutos para encontrar um sino e, por um momento, entrei em pânico, pensando que tínhamos nos esquecido de providenciar um, mas Ana deslizou a mão pelo ar e um sino apareceu em uma prateleira. Quando tornaram a se aproximar da estátua, eu me afastei, dando-lhes espaço. Ana observava todo o processo com interesse. Não havia um só traço de tédio visível em seu rosto.

“Acho que você deve fazer a oferenda, Kells”, disse Ren. “Você é a protegida de Durga, afinal.”

Eles falaram um pouco sobre religião. Olhei para Ana quando Ren admitiu que nunca tinha sido devoto de Durga. Ela, porém, não pareceu se importar com isso. Quando Kelsey falou sobre sua falta de fé desde a morte dos pais, eu me encolhi. Eu tinha estado lá. Poderia tê-los salvado. No entanto, não fiz isso. Naquela ocasião, pensei que poderia voltar e consertar tudo. Agora não tinha mais certeza. Se os pais dela tivessem sobrevivido, Kelsey provavelmente nunca teria trabalhado no circo. Nunca teria encontrado a mim ou Ren.

Bufoi quando Ren falou poeticamente sobre um poder benigno no universo. Até onde eu sabia, o único poder no universo éramos nós. Eu, com certeza, não me sentia digno o bastante para ser um deus. Ana, porém, era diferente. Mesmo agora ela os observava com um sorriso beatífico. Quase como se fosse uma mãe satisfeita, desaparecidos todos os traços de seu ressentimento anterior. Mudei de posição, incomodado, pensando que talvez fosse de mim que ela se ressentisse, não de Kells.

Eles começaram a limpar a estátua e, quando Ana se afastou, fez o mesmo. Ela usou o poder do vento para ajudar a manter a poeira à distância. Quando acabaram, eles dispuseram a oferenda e tocaram o sino.

Ren disse:

“Durga, viemos pedir sua bênção para nossa busca. Nossa fê é fraca e simples. Nossa tarefa é complexa e misteriosa. Por favor, nos ajude a encontrar a compreensão e a força.”

A voz de Kelsey tremia, como se ela estivesse nervosa:

“Por favor, ajude esses dois príncipes da Índia. Devolva-lhes o que lhes foi tirado.”

Anamika olhou para mim e me dirigiu um breve sorriso.

Eu retribuí, enquanto Kelsey prosseguia, torcendo para que isso significasse que nossa briga tinha chegado ao fim.

“Ajude-me a ser forte e sábia o bastante para fazer o que for necessário”, continuou Kelsey. “Ambos merecem a chance de ter uma vida.”

Ficamos ali parados, os quatro, dois de nós invisíveis e os outros dois de mãos dadas. Nada aconteceu. Ana franziu a testa e então me olhou, arqueando as sobrancelhas, como se eu fosse saber o que fazer. Sacudi a cabeça e dei de ombros. Mais alguns minutos se passaram. A deusa e seu tigre não apareceram.

Ren transformou-se em tigre novamente. Ana fez um movimento com a mão e o tempo parou. Ren e Kelsey ficaram ali, imobilizados. As partículas de poeira que cintilavam nos raios de sol não se moviam.

– O que acontece agora? – perguntou Ana.

– Bem, a deusa e seu tigre aparecem. Ela dá Fanindra e a *gada* para Kelsey.

Ana franziu a testa, aparentemente refletindo, e então fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Muito bem. Me acompanhe.

Ela agitou a mão e canalizou o poder da terra e do lenço. Antes que eu pudesse perguntar o que estava fazendo, o solo tremeu. A pedra que cobria a impressão caiu. Kelsey a tocou e, com um solavanco, senti meu corpo se reposicionar enquanto assumia minha forma de tigre. Eu estava rígido e imobilizado. *Ana!*, pensei.

Paciência, Damon, foi sua resposta. Pelo menos tente confiar em mim.

Kelsey colocou a mão na estátua e, através de uma espécie de filme que recobria meus olhos, vi uma luz brilhante aparecer. Era tão atordoante que eu queria fechar os olhos, mas não podia, então grunhi baixinho. Pouco a pouco, senti meus membros voltarem à vida. A poeira fazia cócegas em meu nariz, mas, em vez de espirrar, arreganhei os dentes e rosnei.

Ren rugiu, me desafiando, e reconheci que ele estava se preparando para saltar sobre mim. Uma mão tocou meu ombro e, quando levantei os olhos, vi que era Ana, vestida como a deusa, brandindo todas as armas que eu sabia que se encontravam na mochila em minhas costas. Eu estava a centímetros de sua cintura nua e das pernas longas, muito longas. A saia tinha uma fenda que subia até a coxa e o corpete justo se colava a suas curvas. Ela cheirava a lótus e jasmim e os cabelos compridos desciam pelas costas em ondas sedosas. Dois de seus braços descansavam em mim e ela se comunicou comigo silenciosamente: *Vamos fazer isso juntos.*

Ana ergueu um braço longo e dourado, as pulseiras tilintando baixinho.

“Bem-vinda ao meu templo, filha”, disse Anamika. “Sua oferenda foi aceita.”

O sorriso em seu rosto era tão doce, sua voz tão melodiosa, que eu a fitei tão extasiado quanto Ren e Kelsey. *Você é tão linda*, pensei, e então engoli em seco, me perguntando se ela teria escutado minha voz interior.

Ana hesitou, então uma de suas mãos foi até minha cabeça e ficou brincando com minha orelha. Uma espécie de satisfação dourada me percorreu, e eu não sabia se vinha dela, de mim ou se era de nossa conexão, mas, de qualquer maneira, eu gostava da sensação de seus dedos acariciando meu pelo.

“Vejo que você tem seu próprio tigre para ajudá-la em tempos de guerra”, disse Ana.

“Ah... sim. Este é Ren, mas ele é mais do que apenas um tigre.”

“Eu sei quem ele é e que você o ama quase tanto quanto eu amo o meu Damon. Não é?”

Espere aí. Como? Ela me amava? *Você quis mesmo dizer isso?*, perguntei mentalmente. Como poderia, se há pouco tempo, em Kishkindha, estava com raiva de mim?

Silêncio, respondeu ela, seu segundo braço massageando meu pescoço. *Não está vendo que estou ocupada?*

“Vocês vieram buscar minha bênção e minha bênção eu darei”, continuou Ana. “Cheguem mais perto e a aceitem.”

Ren avançou, aproximando-se de nós, e me encolhi enquanto ele farejava. Teria me reconhecido? Lembrei-me de Ren dizer que o tigre de Durga era laranja. Olhando para baixo, vi que, de fato, minhas patas estavam laranja. Arranhei a pedra, pensando que as preferia pretas.

Ana lhes disse aonde deveriam ir e os advertiu dos perigos. Eu estava ocupado, de olho em Ren – que me observava perto demais para meu gosto –, para ver Ana entregando a *gada* a Kelsey.

Tem certeza?, perguntei.

Sim. As armas de Durga agora também fazem parte de mim, explicou ela quase com tristeza. *Posso invocá-las do éter a qualquer hora ou em qualquer lugar que quiser. Quando não precisamos mais delas, simplesmente as soltamos e elas voltam para o lugar de onde vieram.*

Suspirei, o que, em um tigre, parece um sopro. Isso seria estranho aos ouvidos de Ren, mas não havia nada que eu pudesse fazer para voltar atrás.

Kelsey testou a *gada* e fiquei surpreso ao ver que ela possuía a força da deusa. Eu sempre presumira que a força de Ana vinha do pedaço de terra do amuleto, mas Kelsey já a tinha, mesmo àquela altura. Eu me perguntei então se era a conexão com o tigre que dava às duas mulheres as habilidades que tinham. Se assim fosse, a maldição do tigre não era uma punição, mas uma bênção. Sem ela, Ana e Kelsey teriam morrido no campo de batalha, supondo-se que sobrevivessem às provações anteriores.

Fechei os olhos e inclinei a cabeça. Ana estendeu a mão e coçou a parte inferior de meu maxilar. Suas mãos estavam definitivamente me distraindo. Tanto que não vi Fanindra despertar e deslizar para Kelsey. O que me surpreendeu ainda mais foi Fanindra ter crescido a seu tamanho máximo. *Quando isso aconteceu?*, perguntei.

Ela se alimenta do tempo, disse Ana, respondendo à minha pergunta. *Durante nossas viagens no tempo, ela se desenvolveu rapidamente.*

Isso respondia a duas perguntas. Não só eu agora compreendia o rápido crescimento de Fanindra como sabia que Ana podia ouvir meus pensamentos secretos. Ela me ouvira chamá-la de linda.

Kelsey tremia quando Fanindra se aproximou. A pobre garota estava obviamente petrificada.

Olhando para Ana, bufei. *Sinto muito*, eu disse. *Sei que você vai sentir falta de Fanindra*. Ren e Kelsey estavam preocupados demais com a cobra para notar as lágrimas no rosto de Ana. *Mas nada de choro agora*, acrescentei. *Quem sabe que demônios você irá criar com essas lágrimas?* A mão de Ana agarrou firme meu pelo. Esfreguei a cabeça em sua perna torneada. *Vamos vê-la novamente, não vamos?*, perguntei.

Percebi o leve movimento afirmativo de sua cabeça. *Ela irá atender meu chamado sempre que eu precisar de ajuda. Eu lhe dei a habilidade de deixar uma duplicata de metal com Kelsey quando a ocasião permitir. Mas Kelsey precisará dela no momento.*

Que interessante. Enquanto Kelsey e Ren se apavoravam com Fanindra, eu me perguntava quantas vezes durante nossa jornada carregáramos uma joia em vez da criatura verdadeira.

Quando Fanindra alcançou o braço de Kelsey, ergueu a cabeça e projetou a língua, como se despedindo da deusa, e então se transformou em bracelete.

“Ela se chama Fanindra, a Rainha das Serpentes”, explicou Ana. “É um guia e irá ajudar vocês a encontrar o que procuram. Ela pode conduzi-los por vias seguras e irá iluminar seu caminho através da escuridão. Não tenha medo, pois ela não lhe deseja nenhum mal.” Ela sorriu e acariciou a cabeça de Fanindra. “Ela é sensível às emoções das pessoas e anseia por ser amada pelo que é. Tem um propósito, assim como todos os seus filhos, e devemos aprender a aceitar que todas as criaturas, por mais assustadoras que possam ser, são de origem divina.”

Senti nas palavras de Ana mais do que uma tentativa de aconselhar Kelsey. Seria possível que Ana amasse aqueles demônios horríveis? Os macacos assassinos? Quando ela disse que Kelsey e Ren deveriam usar o coração para encontrar um ao outro, a pedra da verdade pendurada em meu pescoço esquentou. *Será que não estou usando o coração para encontrar meu*

propósito? Ana havia me acusado de manter minha mente e meu coração afastados dela. Como eu poderia provar que não estava fazendo isso?

Ren e Kelsey seguiram fazendo perguntas, desesperados para saber mais, porém Ana usou o lenço e o poder da terra para nos cobrir novamente de poeira e pedra. Um véu estendeu-se sobre meus olhos e tornei a ficar imóvel. Kelsey levou a mão à minha cabeça empoeirada e tocou minha orelha, onde a mão de Ana tinha estado. Uma sensação fria apoderou-se de mim e, embora eu ainda estivesse preso dentro da estátua do tigre, senti que Ana não estava mais ali.

Kelsey girou quando ouviu um ruído, e vi Ana parada ali perto, as mãos nos quadris. Ela estava mais uma vez vestida com seu traje típico, as botas de couro macio que iam até a metade das coxas e o vestido verde. Seus olhos faiscaram quando ela olhou para mim, mas Kelsey não podia vê-la.

Ren seguiu Kelsey, deixando o templo, e após um longo momento ouvi o Jipe partindo pela estrada.

Ana ainda se manteve imóvel, simplesmente me olhando.

Apelando à sua mente, posto que não podia falar, gritei, um tanto nervoso: *Hã, Ana? Uma ajudinha?*



O bosque

Depois de dar meia-volta, ela foi até as colunas que restavam no templo e demorou-se examinando cada um dos entalhes. Quando acabou, estalou os dedos e, enfim, me devolveu o controle sobre meu corpo. Eu estava espumando quando me liberei da pedra e reassumi a forma humana. Tinha tentado me libertar, mas, de alguma forma, ela havia me bloqueado. Furioso, limpei as mãos na camisa preta, tentando inutilmente descartar a poeira.

– O que foi isso? – gritei, fuzilando-a com os olhos.

Ignorando minha pergunta, ela agitou a mão e fui envolto na mesma hora em um ciclone que sugou todo o pó, como um dos aspiradores de Nilima, só que movido a deusa.

– Pare com isso! – gritei de dentro do túnel de vento.

Se ela me ouviu, não se deu o trabalho de responder. Quando fui libertado de sua “ajuda”, segui rapidamente até ela e a segurei pelo braço, fazendo-a girar e olhar para mim. Eu sabia que ela odiava que a segurassem com violência e, agora que conhecia a razão e vi sua reação assustada, me arrependi de pôr as mãos nela. Foi mais fácil afastar a mão dela do que me livrar da irritação.

– Você poderia, por gentileza, me dizer por que me deixou preso ali?

– Eu estava punindo você – disse ela simplesmente, as mãos nos quadris.

– E o que foi, me diga, por favor, que eu fiz para aborrecer você *agora*?
Certamente você não estava com raiva de mim alguns minutos atrás, enquanto fazia carinho em minhas orelhas. Então presumo que esse seja um novo acontecimento.

Suas faces ganharam um discreto tom rosado.

– Não quero falar sobre isso – retrucou ela, dirigindo-se com passos duros para a entrada do templo.

Fui atrás dela e insisti:

– Acho que precisamos falar, sim. Na verdade, acho que precisamos estabelecer algumas regras básicas.

– Por que os homens sempre acham que podem conduzir a mulher na direção que querem simplesmente criando regras? – perguntou ela.

– Talvez os homens gostem de regras para que eles saibam exatamente o que esperar. As regras criam uma vida ordenada.

– Rá! Or-de-na-da? – gritou ela de volta, empurrando meu ombro. – Está mais para ordem. O seu tipo de ordem. – Ela enfatizou cada palavra com uma estocada do dedo em meu peito. – O tipo em que *você* pode *me* dizer o que *fazer*.

– Caso você não tenha percebido, era eu que estava sendo controlado por você, não o contrário. – Dei um passo à frente, prendendo-a entre meu corpo e a parede do templo de modo que ela não pudesse mais meter o dedo em meu peito. Sua mão ficou espalmada contra ele, mas Ana não me empurrou, e eu teria permitido se ela tentasse. – Não estou tentando dizer a você o que *fazer* – falei, rilhando os dentes. – Só estou tentando entender o que fiz para você me aprisionar dentro de uma estátua por quase uma hora.

Ana revirou os olhos.

– Não foi uma hora. Foram apenas alguns minutos.

– Pareceu uma hora!

Meu temperamento estava esquentando de novo, como quando tínhamos ficado presos juntos no passado da primeira vez. Eu tinha pensado que toda a emoção volátil entre nós havia ficado para trás. Mas essa mulher era tão exasperante.

– Estava tudo bem com você! – vociferou Ana.

– Eu estava preso!

– Se tem alguém preso aqui, sou eu! – gritou, agarrando minha camisa com as duas mãos e me empurrando até eu quase cair.

Ela era forte. Talvez mais forte do que eu e Ren juntos. Antes que me desse conta, ela inverteu nossas posições e empurrou minhas costas contra a parede. Suas mãos agarravam a camisa com tanta força que ouvi o tecido se rasgar um pouquinho. Os olhos de Ana cintilavam de raiva e medo e... e algo mais, algo que eu não conseguia identificar.

Levantando as mãos, as palmas voltadas para cima, acalmei minha voz e disse:

– Você não está presa, Ana. Está vendo? Eu não estou segurando você. É você quem está me segurando.

– Mas eu *estou* presa – insistiu ela com um tom de súplica que eu nunca ouvira antes. – Eu sou uma prisioneira. As correntes do meu passado... elas pesam sobre mim, me amarrando à lembrança de algo abominável. Então, quando olho para o futuro, as correntes do dever se estendem à minha frente. Entre os dois tipos de corrente, eu me sinto como se estivesse sendo rasgada ao meio, com o que tem de bom em mim se derramando no espaço entre as correntes. Eu não sei qual dos lados vai vencer. Mas, em todos os casos, eu perco.

Lembrei-me da jovem violada, a que havia me implorado que a ensinasse a se defender. Imediatamente, minha raiva passou e estendi a mão para tirar o cabelo de seu rosto.

– Eu compreendo, Ana. Esta vida a que nos dedicamos não é fácil.

– Não quero que eles vençam, Sohan... nem o cosmo que me molda para seus propósitos nem o senhor de escravos que me usou. Quero encontrar um grau de felicidade em meio a tudo isso... um meio-termo satisfatório. É demais esperar isso? É?

– Não, Ana. Não é. Então me diga o que a deixa feliz. O que você quer?

– Eu quero... eu quero...

Ela umedeceu os lábios, uma expressão transtornada no rosto. Assenti, encorajando-a a prosseguir, mas Ana permaneceu muda. Então a determinação iluminou seu rosto e ela enroscou os dedos no tecido de minha camisa e puxou. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, sua boca esmagou a minha.

Quando tentei recuar e me soltar de seu abraço desesperado, ela gritou e deslizou a mão por trás de minha cabeça, me forçando a ficar.

O que você está fazendo?, perguntei, de mente para mente, mas Ana havia efetivamente erguido um muro entre nós. Eu não podia lê-la mais do que podia ver através de uma pedra. Parei de lutar enquanto ela voltava a me beijar. Era um beijo febril e simples ao mesmo tempo. Como o beijo de uma criança, pressionando lábios contra lábios. Eu não correspondi. Mesmo que quisesse, estava chocado demais para compreender o que ela queria ou precisava de mim. Após um longo momento, ela recuou, o rosto lavado em lágrimas e dor.

Então tirou as mãos de meu peito, afastando-se tão abruptamente quanto se tivesse pisado em um arbusto espinhento, e levou os dedos à boca. Uma dezena de emoções se agitavam em sua expressão, mas ela rejeitou bruscamente quaisquer tentativas da minha parte de uma comunicação silenciosa.

– Ana... – comecei em voz alta, dando um passo em sua direção.

– Não – disse ela, sacudindo a cabeça de um lado para outro e virando os dedos para enxugar as lágrimas. – Não, Kishan. Não vamos falar disso.

Dando meia-volta, ela deixou o templo. Soltando um longo suspiro, eu a segui, correndo as mãos pela frente da camisa para alisar os vincos profundos, e então explorei o rasgo na lateral com o dedo. Sem nem mesmo olhar para mim, ela agitou a mão e fomos os dois lançados no tempo e no espaço.

Quando dei por mim, estávamos enterrados até os joelhos na neve. Estremeci e girei o corpo, olhando ao redor. Estávamos em um lugar de grande altitude. Mais alto que a montanha onde ficava nossa casa. Os fios do lenço circularam à minha volta e à volta de Ana simultaneamente, criando casacos grossos, luvas e botas pesadas. Uma vasta planície se estendia até onde eu podia ver de um dos lados, e do outro, picos altos de montanhas desapareciam em meio às nuvens.

– Deixe-me adivinhar – falei. – Vamos criar Shangri-lá?

Ana assentiu.

– Afastaste-se, Kishan.

Quando ela ergueu as mãos, eu disse:

– Então voltei a ser apenas Kishan? Por quê, Ana? É porque eu não correspondi ao seu beijo?

- Não importa.
- Importa, sim.
- Não tanto quanto executar nosso trabalho.
- Certo, se é o que você diz, mas vamos ter de conversar sobre isso em algum momento.

– Esse momento não é hoje. Além disso, você não quer sair da neve?

Inclinando a cabeça, respondi:

– Seu desejo é uma ordem, Deusa.

Anamika me olhou de cara amarrada e então voltou a atenção para a montanha. Diante de meus olhos surgiram duas grandes árvores, brotando da densa camada de neve e gelo. De pé entre elas, Ana teceu um encantamento e as árvores cintilaram com uma luz interior que ameaçava explodir através da casca. De fato, a casca soltou-se e as folhas e os galhos murcharam e foram reabsorvidos. Entalhes intrincados apareceram nos troncos.

Quando ela pousou a palma da mão em uma das árvores, juntei-me a ela e deixamos ali a impressão da mão, que lentamente desbotou. O lenço se ergueu no ar e criou um tecido transparente e mágico entre os dois troncos. Os flocos de neve que espiralavam suavemente no ar foram atraídos para o vento que Ana criou. Então o tecido transparente e o vento repleto de flocos de neve começaram a girar freneticamente, até que um ciclone surgiu entre as duas árvores. Uma explosão de luz me obrigou a cobrir os olhos e, quando a claridade diminuiu, vi uma tela tremeluzente que se estendia de um tronco a outro.

Sem olhar para ver se eu a havia seguido, Ana atravessou a tela e desapareceu. O lenço separou-se da substância brilhante e flutuou acima de mim. Pegando-o, guardei-o no bolso e fui atrás dela.

Ana já se lançara ao trabalho nos poucos segundos que levei para entrar. As vastas terras de Shangri-lá estendiam-se diante de nós e, sem que ela nem mesmo me consultasse, uma floresta inteira irrompeu do chão. Agachando-se, ela pressionou as mãos contra a grama recém-brotada e um rio fluíu de suas palmas. Criando o próprio leito, ele correu sobre pedras e se acumulou em pequenas depressões enquanto continuava seu caminho sinuoso.

Os trajes pesados desfizeram-se em nosso corpo e foram reabsorvidos pelo lenço. Ana, agora descalça, começou a caminhar e, onde seus pés tocavam o

solo, flores de todos os tipos brotaram. Ela tocou o galho de uma árvore e grandes bandos de pássaros surgiram das folhas, levantando voo em todas as direções. Quando passamos por uma colina familiar, eu disse que ali deveria haver um velho barco e que animais de todas as espécies viviam nos arredores.

Com um aceno de cabeça quase imperceptível, ela criou o barco e animais de todos os tipos saíram pela porta aberta, desceram a rampa e foram em busca de novos lares. Vários nos seguiram enquanto andávamos. Ana se deteve diante de um campo vasto e estéril. Batendo um dedo no lábio, murmurou alguma coisa sobre rosas. Diante de meus olhos, centenas de roseiras estenderam braços espinhentos e floriram quando ela as tocou.

Encostando o nariz em uma rosa púrpura totalmente desabrochada, ela inspirou fundo e sorriu. Meu coração apertou-se de tristeza ao vê-la em seu elemento. Suas rosas a deixavam feliz. Peguei-me desejando que ela voltasse o poder daquele sorriso em minha direção. Que eu pudesse fazê-la feliz em vez de instigá-la a me esganar. Ela merecia ser feliz. Ana trabalhava tanto e ajudava tantos; o mínimo que eu poderia fazer era não discutir com ela.

Ana segurou a flor entre as mãos e soprou-a suavemente. As pétalas cintilantes desprenderam-se e dispersaram-se ao vento, e, quando ergueu as mãos em concha, ela me mostrou o que estava ali. Em sua palma havia uma linda fadinha com asas púrpura.

– Olá – disse Ana.

A criatura bateu as asas, tomando fôlego, e seu corpo elevou-se da mão de Ana até ela ficar olhos nos olhos com sua deusa.

– Sim, pode. É claro – disse Ana, em uma conversa da qual eu só ouvia o que a deusa dizia. – Você tem liberdade para fazer o que quiser – acrescentou. – Agora vá. E acorde as outras.

Com isso, a fada adejou acima das roseiras, tocando cada botão com os pés. Um a um, os botões se abriram e, de cada um, uma nova fada nasceu, espreguiçando braços e pernas delicados e bocejando. Então ouvi um suave cicio quando voaram pela primeira vez. Logo à primeira juntou-se outra fada, e mais outra, até que tantas esvoaçavam no ar que a luz do sol cintilava em suas ofuscantes asas diáfanas.

– São lindas – afirmei enquanto prosseguíamos para a aldeia dos silvanos.

- Você deve saber – murmurou Ana.
- Como? – perguntei, confuso.
- Nada.

Soltei um suspiro de frustração, minha determinação em fazê-la feliz se dissipando. Concluí que Ana só estava de muito mau humor e que, com a sorte que eu tinha, só teria de esperar um século ou dois para que aquilo passasse. Suspirei e a segui, dando-lhe uma boa dianteira.

Quando chegamos à área em que a vila deveria ficar, ela parou e fechou os olhos. Era quase como se pressentisse o que haveria ali. Ana cantarolou suavemente e isso fez a terra tremer e um vento forte soprar. O solo se abriu e árvores imensas brotaram e desfaldaram suas folhas. Quando estavam aproximadamente na metade do tamanho de que eu me lembrava, Ana foi até a primeira delas e cantou baixinho.

Um galho abaixou-se e, enfiado entre os ramos folhosos, mostrou um bebê silvano. Ana o pegou do galho e fez cócegas em seus dedinhos dos pés enquanto ele emitia seus sons de bebê. Meu coração fálhou uma batida. Ela era tão espontânea com ele, tão inesperadamente doce. Lembrei-me de seu ponto fraco por todas as crianças perdidas e me arrependi de zombar dela por isso antes. Com delicadeza, ela colocou o bebê em um tapete de grama que cresceu, espesso e viçoso, formando o que era quase um berço para a criança.

Ela seguiu percorrendo a linha de árvores, retirando um recém-nascido de cada uma delas. Levando a palma da mão aos lábios, ela a beijou e soprou, e imediatamente ficou cercada por fadas que ouviram com atenção suas instruções e então partiram em um enxame até que cada berço de grama estivesse rodeado por suas formas esvoaçantes.

Ela contou aos bebês e a suas fadas-babás uma história, como uma mãe contaria ao filho na hora de dormir. Falou de um homem chamado Noé, que veio para suas terras com um barco cheio de animais. De uma deusa e seu companheiro, que criaram seu lindo lar. Então Ana falou de um homem e uma mulher que um dia viriam a suas terras e como eles deveriam ajudá-los e guiá-los. Quando concluiu, seguiu em frente, deixando os bebês para trás.

– Acha mesmo que as fadas pequeninas podem cuidar dos bebês? – perguntei.

– Elas produzem um elixir do crescimento a partir das flores azuis que brotam na margem do rio. Os silvanos já serão adultos quando retornarmos.

– Ah... – Após um minuto, perguntei: – Quem contou a história da arca e dos animais para você?

– Quem você acha que foi?

É claro que tinha sido Kadam. Ela se deteve quando encontrou um pássaro vermelho gritando. Ele dançava ao lado de um ninho recém-criado, cheio de filhotinhos de bico aberto, piando. Estendendo um dedo, Ana chamou o pássaro e ele voou até o poleiro que ela lhe oferecia. Após um momento de pios indiscerníveis, Ana respondeu:

– Vou ver o que posso fazer.

Ela então levou a mão ao interior do ninho, tirando cuidadosamente do caminho os filhotes desengonçados, e recolheu um ovo não eclodido. Ana o guardou no bolso e seguimos adiante.

– O que aconteceu ali? – perguntei.

– Você não reconhece?

– O quê? O ovo?

– Os pássaros. Este aqui é o passarinho que vou criar.

Agora que ela tinha dito, pude ver a semelhança entre a mãe e o pássaro vermelho que Kadam havia me dado. Sacudi a cabeça, admirado com sua capacidade de apreender as disparidades do tempo. Enquanto caminhávamos, ela aqueceu o ovo com as mãos e sussurrou para ele, que tremeluziu e desapareceu. Não me dei o trabalho de perguntar o que aconteceu com ele.

Quando chegamos à caverna onde tínhamos encontrado a pedra ônfalo, Ana criou as abelhas e a pedra com facilidade, assim como a fumaça química, que se formou quando suas mãos aquecidas pelo fogo pressionaram a pedra. No entanto, não havia como imbuí-la da capacidade de ver o futuro. Quebramos a cabeça por um tempo, Ana tentando coisas diferentes, mas nada funcionou.

Eu estava debruçado sobre a pedra, examinando suas profundezas, quando Ana pegou meu cordão e o puxou. Seus olhos se estreitaram enquanto ela contemplava a pequena lasca da pedra da verdade que eu sempre trazia comigo.

– Quantos pedaços destes você tem? – perguntou.

– Alguns. Por quê?

– Posso ficar com este?

Assenti e ela estendeu as mãos por trás de meu pescoço para desamarrar o cordão. Seu corpo curvilíneo, que no momento estava envolto apenas em um fino vestido de verão, de repente se encontrou pressionado contra o meu e minhas mãos naturalmente foram para sua cintura a fim de estabilizá-la. O hálito quente de Ana fez cócegas em meu pescoço e seu perfume floral me envolveu. Minha respiração ficou presa, embora eu me forçasse a não reagir, e ela de repente se imobilizou.

Centímetro a centímetro, dolorosamente, ela se afastou, suas mãos soltando o cordão e deslizando até segurarem meus ombros. Ficamos os dois ali imóveis, a franja dos longos cílios escondendo seus olhos. Pigarreei, prestes a dizer alguma coisa para tentar desfazer a tensão que não deveria estar ali, e então ela olhou para mim. Os olhos verdes fixaram-se nos meus e eu não conseguia respirar, muito menos formar um pensamento coerente. Cada centímetro de minha pele formigava, consciente da presença dela.

– Eu... eu não consegui tirar – explicou ela, as palavras ditas de maneira suave.

Minha mente seguiu em uma direção totalmente diferente e ela inclinou a cabeça, como se ouvisse meus pensamentos. Eu os protegi dela na mesma hora e me afastei tão rápido que ela cambaleou.

– Sim, hã, eu mesmo cuido disso. – Erguendo a mão, arranquei o cordão do pescoço e o atirei para ela. – Depois me diga se funciona. Vou esperar você lá fora.

Quando saí da caverna, corri a mão pelos cabelos. *O que há de errado comigo?*, pensei. Ela não estava sugerindo nada. De modo nenhum. Certo, Ana havia se jogado em cima de mim, desajeitada, havia pouco, no templo, mas ela não tinha intenção alguma com isso, tinha? O mais provável é que estivesse apenas aborrecida.

Um pensamento então me ocorreu e fez meu sangue gelar. *Ou ela acreditava que eu estava aborrecido e queria me apaziguar*. Dei um tapa na testa. É claro. O sádico que a comprara, o homem que eu tinha matado, ele devia exigir afeição física para apaziguar sua raiva. Era provavelmente uma reação condicionada de Ana.

Meus punhos se fecharam. *Ela acreditava mesmo que eu a usaria dessa forma?* Que idiota eu era. Precisava refrear meu temperamento perto dela, do contrário ela se jogaria em cima de mim para satisfazer minhas necessidades masculinas. Enojado de mim mesmo, voltei-me para entrar novamente na caverna e me desculpar no momento em que ela saía.

– Pronto – disse ela, limpando as mãos uma na outra. – Tentei e funcionou. A pedra me mostrou uma coisa interessante. Eu...

– Você não precisa fazer isso – falei de supetão.

Seus lábios, curvados em um sorriso, voltaram-se para baixo quando ela franziu a testa.

– Fazer o quê? – perguntou.

– Você não... você não me *deve* nada, Ana. Favores, eu quero dizer.

– Favores?

Forcei as palavras a sair, mas elas estavam retorcidas e misturadas dentro de mim como as peças de um quebra-cabeça que eu não conseguia encaixar. Eu causaria mais danos se não fizesse isso com cuidado. Chutando a terra com minhas botas macias, tentei explicar:

– Ana, eu quero me desculpar.

– Por quê?

– Por... por segurar você daquele jeito. Por ficar com raiva.

Ela deu uma risada.

– Você está sempre com raiva. No mínimo, irritado. Não é nenhuma novidade.

– Não, eu sei. Mas não vou ficar mais. Não agora que sei como você reage.

Cruzando os braços diante do peito, ela disse:

– Você não gosta da forma como reajo?

– Não. Quero dizer, você não precisa agir assim. Eu não espero isso. Não é... não é a maneira como um homem deve tratar uma mulher.

Ana suspirou.

– Pode dizer logo o que quer e parar de gaguejar? Cansa a minha paciência ouvir você balbuciando sobre coisas que não fazem o menor sentido.

– Pronto. Está vendo? – falei, apontando um dedo para ela. – É disso que estou falando. Estou tentando ser compreensivo. Não acho que seja tão difícil

conviver comigo, mas aí você vem e joga coisas na minha cara, e eu tenho de me esforçar para ser um cara legal.

– É, eu sei. Agora você vai me dizer como se dava tão bem com a Kelsey.

– Eu me dava bem com a Kelsey, *sim*. Ela era fácil, comparada a você.

– Ótimo! Então, se ela o faz feliz, você devia voltar para o tempo dela e me deixar em paz. Eu não preciso da sua ajuda e certamente não quero você aqui se sentindo preso a meu lado.

Virando-se, ela pôs-se a andar entre as árvores e eu me apressei a segui-la.

– Ana, espere. Ana, por favor, pare. Me desculpe. Acredite ou não, eu estava tentando pedir desculpas.

Ela virou-se rapidamente e veio em minha direção. Parando a alguns centímetros de mim, seu corpo tenso de raiva e os olhos de esmeralda frios e duros, disse:

– Então diga logo o que quer, Kishan, e acabe logo com isso.

– Em primeiro lugar, você precisa saber que eu não me sinto aprisionado. Pelo menos, não mais. Eu quero ficar aqui, ajudando você. Em segundo, Kelsey é parte do meu passado. Uma parte importante, sim, mas aceitei que ela está com meu irmão. Ela está feliz com ele. Eu não vou interferir.

– E terceiro? – murmurou ela baixinho.

A ira já a tinha deixado, fazendo com que se desinflasse como um balão.

– Terceiro? Eu não gosto que você me chame de Kishan. Prefiro Sohan.

O lábio dela se contorceu.

– Prefere que eu o chame de Príncipe Sohan, o Grande?

– Não me desvie do assunto. Ainda nem cheguei à parte mais importante.

– E que parte é essa?

Estendi as mãos. Ela olhou para baixo, cerrou os lábios e por fim colocou as mãos nas minhas.

– O último ponto é... não importa quão zangado ou frustrado eu esteja, eu nunca, jamais a trataria como o homem que abusou de você.

Ela abriu a boca para falar e eu sacudi suas mãos levemente.

– Por favor, me deixe terminar. Eu não espero nada de você, Ana. Você não precisa massagear meus ombros, me beijar, nem mesmo me abraçar. Na verdade, estou perfeitamente feliz em servir como seu tigre pelo resto da minha

existência. Você pode me considerar um protetor, como seu irmão. Sei o que você passou e não vou ser eu a lhe causar mais dor. Por favor, acredite nisso, Ana, acredite em mim quando digo que nunca, *jamaís* porei as mãos em você dessa forma.

Baixei a cabeça para olhar seu rosto, na esperança de que ela percebesse minha sinceridade. Mais uma vez, uma miríade de emoções passava sob a superfície, mas Ana as mantinha escondidas de mim. Apertando suas mãos, perguntei:

– Você compreende, Ana?

– Sim – disse ela, a voz monótona e baixa –, eu compreendo.

– Ótimo. – Soltei um suspiro e dirigi-lhe o que esperava fosse um sorriso do tipo fraternal. – Agora, o que vem a seguir na lista? As quatro casas?

– Não – respondeu ela, distraída. – Sim. – Sacudiu a cabeça e afastou-se. – Quero dizer, podemos deixar para amanhã? Estou esgotada.

Preocupado, toquei seu ombro.

– É claro, isto é, sim, você está usando muito do seu poder. Deve estar exausta. Devíamos dormir um pouco. Quer ir para casa?

– Não. Nosso trabalho aqui ainda não terminou. Será que a gente pode dormir por aqui?

– Podemos. – Passei a mão pelos cabelos e girei em um círculo, pensando. Uma ideia surgiu em minha mente. – Eu, hã, conheço um lugar. Talvez você queira tentar o Bosque dos Sonhos... Dormi lá uma vez com Kelsey.

Eu me encolhi imediatamente, sabendo que esse ainda podia ser um ponto delicado, mas Ana limitou-se a assentir, sem interesse.

Levei-a até o lugar e soltei um gemido quando me lembrei de que ainda estávamos criando tudo.

– Você confia em que eu cuide deste? – perguntei.

Ela agitou a mão no ar e afastou-se para colher algumas flores.

– Certo, aqui vai – falei, e recorri aos poderes da deusa, acessando-os por meio de nossa conexão. Usando o pedaço da terra do amuleto, criei o caramanchão e, então, com o lenço, construí uma imponente cama suspensa entre as árvores, como uma grande rede. Flores e trepadeiras cresceram para preencher as lacunas entre as árvores, oferecendo privacidade.

Quando terminei, ela deslizou a mão sobre o colchão.

– Parece confortável – disse. – Talvez eu devesse criar uma dessas em meu jardim.

– Eu ficaria feliz em fazer uma para você.

Ver Ana cercada pelas flores e plantas que ela amava aquecia meu coração. Enquanto ela dava a volta pela cama, indo para o lado oposto e correndo os dedos pelos lençóis sedosos, o lenço envolveu seu corpo e criou para ela uma camisola de fios de aranha, tão macia e maleável quanto cetim. Era da cor das asas de uma pomba branca e colava-se ao corpo dela de uma maneira que tentei inutilmente ignorar. Uma cauda curta arrastava-se atrás dela e a fita que prendia seus cabelos desapareceu. Os longos cabelos caíram pelas costas em ondas brilhantes. Quando ela se virou, engoli em seco.

– Você, hã, está linda, Ana.

Estava mesmo. Anamika estava tão deslumbrante quanto uma princesa de conto de fadas em meio a seu jardim florido. Eu nunca tinha visto algo tão hipnotizante em toda a minha longa vida. Nada podia se comparar à beleza da deusa. Qualquer outro homem que estivesse ali no meu lugar teria se atirado a seus pés, desfrutando do calor de sua presença, à espera do momento em que ela o agraciasse com um sorriso. Minha respiração ficou presa na garganta e percebi que eu também esperava esse sorriso, mas seus lábios não se curvaram em momento algum.

Ela baixou os olhos para si mesma e exclamou:

– Oh!

Distraidamente, puxou as mangas boca de sino rendadas. Seu corpo reluzia com uma luz própria; a pedra da verdade em seu pescoço cintilava com a verdade de minhas palavras. O brilho irradiava em torno dela, fazendo o bosque parecer mágico à medida que o rubor do pôr do sol da utopia que ela havia criado se extinguia, dando lugar ao crepúsculo.

– Sim. Você está cem por cento a deusa.

Enrijecendo, ela disse educadamente:

– Obrigada.

Indo até a cabeceira da cama, correu a mão sobre um travesseiro, afogando-o levemente.

– Então você e Kelsey dormiram aqui? – perguntou. – Juntos?

– Sim. Mas foi platônico – apressei-me a explicar. – O Bosque dos Sonhos tem certa magia. Ele fez nós dois sonharmos com coisas que aconteceriam no futuro.

Ana mordeu o lábio inferior.

– Você quer dizer como a pedra ônfalo?

– É, acho que sim, parando para pensar agora.

– Você tem outra lasca da pedra?

Sacudi a cabeça.

– Aqui não. Em casa, tenho.

Ana fechou os olhos e, quando os abriu, um pequeno pedaço da pedra estava na palma de sua mão.

– Como foi que você fez isso? – perguntei.

Ela limitou-se a dar de ombros, então soprou na pedra, que se embutiu na cabeceira da cama feita com galhos entrelaçados.

– Vamos? – indagou, levantando um dos lados da macia roupa de cama.

– Hã... Não sei se essa é uma boa ideia – comentei, esfregando o pescoço com as costas da mão.

– Bobagem – disse ela. – Você é como meu irmão, não é?

– Sou. Certo. É que...

Ana me encarou.

– Você precisa descansar tanto quanto eu. Com meu tigre guardião a meu lado, nada poderá me fazer mal. Não estou certa?

– Está, mas...

– Chega de conversa por hoje, Sohan. Descanse.

Ela puxou as cobertas e, resignado, afundei ao lado dela, dando as costas para a linda garota e me aproximando da borda da cama o máximo possível.

– Durma bem, Ana – falei, um tanto áspero.

– Você também, meu tigre.

Suas palavras macias flutuaram no ar acima de nós e caíram sobre mim como neve. Eu não sabia se estava assim tão cansado ou se ela havia tecido um feitiço para dormir. Qualquer que fosse o caso, no intervalo de alguns segundos mergulhei em um sono profundo... e em um sonho muitíssimo familiar.



Nas asas de um passarinho

Eu estava feliz. Mais feliz do que me lembrava de jamais ter me sentido. Estava caçando com um grupo de rapazes. Eles eram fortes de corpo e tinham a mente aguçada. Eu estava em minha forma de tigre, mas eles pareciam confortáveis com isso. Um deles parou atrás de uma árvore e fez sinal com as mãos para mim, à maneira que Kadam havia ensinado a nós, guerreiros. Seu cabelo, preto como as penas de um corvo e ondulado, estava amarrado na nuca. Com a pele cor de cobre e penetrantes olhos azul-celeste, mesmo à luz do alvorecer, ele me parecia familiar.

Seu sinal me informava que a presa estava próxima. Eu deveria circundá-la enquanto ele e os outros assumiam suas posições. Quando estivessem prontos, eu forçaria a caça a se expor. Esgueirei-me por entre os arbustos até que cheguei ao alto de uma colina de onde se via uma planície. O ruído de galhos se quebrando me alertou para que me agachasse, contraindo ligeiramente a cauda. Um pequeno grupo de cervos pastava preguiçosamente lá embaixo.

Quando ouvi um pio de coruja e o reconheci como vindo de um humano, saltei do esconderijo. Os cervos fugiram na mesma hora na direção contrária, disparando entre as árvores o mais rápido que podiam. A vibração de uma flecha

foi seguida pelo grito de um dos animais. Ele tombou imediatamente e, quando saltei sobre ele, o animal já estava morto. Um abate impressionante.

Os caçadores eram tão hábeis que eu não os teria ouvido em absoluto se não tivesse a audição apurada. Eram invisíveis também. Somente meu nariz me dizia onde estavam e, mesmo assim, um deles me surpreendeu. Ele havia ocultado seu cheiro permanecendo a favor do vento e abateu um segundo animal usando uma lança, enquanto um terceiro pegou sua presa com uma rede com pesos. O cervo aprisionado debateu-se até que o rapaz apareceu e eficientemente passou a fâca pelo pescoço do animal. Ele manteve a mão nas costas do cervo, acariciando-o de modo a tranquilizá-lo, até que o animal se aquietou e morreu.

Depois que os cervos foram preparados para a viagem, amarrados em varas compridas, seis dos rapazes ergueram seus fardos enquanto outros dois examinavam o terreno à frente. Eu caminhava entre os dois e o que estava à minha direita voltou-se para me olhar com um sorriso um tanto petulante.

– Você está ficando um pouco lento, não está, meu velho?

Os outros rapazes riram de leve enquanto eu rosnava e avançava contra ele, de brincadeira. O manto de lã que ele usava esvoaçava em torno de suas pernas cobertas por botas. Percebi com que facilidade seus ombros largos carregavam o peso do cervo adulto. Ele estava orgulhoso da caçada e merecia mesmo estar. O animal não sofrera. Sua pontaria era melhor do que a de qualquer um dos soldados que eu treinara ao longo dos anos.

Olhei para cima e os olhos verdes do garoto cintilaram quando ele disse:

– Você diria que vencemos a aposta, pai?

Mudando para a forma humana, soquei-o de leve no ombro e sorri para ele.

– Se tem alguém aqui ficando velho, é você. Fez um belo trabalho, e, sim, eu diria que vocês ganharam a aposta. Mas não conte para a sua mãe. Você sabe como ela é.

Os garotos riram e meu coração se inflou no peito. *Meus*, pensei. Aqueles rapazes bonitos eram meus filhos. Não sei como, mas eu sabia.

Um dos batedores, um garoto de cerca de 16 anos, voltou com uma expressão de alarme.

– Pai, está vendo aquela fumaça no horizonte? Um vilarejo está sendo atacado. Devemos convocar a deusa?

- Quantos? – perguntei, refletindo.
- Duas dúzias, pela minha estimativa.
- Acha que podemos dar conta deles?

O garoto ergueu as sobrancelhas e me dirigiu um olhar que dizia que eu já devia saber a resposta.

– Muito bem – falei. – Não vejo nenhuma necessidade de incomodá-la. Teremos de esconder os cervos, mas podemos vir buscá-los depois. Com sorte, nenhuma outra criatura vai levá-los enquanto isso.

– Vidas são mais importantes do que carne – observou o garoto louro e calado à minha esquerda enquanto ele e o irmão erguiam a vara e a prendiam em uma árvore próxima, posicionando o cervo o mais alto que podiam e o camuflando com galhos.

Os dois não pareciam irmãos, mas eu sabia que eram. Os outros garotos fizeram o mesmo que eles e logo as três caças estavam cuidadosamente ocultas na copa da árvore. O cheiro atrairia predadores, mas, com sorte, nenhum seria grande demais a ponto de não podermos afugentá-lo.

O canto de minha boca subiu e assenti, orgulhoso, enquanto os observava. Eu os ensinara a pensar como hábeis caçadores, tanto em termos humanos quanto felinos. Quando concluíram, falei:

– Agora vamos ver qual aspirante a tirano está causando estragos.

Partimos e fui arrebatado para outro sonho. Esse era uma doce imagem de Kelsey tendo no colo um bebê de olhos dourados que ela chamava de Anik Kishan. Era seu primeiro filho. A cena se desenrolou e notei uma diferença entre esse sonho de agora e o anterior, quando eu tivera a visão. No primeiro sonho, com os meninos, eu fazia parte do círculo. Tinha pronunciado as palavras e sentido o que aquela versão de mim sentia. Quando vi Kelsey, fiquei feliz, mas faltava aquele sentimento de orgulho. Eu era um observador externo. Não era uma sensação ruim. Não exatamente. Era apenas diferente.

Um de meus caçadores tinha olhos castanhos bem claros, nariz marcante e traços benfeitos. Parecia-se muito com meu pai. Eu sempre assumira que ele era a versão adulta do bebê de Kelsey, mas agora percebia diferenças sutis. O formato do nariz não era o mesmo. O cheiro, que era forte mesmo no sonho, também não era o mesmo.

Depois dessa cena, fui levado para outro lugar. Eu estava em uma selva conversando com Kadam. Ele estava triste e acariciava minha cabeça de tigre, sentado a meu lado, encostado em uma árvore. Nós dois observávamos o pôr do sol e meu coração estava, ao mesmo tempo, apertado e esperançoso.

Esse se desvaneceu e um novo sonho tomou seu lugar. Ouvi a risada de uma mulher enquanto eu a perseguia no escuro. Havia um véu sobre meus olhos e ela não tinha cheiro algum.

– Venha me encontrar, tigre – acenou ela com um convite que prometia mais do que uma caçada bem-sucedida.

Minhas garras raspavam o tronco em que me equilibrei quando pulei. Transformando-me ao me aproximar do chão, peguei a mulher pela cintura e rolamos juntos, parando com ela em cima de mim.

– O que eu ganho? – perguntei, arfando e sorrindo enquanto afastava os cabelos de seu rosto. Ainda não conseguia vê-la nem sentir seu cheiro, mas o formato de seu rosto me era familiar.

– Vamos começar com um beijo e ver até onde vai a partir daí? – sugeriu ela com uma risada rouca.

– Acho que posso cuidar disso – falei, traçando a linha de seu rosto e puxando-a para baixo.

A luz se irradiava à nossa volta, contornando suas formas, quando nossas bocas se encaixaram com perfeição. Nossos lábios misturaram-se tão perfeita e verdadeiramente como o horizonte, a distância entre nós indiscernível. Segurando sua nuca com uma das mãos e deslizando a outra lentamente por suas costas até encontrar a curva de seu quadril, apertei a carne macia e a puxei para mim, murmurando de encontro aos seus lábios:

– Quero ver você.

Ela tocou meu nariz com a ponta do dedo.

– Creio que ainda não.

Gemendo, levei os lábios a seu pescoço e puxei a manga do vestido, desnudando-lhe o ombro. Ela deixou escapar um breve e suave gemido ao arquear o pescoço, me oferecendo mais acesso. Cobri seu maxilar de beijos, descendo em seguida para a curva do ombro, explorando bem devagar cada centímetro.

Impaciente, ela virou minha cabeça e colocou seus lábios de veludo aos meus, contorcendo o corpo e aproximando-se ainda mais de mim. Sua figura voluptuosa estava esmagada contra meu corpo e eu a abracei mais apertado, prontamente dando-lhe os beijos lentos e entorpecentes que ela desejava enquanto minhas mãos subiam, deslizando entre seus cabelos. Ouvi um tamborilar de chuva primaveril na copa acima de nós, embora ainda não pudesse ver nada. Eu já não ligava para minha visão limitada. Poder senti-la, poder tocá-la era tudo que importava.

Pressionando suas costas delicadamente, tornei a rolar, de modo que agora eu pairava acima dela, apoiado nos cotovelos para não esmagá-la com meu peso. Ela me puxou pela camisa, tentando me fazer baixar, mas eu resisti e cobri sua mão com a minha, onde ela me segurava, sobre o coração.

– Eu te amo – falei. – Eu disse isso recentemente?

Não precisei ver seu sorriso para saber que ele estava lá.

– Você me diz com tanta frequência e tamanha intensidade que ninguém que o escuta pode duvidar.

– Ótimo. Nenhum homem deve jamais cogitar que você não é comprometida.

Ela socou meu braço, mas ergueu a cabeça na mesma hora para beijar de maneira suave minha orelha e murmurar:

– Eu também te amo, minha fera. Mas, se você parar de me beijar, eu talvez venha a considerar outro pretendente.

– Bem, com certeza, não posso permitir isso, minha bela senhora – repliquei com brandura.

Logo sua boca sedosa encontrou a minha e me vi perdido em seu abraço. Seus braços se enroscaram em meu pescoço, seus lábios entreabertos, e o sonho transformou-se em algo mais poderoso, imperioso. Os aromas da floresta enchiam minhas narinas. Flores de todos os tipos nos cercavam: rosas, jasmims, lírios. Havia também o cheiro de folhas e de grama pisada.

A luz também havia diminuído. Agora era tênue – cinza fumaça e rosa pétala. Lentamente, fui tendo consciência de que já não estava deitado no chão, mas em uma cama tão macia quanto asas de fadas. Minha visão retornara. Erguendo a cabeça, vi meus dedos entrelaçados com os dela onde nossas mãos

se apoiavam perto da cabeceira. As palmas dançavam juntas, os dedos se apertando. Soltei sua mão e deslizei os dedos pela extensão de seus cabelos, que se espalhavam como um halo, derramando-se sobre o travesseiro e os lençóis.

Ela deixou escapar um leve ruído de impaciência e segurou meu queixo, me forçando a virar a cabeça novamente para ela. Tornei a fechar os olhos e baixei os lábios até os dela. A mulher que eu beijava me segurava com força, suas mãos massageando minhas costas e deslizando em seguida entre nós para acariciar meu peito onde a camisa se abria. Minha mente estava nebulosa de sono e eu não tinha qualquer razão imediata para querer despertar. O sonho era doce, apaixonado e perfeito. Minha boca movia-se com a dela enquanto ela me provocava e me excitava com seus beijos suaves e doces.

Ela puxou minha camisa e murmurei junto a seus lábios:

– Só um minuto, minha linda *jaani*.

Desembaraçando minhas pernas das dela, me ergui com a intenção de tirar a camisa e de repente me dei conta de que não estava mais dormindo. Minhas mãos congelaram nos botões quando baixei os olhos para a mulher agora muito visível. Anamika estava deitada ali, tão linda e suave quanto uma flor colhida, seus lábios rubros de meus beijos. Um atraente rubor subia de seu peito arfante até as maçãs do rosto e tingia até mesmo os ombros.

Os cabelos de Ana emolduravam seu rosto adorável, as ondas se irradiando a partir dela como raios brilhantes saindo da face do sol. Eu queria afundar meus dedos e encher a mão com eles. Olhar para ela era compreender o significado de inocência e paixão, poder e súplica, força e vulnerabilidade. Ela era mulher, deusa e menina – tudo em uma só criatura encantadora.

Enquanto eu a fitava de cima, boquiaberto com o choque, ela estendeu a mão e a deslizou ao longo de meu braço. Estremeci com a necessidade ardente de me deitar novamente em cima dela e me aproveitar do desejo que via em seus olhos. A fome que eu sentia por ela era esmagadora e eu não conseguia entender como o Bosque dos Sonhos podia ter me levado por um caminho tão vergonhoso e cheio de culpa.

– Sohan? – chamou ela, a testa franzida, os olhos verde-musgo ainda pesados de sono. – Qual o problema?

– Eu... eu... me desculpe – retruquei. Meu corpo finalmente acertou o passo com o cérebro e me afastei dela o mais rápido possível. Ela sentou-se, a camisola sedosa escorregando ainda mais pelo ombro, perigosamente perto de expô-la. Dando as costas para ela antes que isso acontecesse, procurei, atropalhado, as palavras: – Eu, hã, vou esperar você lá fora.

Passando de maneira brusca pelas trepadeiras pendentes, arranquei algumas das árvores, atirei-as violentamente de lado e saí pisando duro pela floresta. Meu corpo inteiro tremia com a tensão. Deixá-la com seu perfume inebriante para trás provou-se quase impossível. Andando de um lado para outro como uma fera enjaulada, passei o polegar pela boca e fechei os olhos. Ainda podia sentir o gosto dela. Meu sangue latejava nas veias, meu corpo insistindo em que eu era um idiota por deixar uma mulher tão cálida e aparentemente receptiva sozinha na cama.

O tigre em mim não via nada de errado com o que eu fizera. Ana era minha, assim como eu era dela. Já estávamos ligados de uma forma única. Nada no universo poderia nos manter separados, mesmo que quiséssemos. O tigre era regido pelo desejo e pela necessidade e estava muito perto da superfície. Mesmo agora, uma parte dela chamava por mim ou, talvez, por ele. Cambaleei alguns passos e então atendi a seu chamado, retornando ao bosque, mas sem entrar.

– Estou aqui – informei, muito formalmente, através das trepadeiras. – De que você precisa?

As plantas se ergueram por vontade própria quando Ana passou. Ela usava uma túnica justa azul como um mar turquesa, uma calça justa feita de couro de corça e botas até os joelhos. A roupa realçava seu corpo o suficiente para fazer minha garganta secar e meu pulso latejar. Seus cabelos estavam jogados para trás e pude ver o leve avermelhado no pescoço, provavelmente causado pela barba crescendo em meu rosto. Estremeci e desviei o olhar.

– O que eu preciso é que você explique suas atitudes – disse ela baixinho.

– Eu... eu não sei o que dizer. Eu estava sonhando e...

Minha boca se movia, mas as palavras não saíam.

Erguendo os olhos, vi sua típica postura determinada, as mãos apoiadas nos quadris.

– Continue – disse ela. – Você estava sonhando e...

– E... nada. Não foi nada. Não vai acontecer outra vez. Peço desculpas. Não havia nenhuma razão para eu...

– Para você... o quê?

Ela se aproximou, seus passos largos rapidamente cobrindo a distância. Desconfortável, recuei até minhas costas baterem em uma árvore.

– Beijar você daquela forma. Não era minha intenção. Eu prometo que não vai acontecer de novo.

– Ah? – Ela deu outro passo e, se eu pudesse ter desaparecido dentro do tronco da árvore, teria feito isso. – Não era sua intenção, você diz? Tive a sensação de que era sua intenção, sim.

Ana envolveu meu bíceps com a mão e inclinou-se em minha direção. Seu rosto estava iluminado por uma luz suave que acentuava suas feições, sobretudo a boca rosada e benfiteia. Meus olhos desceram para seus lábios macios e ela sorriu.

Sensível a suas emoções, que estavam tão perto da superfície quanto as minhas, detectei um persistente traço de desejo ali, agora oculto por trás de algo mais. *Medo? Nervosismo?* O que quer que fosse, ela não estava compartilhando. No sonho, eu estivera aberto à mulher, a Ana, completamente, mas, ao acordar, ambos erguemos nossos muros mais uma vez.

No entanto, ela usou nossa conexão para falar comigo. *Eu também sonhei, Sohan*, disse em minha mente. *Existe de fato um espaço para mim entre o passado e o futuro. Eu o vi. E, agora que sei que ele existe, meu objetivo é tomar posse dele. Você desejaria me privar dele?*

– Não, eu...

Ela me interrompeu: *Você sempre disse que é um homem que luta pelo que quer*. Dando mais um passo em minha direção, sua coxa roçou na minha e todo e qualquer pensamento coerente se foi, como o desejo de uma fada. Ana tocou a ponta do dedo em minha escápula e desceu lentamente pelo peito, só parando quando o dedo encontrou o tecido da camisa. Eu senti cada milímetro do caminho.

Seus olhos ficaram fixos em meu peito por um longo momento. Então ela espalmou a mão sobre meu coração. *Admito que o que eu quero me tortura de muitas formas*. Sua voz era um leve sussurro em minha mente. Virando a

cabeça, como se não aguentasse mais olhar para mim, ela deixou os braços caírem ao lado do corpo e perguntou: *O que você quer, tigre?*

– Eu quero... eu quero...

Eu não conseguia pensar em uma bendita coisa neste mundo que eu quisesse. Pelo menos, nada que fosse apropriado. Não com os lábios dela a poucos centímetros dos meus. Eu tinha prometido a Ana que seria como um irmão para ela. Como um amigo do peito. Não alguém que constantemente pensasse em seu peito generoso. Fechei os olhos, tentando me lembrar da versão mais jovem de Ana, a criança que confiava em mim, mas não consegui trazer sua imagem à mente.

Ana me encarou, estudando meu rosto por um longo momento. Sua boca curvou-se para baixo, como se estivesse desapontada.

– Humpf – suspirou e então deu um piparote em meu nariz. – Me fale quando descobrir.

Ela girou rapidamente e pôs-se a andar pelo caminho.

– Venha, tigre – chamou. – Temos trabalho a fazer.

Enquanto caminhava atrás dela, eu tentava olhar as aves, o céu e as árvores, qualquer coisa que não fosse o balanço de seus quadris ou suas pernas muito, muito longas, mas, mesmo enquanto fitava o chão, eu pensava em sua boca zombeteira, que tinha acabado de implorar para ser silenciada com um beijo.

Quando chegamos à passagem entre as montanhas onde Kelsey e eu tínhamos avistado a árvore gigante, fiquei chocado ao ver que ela já estava lá.

– Você fez isso mais cedo? – perguntei.

– Não – disse ela, distraída.

Erguendo os braços, ela criou uma bolha à nossa volta e descemos flutuando até o chão. Ela olhou para os galhos no alto, mergulhada em pensamentos, depois continuamos caminhando. Descrevi a árvore e as quatro casas em detalhe, mas era quase como se ela simplesmente não estivesse me ouvindo.

– Ana – chamei. – Ana, o que foi que acabei de falar?

Ela agitou a mão no ar.

– Alguma coisa sobre corvos, acho.

– O que está incomodando você? – perguntei.

– É essa árvore.

Ela parou e voltou a olhar para o alto, então estalou os dedos e uma folha gigante soltou-se e rodopiou no ar acima de nós, como uma imensa pipa, até pousar no chão ali perto. Apanhando-a, ela correu a mão sobre a folha e fechou os olhos. Alguns segundos depois, eles se abriram, uma expressão de surpresa e satisfação surgindo em seu rosto.

– Que fascinante! – exclamou.

– O quê? – perguntei, passando a mão na nuca e esmagando um inseto.

– A árvore. Ela responde à emoção. Venha aqui. Vamos testar isso.

– Testar o quê? – resmunguei enquanto a seguia até outra árvore, uma mudinha que crescia debaixo dos galhos de sua irmã bem maior.

– Aqui – disse ela. – Vire-se e fique bem aqui.

– Está bem – repliquei, cruzando os braços diante do peito. – E agora?

– Agora... você precisa me beijar.

Minha boca se escancarou.

– Eu preciso fazer o quê? – perguntei, na esperança de que minha mente estivesse me pregando uma peça.

– Você precisa me beijar. Como fez antes.

– Hã, não. Essa não é uma boa ideia.

– Por quê? Está com medo de eu machucar você?

Bufei.

– Não. Só que essa não é a maneira como um irmão deve agir.

Ana fechou a cara.

– Você não é meu irmão.

– Não, não sou. Mas, se ele estivesse aqui, concordaria comigo. É uma péssima ideia.

– Por que você está dificultando as coisas? Eu só quero testar minha teoria. Tudo que estou pedindo é um simples beijo. Você não se opôs antes.

– Eu não sabia o que estava fazendo. – Minha voz se elevava e até mesmo aos meus ouvidos eu soava um tanto histérico e nervoso. – Olhe – falei, tentando encontrar uma forma de evitar o que ela estava pedindo –, o que você está tentando fazer aqui?

Ana pôs as mãos nos quadris e a parte de meu cérebro que eu estava tentando desligar me disse que eu poderia muito bem fazer o que ela pedia

agarrando-a pela cintura e puxando-a em minha direção. Eu disse a essa parte do cérebro que se calasse e fechei a cara para ela.

– Aquela árvore – disse ela, apontando o gigante às nossas costas enquanto mantinha os olhos verdes fixos em mim – foi criada por nós, por nossos beijos, esta manhã.

Desconsiderei abertamente sua sugestão:

– Isso... isso não é possível, Ana.

– Não é? As raízes dela vão até o Bosque dos Sonhos. Há uma ligação direta. Eu posso senti-la.

– E você descobriu tudo isso em uma folha?

Ela soltou um suspiro de impaciência.

– Veja você mesmo – disse ela, colocando minha mão em cima da folha. – Consegue sentir?

Puxei a mão rapidamente. Sim, eu sentia. A folha tremia como os braços de Ana quando eu os acariciava.

– Estes minúsculos veios verdes na folha pulsam em minha palma como seu coração quando o cobri com minha mão. As raízes fazem cócegas nos dedos dos meus pés, pedindo mais alimento. Os rangidos dos galhos estão melancólicos. O vento me provoca com a lembrança. Eu sou a deusa das coisas que crescem também. Este é o meu reino. Faz sentido que a terra responda a mim dessa maneira.

A cada frase, ela se aproximava um pouco mais.

Engoli em seco e tentei pensar em uma forma de refutar o que ela estava dizendo.

– Então... você está dizendo que só quer testar essa teoria. Um simples beijo e você vai saber.

Arqueando uma delicada sobrançelha, Ana respondeu:

– É. Eu vou saber.

Mordendo o lábio, eu disse:

– Tudo bem, então. – Suspirei, como um homem indo para a guilhotina, e pus as mãos em seus ombros, mal tocando sua pele com a ponta dos dedos. – Então vamos lá.

Ela franziu a testa e disse:

– Abra seus pensamentos para a arvorezinha atrás de você. Veja se consegue senti-la como eu sinto.

Inclinando-me para a frente, hesitei por tempo suficiente para ver Ana fechar os olhos e aproximar a boca. Pressionei meus lábios contra os dela no beijo mais casto que me foi possível e então me afastei. Não pude deixar de notar que seu corpo estremeceu.

Ela me deu um tapa no braço.

– O que foi isso? – perguntou.

– Um beijo. Como você pediu.

Andando de um lado para outro enquanto pensava, Ana murmurou:

– Isso não chegou nem perto dos beijos que você me deu antes.

– Não, mas isso é tudo que estou disposto a dar neste momento.

– Kishan... – começou ela.

Meu antigo nome foi o estopim.

– Eu disse para você não me chamar assim! – gritei.

– Que tal se eu o chamar de palhaço, seu tigre cabeça-dura?

Atrás de nós a arvorezinha se sacudiu e, agora que eu estava prestando atenção, senti que ela reagia a nós. As folhinhas murcharam nos galhos e a cor desbotou.

– Pare! – disse ela, erguendo a mão e tocando uma folha, que se soltou e caiu no chão, a seus pés. – Está vendo agora o que você fez? – gritou, me empurrando para longe da árvore. – Você a matou!

– *Eu* a matei? – repliquei, dando um tapa em meu peito. – De quem foi a brilhante ideia do beijo? Eu diria que foi você quem a matou.

Ambos ficamos paralisados quando ouvimos o gemido de um galho pesado lá no alto.

– Shh – disse Ana, pegando minha mão e apertando meus dedos. – Precisamos parar de brigar. Senão vamos destruir a árvore grande.

– Se eu admitir que você está certa, podemos deixar esse assunto de lado e terminar nosso trabalho?

Ana me olhou demoradamente e então assentiu.

Enquanto nos dirigíamos para o tronco gigante, eu pensava no que ela dissera. *Será possível que a terra responda a ela?* Totalmente. O que eu não

entendia era como nossos beijos podiam criar uma árvore gigante.

Parando ao pé da árvore, ela fechou os olhos e murmurou:

– Fanindra, estou precisando de você.

Ana girou a mão no ar e tocou o amuleto em seu pescoço. Uma luz tremeluziu em torno de sua mão e, um instante depois, ali estava Fanindra, a cabeça dourada erguida para a deusa.

– Preciso de sua ajuda – disse ela, e pressionou a mão no chão.

Fanindra sibilou e levantou a parte superior do corpo, dilatando o pescoço e oscilando para a frente e para trás, hipnoticamente. Não demorou para que uma cobra verde saísse coleando do meio da grama e tocasse o nariz de Fanindra com o seu.

– Certo – falei. – Ela é pequena demais. Como eu disse, a cobra era gigante.

– Por que os homens têm tão pouca paciência? – perguntou Ana a Fanindra.

– Eles não conseguem perceber o que está bem debaixo do nariz deles.

A cobra dourada girou a cabeça, como se estivesse me avaliando, e pôs a língua para fora. Abaixando-se, Ana acariciou a cabeça escamosa da cobra verde.

– O que você acha de fazer um favor à sua deusa? – perguntou.

Depois de esperar um pouco e inclinar a cabeça, como se ouvisse uma resposta inacessível para mim, Ana pôs em prática sua magia. Canalizou algumas habilidades diferentes, usando o *kamandal* da cura, assim como Fanindra e as porções da terra e do ar do amuleto. Entrelaçando todos de uma forma nova e única, ela imbuíu a cobra de seu dom.

Diante de meus olhos, a cobra cresceu e ganhou poder, não só para se camuflar como também para falar. Ana lhe deu instruções e ela curvou a cabeça para a deusa antes de desaparecer pela lateral da árvore. Seu corpo produzia um sussurro peculiar e levou vários minutos para a ponta de sua cauda finalmente desaparecer.

– Espero que ela se lembre de tudo – disse Ana.

– Por que não se lembraria?

Ela deu de ombros.

– Ela é bastante simplória. No entanto, Fanindra diz que vai ajudá-la.

Aprumando-se, Ana fez uma porta na árvore e, exatamente como fizera em Shangri-lá, iluminou o interior da árvore com seu poder, refazendo-a e recriando-

a muito além do que eu podia ver.

– Venha, Sohan – chamou. – Fanindra, pode voltar para Kelsey, se quiser, ou nos acompanhar por algum tempo.

A cobra respondeu enroscando-se no braço de Ana.

Encerrando-nos em sua bolha, Ana nos elevou no ar, criando degraus no interior da árvore e escavando a madeira a fim de conceber espaços onde poderíamos ascender. Só foi preciso um instante para criar a casa de cabacas. Quando chegamos à casa de sereias, ela criou o lugar com muita facilidade, o teto de madeira escuro estendendo-se acima. No entanto, Ana não sabia onde encontrar sereias.

Um fio de água escorria no interior do tronco e Ana deixou a água empoçar em sua mão em concha.

– Meu professor, quero dizer, Kadam uma vez me disse que as sereias eram uma espécie de criatura metade peixe, metade mortal que vive sob as águas.

– Em algumas histórias, são.

– Talvez, assim como os demônios *kappa* brotam das lágrimas, essas criaturas surjam por conta própria.

– O que você está dizendo?

Anamika não respondeu. Em vez disso, abriu a mão, exibindo a palma, e sussurrou alguma coisa que não consegui ouvir. O tridente materializou-se em sua mão. Tocando com sua ponta o fio de água e fechando os olhos, ela sussurrou uma convocação.

De início, não houve qualquer sinal de que seu chamado tivesse sido compreendido e eu estava prestes a me aproximar dela para discutir outras opções quando Ana levantou um dedo e o levou aos lábios.

– Está ouvindo? – perguntou.

Sacudi a cabeça fazendo que não.

Ela inclinou a sua e sorriu.

– Vocês podem se apresentar.

Uma névoa cinzenta fluiu de buracos nos nós da madeira e foi se condensando, formando figuras humanas. Quando se materializaram, curvaram-se diante da deusa. Reconheci imediatamente as sereias que aprisionaram a mim e

Kelsey. No momento em que um bonito rapaz curvou-se sobre a mão de Ana e pressionou os lábios contra a pele dela, a minha esquentou.

– Afaste-se dela – ordenei, empurrando seu peito nu.

Ele limitou-se a sorrir para mim e então senti a mão de uma mulher em meu braço. Afastei a mão dela de imediato.

– Acho que não – falei.

– Ora, Sohan – disse Ana –, você está sendo descortês com nossos convidados.

– Convidados? É mesmo? – sibilei. – Você sabe o que eles são? O que podem fazer?

– É claro.

Ela foi até um dos rapazes e ele lhe ofereceu o braço. Uma cadeira se materializou e ele a convidou a sentar-se e relaxar. As garotas saíram de meu caminho quando as fizilei com o olhar e segui direto para Ana, que se refestelava na cadeira. Um dos rapazes havia tirado as botas dela e massageava seus pés.

– Ah, isso é gostoso – disse ela. – Acho que sua massagem até se iguala à do meu tigre.

– Ana – chamei, minha voz soando mal-humorada e petulante. – Insisto em irmos embora daqui agora mesmo. Você não sabe como essas criaturas são perigosas.

– Perigosas? – Ela riu. – Elas são tão perigosas quanto um roupão de seda. Cruzei os braços.

– Um roupão de seda pode ser perigoso, se usado pela pessoa certa.

Os olhos dela se estreitaram.

– Eu lhe asseguro que eles não têm intenção de fazer nenhum mal. Foram banidos de seu reino. São nuvens sem água. Receber e dar amor é seu propósito. Isso os completa.

Um dos homens ajoelhou-se a seu lado e descansou a cabeça em seu colo. Ela acariciou-lhe os cabelos e ver isso acendeu uma chama inextinguível em minhas entranhas. Quase amorosamente, ela brincou com os cabelos dele enquanto dizia:

– Estavam vagueando há milênios, como nuvens sopradas de um lado para outro pelo vento. Eu lhes dei permissão para tomar forma. Eu lhes dei propósito.

– Você sabe que eles literalmente amam as pessoas até a morte.

Ana jamais se mostrara tão à vontade fisicamente comigo quanto estava se comportando com eles.

Sentindo a mudança de humor dela, eles recuaram e a ajudaram a se levantar.

– Isso é tão errado assim? – indagou ela. – Mesmo quando aqueles que amam se tornam velhos e grisalhos, eles continuam a amá-los com toda a energia de sua alma.

– Eles turvam as mentes. Confundem as pessoas. Manipulam suas emoções. Excitam seus sentidos. Eles até já conseguiram seduzi-la em poucos segundos.

– Não – insistiu Ana. – Eles dão aos solitários o que estes desejam. Preenchem o vazio em seu coração. Admito que há um certo embotamento das inibições, mas eles não tiram a liberdade de escolha.

– E se suas vítimas quiserem experimentar essa conexão com outras pessoas? Com alguém especial?

– Você não sabe nada do que significa ser uma vítima – ela cuspiu as palavras com pausas incisivas. – Existem muitas pessoas neste mundo que nunca encontram alguém especial. Verdade, a afeição com que nos cobrem termina com a morte do objeto de seu afeto. De fato, eles nem se lembram mais da pessoa depois que ela vai embora, mas pelo menos essa pessoa vivenciou o toque, a gentileza e o companheirismo. Há muitos que morrem com menos.

Desoladas, as quatro criaturas postaram-se em um semicírculo por trás dela e pousaram mãos solidárias em seus ombros.

– Ana – falei devagar –, eu não quis...

– Eu não serei uma flor que murcha no caule, despercebida e seca. Sim. Eu fui destruída por uma tempestade. Fui esmagada pela bota de um homem. O que é frágil e vulnerável em mim foi exposto e então jogado de lado como se fosse lixo. Mas ainda estou viva. Essa garota despedaçada tornou a brotar. Eu voltei meu rosto para o sol e me nutri dele. Você não vê? Eu, também, anseio por contato humano. Quero ser tocada e amada por alguém que me trate com

gentileza e carinho. Não vou aceitar nada menos que isso, Sohan. Não quando já vi o que é possível.

Fitei seus olhos intensos e suplicantes e, a seguir, os quatro seres de pé atrás dela. Minhas mãos comichavam para fazê-los em pedaços. Então tornei a olhar para ela e meu coração doeu. Ana havia se tornado importante para mim, mas, se estar com eles a deixaria feliz, quem era eu para me colocar em seu caminho? Um deles apertou seu braço ligeiramente e ela nem mesmo se encolheu, como fazia quando eu a tocava. Minha boca tornou-se uma linha fina e eu disse:

– Muito bem, Anamika. Se eles são o que você quer, vou deixá-la com eles. Venha me encontrar quando estiver pronta para prosseguir.

Virando de costas, saí pelos fundos da casa e, encontrando um lance de escada familiar, subi, mudando para minha forma de tigre no caminho. Rugi minha frustração enquanto subia pela árvore, só parando quando encontrei um canto escavado. Foi uma sorte tê-lo visto, pois eu mal conseguia enxergar sem a luz que naturalmente cercava o corpo de Ana. Arrastando-me para ali, pousei a cabeça nas patas e fechei os olhos, tentando ignorar os sentimentos conflitantes que me atravessavam.

Devo ter dormido profundamente, porque Ana chegou até mim sem que eu percebesse.

– Já conteve suas emoções voláteis? Está pronto para acordar, Sohan?

Levantando-me abruptamente, bati a cabeça no teto de minha pequena alcova. Sacudindo a cabeça, saí dali com um salto e mudei para a forma humana.

Ana não tinha a menor ideia de quais emoções voláteis eu estava experimentando naquele momento. Eu não sabia por quanto tempo dormira. Quanto tempo Ana tinha ficado com as sereias e os homens-sereias. Só de pensar naqueles homens pondo as mãos nela, beijando-a, abraçando-a, era como ter um torno comprimindo meu peito. Como ela pôde me beijar, como fez antes, e então voltar-se para eles sem nem mesmo uma explicação? Não fazia sentido.

– Você não vai falar comigo? – perguntou ela enquanto prosseguíamos no caminho.

– Não vejo razão para isso.

– Ah, você está aborrecido.

– Não. Você pode fazer o que quiser com quem você quiser. Não estou preocupado com isso.

– Ah, é? Então, se não é preocupação o que vejo em seu rosto, o que está perturbando o seu humor?

Dei de ombros.

– Eu só quero acabar com isso.

– Eu também quero acabar com isso.

– Então, por favor, vamos logo.

Ela suspirou e sacudiu a cabeça, e eu a segui pelo labirinto no interior da árvore até uma caverna ampla, que parecia vagamente familiar. Quando falei, minha voz ecoou no espaço que, iluminado pelo brilho da deusa, parecia uma bacia íngreme, com diversos níveis, juncada de picos altos e petrificados. Cada pico era conectado ao próximo por pontes feitas de raízes entrelaçadas.

– Esta é a caverna dos morcegos? – perguntei.

– Acredito que seja um bom lugar para ela.

– Não parece certo. Kelsey e eu tivemos de nos arrastar de gatinhas para entrar aqui e as pontes não existiam. Tive de saltar de pico em pico para resgatá-la. Foi uma espécie de teste a que os morcegos me submeteram.

– Rá – Ana soltou uma risada. – Parece bem o que você merece.

– *Eu* mereço? Não fui eu que...

A madeira à nossa volta se deslocou e uma das pontes se retorceu e caiu.

– Eu tomaria cuidado, se fosse você – disse Ana, estalando a língua. – Você corre o risco de derrubar a área inteira.

Ela seguiu até uma ponte e começou a subir. De má vontade, calei a boca, temendo que qualquer coisa que dissesse provocasse nossa queda. Não morríamos com facilidade, mas eu não queria correr nenhum risco desnecessário. Ana fez uma pausa, a mão em uma trepadeira que brotava sob seus dedos.

– O que foi? – perguntei.

– Uma lembrança – respondeu, olhando para trás com um sorriso triste. – Esta ponte de raiz, como todas as outras aqui, foi criada antes. Esta aqui cresceu quando você enroscou os dedos no meu cabelo.

Ana avançou e eu fiquei ali parado, imóvel, pensando no que ela havia acabado de dizer. Prossegui, ainda processando aquela informação, até que ela apontou outra coisa.

– Está vendo como a árvore se curva bem ali? – perguntou. – Isso foi quando...

– Tá, eu já entendi – falei, interrompendo-a. A maneira como a árvore se curvava em torno de si mesma no topo mostrava a imagem muito clara de dois amantes abraçados. – Por que você não me avisa quando encontrar a seção criada quando você abraçou seus homens-sereias, para eu passar bem longe?

Ana fez uma pausa. Ouvi sua voz chegar a mim de maneira suave.

– Não existe tal lugar – afirmou ela.

Baixei a cabeça e me recusei a olhar para o ambiente, dizendo a mim mesmo que não importava se ela quis dizer que nada acontecera entre ela e os homens-sereias ou que o fenômeno só ocorria entre nós dois. Quando chegamos ao topo, ela abriu uma porta na árvore que levava diretamente a um dos galhos maiores. Então ergueu os braços e riu quando centenas de pequenos morcegos entraram guinchando na caverna. O barulho deles misturou-se com sua voz até parecer que todos os morcegos estavam rindo com ela.

Seus olhinhos redondos e implacáveis reluziam na meia-luz. Com o poder do amuleto, ela exerceu neles sua magia, do mesmo modo que fizera com a cobra. Eles cresceram diante de meus olhos e foram contemplados com o poder da fala. Depois de deixá-los com as instruções fornecidas por Ana, partimos.

– Por que a caverna parecia tão diferente? – perguntei.

– Talvez você vá me irritar outra vez nesta jornada e, se isso acontecer, a beleza da árvore se deteriorará ainda mais.

– Muito engraçado. Estou falando sério, Ana.

Ela se virou e deu de ombros.

– Talvez seja porque você e Kelsey só visitarão este lugar daqui a mais de um século.

– Voltamos tanto assim na linha do tempo?

– As coisas morrem, Sohan. O tempo transforma tudo em pó. Até mesmo os tigres – retorquiu ela, espetando o dedo em meu peito.

Não gostei do tom irreverente que usou. A ideia de que eu podia morrer não me incomodava tanto, mas ela? Eu nunca tinha pensado na deusa Durga como um ser mortal. Fiz uma anotação mental para perguntar isso a Kadam. Não que ele fosse me dizer alguma coisa.

Ana escorregou em um ramo e eu agarrei sua mão. Infelizmente, o orvalho no ramo me fez escorregar também e, quando tombamos para o lado, eu a puxei para mim e a abracei, virando-me para protegê-la e evitar que batesse nos galhos. O vento passava por nós, levantando nossos cabelos enquanto caíamos. Mas logo não estávamos mais despencando. Os braços de Ana envolviam meu pescoço e flutuávamos cada vez mais alto.

Ela se aconchegou a mim, descansando a cabeça em meu ombro, e, quase sem pensar, acariciei seus longos cabelos. Não falamos nada, nem em voz alta nem em nossas mentes. Estávamos fechados para o outro desde aquela manhã e eu não tinha a menor ideia de como poderia romper o silêncio. Chegamos ao topo rápido demais para que eu tivesse decidido o que deveria fazer em seguida. Ela só levou alguns minutos para criar as aves estinfalianas e colocar o Lenço Divino sob um de seus ovos gigantes. Em seguida, Ana sussurrou as palavras que dariam a Ren e a mim a capacidade de ser homens por doze horas diárias no momento em que o lenço fosse recuperado por Kelsey e meu eu anterior.

As aves estinfalianas eram águias planadoras antes de Ana modificá-las e, como com suas outras criações, a deusa pediu permissão antes de dotá-las de bicos blindados e penas de metal afiadas como lâminas. Estremeci, lembrando-me de como eu chegara perto de morrer da última vez que as encontrara. Agora pareciam inofensivas, mas eu sabia quão perigosas se tornariam.

Vendo que era hora de ir, abaixei-me e tomei-a nos braços. Beijei sua testa como uma espécie de pedido de desculpas. Ana me dirigiu um sorriso beatífico e impulsionou as pernas ao mesmo tempo que usava o ar para nos baixar suavemente. Seu sorriso me aqueceu mesmo nas sombras da grande árvore.

Enquanto planávamos entre os galhos altos, perguntei:

– Por que, no futuro, eles não se lembram de mim... as sereias, as aves e os morcegos? Você apagou as lembranças deles?

– Bem, como eu disse, as aves e os morcegos são a primeira geração. É muito pouco provável que eles passem histórias sobre você para seus descendentes. Seu entendimento das coisas é muito limitado.

– Certo, e quanto às sereias? Aquelas são as mesmas, hã, pessoas do tempo que as encontrei.

– Sim, bem, no caso delas, apaguei suas lembranças.

– Ah. Aposto que elas lamentaram isso – comentei com petulância. – Estou surpreso que não tenha apagado as minhas também.

Ela me dirigiu um olhar curioso e disse:

– Eu falei que jamais tiraria suas lembranças. – Depois de piscar várias vezes, perguntou suavemente: – Você quer esquecer o que aconteceu entre nós?

– Não – respondi de imediato. – Você quer?

– Eu não.

O alívio que senti me surpreendeu. O choque de encontrar Ana em meus braços no Bosque dos Sonhos havia passado. A mulher que eu via sempre em sonhos, a que havia atormentado minha mente durante anos, fora substituída por uma garota de verdade. Eu sempre presumira que Kells era aquela que eu perseguira pela floresta, beijara e a quem declarara meu amor. Mas, agora, eu suspeitava que sempre fora Ana. Fazia sentido. Ana era a única que tinha o poder tanto de me cegar quanto de ocultar nosso cheiro. Seus cabelos eram muito mais compridos que os de Kelsey e ela era muito mais alta.

– Isso nos deixa com uma última tarefa – disse Ana, felizmente interrompendo meus pensamentos antes que eles fossem muito além.

– O que é? – perguntei.

– Os corvos.

– Certo. Você vai convocá-los?

– Não exatamente.

Paramos em um galho bem alto da árvore. O ar à nossa volta ficou desfocado à medida que Ana avançava o tempo. Meu estômago deu uma guinada e eu grunhi, enquanto meus músculos tremiam. Duas pessoas surgiram – eu e Kells. Ana sussurrou:

– Olhe, o que quer que aconteça, não entre em contato físico com você.

Ela estalou os dedos e a magia do lenço nos envolveu, muito embora tivéssemos acabado de deixar o Lenço Divino no topo da árvore. Ele nos transformou em corvos. Bati as asas, irritado, grasnando para Ana, que piscou seu olho de ave para mim e saltou do galho. Voar, para ela, era tão natural como tudo o mais que fazia. Suas penas eram da cor de seus cabelos e brilhavam na luz enquanto seguíamos as pessoas lá embaixo.

Quase caí ao tentar voar, desajeitado, e tive de bater as asas com muita força para evitar entrar em contato comigo.

– Crá! – gritei, quando queria dizer: “Cuidado!”

Felizmente, aterrissei na posição vertical e, imediatamente, levantei voo, tentando aumentar a distância entre mim e meu antigo eu.

O tempo avançou em saltos e usei minha conexão com Ana para encontrá-la na casinha da árvore. Ela estava sentada lá em um ninho, bicando pães de mel. A pulseira e a câmera de Kelsey estavam ao lado dela.

O que você andou fazendo?, perguntei.

Roubando coisas. Sinto uma certa satisfação, por algum motivo. Não se preocupe, vou devolvê-las. Eles não precisam disso neste momento. O que esta caixa faz, por falar nisso?

É uma câmera fotográfica. Você pode registrar imagens com ela. Você se lembra de quando expliquei sobre elas no circo?

Como funciona?, perguntou, continuando a bicar os pães de mel.

Aqui, vou mostrar a você. Consegui tirar umas duas fotos com minha minúscula língua de pássaro, o que foi mais difícil do que imaginei, e mostrei a ela as imagens.

Nesse exato momento, ouvi um barulho. Olhamos lá para baixo, pela borda do ninho. Era surreal observar a mim e Kelsey entrando com dificuldade na casa da árvore. Se eu pudesse, teria revirado os olhos diante do papel de idiota que estava fazendo ao entrar na casa me balançando como um macaco. Era um espetáculo bem patético. Finalmente, Kelsey chamou minha atenção.

“Pare de se exibir, pelo amor de Deus. Você não percebe a altura em que estamos e que você poderia despencar para uma morte horrível a qualquer momento? Está agindo como se esta fosse uma aventura superdivertida”, censurou-me Kelsey.

Tentei me desligar do restante. Eu estava claramente dando em cima dela e era constrangedor saber que Ana estava ali do meu lado, vendo tudo. Infelizmente, também servia para me abrir os olhos para o fato de que Kells não estava respondendo do jeito que eu pensara que estivesse. Claro, ela gostava de mim, mas, ao observá-la de uma nova perspectiva, eu podia ver como meu entusiasmo a deixava incomodada.

A atenção de Ana estava concentrada no espetáculo abaixo. Se eu pudesse gemer, teria feito isso.

Como foi que você fez isso?, perguntei, tentando distraí-la da cena que se desenrolava lá embaixo.

Fiz o quê?, replicou ela, os olhos fixos no outro eu.

Como você nos transformou em Hugin e Munin. Atribuí minha versão laranja do tigre a uma simples reformulação da cor, mas os pássaros? Não achei que fosse possível.

Esqueceu que transformamos o jovem fornecedor de seda em um cavalo? Talvez você devesse redefinir seus parâmetros para o que é possível e o que não é. Agora, silêncio, Sohan. Quero ouvir.

Inflei as penas, irritado que minha tentativa não muito sutil de distraí-la tivesse falhado.

“... gosto de ser homem o tempo todo”, disse o outro eu. “E gosto de estar com você.”

Ai, caramba, pensei. Era esquisito saber que Ana estava assistindo a meu antigo eu se jogar para cima de Kells, sobretudo com tudo que havia acontecido recentemente entre nós. Por fim eles se sentaram e Kelsey pegou suas indefectíveis anotações. *Era digna de admiração a eficiência de Kelsey*. Isso era uma das coisas de que eu sentia falta ao não tê-la por perto. Ficamos em silêncio, observando-os e ouvindo os dois conversarem. Até que, impaciente, fiz um barulho.

“Olá? Tem alguém aqui?”, ouvi Kelsey perguntar.

O que fazemos?, perguntou Ana com sua voz de pássaro grasnando.

Hã, vamos ver. Balancei a cabeça para baixo e para cima. *Eu não me lembro. Era alguma coisa sobre clarear pensamentos.*

Ana arrepiou as penas e grasnou para mim: *Deixe para lá. Vamos descobrir.*

Ela levantou voo e eu a segui, ainda desajeitado, enquanto ela executava algumas piruetas verdadeiramente impressionantes. Meu antigo eu sacou o *chakram*. *Por favor, pensei. Não se estresse.* Só eu seria desconfiado o bastante para tentar degolar um corvo com o *chakram*.

Sempre sábia, Kelsey falou:

“Vamos esperar e ver o que eles fazem. O que vocês querem de nós?”

Ana pousou e repetiu:

“Querendinós?”

“Você entende o que falo?”, indagou Kelsey.

Ana assentiu com sua cabeça de corvo.

“O que estamos fazendo aqui? Quem são vocês?”, continuou Kelsey.

Pegando a deixa de Ana, tentei incorporar um pássaro e disse:

“Hughhn.”

Ana grasnou e completou:

“Muunann.”

Kells perguntou sobre seus objetos roubados e os pães de mel, dos quais Ana já comera a maior parte. Ela provavelmente estava com fome. Eu não tinha pensado em tentar encontrar comida para ela. Isso mostrava como eu estava cuidando bem da deusa. Parando agora para pensar, eu mesmo estava faminto.

Querendo acabar logo com o espetáculo, saltei para o joelho de Kelsey. Quando ela inclinou a cabeça, lembrei o que Hugin tinha feito. Ele havia clareado seus pensamentos, mostrando-lhe o que ela enfrentaria no topo da árvore. Essa foi bem fácil. Usando o poder de minha conexão com Ana, coloquei um pensamento em sua mente. Na verdade, era mais uma lembrança. Mostrei-lhe uma das aves que guardavam o lenço no alto da árvore. Em seguida, imprimi em sua mente o que o lenço podia fazer e como ela poderia e iria usá-lo para ajudá-los em sua busca.

E ainda lhe dei uma lembrança extra: uma visão de como tínhamos salvado Ren.

“O que você está fazendo?”, perguntou ela quando minhas pequenas garras seguraram seu ombro.

“Pensamentosemperrados”, repliquei.

Quando acabei, tinha uma espécie de fio pequeno e fino estava preso no meu bico. Eu não o invocara, então acho que deve ter sido Ana. Estalei o bico e o fio se dissipou lentamente, como eu lembrava que acontecera antes. Quando Kelsey arquejou, acusando-me de ter lhe causado uma lesão cerebral, tive vontade de rir.

Ana, como Munin, fez algo semelhante em mim... bem, na antiga versão de mim.

Kells me perguntou se Ana estava clareando os pensamentos dele também. Eu só mudei de um pé de pássaro para outro e esperei que Ana me perguntasse o que devia fazer. Ela não perguntou.

Kelsey continuou insistindo comigo e eu, por fim, disse:

“Espereparaver.”

Finalmente, Ana pulou para o chão tendo no bico um fio preto e fino do tamanho de uma minhoca. Ela o engoliu.

Hã, o que foi isso, Ana?, perguntei.

Ela não respondeu e então ouvi meu antigo eu falar. Eu me lembrava, mas a sensação era de que tudo aquilo tinha acontecido décadas antes.

“Estou bem. Ele... ele me mostrou.”

Ana eriçou as penas ao ser chamada de ele.

Meu antigo eu então percorreu sobre Yesubai e as coisas que eu lembrava do meu passado.

O que você fez, Ana?

Tirei sua culpa, disse ela suavemente. *Yesubai não o culparia. Seu amor e sua preocupação com ela faziam com que você se lembrasse do que aconteceu de forma diferente.*

Você alterou as lembranças?

Não. Eu só dividi a sua culpa, do mesmo jeito que dividi sua dor antes. Dessa forma, ela diminuiu.

Você não precisava fazer isso, Ana.

Eu tinha de fazer, respondeu ela brandamente. *Uma deusa e seu tigre devem... devem dividir tudo.*

Tudo?, perguntei baixinho, e pulei para mais perto dela.

Sim. Ao fazer isso, pude... abrir sua mente para novas possibilidades. Ela fez uma pausa, depois disse: *Foi interessante ver a coisa do seu ponto de vista.*

Pobre garota.

Sim, pensei. Pobre garota.

Você a amava.

Não o suficiente.

O suficiente para se punir durante séculos. Isso é prova de um amor que resiste a tudo.

Será?, perguntei. Eu questionava se isso era verdade. Meu amor por Yesubai era grandioso? Eu não pensava assim. Eu não a conhecia. Não de verdade. Só estava apaixonado por ela. Pronto para me casar com ela. Mas, depois de amar e perder Kelsey, tive outra perspectiva. O que poderia ter sido nunca é igual ao que foi ou ao que é. O tempo muda todas as coisas.

Como se lesse meus pensamentos, Ana acrescentou: *Yesubai foi um redemoinho apanhado na tempestade sombria de um vilão. Você só sentiu a possibilidade de uma vida com ela. A ventania frenética que foi a vida dela roçou seu rosto e o modificou. Você é um homem melhor por tê-la conhecido, Sohan. Não lamente a influência dela em sua vida.*

Kelsey estendeu a mão além de nós e pegou o ninho. Meu antigo eu quase me tocou. Gritei, alarmado, e voei para longe, desesperado.

Ela pegou seus pertences no ninho e nós os observamos nos deixarem presentes, achando que estávamos aborrecidos. Olhei para os objetos que meu antigo eu deixara e, pensando em como poderíamos tê-los usado no percurso, disse: *Por que fui tão idiota?*

Eu me faço essa pergunta constantemente, replicou Ana, e riu enquanto ambos deixávamos o ninho e voávamos na direção da aldeia dos silvanos.



Templo do Ar

Entramos na aldeia, encontrando-a em grande parte como eu recordava, e me dei conta de quanto tempo havia se passado. As árvores estavam muito mais altas agora, os galhos entrelaçados acima de nossas cabeças. Um banquete havia sido preparado para nós e o próprio Fauno se curvou sobre a mão de Ana depois que ela se transformou na deusa Durga. Em vez de permitir que eu assumisse minha forma normal, Ana me transformou no tigre laranja.

– E como estão passando nossos visitantes? – perguntou ela enquanto as fadas esvoaçavam a seu redor, tocando-lhe os cabelos, dúzias delas se empoleirando em cada um de seus oito graciosos braços.

Desde a última vez que estivemos na aldeia, doze bebês haviam nascido das árvores e agora uma próspera raça do povo das árvores habitava o povoado.

Dúzias e mais dúzias haviam se juntado aos primeiros bebês. Quando olhei para as árvores, vi os sinais reveladores de antigas cicatrizes onde galhos tinham se quebrado para receber os aldeões recém-nascidos. As fadas não precisavam mais cuidar dos bebês. Agora, os mais velhos de cada casa eram os responsáveis por essa tarefa. A função das fadas havia mudado. Em vez dos filhotes, elas agora zelavam pela fauna e forneciam luz para as pessoas à noite.

– Deusa – louvaram os silvanos, com uma reverência –, há muito aguardamos seu retorno.

O Fauno respondeu à pergunta de Ana:

– Eles estão sendo cuidados conforme a senhora ordenou há muitos anos.

– Maravilha! – exclamou Ana enquanto caminhava pela aldeia, admirando as cabanas e tocando as cabeças de cabelos prateados dos jovens. As fadas sussurravam em seu ouvido, fazendo-a rir. A conversa unilateral parecia deliciosa e eu gostaria de ter sabido o que elas disseram para deixá-la tão feliz.

As três ninfas que haviam cuidado de Kelsey surgiram e perguntaram a Ana se ela gostaria de tomar um banho ou de comer. Eu me lembrava de como Kells ficara atraente em seu vestido tecido com flores e não me opunha nem um pouco à ideia de ver Ana vestida de maneira semelhante. Esbarrei em sua perna, tentando encorajá-la.

– Não, obrigada – disse ela. – Mas gostaríamos de um pouco de comida para levarmos na viagem. Adoro seus pães de mel.

– Evidentemente, Deusa.

Os silvanos saíram correndo e trouxeram uma sacola com pães de mel, um frasco de água e vários doces e frutas.

– Obrigada – disse ela, e passou a sacola de mão em mão até pendurá-la no ombro. – Vamos partir agora, mas, por favor, chamem se precisarem de nós. Prometemos voltar para visitá-los um dia. Quem sabe da próxima vez eu leve algumas mudas para o meu jardim.

A rainha dos silvanos disse que elas cultivariam suas flores mais lindas com esse fim e que esperariam nossa volta. Após algumas últimas instruções sobre Kelsey e meu antigo eu, Ana, acariciando minha cabeça, virou-se para partir e eu a segui pelo caminho. Quando a última das fadas desapareceu, Ana trocou de roupa, voltando a usar seus trajes normais.

– Vou sentir saudade deste lugar – falou.

Como não respondi, ela olhou para baixo e estalou os dedos. Assumi a forma humana.

– Já comentei que não gosto da cor laranja? – perguntei.

Ana riu e me deu um pão de mel e uma fruta opulenta. Quando coloquei o doce na boca, ela tocou meu braço e deixamos Shangri-lá para trás. As cores da

linda terra giraram ao nosso redor e foram substituídas por um cinza sombrio. Ana me entregou o frasco, bebi grandes goles e comecei a comer a fruta, enquanto ela explorava o templo coberto de pó.

– Que lugar é este? – perguntou, lambendo o polegar.

– Você não sabe?

Ela sacudiu a cabeça, negando.

– Acabei de pedir ao amuleto que nos levasse para o tempo e o lugar seguintes da lista.

Olhando em volta, imediatamente ficou claro.

– Na verdade, estamos muito perto de nossa casa na montanha. É um templo de Durga no Nepal – informei.

– Existe algo especial sobre essa visita que você gostaria de me contar?

Esfreguei a palma da mão no rosto enquanto pensava.

– Bem, éramos apenas eu e Kells, daquela vez. Kadam não estava aqui e Ren tinha sido capturado por Lokesh. Ele estava padecendo naquela câmara de tortura.

Ana estremeceu de leve.

– Desculpe – falei. – Eu não devia ter dito nada.

Ela agitou a mão no ar.

– Estou bem, Sohan. Além disso, ouvir sobre o sofrimento dele não vai ser tão difícil quanto vê-lo sofrer.

– Nós vamos vê-lo sofrer? – perguntei.

– Está mais adiante na lista, mas, sim, vamos vê-lo. Somos nós que vamos tirar a memória dele.

Respirei fundo e fui até a janela pela qual ela olhava o céu noturno. Pus a mão em seu ombro e ela me surpreendeu cobrindo-a com a sua e virando-se para mim. O luar iluminava seu rosto e, quase sem pensar, tracei o contorno dele com a ponta dos dedos e disse:

– Prefiro você assim.

– Assim como?

– Como você mesma, não como a deusa.

– São os braços que o incomodam? – perguntou ela com um breve sorriso.

– Não.

Deslizei as mãos pelos braços dela, segurei-lhe as mãos e dei um passo para trás, analisando-as. Levei uma das mãos até meus lábios e beijei seu pulso de leve.

– Na verdade – eu disse em voz baixa –, tenho algumas ideias sobre todos aqueles braços.

Ela ergueu uma sobrancelha. Meus olhos dançaram com os dela e, lentamente, toquei seu queixo e envolvi seu pescoço com as mãos. Chegando mais perto, baixei a cabeça, pensando em beijá-la, mas Ana arquejou e virou-se de costas, o corpo trêmulo. Primeiro me senti confuso, mas em seguida cerrei as mãos vazias. Talvez ela me achasse pouco interessante depois do tempo que passara com os homens-sereias.

– Sohan... – começou ela, de costas para mim.

– Não se preocupe, Ana – interrompi-a, rigidamente. – Não tive a intenção de distraí-la do seu trabalho.

Ela suspirou e perguntou o que mais precisava saber sobre essa visita ao templo. Contei-lhe de maneira breve tudo de que me lembrava. Tocamos as paredes do templo com as mãos de novo, mas dessa vez foi muito rápido. A marca apareceu no exato momento em que escutamos passos na escada. Com um gesto da mão, Ana nos dessincronizou do tempo para que não fôssemos vistos. Como de hábito, nossas pegadas no chão coberto de pó tinham se desffeito. Meu antigo eu e Kelsey entraram de mãos dadas. Ouvi as palavras “É só me dizer o que fazer” e então eles se ajoelharam aos pés da estátua, dispondo diversas oferendas.

Kelsey tocou com o dedo a tornozeleira que Ren lhe dera e ouvi o tilintar de sinos. Eles agora me faziam lembrar de Ana.

“Grande deusa Durga”, disse Kelsey, “viemos pedir sua ajuda novamente. Peço...”

As palavras esmoreceram quando olhei para o rosto de Ana. Ela recebeu as palavras de Kelsey como o apelo que eram. Elas a tocaram de um modo que eu não podia sentir. Foi então que me dei conta de que ela ouvia as preces de outras pessoas de maneira semelhante. Ela as sentia. Ana respondia de um modo emotivo, inteiramente diferente de mim. *Minha prece será ouvida, Deusa?*, pensei.

Quase como se por vontade minha, Ana voltou o rosto para mim. Mil palavras flutuaram no espaço entre nós, mas nenhum dos dois disse qualquer coisa. Dei um passo em sua direção, depois outro. Querendo, ou melhor, precisando transpor a distância.

Quando meu antigo eu começou a falar, ela se afastou de mim e olhou diretamente para ele. Embora ela não olhasse mais para mim, senti os grossos fios da nossa conexão se tensionarem.

“Eu... não mereço sua bênção”, eu tinha dito. “O que aconteceu foi minha culpa, mas peço-lhe que ajude meu irmão. Zele por sua segurança... por *ela*.”

Enquanto eu observava, Ana tocou o peito de meu antigo eu com sua mão espectral. Meu coração se acelerou quando uma sensação de ternura percorreu meu corpo. Lembrei-me de sentir o mesmo na ocasião, embora tivesse atribuído ao amor que sentia por Kelsey. Meu antigo eu se transformou no tigre negro. Ele bufou suavemente e, quando ela recuou, uivou de leve, como se sentisse que ela o estava deixando.

“Esta é a parte assustadora!”, ouvi Kelsey dizer, segurando-se no tigre negro.

Ana levantou as mãos e um redemoinho gelado entrou pelas janelas abertas do templo. A área inteira se transformou em algo lindo. A tempestade não me afetou em nada e andei devagar em sua direção, sentindo a necessidade de tocá-la, de colocar minha mão sobre seu coração como ela havia feito comigo, mas ela desapareceu, transformando-se na estátua do outro lado da parede.

O templo cintilou como a pele de Ana e vi o brilho da marca de sua mão onde havíamos tocado a parede um momento antes. Kelsey moveu sua mão para o mesmo ponto e a parede girou. Só então minha visão se nublou e fui sugado para dentro do entalhe na pedra, ao lado de Anamika.

Ouvi a voz de Ana ecoar no templo:

– Saudações, jovem. Suas oferendas foram aceitas.

Todas as oferendas que foram dispostas a seus pés haviam sumido.

Quando completamos a transformação, o vento soprou para longe o pó que nos cobria e me sacudi. Mais uma vez, eu era o tigre laranja. Olhando para minha pata, enruguei o focinho e espirrei, depois me sentei aos pés de Ana. A deusa estava linda. Adorável como uma flor cor-de-rosa. Eu queria enterrar o

rosto em seus cabelos sedosos e sentir seu perfume. A mão mais alta, acima de sua cabeça, mexia com sua tiara dourada.

Minha mente voltou ao beijo apaixonado que trocamos naquela manhã. A ideia de estar com ela daquele jeito não me assustava mais como a princípio. Talvez a pedra da verdade não só tivesse mostrado meu futuro, mas também colocado a mulher em meus braços. Se um amor como aquele era o que me esperava, eu era mesmo um homem de sorte.

Enquanto ponderava as possibilidades, eu me perguntava se Ana acariciaria de novo minhas costas ou brincaria com minhas orelhas, e se isso poderia levar a outras coisas depois. Um homem – ou um tigre – podia ter esperanças. Por outro lado, ela não havia respondido da mesma maneira desde então. O que quer que estivesse acontecendo com ela, conosco, era confuso e, independentemente do que eu fizesse, parecia ser sempre a coisa errada.

Ana falou com Kelsey sobre o futo e depois perguntou onde estava Ren, e também a questionou sobre o tigre a seu lado. Franzi a testa, tentando imaginar por que ela faria tal pergunta. Antes que eu pudesse formular um pensamento, o tigre negro à minha frente transformou-se, assumindo minha forma humana, e aproximou-se da deusa.

“Senhora”, disse meu antigo eu, “também sou um tigre.”

A deusa soltou uma risada quando ele sorriu.

De que está achando graça?, perguntei, irritado.

Os pensamentos dele, quero dizer, os seus pensamentos estão abertos para mim de um modo que nunca experimentei com você. Ele está... relaxado. Posso ver as profundezas de sua mente. Ele não esconde nada. Muito diferente de como você é agora. Vejo que gosto disso.

Ele não tem noção do que está acontecendo, resmunguei.

Ao contrário de você, ele parece muito contente em me ver.

Estou feliz em ver você, retruquei.

Sim, mas ele gosta de mim.

Que homem com sangue nas veias não gostaria?

Ela estremeceu. Foi a coisa errada a dizer. Por que eu sempre metia os pés pelas mãos quando estava perto de Ana? Pensei mais sobre isso enquanto ela acariciava Fanindra.

“Sinto você triste e perturbada, filha”, disse Ana a Kelsey. “Conte-me a causa de sua dor.”

Olhei para Kelsey. Seus olhos estavam vermelhos. Lembrei-me de que ela não estava conseguindo dormir. Era óbvio que se preocupava com Ren o tempo todo.

Kells explicou sobre Ren e pude sentir a onda de empatia vinda de Ana quando Kelsey disse:

“Mas, sem ele, encontrar os objetos não teria significado para mim.”

Ana fez uma longa pausa e eu me perguntei o que estava passando por sua cabeça. Por fim, ela se inclinou para a frente e colheu uma das lágrimas de Kelsey. Então usou seu poder para transformá-la em um diamante e o entregou para meu antigo eu. Depois declamou um pouco da retórica de Kadam sobre salvar a Índia e como aquela missão era vital, etc. etc. Prometeu proteger Ren e em seguida congelou.

O que houve, Ana?

Eu não... não sei. Tem mais alguém aqui.

Quem?

Não tenho certeza, mas não consigo me mexer.

O tempo parou e Kelsey e meu antigo eu ficaram imóveis como estátuas. O ar rodopiou perto de nós e então Kadam apareceu.

– Olá – disse ele. – Está tudo correndo bem?

Eu teria respondido, mas descobri que não podia.

– Ah, sim. Desculpem-me. Vim ajudar. Vocês não podem estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Precisavam de uma terceira pessoa desta vez. – Ele estava com o lenço e o usou para se transformar na Divina Tecelã. – Acho que estou pronto. Poderiam me fazer um tear e um banco, por favor? – perguntou.

Assim que Ana atendeu ao pedido, ele se sentou, pegou a lançadeira e pediu:

– Por favor, prossiga, minha querida.

O tempo tornou a correr e Ana disse:

“Oh... eu vejo. Sim... o caminho que você tomar agora vai ajudá-la a salvar seu tigre.”

Ela balbuciou mais algumas palavras, respondendo de forma vaga às perguntas de Kelsey, até Kells perguntar sobre o prêmio aéreo mencionado na

profecia.

Ana respondeu:

“Aqui está alguém que eu quero que conheçam.”

Ela apontou na direção de Kadam, que de fato atraiu a atenção deles. Como ele sempre parecia saber mais do que nós, ficamos tão atentos a suas palavras quanto Kelsey e meu antigo eu. Ele não decepcionou.

Kadam desempenhou bem seu papel e usou o tear como se tivesse feito aquilo a vida inteira. Ouvi a verdade em suas palavras quando ele respondeu à pergunta de Kelsey:

“O mundo, minha jovem. Eu teço o mundo.”

Kadam realmente trazia enrolados em seus dedos os fios do destino. Era ele que orquestrava tudo. Quando Kelsey tocou o tecido, percebi que se tratava do Lenço Divino. Eu o vi ondular entre seus dedos ao responder a seu toque.

Quando Kadam aconselhou Kelsey a dar um passo para trás e visualizar a peça como um todo, eu soube que ele já não falava com ela. Seus olhos estavam fixos nos meus quando disse:

“Se focaliza apenas o fio que lhe é dado, perde de vista o que ele pode vir a ser.”

Eu tinha passado muito tempo lamentando meu destino. Pensando que o que eu queria tinha sido roubado injustamente e levado de mim, e que o universo tinha me deixado sem nada. Ana tocou minhas costas, seus dedos acariciando de leve meu pelo. Ficar ao lado dela me parecia certo, mas mesmo assim eu sabia que ainda tínhamos um longo caminho pela frente.

“Durga tem a capacidade de ver a peça do início ao fim”, disse Kadam. “Confie nela.”

Suas palavras seguintes sedimentaram-se em mim, aninhando-se em meu coração: *Paciência. Dedicção. Compreensão*. Se eu pudesse dar essas coisas a Ana, então talvez pudéssemos criar algo esplêndido, algo maravilhoso, juntos. Talvez o tecido que fássemos fosse mágico de verdade. *Será possível? E, mais importante, será que mereço essa dádiva?*

Quando terminou, Kadam piscou para nós e Ana acenou depois que ele e o tear desapareceram. Sua voz ecoou em nossa mente: *Esse conselho vale para vocês dois também.*

Ana olhou para mim e esfreguei a cabeça em sua coxa. Seu sorriso era suave, mas havia uma perturbação em seus olhos. A dúvida persistente que brincava no fundo de minha mente começou a circular, dilacerando minha esperança e caindo sobre mim como uma chuva de confete.

Ana girou as armas e presenteou Kelsey com o arco e as flechas. Meu outro eu deu um passo à frente, ansioso por receber uma arma também, e talvez a proteção da deusa.

“Paciência, meu tigre de ébano”, disse ela. E senti que ela falava mais para mim do que para o homem de pé diante dela. “Agora vou escolher algo para você.”

“Aceitarei com alegria qualquer coisa que me oferecer, minha linda deusa”, disse meu antigo eu com uma piscadela e um sorriso presunçoso.

Ela ficou tensa a meu lado. Revirei os olhos e enviei-lhe o pensamento: *Lamento ter sido tão cretino.*

É bom mesmo que lamente. O canto de sua boca se contraiu. Mas ele não quer dizer nada com isso. Bem, quer, sim. Mas não é nada comparado com...

Ana interrompeu o pensamento, mas foi fácil para mim concluí-lo. O que meu antigo eu fez e disse não era nada em comparação com o mal que ela sofrera nas mãos do senhor dos escravos. Ela merecia mais do que ter o animal estúpido que eu era demonstrando seu desejo por ela. Soltei um grunhido baixo, mas meu antigo eu era tão tolo que nem percebeu.

Depois que ela deu o *chakram* a meu antigo eu, ele pegou a mão dela e a beijou. Mostrei os dentes. Ana não só permitiu o beijo como também parou, analisando-o. Era quase como se estivesse tentando ler seus pensamentos. Um momento depois, ela saiu daquela espécie de transe e disse mais alguma coisa antes que nós dois fôssemos novamente transformados em pedra. Ana congelou o tempo e emergimos da pedra. Quando o tempo voltou a avançar, estávamos invisíveis. Ambos observamos Kelsey e meu antigo eu se preparando para partir.

“Alô?”, disse Kelsey. “Terra chamando Kishan.”

Ele continuou parado no mesmo lugar, observando a estátua girar.

“Ela é... excepcional!”, exclamou meu antigo eu.

“É. Qual é o seu problema com mulheres inalcançáveis?”, perguntou Kelsey.

Suas palavras me apunhalaram, confirmando as incertezas que eu carregava no coração. Kelsey tinha razão. Eu não havia merecido Yesubai. Se alguém fizera jus a um final feliz com Kells, era Ren. E, quanto a Ana, ela era uma deusa. Estava tão acima de mim que qualquer tentativa de minha parte de aprofundar nosso relacionamento era risível, na melhor das hipóteses. Um insulto, no mínimo.

A mão de Ana deslizou sob meu braço quando ouvi meu antigo eu dizer:

“Talvez eu encontre um grupo de apoio.”

Não era má ideia. Nem para ele nem para mim. Afastei-me de Ana. Não queria que ela me confortasse e, sobretudo, não queria sua compaixão.

– Acho que devíamos conversar sobre isso, Sohan – disse Ana quando ficamos a sós no templo.

– Não é necessário – retruquei. – Acho que entendo. – Rindo de modo autodepreciativo, acrescentei: – Além disso, Kells disse tudo que havia para dizer.

Ana fitou minhas costas. Eu podia sentir seus olhos em mim, mas não conseguia encará-la. Kelsey não me queria. Ana tampouco. Poderia culpar uma ou outra? Talvez o Bosque dos Sonhos tivesse errado. Talvez estivesse me mostrando o que poderia ter sido se eu fosse um homem de mais valor. Ren sofrera terrivelmente por cada pedacinho de felicidade que obteve. Imagino que eu estava recebendo o que o universo julgava que eu merecia também. Mas por que a pedra da verdade me daria um vislumbre do paraíso e depois o tomaria de mim? Castigo? Era cruel demais.

Como não queríamos conversar, ou pelo menos *eu* não queria conversar, passamos as horas seguintes riscando itens da lista. A maioria deles era tão simples que mal precisávamos prestar atenção para executá-los. Revivemos os capangas que nos caçaram na floresta do Oregon para que eles pudessem subjugar Ren e a mim. Ana congelou o tempo, recuperando aqueles que tinham sido feridos e sussurrando em seus ouvidos a direção que tínhamos tomado.

Se não tivéssemos interferido, Ren, Kelsey e eu teríamos fugido. No entanto, fizemos um trabalho tão bom que havia homens em demasia, que poderiam ter me impedido de fugir com Kells. Ana cegou todos que me perseguiam para que nunca nos alcançassem. Ela fez uma careta de solidariedade

enquanto observávamos meu antigo eu lutando para se manter acordado e colocar Kelsey na picape.

Em seguida, retiramos os poderes de Kelsey no castelo do dragão verde, caso contrário ela poderia ter fugido sozinha. Depois jogamos uma espécie de feitiço nos pais adotivos dela, para que eles permitissem que ela pegasse o avião. Sem nossa intervenção, Kelsey jamais teria deixado o Oregon.

Riscando o item seguinte, apresentei Ana à primeira partida de futebol americano de sua vida. Em vez de comemorar nos *touchdowns*, ela comemorava quando os jogadores eram brutalmente derrubados e consumiu o equivalente a seu peso em pipoca e cachorro-quente. Supervisionamos Kelsey do alto das arquibancadas. Ana fez cara feia para Jason e criou gelo sob seus pés, para fazê-lo cair sentado quando ele ficou assoviando para as mulheres no campo.

Ela me perguntou por que o rapaz estava se comportando daquela maneira e como ele podia achar que impressionaria Kelsey agindo feito um boboca. Não pude responder à pergunta, pois concordava com ela. Peguei-a murmurando silenciosamente e perguntei o que estava fazendo, mas sua única resposta foi:

– Melhorando o estado de espírito de Kelsey.

Kells olhou para nós uma vez, porém não nos reconheceu, pois tínhamos usado o lenço para mudar nossa aparência. No fim da noite, providenciamos para que o acompanhante embriagado de Kelsey não tivesse a oportunidade de levá-la para casa. Kadam só tinha avisado sobre aquele encontro. Eu queria que a tivéssemos poupado de suas outras noites decepcionantes, mas isso não estava em nossa lista.

Visitando outra vez o Bosque dos Sonhos, Ana removeu a pedra da verdade da cama e a colocou no galho da árvore onde eu dormia em uma rede. Ela levantou a sobrançelha, olhando para mim de modo inquisitivo quando aceleramos o tempo, mas preferi me calar sobre meus motivos para deixar Kelsey sozinha na cama. Depois que Kells e eu partimos na manhã seguinte, Ana levou a pedra da verdade de volta a seu lugar e viajamos no tempo para o local seguinte.

Usamos disfarces na festa de aniversário de Kelsey no circo, para garantir que seus pais adotivos permitissem que ela saísse. Vimos Kadam na festa, mas era uma versão mais velha dele. Ele nem piscou quando me apresentei como um fã

do tigre e apertei sua mão. O único momento digno de nota daquelas horas que passamos juntos foi ver Ana experimentar sorvete Tillamook pela primeira vez. Isso quase me tirou de minha fuga emocional, mas nem mesmo um Tillamook e uma *root beer*, que subtraí de uma máquina de venda automática, ajudaram.

Observei-a saborear o sorvete enquanto tomava minha bebida. Passei a mão em minha barba espessa, que era parte do meu disfarce. O moletom volumoso não escondia minha barriga dilatada. Eu me senti pesado, e não só porque meu corpo estava volumoso naquele momento.

O disfarce de Ana lhe caía melhor. Parecia uma versão ligeiramente diferente de si mesma. Eu ainda podia ver a linda deusa sob a pele de ébano, ouvir sua risada, clara como cristal, quando um dos cães serpenteou entre suas pernas, enroscando a guia. Ela virou seus olhos castanho-claros para mim e eles brilhavam com o mesmo fogo que sempre esperava dela.

Esfregando as mãos grossas e pálidas para limpá-las, levantei-me da mesa, pronto para sair da tenda. Ana seguiu-me com os cantos da boca voltados para baixo.

Chutei um bloco de cimento e ele saiu do lugar, revelando um talho escurecido por baixo. Minhocas e insetos se espalharam. Com fascinação mórbida, fiquei olhando enquanto fugiam para dentro do capim e lamentei não poder fazer o mesmo.

– O que é que você tem? – perguntou ela.

Resmungando, balancei a cabeça. Os longos *dreadlocks* que desciam por meu pescoço incomodavam como a corda de um carrasco.

– Nada. Eu só... preciso de um tempo.

– Um tempo?

– É. Por que você não vai para casa? Para ter uma boa noite de sono?

A luz acima de nós lançava sombras em seu rosto.

– Você quer dizer que deseja uma separação física?

Dei de ombros.

– Não é como se você não soubesse onde estou. Pode me encontrar quando quiser.

– Mas você quer que eu me associe com outros. Que não mais me isole com você. É isso?

– Bem, é, sim. Acho que você pode ir ver como estão as crianças que levou para casa, se está procurando companhia.

Ela puxou a blusa marfim que estava usando e mordeu o lábio.

– Tem certeza, Sohan? – perguntou. – Seus sentimentos em relação a isso são fortes?

– Sim – respondi com esforço, dirigindo-lhe um olhar confuso. – Mas não saia por aí fazendo coisas perigosas enquanto eu estiver longe. Estarei de volta antes que se dê conta. Tome um bom banho e relaxe. Você também tem direito a descansar.

– Banho? – Ana olhou para o próprio corpo e fez uma careta. – É – disse em voz baixa. – Vou descansar um pouco. E você também vai tomar cuidado?

Seus olhos estavam brilhantes e indecifráveis.

– Vou – respondi, assentindo.

Ela me entregou o amuleto. Quando protestei, argumentando que ela poderia precisar dele, ela sacudiu a cabeça.

– Eu tenho a corda – respondeu. – Mesmo que não tivesse, o Amuleto de Damon atende ao meu chamado agora. Posso usar seu poder à distância.

Pode mesmo? Era interessante que o medalhão, que levava meu nome, respondesse a ela daquela maneira. Eu sabia que ela havia abandonado a sacola de armas e presentes, deixando-os em casa e só os convocando quando necessário, mas eles lhe pertenciam, os presentes e as armas de Durga. Eu não sabia o que sentir quanto ao fato de ela controlar o amuleto como se pertencesse a ela também. Ela era a deusa, porém, e decidi encerrar a conversa.

Então me virei e disse, por sobre o ombro:

– Boa noite, Ana.

– Adeus, Sohan.

A luz projetou minha figura em uma longa sombra e em seguida desapareceu. Usando o poder do amuleto, lancei-me no tempo e no espaço. Logo meus pés de tigre tocaram o chão da selva. Corri e corri, até esgotar minhas forças. Quando cheguei a uma trilha conhecida, eu a segui até finalmente deparar com a caverna escura que estava procurando.



Vislumbre futuro

Arrastando-me para dentro da gruta escura, deitei-me e descansei a cabeça nas patas, deixando escapar um profundo suspiro. Esse era meu espaço, literalmente meu refúgio. Era o lugar que chamara de lar a maior parte de minha vida. Eu não tinha certeza de em que *tempo* me encontrava. Não mesmo. O amuleto simplesmente respondera a meu desejo de encontrar minha caverna.

A princípio, eu não sabia por que sentira a necessidade de fugir. Não era por estar infeliz ou aborrecido. Estava mais era confuso. Principalmente depois de passar tanto tempo com Ana. O sonho que eu tivera, associado àquele beijo, mexera comigo. Não só me fizera passar a ter consciência dela de formas com as quais eu não me sentia muito confortável como virara tudo que eu sabia e em que acreditava de pernas para o ar.

Estaria a pedra da verdade escondida no Bosque dos Sonhos me mostrando um futuro certo? Alguma coisa inevitável? Ou estaria me empurrando em direção a ele? Guiando-me, como Kadam fazia? O que eu sentia de fato por Ana? Eu gostava dela? Sim. Levei muito tempo para compreendê-la, mas agora compreendia. E não só isso, eu a respeitava.

Havia então a grande questão. Estava apaixonado por Ana? Sinceramente, eu não sabia. Poderia um dia ficar? Possivelmente. O que quer que eu sentisse por

ela não era confortável ou fácil, como fora com Yesubai ou Kelsey. Mas talvez isso não fosse uma coisa ruim. Sem dúvida, o amor não fora fácil para Ren ou mesmo Sunil. Ambos tiveram de lutar para encontrar a felicidade. Eu estaria disposto a fazer o mesmo?

E quanto aos sentimentos dela? Ana correspondera a meu beijo no bosque, mas estava meio adormecida na ocasião. Desde aquele episódio, parecera distante. Estava tão fechada para mim agora quanto no início. Era estranho que ela me permitisse ver certos fatos muito claramente. Mas qualquer coisa relacionada a seus sentimentos presentes estava escondida em um local profundo demais para que eu conseguisse desenterrá-la.

O futuro que eu havia planejado para mim parecia um sonho distante agora, como uma miragem que se afastava mais cada vez que eu tentava alcançá-la. Eu havia me resignado a uma vida servindo à deusa. Ajudando os outros. Pensara que não era meu destino ter um “felizes para sempre”. Que era hora de deixar a ideia de filhos e uma mulher que me amasse desbotar como um xale colorido que tivesse ficado muito tempo pendurado no varal.

Mas então houve aquele beijo. Aquele sonho. Eu não conseguia parar de pensar nele. Todas as vezes que fechava os olhos, eu o revivia. Seria Ana, de fato, a mulher em meu sonho ou ela era apenas a que estava em meus braços quando acordei? Talvez não fosse real. Mas, sem dúvida, a sensação fora bastante real. Aquela mulher dissera que me amava. Eu respondera da mesma forma e, quando as pronunciei, as palavras soaram verdadeiras. Queria ter uma pedra da verdade no pescoço para poder perguntar.

A noite chegou e, com ela, um vento forte, pesado e úmido. Soprava meu pelo e me fazia cócegas no nariz. O céu abriu-se em uma tempestade e trovões roncavam quando o mundo escurecido era iluminado por relâmpagos. Tentei dormir, mas, quando consegui ignorar o temporal, fui assaltado por uma tempestade de lembranças – aqueles lábios cinzelados movendo-se sobre os meus com os mais suaves beijos, a sensação dos cabelos sedosos fazendo cócegas em meus braços e de dois corpos unindo-se em uma espécie de frenética harmonia.

Quando o céu cinzento deu lugar ao azul metálico da manhã, decidi que precisava saber como ela se sentia e se havia alguma chance para nós dois. Os

séculos à frente pareciam muito mais brilhantes se o futuro que sonhei pudesse vir a acontecer. Eu queria perguntar a Anamika se ela fora sincera ao dizer que amava seu tigre. Mesmo que ela ainda não pudesse amar o homem, era um começo.

Pensamentos do que seria possível entre nós me enchiam de uma nova esperança. Meu coração fora partido mais de uma vez, mas ainda batia. Eu ainda era capaz de amar. Tinha algo a oferecer. Levantando-me, sacudi a umidade do pelo e me espreguicei de uma forma que somente os tigres podem fazer. Após abrir as mandíbulas em um imenso bocejo, desci por uma trilha familiar. Era muito raro agora vir até minha selva e eu queria prestar homenagens a meus pais.

Quando me aproximei do lugar onde eles haviam sido enterrados, captei o cheiro de alguém familiar. Não saber o ano em que me encontrava significava que precisava tomar cuidado, mas, se eu tinha de cruzar o caminho de alguém, a melhor pessoa seria ele. Talvez pudesse lhe fazer algumas de minhas perguntas prementes. Segui meu fôro até um pequeno grupo de árvores do lado oposto ao local onde ficava o jardim de minha mãe. Lá, eu o encontrei acorado atrás de algumas plantas. Ele fizera um esconderijo e tanto para si mesmo.

Rosnei suavemente e ele girou, a mão sobre o coração.

– Olá, filho – disse com cautela, depois de recuperar o fôlego.

Mudando para a forma humana, avancei em meio às plantas e espiei através da vegetação.

– Kadam. – Assenti, então ergui as sobrancelhas. – O que você está procurando? – perguntei.

– Bem, essa é uma boa pergunta.

Ele umedeceu os lábios, nervoso. Nesse momento, ouvi o inconfundível ruído de um avião. Ele se imobilizou, os olhos fundos.

– Você queria me dizer alguma coisa? – indaguei.

– Não. Isto é... se você tiver uma pergunta, estou certo de que posso...

Ergui a mão, interrompendo-o.

– Tenho muitas perguntas, e a primeira delas é: o que você está fazendo aqui?

– Eu ia perguntar o mesmo a você.

– Bem, estou tentando entender o que sinto em relação a Ana e...

– Ana?

Suas sobrancelhas grossas se franziram.

– É. Ana. Sabe, a deusa Durga?

– A deusa?

A boca de Kadam se escancarou. Ele pareceu estarecido de uma forma que me assustou. Seu pomo de adão subiu e desceu quando ele engoliu em seco.

– Ei, você está bem? – perguntei, preocupado com ele. – Viajar através do tempo está afetando você?

– Viajar através... Ah, entendo. Você está vagueando como eu.

– Estou.

Pronunciei a palavra enquanto examinava seus olhos, buscando sinais de um colapso. As bochechas de Kadam estavam fundas, e a pele, pálida.

Ele soltou um suspiro profundo.

– Que alívio, Kishan. Temi ter sido descoberto. – Estendendo a mão, agarrou meu braço. – Confesso que receei estar caminhando para a loucura. Meu coração está gelado de apreensão e não sei nem dizer quanto conforto sua proximidade me dá. Pode ficar comigo até que tudo esteja acabado?

– Até que tudo o quê esteja acabado? – perguntei.

– Meu... meu enterro? – sussurrou.

– Seu enterro? – ecoei. As veias em seu pescoço e nos braços avolumaram-se quando ele segurou meu braço. A compreensão tomou conta de mim. – Tá – falei baixinho. – Vou ficar com você até que tudo esteja acabado.

O avião tornou a circular e franzi a testa.

– Você criou uma pista de pouso? – perguntei, então olhei para o pedaço do tempo do amuleto em seu pescoço. Não. Ele não poderia, respondi eu mesmo a minha pergunta. – Espere aqui – falei. – Já volto.

Com isso, congelei o tempo e me dirigi à parte da selva onde eu lembrava que tínhamos aterrissado. Canalizando o pedaço da terra, à semelhança do que Ana tinha feito em Shangri-lá, mudei árvores de lugar, aplainei arbustos, removi terra e fiz minerais duros subirem à superfície para formar uma pista forte o bastante para Murphy pousar o avião. Quando acabei, voltei ao esconderijo de

Kadam e desloquei nós dois no tempo para que ele não precisasse mais se esconder.

– Eles não vão poder nos ver – informei, fazendo sinal para que ele saísse. – Estamos em segurança.

Sua voz soou fraca:

– Tem certeza?

– Tenho. – Tentei lhe oferecer um sorriso tranquilizador. – Já fiz isso antes.

Ele assentiu e me seguiu, hesitante. Subimos por um aclive que dava para a nova pista de pouso e observamos o avião aterrissar. Ficamos ali juntos, observando em silêncio, enquanto Ren e meu antigo eu cuidadosamente tiravam do avião uma forma envolta em uma mortalha e seguiam pela trilha. Gesticulei com a cabeça na direção de Kells e Nilima e ele me acompanhou. Chegamos a tempo de ouvir Murphy perguntar:

“Por que diabo ele iria querer ser enterrado no meio do nada? Simplesmente não entendo.”

Murphy então lançou-se em suas recordações de quando conhecera Kadam, na Segunda Guerra Mundial. Kadam sentou-se e ficou ouvindo e fui ver como estavam Ren e meu antigo eu. Lágrimas escorriam pelo rosto de Ren enquanto ele lutava com uma pá. Meu antigo eu golpeava o chão violentamente com uma picareta. Era surreal reviver aquele momento, vendo-o de uma nova perspectiva. Lembrei-me de como aquele dia fora difícil para todos nós.

Tocando o amuleto, amaciei a terra e fiz dissolver-se uma boa parte dela, para que não fosse preciso tanto esforço. Tentei facilitar sem deixar óbvio que alguém estava ajudando, mas, ainda assim, Ren notou e fez uma observação a respeito.

Lembrando-me de que o caixão estivera lá à espera e não vendo nenhum, segui para a velha casa e criei longos pedaços de madeira que se encaixariam com facilidade. Em vez de usar martelo e pregos, recorri ao poder do pedaço da terra para dar forma aos cantos de modo que eles pudessem se justapor firme e naturalmente. Quando a tampa ficou pronta, conectei-a também para que abrisse e fechasse sem dificuldade com dobradiças de madeira. Então pus o caixão onde ele seria facilmente encontrado.

Satisfeito, voltei para onde havia deixado Kadam, perto de Kelsey, Nilima e Murphy, e sentei-me ao lado dele para ouvir os outros recordarem. Muitas lágrimas foram vertidas. De Kadam, inclusive. Eu apenas sentia o peso da lembrança angustiante.

Quando Ren e meu outro eu retornaram, Kadam parecia pronto. Que estranho devia ser para ele assistir ao próprio funeral. Ele nunca me disse que havia feito isso. Tinha contado que vira coisas que nenhum homem deveria ver. Talvez estivesse falando disso.

Macacos tagarelavam no alto enquanto descíamos a trilha. Não me dei o trabalho de ocultar o cheiro de nós dois, pois, afinal, ambos estávamos lá, ainda que um não mais estivesse entre os vivos. Kadam estendeu o braço e segurou com força meu ombro quando pegaram seu corpo e o colocaram no caixão. Captei o cheiro da morte e movi os dedos, criando uma brisa para levá-lo dali. Era o mínimo que podia fazer, naquelas circunstâncias.

Meu antigo eu levou os dedos à lápide de meu pai.

“O que diz?”, perguntou Kelsey.

Meu antigo eu respondeu:

“Diz: ‘Rajaram, amado marido e pai, rei esquecido do Império de Mujulaain. Governou com sabedoria, zelo, bravura e compaixão.’”

“Como o seu selo”, disse Kelsey.

Pensei no selo então. O que eu ainda tinha de esculpir. Eu o deixara em casa com Ana.

“A lápide, na verdade, é uma réplica, se você olhar mais de perto”, disse Ren, e então ajoelhou-se diante do túmulo da mãe e leu a inscrição: “Deschen, esposa e mãe muito amada.”

Quando pensei em nossa mãe, meu coração se inflou. Lembrei-me de como ela e papai tinham amado Ana. Ela não era nem um pouco parecida com Yesubai ou Kelsey e, no entanto, conquistara a confiança deles imediatamente. Eles a teriam aprovado como meu par, se eu tivesse perguntado. Talvez não para meu eu adolescente, mas certamente agora, sim. Sorri, pensando que minha mãe a teria chamado para uma luta de treino. Nem mesmo mamãe, hábil como era, poderia vencer Ana.

Minha mente voltou-se para a cena presente quando Ren mencionou os ossos de tigre. Franzi a testa e olhei para Kadam, mas ele não estava mais a meu lado. Respirei fundo, tentando detectar seu cheiro, mas não pude captá-lo além de seus restos mortais no caixão. Teria ido embora sem falar comigo? Não havia rastros.

Quando o grupo deu início à cerimônia fúnebre, corri de volta à casa e em seguida verifiquei seu esconderijo em meio às árvores. Só ouvi minha voz ecoando pelo jardim.

“Lutar a seu lado e viver em sua presença foi um privilégio...”

Eu estava ficando desesperado. Teria ele ido embora? Onde estava? Por que iria embora agora?

Kelsey começou seu poema e as palavras me seguiram enquanto eu procurava por toda a área. Por fim, voltei até o caixão e fiquei parado do lado oposto àquele em que os outros estavam. Enquanto Ren falava de Kadam, baixei os olhos para o corpo. Ren disse:

“Fechem a porta, fechem as persianas, ou pelas janelas veremos em luto a nudez e o vazio absolutos da escura casa abandonada...”

Houve um lampejo de alguma coisa, um minúsculo movimento dentro do caixão. Pensei que talvez fosse um truque da luz, mas então as pálpebras tremularam. Ninguém mais, além de mim, notou. Ren terminou seu elogio fúnebre e Kelsey aproximou-se com sua rosa branca. Ela a colocou dentro do caixão e eu pisquei. O tempo deslocou-se à minha volta e Ren e meu antigo eu ergueram a tampa quase em câmera lenta. Nesse momento, minha visão se desfocou e, sob a carne amarelada e morta, vi um homem escondido. Um homem muito vivo.

E ele estava gritando.

Os outros fecharam a tampa.

Congelei o tempo e agitei os dedos no ar. A tampa voou e se chocou contra uma árvore, estilhaçando-se. Eu não podia me preocupar com isso agora. Nesse momento, precisava descobrir como isso acontecera. Debruçando-me sobre o caixão, gritei:

– Kadam! Kadam, pode me ouvir?

Seus olhos assustados deslizaram em minha direção e em seguida se afastaram enquanto ele se contorcia dentro de sua prisão de carne. Foi como o que aconteceu com Ana quando ela entrou em contato com seu eu mais jovem, mas dessa vez não havia um espírito ali dentro para se fundir com o dele. Em vez disso, Kadam se viu preso dentro de um recipiente que mal podia contê-lo. Enquanto eu observava, ele ergueu o braço, mas a carne que o envolvia não era mais animada por uma alma. Como resultado, o braço bateu de um lado a outro no caixão, tão descontrolado quanto um peixe na margem do rio.

Sua boca escancarou-se e, enquanto ele ofegava, percebi que os pulmões do corpo não estavam mais aspirando o ar. Eu tinha que tirá-lo dali. E logo.

– Aguenta firme! – gritei, embora ainda não tivesse a menor ideia do que fazer.

Deduzi que o primeiro objetivo era obter oxigênio para ele. Usando o pedaço do ar do amuleto, enchi os pulmões de seu corpo. Felizmente para nós dois, funcionou.

Não mais temendo que ele se sufocasse, refleti sobre o próximo passo.

Lokesh conseguira usar o amuleto para ressuscitar os mortos. Ele os reanimava, embora não estivessem exatamente vivos. O que Ana fizera com ossos dessecados tinha sido diferente. Andando de um lado para outro, eu pensava. *Ana*, enviei um chamado mental. *Preciso de você*. Como ela não apareceu passados alguns segundos, entendi como um sinal de que não me ouvira ou de que não queria ser incomodada.

Bem, pensei. *Eu consigo fazer isso*. Com cuidado, concentrando-me no que vira a deusa fazer, fechei as mãos em torno do amuleto e disse:

– *Damonasya Rakshasasya Mani-Bharatsysa Pita-Rajaramaasya Putra*.

O amuleto em minhas mãos começou a brilhar. Então me lembrei de que, todas as vezes que trouxera alguém de volta, o amuleto me cobrara um preço. Para salvar a vida de Ren, tive de dar parte da minha. Para resgatar Ana, eu me ligara para sempre ao tigre. Que preço ele exigiria agora, para salvar Kadam?

Labaredas lamberam minha pele e o suor correu pelo peito e as costas. Os braços tremeram e caí de joelhos. O poder deixou meu corpo e verteu para dentro do amuleto. Foi como se uma parte de mim tivesse morrido naquele momento, mas, ao mesmo tempo, uma pequena bolha de luz se levantou e

disparou na direção do caixão. Perfurou a carne e iluminou a forma de Kadam que se debatia ali dentro.

Ele gritou, mas o som não penetrou o corpo. A luz o consumiu e, então, a forma de seu espírito se desintegrou. Se o padrão seguisse o que acontecera com Ana, Kadam teria voltado para casa. Logo que recuperei o fôlego, levantei-me, cambaleando, e olhei o interior do caixão. O Kadam que eu conhecia havia desaparecido. Tudo que restava era o cadáver inanimado do homem que eu considerava um segundo pai.

Delicadamente, reposicionei suas mãos, pondo a flor sobre elas. Seus lábios se entreabriram quando o ar com que eu enchera seus pulmões foi lentamente deixando o corpo. Usando o amuleto, refiz a tampa e a coloquei de volta sobre o caixão. Então me fiz invisível e reiniciei o tempo.

Exausto, caminhei com pesar até as ruínas da casa de meus pais e desabei na escada. Fiquei totalmente imóvel, mesmo quando meu antigo eu desceu o caminho com Kelsey e se ofereceu para lhe mostrar a casa. As vozes vinham de dentro da construção e eu podia distinguir claramente a conversa. Ren subiu o caminho após cobrir a cova e lavou o rosto. Enquanto sacudia a água das mãos, ergueu os olhos para a casa, ouvindo. Que ele podia escutá-los tão bem quanto eu, estava evidente em seu rosto.

“Você o ama, Kells?”, meu antigo eu perguntou.

“Sim.”

“Você me ama?”

Ela deixou passar uma fração de segundo antes de responder:

“Sim.”

Eu podia quase ouvir o desespero em minha voz:

“Tem certeza de que quer me escolher?”

Ren arquejou, a dor clara em sua expressão. Nós dois apuramos o ouvido para escutar a resposta dela, embora eu já soubesse qual seria.

“Tenho”, disse Kelsey baixinho.

Ren deu meia-volta, os ombros curvados. Apanhou uma pedra e a lançou contra o tronco de uma árvore próxima. Ela rachou e a pedra afundou no tronco enquanto ouvíamos Kelsey dizer que eles teriam de deixar Ren. Caso contrário, seria doloroso demais.

Como pude não perceber que sua voz falhou quando ela falou em deixá-lo? Lembro-me de delirar de felicidade só de ouvi-la validar meus mais profundos desejos. Em nenhum momento considerei o custo de um futuro sem meu irmão ou o que partir e deixá-lo para trás teria feito a ela.

Será que eu teria sido feliz deixando a Índia? Deixando tudo para trás? Na ocasião, pensei que seria. Que o amor era tudo de que eu precisava. Agora, sabia que não era assim. Eu precisava, sim, de amor. Mas com a pessoa certa. Com alguém que me amasse exclusivamente. Alguém que jamais olhasse para trás. E essa pessoa merecia o mesmo de mim.

“Gostaria de voltar aqui um dia”, ouvi Kelsey dizer. “Quero plantar flores no túmulo do Sr. Kadam e limpar o mato em volta. Seria bom ficar aqui às vezes”, concluiu.

Eu entendera aquilo como um sinal de que moraríamos na selva. Mas esse nunca fora o desejo de Kelsey. Ela iria em visita, claro. Mas morar ali? Levantei-me e atravessei o gramado, tocando a pedra engastada na árvore – um sinal do sofrimento de Ren.

Só havia uma pessoa que eu podia imaginar vivendo comigo na selva. Kelsey tinha razão ao dizer que esse lugar era meu lar. Era importante para minha família. Sempre seria.

Dando meia-volta, esperei que todos seguissem de volta para o avião e, quando ouvi o ruído do motor, ergui as mãos e canalizei o poder do amuleto. Fechando os olhos, imaginei como a casa era quando meus pais viviam ali. Árvores e plantas mudaram. Algumas cresceram. Outras encolheram. O grito dos macacos me fez saber que estava perturbando seu lar, mas não me importei. Flores e árvores frondosas cresceram no jardim de minha mãe. Os pedaços de madeira quebrada e os caminhos destruídos repararam-se diante de meus olhos.

Quando acabou, uma casa linda se erguia onde um momento atrás havia ruínas. O avião levando minha família voava lá no alto, a luz se refletindo nas janelas. Se tivessem olhado para baixo naquele momento, teriam visto que um luxuriante jardim havia crescido no lugar onde tinham acabado de estar, mas eu sabia que estavam todos emocionalmente arrasados demais para notar.

Uma mão tocou meu ombro. Girei, alarmado, e então ri quando reconheci meu mentor. Seu rosto comprido estava revestido pela fadiga, mas sua cor era

saudável.

– Obrigado por me salvar – agradeceu.

Ele parecia mais o Kadam que eu conhecia do que o de antes.

– Eu estaria mentindo se dissesse que não estou aliviado por vê-lo. O que foi que aconteceu ali?

– Lembra-se de quando eu disse para ter cuidado perto de seu eu passado?

Assenti e disse:

– Foi por isso que tive de salvar Ana.

– É, bem, neste caso, minha versão que você acabou de encontrar foi a que desapareceu do *Deschen* durante o ataque. Eu havia acabado de descobrir que tinha a habilidade de viajar no tempo e estava tentando navegar seus caminhos. Também acabara de descobrir sobre minha morte iminente, e dizer que isso me chocou é eufemismo. Embora eu a tivesse testemunhado com meus olhos, tive dificuldade em aceitar que não estava preso em um sonho. Pensando que poderia me acordar, toquei minha mão no caixão e, bem, você viu o resultado.

– E quanto a Nilima? Ela não estava com você?

– Eu nunca disse a vocês ou a ela que a perdi por um tempo. Foram necessários um grande esforço e o equivalente a vários anos para localizá-la e, então, ainda mais tempo para que ela se recompusesse.

– Se recompusesse? – Franzi a testa. – Isso não parece nada divertido.

– Acredite em mim quando digo que não foi.

– O que aconteceu depois que você saiu do seu corpo? – perguntei.

– Algo parecido com o que aconteceu a Nilima. Sabe a pressão que a gente sente por dentro quando viaja no tempo?

– Sei.

– Imagine seu efeito em meros mortais. Como você, Ana, Kelsey e Ren estavam, e estão, conectados ao poder do amuleto, ele protege vocês dos efeitos. Quanto ao restante de nós... vamos dizer apenas que fomos refeitos. Seu presente literalmente me dilacerou em átomos e levou um bom tempo para completar o quebra-cabeça. Basta dizer que não sou o mesmo homem que era.

– E Nilima? – perguntei.

– Ela não está pior por isso, até onde eu sei. Nilima se perdeu... espalhada pelos quatro ventos... mas consegui usar minha experiência nada invejável para

tornar o processo mais fácil para ela. Tive de usar uma porção de seu presente para salvá-la, mas valeu a pena no fim.

– Eu... Me desculpe. Eu devia ter feito mais.

Ele sacudiu a cabeça.

– Você já fez demais. Sacrificou-se por mim, assim como fez por Ren. Por favor, aceite meu mais profundo pesar por sua perda.

– Minha perda? – perguntei.

– Ah. Você ainda não compreende.

– O que foi que eu perdi?

Ele suspirou.

– Receio que você tenha aberto mão de sua conexão com a deusa.

– Minha conexão com... com Ana? – Minha boca se escancarou. – Como isso é possível? Sou o tigre dela! Como vamos poder fazer nosso trabalho sem o elo?

– O Amuleto de Damon ainda conecta vocês. Ana ainda pode utilizar o poder dele. Estou falando de sua, hã, conexão pessoal. Antes, seu laço funcionava como um triângulo. Ana podia extrair poder de você, e você, dela, mas agora a única opção para vocês dois é extrair poder do amuleto. É mais... limitado.

– Nós ainda vamos ser capazes de nos falar através da mente? – perguntei.

– Não sei. Talvez através do amuleto.

– Posso consertar isso? – perguntei, já adivinhando qual seria a resposta.

Kadam me olhou demoradamente.

– Neste caso, sim. É possível reconectar-se com Ana. Mas, se optar por fazer isso, o vínculo será permanente.

– Entendo.

– Não, não acho que entenda. – Kadam suspirou. – Se você um dia decidir deixar a deusa e o trabalho dela, esse vínculo teria enfraquecido com o passar do tempo, de qualquer forma. Talvez seja melhor decidir o curso de seu futuro antes de fazer qualquer coisa... duradoura.

– Você quer que eu me afaste de tudo isso? Dela?

– Não foi isso que eu disse, filho, e sim que você sempre teve a liberdade de escolha.

– Sim. Bem, neste momento, eu escolho encontrá-la.

– Sim. É claro. Seria sábio da sua parte procurá-la. – Ele estreitou os olhos.
– Pensei que tivesse deixado claro que ela precisava que você permanecesse perto dela. Pelo menos até você ter feito a escolha final.

– Sim, você disse, mas eu... eu precisava de tempo para colocar meus sentimentos em ordem.

– Filho... – Ele pôs a mão em meu ombro. – Uma vez dei um conselho a Kelsey sobre travesseiros.

– Travesseiros? – repeti.

– É. Eu disse a ela que a pessoa que você escolhe para compartilhar sua vida, e acredite quando digo que você tem, *sim*, uma escolha, vai moldá-lo de formas que você não pode compreender. As perguntas que você precisa se fazer são estas: você gosta do homem que é quando está com ela? Ela o encoraja a se tornar mais do que você é? Ela pode lhe oferecer companheirismo e conforto durante suas provações? Ela o compreende de uma forma que outros não conseguem? Se as respostas a essas perguntas forem sim, então tudo mais vai se resolver.

Eu sabia, em meu coração, a resposta para cada uma daquelas perguntas. Esse era um teste fácil. Quase fácil demais para ser confiável.

– Como eu a encontro, se perdi nossa conexão? – perguntei. – E como recrio nosso elo quando a encontrar?

Kadam juntou os dois dedos indicadores e os levou à linha reta formada por seus lábios.

– Talvez agora seja um bom momento para ler o pergaminho que deixei com você...



Templo do Fogo

O pergaminho. Eu não tinha nada ali comigo. Ana havia levado nossa mochila para casa e não pensei em pegar nada. Literalmente, só tinha a roupa do corpo e o Amuleto de Damon.

– Não estou com ele – eu disse.

– Então é melhor torcer para que consiga encontrá-la sem ele.

– Você não pode me falar? – implorei. – Sei que você sabe onde ela está.

– Tenho minhas suspeitas – admitiu ele. – Mas você sabe que não posso ajudá-lo. Essa é uma parte da sua jornada, Kishan. Se eu interviesse, alteraria o resultado, ou até mesmo influenciaria suas futuras escolhas. Eu não poderia viver comigo mesmo sabendo que o mandei por um caminho que o levasse à infelicidade.

– E se minha infelicidade for o resultado de eu estragar tudo?

Kadam apertou os lábios. Sua teimosia era evidente em sua expressão e eu sabia que ele não iria ajudar.

– Muito bem. Então me diga como recriar nosso elo quebrado.

– Se for o destino de vocês permanecerem ligados, ele se recomporá sozinho – afirmou, de maneira enigmática. – É melhor eu ir agora, filho.

Suspirei.

– Vou vê-lo de novo? – perguntei.

– Posso garantir que sim. – Ele virou-se, mas, antes de desaparecer, acrescentou: – Por falar nisso, gosto do que você fez neste lugar.

Estúpido. Tigre estúpido. Censurei-me depois que ele desapareceu. Mais uma vez, eu havia falhado em meu dever de proteger Ana. Não que eu não acreditasse em Kadam, mas a primeira coisa que fiz foi chamar mentalmente a deusa. *Ana?*, pensei. *Ana!* Não houve resposta. Tentei fechar os olhos e sentir onde ela estava, mas, no lugar em que nossa familiar conexão havia se instalado dentro de mim, aquela que eu tinha desde que me tornara um tigre tantos anos antes, havia um vazio reverberante.

Agarrando o amuleto, corri e saltei através do tempo e do espaço e já estava em disparada quando meus pés tocaram a grama do jardim de rosas dela. Entrei de supetão em seu quarto e encontrei suas armas guardadas nos lugares de hábito. Até mesmo Fanindra estava tomando sol na janela. Eu havia deduzido que ela estaria com Kelsey agora, mas, aparentemente, o tempo funcionava de modo diferente para a cobra. De um jeito estranho, fazia sentido.

Vasculhei suas estantes e seus pertences em busca da bolsa ou do pergaminho, mas não consegui encontrar nem um nem outro. Em minha pressa, quase derrubei seu frasco de perfume. A tampa caiu e, antes de colocá-la de volta no lugar, levei o frasco ao nariz. Rosas e flores de lótus. *Onde ela está?* Se estivesse por perto, eu poderia rastreá-la pelo cheiro, mas Ana não tinha estado ali recentemente.

– Ana! – gritei e saí à procura de alguém que pudesse saber aonde ela fora.

Encontrando um dos garotos que ela salvara, agarrei-o pelos ombros e apresentei um apressado pedido de desculpas quando ele se encolheu.

– Xing-Xing, onde está a deusa? – perguntei. – Me fale, rápido.

Ele encolheu os ombros.

– Faz semanas que não a vejo.

– Alguém a chamou? Convocou-a no último mês?

O garoto coçou o nariz.

– Não. Nada fora do comum, pelo menos.

Embora nossa conexão tenha se extinguido, eu ainda podia ouvir as orações e súplicas oferecidas pelos mortais. Permitir que esses chamados tomassem a

dianteira em minha mente era como entrar em um furacão, mas não havia outro jeito. Preparando-me, abri a torneira e as súplicas de todo um século assaltaram minha mente. Trabalhei para isolar uma voz, um grito pela deusa, e então parti. Não fiquei por tempo suficiente para de fato fazer alguma coisa visando a ajudar, apenas verifiquei se Ana estava lá.

Veze sem conta, saltei através do tempo, mas não consegui nada. Uma mulher queria que a filha encontrasse um companheiro. Outra desejava que o marido se curasse de um ferimento. Uma vila inteira precisava de ajuda com suas colheitas. Mas, independentemente de onde eu procurasse, não encontrava qualquer vestígio dela. Após dúzias e dúzias de paradas, não tive sucesso algum. *Onde ela está?*

Finalmente, uma ideia me ocorreu. Voltando ao quarto dela, localizei o que fora ali buscar.

– Fanindra? – chamei. – Preciso da sua ajuda.

A cobra ergueu a cabeça e, na mesma hora, deslizou para meu braço estendido.

– Não consigo encontrar sua senhora – falei. – Você pode me levar até ela?

Sem saber o que encontraria assim que chegássemos lá, preendi o cinto de couro e pus na bainha a espada que se dividiria em duas. Então preendi o broche na camisa e pendurei o *kamandal* no pescoço. Pelo menos eu tinha algumas armas, além de dentes e garras. Ver todas as armas ali guardadas me deixava preocupado. O único objeto que estava faltando, além dos que já déramos para Kelsey e Ren, era a Corda de Fogo.

Fanindra enroscou os anéis cor de mel e alabastro em meu braço e usou sua energia para abrir um portal. Temi que, fazendo isso, sobrecarregaria a criatura a ponto de levá-la à morte mais uma vez, mas Fanindra havia renascido ou, talvez, nascido pela primeira vez. Ela estava cheia de vida e de energia. Entrei no portal e fui transportado.

O fogo afflorou à nossa volta no momento em que o portal desaparecia e ergui um braço, recuando diante das labaredas. Logo me dei conta de que nem eu nem minhas roupas estávamos queimando, então recuei um passo e examinei o ambiente à nossa volta.

O chão estava escuro como carvão e sua consistência era de pó, como cinzas. Jovens árvores com folhas avermelhadas tremiam em uma brisa morna que carregava o cheiro de fumaça e enxofre. Imediatamente eu soube onde estava. Bodha – a cidade sob o vulcão nas ilhas Andaman.

– Por que ela viria aqui? – perguntei a Fanindra.

A cobra não respondeu, mas transformou-se em metal em meu braço.

– Certo. Acho que estou por conta própria então.

Passei a mão pela barba de um dia em meu rosto. Quando me transformava de tigre em homem, estava sempre com a roupa preta, a última coisa que usei antes da maldição, e de barba feita. No entanto, desde que a maldição fora suspensa, eu podia ser homem pelo tempo que desejasse, o que significava que precisava me barbear de vez em quando. Era mais rápido simplesmente alternar entre tigre e homem, mas havia algo de humano em dedicar um tempo a me barbear.

Minha mãe sempre ajudava meu pai nessa tarefa e eu me lembrava de como ficavam felizes em servir um ao outro nessas pequenas coisas. Era uma das razões pelas quais eu gostava de me deitar no colo dela ou de escovar seus cabelos. Era meu momento especial com ela. Acho que a hora do barbear era o momento de meu pai.

Certa vez, eu perguntara a Ana se a incomodava eu usar barba e ela simplesmente bufara, como se a pergunta fosse ridícula. Era verdade que ela havia comandado um exército, cada soldado tendo sua preferência em relação aos pelos faciais, mas eu não era um soldado típico. Eu era dela. Pelo menos, achava que podia ser. *Será que ela agora tem uma opinião diferente?* Talvez eu pudesse aparar a barba, como vira homens do tempo de Kelsey fazer, deixando apenas um pouco de pelo em torno da boca e do queixo. Se eu a beijasse com barba, será que ela se esquivaria ou gostaria ainda mais? Descobri que era bom pensar nisso, mesmo que minha fantasia fosse irrealizável.

Se as coisas corressem bem com Ana, talvez eu tivesse um motivo para abordar o assunto e pudéssemos decidir juntos. Quem sabe, experimentar diferentes possibilidades. Sorri, imaginando a reação dela a tal sugestão, então franzi a testa. É claro que, antes de sequer poder pensar em tentar beijá-la outra vez, eu teria de encontrá-la.

Por que ela teria vindo aqui?, me perguntei. Então eu soube a resposta. Ana deve ter continuado a trabalhar na lista enquanto eu estava fora. Bodha, porém, estava mais à frente. A Cidade dos Sete Pagodes deveria ser a próxima da lista. Ela não estava seguindo a ordem. Ana tinha o documento, não eu. Eu só havia anotado umas poucas coisas das quais poderia cuidar sozinho. Ela deveria ter esperado por mim e, mesmo que não tivesse, deveria saber qual era a próxima tarefa.

Fui contando nos dedos os itens da lista. Deveríamos ajudar Kells a cruzar a barreira para encontrar Lady Bicho-da-Seda, evitar que o carro matasse Kells na peça, mandar a água-viva levar Kelsey, Ren e meu antigo eu até a superfície do oceano, depois vinha alguma coisa relacionada ao monte Fuji, então a criação do sétimo pagode e receber Kells, Kadam, Ren e a mim mesmo no Templo da Água. Criar Bodha estava bem mais abaixo na lista.

Talvez ela não estivesse criando Bodha, pensei enquanto andava entre as árvores. Talvez estivesse apenas visitando. Por que ela iria até Bodha, porém, eu não fazia ideia. Não havia nada de interessante no lugar. Achei que ela poderia ter falado com a Fênix, mas, com certeza, queria evitar os demônios *rakshasa* e os deuses do vulcão.

Meu coração estremeceu quando pensei nos deuses gêmeos que capturaram Kelsey à procura de seu amor havia muito perdido. Teriam eles alguma coisa a ver com o desaparecimento de Ana? Talvez os demônios *rakshasa* a tivessem capturado. Ou ainda pior: talvez ela tenha adormecido na Caverna do Sono e da Morte. Apressei o passo e logo estava correndo.

Não havia como saber aonde eu estava indo. Parei quando um cheiro familiar fez cócegas em minhas narinas. Agachando-me, examinei o solo, mas não encontrei qualquer rastro. De repente, um cometa cruzou o céu e as árvores escureceram. Era noite em Bodha. As samambaias, árvores e flores que antes bruxuleavam se apagaram de repente. Pondo a mão em uma árvore, olhei para a floresta escura à minha frente, tentando ter uma noção da direção que deveria tomar.

As árvores pareciam jovens. Bem mais jovens do que quando Ren, Kelsey e eu estivéramos ali. Acaricieei o tronco de uma arvorezinha e senti uma vibração em minha palma. Foi quando lembrei que Kelsey podia falar com as árvores

usando o poder do pedaço do fogo do amuleto. Toquei o tronco com a palma da mão e perguntei:

– Você pode me ajudar?

Um raminho bem fino na ponta de um galho roçou meu pescoço. Meu primeiro impulso foi afastá-lo, mas deixei que ficasse ali e, embora não estivesse totalmente alerta, a arvorezinha me deu uma vaga ideia de onde poderia encontrar Ana. Infelizmente, ela havia atravessado toda a floresta. Eu tinha um longo caminho a percorrer para achá-la.

Em vez de cruzar Bodha à maneira tradicional, como fizera com Kelsey, usei o poder do amuleto e reuni os ventos. Elevando-me acima das árvores, cheguei sem demora à montanha da Fênix. Procurei sinais de frutas do fogo, de ovos ou da ave incandescente, mas não encontrei nada. A caverna também ainda não existia ou estava oculta.

Escalar a montanha era uma tarefa difícil com os ventos me açoitando, mas, por fim, ergui-me acima deles e desci pelo outro lado, onde parei para tentar captar o cheiro de Ana e pedir a ajuda das árvores. Elas confirmaram meus temores. Ana estava no templo do diamante. Eu não tinha certeza se ela havia criado o templo ou se ele sempre estivera ali, mas me lembrava bem dos deuses do vulcão. Eles foram duros na queda, mesmo com Ren a meu lado.

Descendo no ponto em que terminava a floresta, eu me subtraí do tempo e entrei na cidade. Havia música, celebração e dança, assim como da última vez que eu estivera ali. Eu sabia o que isso significava. Uma garota, em algum lugar da Terra, estava sendo sacrificada a um vulcão. Fiz uma careta e comecei a procurar Ana em meio à multidão, mas, de repente, fiquei paralisado. Demônios *rakshasa* misturavam-se livremente aos *bodhas*.

Bem à minha frente, uma garota *bodha* deslizava a palma da mão pelo peito nu de um demônio *rakshasa*. As tatuagens dele iluminaram-se enquanto ela sussurrava em seu ouvido. Os dois, de mãos dadas, afastaram-se. Uma garota *rakshasa*, que se parecia muito com Kelsey quando ela se disfarçara de rainha, estava cercada por um grupo de homens de ambas as raças.

Observei, estupefato, os *rakshasas* beberem em cálices e beliscarem frutas, pães e queijos. Onde estavam os assassinos de sangue-frio de que eu me recordava? Os que bebiam sangue, devoravam seus feridos, perseguiam os

mortos e vertiam veneno da ponta dos dedos? O que havia acontecido com o medo que os *bodhas* sentiam? No entanto, não tive muito tempo para pensar no assunto, pois os deuses do vulcão surgiram na abertura da pirâmide.

– Bem-vindos, cidadãos! – gritou um dos sinistros gêmeos.

Eles pareciam iguais a quando Kelsey e eu estivéramos lá. Sua pele dourada era realçada pelos cabelos brancos. Um deles usava plumas nas cores vermelha e laranja nas tranças e o outro usava plumas azuis e verdes.

– Como todos sabem, vocês foram trazidos a este reino por uma mulher muito poderosa e, devo acrescentar, muito bonita. E estamos muito felizes em anunciar que esta noite ela irá se tornar uma noiva!

A multidão aplaudiu ruidosamente. Meu estômago se contraiu. Tive um mau pressentimento. A última vez que eu estivera ali, os deuses gêmeos haviam capturado uma garota e a submetido a um teste para saber se era uma encarnação de sua amada Lawala. Até que pousaram os olhos em Kelsey. Foi por um triz que conseguimos escapar com vida. Sacudi os braços e estalei o pescoço. Se eles tivessem feito algo semelhante a Ana, eu os mataria. Não estavam lidando com o mesmo tigre que enfrentaram no passado.

Comecei a andar em meio à multidão, esbarrando em alguns ao fazê-lo. Embora não pudessem me ver, vários dos *rakshasas* se detiveram e ergueram o nariz no ar. Estalei os dedos para mascarar meu cheiro e os poucos que tinham começado a me seguir pararam e olharam à sua volta, confusos. Eu havia acabado de chegar à base do templo quando um ronco sacudiu o solo. Seria o vulcão?

A parede na extremidade oposta do templo rachou e um dos deuses de cabelos compridos no alto gritou:

– Contemplem sua rainha!

Quatro homens, dois *bhodas* e dois *rakshasas*, os corpos nus, exceto por um pequeno sarongue amarrado na cintura, carregavam uma espécie de liteira coberta com flores de fogo. Os músculos de seus braços avolumavam-se enquanto transportavam a mulher ali deitada.

Ela estava curvada, o rosto oculto e as mãos espalmadas de forma que seus dedos tocassem a extremidade da cama tecida. A pele nua de suas costas estava pintada com tatuagens luminosas e seus cabelos preto-azulados estavam soltos e

rebeldes, embora se vissem flores, penas e folhas trançadas nos fios. Eles pendiam pelas laterais da liteira e as pessoas que se ajoelhavam à medida que ela passava estendiam a mão para tocá-los com a ponta dos dedos.

Quando os homens pararam diante de Shala e Wyea, os deuses gêmeos ergueram os braços para silenciar a multidão.

– Mantivemos o rosto dela escondido, embora todos vocês já tenham ouvido sua voz e respondido a seu chamado. Ela é nossa salvadora. Enviada pelos antigos, que nos presentearam com um novo lar. E agora ela desceu a este plano para servir e viver entre nós. Conheçam nosso amor, nossa Lawala recém-surgida.

A mulher não se moveu. O tom dourado de sua pele cintilava à luz do templo com o mesmo brilho de calor que umedecia minha pele. Prendi a respiração e esperei junto com a multidão.

Um dos deuses, o de olhar perspicaz conhecido como Shala, baixou os olhos, sua boca uma linha dura que cobria os dentes brancos e brilhantes do sorriso de político de um instante antes.

– Querida – disse ele, seu tom transbordando de uma falsa paciência –, levante-se e cumprimente o seu povo.

Gemendo, a mulher enterrou os dedos nas fibras da liteira. O homem acima moveu os dedos, manipulando-a como uma marionete. Os braços dela tremiam quando ela ergueu o corpo. Enquanto a multidão aplaudia, ela oscilou como um bêbado, os olhos esmeralda cansados e sem foco.

Ana!

Os homens a giraram em um círculo de modo que todos pudessem admirar a deusa.

O que eles fizeram com ela? Eu iria matá-los. Cada um deles.

Empurrando as pessoas para tirá-las do caminho, segui na direção dela, notando seu minúsculo traje. A saia de folhas mal cobria seu traseiro, que dirá as pernas compridas. E a frente única de cambraia cor de marfim que ela usava não deixava nada a cargo da imaginação.

Quando cheguei mais perto, percebi a vermelhidão de sua pele, a inércia de seus membros normalmente vigorosos. Teriam eles a envenenado? Eu não sabia o que estava errado com Ana, mas não havia dúvida de que eles tinham feito

alguma coisa com ela. Concluindo que era melhor me conter e observar, no caso de a terem drogado e eu precisar de um antídoto, mantive-me perto, porém invisível. Tentei tranquilizá-la, falando à sua mente, mas, se ela me ouviu, não demonstrou.

– Esta noite iremos cortejá-la e ela escolherá entre nós dois. Sua rainha estará casada pela manhã! Nós os convidamos a fazer vigília e brindar à nossa felicidade. Até amanhã!

A multidão juntou-se aos deuses em um brinde e os dois homens desapareceram no alto, ao passo que eu, silenciosamente, seguia os guardas que carregavam Ana enquanto eles retornavam ao templo.

Ana desabou de novo na cama, enquanto as pessoas atiravam contas, flores e penas em sua liteira, para dar sorte. Uma vez dentro do templo, os homens a conduziram por várias passagens até chegarem a um quarto grande que reconheci.

– Deixem-na aqui – ordenou Wyea.

Depois que os homens pousaram a liteira, ele os dispensou.

Shala a fez rolar, reposicionando-a com as mãos ao lado do corpo, enquanto o irmão esticava as pernas dela, ao mesmo tempo acariciando-a.

Meus braços tremiam com a necessidade de matar. *Como ousam tocá-la!?*

Ela continuou dormindo durante todo o processo, embora gemesse.

– Lawala – disse um deles –, é hora de acordar e escolher. Imploramos que não nos faça sofrer por mais tempo.

Franzindo o rosto como se sentisse dor, Ana sacudiu a cabeça.

– Não – sussurrou. – Por favor.

– Precisamos deixar que ela acorde totalmente, irmão. Como pode escolher um de nós se não estiver consciente?

– Eu já disse a você – replicou o outro, seu rosto quadrado tomando-se sombrio –, se a deixarmos recuperar a consciência, ela vai escapar. Ela quase nos deixou antes, quando o enganou. Você é mole demais.

– Não era a intenção dela – insistiu o irmão. – Além disso, você sabe como as palavras dela me aquecem. Seu hálito em meu ouvido inflama a minha alma. Ela manda um beijo e com isso gera energia suficiente para convocar nosso povo aqui e trazer vida nova. Desde que acatamos seu chamado e viemos para este

reino, tenho tido de usar todo o meu poder para gerar calor suficiente para sobrevivermos. Com ela ligada a nós, nossas habilidades serão ilimitadas.

– Admito que eu também vivo mais cansado aqui – disse o outro, soltando um suspiro. – Também anseio pelo dia em que poderemos confiar nela, mas agora não podemos. Você não se lembra de como ela nos enganou no início? Prometeu que, se partíssemos primeiro, abrindo caminho, ela nos seguiria. Estamos esperando há éons, irmão, séculos, que ela venha se juntar a nós. Não vou permitir que ela nos faça de bobos novamente.

– Ela está diferente desta vez. Você não consegue sentir? Ela ainda nos ama. Eu sei. Por que outro motivo teria nos trazido para este lugar?

– Talvez. Talvez possamos aprender a confiar nela. Com o tempo. – O deus tocou o rosto de Ana e o meu esquentou. – Muito bem – disse ele. – Não vamos administrar a bebida sonífera esta noite. Ela vai acordar naturalmente dentro de algumas horas. Quem sabe, então, confesse seu propósito em nos trazer aqui e desperte o suficiente para fazer a escolha. – Ele olhou para o irmão. – Uma coisa é certa, Wyea, dentro de algumas horas ela será uma noiva.

Debruçando-se sobre Ana, ele levou a mão dela até sua boca e a tocou brevemente com os lábios. Então massageou-lhe os dedos e disse:

– Durma agora, minha querida, e amanhã vamos santificar a aurora adornando nossa câmara nupcial com os vívidos tons do desejo.

Recostei-me na parede e cruzei os braços no peito, lívido diante de sua audácia. Ren teria apreciado a poética declaração bem mais do que eu. Por outro lado, provavelmente não teria gostado tanto se o Lorde Chamejante tivesse agido assim com Kelsey, drogando-a no processo.

Shala então ficou de lado enquanto o irmão se aproximava de Ana e alisava seus cabelos, beijando-lhe a testa.

– As lembranças que criaremos, querida, irão acender em Bodha um fogo como nunca se viu antes. Se me escolher, nossa união será tão poderosa que irá derreter o gelo azul que cobre as extremidades deste lindo planeta. Agora durma enquanto vou preparar nosso caramanchão.

Depois que eles saíram, soltei um suspiro e sacudi a cabeça. *Eles estão de brincadeira? Devem ter muita confiança em suas habilidades para fazerem promessas assim a uma mulher. Derreter calotas polares? Santificar a aurora?*

Inacreditável. Depois de me certificar de que estávamos sozinhos, ajoelhei-me ao lado de Ana e toquei seus lábios com o *kamandal*, vertendo um pouco do elixir da sereia entre seus lábios.

Contendo o pouquinho que escorria devagar pelo canto de sua boca, levei o dedo até o lábio inferior de Ana, cuidando para que ela se beneficiasse de cada gota. Então, incapaz de me conter, deslizei o polegar pela carne macia. O que *eu* poderia oferecer a uma garota como Ana? Não poesia, como Ren, ou promessas fantásticas, como os dois palhaços que tinham acabado de sair. Abri as mãos e examinei-as. Eram mãos grandes. Fortes, mas calejadas e marcadas por cicatrizes deixadas por armas e lutas.

Eu não tinha talento para os negócios ou as finanças. Riquezas e o acúmulo que essas atividades traziam não me importavam. Eu era um soldado. Um lutador. Um caçador. Não era o tipo que bajulava a garota com palavras floreadas ou gestos românticos. É claro que me esforçaria para agradar, mas eu era o que havia em minha essência. Mesmo que tentasse mudar, não estava certo de que convenceria. Será que ela poderia me amar pelo que eu era?

Dez minutos se passaram e, justamente quando eu me perguntava se o elixir iria mesmo funcionar, Ana se mexeu, alongando-se de uma forma que procurei ignorar, sobretudo quando reparei outra vez em seus trajes sumários. Ela enfiou a mão sob o rosto e virou-se de lado, os longos cílios roçando as bochechas como meias-luas escuras. Então começou a risonar. O que me fez sorrir.

– Ana? – chamei, sacudindo-a de leve. – Ana, hora de acordar.

Ela ainda estava visivelmente grogue, mas despertou o suficiente para reconhecer onde estava, se não com quem estava.

– Não!

Ela deu um tapa em minhas mãos e debateu-se, tentando escapar de mim.

– Ana – exclamei, tentando despertá-la –, sou eu!

– Pare. Eu não vou. Você não pode me forçar. Nunca mais. – Alarmada, ela se afastou bruscamente de mim, arrastando-se para trás, seu corpo voltado para mim, e, então, virou-se para correr. Seus membros ainda estavam fracos e ela cambaleou de encontro à parede, desabando, cobrindo a cabeça com os braços e chorando. – Por favor – implorou. – Por favor, me deixe em paz.

– Shh, shh, shh, Ana – sussurrei, indo devagar até ela. Não a toquei, mas mantive as mãos estendidas para que ela pudesse vê-las. – Eles não estão aqui agora. Somos só você e eu.

Sentei-me ao lado dela, esticando as pernas.

– Sohan? – chamou Ana, os olhos ainda enevoados devido ao que quer que tinham lhe dado.

– Sim, estou aqui.

Ela estendeu a mão e agarrou meu braço, sacudindo-o.

– Mas você... você me deixou.

– Eu não deveria.

– Você queria um... um tempo.

Fraca, ela se aproximou mais, arrastando-se.

– Você quer que eu a segure? – perguntei, desejando poder ler sua mente. Quando ela assentiu, puxei-a para meu colo e aninhei sua cabeça em meu pescoço. – Eu errei, Ana. Você pode me perdoar?

– Talvez.

Deslizei a mão por suas costas para confortá-la, mas rapidamente me lembrei de que estavam nuas quando meus dedos correram pela pele sedosa que me provocava entre cachos do cabelo. Parei então com o movimento e apenas a segurei junto de mim, dando-lhe tempo para acordar.

– Sohan? – chamou ela, a voz ainda engrolada.

– Humm? – repliquei, tentando ignorar a sensação de seus lábios e cílios roçando meu pescoço.

– Eu já disse que gosto do seu cheiro?

– O quê?

Eu ri, minhas sobrancelhas se unindo.

– É. Você tem cheiro de grama, árvores e alguma coisa... alguma coisa quente, como o âmbar.

– Isso é, hã... legal – retorqui.

Ela deu um suspiro profundo, o hálito quente soprando em meu pescoço.

– Eu acho muito prazeroso – disse Ana languidamente. – Também gosto dos seus olhos. Nunca sei de que cor eles vão ficar. Cheguei à conclusão de que depende do seu humor. Quando está com raiva, eles ficam castanhos como pelo

de vison. Às vezes, ficam cor de canela ou de mogno. – Ela tocou a ponta de meu nariz e deu uma risadinha bêbada. – Mas minha cor preferida é quando ficam de um castanho-amarelado, feito um topázio. Eles cintilam então e sei que é porque você está feliz. Só vi seus olhos ficarem assim umas poucas vezes, mas me lembro de cada uma delas.

Abri a boca para replicar, embora não soubesse muito bem o que dizer, e nesse instante a porta se abriu de repente. Os dois irmãos entraram de maneira intempestiva. Erguendo Ana nos braços, me levantei, preparando-me para nos deslocar para longe do templo do diamante.

– Ela foi embora! – um deles bradou. – Eu disse que deveríamos nos revezar vigiando-a.

Fiquei confuso a princípio. Eu sabia que eles não podiam me ver, mas deveriam poder ver Ana ainda. Ela lhes pareceria um corpo flutuando. Olhei para ela em meus braços e a vi me fitando, os olhos um pouco menos turvos. Com delicadeza, ela segurou meu rosto e percebi que seu corpo estava desfocado no tempo, assim como o meu. Se havia feito isso sozinha ou se tinha simplesmente acontecido por causa de nossa proximidade, eu não sabia. Ergui as sobrancelhas e Ana sacudiu a cabeça ligeiramente, empurrando de leve meu peito para que eu a pusesse no chão.

Ela girou os dedos e senti as fibras do lenço me envolverem, transformando-me em um ser que se parecia com eles, mas era mais alto e muito maior. Cabelos louros e compridos pendiam sobre minhas costas e meus braços e pernas estavam nus, exibindo a pele dourada. Quando ficou satisfeita com minha aparência, ela nos retornou ao tempo deles.

– Eu estou aqui, meus senhores – anunciou. – Vocês me pediram que escolhesse um companheiro e assim fiz. Minha escolha é a minha contraparte, meu semelhante. Ele veio me buscar e me despertou do sono que vocês infligiram à minha forma mortal.

Ela pousou a mão em meu peito nu e eu a cobri com a minha.

Ana sussurrou, recorrendo ao poder do lenço. Fios a envolveram, criando um vestido que cintilava como a luz de centenas de estrelas. Aproximando-se mais de mim, ela abraçou minha cintura e eu passei um dos braços por seus ombros, em sinal de proteção e posse.

Os dois homens, maravilhados diante de seu poder, gaguejaram, em protesto:

– Mas... mas você é Lawala renascida.

– Não. Não sou. – Ana sacudiu a cabeça com tristeza. – Nós somos dois dos Antigos. Encontrei vocês à deriva entre as estrelas e pensei em lhes oferecer um novo lar. Infelizmente, vocês se aproveitaram da minha bondade e me aprisionaram neste reino mortal. Um reino onde sou como um peixe fora d'água, ao qual não pertenço. Aquela que vocês procuram não atendeu a meu chamado – disse Ana, dando um passo à frente e oferecendo a mão a Wyea.

Ele prostrou-se aos pés dela.

– Talvez ela ainda venha. Você pode buscar outras – implorou ele. – Tente encontrá-la. Nós suplicamos.

– Sinto muito – disse ela. – Eu trouxe tantas quantas estavam dispostas e agora é minha hora de partir.

O homem abraçou as pernas dela e chorou.

– Como poderemos sobreviver sem você?

– Eu lhes concederei o poder de explorar o centro deste mundo, onde existe uma vasta quantidade de calor. Mais do que suficiente para permitir que seu povo prospere. Mas, entendam, vocês não podem jamais deixar este reino. Serão felizes aqui, se não procurarem expandir seus horizontes, no entanto, se fizerem isso, receio que irão provocar o caos. Porque aprendi que não posso confiar plenamente em vocês, irei colocar um guardião entre seu povo. Ele vai se reportar a mim e, se eu precisar retornar aqui, vocês serão depostos de sua posição e despojados de seu poder. Compreenderam?

– Nós vamos encontrá-la – disse Shala. – Nada pode nos manter afastados. Nem mesmo um Antigo.

Dei um passo à frente.

– Já chega – falei. – Vocês dois deveriam ser punidos pelo que fizeram.

– Não vamos deixar de procurar por ela – avisou Shala, uma luz ensandecida cintilando em seus olhos. – Mesmo que você não possa ou não queira trazê-la, ela virá por vontade própria. Ela nos ama.

– Pelo seu bem – disse Ana –, espero que esteja certo. Mas seu poder irá minguar se fizerem mau uso dele. Vocês teriam de estender os dedos até as

estrelas para procurá-la e, se fizerem isso, irão consumir o calor de sua cidade. As árvores morrerão e não haverá comida suficiente. Você destruirão este paraíso que eu criei. Pensem seriamente nisso antes de agirem.

Wyea assentiu, mas Shala manteve uma posição rígida, os punhos cerrados.

– Venha, minha bela senhora – chamei. – Deixe que se aconselhem um com o outro. Eles já tomaram mais do que lhes foi oferecido e não merecem nenhuma bênção neste momento.

– Você tem razão, meu amor – disse ela, voltando-se para mim com olhos semicerrados. – Mas ainda há trabalho a fazer neste lugar. – Erguendo o braço, ela fechou os olhos e uma corda dourada se materializou, enrolada. – Você pegarão esta corda – disse ela – e a esconderão na floresta de fogo. Ela será guardada de perto por um de meus amados bichinhos de estimação. Você deverão proteger sua localização até serem os dois derrotados em batalha. Entenderam minhas instruções?

– Sim, Antiga.

Ambos inclinaram a cabeça, mas eu vi o brilho de malícia ainda espreitando por trás dos olhos bastante afastados um do outro de Shala.

– Muito bem. Vamos partir agora. Por favor – disse ela, após pegar minha mão –, por favor, não desperdicem o presente que lhes dei.

Com isso, ela murmurou para a corda as palavras que fariam com que Ren e eu pudéssemos ser humanos sem limite de tempo e entregou-a a Shala. Ana então fez um floreio com a mão e nós dois nos rematerializamos na floresta de fogo a uma boa distância dali, de modo a não sermos encontrados imediatamente. O lenço nos envolveu e logo tínhamos a aparência de hábito.

– Desculpe – falei assim que nos rematerializamos. – Eu nunca deveria ter deixado você sozinha.

– Sou eu que peço desculpas – disse ela.

– O que aconteceu, Ana? – perguntei. – Por que você não me disse aonde estava indo?

– Eu deixei uma carta para você – balbuciou ela.

– Uma carta? – Então compreendi tudo. Cruzando os braços diante do peito, perguntei: – Ana, onde você colocou o pergaminho de Kadam?

Ela estalou os dedos e uma bolsa apareceu. Vasculhou seu interior e tirou um rolo de pergaminho, abrindo-o em seguida. Seu rosto ficou corado e ela o estendeu para mim.

– Esta é a minha carta – declarou.

Li rapidamente a mensagem, que dizia:

Sohan,

Compreendo que você precisa de um tempo longe de mim. Eu não o culpo por isso. Tampouco espero alguma coisa de você. Se você escolher uma vida separada da minha, eu aceitarei. Se, porém, retornar à minha procura, estarei por uma semana no riacho da floresta perto de nossa casa, onde você caça. Se você não me encontrar nesse período, deduzirei que decidiu me deixar. Eu... sentirei sua falta, mas não abandonarei meu dever.

Ana

– Ao que parece, Kadam quis se certificar de que eu a recebesse, mas seus esforços foram um tiro pela culatra. Você esperou a semana inteira? – perguntei.

– Esperei. Mas então senti que houve uma mudança. Eu já não conseguia sentir sua presença.

– Tive de salvar Kadam – expliquei. – Ao fazê-lo, rompi nosso elo. Não era minha intenção, mas ele estava aprisionado. Quando perguntei se podíamos recuperar o elo, ele disse que talvez seja possível... – Minha voz falhou. – Você estava tentando concluir a lista sem mim?

– Não exatamente. – Ela chutou a grama com a bota. – Eu... eu fui uma tola – disse, então afastou os olhos de mim. – Eu estava procurando uma conexão e uma força me trouxe aqui.

– Uma conexão? – perguntei. – Como assim?

– O que quero dizer é... – Ela retorceu as mãos, andou de um lado para outro e então concluiu: – Eu estava procurando um... um companheiro.

– Um compa... Ah. Entendi. Isso é culpa minha, Ana. A questão é mais do que apenas o dever, não é? Você pensou que eu estava abandonando não só nosso trabalho, mas você também.

– Sim... não. Quer dizer, não exatamente.

– Não, isso é minha responsabilidade. Eu estraguei tudo.

– De que você está falando? – perguntou ela enquanto chamava um animal.

Dei um tapa em minha testa e expliquei tudo que havia acontecido com Kadam. Os olhos dela se arregalaram e ela ergueu um dedo enquanto se curvava para a cobra e a criatura que parecia uma cabra.

– Vocês me servirão? – perguntou-lhes.

Elas devem ter concordado, porque Ana sorriu e logo surgiu à minha frente uma quimera. O animal enfiou a cabeça em minha barriga e fungou ruidosamente.

– Hã, sim, você pode fazer com que ela seja atraída por Ren, e não por mim? – pedi.

Ana riu, enquanto a fera bufava, soprando ar quente em minhas pernas.

– Não, é sério – insisti, seguindo Ana quando ela começou a andar. A quimera me acompanhou, mordiscando meus calcanhares. – Esta aqui tem uma queda por tigres.

– Não temos todas? – murmurou ela entre dentes.

– O que foi que você disse? – perguntei.

– Nada. – Ana bateu em sua coxa e a fera saltou para a deusa, abanando a cauda de cobra. – Você irá guardar a Corda de Fogo? – perguntou à criatura meio gato, meio réptil.

O animal me dirigiu uma triste espécie de ganido, bufou e então se afastou, sumindo por entre as árvores.

– Você sabe que está fazendo isso fora da ordem, certo?

– Sei. Eu não esperava vir aqui. Na verdade, eu nem estava tentando criar Bodha.

– Não estava? – franzi a testa. – Então o que você estava fazendo?

– Como eu disse, estava tentando encontrar um companheiro.

– E acabou com os Lordes Chamejantes?

– São os Lordes da Chama.

– Ah, que seja. Levando em consideração que eles a drogaram, e você ainda não explicou como isso aconteceu, aliás, e quase a forçaram a se casar com um deles, você foi bastante complacente com eles.

Ana deu de ombros.

– Eles não tinham intenção de me fazer mal. Não de verdade.

– Ah, tinham, sim. Eu os conheço um pouco melhor do que você. Eles fizeram algo semelhante a Kelsey. Eles...

– Você não os conhece, Sohan. De verdade, não. Eles não são humanos como nós. A maneira como fazem as coisas é diferente. Eles nasceram das estrelas. Não estão acostumados a ficar confinados nos corpos humanos que lhes dei.

– Mesmo agora eles não são exatamente humanos.

– Não. Eles viviam em cidades de cristal. Eram lindos, seus corpos brilhavam à noite como as estrelas. O lugar onde nasceram foi destruído e eles foram lançados na escuridão do espaço. Aquela que eles amavam ficou para trás, para se certificar de que todos escapassem, mas temo que ela tenha se perdido. Talvez um dia eles a encontrem. Eu, porém, não alimento esperanças como eles.

– Certo, mas isso não é nenhuma desculpa para raptar mulheres.

– Não, você tem razão. Mas, em seus corações, eles não desejam o mal.

Cruzei os braços e me recostei em uma árvore de fogo.

– É mesmo?

– É.

– Então por que você tentou fugir quando pensou que eu era um deles? Por que estava implorando que parassem?

– Eles estavam... estavam me tocando.

– Eles machucaram você? – perguntei baixinho, a voz gélida.

Ana sacudiu a cabeça.

– Não da maneira que você está pensando, mas temi que chegassem a isso. – Ela chutou o solo escuro com a bota. – Você sabe que não gosto de ser forçada ao contato físico.

– Sim – confirmei suavemente. – Eu sei.

– E agora você sabe o motivo.

Assenti.

– Sou uma líder entre os homens – disse ela abruptamente. – Sunil me protegeu até eu aprender a me defender. Sempre fui cuidadosa e me cerquei daqueles que considerava dignos de confiança. Qualquer soldado que me visse como uma simples garota fingindo-se de guerreira, ou alguém com quem brincar, logo aprendia a mudar de opinião. Conquistei o respeito deles e dei o melhor de mim para fazê-los esquecer que estavam sendo liderados por uma mulher.

Meus lábios crispavam-se e ergui uma sobrancelha ante essa afirmação, mas não teci qualquer comentário. Nenhum homem em sã consciência deixaria de notar Anamika. Mesmo enfaixada e coberta por uma armadura, Ana era deslumbrante.

Ela prosseguiu:

– Eu nunca quis encorajar relacionamentos íntimos. Primeiro, porque não sabia se poderia estar com um homem e não me sentir como se estivesse presa em um pesadelo. Segundo, porque casamento significa filhos. Como pode uma mãe partir para a batalha? Como um marido se sentiria ao ver a mulher liderar um exército? Aceitei o que eu era. Quem eu era. Quer dizer, até você.

– Eu? – perguntei. – O que foi que eu fiz?

– Não é o que você fez. É... – Ela ergueu os olhos para mim e então me olhou de cara feia. – Dá para você parar de me olhar enquanto digo isso?

Eu ri.

– Você quer que eu vire de costas?

– Ajudaria.

Fitando seus olhos grandes e sinceros, e então suspirando, fiz meia-volta.

– Pronto. Não estou olhando para você. Se me lembro, você estava falando sobre por que desencaminei sua vida.

– Sohan – disse ela, com um suave suspiro –, você não desencaminhou a minha vida. Você me deu a dádiva da possibilidade.

– Possibilidade?

– É. Eu agora acredito que é possível para mim viver tanto como mulher quanto como guerreira, como esposa e como deusa. Quando dormi no Bosque dos Sonhos, vi o que poderia ser.

Minha pulsação disparou. *Ela estava dizendo o que eu estava pensando?*

– Você não entende? – perguntou ela. – Foi por isso que procurei os Lordes da Chama.

Ah. É claro.

– Acho que entendi – falei devagar. – Você queria que um deles preenchesse o espaço vazio em sua vida.

– Bem, sim. Eu pensei que...

– Não. Eu entendi – interrompi-a, dando meia-volta. – Você queria um marido e somente um deus serviria. Por isso você procurou nos céus até encontrar não um, mas dois. Faz sentido. Eu entendo totalmente.

– Sohan, não acho que você entenda. O que estou tentando dizer é...

Ergui a mão.

– Não quero ouvir mais, Ana. Se você não se importa, eu gostaria de concluir a lista de Kadam e então poderemos realmente dar um tempo muito, muito longo um do outro. Sem nosso vínculo, deve ser fácil. Depois disso, podemos cada um seguir o seu caminho. Você pode ir em busca do que está procurando e eu... eu vou finalmente ter um pouco de paz.

Uma espécie de dor aguda surgiu em meu peito enquanto permanecia ali parado, plenamente consciente de minha respiração profunda durante o tempo em que ficamos estudando um ao outro em silêncio. Por fim, ela assentiu com a cabeça e disse:

– Como quiser, Sohan.

Ela me deu as costas e depois só me dirigia a palavra quando precisava esclarecer algo. Falei-lhe das árvores de frutas do fogo e do *qilin*, e ela usou o amuleto para criar uma floresta inteira das árvores amadas pela Fênix. Ana também criou vinhedos cheios de globos reluzentes que pareciam uma mistura de nectarina e uva, e campos de grãos amadurecendo, que explodiam na ponta com pequenas flores semelhantes a pipoca.

Ela criou flores de fogo de todos os tipos e gramados altos e ondulantes. Cogumelos vermelhos brotavam em árvores e pedras. Uma pesada espécie de mariposa elevou-se de uma árvore e Ana moveu os braços até que mil daquelas criaturas explodiram de um arbusto flamejante. Elas fabricavam um tipo de seiva dourada e rapidamente começaram a construir colmeias. Tudo que ela tocava inclinava-se em sua direção e ganhava vida.

Em seguida, criou centenas de criaturas, tanto grandes quanto pequenas. Algumas pareciam coelhos ou cervos, outras eu nunca vira antes, mesmo quando percorríamos a floresta. Talvez tivessem sido caçadas até a extinção pelos *rakshasas* ou os *bodhas*. Esse pensamento me deixou triste. Ana extraiu cristais de diferentes cores do solo e convocou pequenos animais de pernas compridas. Depois de perguntar se eles serviriam a ela, os animais aceitaram a dádiva da deusa.

Os cristais cobriram seus corpos e logo estávamos cercados por uma manada de reluzentes *qilins*. Eles relinchavam e batiam os cascos enquanto disparavam pela floresta, deixando uma trilha de fogo em seu rastro. Eram tão deslumbrantes quanto eu lembrava. Eu havia pensado que Shangri-lá era bonita, mas a floresta de fogo era igualmente linda. Se não fosse pelos *rakshasas*, não teria me importado de passar mais tempo ali.

Quando contei a Ana da caverna e dos *rakshasas*, ela inclinou a cabeça, ouvindo com atenção. Assim que acabei, ela disse:

– Os *rakshasas* estão com os *bodhas* agora. Eles vão romper em algum ponto, mas esse momento ainda não chegou. Vamos deixar que avancem naturalmente ao longo dos séculos. Talvez os Lordes da Chama um dia os separem. Talvez eles de fato desacatem meu conselho e danifiquem esta terra, causando sofrimento ao povo. Nesse caso, faria sentido que aqueles que romperam se tornem comedores de carne.

Depois de criarmos uma marca da mão dentro do túnel de lava onde Kelsey entraria na Cidade de Luz, toquei seu ombro.

– Ana – comecei –, eu só queria dizer...

– Não há necessidade de falarmos mais disso – cortou ela. – Venha. Está na hora de encontrar a Fênix.

Deixamos o reino de fogo e nos rematerializamos no topo de uma grande montanha. Via-se uma caverna acima, não muito distante.

– Ela mora ali? – perguntei.

– Creio que sim – respondeu ela.

Pus a mão em suas costas enquanto subíamos para me certificar de que ela não cairia, mas Ana se afastou de mim. O vento açoitava os cabelos negros como as penas do corvo e ela grunhia, frustrada, quando ele entrava em seus

olhos. Ao chegar à entrada da caverna, ofereci-lhe ajuda para subir, mas fui mais uma vez ignorado. Eu sabia que o que tinha dito era rude, mas, mesmo que eu pudesse voltar, ainda diria o mesmo. Se ela ia se casar com o primeiro sujeito que aparecesse, eu não queria estar por perto. Só pensar nisso já me fazia querer esmagar alguma coisa.

Ana era inalcançável para mim. Eu sabia disso. Sempre soubera. Mas meu sonho tinha significado alguma coisa. Aquele beijo tinha significado alguma coisa. Não tinha? Acho que não havia sido nada memorável para ela, mas eu certamente me lembraria dele. Até o dia que eu morresse, me lembraria daquele beijo.

Entramos na escuridão da gruta e Ana criou uma bola de fogo nas mãos para iluminar o lugar.

– Olá! – chamou.

Ouvi umas batidas distantes.

– Lá – sussurrei, e entramos em uma imensa caverna à direita.

Luzes de todas as cores dançavam nas laterais da caverna e, quando dobramos uma curva, arquejamos ao ver milhares e milhares de ovos da Fênix, cada um brilhando com o próprio fulgor. Tínhamos de andar com cuidado para não pisar acidentalmente em um deles.

– Aproximem-se – chamou uma voz. – Estava me perguntando quando vocês viriam.

Erguemos os olhos e, de um ninho construído no alto da parede da caverna, uma grande Fênix nos espiava.

– Bem – disse a ave –, vocês dois têm a aparência ligeiramente menos impressionante do que eu esperava, mas, afinal, não somos todos assim?

Ela estendeu e bateu as grandes asas azuis algumas vezes e pousou de maneira suave à nossa frente.

– Grande Fênix – começou Ana –, somos...

– Sei quem vocês são, Deusa – disse ela. – Estamos de olho em vocês já faz algum tempo.

– É mesmo? – perguntou Ana com um sorriso.

– Mesmo. Meu nome é Anoitecer. E, antes que perguntem, sim, irei com vocês para o reino do fogo. Alguém vai ter de ficar de olho naquele lugar.

– Obrigada. Posso fazer outra pergunta?

– Pode – disse ela a Ana.

– Como você sabia que viríamos?

A Fênix riu.

– Também sou chamada de Conhecimento das Eras, Vigilante da Humanidade e o Fogo Encontrado em Todos os Corações. Se eu não soubesse da deusa Durga ou de seu tigre Damon, esses títulos não significariam grande coisa, não é?

– Acho que não.

– Ah – suspirou a ave, batendo as asas. – Suponho que eu possa relaxar as regras da formalidade com vocês dois. – Inclinou-se, chegando mais perto, e disse: – Fanindra me contou.

Franzi a testa e estava prestes a fazer outra pergunta quando Anoitecer prosseguiu:

– E, já que falei em corações, gostaria de oferecer minha bênção ao seu casamento.

– Eu... eu ainda não tenho um companheiro – gaguejou Ana.

– Hã? – A ave piscou um olho sábio. – Não é o que diz o seu coração.

Fechando a cara, eu disse:

– Temos muito que fazer, Anoitecer. Talvez você possa oferecer sua bênção em outro momento.

– Talvez – disse ela. – Talvez.

A ave mudou de posição, arrepiando as penas, e então tocou Fanindra com o bico.

– Olá – saudou.

A cobra ganhou vida e ergueu a cabeça, dilatando o pescoço.

– Ah, sim – disse a ave, como se falasse com a cobra. – Ele é um pouco cabeça-dura. No entanto, tem bom coração. Que inteligente da sua parte usar a pedra da verdade.

Ana, que estava ouvindo com atenção a conversa de Fanindra com a Fênix, empertigou-se. Suas sobranceiras benfeitas arquearam-se.

– Fanindra então tem uma ligação com você, grande ave? – perguntou.

– De certa forma, sim – disse ela, com uma risadinha. – De certa forma.

- Você não tem a intenção de nos dizer, não é? – tentou Ana.
- Ainda existem coisas que vocês precisam descobrir – disse Anoitecer em tom enigmático. – Não quero privá-los das surpresas que os aguardam. – Ela estalou o bico e acrescentou: – Agora vamos.
- Você precisa de ajuda? – perguntou Ana.
- Creio que não. – O ar ao redor deles tremeluziu e os ovos desapareceram.
- Até nos encontrarmos de novo – disse ela e bateu as asas.

Cada vez que as asas subiam, criavam um vento que ia se tornando mais fraco à medida que seu corpo desaparecia. Logo estávamos sozinhos em uma caverna escura.

Ana voltou-se para mim e fechou a mão, apagando a bola de fogo. Automaticamente estendi os braços e a puxei para mim. Na escuridão, era fácil fingir que não havia nada se interpondo entre nós. Fechei os olhos e me senti apaziguado pelo simples fato de estar perto dela. *Você ainda pode me ouvir?*, perguntei silenciosamente. Se ela podia, não respondeu.

Aparecemos em seguida dentro de um templo, ao lado de uma estátua de cera da deusa.

- Não tem nenhum tigre – observou Ana.
- Não. Não neste templo. Você não acha que devíamos seguir a ordem e ir para a Cidade dos Sete Pagodes primeiro? – perguntei.

Ela sacudiu a cabeça.

- Os templos devem ser pareados com o reino. Acabamos com o reino do fogo, então precisamos presentear Kelsey com aquelas armas agora.
- Tem certeza? – perguntei, duvidando.
- Tenho – respondeu ela suavemente.

Erguendo a mão, Ana tocou uma guirlanda pendurada no pescoço da estátua e encostou o nariz no jasmim.

- Uma avó bem velhinha me deu isto – disse ela. – Os nós dos dedos dela estavam inchados e deformados por uma doença e ainda assim ela teceu estas flores para mim.
 - Como você sabe disso? – perguntei.
- Ana voltou-se para mim.

– Ouço o chamado dela. Há muito trabalho a fazer quando isso tiver acabado, Sohan.

– É mesmo? Bem, tenho certeza que seu futuro marido estará disposto a ajudar o máximo que puder.

Ouvi seu leve suspiro.

– Eles estão vindo – avisou.

Rapidamente posicionamos nossas mãos, a minha sobre a dela, na pedra perto da estátua e uma reluzente marca de mão surgiu.

Tocando o amuleto, desloquei-me no tempo e Ana desapareceu por completo.

Kelsey, Kadam, Ren e meu antigo eu entraram no templo.

“Ela é linda”, disse Kelsey.

– É, sim – murmurei ao mesmo tempo que meu antigo eu.

Observei-os dispor suas oferendas e começar a pedir a graça da deusa, um de cada vez. Meu antigo eu e Ren estavam tentando impressionar Kelsey e fiquei surpreso ao notar que eu não sentia nem um pouco de ciúme.

Quando meu antigo eu disse “... pedimos a oportunidade de uma nova vida...”, perguntei-me o que ela estaria pensando sobre isso. Eu certamente obtivera o que havia pedido. Tinha uma vida nova agora, servindo à deusa como tigre. Era uma vida da qual eu tinha passado a gostar. Poderia mesmo abrir mão dela? Deixar Ana sem lhe dizer... sem dizer o quê? Que eu gostava de estar perto dela? Que observá-la dormir me fazia sorrir? Que aquele beijo em Shangri-lá era tudo em que eu conseguia pensar? Que não podia imaginar existir sem ela? Que eu... a amava?

O fogo começou e meu coração se apertou enquanto eu observava a estátua derreter. *Ana?*

Estou bem, foi sua resposta mental. O alívio que senti ao saber que não havíamos perdido nossa conexão mental foi esmagador. Deixei escapar um suspiro trêmulo e, ao inspirar, inalei cinzas.

Quando os outros começaram a tossir, invoquei um vento para levar a fumaça para longe e manter o fogo suficientemente controlado de modo a não feri-los. Kelsey tocou a marca da mão, o sinal para Ana aparecer. Observei, fascinado, a cera que cobria seu corpo derreter. Seus gloriosos cabelos estavam

em chamas e ela os afastou da cabeça, apagando o fogo. Parecia mais a Ana de todos os dias com apenas dois braços e, mesmo assim, ainda era magnífica em seu vestido inflamado. Ela sorriu e vi os outros reagirem à sua voz tilintante com uma espécie de reverência que eu também sentia. Ana, porém, não voltou seu olhar deslumbrante para mim.

“É bom rever todos vocês”, disse ela.

Fanindra ganhou vida nas mãos de Kelsey e baixei os olhos para meu braço, surpreso ao ver que a cobra não estava ali. Eu nem mesmo a sentira sair.

Meu antigo eu fez um barulho.

Sem erguer os olhos, Ana suspirou e lhe disse:

“Você precisa aprender a ter paciência no que diz respeito a mulheres e deusas, meu tigre de ébano.”

Senti, naquele momento, que ela não estava falando apenas com ele, mas também comigo.

“Perdoe-me, Deusa”, replicou ele.

“Aprenda a amar o momento em que se encontra”, disse Ana suavemente. “Valorize suas experiências, pois momentos preciosos passam rápido demais por você e, se estiver sempre correndo em direção ao futuro”, ela me lançou um breve olhar, “ou ansiando pelo passado, irá se esquecer de desfrutar e apreciar o presente.”

Nossos olhos se encontraram por um brevíssimo instante. No entanto, mil palavras pareceram passar entre nós então.

“Irei me esforçar para me manter atento a cada palavra que passa por seus lábios, minha deusa”, disse meu antigo eu.

Ana inclinou-se para a frente e tocou carinhosamente o rosto dele.

“Se ao menos você fosse sempre tão... devotado”, disse ela.

Franzi a testa.

O que você está fazendo, Ana?, perguntei.

Ela ignorou a pergunta e começou a falar com Kelsey. Eu me desliguei até ouvir Kelsey perguntar:

“Os tigres voltarão a ser homens em tempo integral depois que encontrarmos o próximo prêmio, certo?”

Ana fez uma pausa demorada e então respondeu:

“A forma do tigre foi dada a eles com um propósito e logo esse propósito será alcançado. Quando a quarta tarefa for concluída, eles terão a oportunidade de se separar do tigre. Venham e peguem suas últimas armas.”

Puxando a espada do cinto, Ana fez um movimento com a mão, criando duas lâminas, e então as girou, distraindo tanto Ren quanto meu antigo eu, de modo que nem sequer reagimos quando ela levou as duas lâminas a nossos pescoços. Ela poderia ter nos matado, se quisesse. Foi constrangedor ver a facilidade com que tínhamos ficado hipnotizados por ela. Ana entregou a arma de Ren, mas manteve a outra espada na garganta de meu antigo eu. Na verdade, eu sabia que não era exatamente ele que ela estava desafiando, mas a mim.

Ela lutou com ele por um minuto ou dois e ainda conseguiu vencê-lo. Deixei escapar uma espécie de suspiro melancólico. Sentia falta de vê-la em ação.

“Não se preocupe, minha querida Kelsey, pois o coração do tigre negro é duro demais para ser perfurado”, disse Ana.

Desloquei-me em sua linha de visão e ela ergueu uma sobrancelha, como se me desafiasse a negar sua afirmação. Ela nem notou a maneira como meu antigo eu a fitava. Eu notei, porém, e ela sorriu para mim enquanto tornava a tocar o peito dele com a ponta da espada.

Quando ele empurrou a lâmina, afastando-a, Ana a girou, oferecendo-lhe o punho, e então lhes deu os broches e demonstrou como usá-los. Juntando as mãos atrás das costas, dei a volta para o outro lado até me encontrar bem detrás do ombro de meu antigo eu.

Ana, olhando direto para mim e mais parecendo ronronar, correu a mão pelo ombro de meu antigo eu e disse:

“Talvez seja melhor, por ora, que você continue com estas roupas modernas.” Aproximando-se mais dele e dando uma piscadela, acrescentou: “Tenho um fraco por homens bonitos em trajes de batalha.”

Meus punhos se cerraram. Ela estava flertando. Intencionalmente. Com o homem que eu fora.

Pare, pedi.

Por quê? Incomoda você ver outro homem interessado em mim?

Ele não é outro homem, Ana. Sou eu.

Sim. Bem, minhas opções estão limitadas no momento.

O que você quer dizer com isso?

Shh, estou ocupada agora.

“Estes broches foram criados especialmente para vocês dois”, disse ela, a voz rouca e hipnotizante. “Gosta do meu presente, tigre de ébano?”, perguntou suavemente.

Meu antigo eu estava praticamente tropeçando nos próprios pés para chegar até ela. Ele pegou a mão dela e eu me encolhi, sabendo que ela odiava isso, mas Ana nem mesmo piscou. Ao contrário, dirigiu-lhe um sorriso cálido enquanto ele tropeçava nas palavras:

“Acho que você é... quer dizer, acho que ele é... incrível. Obrigado, Deusa.”

Ele beijou-lhe os dedos e ela... ela gostou.

“Hum.” Ela sorriu, com prazer. “Por nada.”

Kadam pigarreou alto.

“Talvez fosse melhor começarmos nossa jornada. A menos que tenha mais para nos dizer... Deusa?”, disse ele, dirigindo-lhe um olhar perspicaz.

Ana remexeu-se sob o escrutínio de seu professor e, na mesma hora, recuou um passo. Mas me olhou com ar desafiador. Ergui o queixo, aceitando o desafio. Se ela queria briga, eu ficaria mais do que feliz em atendê-la. Seu peito arfava e seus braços se retesaram, como se ela fosse saltar. De repente lembrei-me da perseguição cega pela floresta e da garota que queria que eu a pegasse. Meus dedos contraíram-se em antecipação. Era Ana. Tinha de ser.

Acho que precisamos conversar, Ana, eu disse.

Ela estreitou os olhos.

“Eu já disse tudo que é necessário.” Voltando-se para os outros, ela sorriu. “Até o próximo encontro, meus amigos.”

O corpo de Ana se enrijeceu e Kelsey perguntou rapidamente:

“Quando nos encontraremos novamente?”

Mas a deusa apenas piscou para ela e então, mais uma vez, era uma efígie de cera.

Fiquei olhando fixamente para a forma da deusa, esperando que Ana aparecesse, mas parecia que ela queria me fazer esperar. Ren gritou com meu antigo eu e lhe acertou um soco. Eu me encolhi, sentindo outra vez o golpe.

“Se você tratar Kelsey assim outra vez, vou fazer muito mais do que tentar enfiar um pouco de juízo nessa sua cabeça. Acho bom pedir desculpas a ela. Fui claro, irmãozinho?”, indagou Ren.

Ele saiu com Kadam e eu me ouvi pedir desculpas a Kells e perguntar se ela ainda era a minha garota. Kelsey apenas assentiu, mas ficou claro que ela não estava nem de perto tão furiosa quanto eu acabara de me sentir ao ver Ana flertando com meu antigo eu. Se tivesse sido Ren a se jogar em cima da deusa, ela teria ficado lívida. Ou, no mínimo, com o coração partido. Em relação a mim, ela não estava nada disso. Eu sentia saudade de Kells. Mas ela estava feliz. Ela seguira em frente com sua vida. Era hora de eu fazer o mesmo.

Passado muito tempo depois que eles tinham ido embora e Ana ainda não havia aparecido, cruzei os braços diante do peito e disse:

– Não acha que tem explicações a dar?

Em resposta à minha pergunta, ouvi o ruído de uma espada sendo desembainhada e, antes que eu pudesse reagir, sua ponta foi pressionada contra minha nuca.

– Vamos retomar de onde paramos, tigre? – perguntou uma voz macia.



Templo da Água

Recuando depressa, ela jogou outra espada para mim.

Virei-me e apanhei a arma no ar.

– Onde conseguiu estas? – perguntei, admirando a espada cinza-escuro polida e afiada.

Ana deu de ombros.

– Peguei-as emprestadas de um líder guerreiro.

Soltei um grunhido exasperado.

– Você saiu e fez alguma coisa sem mim de novo?

Com um sorriso lupino, ela disse:

– Se você me derrotar, eu conto.

Então deu um salto para a frente e sua espada desceu com força suficiente para separar minha cabeça do corpo. Girei e minha lâmina encontrou a dela com uma chuva de centelhas. Empurrei-a, mas ela estendeu as pernas fortes e rodopiou com graça felina, conseguindo fazer um corte em meu braço. O sangue escorreu pelo cotovelo. Olhando para baixo, franzi a testa ao observar o ferimento cicatrizar sozinho.

– Por que está fazendo isso, Ana?

Enquanto andava de um lado para outro, à espera de meu ataque, ela replicou:

- Por que você faz tantas perguntas?
- Talvez porque nunca me conte o que está acontecendo com você.
- Que tal se eu mostrar em vez de falar?

Ela brandiu a espada de um lado para outro, defendendo-se e atacando, em perfeita simetria. Seu cabelo esvoaçava formando um arco atrás dela e, se eu pudesse escolher, teria simplesmente me sentado para assisti-la em ação. Ana era melhor do que Kadam. Era melhor do que eu.

Quando era menino, eu tinha visto Ana lutar com minha mãe, a mulher que Kadam dissera que era invencível. Eu não reconhecia completamente a habilidade de Ana na época, mas agora, sem dúvida, sim. Ela era boa o bastante para vencer minha mãe. Enquanto dançava a meu redor, sua arma mortal zumbia. O som do choque metálico das espadas era como uma canção doce, porém perigosa – uma canção tão sedutora quanto a mulher.

Ana golpeou meu pulso, empurrando-o contra o chão, e o punho de minha espada atingiu o solo com tamanha força que uma pedra se despedaçou. Saltei, girando acima dela no ar, e quiquei na parede. Disparando na direção dela, apontei a espada para sua barriga, mas Ana torceu o corpo com destreza, como eu sabia que faria, e eu passei por ela, rolando e assumindo a posição de prontidão mais uma vez. Lutamos sem parar. A efígie de cera perdeu braços e depois a cabeça. Estalei a língua e a provoquei, dizendo que ela estava desrespeitando a deusa.

– Se alguém aqui desrespeita uma deusa, é você – disse ela ofegante, enxugando com as costas da mão uma gota de sangue que escorria de sua boca.

Como eu a estou desrespeitando? Foi ela quem quis lutar. Aproveitando-me de sua distração, desci o punho da espada sobre seu pulso. Ela soltou a arma, que deslizou para longe. Eu estava prestes a segurá-la quando ela deu uma cambalhota para trás, chutando meu queixo durante o movimento. Quando ficou em pé novamente, a espada estava de volta em sua mão.

– Isso é tão típico de você – observou ela. – Morder a mão que o alimenta.

– Você está me confundindo com um cão – retruquei. – Sou perfeitamente capaz de me alimentar sozinho.

– Ah, sim. Esqueço que você não precisa de mim para nada.

Ana avançou mais uma vez, de maneira calculada, recitando uma lenga-lenga sem perder o foco. Eu a bloqueei com a espada, o braço e as pernas, sem de fato tentar vencer, mas ao menos procurando impedi-la de enfiar a espada em meu coração, o que ela parecia comprometida a fazer.

Eu esperava que o que quer que a estivesse motivando arrefecesse em algum momento, mas sua força não se abrandou. Na verdade, pareceu se intensificar. Se eu não colocasse fim à luta, um de nós ou mesmo nós dois poderíamos sair gravemente feridos. Depois que ela cortou meus dois calcanhares, abriu um talho em meu rosto e feriu meu ombro, eu rosnei:

– Está tentando me matar?

– Se eu quisesse vê-lo morto, você já estaria.

– A essa altura você ainda não aprendeu que mexer com um tigre é uma coisa tola a se fazer?

– O que você pretende, tigre de ébano? – retrucou ela, com deboche. – Mostrar as garras para mim? Por favor. Conheço todos os seus truques.

Ela fungou e passou a mão pelo nariz, deixando uma atraente mancha de poeira.

– Nem todos – murmurei entre dentes.

– Ao menos ele seria um adversário de mais valor – prosseguiu ela, ignorando o que eu tinha dito. – Mas tenho que lhe dar crédito por tentar. O que, eu lhe asseguro, é algo que não estou acostumada a fazer. – Movendo-se para a frente e para trás, estreitando os olhos, a espada em prontidão, ela completou. – Vá em frente. Ande. – Agitando os braços freneticamente, insistiu: – Transforme-se em tigre e veremos como se sai contra mim. Não que você vá fazer isso. Não. É tímido demais para fazer algo assim. Você vem correndo atrás de humanos há muito tempo.

Rodeamos um ao outro. Alguma coisa estava muito errada, porém, por mais que eu me esforçasse, não conseguia descobrir o que era.

– Caso tenha se esquecido, você também foi mortal um dia – falei.

– Sim, mas *eu* nunca fui fraca.

Ergui uma sobrancelha e ela rosnou e atacou com violência, provavelmente supondo que eu estava insinuando algo sobre sua infância. *Ela então não sabe*

que eu jamais usaria seu passado contra ela? Essa simples ideia me causava aversão.

Esquivando-me e aparando os golpes, defendi-me de seu ataque furioso, mas isso era tudo que eu podia fazer para não perder terreno. Ela continuava a me provocar, instigando-me a reagir, mas eu não queria machucá-la, e estávamos ambos ficando cansados e negligentes. Ela podia se curar com o *kamandal*, porém, e se eu acidentalmente desferisse um golpe mortal? Jamais me perdoaria.

Ana estava frustrada com minha hesitação. Em tom sarcástico, ela provocou:

– Já disse recentemente que acho que você está ficando velho? Sua versão mais jovem tinha músculos bem definidos e ombros largos. Temo que você tenha se permitido amolecer. Sua forma de tigre é esguia. Agora dá para perceber um queixo duplo e seus músculos estão molengas como massa de pão antes de assar. Além disso, acho que seu cabelo está ficando ralo – aferroou-me. – Talvez seja falta de carne vermelha na sua dieta.

Por um instante fiquei paralisado, espantado com sua emboscada verbal. *Ela está de brincadeira comigo?* Quase sem pensar, passei a mão pelo alto da cabeça e depois grunhi quando ela bufou. Ana rodopiou, erguendo a espada. Estava tentando me distrair ferindo meu ego e, para minha grande consternação, tinha funcionado.

– Está vendo? – acrescentou, empurrando a ponta da espada contra meu peito. – Você não é mais páreo para mim. Eu já poderia ter matado você várias vezes só no último minuto. E nem precisei usar meus poderes. Esse é o tamanho da sua impotência!

Levantando as mãos, semicerrei os olhos e disse:

– Você abusa, Ana. Não sei o que está passando por essa sua cabeça agora. Quem me dera saber. Mas, como você parece não confiar em mim, acho melhor eu não lutar contra você agora.

– É claro que você não quer lutar – retrucou ela, com raiva. – Você não quer nada comigo. É um molenga que só quer combater com palavras leves que nada significam. Você me mantém perto enquanto lhe convém e depois me deixa de lado quando quer ficar sozinho. Não entendo você. Você lutou com Kelsey. Por tempo suficiente para que ela se tornasse uma lutadora decente. Por que não faz o mesmo comigo? Você me deve ao menos isso.

Soltando um suspiro de frustração, eu disse:

– Primeiro, Kelsey não estava tentando me matar quando treinamos. Segundo, você não precisa de mim para treiná-la. Você já é melhor do que eu. É isso que quer que eu admita? Que é mais poderosa? Isso é fato. Você é uma deusa.

– Sim – gritou ela. – Eu sou a todo-poderosa, intocável deusa Durga. Boa demais para você para merecer qualquer esforço seu. Onde sou o oceano, outras mulheres são como córregos gotejantes. Mas eu lhe pergunto: onde os homens vão beber? No mar salgado ou nas águas frescas e sedutoras de oásis que têm mais a oferecer?

Quando olhei para ela em silêncio, confuso pela mudança de assunto, ela franziu o nariz e debochou:

– Acho que nós dois sabemos o que você prefere. – Olhando-me de cima a baixo, seus olhos verdes cintilantes e frios, ela encerrou dizendo: – Você é um *covarde*, Kishan.

Retesando a mandíbula, ergui um dedo, golpeando o ar com ele.

– Não me chame de Kishan. Quer lutar, Ana? Tudo bem. Então largue sua arma. Vamos lutar do jeito que lutei com Kells.

– Não quero ouvir nada sobre o que você fez com *Kells*. – Ana sibilou a última palavra, mas estalou os dedos e as espadas sumiram.

– Lembre-se – adverti, levantando as mãos e rodeando-a. – Foi você quem quis isso.

– Por que se dar o trabalho de fazer o que eu quero agora? Você nunca fez isso antes.

Eu estava prestes a chamá-la de insuportável quando ela atacou. Antes que eu entendesse o que tinha acontecido, estava caído de costas com ela em cima de mim, batendo minha cabeça contra o chão de pedra. Agarrando seus ombros, girei, jogando-a para o lado, mas ela logo se pôs de pé e, assim que me levantei, seu pé atingiu-me no estômago. Com um zunido, o ar deixou meu corpo e eu me dobrei. Seu joelho atingiu meu queixo e ela torceu um de meus braços atrás das costas.

– Eu disse que você estava ficando mole – disse ela, e seu hálito quente fez cócegas em minha orelha.

Algo primitivo se moveu dentro de mim e eu rosnei. Pisei com força em seu pé e em seguida recuei depressa até ela atingir o muro de pedra. O som inconfundível de seixos caindo no chão significava que tínhamos quebrado mais um pouco do templo. O golpe cortou sua respiração e ela soltou meu braço.

Girando com velocidade, encaixei uma das pernas entre as dela e, com uma rasteira, tirei seus pés do chão. Ela bateu com força no piso sólido e tive um momento de fraqueza. Chegando mais perto, perguntei se ela estava ferida, mas Ana abriu os olhos, sorriu e me chutou no rim em retribuição a meu esforço.

A partir daí, tudo poderia acontecer. Nós mergulhamos e giramos. Imobilizamos um ao outro com gravatas. Lançamos um ao outro à distância até estarmos esgotados, machucados e certamente com um osso quebrado, ou dois, ou vinte, mas nem eu nem ela estávamos inclinados a parar. A luta tornara-se desesperada, quase cruel.

Ambos estávamos tentando provar algo para o outro, mas nenhum de nós tinha ideia de como fazer isso. Eu não tinha noção de quanto tempo se passara, mas, quando olhei para cima, os pulmões arfando, vi que a luz no templo havia se deslocado pelo chão e subira até o teto. Estávamos ambos exaustos. Fingi sair pela esquerda e peguei-a desprevenida. Pressionando-a contra a parede, empurrei meu braço pesado contra sua garganta e disse:

– Ainda acha que sou mole?

Ela inclinou a cabeça, como um pássaro, sem se importar com o fato de que eu poderia cortar sua respiração a qualquer momento.

– Mole talvez não, mas ainda um covarde.

O lindo vestido de Ana estava rasgado e se agitava, esfarrapado em vários lugares. Uma das mangas, solta, tinha escorregado precariamente de seu ombro cor de mel. O cabelo, antes penteado com perfeição, caía em torno dela em um emaranhado rebelde, oferecendo-me vislumbres provocantes das generosas curvas que seu vestido agora mal cobria.

Embora estivesse presa, ela se debatia, tentando me chutar entre as pernas ou pisar em meu pé.

– Ora, ora. Nada disso, minha bela senhora.

Cheguei mais perto, meu corpo empurrando firmemente o dela, de tal forma que não havia qualquer meio de ela se mexer.

Ela ofegou e meus olhos foram atraídos para sua boca voluptuosa. Senti um tremor atravessar seu corpo e soube o que era. Medo. Não medo da derrota ou da morte, mas medo do que um homem podia fazer a uma mulher vulnerável. Isso me despedaçou por dentro.

– Admite a derrota? – perguntei suavemente.

– Jamais – respondeu ela, levantando o queixo em desafio.

Seu rosto estava corado da luta. Seu cabelo estava úmido de suor, e os olhos, duros como pedras preciosas. Havia uma mancha de sujeira em seu rosto e outra atravessando sua testa. Não importava. Ela era linda. Era fascinante.

Apesar do frio que sentia por saber o que um homem tinha feito com ela quando criança, era impossível para mim não a querer. Fechando os olhos, tentei controlar meu desejo. O tigre em mim capturara sua presa e não estava disposto a deixá-la escapar. Queria cravar nela suas garras e reivindicar o que era seu por direito. Mas eu não era um animal. Pelo menos, não sempre.

Sem confiar em minha voz, falei com ela mentalmente.

Sei por que você treme, Ana. Confie em mim quando digo que será mais fácil para você se afastar do que para mim. Use sua magia para escapar, pedi, tentando persuadi-la.

Você acha que eu quero fugir?, indagou ela.

Confuso, tirei lentamente meu braço de sua garganta.

Se pudesse ler meus pensamentos, você ia querer.

– Não tenho medo dos seus pensamentos – retrucou em voz alta.

– Então diga o que quer de mim – repliquei, a voz baixa e ameaçadora. Com os olhos fixos na pulsação em sua garganta, baixei a cabeça, engoli em seco e disse: – O que você quer, Ana?

Suas sobrancelhas escuras se ergueram e ela passou a língua pelos lábios. Então, com a voz presa na garganta, nossos hálitos quentes se misturando, ela respondeu:

– Eu quero... eu quero...

Mas, antes que ela pudesse terminar, fechei sua boca violentamente com a minha. Eu esperava que ela me empurrasse ou desaparecesse, mas aconteceu exatamente o contrário. Ela gemeu e segurou minha nuca, puxando-me para mais perto. Quando seus lábios se abriram, foi minha vez de gemer.

Entrelaçando meus dedos nos dela, pressionei suas mãos contra a pedra. Seu corpo inteiro se mexia sinuosamente e se espremia contra o meu, enquanto seus lábios dançavam com os meus com tanta violência quanto a que ela havia mostrado durante a luta.

Embora eu não tivesse consciência de nada no começo, exceto de sua boca e de seu corpo, logo reconheci o formigamento revelador do poder que significava nosso vínculo. Embora discreto e abafado no início, quanto mais tempo o beijo durava, mais ele revigorava nossa conexão. Eu estava inebriado por isso. Por ela.

Uma parte de minha mente sabia que haveria uma consequência. Que esse vínculo se tornaria permanente entre nós se eu permitisse que se desenvolvesse por completo. Soltei um grunhido do fundo da garganta, sabendo que ela merecia escolher. Isso foi tudo que eu pude fazer para deter a maré e perguntar se era aquilo que ela queria.

Ana? Meu corpo vibrava, mas liguei meus pensamentos aos dela, enviando-lhe uma imagem vaga do que estava acontecendo.

Sim, foi sua única resposta.

Foi como derramar gasolina na fogueira. Não havia mais dúvida. Nem hesitação. Nem perguntas. Apenas posse. E a necessidade urgente de forjar em aço indestrutível as correntes incandescentes que nos conectavam. Logo meus braços e pernas crepitavam com uma energia prateada. O zumbido produzido por nosso vínculo se iluminou e se intensificou, equiparando-se ao estrondo da paixão enquanto torturávamos um ao outro, atizando o fogo do desejo.

Ela escapou de meu abraço e puxou meus cabelos, enquanto eu envolvia sua cintura com um dos braços e a levantava, deslizando minha outra mão por dentro de seus cabelos soltos e inclinando sua cabeça para que o beijo se aprofundasse. Quando uma de suas pernas subiu pela minha coxa, fiquei muito perto de perder o pouco controle que me restava.

O beijo interminável era violento e brutal, perigoso e ardente. Muito diferente daquele trocado na floresta, mas não menos poderoso e transformador. Era ao mesmo tempo punitivo e promissor. E sussurrava coisas para as quais nenhum dos dois estava pronto. Então eu a empurrei contra a parede para

prender seu corpo e acalmar sua reação febril. Não adiantou muito para esfriar meu sangue, que fervia, mas funcionou nela.

Interrompendo o beijo, encostei minha testa na dela. Estávamos ofegantes. E eu temia que o que quer que eu dissesse em seguida pudesse arruinar tudo e nos levar de volta para onde estávamos quando ela me jogou a espada. Antes que eu pudesse falar, ela advertiu:

– Se tentar pedir desculpas, vou banir você para o abismo mais sombrio que puder encontrar.

– É bom saber – falei, uma espécie de alívio percorrendo meu corpo.

Ao levantar a cabeça, vi que ela não me olhava nos olhos. Ergui o cabelo que caía sobre seu rosto molhado e o empurrei para trás de seus ombros, depois gentilmente deslizei a mão por seu braço, saboreando o formigamento familiar.

– Nosso vínculo está de volta – comentei, erguendo o canto da boca.

Vínculo parecia uma palavra muito insignificante para algo tão íntimo, tão indefinivelmente poderoso.

– É o que parece – disse ela.

A expressão de Ana não me dava qualquer indicação de que ela fora tão afetada pelo beijo quanto eu. Seus músculos mostravam-se tensos e sua pele estava quente. Ela era uma mola pronta para saltar.

Inclinei-me para trás, mas não estava disposto a tirar as mãos de sua pele.

– Por que não abre sua mente para mim? – perguntei em voz baixa, adorando a vibração de nossa conexão, que lançava comichões na palma de minha mão onde eu a tocava. Apesar do corpo dolorido e dos músculos cansados, meus nervos estavam revigorados só de estar perto dela. – Preciso entender o que está acontecendo aqui. Quero saber o que você está pensando – insisti. – Compartilhe seus pensamentos comigo, Ana. Por favor.

Afastando-se de mim, ela se virou e saiu do templo. Eu sentia cada centímetro que ela colocava entre nós como se fosse 1 quilômetro. Eu a queria de volta em meus braços com uma intensidade que me chocou. Nunca em minha longa vida me senti tão possessivo em relação a uma mulher como me sentia em relação a Ana. Naquele momento, percebi que nunca quis me separar dela. Com Yesubai e Kelsey eu sentira atração e ternura. Ambas eram doces e

amorosas. Retribuí o afeto delas e acho que poderia ter sido feliz com qualquer das duas.

Mas com Ana havia dor. Era bruto e doloroso. Ana tinha o poder de me irritar tanto que eu perdia a cabeça, e tudo que eu queria fazer era... empurrá-la contra uma parede e beijá-la até ela parar de falar. Quando ela estava triste, queria tomá-la nos braços e abraçá-la até passar toda a sua tristeza para mim, compartilhando sua dor como ela havia feito quando eu estava sofrendo. A ideia de fazê-la feliz era um desejo que me perseguia.

Era ela a mulher em meu sonho. Reconheci a curva de seu rosto, a maciez de seus cabelos e o sabor de seu beijo. Eu estava absolutamente certo disso agora. E faria qualquer coisa para tornar essa doce visão realidade.

Com Ana, minhas emoções estavam fora de controle como nunca estiveram com as outras duas garotas. Amá-las parecera fácil. Mas com Ana era complicado. Difícil. Mesmo garoto, chorei quando ela me deixou. Aparentemente ela sempre conseguia arrancar reações emocionais de mim. Observando-a sair, fiquei muitíssimo consciente do ritmo de meu pulso.

Ela era tudo que eu via. Tudo em que eu pensava. Eu não sabia rotular meus sentimentos. Amor não parecia abranger tudo isso. Não era o suficiente. Eu precisava da ajuda de Ana para nos definir. O que éramos, o que poderíamos ser, era algo muito grande, muito significativo para que eu tentasse identificar sozinho.

Quando me juntei a ela do lado de fora, fiquei espantado ao ver que a espessa camada de neve e gelo ao redor do templo havia derretido. Já acontecera isso antes. Eu me lembrava agora, mas na época pensei que era por causa do fogo ou do poder da deusa. Agora sabia que tinha sido causado por outra coisa. Vapor brotava do chão e a terra florescia com uma nova vida. Como com a árvore em Shangri-lá, a mudança na paisagem foi o resultado direto de nosso beijo.

Enquanto eu me encantava com o efeito de nosso encontro apaixonado, ela disse:

– Há uma escuridão que me consome nos meus momentos de maior fraqueza. Não vou deixar que você veja, Sohan.

Franzindo a testa e desejando que ela pudesse confiar em mim, eu disse:

– Nada que você me mostre eu vou achar feio, Ana.

Aproximei-me, querendo ficar perto dela. Ela passou os braços ao redor da própria cintura, como que para se proteger. O fogo, a ira e a paixão tinham se esgotado e o que restou era algo pesaroso, desesperado e frágil. Hesitante, coloquei as mãos em seus braços, puxando-a de volta a meu peito e dando-lhe espaço suficiente para se desvencilhar, caso preferisse.

Ana apoiou a cabeça em mim e passei os lábios pela curva de seu pescoço macio bem devagar. Minhas mãos deslizaram por seus braços e envolveram as dela. Um calor vivo, lânguido e pacífico percorreu minha pele. Tentei virá-la para mim, querendo mostrar-lhe um lado diferente, não um homem tomado pelo desejo, mas alguém que poderia ser atencioso e apaixonado. Seu corpo se retesou e ela levantou a cabeça. Eu a soltei na mesma hora. Percebi seus ombros caídos.

Fale comigo, implorei. Se ela me ouviu, não respondeu.

A atmosfera da área que cercava o templo tornou-se silenciosa e me dei conta de como estava frio. Não demoraria muito para que o lugar mais uma vez se cobrisse de neve e gelo. Minha respiração se condensou em vapor e vi a nuvem reveladora da respiração ofegante em torno da cabeça de Ana quando ela soltou o ar. No entanto, ela não olhou para mim.

– Como eu tecnicamente a venci, acho que você deveria me dizer onde conseguiu essas espadas.

Fiz uma careta ao dizer isso, sabendo que tinha falado uma bobagem, mas tentando melhorar o clima.

– Eu menti – respondeu ela em voz baixa. – Bem, não exatamente. Elas me foram dadas por um líder guerreiro quando o derrotei em batalha. Fazem parte da minha coleção.

– Então você foi vapt-vupt até em casa enquanto eu a esperava?

– Não sei o que significa vapt-vupt, mas, se está perguntando se eu saí daqui, a resposta é não. Eu as convoquei.

– Pode fazer isso sem desaparecer?

– Fiz a mesma coisa com o fragmento da pedra da verdade no Bosque dos Sonhos. Meus poderes aumentaram – disse ela com tristeza, quase como se pensar nisso a fizesse perder a esperança. – É como usar minhas habilidades sem que os presentes estejam por perto. Mesmo quando você se afasta de mim por

séculos e por uma distância que levaria meses para atravessar a cavalo, ainda posso acessar e usar o Amuleto de Damon.

Sem saber o que dizer, perguntei, mudando de assunto:

– Por que você me chamou de Kishan antes? De todos os insultos que ouvi de você, acho que esse foi o pior. E, já que estou na berlinda, por que você estava descaradamente se atirando para o meu antigo eu?

Ela se virou para mim com um sorriso irônico e suspirou.

– Só o chamo de Kishan quando você me irrita. Quanto ao seu antigo eu, ele enxerga somente a mim. É verdade que provavelmente está apaixonado pela deusa, mas não conhece as coisas ruins que meu passado abriga. Tudo que ele vê é uma mulher por quem se sente atraído. Você, por outro lado, sabe de tudo. É... mais fácil dizer a ele o que tenho vontade de dizer.

– Então... está dizendo que queria flertar comigo? – perguntei, retorcendo a boca.

– O que significa flertar?

– Significa seduzir com palavras. Para provocar de um jeito romântico.

– Para mim não é natural falar com um homem de tal maneira. Você é uma exceção. O antigo você, quero dizer.

– Eu não me importaria se você treinasse sua habilidade de flertar com esta versão de mim – informei com um sorriso torto. Estendi a mão e ela colocou a dela sobre a minha. Eu a puxei para mais perto. – Senti ciúme dele, sabia?

– Ciúme de você mesmo? – ela debochou, inclinando a cabeça.

– Não gostei de ver você cobrindo-o de atenção.

Segurando seu queixo, estava prestes a abaixar minha cabeça para um beijo quando ela tocou minha boca para me impedir. Naquele momento, ela pareceu pequena, o que era uma façanha para a majestosa deusa.

– Estou com medo, Sohan – murmurou.

– Medo de mim?

– É... não, não exatamente. Eu sei que você não quer me machucar.

– Não vou machucar você, Ana. – Ao dizer isso, olhei seus lábios inchados, feridos por meus beijos, e o inchaço em uma das faces causado pela luta. Enojado comigo mesmo, afastei-me. – Pelo menos não foi minha intenção.

Quem eu estava enganando? Eu já tinha machucado Ana. Yesubai estava morta por minha causa e eu abandonara Kelsey quando ela me pediu ajuda em Kishkindha. Ela poderia ter morrido muitas vezes.

– Talvez seja melhor mantermos nosso relacionamento simples – sugeri.
Sua mão em meu braço me deteve.

– Nosso relacionamento nunca será simples, Sohan. Nem quero que seja. Só que eu... eu preciso acertar as contas com meu passado, e não quero errar no que diz respeito a você. Temos muito a perder se nos atirmos de maneira impulsiva nessa batalha.

– E suponho que com batalha você queira dizer romance...

Olhei para ela sobre meu ombro.

Ela assentiu com a cabeça.

– Mas é algo que você quer levar adiante?

– Sim – respondeu ela em voz baixa, dando a volta ao redor de mim.

Segurei uma mecha de seu cabelo, torcendo-a entre os dedos.

– Muito bem – falei. – Então o que você acha que poderia nos fazer perder essa batalha?

– Primeiro, eu mesma. Como você sabe, sou mais propensa a algemar um homem do que a beijá-lo. Nem sempre fui assim, mas está enraizado em mim agora. Temo que vá ser difícil superar essa prática.

Sorri e esfreguei o queixo.

– Sim, eu diria que estou intimamente consciente dessa tendência. Por sorte, eu cicatrizo depressa. Acho que podemos resolver esse problema, desde que você esteja pelo menos um pouco interessada nos beijos.

Seu olhar subiu até minha boca.

– Beijar você é algo em que pensei muitas vezes, Sohan. Tantas vezes, na verdade, que a ideia toma conta da minha cabeça nos momentos mais inoportunos. – Meu pulso se acelerou a essas palavras. – Como flertar – prosseguiu ela –, essa é uma habilidade que quero aprimorar. Talvez, depois que eu estiver bem versada nisso, os beijos já não ocupem tanto meus pensamentos.

Por um momento, esqueci de respirar.

– Bem – murmurei e engoli em seco. Senti a garganta se apertar e o ar ao redor do templo de súbito esquentou. – Algo mais em sua lista de

preocupações?

– Tem também o fato de que os tigres não se acasalam para toda a vida – disse ela, sem rodeios.

– E as deusas, sim? – perguntei.

Ela assentiu, mordendo o lábio.

Assim como fez meu eu mais novo, peguei sua mão, levei os dedos aos lábios e beijei-os de leve.

– Ana, por mais que você goste de me lembrar da minha natureza animal, e por mais que eu goste desse aspecto de mim mesmo, também sou um homem. Não sou escravo do instinto. O fato de eu ter resistido aos seus encantos por tanto tempo devia ser um sinal da minha fidelidade. Não fui infiel a Kelsey. Nem fui desleal com Yesubai. Se avançarmos nessa nova... aliança, continuarei firme. Você saberia desse aspecto do meu caráter se compartilhasse meus pensamentos abertamente.

Ana abriu a boca para se explicar de novo.

– Como eu falei – eu a cortei antes que ela dissesse qualquer coisa –, não há nada que você possa estar escondendo que diminua meu respeito por você. Se está preocupada com o relacionamento físico, fique tranquila.

Levando a mão a seu rosto, tracei a curva de sua bochecha com o polegar.

– Por mais que eu queira você, e não se engane, quero você mais do que tudo que já quis, temos uma vida muito, muito longa à nossa frente, Ana. E sou um homem muito paciente. Esperei séculos para encontrar a mulher dos meus sonhos. Posso aguardar um pouco mais.

Anamika me lançou um olhar desconfiado, como se não pudesse acreditar no que eu dizia, embora a pedra da verdade pendurada em seu pescoço brilhasse, validando as promessas que eu lhe fazia. Finalmente, ela assentiu.

– Muito bem. Vamos... praticar o romance. Tenho certeza de que posso me acostumar se avançarmos *bem* devagar. De acordo? – propôs.

– De acordo.

Sorri, pensando em como gostaria de começar a namorá-la, não, a treinar Ana no romance. Agora eu só tinha de descobrir um modo de ajudá-la a me tolerar. Ren teria rido de uma mulher aprendendo a me tolerar. Balancei a cabeça. Só mesmo Ana para ser prática, sedutora, frustrante e inocente ao mesmo tempo.

– Você precisa descansar? – perguntou ela.

Cocei a barba.

– Mal não vai fazer. Eu gostaria pelo menos de comer.

Ana fez um gesto com a mão e desaparecemos, voltando a nos materializar não em nossa casa da montanha, mas na selva, ao lado de um riacho. Ajoelhando-se junto à água, ela bebeu, usando a mão em concha. Segui o exemplo e achei a água limpa, deliciosa e gelada. Se o tigre dentro de mim não tivesse me mantido aquecido, meus dedos ficariam dormentes por causa da temperatura.

– Onde estamos? – perguntei.

– Perto de nossa casa. Eu ainda não queria ir para lá. Tem muita...

– Muita gente por lá – completei.

– É.

Eu entendia. O que acontecera entre nós era novo e delicado. Estar perto de outras pessoas o diminuiria de alguma forma. Ela usou o poder do amuleto para aquecer a área ao redor de nós e para canalizar o distante Fruto Dourado, criando uma refeição. Parecia que eu não comia havia eras. Não pude deixar de notar o acréscimo de algodão-doce e pipoca. Apresentei-a a pizza, *cheeseburger*, churros e vaca-preta.

Ana gostou do sorvete, mas não do refrigerante. Depois de provar tudo, ela criou sua refeição preferida: cervo assado com vegetais e grossas fatias de pão besuntadas com manteiga, geleia e mel. Suas escolhas encheram a barriga de uma forma muito mais substancial do que o algodão-doce macio e as guloseimas açucaradas do tempo de Kelsey. Nós dois comemos e bebemos com prazer e depois a exaustão nos dominou.

Quando o restante do jantar desapareceu no éter, ela procurou um lugar confortável para deitarmos e criou sacos de dormir encorpados. Embora estivesse habituada a acampar com vários soldados e até comigo, eu diria que dessa vez ela se sentia nervosa.

Enquanto ela estava no riacho, toquei o colar de couro que Kelsey me dera muito tempo atrás. Sorri afetuosamente diante dessa lembrança. Passei o polegar devagar sobre o fecho e o abri. Por um longo minuto fiquei olhando para ele,

pensando no que representava. Assim que Ana voltou, guardei-o em nossa bolsa, encerrando finalmente um capítulo de minha vida antiga.

Ana me olhava de vez em quando enquanto se mexia, tentando ficar confortável, provavelmente se perguntando por que eu estava sorrindo à toa. Eu havia falado sério quando dissera que poderíamos ir devagar, no ritmo ditado por ela. Não tinha qualquer expectativa em relação a ela. Estar perto de Ana bastava.

O ar ao nosso redor estava quente, o suficiente para não precisarmos de fogueira ou mais do que um cobertor fino. Deitei-me perto dela, mas não a seu lado, com os braços sob a cabeça, mas nenhum de nós conseguia dormir. Após muitos minutos de tensão entre nós, assumi a forma de tigre. Bufando suavemente, com o ar noturno arrepiando meu pelo, andei até ela.

Depois de pressionar o focinho em seu braço, deixei-me cair de lado, ficando atrás de suas costas, e estendi as patas na direção oposta. Um momento depois, senti que ela mudava de posição e cingia meu corpo com os braços, acariciando meu flanco. Seu perfume me envolveu e, depois que ela sussurrou “Boa noite”, caí em um sono profundo e relaxante, sem sequer perceber que começara a ronronar.

Na manhã seguinte, ela se levantou antes de mim e cutucou minhas costas de tigre com a bota. Languidamente, levantei-me, alonguei cada uma das pernas e bocejei, mostrando todos os dentes. Ana parecia renovada e limpa, como se tivesse tomado banho e feito roupas novas. Fui até ela e me esfreguei de lado em suas longas pernas. Ela passou a mão em minhas costas e eu dei meia-volta e retornei, saboreando a sensação de suas pernas até que ela puxou minha cauda. Ana riu e gostei do som o suficiente para ignorar o insulto.

Transformei-me em homem e passei os braços pela cintura dela.

– Você parece bem descansada.

– E estou. – Estreitando os olhos sob o sol brilhante, ela ergueu a mão e acariciou meu rosto. – Acho que prefiro o pescoço peludo – comentou.

– É mesmo? – perguntei, sorrindo. – Pensei que preferisse que minhas bochechas fossem caídas.

– Não, de jeito nenhum – respondeu ela, as sobancelhas finas erguidas. – Na verdade, gosto que meus homens tenham a pele marcada, seca e escamosa, e

o peito caído e flácido, a pele branca como leite azedo. É muito azar o meu que você seja tão forte e musculoso, com uma pele de bronze cobrindo músculos rígidos. – Ela apertou meu braço e suspirou. – Você não podia ao menos ser dentuço ou ter um queixo esquisito?

– Receio que não. – Eu ri. – Mas tenho algumas cicatrizes que poderia lhe mostrar.

– Isso faria com que eu me sentisse melhor.

– Está vendo? Você nem precisou de uma aula de flerte. É natural para você.

Ana piscou.

– Isso é flertar?

– É.

Ela sorriu.

– Você quer dizer que eu posso zombar de você e você vai gostar?

– Dependendo de como você fizer, sim.

Aparentemente satisfeita por ter sido bem-sucedida em sua primeira aula, ela perguntou se poderíamos visitar Kadam. Estávamos preocupados com o fato de termos bagunçado a lista, tirando-a da ordem.

– Você tomou banho? – perguntei enquanto nos preparávamos para partir. – A água está um gelo.

– Não exatamente. Posso fazer uma coisa nova. Mais tarde eu mostro.

Estalei os dedos.

– Acho que já sei. Você fez algo assim no terceiro templo, o feito de ouro. Foi como uma lavagem a seco.

– Lavagem a seco. – Ela repetiu cada palavra devagar. – É, acho que tal definição funcionaria. Está pronto para ir?

– Estou. Leve-nos de volta à nossa casa no futuro – pedi. – Precisa ser antes de o encontrarmos no templo onde lutamos. Logo depois disso, ele...

– Ele está morto – disse Ana suavemente. – Ele me contou uma vez, quando eu era muito jovem. Pensei que fosse a história de outro homem, mas era sobre ele mesmo.

Eu a abracei e ela se apoiou em mim. Quando desaparecemos, ela nos dessincronizou com o tempo para que não pudéssemos ser vistos. Os aromas e sons da casa eram familiares. Nilima estava cozinhando e Ana e eu pegamos

doces e fatias reluzentes de frutas tropicais; eu ainda apanhei um pote de pasta de amendoim no armário e duas colheres.

Quando meu antigo eu entrou e beijou Nilima na bochecha, Ana pegou meu braço e me afastou, sussurrando um aviso para não entrar em contato comigo. Eu já estava muito à frente dela. Nós nos sentamos na sala de jantar, de onde poderíamos ver tudo sem sermos incomodados, e tomamos nosso café da manhã roubado. Os olhos de Ana se arregalaram ao provar pasta de amendoim pela primeira vez. Kelsey entrou e encheu um prato, seguida por Ren.

“Ele está aqui esta manhã?”, perguntou Ren. Todos sabiam de quem ele estava falando.

“Ele ficou acordado até tarde de novo”, respondeu Nilima. “Está dormindo.”

“Não é normal ele se distanciar tanto”, acrescentou Kelsey, preocupada.

Meu antigo eu deu de ombros.

“Talvez esteja apenas ficando velho.”

Como eu tinha sido insensível. Kadam tornara possível para nós não só sobreviver, mas ter uma herança. Aquilo tinha sabor de ingratidão. Ele estaria morto em questão de semanas. Passara por coisas terríveis. Por que não aproveitei a oportunidade para dizer-lhe quanto gostava dele? Para dizer que o amava?

Levantei-me na mesma hora para fazer isso, levando o pote de pasta de amendoim pela metade conosco. Ana me seguiu enquanto passávamos como fantasmas pela casa. Quando ninguém estava olhando, abrimos a porta de Kadam e rapidamente a fechamos atrás de nós. Seu velho relógio emitia um tique-taque ritmado, o que me fez pensar em como o tempo era importante. Ele não estava na cama e a pilha de anotações em sua cômoda falava da profecia em que estava trabalhando. Debaixo dela, porém, encontrei seu testamento.

– O que é isso? – perguntou Ana.

– Um papel que lista seus últimos desejos em relação à própria morte.

– Entendo.

Tal coisa não era inédita em exércitos como o de Ana, mas as cartas com as últimas vontades costumavam ser uma despedida dos entes queridos mais do que uma distribuição de bens. Houve uma perturbação no ar atrás de nós e

Kadam se materializou como Phet. Ele estava dessincronizado com o tempo, assim como nós, e achamos interessante que pudesse nos ver.

– Kishan, Anamika – saudou. – O que os traz aqui? – Ele olhou para a porta, nervoso, e verificou se estava mesmo trancada. Usando o lenço, reassumiu sua forma usual.

– Professor – disse Ana –, com esse meu temperamento, fiz uma coisa errada.

Kadam ergueu uma sobrancelha.

– Eu me lembro bem do seu temperamento, minha cara. Conte-me o que aconteceu.

Ana iniciou uma explicação sobre ter convocado os Lordes da Chama e criado Bodha antes de criar o mundo dos dragões. Ela retorcia as mãos e baixara a cabeça. Eu sabia que se sentia culpada e, mais do que qualquer outra coisa, queria agradar o homem que lhe ensinara por tantos anos. Estendi a mão e segurei a dela. Ela se aproximou de mim e continuou.

Kadam notou nossas mãos dadas e me olhou brevemente. Um sorrisinho brincou em seus lábios. Quando ela terminou, ele ficou de pé e a segurou pelos ombros.

– Não se preocupe com essa pequena mudança. Eu sabia que era uma possibilidade. Como resultado, você conheceu Anoitecer em vez de Bico Brilhante, mas Anoitecer gostou de você e atenuou os períodos difíceis. Se você agora seguir a ordem correta no restante da lista, vai ficar tudo bem.

– Obrigada, professor – agradeceu ela timidamente.

Alguém bateu à porta.

– Sr. Kadam? Trouxe seu café da manhã.

– Obrigada, senhorita Kelsey – disse ele atrás da porta fechada. – Acho que vou tomar só um pouco de chá. Pode se juntar a mim na biblioteca para o chá em uma hora?

– Posso, claro – respondeu ela.

Eu conhecia aquele tom de voz. Ela estava decepcionada. Kelsey provavelmente sentiu que algo estava errado, embora não soubesse o que era.

Depois que ela se afastou, eu disse:

– Você devia ter passado mais tempo com eles. Vão ficar de coração partido quando você...

Não consegui pronunciar as palavras.

– Quando eu morrer?

Assenti.

– Ficamos todos arrasados. Você se fechou no fim. Nilima pensou que estivesse doente. Você não nos deu a chance de dizer adeus. De descobrir outro caminho.

– Ah, meu filho – disse ele, sentando-se com ar cansado. – Não havia outro caminho. Não fiquei longe porque quis. Havia muito a fazer. Na verdade, ainda há.

– Não pode descansar antes de retornar ao seu tempo? – perguntou Ana.

– Viajar dessa maneira é difícil para mim. É diferente para você. O amuleto é uma parte de você agora, não é?

Ana assentiu com os olhos arregalados.

– É uma parte de vocês dois. Não vai prejudicá-los como prejudicou a mim.

– Prejudicar-nos? – perguntei, assustado.

– É. Algo aconteceu quando fui absorvido pelo meu... cadáver. Algo sobrenatural. Embora você tenha me tirado de lá, isso me modificou. Sinto a vida escoar de mim desde então. Cada salto que dou no tempo me suga um pouco mais. Temo que a morte me encontre em breve, apesar de tudo.

Percebendo a amargura em seu rosto, ele prosseguiu:

– Sei o que você está pensando, Kishan. Mas não se culpe. Mesmo que eu não houvesse tido aquela experiência memorável, o amuleto acabaria por causar o meu fim. Nunca foi para ser meu, você entende? Lokesh enlouqueceu por causa dele. Esteve de posse de muitos pedaços dele por muito tempo. Agora o amuleto está onde deveria.

Ajoelhando-me ao lado dele, fitei seus olhos normalmente brilhantes que agora, no entanto, estavam embaçados.

– Mesmo assim, não seria um consolo estar com sua família em um momento como este? – perguntei.

Ele pegou meu braço com um aperto familiar.

– Eu *estou* com a minha família – respondeu. Umedecendo os lábios secos, acrescentou: – Vocês têm sido a alegria da minha vida. Os dois. – Ele segurou o rosto de Ana. – É animador para mim ter tido esse tempo extra com vocês. Eu não poderia ter pedido um presente maior do que ter sido parte de suas vidas.

Uma lágrima delicada rolou pelo rosto de Ana.

– Não chore por mim, minha querida. Pelo menos, ainda não. Há mais por vir e vocês dois têm muitas coisas a fazer.

Ficamos de pé e Ana fez um gesto com a mão sobre a mesa dele. O cheiro de chá de hortelã encheu a sala.

– Obrigado, querida – disse ele.

Antes de sairmos, falei:

– Só quero que você saiba...

– Ainda há tempo, filho – interrompeu ele em voz baixa. – Guarde suas palavras por enquanto. Também tenho muito a lhe dizer no futuro.

Olhei para seus olhos úmidos e assenti com a cabeça.

– Até logo.

Com isso, desaparecemos e nos rematerializamos no templo dourado em Mangalore.

Olhamos para a estátua de Durga sentada em um trono dourado. Ana a avaliou de um lado a outro.

– Não é uma semelhança muito lisonjeira – concluiu.

– Nada se compara à verdadeira – comentei com um sorriso.

– Isso é flertar? – perguntou ela.

– Talvez seja.

– Hum... – Virando-se novamente para a estátua, ela disse: – Não gosto do chapéu. Que guerreiro usa uma coisa dessas? Por que sempre me colocam tiaras tolas em vez de um elmo e uma armadura?

– Talvez não se lembrem de você dessa maneira. – Ouvimos um carro encostar do lado de fora. – Acho que está na hora – falei.

Ana fez que sim com a cabeça e rapidamente colocamos as mãos na parede, criando uma impressão para Kelsey, e em seguida ela desapareceu, enquanto eu me dessincronizava com o tempo.

Fazendo barulho, o grupo entrou no templo.

“As coisas podem ficar um pouco agitadas, por isso tomem cuidado”, disse Kelsey.

Eles colocaram as oferendas e falaram, um de cada vez. Kadam, em particular, chamou minha atenção quando disse:

“Ajude-me a acudir os meus príncipes e pôr fim a seu sofrimento.”

Pobre e leal Kadam. Ele havia obtido seu desejo, embora tivesse lhe custado muito. Fiz um pedido por ele naquele momento. Para que se mantivesse por perto até o fim. Era bobagem. Eu sabia que o que havia ocorrido já estava feito e não havia como mudar. Mas, mesmo assim, ele era um pai para mim, um amigo, tão amado como meu irmão e meus pais. Se eu pudesse fazer por ele algo que tivesse metade da importância do que ele fizera por mim, então eu teria dado um pequeno passo para recompensar um grande homem.

Kelsey disse a Ren e a meu outro eu que se transformassem em tigres, e foi o que eles fizeram, mas a deusa não mostrou seu poder. Quando Ren segurou a mão de Kelsey, as coisas começaram a acontecer. Perguntei-me por que Ana não agiu antes. Certamente nada a impediu. Não com o poder do amuleto à disposição.

Assim que os ventos e a água vieram, firmei as pernas no chão e, quando a inundação se derramou sobre minha cabeça, eu me achava envolto por uma protetora bolha de ar. Um vento leve circulava a meu redor e eu respirava sem dificuldade, enquanto os outros se debatiam. Eu me senti mal, sabendo que estavam com medo e lutando muito, mas, ao mesmo tempo, sabia que ficariam bem.

Depois que a água escoou, deixando o chão coberto de lama e detritos, meu antigo eu se aproximou da estátua segurando um bastão fosforescente para lançar luz no templo escuro. Kelsey tocou a parede com a mão e uma chuva suave caiu sobre todo o lugar. A deusa foi revelada em todo o esplendor e meu coração se derreteu diante de sua aparência. Ela me dirigiu um lindo sorriso. O chapéu que usava deslizou ligeiramente e só eu captei a leve irritação em sua expressão quando ela o empurrou, tirando-o da cabeça.

Com exceção dos braços, ela se parecia muito mais com ela mesma do que nos outros templos. O vestido verde não era diferente de seu traje de caça. Caía-lhe muito bem. E, quando não estava com as botas confortáveis, ela preferia ficar

descalça, de qualquer maneira. Mesmo em seu trono, em casa, ela costumava dobrar as pernas, enfiando os pés nus debaixo das saias enquanto entretinha os convidados.

Estávamos todos molhados da pancada de chuva, até eu, e vê-la espremer a água dos cabelos, o vestido encharcado colado a suas curvas, fez com que minha respiração ficasse presa no peito. Ana me deu uma piscadela e olhei para minhas roupas enopadas e ergui as sobancelhas. Ela riu, um som musical e alegre.

Olhando para Kelsey, ela disse:

“Ah, Kelsey, suas oferendas foram aceitas.” Seus olhos pousaram em cada um deles e depois, mais claramente, em mim. Ela estalou a língua. “Ah, mas vocês estão todos desconfortáveis. Deixem-me ajudar.”

Ela então fez aquela coisa da limpeza a seco de que eu me lembrava. E, enquanto seu arco-íris envolvia meu corpo, me limpando, secando e vestindo em segundos, senti o leve toque dos dedos da deusa em meus cabelos e depois descendo pelo pescoço. Ela fez um movimento com o dedo curvado, me chamando, e tive de me segurar para não empurrar os outros, tirando-os do caminho, e ir até ela, especialmente quando vi como estava linda no vestido cintilante. Eu queria acariciar aqueles braços de alabastro e sussurrar coisas escandalosas em seu ouvido.

Ana teve uma breve reunião com Fanindra e depois achou a oferenda de seda de Nilima. Lembrei-me de quando ela estivera com Nilima e prometera que não só ajudaria Kelsey a encontrar a felicidade, mas também ajudaria Nilima. Fiquei feliz por Nilima e Sunil terem se encontrado. Talvez o destino tenha se cumprido em mais de uma forma.

Em seguida, Ana pediu para falar com Kadam. Discorrendo sobre sacrifícios, ela lhe disse o que nós dois desejávamos muito dizer. Ele era tão importante para ela quanto para mim. Mais uma vez, escutei as palavras dela com atenção. Tinham mais significado para mim agora do que quando as ouvi pela primeira vez.

“Se pelo menos houvesse mais homens, mais pais como você”, disse ela. “Percebo que tem muito orgulho deles e que são sua fonte de alegria. A maior bênção e a maior satisfação que um pai pode ter é passar os anos criando os filhos e então ver os resultados gloriosos: descendentes fortes e nobres, que se

lembram de suas lições e que vão transmiti-las aos seus. Isso é o que todo bom pai deseja. O seu nome será lembrado com muito respeito e amor.”

Nesse momento fiz uma promessa junto com ela: que eu de fato me lembraria dele e de tudo que tinha feito por nós. Foi muito justo Kelsey ter batizado seu primeiro filho com o nome de Anik, em homenagem a ele.

Em seguida, ela me chamou.

“Meu tigre de ébano, chegue mais perto.”

Minha atenção se concentrou no meu antigo eu. Eu me aproximei, estreitando os olhos e dando-lhe um aviso silencioso. Mas, afora oferecer sua mão para um beijo e me lançar um olhar atrevido, Ana foi uma boa garota. Ela lhes deu o *kamandal* e o tridente, explicando como funcionavam, e até fez uma demonstração da arma.

Em seguida, quis falar com Kelsey sozinha. Depois que todos saíram, ela perguntou:

“Por que ainda está tão triste, querida? Eu não cumpri minha promessa de cuidar do seu tigre?”

“Cumpriu. Ele voltou e está a salvo, mas não se lembra de mim. Ele me bloqueou e diz que não devemos ficar juntos.”

Ana pensou no que dizer e olhou para mim. Por fim, disse:

“O que tiver que ser, será. Todas as coisas neste universo são conhecidas e, no entanto, os mortais ainda precisam descobrir seus propósitos, seu destino, e devem fazer escolhas que os levem ao caminho que desejam percorrer. Sim. O seu tigre branco tomou a decisão de apagar você da memória.”

“Mas por quê?”

“Porque ele a ama.”

“Isso não faz o menor sentido.”

“Geralmente as coisas não fazem muito sentido quando você as observa de perto demais. Dê um passo para trás e tente ver o quadro todo.”

Invisível para Kells, subi no estrado e segurei uma das mãos de Ana. Ela apertou a minha de leve.

“Muitos sacrifícios já foram feitos em seu favor”, continuou Ana. “Muitas donzelas vêm a este altar em busca da minha bênção. Elas desejam um marido

virtuoso e querem ter uma vida boa. Isso é o que você deseja também, Kelsey? Um rapaz honesto e generoso para ser o companheiro da sua vida?"

Os olhos de Ana encontraram os meus rapidamente. Era isso que Ana estava procurando também?

"Eu... na verdade, não estou pensando em casamento, para ser sincera. Mas, sim, gostaria que o companheiro da minha vida fosse honesto e generoso. E meu amigo."

Ana estremeceu ao ouvir aquilo.

"Quero amá-lo sem arrependimentos", concluiu Kelsey.

Suspirando suavemente, Ana aconselhou:

"Arreponder-se é se decepcionar consigo mesma e com suas escolhas. Os sábios veem a vida como um caminho de pedras que cruza um grande rio. Todo mundo escorrega em uma pedra de vez em quando. Ninguém é capaz de atravessar o rio sem se molhar. O sucesso é medido pela chegada ao outro lado, não pela lama em seus sapatos. As pessoas que se arrependem são aquelas que não compreendem a razão da vida. Elas ficam tão desiludidas que param no meio do rio e não dão o próximo passo."

Kelsey não notou o fato de Ana ter engolido em seco. Eu sabia que o conselho que ela estava dando a Kelsey era algo que ela vinha pensando de si mesma. *Você também pode dar o próximo passo*, pensei para ela. *Estarei aqui para segurá-la*.

"Não tenha medo", acrescentou Ana, passando a mão pelos cabelos de Kelsey. Eu nunca a tinha visto ser tão carinhosa com Kelsey antes. Anamika estava mudando de uma maneira que eu não pensava que fosse capaz. "Ele será seu amigo, seu companheiro em todos os sentidos. E você vai amá-lo com mais ardor do que jamais amou antes. Vai amá-lo tanto quanto ele a ama. Você será feliz", disse Ana com fervor, e apertou minha mão com uma determinação igualmente apaixonada.

Kelsey não percebeu como os dedos de Ana ficaram brancos de tanto apertar os braços do trono.

"Mas qual dos irmãos vai ser?", perguntou Kelsey.

Ana sorriu discretamente e disse:

“Da mesma forma, vou levar em consideração sua irmã, Nilima. Uma mulher com tanta devoção também precisa de amor. Tome isto.” Ela entregou a Kelsey um colar de flores de lótus. “Não possuí nenhum poder especial, a não ser que os botões nunca murcham, mas terá uma função na sua viagem.”

Franzindo a testa, me perguntei como Ana sabia sobre as flores. Eu não tinha contado nada sobre as flores de lótus nem a sereia, mas ela parecia já saber. Será que podia ver o futuro? Teria Kadam contado a ela? Talvez fosse apenas um presente. As flores que tinham estado penduradas na estátua ficaram com ela. Olhei para a guirlanda e notei, pela primeira vez, como as flores tinham se iluminado e ganhado vida só por tocarem sua pele. Não era surpresa alguma. Era assim que eu também me sentia quando a tocava.

“Quero que você aprenda a lição do lótus”, disse ela a Kelsey. Ana adorava todas as flores, e a flor de lótus não era exceção. Não me surpreendeu que ela soubesse como elas cresciam. “Esta flor surge de águas enlameadas. Ergue suas pétalas delicadas ao sol e perfuma o mundo, enquanto, ao mesmo tempo, suas raízes se prendem ao húmus elementar, à própria essência da experiência mortal. Sem esse solo, a flor murcharia e morreria. Cave fundo e fortaleça suas raízes, minha filha, pois você vai se estender para cima, irromper da água e encontrar paz na superfície calma no final. Irá descobrir que, se não tivesse se estendido, teria se afogado no fundo, sem florescer nem compartilhar seu dom com os outros.”

Sem que Kelsey pudesse me ver, curvei-me e toquei a testa de Ana com os lábios. Um braço envolveu minha cintura e outro acariciou meus cabelos.

“Está na hora de me deixar, preciosa”, disse ela a Kelsey. “Leve Fanindra. Quando chegar à Cidade dos Sete Pagodes, procure o Templo da Praia. Uma mulher está à sua espera lá. Ela vai lhe dar a orientação de que precisa para sua viagem.”

“Obrigada. Por tudo”, disse Kelsey.

O ouro escorreu sobre Ana e a cobriu. Quando os outros se foram, Ana apareceu diante de mim, ainda usando o vestido verde esvoaçante, os pés descalços. Em sua mão trazia o retalho de seda de Nilima. Toquei seu queixo com a ponta do dedo e virei seu rosto para ela me olhar.

– Você se saiu muito bem – elogiei. – Mas por que só apareceu depois que Kelsey segurou a mão de Ren?

Ela deu de ombros.

– Pareciam infelizes. Quis ajudá-los a estreitar a distância que existia entre eles.

– Você é uma deusa generosa – falei, sorrindo, mas em seguida fiquei sério ao ver sua preocupação.

– Sohan? – disse ela.

– Sim, minha bela senhora.

– Não quero me afogar no fundo do rio.

– Eu também acho que você não quer isso.

– Você...

Ela suspirou de leve, o sopro de ar levantando uma mecha de seus cabelos escuros. Eu a afastei de seu rosto com o polegar.

– Eu o quê, Ana?

– Me beija?



O beijo gélido da sereia

Tomando seu rosto delicadamente nas mãos, perguntei:

– Você quer praticar?

Ana assentiu e agarrou minha camisa, me puxando para ela. Cobri as mãos dela com as minhas e apertei, detendo-as.

– Embora eu aprecie seu entusiasmo diante da tarefa, o beijo nem sempre é uma coisa selvagem e descontrolada. Pode ser suave e doce.

Ana franziu a testa.

– Não sou uma mulher suave.

Sacudindo a cabeça, repliquei:

– Você é uma mulher apaixonada. Isso não significa que não seja... suave. – Segurei seu rosto. – Eu vejo quem você é por dentro, Ana. Seu coração é terno, apesar de toda a rude bravata que você demonstra para seus homens. Eu sei que foi assim que você os manteve longe e entendo por que agiu assim.

Enquanto falava, eu traçava o arco de sua sobancelha com o dedo.

Ela mordeu o lábio.

– Eu não sei o que fazer ou o que você quer de mim, Sohan.

Refletindo, eu disse:

– Pense no beijo como a degustação de uma fruta madura. Saboreie. Lamba devagar o suco em seus dedos. Aprecie o sabor, a textura. Se você engole rápido demais, não tem tempo de desfrutá-la.

– Muito bem – disse ela, impaciente. – Vou tentar fazer como você pede. Mas, se você tivesse me beijado quando pedi da primeira vez, a esta altura isso já estaria resolvido.

– Ah, minha bela senhora – retruquei, acariciando-lhe o pescoço –, não pretendo ter nada “resolvido” com você por muito, muito tempo.

Ela abriu a boca para fazer outra pergunta, mas eu cobri seus lábios com os dedos.

– Shh. Agora, feche os olhos.

Ela os semicerrou, desconfiada, mas fez como instruí.

– Ótimo. Agora feche a mente para tudo. Deixe o corpo ficar imóvel e calmo, como se estivesse se concentrando para uma batalha.

Devagar, deslizei a mão por seu pescoço e segurei seu braço com a outra mão. Aproximando-me mais dela, encostei o nariz em seus cabelos e inspirei profundamente. Eu quase podia sentir o sabor do aroma de rosa e jasmim enquanto meus lábios tocavam a delicada curva entre seu ombro e o pescoço. Deslizei a boca, de leve, sem beijar a pele dourada, apenas roçando-a com os lábios, subindo até o maxilar.

Uma vez ali, tornei a descer pela pele lisa, dessa vez pousando beijos cálidos em cada centímetro dela. Com uma lentidão torturante, fui até o canto de sua boca e deslizei a mão pelo braço até o ponto em sua cintura onde a curva do quadril começava. Então a puxei para mim, encaixando seu corpo no meu.

Tremendo em meus braços, Ana tentou me beijar.

– Ainda não, amor – murmurei de encontro à sua boca.

Deliberadamente, levei os lábios a suas pálpebras delicadas e à ponta do nariz. Ela estremeceu quando capturei o lóbulo de sua orelha entre os dentes e só então, finalmente, de modo bem lento, voltei aos lábios. Minha boca pairou sobre a dela por um torturante segundo e enfim cedi à dolorosa necessidade de beijá-la.

O gemido de prazer que ela emitiu ateou fogo em mim, mas eu o controlei, determinado a mostrar-lhe que o amor não precisava machucar. A princípio, sua

boca manteve-se firmemente pressionada à minha, mas, de maneira quase lânguida, eu a persuadi a explorar, a sentir, a provar. Enquanto ela fazia isso, eu acariciava seus cabelos, suas costas e seu rosto, aprendendo os ângulos e linhas de seu corpo.

Moldei minha boca suavemente à dela, com movimentos delicados, provocando e seduzindo, ao mesmo tempo ensinando e aprendendo. Logo percebi em minha mente um zumbido de contentamento e reconheci que era Ana ligando-se a mim em um nível subconsciente. Testar sua linguagem interior de prazer era um exercício de entrega ao qual descobri que não conseguia resistir. Quando meus dedos roçavam a parte interna de seus braços ou quando minhas mãos envolviam sua cintura, puxando-a para mim, era como se fogos de artifício explodissem em sua mente.

Cresceu em mim uma necessidade de catalogar cada um dos pontos em que ela gostava de ser tocada e, embora eu não tivesse qualquer intenção de explorar esse aspecto de nossa conexão especial integralmente naquele momento, mal podia esperar por isso. O formigamento que costumava sentir quando minha pele roçava na dela agora se multiplicara por dez e estar perto dela parecia ser a coisa certa. Beijar Ana era como voltar para casa. Não. Era como finalmente encontrar uma casa.

Quando ela quis intensificar o que estava acontecendo entre nós, recuei de propósito, interrompendo o beijo, mas continuando a acariciar seus braços.

– Por que... por que você parou? – arfbu ela. – Quero continuar praticando.

Eu sorri.

– Continuaremos, amor. Eu prometo. Mas este não é bem o momento ou o lugar para... hã, praticar. Além disso, acho que é melhor aprender uma lição de cada vez. – Ela olhou para nossas mãos entrelaçadas. – Tudo bem para você? – perguntei, baixando a cabeça para avaliar sua expressão.

– Sim. Acho que sim. – Ela afastou-se alguns passos. – Mas essa prática deixa meu corpo mais tenso do que a véspera da batalha.

Rindo, eu disse:

– Também me afeta assim. – Olhei à nossa volta. – Até aqui, tudo bem. Parece que não criamos nenhuma outra árvore no mundo nem derretemos o templo. Venha, vamos ver se há algum maremoto se aproximando.

– O que é um maremoto? – perguntou ela quando pusemos o pé fora do templo.

– É um... bem, uma onda gigantesca que quebra na praia.

– Por que criaríamos isso?

– Não sei. Coisas estranhas acontecem quando beijo você. – As luzes ainda estavam acesas na cidade e não vi qualquer sinal de perigo iminente. – Talvez só aconteçam quando estamos brigando – sugeri.

– Não. Não estávamos brigando no Bosque dos Sonhos. Parece que a magia cresce quando estamos abraçados.

– Certo. – Meu olhar desceu novamente para sua boca e nos aproximamos. Era como se fôssemos ímãs incapazes de resistir à força de atração do outro. Antes de beijá-la outra vez, me detive a muito custo e murmurei com a voz rouca: – Vamos continuar trabalhando na lista de Kadam?

– Vamos. Quem sabe a gente encontre alguém com quem lutar para aliviar a tensão.

– Vamos torcer para isso – repliquei, entrelaçando meus dedos nos dela. – Então o que vem agora?

– Lady Bicho-da-Seda.

– É mesmo? – perguntei, passando a mão pelos cabelos. – Para onde a levou depois que vocês desapareceram?

Ana deu de ombros.

– Ela está na nossa casa, tecendo e desempenhando o papel de mãe para as criancinhas que resgatei.

– Ah. Estranho que eu não a tenha visto.

– Ela não gosta de se misturar com os soldados. Eles a deixam nervosa. Então criei uma casa só para ela atrás da nossa e lhe dei assistentes para ajudarem no trabalho. Vou mostrar a você.

Pegando minha mão, Ana nos conduziu através do tempo, de volta à nossa casa na montanha, e me levou por uma passagem escondida atrás de uma comprida tapeçaria. Eu sempre acreditara que o tecido fora um presente, mas agora via o que era de fato: uma imagem bordada de Lady Bicho-da-Seda sentada junto a uma janela, costurando. Quando examinei o tecido onde estava a

agulha, vi a imagem inacabada de seu jovem amado, o pobre rapaz que eu vira morrer.

Seguindo por um corredor, fiquei surpreso ao vê-lo abrir-se em uma confortável sala de estar. Mulheres passavam, atarefadas, carregando bobinas de linha, bandejas de comida ou fardos de tecido. Duas delas conversavam amistosamente enquanto teciam no canto, em grandes teares, e outras se sentavam em cadeiras, tricotando grossos xales ou fiando rendas delicadas.

Ana me conduziu por uma escadaria sinuosa até uma grossa porta de madeira, onde bateu com os nós dos dedos. O cheiro de lavanda pairava no ar.

– Quem é? – perguntou uma voz vinda de dentro.

– É Anamika – replicou ela.

Achei curioso que ela usasse seu nome de batismo, não o da deusa Durga.

A porta se abriu um instante depois. O sorriso largo da mulher desapareceu quando me viu de pé atrás de Ana. Ela alisou o vestido com a mão e prendeu alguns fios de cabelo soltos. Sua expressão relaxada mudou e tornou-se rígida e formal com a minha presença ali, não mais à vontade como se mostrara com Ana.

– Não se preocupe com ele – disse Ana, apontando para mim. – É meu protetor.

– Ah – murmurou Lady Bicho-da-Seda com uma mesura. – Então lhe dou as boas-vindas. Mas certamente você não precisa se proteger de mim – disse a mulher com uma risadinha.

– Não mesmo – replicou Ana, sorrindo suavemente. – Na verdade, estamos trabalhando juntos em uma tarefa e precisamos de sua ajuda.

– É claro. O que posso criar para vocês? – Ela olhou para baixo. – Ah, estou vendo!

A mulher pegou o retalho de seda que Ana trazia na mão e o aproximou do rosto para examiná-lo. Era o tecido da oferenda de Nilima, mas não tinha o mesmo aspecto. Quando Kelsey o colocara aos pés da estátua, era um simples pedaço de seda verde, bonito e luxuoso, mas sem nada de extraordinário. Agora ele faiscava e crepitava, os fios de seda pulsando com ondas de luz.

– Que lindo! – exclamou Lady Bicho-da-Seda.

– Este é aquele... – comecei.

Ana assentiu, antecipando minha pergunta:

– É. A oferenda de Nilima.

– O que aconteceu com ele? – perguntei.

Umedecendo os lábios, Ana me dirigiu um olhar carregado de significado.

– Creio que *nós* acontecemos a ele.

Minha boca se escancarou em um “oh” e estendi a mão para tocá-lo. O tecido vibrava sob a ponta de meus dedos.

– Posso fazer algo verdadeiramente excepcional com estes fios – disse Lady Bicho-da-Seda –, embora vá me tomar um bom tempo desmanchar o tecido sem partir os fios. Para quando vocês precisam?

– Você pode ficar com ele e fazer o que quiser. No entanto, não espero que nada seja criado imediatamente. No momento, precisamos de sua ajuda em outra coisa.

Com cuidado, a mulher ergueu a tampa de uma cesta. Havia vários buracos no topo e fios de cores diferentes saíam por eles. Empurrando para o lado algumas meadas de fios de seda, a mulher colocou o tecido brilhante dentro da cesta e a fechou antes de se virar para Ana.

– Como posso ajudar? – perguntou.

Rapidamente explicamos como ela deveria ajudar Kelsey em sua missão. Contei a ela o que me lembrava da melhor maneira possível e disse que estaríamos por perto, que atrairíamos Kelsey para o templo para que elas pudessem conversar em particular. Na mesma hora, Lady Bicho-da-Seda pegou uma cestinha, pendurou-a no braço e disse que estava pronta.

Canalizando o poder do Amuleto de Damon, Ana levou nós três para o distante Templo da Praia. Virei-me para a água, olhando o grande iate ancorado não muito longe dali, e o apontei para Anamika. Ela protegia os olhos do sol usando a mão, mas ainda assim pude vê-los se arregalarem.

– Onde estão as velas e os remadores? – perguntou.

– Máquinas de metal impulsionam o barco. Você gosta? – perguntei.

– É... grande. – Ela voltou-se para mim. – Tudo que é fabricado no tempo de Kelsey é desse tamanho?

Enquanto Lady Bicho-da-Seda exclamava alguma coisa sobre o templo e se afastava para examinar uma estátua, respondi:

– Muitas coisas são. O iate é algo de que vou sentir falta. Ele foi batizado em homenagem à minha mãe.

Ana franziu a testa.

– Acho que sua mãe preferiria um homônimo menor, mais delicado. Nenhuma mulher quer seu nome emprestado a algo do tamanho de cinquenta elefantes. – Ana me cutucou com o braço. – De que mais você sente falta, Sohan? – perguntou.

– Bem, tem a motocicleta. A academia de ginástica. O cinema.

Ana fez uma careta.

– Não quero mais saber. Você está falando por enigmas.

Passei o braço pelos ombros dela.

– Posso ensinar sobre cada uma dessas coisas a você, assim que acabarmos com a lista de Kadam.

– O que é aquilo? – indagou Lady Bicho-da-Seda, apontando para o mar.

A proximidade de Ana quase me fizera esquecer por que e com quem estávamos ali.

– É outro barco. Menor. Isso significa que eles estão vindo – respondi.

O som da lancha foi se tornando mais alto.

– Espere aqui – disse Ana. – Vou preparar um lugar para ela se encontrar com Kelsey.

Ana e Lady Bicho-da-Seda desapareceram, enquanto eu me escondia atrás de uma estátua. Elas não voltaram logo, o que me deixou preocupado. O que Ana poderia estar fazendo para demorar tanto? A lancha atracou e Kadam, Kelsey, Ren e meu antigo eu saltaram em terra. Ren e eu empunhávamos nossas armas novas, alertas ao perigo. Eles passaram por mim sem me ver, posto que eu havia me dessincronizado com o tempo e, lembrando-me do risco, me mantive bem longe de meu antigo eu.

O grupo desapareceu no interior do primeiro templo, Kadam conversando com Kelsey sobre uma variedade de coisas. Captei as palavras *domo* e *santuário*, mas ignorei-as em grande medida. *Onde está Ana?*, tornei a pensar, ficando mais preocupado a cada momento que passava. Pressenti sua presença antes de vê-la e virei-me para a praia. Lá estava Ana, agora usando um vestido

branco que se arrastava atrás dela na areia. Um longo véu cobria seus cabelos e os pés estavam descalços.

Imediatamente me preparei para correr até ela, mas Ana ergueu os olhos, alarmada, e levou o dedo indicador à frente dos lábios. Olhei para trás e vi Kells ali parada, olhando através de mim diretamente para ela. *Teria ela visto Ana?* Então me lembrei que sim. Na ocasião, tínhamos atribuído o fato à imaginação de Kelsey, e depois, quando falamos a respeito, presumimos que ela havia visto Lady Bicho-da-Seda. Quando tornei a olhar, Ana havia desaparecido, mas apenas alguns segundos se passaram antes que eu a sentisse tocar meu ombro.

Envolvi-a com os braços, agradecido ao ver que ela agora havia se dessincronizado com o tempo também.

– O que aconteceu? – perguntei. – Por que você desapareceu por tanto tempo?

Ana recuou um passo e me dirigiu um olhar de culpa.

– Peço desculpas – disse ela. – Sei que você não gosta que eu atenda a meus deveres sem você. Mas o chamado era forte demais para que eu ignorasse.

– Chamado? Que chamado?

– Era uma espécie de limpeza. Havia muitas mulheres sofendo. Muitas devotas. Muitas preces. Eu tinha que ajudar.

– Você correu perigo? – perguntei.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não. Era uma peste. A água do poço estava contaminada. Adicionar o elixir do *kamandal* ajudou a limpar a água, mas elas precisavam de cura e a maior parte estava fraca demais para tirar água do poço sozinha. Fui enfermeira para aquelas que não tinham ninguém para ajudar e passei muitas horas indo de casa em casa. Não me envolvi em nenhuma batalha, então pensei que você não se importaria.

– Eu ainda quero saber aonde você vai, Ana. – Toquei seu rosto e o véu escorregou de seus cabelos, mostrando-me os olhos avermelhados. – Você está cansada – falei. – Deveria ter me chamado. Eu teria ajudado.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não queria tirá-lo daqui, porque eles poderiam precisar de sua intervenção. Eu teria voltado antes, mas calculei mal o tempo e me esqueci de ocultar minha

presença. Acho que Kelsey me viu.

– Ela viu, sim – confirmei. – Mas não tem problema. Vá para casa e descanse. Vou chamá-la assim que levar Lady Bicho-da-Seda de volta.

Ana assentiu e, depois de eu tocar seu ombro para tranquilizá-la, se foi. Concluir a lista precisava ser nossa prioridade. Ana e eu tínhamos outros trabalhos para fazer. Eu vinha efetivamente ignorando os gritos dos suplicantes que imploravam a ajuda da deusa, mas eles não pediam diretamente a mim, portanto não me perturbava tanto quanto a ela. O fardo cósmico devia estar sobrecarregando-a o tempo todo. Eu teria de ajudá-la mais no futuro.

Ao entrar no templo, vi que tinha chegado na hora H. Eles estavam prestes a entrar na sala onde Kells desapareceu. Arquejei, vendo as paredes completamente nuas, e parei o tempo para criar os entalhes de que me lembrava, depois pus o tempo para correr outra vez. Quando Kelsey começou a traçar com o dedo um fio entalhado na parede do templo, recordei-me de repente de que meu trabalho ainda não tinha acabado.

Fechando os olhos, busquei me lembrar de como Ana usava o poder do amuleto. Eu estava tentando abrir uma passagem que levasse a Lady Bicho-da-Seda, mas que só Kelsey pudesse ver, porém acabei criando uma mariposa. Franzindo a testa, tentei novamente, meus lábios se movendo enquanto eu sussurrava minhas instruções de novo. Dessa vez, a mariposa bateu as asas e uma luz pulsou por trás dos entalhes na pedra.

Como se eu estivesse fazendo exercícios de aquecimento no tai chi, estendi a mão à frente, a palma voltada para fora, e o corpo de Kelsey foi empurrado para dentro da parede. Entrei em pânico por um segundo e corri até ela, aliviado ao ver que estava bem. Então a segui, conduzindo-a com meu poder até entrarmos na bolha no tempo criada por Ana para que Kells se encontrasse com Lady Bicho-da-Seda. Fiquei observando as duas conversando e costurando e acabei me distraindo com meus pensamentos quando Lady Bicho-da-Seda falou de prática e paciência. Fez com que eu me lembrasse da prática do beijo com Ana.

Lady Bicho-da-Seda contou a história do rapaz que ela amava, aquele que não pude salvar, e a culpa tomou conta de mim. Eu sabia que Kadam tinha seus motivos, mas, se alguém me dissesse que eu deveria deixar Ana morrer, eu daria

um soco na cara dessa pessoa, mesmo que fosse Kadam, e faria tudo que estivesse a meu alcance para salvá-la.

Enquanto bordava com Kelsey, Lady Bicho-da-Seda prosseguiu contando sua história. Ela não fez qualquer menção a mim. A única coisa que a pobrezinha se lembrava era de ser resgatada pela deusa. Perguntei-me se deveria confessar minha parte naquilo tudo, mas decidi que era melhor não. Nada mudaria com isso. Voltar a esse assunto só causaria mais sofrimento.

Quando chegou a hora de Kelsey retornar, usei o mesmo método que usara antes. Fechei os olhos e lhe dei um empurrão mental, mas ela se virou ou ficou presa. Eu não sabia se tinha me desconcentrado ou se apenas não estava fazendo a coisa direito. Então ouvi uma voz. Era Ren. Eu não tinha certeza se Kells ouvira ou não, mas definitivamente inclinou seu corpo na direção da voz. Sem minha ajuda, Ren de alguma maneira rompeu a barreira do tempo e agarrou a mão dela, tirando-a dali em segurança.

Talvez fosse a conexão entre ambos enquanto encarnações de Durga e de seu tigre. Os dois tinham um vínculo tão poderoso quanto o que eu compartilhava com Ana. Agora que eu havia experimentado todo o peso dessa ligação, era chocante pensar no autocontrole que Ren tivera ao abrir mão de Kelsey. Não acho que conseguiria fazer isso. Já foi difícil o bastante deixar a garota que eu amava e entregá-la a meu irmão quando não havia essa conexão entre nós. Afastar-se de Kells deve ter sido terrível para Ren. Eu não podia nem imaginar me afastar de Ana agora, seja como homem ou como tigre.

Voltando até a mulher que eu deixara para trás, esperei pacientemente que ela reunisse seus pertences. Quando se levantou, me dirigiu um olhar perspicaz.

– Onde está a deusa? – perguntou.

– Descansando. Ela estava exausta por causa de um trabalho e me pediu que a levasse para casa.

– Há... há alguma coisa que você queira me pedir? – indagou ela.

Franzi a testa. *Haveria alguma coisa?* Eu não tinha pensando nisso até então, mas, agora que ela mencionava, algo veio à superfície.

– Você pode fazer um presente para ela? Para Ana, quero dizer. Talvez um véu para seus cabelos ou um vestido? Algo que mostre como me sinto em relação a ela.

– E como é que você se sente em relação a ela?

Essa é a pergunta da vez, não é? Não havia como negar que eu me sentia atraído por ela. Que sentia sua falta quando não estava presente. Que já havia decidido que passaria o resto da minha vida com ela. *Por que é tão difícil definir o sentimento que tenho?* Quando garoto, eu me apaixonei por ela. Para a jovem Ana, eu poderia dizer facilmente que me preocupava com ela e que queria que fosse feliz. Mas quanto à mulher? Gostaria de poder conversar a respeito com Ren. Ele tinha talento com as palavras. Dizer a Kells que eu a amava ou mesmo a Yesubai que queria me casar com ela não parecera nem de longe tão difícil quanto confrontar Ana e confessar meus sentimentos. Talvez essa diferença tivesse algum significado.

Lady Bicho-da-Seda estava esperando.

– Você parece não ter certeza – disse ela. – Mas, para fazer um presente do coração, eu preciso conhecer seu coração. Posso? – perguntou.

Assenti, embora não estivesse certo do que ela estava me pedindo que fizesse até ela pousar a mão em meu peito. Lady Bicho-da-Seda fechou os olhos por um momento e senti um calor penetrar minha pele. Meu coração queimou no peito, ficando cada vez mais quente, até eu pensar que minha pele pegaria fogo. Quando ela recuou um passo, seus olhos se arregalaram.

– Bem – disse ela. – Isso foi... surpreendente.

Ela afastou-se, batendo com o dedo no lábio inferior, então virou-se de repente, os olhos brilhando.

– Já sei exatamente o que vou fazer. Não se preocupe. Você me deu uma tarefa que um mero mortal não poderia executar, mas agora tenho acesso a coisas além da imaginação dos meros mortais. Não vou desapontar você... nem ela.

– Tenho certeza disso – falei, embora não tivesse a menor ideia do que ela queria dizer. – Podemos ir?

– Sim. O tempo é curto e há muito a fazer.

Ela aceitou o braço que ofereci e aceleramos. Deixei-a junto à tapeçaria que levava à sua suíte e fui procurar Ana. Encontrei-a dormindo em seu quarto, a mão debaixo do rosto. Sentei-me ao lado dela e corri o dedo pela extensão da parte interna de seu braço, onde ela particularmente gostava. Ela moveu-se antes

que eu pudesse piscar e me vi com uma fãca pressionada contra o pescoço. Ergui as mãos.

– Desculpe – sussurrei.

Ela arquejou, sem fôlego, e desabou de volta no travesseiro, enfiando a fãca debaixo dele.

– Sou eu que peço desculpas – retrucou. – Não queria assustar você.

– Não fiquei assustado. Só surpreso. – Inclinei-me, chegando mais perto dela. – Não foram exatamente as boas-vindas que eu estava esperando.

As sobrancelhas dela se arquearam.

– E como você preferia ter sido recebido? – perguntou ela.

– Ah, você sabe. Um banquete, danças, celebração e muitos beijos.

Afastando meu braço para poder se levantar, ela disse:

– Acho bom que você não espere que eu vá enfileirar lindas donzelas fazendo biquinho para recebê-lo no futuro, Sohan.

Ana pegou a escova e a deslizou pelos cabelos em movimentos bruscos. Abraçando-a por trás, beijei sua orelha.

– Só existe uma única linda donzela que me interessa. Você dormiu? Tentei sincronizar minha volta para que você pudesse descansar.

– Dormi. – Ela se virou, mas não permiti que escapasse de meus braços. Ergui uma sobrancelha e sorri com malícia quando ela tentou se libertar, mas dava para ver que ela não queria de fato que eu a soltasse, só era teimosa demais para admitir o que queria. Ela se contorceu, tentando encontrar uma forma de se sentir confortável e relaxada enquanto eu a segurava daquela maneira.

Por fim, optou por manter as mãos levemente pressionadas contra meus bíceps e uns bons 15 centímetros entre nós. Eu preferia que estivéssemos mais perto, mas assim mesmo parecia uma vitória. Contudo, no fim, minha vitória durou pouco.

– Fico feliz que você esteja bem – disse ela e então, meio desajeitada, deu um tapa forte em meu braço, à maneira de um soldado felicitando seus companheiros sobreviventes após uma batalha.

– Lição dois em romance – eu disse, segurando seus quadris e puxando-a para mais perto. – É perfeitamente aceitável abraçar o outro. Principalmente ao se reencontrarem. O beijo apaixonado nem sempre tem de fazer parte, mas um

afetuoso beijinho nos lábios, no rosto ou na testa serve para assegurar à outra pessoa que seus sentimentos não mudaram durante o tempo em que estiveram afastados.

– Ah. Então os seus sentimentos mudaram? – provocou ela.

Respondi beijando-a suavemente no rosto.

– Não. Se alguma coisa mudou, foi que agora eles estão mais intensos do que antes.

– Seus olhos estão cor de cobre – comentou ela, inclinando a cabeça. – Isso significa que você está brincando?

– Garanto que estou falando sério.

Ana comprimiu os lábios.

– Muito bem. – Ela tocou meu queixo com seus lábios aveludados. – Isso basta?

Suspirei.

– Um homem poderia esperar mais.

– Talvez, quando ele merecer mais, ele receba.

Enquanto eu ria e refletia sobre o que poderia fazer para merecer mais, desaparecemos e nos rematerializamos no topo de uma alta montanha. Ana afastou-se para examinar as imediações.

– Onde estamos? – perguntei, tentando enxergar através da névoa.

O ar era rarefeito e frio e enchia minhas narinas com umidade e o cheiro forte de minerais. Ouvi o som de água corrente à distância.

– Temos de encontrar dragões neste lugar.

– Dragões?

– Isso é tudo que sei pela lista de Kadam – disse Ana.

Esfreguei o rosto com a mão. A montanha estava fria. Evoquei o poder do pedaço do fogo do amuleto. Logo um bolsão de ar girava em torno de nossos corpos, nos aquecendo, embora a neve na montanha permanecesse intacta.

– Se me lembro bem – falei –, os dragões surgiram há milênios.

Andamos pela montanha, procurando cavernas grandes o bastante para abrigar dragões, mas não encontramos nada. Por fim, segui em direção ao som da água e chegamos a um grande lago que transbordava, em um dos lados, derramando-se por um precipício. A água descia por degraus de pedra,

desaparecendo na neblina abaixo. Cada queda-d'água formava um pequeno poço onde a água se acumulava antes de continuar a descer pela encosta da montanha.

– Olá!

Ouvi a voz de Ana e me virei para ver o que ela estava fazendo. Ela havia se ajoelhado ao lado da piscina bem no topo, mexendo os dedos na superfície. Cabeças coloridas balançavam-se perto de seus dedos, as bocas se abrindo e fechando enquanto procuravam comida.

– Não são lindos? – perguntou ela quando me agachei a seu lado.

– São.

Sorri enquanto Ana brincava com as carpas coloridas.

– Eles fizeram uma longa viagem – informou. – Parece que saltaram de poço em poço até chegar ao topo da montanha.

– É mesmo? É um esforço e tanto. A menos que estejam na desova, eu não sabia que os peixes eram capazes disso.

– Duvido que seja essa a razão – disse Ana. – São todos machos.

– Hum...

Joguei uma pedra no lago e uma cabeça dourada surgiu à superfície. Por um breve segundo, a carpa pareceu me olhar, furiosa. Quando ela me fitou com seus grandes olhos dourados, tive a impressão de que me era familiar. Fiquei de pé abruptamente e observei o peixe grande.

– Tem quantos aí? – perguntei.

– Cinco – respondeu Ana.

Contando nos dedos enquanto os examinava, murmurei:

– Dourado, vermelho, azul, branco...

– E verde – completou Ana. – Esse é difícil de ver, porque a água aqui é bem verde.

De repente minha mente voltou a algo que eu ouvira havia muito, muito tempo.

– Ana – chamei –, tenho uma história para lhe contar.

Então narrei para ela a história, transmitida por meus ancestrais, sobre o rio Amarelo e as carpas. Há muito tempo eu havia compartilhado com Yesubai a lenda do corajoso peixe que tinha subido o rio em busca do presente dos deuses. Ela amava os peixes, assim como minha mãe. Quando contei a Ana que os

peixes se transformavam em dragões, ambos soubemos o que tínhamos de fazer. Ana sorriu e acariciou a lateral do corpo do peixe azul. Ele nadou em um círculo para que ela pudesse alcançar o outro lado.

Apontando para a queda-d'água, eu disse:

– Minha mãe me contou que a cachoeira onde essa transformação supostamente aconteceu era chamada de Portal do Dragão.

Ela olhou para baixo.

– Então talvez devêssemos tornar este lugar um pouco mais óbvio para que a história possa ser partilhada.

Erguendo as mãos, Ana canalizou seu poder e a montanha se sacudiu, pedras rolaram e se deslocaram e, quando ela terminou, o topo da queda-d'água tinha uma nova saliência, que formava o crânio de um dragão. A água jorrava de sua mandíbula aberta e depressões escavadas, com pedras de cores diferentes no centro, formavam os olhos. Pedras salientes enchiam a boca aberta para compor os dentes.

Mais abaixo, as pedras tomaram a se deslocar, assumindo a forma de um dragão em plena transformação. Ana nos fechou em uma bolha de ar e descemos a queda flutuando. Cada nível da queda foi refeito até que as pedras estivessem cobertas de entalhes no formato de carpas subindo aos saltos, cada pulo transformando-as até que, no topo, surgissem como dragões plenamente formados.

Quando Ana ficou satisfeita, voltamos ao topo e ela se virou para os peixes. Eles esperavam por ela na borda do lago e, como fizera com as outras criaturas, Ana perguntou-lhes se estavam dispostos a se transformar em algo novo. Os peixes, com o intelecto que lhes era peculiar, concordaram e Ana usou seu poder para imbuí-los de energia. Um a um, os peixes se elevaram da água e se transformaram diante de meus olhos.

As escamas se alongaram. As caudas se agitaram de um lado para outro, crescendo a cada movimento. Suas espinhas e cabeça tornaram-se irregulares, com pontas, penas, cabelos e galhadas. Chifres cresceram em suas cabeças, tão individuais quanto os próprios peixes. As barbatanas formaram as pernas e as garras malignas. O que mais me surpreendeu foi quanto isso deveria ter sido óbvio. Mesmo como peixes, eles tinham personalidades semelhantes às dos

dragões que eu conhecera. Quem poderia imaginar que peixes eram tão diferenciados?

Depois que os dragões estavam formados, eles voaram em círculos acima de nós e fiquei observando-os, tentando identificar o que havia de diferente neles. De repente, percebi. Estavam menores. Mais jovens. Talvez o equivalente a dragões adolescentes. Eu podia ver a alegria que sentiam com suas novas figuras enquanto espiralavam os corpos em torno uns dos outros.

Ana, exausta depois de tamanho investimento de poder, voltou-se para trás e segurou minha mão. Passei o braço em torno dela.

– Você está bem? – perguntei.

– Descansarei quando tivermos terminado. Mas preciso dar mais a eles.

Ela ergueu os braços.

– Venham a mim, meus dragões. Digam-me seus novos nomes e eu concederei a cada um de vocês um presente.

– Deusa – disse o dragão branco, aproximando-se –, diga-nos quem você é, para que agradeçamos à mãe que nos deu esse novo nascimento.

– Eu... – Ana fez uma pausa. – Eu sou a Mãe Terra e este – disse, apontando para mim – é o Pai Tempo.

– Mãe – disse o dragão branco –, como podemos ajudá-la?

Ana estendeu a mão e segurou a cara dele.

– Vocês servirão a nós, poderoso dragão. Mas primeiro eu lhes darei minha bênção. – Ela olhou dele para os outros. – Todos vocês são muito especiais. Serão guardiões, incumbidos de certas responsabilidades. Somente os bravos como vocês merecem uma função tão importante, por isso presenteari cada um com habilidades para ajudá-los em seus esforços. Primeiro, convoco meu dragão vermelho. Como você se chamará?

– Meu novo nome será Lóngjūn – disse o dragão vermelho e preto.

– Muito bem. Então, Lóngjūn, que acaba de nascer do oceano Pacífico, a partir de agora eu lhe atribuo o dever de guardar os céus. Quando a humanidade olhar para as estrelas, verá a sua forma e será inspirada por sua coragem. Você está abençoado com o poder do ar e da luz que preenchem o céu. Seu domínio se encontra em todos os pontos a oeste do centro. Eu lhe concedo a amplitude das estrelas.

Ana tocou-lhe a garra e soprou um beijo em sua direção. O vento fustigou seu corpo, que cintilou com o poder.

– Obrigado, Mãe – disse o dragão de olho carmesim.

Ana assentiu quando ele se afastou.

– Aproxime-se, dragão verde – chamou.

Imediatamente o dragão verde veio ondulando em nossa direção. Olhei, furioso, para a fera astuta, mas ele não sabia ainda quem eu era ou o que faria comigo no futuro. Mesmo jovem, ele me pareceu arrogante e malicioso.

– Como você se chamará? – perguntou Ana.

– Adotarei o nome de Lüsèlóng – respondeu ele, sacudindo a cabeça.

– Muito bem. Então, Lüsèlóng, que acaba de surgir do oceano Índico, a partir de agora será o incumbido da tarefa de proteger a Terra. Quando os homens cultivarem o solo, eles verão sua sombra no alto e saberão que suas colheitas serão frutíferas. Você foi contemplado com o poder da terra e a força das rochas. Seu domínio se encontra em todos os pontos a leste do centro. Eu lhe concedo a intensidade do raio.

O corpo do dragão verde reluziu e folhas verdes brotaram em suas costas. Seu peito abaulado se inflou e ele baixou até o solo, como se tivesse se tornado pesado como pedra. Então ergueu a cabeça e lançou-se ao céu mais uma vez.

– Lüsèlóng – adverti, incapaz de resistir à oportunidade de alfinetar o dragão –, talvez fosse conveniente você voltar e agradecer à sua mãe.

O dragão franziu o nariz e soltou uma baforada de ar, mas me senti gratificado ao ouvi-lo dizer, emburrado:

– Obrigado.

– O próximo, meu dragão azul – anunciou Ana.

Aguardamos enquanto ele voava lentamente em nossa direção, mostrando-se hesitante até Ana acariciar as laterais de seu corpo, como fizera quando ele era um peixe. Então ele pousou por completo, jogou-se no chão e rolou, deitando de costas para que ela coçasse sua barriga.

– Como você irá se chamar? – perguntou Ana.

O dragão bocejou portentosamente e ergueu uma pata para que ela alcançasse o lugar que ele queria. Suas escamas de um azul elétrico cintilavam com a luz.

Somente quando Ana parou ele tornou a voltar sua atenção para ela. Ainda tentou cutucá-la com o focinho para que continuasse, mas Ana se recusou.

– Você deve me responder, dragão azul.

– Muito bem – disse ele. – Pode me chamar de Qīnglóng.

– Qīnglóng, recém-saído do oceano Antártico – disse Ana –, eu o encarrego de guardar os oceanos. Quando os marinheiros içarem as velas, verão o brilho de suas escamas na água e buscarão descobrir lugares além. Com esse importante símbolo, eu lhe concedo o poder e a permeabilidade da água. Da mesma forma que você traz as tempestades, também traz a vida. Seu domínio se encontra em todos os pontos ao sul do centro. Eu lhe concedo a leveza das nuvens.

Qīnglóng não pareceu dar muita importância a seus novos poderes. Ele simplesmente soprou com irritação as penas turquesa e púrpura que brotaram em suas costas e abanou a cauda, aborrecido. Ana lhe disse que podia ir, mas ele simplesmente rolou, ficando de barriga para cima, contorceu-se na neve e adormeceu com as peminhas curtas para o ar. Quando começou a roncar, Ana resmungou e disparou contra ele uma descarga leve, porém suficiente para acordá-lo e fazê-lo se mover.

– Quem é o próximo? – perguntou Ana, irritada, tirando fios de cabelo do rosto.

– Me escolha! Me escolha! – guinchou o dragão dourado. – Eu ia dizer que você deveria guardar o melhor para o fim, mas para que perder tempo quando se tem o melhor bem à sua frente?

Ana sorriu.

– Dragão dourado...

– Espere. Espere – implorou o dragão. – Você deve saber que não vivo terrivelmente preocupado com os outros. Alguns podem me chamar de egoísta. Assim, acho que é melhor você me conceder algo em que sabe que irei me destacar, como comer ou encontrar os melhores lugares para tomar banho de sol. Ah! Que tal ser lindo? Sou o mais deslumbrante dos dragões. Pode parecer que estou me gabando, mas você já estava pensando nisso, então não é me gabar de fato, certo? É apenas constatar o óbvio.

– Vou levar em consideração suas sugestões – disse Ana. – Como vai se chamar?

– Bem, essa é uma pergunta fascinante, não é mesmo? Existem tantas palavras que se poderia usar para descrever um dragão como eu. Indestrutível me vem à mente. Mas isso poderia incentivar os cavaleiros, não acha? Por outro lado, um nome como Mensageiro da Morte pode manter a plebe afastada. Sei que não quero nenhum nome bobo como Escamas Cintilantes ou Garra Afiada, embora eu seja o primeiro a admitir que provavelmente vou atacar quando estiver estressado. – Ele girou no ar, continuando seu monólogo: – E, definitivamente, nada com um “de” no título, como Protetor de, Campeão de ou Mensageiro de. Não. Existe muita expectativa atrelada a um nome assim.

Ana suspirou e, mentalmente, eu sugeri seu nome.

– Que tal Jînsèlóng?

O dragão fez uma careta.

– Jînsèlóng? Acho que não. É genérico demais para um ser tão complexo quanto eu.

– Talvez você tenha razão – disse Ana. – Por que não o usamos por enquanto, como um apelido? Assim você pode ter todo o tempo do mundo para pensar e voltar a mim quando tiver escolhido o nome definitivo.

– Acho que assim está bem – aceitou ele. – Desde que todos por aqui saibam que a questão ainda não está fechada.

– Muito bem. Então, Jînsèlóng, recém-surgido do oceano Atlântico, eu lhe dou o dever de guardar os tesouros da Terra, tanto os ocultos nas profundezas das montanhas quanto aqueles criados pelos humanos. Quando a humanidade vir sua imagem na arte ou em entalhes, será inspirada por sua beleza, terá a imaginação despertada e criará. Com esse dever em mente, eu lhe concedo o poder do discernimento e o comando dos elementos para que você possa ir em busca do que é mais precioso e protegê-lo. Seu domínio se encontra em todos os pontos ao norte do centro. Eu lhe confiro a continuidade das ondas.

O dragão estremeceu quando suas escamas endureceram e se tornaram tão variadas na cor quanto os metais preciosos da Terra.

– Sou-lhe grato pelo presente que está me dando, não me entenda mal – disse o dragão para Ana –, mas tenho algumas perguntas relativas aos meus deveres.

– Confio plenamente em você – replicou Ana. – Se alguém pode proteger a riqueza e a beleza deste mundo, é você. – Inclinando-se para ele, sussurrou no ouvido do dragão: – É melhor não ficar falando muito sobre os seus deveres – disse. – Seus irmãos podem ficar com mais ciúme de você do que já têm.

O dragão dourado olhou na direção do dragão branco e estreitou os olhos com astúcia. Então voltou-se para Ana.

– Conselho muito sábio – falou, em um sussurro audível. – Falaremos mais a respeito em outro momento.

Ana piscou para ele, que se afastou, enrolou o corpo em um círculo e olhou com raiva os irmãos, como se eles quisessem roubar seu poder. Reprimi uma risada. Ela fora muito hábil ao lidar com ele. Tinha muita experiência no trato com soldados de todos os tipos. Dragões não eram assim tão diferentes, no geral.

– Dragão branco – disse Ana –, você é o próximo.

Quando ele se aproximou, soprou uma névoa gelada sobre nós.

– Desculpem – disse ele. – Ainda estou me acostumando à vida fora d’água.

Murmurei entre dentes:

– Eu não contaria com isso por muito tempo.

– Como vai se chamar? – perguntou-lhe Ana.

Ele hesitou por um momento, olhando nos olhos da deusa enquanto ela olhava nos dele. Tive a sensação de que estavam se comunicando mentalmente, embora eu não ouvisse nada.

– Acredito que deva adotar o nome de Yínbáilóng – respondeu o dragão.

– É uma escolha muito apropriada – disse Ana, apurando os ombros, como se tomasse uma decisão. – Yínbáilóng, que acaba de nascer do oceano Ártico, será o líder de seus irmãos. Como tal, eu lhe outorgo o dever de protegê-los, assim como a todos os habitantes da Terra. Seu domínio se estende até muito distante, tocando todos os mundos que circulam o Sol. Quando os homens voltarem o rosto para buscar a calidez dourada de seus raios, sentirão sua proteção e serão lembrados do que significa ser nobre e sábio. Por causa disso, eu lhe atribuo os poderes do bom senso e a habilidade de equilibrar todas as coisas. Seu domínio é o centro. Não o centro deste mundo, mas o centro de todas as coisas. Eu lhe concedo a quietude da neve.

Quando o poder a deixou mais uma vez, o corpo do dragão branco reluziu. Pingentes de gelo cresceram sobre seus chifres e o pelo em suas costas tornou-se espesso e branco. Eu agora sustentava totalmente o peso dela.

– Sohan – sussurrou ela e abriu a boca, como se fosse falar mais, mas seus olhos se reviraram.

– Ana? – Eu a peguei quando ela perdeu as forças. – Ana!

– Ela só está exausta, Pai – disse Yínbáilóng. – Mas, se você nos guiar, podemos ajudar. Ponha a mão no peito dela e nós cinco poderemos recorrer ao poder dos corpos celestiais aos quais agora estamos ligados. Venham, irmãos.

Todos se aproximaram, as imensas cabeças balançando-se juntas. O dragão branco me disse que atuaria como veículo, canalizando o poder dos outros. Usando nossa conexão, verti minha energia para Ana através da palma de minha mão. O processo começou e os cinco dragões se encheram de uma luz que explodiu e se projetou sobre a montanha, criando um matiz de arco-íris que iluminou o céu. O feixe colorido envolveu Yínbáilóng.

Uma coluna de luz me atingiu e cambaleei por um instante, mas mantive Ana segura com firmeza. Olhando para cima, vi que a luz vinha dos olhos de Yínbáilóng. O calor envolveu meu corpo e, quando abri a mente para os dragões, vi cada um deles através de um novo olhar. O pedaço do tempo do amuleto me mostrou o que eles fariam e como influenciariam a humanidade ao longo dos éons. Aparentemente, eles viram o mesmo que eu.

Quem é você, Pai, que pode nos mostrar tais maravilhas?, perguntaram eles em minha mente.

Enquanto eu canalizava a energia do cosmo a partir da oferenda que os dragões fizeram, conduzindo-a para Ana, respondi: *Sou aquele que vaga. Aquele que sabe tudo, mas prefere vivenciar o mundo como alguém alheio. Um dia, sua mãe e eu deixaremos os mistérios deste mundo para vocês cinco, mas, por ora, deem-se por satisfeitos. Aprendam e cresçam, e usem sua grande influência para o benefício de outros.*

Sim, Pai, responderam os cinco dragões.

Ana piscou lentamente e eu a aconcheguei a mim.

– Obrigada, meus grandiosos filhos – disse Ana, tocando o dragão vermelho.

– Há mais alguma coisa que possamos fazer por vocês? – indagou Lóngjūn.

– Sim – disse Ana. – Um dia virão viajantes em busca de sua ajuda. Eles terão o toque da deusa. Ajudem essas pessoas em suas causas e saibam que, quando as ajudarem, estarão ajudando a mim. Se algum dia precisarem de mim, basta chamar e eu ouvirei sua súplica e mandarei ajuda no que me for possível. Agora vão – instou ela. – Construam palácios em seus domínios e encontrem paz e segurança em seus novos lares.

Um a um, os dragões elevaram-se no ar, ondulando como fitas ao vento. Quando o último desapareceu nas nuvens, perguntei a Ana:

– Como você está, de verdade?

– Estou me recobrando enquanto fálamos. Pode me pôr no chão agora. Acho que posso ficar de pé.

– E se eu gostar de ter você exatamente onde está? – perguntei, acariciando-lhe a orelha com meu nariz.

– Pensei que aqueles beijinhos fossem para receber alguém que estivesse longe de casa.

– Podem ser para outras coisas também – falei, beijando a curva de seu pescoço.

– Haverá tempo para uma terceira aula mais tarde. Estamos quase chegando ao fim da lista.

Ergui a cabeça, surpreso.

– Verdade? Pensei que nunca acabaríamos.

Ana me espiou através dos cílios semicerrados.

– Talvez, se terminarmos hoje, possamos tirar umas... Como é mesmo? Umaz férias?

A ideia de relaxar em uma praia distante com Ana de biquíni era, para mim, motivação mais do que suficiente para concluir o trabalho. Coloquei-a no chão com delicadeza.

– O que vem agora? – perguntei, um tanto ansioso demais.

– Acredito que seja criar o mar de leite e designar um guardião para ele.

Franzindo o nariz, eu disse:

– A sereia? – Suspirei. – Bem, vamos atrás de uma sereia. – Ela estava prestes a nos teletransportar para longe da montanha quando peguei sua mão e

pedi: – Espere.

– O que foi?

– Não apagamos as mentes dos dragões. Eles vão se lembrar de mim.

Ana sorriu.

– Duvido.

– Por quê?

– Para eles, todos nós, humanos, temos a mesma aparência. Exceto, talvez, para Yínbáilóng. Ele é bastante inteligente. Sua mente procura aprender. Terei de visitá-lo novamente em breve e dizer-lhe que limite as informações que compartilhar com você no futuro.

Ana me abraçou pela cintura e a montanha desapareceu. Seguiu-se a isso a vertigem e um forte estalo em meus ouvidos. Ana e eu nos curvamos após a transição, segurando a cabeça, mas logo a sensação se dissipou.

– Estamos bem abaixo do oceano – expliquei. – Acho que é por isso que dói, mas parece que o amuleto está nos protegendo da pressão.

Os olhos dela se arregalaram.

– Sério? Estamos debaixo do mar?

– Sim, esta caverna é parte de um túnel de gelo que o dragão branco usa para se deslocar debaixo d’água sem se molhar.

– E esse tal mar de leite que tenho que criar?

Descrevi a fonte, a sereia, a chave e o fato de que fui eu que tive de nadar para buscá-la. Ana criou a fonte com facilidade e usou o pedaço da água do amuleto para formar um amplo lago na caverna, mas, até onde eu podia dizer, nada havia de diferente na água.

– Deveria ser branca. A água, digo – expliquei.

– Então vou convocar a guardiã. Talvez ela saiba a razão.

Ana chamou o tridente, mergulhou os dentes dele na água e mexeu. Fechando os olhos, murmurou, convocando um viajante desejoso de servir. Seus olhos de repente se abriram.

– Ela está vindo – informou.

Com um floreio de sua mão, o tridente desapareceu.

Um momento depois, a água ondulou e uma sereia de cabelos louros surgiu, espiando-nos.

– Olá! – disse ela. – Alguém chamou uma sereia?

Vendo sua aparência, perguntei a Ana:

– Ela é parente daquelas que vivem na grande árvore em Shangri-lá?

– De certa forma.

Ouvi uma risadinha e a sereia transformou-se em névoa. Sua forma fantasmagórica percorreu a passagem na direção da fonte. Nós a seguimos. Quando chegamos, ela já estava relaxando na piscina.

– Que gracinha! – falou. – Mas eu não me importaria se vocês ligassem o aquecimento.

Ana aquiesceu e o ar em torno dela foi tomado por vapor. A sereia suspirou, contente, e tornou a relaxar na água.

– Você servirá por um tempo? – perguntou Ana à sereia. – Viajantes não tardarão e vão precisar de uma chave.

Ana então exibiu uma chave na palma da mão. Quando perguntei como sabia que ela abriria o templo, Ana disse que o templo ainda não havia sido construído, mas que faríamos isso em seguida.

A sereia inclinou-se sobre a borda da fonte, arqueando deliberadamente o corpo para se exhibir.

– Acho que posso fazer isso. Com o incentivo certo – disse, piscando para mim. – Oi. Meu nome é Kaeliora.

Franzindo a testa, Ana perguntou:

– Qual prêmio você gostaria de ganhar em troca da ajuda?

Kaeliora fingiu pensar a respeito.

– Estou solitária há muito, muito tempo – disse ela, erguendo a longa cauda da água e deslizando as mãos provocantemente pelas escamas. – Acho que um beijo seria o suficiente para me motivar.

– Você quer que eu a beije? – perguntou Ana com uma careta.

A sereia revirou os olhos.

– Você não. *Ele*.

A maneira como disse *ele* fez com que eu me sentisse desconfortável e me remexi.

– Olhe – eu disse –, não acho que isso seja...

Ana me interrompeu.

- Essa é a sua única exigência? – perguntou de maneira formal.
- Ah, acho que isso deve bastar. Contanto que ele cumpra a tarefa com entusiasmo, digamos assim.

Eu disse “Não” ao mesmo tempo que Ana dizia “Muito bem”.

A sereia bateu palmas, contente.

- Oba! – Ela deslizou o corpo ágil, içando-o para o banco na borda da fonte, e estendeu os braços gotejantes. Depois acenou para mim, rindo roucamente. – Venha aqui, lindo.

Virando-me para Ana, sibilei:

- Não podemos lhe oferecer outra coisa?
- Essa é a exigência dela – replicou Ana. – Você sabe que essa proximidade com outro ser é o que lhes fornece sustento. Em essência, ela está pedindo comida. Como podemos pensar em privá-la de algo tão básico?

– É, eu sei, mas...

- Apenas beije e acabe logo com isso – ordenou Ana, irritada.
- Isso parece um teste – comentei. – É um teste?
- Não sei a que você está se referindo.
- Um teste de relacionamento. São comuns no tempo de Kelsey. As mulheres submetem os homens a pequenos testes de integridade e compromisso.

– A única avaliação que faço em relação aos homens é de sua habilidade em proteger minha retaguarda durante a batalha. Se falharem nesse aspecto, são destinados a outras tarefas ou dispensados. Você há muito provou seu valor nessa função. Como a presente situação faz parte do nosso trabalho, não se aplica a nosso... relacionamento. Pode ter certeza de que não o estou testando de maneira nenhuma.

Racionalmente, eu compreendia o que ela estava dizendo, mas meus instintos ainda me indicavam que alguma coisa não estava certa.

- Tem certeza que quer que eu faça isso?
- Tenho.
- Tudo bem – eu disse, andando na direção da fonte de forma tão lenta e apreensiva quanto um homem seguindo para a força.

Olhei várias vezes por sobre o ombro para Ana. Primeiro, ela acenou para que eu prosseguisse e, então, quando me aproximei da fonte, olhou para outro lado. Eu não sabia se isso era um bom ou um mau sinal.

– Agora, é melhor você fazer valer – advertiu Kaeliora. – Caso contrário, não tem acordo.

É só sustento, pensei. Sombriamente, sentei-me ao lado dela e tomei sua forma voluptuosa nos braços. Ela se contorceu, aconchegando-se a mim até que suas curvas cobertas de escamas estivessem tão coladas em meu corpo que fiquei surpreso que ela conseguisse respirar. Kaeliora passou a língua pelos lábios, lenta e avidamente, e eu baixei a boca até a dela. Em questão de segundos, esqueci onde eu estava, quem eu era. Tudo que importava era seu beijo voluptuoso.

Seu sabor e seu cheiro estavam me enlouquecendo. Eu precisava de mais. Segurando seu corpo escorregadio, puxei-a parcialmente da fonte, colocando-a em meu colo, alheio ao fato de que estava ficando encharcado. A água estava quente, mas não tanto quanto a mulher em meus braços. A pele nua que eu tocava me queimava.

Minhas mãos vagavam por suas costas, penetravam na massa encharcada dos cabelos muito claros. Seu suspiro de encontro à minha boca era suave e tinha o gosto do sal do oceano. Enterrei os dedos em suas escamas e ela arquejou, deixando escapar um leve gemido de prazer. Cores e imagens atravessaram minha mente – escamas azul-celeste, coral, azul-claras e cinza-tubarão. Elas pulsavam e giravam cada vez mais rápido, num ritmo selvagem, e meu corpo dançava, acompanhando, afundando lentamente. Juntos, disparamos rumo a um desfecho desenfreado.

Eu não estava ciente do frio até que Kaeliora estremeceu de encontro a mim. Ela forçou os lábios a descolarem dos meus.

– Pare – murmurou. – Pare! – gritou.

Seus lábios adquiriram um tom azul glacial e sua pele estava branca feito porcelana. Nuvens de ar brotavam de sua boca, turvando o espaço entre nós. Ainda sob seu domínio, tornei a puxá-la para mim, minha mente enevoada pelo desejo. Com um violento empurrão, ela me impeliu para longe e eu cambaleei,

atordoado, meus dedos se fechando com a necessidade de tomá-la nos braços outra vez.

– Não! – gritou a sereia. – Fique longe.

Confuso, virei a cabeça para ver o que a sereia estava olhando e vi uma mulher cheia de fúria e poder. Seus cabelos da cor da meia-noite se projetavam, flutuando ao redor dela e criando uma moldura para seu rosto. Bolas prateadas de luz crepitavam nas palmas de suas mãos. Ela olhou para mim com uma repugnância crua e, enquanto eu a fitava, fascinado, seus olhos passaram do oliva escuro ao esmeralda e ao cromo.

A pele dourada da mulher se iluminou, tornando-se luminescente. Quando ela ergueu as mãos, seu corpo se elevou no ar. Eu estava hipnotizado por sua beleza, isto é, até ela lançar seu poder direto em minha cabeça. Essa foi a última coisa de que tive consciência antes que o mundo à minha volta ficasse todo branco.



Um sonho esquecido

Aos poucos, a luz branca foi se apagando. Gemi quando as silhuetas à minha volta finalmente começaram a tomar forma. Antes que minha visão retornasse, percebi que estava congelando. Meu corpo era sacudido por violentos tremores e, instintivamente, invoquei o tigre, transformando-me para proteger minha forma humana. De imediato, minha temperatura subiu. Pondo-me de pé, sacudi o corpo inteiro, o pelo se arrepiando, e então abri os olhos, tentando entender o que havia acontecido.

De repente, eu soube. Ana havia feito isso. Ela... ela estava furiosa com alguma coisa. Minha última lembrança era da sereia pedindo um beijo. Eu havia me sentado ao lado dela e... e... com toda a sinceridade, não conseguia me lembrar. Andando até a fonte, vi a sereia relaxando em sua piscina. Ela estava petrificada, exatamente como eu me lembrava de tê-la visto pela primeira vez com Kelsey, tanto tempo atrás. Mas onde estava Ana?

Baixando o nariz até o chão, captei seu cheiro. Ela voltara para o lago subaquático. Comecei a andar, movimentando os ombros. Meus músculos estavam tão doloridos e cansados que parecia que eu tinha acabado de atravessar metade da Índia correndo. Encontrei Ana de pé no meio do lago. Ela estava

encharcada da cabeça aos pés, submersa até a cintura. Olhar para ela quase me cegou, mesmo na forma de tigre.

Ondas de energia atravessavam o corpo dela e da água borbulhante subia vapor. A superfície crepitava com eletricidade. Eu sabia que a água era profunda, portanto ou ela se encontrava de pé em uma plataforma ou usava seu poder para flutuar. Transformando-me em homem, fiz uma concha com as mãos e gritei seu nome, mas Ana não se virou para mim. Chamá-la mentalmente também não funcionou. Tudo que obtive dela foi uma espécie de estática sombria.

A água também havia mudado. Não era mais pura água do mar, tampouco tinha a cor de leite de que eu me lembrava. Em vez disso, era de um verde vívido em ebulição. O cheiro era nocivo. Tóxico. Na verdade, tinha um fedor muito semelhante ao da planta venenosa em que mergulhávamos a ponta das flechas quando eu era soldado. Toquei a água com o dedo do pé e levei um choque que deixou meus cabelos eriçados, mas não estava quente demais para suportar nem fez arder minha pele.

Salvar Ana dali tornou-se minha única motivação. Algo terrível havia acontecido com ela e a primeira medida a tomar era afastá-la do perigo. Apesar de desconhecer os riscos, mergulhei, e os pulsos de energia quase fritaram meu cérebro. Fiquei tão atordoado que cheguei até mesmo a parar de respirar por um tempo, mas meu poder interior me reviveu o suficiente para recuperar o fôlego e começar a nadar. Tomando cuidado para não beber nem um pouco daquela água, cheguei até ela sem demora. Minha energia se esgotava mais rápido do que eu conseguia reabastecê-la e eu estava exausto quando a alcancei.

Ao me aproximar de Ana, minha mão roçou um afloramento rochoso e subi nele, os membros tremendo. A água se abria em torno do meu torso enquanto eu andava até ela.

– Ana? – Peguei-a pelo braço e a sacudi, mas ela continuou olhando para a frente, o olhar perdido no nada, enquanto lágrimas escorriam lenta e incessantemente por seu rosto, caindo no lago. Cada lágrima chiava ao atingir a superfície da água, como se fosse ácido.

Respirei fundo, lembrando-me dos demônios *kappa* que haviam sido criados a partir das lágrimas dela.

– Ana, amor, me diga o que há de errado – implorei, enxugando as lágrimas de seu rosto.

– Eu... eu joguei a chave no lago – disse ela baixinho. – Ela desceu até o fundo.

– Tudo bem. Isso não é problema. Quando vim aqui antes com Kelsey, tive mesmo de mergulhar para buscá-la.

A água sussurrava em torno de minha cintura enquanto sugava energia do meu corpo. Imaginei que estivesse fazendo o mesmo com ela.

Apesar da temperatura morna da água, Ana tremia. Deslizei as mãos para cima e para baixo em seus braços, tentando aquecê-la.

– Conte o que aconteceu – pedi. – Não posso ajudá-la se não souber o que há de errado.

– Esse é o problema – disse ela. – Eu não sei por que fiquei com raiva antes e não sei por que estou triste agora. Tudo que sei é que eu queria destruir alguma coisa, todas as coisas, e agora esse sentimento se foi. Em sua esteira, há um sofrimento terrível em meu coração.

– Certo. Então, se você não consegue me contar o que aconteceu, me mostre.

Ana piscou.

– Mostrar a você? – perguntou com a testa ligeiramente franzida.

– É. Na minha mente. Abra seus pensamentos para mim.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não posso.

– Você pode. – Toquei o queixo dela com o dedo, forçando-a a erguer o rosto e olhar para mim. – Não precisa me mostrar tudo, só o que aconteceu com a sereia. Só estou pedindo que tente.

Depois de examinar meus olhos, ela assentiu devagar e tocou meu rosto com suas mãos. Ela ainda mantinha a maior parte da mente bloqueada, mas me permitiu ver suas lembranças recentes. No olho de sua mente, me vi andando na direção da sereia, os passos hesitantes, e então a beijei.

Fiquei chocado com quão ardente se tornou o abraço, acima de tudo porque eu não tinha qualquer lembrança dele. Através da visão de Ana, vi como Kaeliora me puxou para ela e piscou com atrevimento para Ana, ao mesmo

tempo que sugava de mim energia suficiente para abastecer uma pequena cidade. Logo ficou claro que eu havia enlouquecido sob o domínio da sereia. Minhas mãos deslizavam por seu corpo e eu estava cego a tudo que não fosse ela.

Suavemente, Ana disse:

– Chega. Já basta.

A sereia a ignorou.

– Sohan – chamou Ana –, volte para mim.

Ainda assim, o beijo continuou.

– Sohan?

Ouvi uma voz ecoar na mente de Ana e reconheci-a como a da sereia: “Ele agora é meu. Ele nunca vai voltar para você depois de ter provado dos meus lábios”, garantiu ela.

– Não – disse Ana, a respiração se acelerando. – Não! – gritou. – Você não vai levá-lo!

Então ela ergueu as mãos e lançou a punição sobre a sereia traiçoeira.

Desabei no chão, esgotado e inconsciente, enquanto Kaeliora implorava por misericórdia. A deusa vingativa deteve-se por um instante quando a sereia desesperada advertiu que, se Ana a machucasse, me destruiria também. Ela disse a Ana que eu agora estava ligado a ela e que a procuraria pelo resto de meus dias.

A resposta de Ana foi congelar a sereia em vez de matá-la, embora, naquele momento, quisesse muitíssimo que a garota morresse. Depois disso, Ana caminhou, entorpecida, para o lago, na esperança de que a água congelante abrandasse o fogo que queimava seu sangue. Em vez disso, porém, sua dor escoou, poluindo lentamente a água.

– Ela mentiu – afirmou, acariciando o emaranhado encharcado de seus cabelos. – Não sinto nenhuma atração pela sereia. Ela não tem nenhuma influência sobre mim.

– Mas você a queria. Eu vi no seu rosto. Na maneira como você a tomou nos braços.

– Era um truque. Um mero feitiço para ela pegar o que queria de mim. Fui uma abelha insensata seduzida pelo mel dos lábios dela, quando tenho uma rainha em casa. É a ela que sirvo. – Como Ana permaneceu muda, acrescentei: –

Ana, você precisa acreditar em mim. Eu não seria leviano assim com você. O que aconteceu não foi deliberado da minha parte, tampouco um sinal de afeto.

Envolvi sua cintura com meus braços, puxando-a para mim e abraçando-a com tanta força que dava para sentir nossos corações batendo um contra o outro.

– Quanto ao seu estado emocional, sua raiva era porque você pensou que eu a trai. As lágrimas vieram depois porque você acreditou que eu estivesse perdido. Não é isso, minha bela senhora?

Ana deslizou as mãos, prendendo-as em torno de meu pescoço, e assentiu.

– A beleza dela é sedutora – disse, arrasada. – Não o culpo por querê-la.

Eu a mantive nos braços, embalando seu corpo contra o meu.

– Mas eu não a queria. Nem um pouco. Além disso, eu teria me libertado da magia dela rapidamente. Você sabia que já fui aprisionado por sereias na grande árvore de Shangri-lá?

Quando ela sacudiu a cabeça em negativa, expliquei:

– Levei muito tempo para escapar. Mais do que Kells. No momento em que pensei em Ren, ela se libertou. No meu caso, gostei de me perder no feitiço das sereias. É um encanto intoxicante que elas usam e a única forma de dissipá-lo é pensar na pessoa que você ama. O estranho é que Kells não era a garota em quem pensei quando escapei, apesar de, na época, ter acreditado que era.

– Então como você conseguiu fugir do abraço delas? – perguntou Ana.

– Ouvi o sussurro de uma deusa. – Ana separou-se de mim e sorriu, pondo a mão no próprio rosto. – Naquela ocasião, pensei que a deusa Durga estivesse com pena de mim, mas agora sei que não foi isso.

Ela engoliu em seco, os olhos brilhantes.

– Era eu?

– Agora eu entendo que sempre foi você. Você andou comigo toda a minha vida, Ana. Como eu poderia me deixar encantar pelo beijo de uma simples sereia quando me encontro nos braços uma deusa?

– Então é uma deusa que assombra os seus sonhos? – perguntou ela de maneira suave.

– A deusa é uma parte de você, Ana, e não vou negar que ela é de tirar o fôlego, mas não sonho com a deusa Durga com seus oito braços armados. Meus sonhos são dominados por uma garota de cabelos escuros que caça na floresta a

meu lado. Que me desafia a cada curva. O bosque me mostrou essa garota em duas ocasiões e em nenhuma delas a garota era uma deusa. Ela é aquela em quem não consigo parar de pensar.

Delineando com meus polegares seu rosto ainda molhado, eu a beijei. Tive a intenção de que fosse um beijo doce e breve, mas Ana não me soltou. Sua boca moldou-se suavemente à minha e pude sentir o sabor do sal de suas lágrimas. Era real e inebriante e absolutamente diferente do beijo fácil de ser esquecido da sereia. Um feitiço de outro tipo teceu-se à nossa volta. A água ondulou em torno de nossos corpos nesse lago estranho com um suntuoso movimento de vaivém que não era muito diferente do dar e receber de nosso beijo.

Afastando-me dela, embora fosse uma das últimas coisas que eu quisesse fazer, perguntei:

– Você me perdoa, Ana?

Ela piscou languidamente. Era um afago em meu ego perceber que ela fora afetada por nosso beijo tanto quanto eu. Inclinando a cabeça, ela beijou meu rosto com delicadeza.

– Este gesto significa perdão, além de saudade de alguém? – perguntou.

– Pode ser – respondi, e peguei a mão dela, levando seus dedos a meus lábios. Olhei então para o lago, que tremeluzia. Todo e qualquer traço da toxicidade verde havia desaparecido e ele havia se transformado no mar de leite que eu conhecia. – Ora, que interessante – observei.

Ana olhou à sua volta.

– Ele está zumbindo com poder. Poder de cura – acrescentou.

– Isso mesmo.

Esfreguei meu queixo e olhei para ela.

– Por que está me olhando assim? – perguntou Ana.

– Só estou imaginando o que aconteceria se eu fizesse mais do que beijar você. Será que ativaria um vulcão? Tiraria a Lua de sua órbita?

Ana franziu a testa, levando meu comentário a sério.

– Humm, sim. Em algum momento, eu gostaria de praticar o beijo por mais do que dois minutos. Seria bom nos aconselharmos com Kadam.

– O quê? Não!

- A ideia do nosso contato corporal deixa você constrangido?
 - Não, não me deixa constrangido...
 - Deixa, sim.
 - Pare de ler a minha mente.
 - Seus pensamentos são dolorosamente claros, mesmo que nossas mentes ainda estejam fechadas uma para a outra. Há muito mais que você gostaria de fazer comigo do que já fez. E quanto a mim...
 - Bem, vamos parar por aqui. Podemos voltar a esta conversa mais tarde?
- Ela suspirou.
- Tudo bem.
 - Então – comecei, desesperado para mudar de assunto – o que vamos fazer a respeito da nossa sereia?

Atravessamos o lago a nado. A água agora confortava e curava em vez de roubar nossa vitalidade. Quando alcançamos a margem, Anamika usou seu poder para rapidamente nos secar e criar novas roupas. Junto à fonte, Ana andou de um lado para outro por alguns segundos e então estalou os dedos, aquecendo a água. A pele da sereia foi descongelando aos poucos e ela estremeceu violentamente, mas Ana não teve pena da garota. Olhou para a criatura com toda a fúria de uma deusa guerreira.

- Você nos enganou – acusou, apontando o dedo, ameaçadora. – Por isso será punida.
- Ele não achou ruim – retorquiu a sereia, girando o dedo na água. Ela não entendeu que essa era absolutamente a coisa errada a dizer. – Eu só estava me divertindo um pouco – prosseguiu. – Não sabia que ele pertencia a você.

Olhei para Ana. Se ela ficou desconcertada com essa afirmação, não demonstrou. *Então eu pertencço a Anamika? É isso que ela quer?* Eu tinha dito a ela que não seria leviano com seus sentimentos, mas isso também era verdade para ela? Eu nunca fora do tipo inseguro em relação às mulheres, mas não tinha exatamente um bom histórico. Talvez ela quisesse apenas um braço forte no qual se apoiar de vez em quando ou um parceiro receptivo em quem pudesse confiar, um que pudesse satisfazer sua curiosidade sobre o que acontece entre um homem e uma mulher.

Se fosse esse o caso, não bastava. Eu vira o que o futuro poderia guardar para mim e queria todos os aspectos dele. Na verdade, era o que eu sempre sonhara e passara a maior parte da vida buscando. Esse sonho era uma grande parte da razão pela qual tive tanta dificuldade em esquecer Kelsey.

Mas isso era passado.

Agora, tudo havia mudado. Agora eu acreditava que Ana era a garota em meu sonho. Mais do que isso, no fundo do coração, eu *sabia* que era ela. E, se fosse honesto comigo mesmo, eu pertencia mesmo a ela. Desde o início. Como tigre. E como homem. Agora eu só precisava descobrir se ela queria pertencer a mim também.

A sereia continuou falando:

– Além disso, percebi que vocês dois estavam ocupados esquentando as coisas lá no lago, então ninguém se machucou de verdade.

Eu me perguntei como ela havia notado isso enquanto estava congelada. Então me lembrei de sua habilidade em se transformar em névoa. Talvez ela não estivesse tão aprisionada pelo gelo quanto parecera.

A sereia fez biquinho.

– Não fique zangada. É só o nosso jeito. Vou ficar e ajudar seus amigos como prometi. Palavra de sereia.

Ela agitou a cauda, cruzando as barbatanas como se tocasse o coração.

Suspirando, Ana disse:

– Muito bem. O mar de leite tem uma quantidade suficiente de nosso poder residual para sustentá-la até eles chegarem e até mesmo por um tempo depois, caso você escolha ficar.

– Ah, tem poder suficiente, sim. Isso é certo. Ah! Tive uma ideia. Talvez eu convide alguns amigos para me fazer companhia enquanto espero.

– Não. Não vai, não. Na verdade, para ter certeza de que você não vai nos enganar novamente, vou congelar o mar de leite.

Ana agitou a mão.

– E eu? – protestou a sereia.

Ana drenou a fonte e tornou a enchê-la com as águas leitosas do lago.

– Pronto. Isso vai mantê-la. Você não permitirá que ninguém, exceto o homem tocado pela deusa, entre no lago ou vá em busca do colar que estamos

deixando para trás. Entendeu?

Kaeliora assentiu, impaciente.

– Ninguém mais pode suportar a energia do mar de leite. Assim que recuperarem a chave e encherem o *kamandal*, diga-lhes que sigam para o sétimo templo através dos túneis, naquela direção.

Ana apontou um túnel escuro que partia da fonte.

– Tá, tá. Entendi.

– Agora há a questão de você seduzir meu... meu companheiro – disse Ana. Ergui uma sobrancelha, mas não disse nada.

– Acredito que uma punição condizente será você permanecer congelada até meus amigos chegarem. Pelas minhas contas, isso acontecerá daqui a uma semana, mais ou menos. – Houve alguns movimentos de cauda lançando água e gritos de raiva que logo se transformaram em choramingos e súplicas. Ana, ignorando tudo isso, virou-se para partir, mas antes deu um aviso final: – E, se você sequer pensar em beijar um dos meus amigos, vou cuidar para que permaneça congelada por um século. Estamos entendidas?

A sereia, emburrada, lançou um punhado de água sobre a borda da fonte, molhando nossos pés.

– Sim, Deusa – anuiu.

– Ótimo.

Ana jogou um beijo para a garota e a fonte congelou. Com um rápido estalo dos dedos, ela também me apagou da memória da sereia, para que ela não me reconhecesse quando eu chegasse com Kelsey e Ren.

– Sente-se melhor? – perguntei a Ana.

– Acho que sim – disse ela e me dirigiu um sorriso conspiratório enquanto seguíamos pelo túnel.

Quando chegamos a um ponto sem saída, Ana usou seu poder para abrir um buraco na rocha. Ela conteve a força do oceano, transformando a área à nossa frente em um lençol espesso de gelo, e então avançamos, o gelo se movendo e se deslocando à nossa volta até criar o longo túnel de que eu me lembrava.

Não demorou para que eu percebesse que estávamos sendo seguidos. Os monstros gigantes que nadavam nas profundezas nos avistaram. Preparei-me para um ataque. Ana, porém, falava arrulhando com as feias criaturas enquanto elas

nos acompanhavam como cachorrinhos, focinhando o gelo e lançando a ela olhares tristes com seus estranhos olhos que não piscavam. Quando já tínhamos percorrido uma distância suficiente, Ana ergueu a mão, provocando um abalo sísmico submarino. Rochas se ergueram e metais preciosos se soltaram do leito do mar. Seus imensos monstros de estimação dispararam enquanto ela criava o templo completo, incluindo uma porta e uma fechadura em que se encaixaria a chave que havia feito mais cedo.

Entrando no templo, ela correu a mão pelas paredes, fazendo surgir entalhes que se espalharam à nossa volta como ondas. Enquanto atravessávamos as salas, vi pedras preciosas e estátuas de mármore.

– De onde elas vieram? – perguntei.

Ela deu de ombros.

– Peguei emprestadas com Jīnsèlóng. Seu acervo estava ficando grande demais.

Ri e contei-lhe do incenso, do lago e das grossas janelas que davam para o mar. Em um intervalo de tempo em que mal cabia um pensamento ou um sussurro dela, tudo que descrevi apareceu diante de meus olhos.

Sua pele brilhava na penumbra do templo enquanto ela percorria cada passagem. Ana me pediu que a ajudasse a remover o fecho do colar de pérolas negras e, depois de sussurrar as palavras que nos concederiam mais seis horas, ela o guardou dentro de uma das dúzias de ostras gigantes que subiram à superfície e entreabriram suas conchas avidamente, em busca do privilégio de guardar o presente da deusa.

Descrevi as estátuas que havíamos encontrado no alto e o tubarão gigante e a imensa água-viva que Kelsey convocou para nos levar de volta à superfície. Ela ficou fascinada com a assustadora história da escapada. Sua boca escancarou-se, horrorizada, quando contei que Kelsey quase fora devorada e como Ren subira nas costas do tubarão gigante, cravando o tridente nele.

– Eu teria gostado de ver isso – disse ela. – Deve ter sido assustador.

– Aterrorizante – concordei. – Flutuamos por muito tempo em uma concha de marisco gigante, por fim usando o lenço como um parapente. Com isso, fomos levados de volta ao barco.

– Deve ter sido uma aventura e tanto – comentou Ana.

– Foi – respondi enquanto olhava através do vidro escurecido e captava com o canto do olho o clarão de algo grande. – Fico feliz que tenhamos conseguido. Não me entenda mal. Foi difícil, e cada esquina que dobrávamos nos deixava cara a cara com algo que poderia nos matar, mas vencemos, sabe? É gratificante saber disso.

Ana trançou seu braço no meu e descansou a cabeça em meu ombro. Relaxamos um pouco e comemos. contei-lhe do *kraken* e nem precisei embelezar a história para ver seus olhos se arregalarem. Em seguida, contei sobre o dragão verde nos caçando. Ela arquejou e disse que devíamos planejar algum tipo de punição.

– Está tudo bem – falei. – Quando me ajudaram a curá-la, vi a vida inteira deles em um relance. Eles não têm a intenção de fazer o mal. No fundo, não. E se esforçam ao máximo para cumprir o dever que você lhes impôs. Os dragões só gostam de ser os chefes do mar. Eles passaram muito tempo aprisionados na base da cadeia alimentar e querem afirmar sua supremacia. É uma coisa animal. – Dei de ombros. – Como ser humano pleno, hã, como deusa, você provavelmente não entende.

Ana se levantou, limpando as mãos.

– Ainda assim, deveríamos visitá-los de tempos em tempos. Para ajudá-los a lembrar que alguém está vigiando.

– Concordo.

Ana fez as estátuas sob minha orientação, concedendo-lhes o poder do lenço para que pudessem transformar a mim, Ren e Kells quando aparecêssemos. Ao terminar, olhou para Shiva, Indra e Parvati e deslizou os dedos pelo braço de Shiva. Então lhe contei a história que Kadam havia nos ensinado.

– Ele me contou essa história também – disse ela. – Algumas coisas que enfatizou me vêm a mente.

– Hã?

– Sim. Ele queria que eu me lembrasse especialmente de que, embora Shiva pudesse ter esquecido Parvati por um tempo, qualquer um que o visse com ela saberia que estavam destinados a ficar juntos, pois o poder de um equilibrava o do outro.

– O que mais ele disse?

– Falou também que Shiva foi um tolo por, para começo de conversa, desprezar a mulher.

– É, ele foi – concordei.

Olhar as estátuas me fez pensar em Ren e Kelsey. Perdido em pensamentos, toquei a mão de Parvati.

– Sabe, quando as estátuas desapareceram e seus papéis foram atribuídos a nós três, eu fui Shiva, e Ren, Indra. Na época, pensei que isso significava que era eu o destinado a ficar com Kelsey. Que eu era o seu verdadeiro amor. Eu tinha essa esperança, embora me sentisse como se fosse um charlatão tentando roubar algo que não me pertencia.

Ana sacudiu a cabeça.

– Você estava enganado, Sohan. Você nunca foi um charlatão. Você assumiu o papel que sempre foi seu destino ter. Você é o companheiro de Parvati. Ren e Kelsey eram os jogadores nesse jogo cósmico. Eles representam a metade mortal de nós, o outro lado da moeda. – Ela segurou meu pescoço com sua mão quente. – Mas você, meu lindo tigre, você foi sempre o herói da história. Nunca se esqueça disso.

Peguei seus dedos e os levei aos lábios.

– Sabe, pela primeira vez desde que me entendo por gente, acho que posso acreditar nisso.

– Acredite mesmo.

– Ana? – chamei, passando o braço por sua cintura. – Quando Shiva encontrou o colar, ele ganhou um prêmio.

Ela prendeu o fôlego.

– Eu me lembro – disse ela suavemente. – Ele pôde reclamar sua noiva.

– Certo. – Puxei seu corpo esguio mais para perto de mim. – Então o que acontece quando ele entrega o colar? – pergunto.

– Humm. Imagino que nós dois teremos que descobrir.

Ana se afastou antes que eu pudesse conduzir a conversa na direção que pretendia e moldou a estátua do tubarão. Inclinando-se sobre ela, sussurrou em seu ouvido o que ele deveria fazer quando os visitantes chegassem. Esperei que isso não incluísse saborear nenhum de nós.

Indo até a parede de janelas, ela contorceu os dedos e minúsculos organismos, seres microscópicos, foram crescendo e crescendo até se tornarem as águas-vivas de que eu me lembrava.

– Que criaturas extraordinárias! – exclamou Ana, entusiasmando-se. – Vamos ter que voltar um dia para visitar todos os lugares no fundo do mar. Estou especialmente interessada em ver o tesouro do dragão dourado.

A ideia de explorar o mundo subaquático por meio das águas-vivas me deixou um tanto enjoado.

– Se for preciso...

– Não tema caminhar por onde a deusa anda, Sohan – disse Ana com uma risada. – Venha. Precisamos visitar Ren agora.

– Ren? Quando?

– Quando ele está preso por Lokesh. Precisamos remover suas lembranças de Kelsey.

Deixei escapar um assovio.

– Vamos, então. Kadam explicou por que temos que fazer isso?

– Você sabe que ele nos diz muito pouco.

– Certo.

– Mas, neste caso, ele abriu uma exceção.

Ela sentou-se no parapeito da janela e indicou, com tapinhas, o lugar a seu lado. A reunião dos bulbosos corpos das águas-vivas por trás do vidro lançava sobre nós uma luz púrpura e pintalgada que dançava nos braços e no rosto de Ana.

– Ele devia saber que relutaríamos nessa tarefa – disse Ana –, então deixou uma breve observação.

– O que dizia?

– Que a memória de Ren precisava ser removida para que você pudesse ter uma chance de amar Kelsey.

– Mas... por quê? Que diferença isso faria? O fato de Ren tê-la esquecido causou grande sofrimento a Kelsey. Eu não ia querer isso para ela. Além do mais – acrescentei, buscando a mão dela –, talvez, se eu nunca houvesse tido uma chance com Kelsey, minha mente e meu coração estivessem mais preparados para aceitar...

– Outra pessoa? – murmurou ela.

Assenti. Eu queria me declarar naquele momento. Dizer a ela tudo que sentia no coração, mas um segundo se passou, e depois outro, e então o momento se foi.

– O que você teria feito depois de passar por Shangri-lá, ficando mais próximo de Kelsey a cada dia, então ajudando-a a salvar Ren só para vê-los reunidos na volta dele? Como você teria reagido? – perguntou Ana.

– Eu... acho que teria ficado feliz por eles. Ou pelo menos tentado ficar.

– Sim. Mas, depois, o que faria? Você os teria seguido na jornada seguinte para encontrar o colar?

– Eu provavelmente embarcaria, sim – declarei.

– Mas você teria se distanciado.

– Você não?

– Sim. Quando duas pessoas se unem, é natural dar um tempo para que elas fiquem sozinhas.

Um calor subiu por meu pescoço.

– Certo, mas Ren e Kelsey não estavam... juntos.

Ela agitou a mão.

– De qualquer forma, Kadam acredita que, sem a esperança de um relacionamento entre você e Kelsey, você teria acabado por deixar os dois fazerem as coisas da maneira deles, preferindo permanecer um tigre na selva. Você teria abandonado a busca e, como resultado, Kelsey teria morrido.

Meus músculos se contraíram.

– Como você sabe disso?

– Kadam. Ele disse que um dos desenvolvimentos mais prováveis na linha do tempo em que Ren conservava a memória era você deixá-los. Kelsey morria em várias circunstâncias. Numa delas, pereceu nas mandíbulas do tubarão. Em outra, não resistiu quando lutou contra os Lordes da Chama. Em um dos cenários, tornou-se um dos cadáveres errantes na Caverna do Sono e da Morte. A rainha *rakshasa* transformou-a em algo inumano...

– Tá, entendi – falei, impedindo-a de continuar. – Então o que você está dizendo é que eles precisavam de mim.

– Não só eles, Sohan. Se você não tivesse tido a oportunidade de amar Kelsey, então eu jamais teria tido a chance de... de...

– De me amar? – Peguei seus dedos, entrelaçando-os com os meus. Vi que sua boca havia se escancarado, as palavras lhe fugindo. – Está tudo bem – falei. – Você não precisa dizer nada. Na verdade, por favor, não diga. Não ainda.

– Tem mais – disse ela. – Ren é muito persistente em resistir ao toque da deusa em sua mente. Luta contra ele e, em diversas ocasiões, quase venceu o bloqueio da memória. Nós teremos de impedir seu progresso em diferentes pontos da linha do tempo para reforçar o bloqueio.

Soltei um suspiro.

– Certo. Vamos lá.

Num momento estávamos debaixo do oceano e, no seguinte, nos encontrávamos curvados, corpos dobrados para a frente, em uma sala abafada dentro do complexo de Lokesh, nos ajustando à mudança de pressão. O cheiro de tigre enfiado, suor e mofo permeava a área. O chão estava úmido de água, produtos químicos e sangue. Nós dois tínhamos chegado dessincronizados com o tempo, mas Ren deve ter pressentido alguma coisa.

– Kelsey? – sussurrou sua voz fraca vinda de dentro da jaula.

Nós nos aproximamos e Ren segurou as barras com dedos quebrados. Seus olhos estavam roxos e um deles, de tão inchado, não abria. O ar chiava em seus pulmões. Anamika moveu a mão e o poder do lenço a cobriu com um reluzente vestido de ouro e ametista. A luz se concentrava em torno de sua forma e cintilava em sua pele. Recuei para as sombras, ocultando meu cheiro.

– Não – replicou Ana suavemente. – Você me reconhece, Dhiren?

Ele arquejou de dor ao se aproximar se arrastando.

– Durga? – sussurrou.

– Sim.

– Você é de verdade?

– Sim. Sou de verdade – disse ela, tocando um chicote ali perto com os dedos e encolhendo-se. – Prometi a Kelsey que cuidaria de você.

Meu pobre irmão chorou de gratidão.

– Então vai me ajudar a fugir? – perguntou ele, em um tom de súplica que eu nunca o ouvira usar antes.

– Não – sussurrou Ana, o pesar transparecendo em sua voz. – Mas posso lhe oferecer ajuda.

– Que tipo de ajuda?

Ela me olhou em busca de orientação, mas eu simplesmente movi a cabeça, encorajando-a.

– Eu posso... tirar suas lembranças – disse ela.

Ren se sacudiu na jaula. Se estava chocada, tinha razão para isso.

– Como é que tirar minhas lembranças me ajudaria exatamente?

– Lokesh anda interrogando você sobre Kelsey, não é? – perguntou ela.

Eu não havia pensado nisso. Típico de Ana considerar todos os ângulos de uma questão. Ela não estava errada em seguir essa linha de raciocínio com Ren. Ele faria qualquer coisa para proteger Kelsey. E talvez Ana tivesse razão e Lokesh acabasse vencendo Ren. Eu não pensava assim. Sabia pelo próprio Ren que, por Kelsey, ele havia sido torturado até a morte, literalmente. Não uma, mas duas vezes. Eu não sabia se Lokesh já havia arrancado o coração dele, mas, se ainda não tinha feito isso, faria em breve.

Ana prosseguiu:

– Posso apagar suas lembranças de Kelsey, para que ele não consiga descobrir onde ela está.

– Mas minhas lembranças são tudo que me resta dela.

– Dhiren – Ana ajoelhou-se diante da jaula e tocou os dedos dele com os seus –, se você não concordar com isso, acredito que Kelsey irá sofrer severamente.

Isso era verdade. Eu, sem dúvida, não queria a morte de Kelsey em minha consciência e sabia que Ren tampouco queria isso.

– A decisão deve ser sua – disse Ana. – Pense nisso. Retornarei amanhã.

Afastando-se dele, ela dessincronizou-se com o tempo e eu estendi os braços para ela. *Será que não podemos evitar ao menos parte do sofrimento dele?*, perguntou ela enquanto suas lágrimas molhavam minha camisa.

Ei, nada disso agora, adverti. *Suas lágrimas são letais*.

Ela fungou e olhou à nossa volta, em busca de sinais de algum acontecimento catastrófico. Não encontrando nada, disse: *Talvez isso só aconteça quando você é o responsável pelas lágrimas*.

Franzi a testa, olhando ao redor. Uma lágrima caiu da ponta de seus cílios, mas não alcançou o chão. Desapareceu, assim como nossas pegadas quando estávamos dessincronizados com o tempo. Interessante.

Ficamos parados ali, os dois, abraçados, enquanto Ana avançava rapidamente o tempo. Horrorizados, vimos quando Lokesh entrou na sala e mandou tirarem Ren em forma de tigre da jaula, arrastando-o. Impaciente, ele submeteu o corpo de Ren a choques elétricos até que voltasse à forma humana. Ren havia se curado como tigre, mas estava faminto. Fraco. E isso prejudicava o processo de recuperação natural de seu corpo.

Lokesh aplicou uma injeção em Ren e fez uma pergunta após outra. A maior parte delas era sobre Kelsey. Ren gritou em agonia quando Lokesh cravou uma faca em seu corpo e a torceu. Ana ergueu um dedo e percebi que os olhos de Ren clarearam, seu corpo relaxou, aliviado. Ela tirara a dor.

Lokesh agarrou o rosto de Ren, virando-o para ele.

– Eu juro a você, meu príncipe orgulhoso – cuspiu ele –, que você me contará a localização dos dois outros amuletos. É só uma questão de tempo.

De volta à jaula, assim que o complexo ficou silencioso enquanto a noite avançava pelo céu, algo interessante aconteceu. Kelsey apareceu. Ana pegou minha mão quando dei um passo à frente e me puxou para trás, sacudindo a cabeça.

Como ela pode estar aqui?, perguntei.

Deve ser a conexão deles, respondeu Ana, pressionando minha mão contra o tigre entalhado na pedra da verdade que pendia de seu pescoço. *Você pode ver a força da aura de ambos? É como a nossa. Ela os une.*

De fato, eu podia ver a luz brilhante que cercava os dois.

“Kells?”, disse Ren, sua voz pouco mais que um sussurro.

“Sim, sou eu”, respondeu Kelsey, agarrando as barras da jaula.

“Não consigo vê-la”, disse ele.

Kells ajoelhou-se e encostou o rosto nas barras.

“Assim está melhor?”

“Está.” Ren tocou as mãos dela com dedos trêmulos e inchados e a luz que os cercava tornou-se exponencialmente mais intensa.

Deslizei minha mão para o ombro de Ana e a trouxe para mais perto de mim, pousando um beijo em sua têmpora enquanto a segurava.

Vendo o péssimo estado dele, Kelsey começou a chorar. Ana a acompanhou, pressionando a ponta dos dedos contra a boca.

“Ah, Ren! O que foi que ele fez com você?”, perguntou Kelsey.

Ele contou a ela sobre Lokesh, disse que ele queria encontrá-la a qualquer custo. Ela implorou que ele aguentasse um pouco mais e garantiu que estávamos vindo buscá-lo.

Quando falou “E eu estou tão... cansado”, meu coração se despedaçou. Fiquei surpreso quando Kelsey respondeu: “Então conte a ele. Conte a ele o que ele quer saber.” *Ela enlouqueceu?*

“Nunca contarei a ele, *prema*”, prometeu Ren.

O fogo apagou-se em Kells com a mesma rapidez com que surgira.

“Ren, eu não posso perder você”, disse ela.

“Eu estou sempre com você. Meus pensamentos estão em você. O tempo todo.”

Ana segurou meu braço e apoiou-se em meu peito.

Ren mencionou que Durga havia lhe oferecido ajuda, mas, deliberadamente, deixou Kelsey acreditar que a oferta era para salvá-lo, não a ela.

“Aceite! Não pense duas vezes. Você pode confiar em Durga.”

Ana encolheu-se ante aquelas palavras.

“Qualquer que seja o preço”, continuou Kelsey, “não importa, desde que você sobreviva.”

“Mas Kelsey...”, disse ele.

“Shh. Faça o que for preciso para sobreviver, está bem?”

Ren assentiu, resignado a seu destino, e disse que ela precisava ir embora. Então pediu um beijo, acreditando que seria a última vez que beijaria a mulher que amava. Ele a segurou com tanta delicadeza, com tamanho cuidado, que qualquer um que os observasse deduziria que era por causa da dor. Mas o motivo não era esse, de jeito nenhum. Para Ren, Kelsey era a coisa mais preciosa no mundo, e ele queria que ela soubesse disso. Eu invejava a facilidade com que meu irmão expressava seus sentimentos. Então ele abriu a boca para recitar um poema. *Sério? Agora?*

Eu me remexi, impaciente, esperando que Ana entendesse a mensagem para acelerar as coisas, mas mentalmente ela me mandou ficar quieto. O poema comoveu Ana mais do que a mim, mas entendi o sentido dele, a mensagem que Ren estava tentando passar. Se antes eu não compreendia de verdade meu irmão, certamente, agora, sim.

Quando terminou, Ren afastou-se de Kells. Toda a ternura esvaiu-se de sua voz, como se ele já estivesse deixando-a partir.

“Kelsey?”, chamou ele. “Não importa o que aconteça, por favor lembre-se de que a amo, *hridaya patni*. Prometa que irá se lembrar.”

“Vou me lembrar. Prometo. *Mujhe tumse pyarhai*, Ren.”

A luz mudou à volta de Kelsey. Ela começou a desaparecer. Se não estivesse tão concentrada em Ren, gritando seu nome enquanto era levada dali, poderia ter se virado e nos visto. E, então, ela se foi.

Chegou a hora, disse Ana.

Invocando seu poder, ela deslocou seu corpo, deixando-o surgir por completo no tempo de Ren.

– Vou aceitar sua oferta, Deusa – disse Ren.

– Muito bem.

Ana deu um passo, aproximando-se dele.

– Nunca mais vou me lembrar dela? – perguntou Ren.

– Suas lembranças serão bloqueadas apenas temporariamente – replicou Ana.

O alívio no rosto dele foi maior do que quando ela suspendera sua dor. Se lhe fosse possível, acho que ele teria se ajoelhado aos pés dela para venerá-la.

– Obrigado – disse ele humildemente.

Ana levou a mão ao interior da jaula, tocando-lhe o rosto de leve com a ponta dos dedos.

Ela começou seu trabalho, mas então algo me ocorreu. Lembrei-me do momento em que Ren recuperara a memória. Fora ao me ver beijar Kelsey.

– Ana – murmurei silenciosamente no escuro.

– Hein?

Ela voltou-se para mim.

– Você precisa definir um gatilho. Algo que traga a memória dele de volta.

Ela assentiu.

- Precisamos de um gatilho, Dhiren.
- Como assim? – perguntou ele. – Quem está com você?
- Estou acompanhada pelo meu... meu consorte.

Bufoi, não gostando nem um pouco daquela palavra. Ana me ignorou.

- O gatilho é um acontecimento que irá despertar sua memória. Precisa ser algo que prove a você que ela está em segurança.

Ren sugeriu várias formas de gatilho, mas nenhuma delas era a correta – a que aconteceu de fato.

- O gatilho foi um beijo – contei a ela. – Quando beijei Kelsey pela primeira vez, ele recuperou a memória.

Ana me lançou um olhar frio, franzindo a testa. Cruzei os braços diante do peito. Se ela ia me chamar de consorte, então podia lidar com meu relacionamento passado.

- Kelsey está em segurança com seu irmão, não está? – perguntou ela, após voltar-se novamente para Ren.

Aparentemente, quando eu estava dessincronizado, Ren conseguia me ouvir o bastante para saber que havia alguém com a deusa, mas não o suficiente para compreender minhas palavras ou reconhecer minha voz.

- Com meu irmão? Sim. Ela vai ficar em segurança com ele. Então, vê-los juntos vai devolver minha memória?

- Não. Não basta vê-los juntos. Eles precisam estar... à vontade.

Ren riu.

- Meu irmão gosta de ficar um tanto à vontade demais com Kelsey. Ele provavelmente vai se aproveitar da minha ausência e tentar beijá-la sempre que tiver oportunidade.

Ele não percebeu que o corpo inteiro de Ana se retesou.

Séria, ela assentiu.

- Muito bem. Seu gatilho será um beijo.

- Você quer dizer que, quando eu o vir beijá-la, vou recuperar a memória?

- Exatamente.

Ren afastou-se.

- Por que hesita, Dhiren? – perguntou Ana. – Você não acredita que seu irmão vai beijá-la?

Ergui uma sobrelanceira diante da minúscula nota de esperança na voz dela.

– Ah, ele vai beijá-la, vai, sim – garantiu Ren.

– E você pode ter certeza da segurança dela se os vir se beijando?

– Provavelmente.

– Ah, você gostaria que existisse outra forma – disse Ana e voltou-se para mim. – Eu também gostaria. Mas o que tem de ser será. Vamos, Dhiren, é hora de finalizarmos.

Enquanto ela trabalhava, Ren entrou em uma espécie de transe.

Sincronizei-me por completo no tempo dele, sabendo que ela tiraria quaisquer lembranças de minha presença ali.

– Quanto disso ele vai lembrar? – perguntei.

– Somente as partes que quisermos – respondeu ela, a mão resplandecente estendida enquanto ela filtrava com cuidado as memórias dele.

Era muito mais fácil limpar uma mente por inteiro ou remover tudo que aconteceu em uma determinada janela de tempo do que realizar o delicado trabalho de remover apenas uma pessoa e deixar o restante intacto.

– Certifique-se de que ele não saiba que eu estive aqui, então.

Ana assentiu.

Aproximei-me e me ajoelhei ao lado da jaula.

– Olá, irmão – falei.

Seus olhos cansados dirigiram-se a mim e ele se aproximou.

– Kishan? Como... como você pode estar aqui? – perguntou.

– Sinto muito que você tenha de sofrer – comentei, desejando poder tirar parte do fardo dele. – Você vai ser resgatado em breve. Não que vá se lembrar de eu ter dito isso.

– Não entendo – disse Ren, sua voz evocativa e exigente. – O que está acontecendo, Kishan? Me conte! – insistiu, tentando sentar-se.

– É um véu de obscurecimento – afirmei. – Estamos ocultando suas lembranças de Kells para que Lokesh não a encontre.

Estendi a mão através das grades para ajudar a apoiá-lo e me encolhi ao ver como ele estava esquelético. Tocando o amuleto, aumentei um pouco a jaula. Não a ponto de Lokesh perceber, mas mesmo alguns centímetros de cada lado o deixariam mais confortável.

Quantos anos de sua vida Ren havia perdido em jaulas?

A culpa por deixá-lo ali era quase incapacitante, mas então me lembrei da conversa que tivemos. Acontecera meses antes para mim, mas há séculos para ele. Mesmo então, quando ainda não conhecia Kelsey, ele havia aceitado seu destino. Tive certeza de que, se soubesse de tudo agora, faria a mesma coisa novamente. Meu irmão era um homem nobre e merecia toda a felicidade que veio a ter. Ele a havia conquistado.

– Mas por que você está aqui? Não entendo.

– Você não acreditaria se eu tentasse explicar – disse a ele com gentileza. – Além disso, eu mesmo mal entendo. Apenas confie em mim quando digo que isso é necessário. – Toquei seu ombro, apertando-o de leve, então deixei Ren e murmurei para Ana: – Já está terminando?

– Quase.

O corpo de Ren se sacudiu e então ficou flácido. Observamos enquanto ele se transformava em tigre.

– Agora está feito – disse Ana. – Durma, tigre branco, e sonhe com a garota que você ama uma última vez.

Ela teceu a magia no ar e a usou para escorar o corpo de Ren sobre sua maciez enquanto o baixava. Então ela lhe deu comida fresca, água limpa, palha nova, curou-o e invocou o poder para banhar e secar seu corpo. Ana então acariciou seu pescoço e tocou-lhe a cabeça com os lábios, as grades se dissolvendo enquanto ela se aproximava e se refazendo no momento em que se ergueu.

Quando ficou satisfeita, Ana desfêz-se de sua aparência glamourosa e saltamos através do tempo, parando em vários pontos para nos assegurarmos de que o bloqueio na memória de Ren se manteria. A primeira parada foi na cabana de Phet. O falso xamã estava esfregando bolotas de gosma cor-de-rosa nos cabelos de Ren. Paramos o tempo e todos permaneceram imobilizados, exceto Kadam.

– Já era mesmo hora de vocês dois aparecerem – disse ele. – Não sei por quanto tempo mais Ren ia suportar isso.

Ana riu, cobrindo a boca para abafar a risadinha, e então reforçamos o bloqueio.

Kadam, disfarçado de Phet, nos dispensou com um aceno.

– Obrigado. Assumo daqui para a frente.

Nós dois disparamos então para o Festival das Estrelas. Ren quase lembrou-se de tudo quando levou Kelsey para a árvore que ele encheu com pedidos escritos em tiras de papel. Ana ficou encantada com a ideia e puxou alguns bilhetinhos da árvore, guardando-os para si. Quando pedi que me mostrasse, ela se recusou, e, quando ele nos viu e me perguntou quem era minha nova garota, Ana sorriu e lançou seu feitiço para remover nossa aparição de sua mente mais uma vez, fortalecendo seu lapso mental de modo que ele não conseguisse se lembrar de Kells.

Em seguida, fomos para o quarto dele em nossa casa, onde ele estava quebrando a cabeça com poemas, quase todos sobre Kelsey. Ana congelou o tempo e tirou uma página de seus dedos.

– Isso é muito... efusivo – disse ela.

– Você não viu nem a metade – retruquei.

Ana reforçou o bloqueio e passamos à próxima parada.

Congelando o tempo no palácio do dragão vermelho, Ana estudou a luz dourada que aflorava à palma da mão de Kelsey. Ren ficou parado atrás dela, os dois produzindo energia suficiente para criar uma supernova. Batendo no lábio com os dedos, Ana disse:

– Quando usam seu poder dessa forma, o bloqueio da memória é consumido. É parecido com o que acontece quando nós... nos abraçamos.

– Ah. Faz sentido, suponho – falei.

– Isso vem de seu elo como encarnações da deusa e de seu tigre. É por isso também que ela é capaz de abrir todos os nossos portais e fechaduras. Eles estão canalizando o mesmo tipo de poder.

Franzi a testa.

– Mas, Ana, Kelsey testou esse poder comigo no barco. Kells e eu não conseguimos gerar esse poder juntos.

– Talvez porque você não seja o tigre dela – respondeu Ana suavemente e estendeu a mão para mim.

– Não – anuí, deslizando a palma da minha mão sobre a dela e saboreando o formigamento familiar associado a nosso toque. – Eu pertenço a outra pessoa.

Ana se postou entre meus braços e girou o dedo, deixando o tempo prosseguir naturalmente. Observamos Kelsey e Ren acenderem a estrela. Quando concluíram, ambos vimos o momento em que ele se lembrou.

“Kelsey”, disse Ren, seu corpo inteiro em sintonia com o dela. A emoção tomou conta de seu rosto quando ele tornou a chamá-la. Mas Kelsey estava exausta. Ela não percebeu. Tive pena dele nesse momento e fiquei tentado a deixá-lo pelo menos falar com ela, mas Ana, sempre eficiente, logo tirou as lembranças de sua mente outra vez.

– Se eu não tivesse pensado em tomar Ren avesso a tocá-la, passaríamos uma vida inteira só tentando mantê-los separados – explicou Ana. – Como você conseguiu comprometer-se com uma garota apaixonada por seu irmão?

– Ele foi um idiota e terminou com ela. Kelsey quase morreu porque ele não podia salvá-la fisicamente. Ele ficava doente perto dela. Ren decidiu que era melhor para ela ficar comigo. Isso partiu o coração dos dois.

– O seu também – disse ela baixinho.

– O meu também – concordei.

Em seguida, fomos para o topo da casa do leme no *Deschen*, onde Ren e Kelsey encontravam-se recostados em almofadas, comendo pipoca. Ren olhava fixamente sua tigela, como se ela contivesse os segredos do universo. Ele murmurou alguma coisa sobre um vestido azul e Ana disse:

– Ele está se lembrando de algo e isso está desencadeando mais lembranças.

Erguendo a cabeça, ele sorriu e deu um passo na direção de Kelsey. Nesse momento, Ana deslizou a mão sobre seu rosto e ele vacilou.

Em um segundo, estávamos em uma cabine do *Deschen* que reconheci como a de Kelsey. Nós a ouvimos assoviando no banheiro.

– Vamos curá-la da mordida do *kraken*? – perguntei.

Ana sacudiu a cabeça e franziu a testa.

– Isso não estava na lista. Vocês usaram o *kamandal*?

– Ainda não o tínhamos enchido.

– Talvez Kadam a tenha curado – sugeriu Ana.

– Não. – Sacudi a cabeça. – Ela curou-se rapidamente sozinha, como aconteceu em Shangri-lá.

– Ela curou-se lá? Interessante. E ainda assim precisou do *kamandal* para curar-se da mordida do tubarão?

Fiz que sim com a cabeça.

– E Fanindra a curou da mordida do *kappa* em Kishkindha.

– Shangri-lá é um lugar especial, de fato – disse Ana –, mas não o criei para ser um lugar de cura. Tampouco moldei Kishkindha com esse propósito. E esse é um lugar onde os dragões governam. Eles mesmos criaram esses lugares. Eu me pergunto se, como eu, Kelsey utiliza o poder da conexão com seu tigre para se curar. É mais forte entre nós dois, porque nosso elo é permanente e o elixir intensifica esse poder. Mas Kelsey e Ren também têm essa habilidade, embora seja de uma forma mais limitada.

– Faz sentido. Os ferimentos dela foram menos severos nesse caso e seu elo estava mais forte. Bem, se não estamos aqui para curar Kells, então por que viemos? O bloqueio de memória de Ren está falhando?

– Está. Mas, neste caso, nós queremos que falhe.

– Ah. Então esta noite é o meu primeiro encontro com Kelsey.

A porta se abriu e Kelsey surgiu do banheiro usando seu lindo vestido.

“Kishan?”, chamou, e imediatamente ficamos quietos. “Acho que não”, disse Kells. “Parece que agora estou ouvindo coisas também.”

Kelsey andava de um lado para outro, nervosa, conferindo sua aparência no espelho.

Ana fechou os olhos.

Ela está rezando.

Para você?, perguntei, surpreso.

Não. Para a mãe dela. Ela... ela queria que a mãe estivesse aqui para orientá-la e...

Ana inclinou a cabeça.

O que foi?, perguntei, instando-a a prosseguir.

Ela quer que você fique feliz. Que sinta que pertence a este mundo. Ela quer amar você como ama Ren.

Mas não ama.

Os sentimentos dela por você são fortes. Ainda são. Kelsey ama você, mas...

Mas ama Ren mais intensamente.

Voltando-se para mim, Ana tocou meu braço.

Está tudo bem, falei. Uma parte de mim sempre soube. Foi por isso que concordei em ficar para trás com você.

Houve uma batida na porta e Ana inclinou-se para ver de relance meu antigo eu.

Você estava muito bonito, comentou.

Ofereci-lhe a mão e os seguimos até o convés, onde eu havia me empenhado em organizar um jantar romântico.

Você se esforçou muito, disse Ana, admirando a mesa.

É. Esfreguei a nuca, me sentindo culpado por nunca ter feito nada assim para Ana. *Eu estava bem desesperado para conquistar o afeto dela,* eu disse.

Qualquer afeto conquistado dessa forma é fugaz, replicou ela. *Uma mulher deve amar um homem por seu caráter, não porque ele a cobre de belos presentes e luxos.*

É verdade, concordei, abraçando sua cintura por trás e inclinando-me para falar suavemente em seu ouvido: *Mas um homem deve ser gentil e atencioso quando corteja uma mulher.* Com o peso de Ana apoiado em mim, começamos a nos balançar ao som da música. *Dança comigo, Ana?*

Ela assentiu e eu a virei em meus braços e a puxei para mais perto. A sensação de seu corpo movendo-se junto com o meu era inebriante. A mão de Ana acariciava meu peito e eu a capturei, pressionando-a sobre meu coração. Logo nos vimos perdidos em um mundo só nosso e fiquei tão concentrado que quase esbarrei em meu antigo eu quando ele começou a dançar com Kelsey. Em vez de me puxar para longe, Ana congelou o tempo e dançamos uma música criada por nós mesmos.

Deslizando os braços em torno de meu pescoço, ela colou-se ainda mais a mim e nossos lábios se encontraram. Minhas mãos passearam por suas costas e pela curva de sua cintura. Segurei seus cabelos e puxei sua cabeça delicadamente, de modo que seu rosto virasse ainda mais para cima e eu pudesse beijar a pele macia de seu pescoço. O mundo à nossa volta pegou fogo e, por fim, nos separamos quando ouvimos um estrondo.

Parece que o tempo recomeçou sem a nossa ajuda, disse Ana.

Ren deve ter feito isso. Devíamos aprender a nunca subestimar um tigre desesperado, fãlei.

As mãos de Kelsey ainda seguravam a camisa de meu antigo eu e os cabelos dele estavam eriçados. Com a pedra da verdade de Ana pressionada contra meu peito, percebi que a aura de Kelsey não combinava com aquela exibida pelo meu outro eu. Antes que eu pudesse comentar isso com Ana, ouvimos a voz de Ren vir de algum lugar acima de nós:

“Eu disse: *Solte-a! Agora!*”

Houve outro estrondo e um vingativo Ren saltou na direção deles. E ameaçou:

“Não... me faça repetir!”

Ele está se lembrando?, perguntei a Ana.

Está prestes, mas não, ainda não.

Bem, vamos tirar o pobrezinho desse sofrimento.

Ana agitou a mão sobre a cabeça de Ren e ele gritou.

Tocando as costas dela, perguntei:

O que houve? Por que ele está com dor?

Ele está... ele está lutando contra mim, explicou ela.

Por quê? Ele não quer lembrar?

Preciso da sua ajuda, foi a resposta de Ana. *Uma parte dele pressente que estamos aqui e se recusa a se submeter à nossa interferência outra vez. Ele é um tigre lutando por sua companheira.*

Ela pôs a mão na cabeça de Ren e eu toquei o ombro dele.

Relaxe, irmão, sussurrei para sua mente. Ren gemeu e lutou contra nós. Na verdade, eu não podia culpá-lo. Se alguém tivesse tirado Ana de mim dessa forma, um ataque violento seria o mínimo que eu fãria.

Não vamos mantê-la longe de você por muito mais tempo. É hora de você se lembrar. Ren acalmou-se o suficiente para que Ana terminasse o que precisava fazer e então desabou no convés. Eu me aprumei e peguei a mão de Ana.

Está feito, então?, perguntei.

Ele vai se lembrar de tudo, exceto da sua presença na primeira vez que tiramos suas lembranças.

Ren se levantou e começou a explicar sobre o véu de obscurecimento e como Durga havia ocultado suas lembranças.

– Essa foi por pouco – comentei depois que todos haviam ido embora.

Ela olhou para o convés acima de nós.

– Nossa presença neste lugar foi arriscada. Você poderia ter encontrado a si mesmo duas vezes aqui.

– É verdade. – Passei a mão pelo queixo, lembrando-me de que havia assistido a essa cena repetidamente. – Nossos antigos eus não podem nos ver?

– Não. Eles foram embora agora. Eu não me lembro de nos ver. E você?

– Não. Acho que está tudo bem.

– Felizmente para nós, essa foi a última vez que tivemos de interferir na mente de Ren. Falando nisso, temos só mais uma tarefa na lista.

– E então fazemos uma pausa? – perguntei, pensando em ter Ana só para mim em uma praia de areias brancas.

– Sim. Mas, Sohan, essa tarefa será a mais difícil de todas. E não sou eu quem vai realizá-la. Se isso vai acontecer, precisa ser sua escolha, e apenas sua.

– O que é? – perguntei, engolindo um nó que se formou em minha garganta.

– Precisamos retornar ao momento da morte de Yesubai.

Assenti.

– Certo. Acho que posso fazer isso.

– Não é assistir à morte dela que temo que vá abalar você.

Inclinando a cabeça, eu disse:

– O que mais poderia ser? O que temos de fazer? Eu já sei que Kadam não vai querer que a salvemos.

– Não. Não estamos sendo mandados até lá para salvá-la. Vamos até o momento em que você se torna um tigre. – Umedecendo os lábios, Ana chegou mais perto e pegou a minha mão. – Você se lembra? Nossa tarefa final é criar a maldição que transformou vocês.



Uma promessa cumprida

— A maldição – repeti, a voz sumindo.

– É. Kadam deixou isso por último.

– De propósito, não foi?

Ana assentiu, pouco à vontade.

– Ele queria que você tivesse tempo para considerar todas as ramificações dessa decisão primeiro.

– Kadam sempre foi inteligente – comentei, dando as costas a ela.

Ana ficou em silêncio por um momento, me dando tempo para pôr em ordem meus pensamentos. Por fim, pôs a mão em meu braço.

– Nenhum de nós vai forçá-lo a tomar essa decisão – disse ela. – Se você optar por desfazer a maldição, impedir que ela se realize, não vou julgá-lo.

Peguei sua mão e a fiz se virar para me encarar.

– O que você escolheria, Ana? – perguntei.

– O que eu escolheria é irrelevante. Foi você quem perdeu não uma, mas duas mulheres que amava. Você sofreu na selva, sentindo-se solitário e magoado. É você quem está condenado a ser um tigre até o fim dos seus dias.

– E você? – perguntei. – Escolheria a vida da deusa? Sei que você não queria. Não quando Sunil foi embora, pelo menos.

– Não – respondeu ela em voz baixa. – Eu não queria na época.

– E agora?

– Agora, eu... É uma vida que estou disposta a viver, mas não sem...

Ela cortou o fim da frase e mordeu o lábio.

– Não sem mim – concluí por ela.

– É – admitiu Ana. – Se você escolher permanecer totalmente humano, recusar o poder do Amuleto de Damon, então eu também terei uma vida mortal.

Encostei minha testa na dela.

– Assim nunca nos encontraríamos.

– Não.

– Não importa – afirmei, ansioso. – Não há decisão a tomar. Se eu não aceitar o poder, Yesubai vai morrer, de qualquer jeito. Ren e eu provavelmente pereceríamos nas mãos de Lokesh, talvez não de imediato, mas logo depois, e você... você seria uma escrava daquele monstro que abusava de crianças. É isso que você quer?

– Não – respondeu Ana –, mas o simples fato de você rejeitar o amuleto não significa necessariamente que essas coisas sejam inevitáveis. Pense nisso. Sem o amuleto, Lokesh teria morrido muitos anos antes. Yesubai nunca teria nascido. O tempo seria reiniciado. Quem sabe o impacto disso no mundo? Talvez o homem que escravizava crianças também não tivesse nascido, ou talvez fosse completamente diferente ou vivesse em uma cidade distante. Não podemos saber.

– Kadam sabia. Talvez, se não fosse tão covarde, eu tivesse trilhado o caminho que ele trilhou e vislumbrado meu futuro, seguido linhas do tempo diferentes.

– Ele não queria isso para nós, lembra? – disse Ana, tomando meu rosto nas mãos. – Você viu que esse conhecimento é um fardo para ele.

Assenti e ela continuou:

– Não deixe que o medo do que viu no passado ou os sofrimentos de sua família e de seus amigos tomem por você a mais importante das decisões. Nunca na história do mundo houve um homem que possuísse o dom de enxergar em retrospectiva assim. Pense no seu passado, sim, mas também

considere os anos ainda não vividos. Deixe seu coração guiá-lo e ouça apenas o que ele lhe diz. Prometa que vai fazer isso, Sohan.

Segurei seu pulso e levei a palma de sua mão aos lábios. Fechando os olhos, beijei-a e disse:

– Eu prometo, Ana.

– Então, quando estiver pronto, iremos. Devemos observar sem sermos vistos por um tempo para que você possa decidir, mas saiba que vou apoiar sua escolha, seja ela qual for.

Ana tocou o Amuleto de Damon, que descansava contra minha pele, e depois se inclinou para beijar meu rosto.

Quando ela levantou a cabeça, eu me inclinei para trás e tirei a joia que havia mantido escondida atrás do amuleto. Eu a tinha pegado quando despertei Ana depois de escotar Lady Bicho-da-Seda até em casa, pensando que encontraria o momento certo para dar o presente a Ana.

– Não importa o que aconteça – falei –, quero que você fique com isto. Tecnicamente, já pertence a você. Estava escondido dentro de uma das abóboras na casa de cabaças.

Abri os dedos, ela pegou o anel e o segurou pelas bordas, erguendo-o contra a luz. Era um anel simples – uma aliança de prata com videiras entrelaçadas –, mas, desde o Bosque dos Sonhos, ele me fazia lembrar dela, de nós. Nunca me pareceu certo dá-lo a Kelsey, embora eu o tivesse guardado com a intenção de presentear-lá com ele em algum momento. Agora eu sabia por que nunca o tinha dado a ela. Ele sempre fora destinado a Ana.

– Você está me dando o anel para ganhar meus favores? – perguntou ela com um sorriso. – Se é por isso, lembre que você já tem a habilidade de dobrar a deusa à sua vontade.

Balancei a cabeça.

– Não peço nada em troca. É um símbolo da minha consideração por você.

– Ah! E devo interpretar que sua consideração significa que sou uma erva daninha que sufoca você? – provocou.

Peguei sua mão e a puxei para mais perto.

– Não – contestei-a suavemente. – Eu a considero como você considera suas flores. – Tocando seu cabelo com a ponta dos dedos, continuei: – Você é uma

flor rara e preciosa que me traz prazer toda vez que me aproximo. Não importa o que vai acontecer a seguir, quero que saiba que não lamento nada nesta jornada com você e que o vínculo que compartilhamos é muito importante para mim.

Ana deslizou o anel em seu dedo e depois uniu as mãos atrás de meu pescoço.

– Então o anel será importante para mim – declarou.

Abraçando-a, invoquei o poder do amuleto e saltamos através do tempo. Então nos rematerializamos no palácio de Lokesh e ficamos dessincronizados com o tempo para nos mantermos invisíveis. Ana pegou minha mão e avançou, seguindo o som das vozes. Logo deparamos com meu antigo eu conversando com Lokesh.

“Onde está ele?”, indagou meu antigo eu, em tom de urgência. “Você não pode simplesmente atirá-lo na prisão.”

“Acalme-se, jovem príncipe. Nenhum mal foi feito a ele.” Em tom quase inaudível, Lokesh acrescentou: “Pelo menos nada a que não vá sobreviver.”

Meu eu mais jovem virou-se bruscamente e estreitou os olhos, mas Lokesh colocou um sorriso de político no rosto.

“Você precisa confiar em mim quando digo que vai dar certo. Tudo que precisamos fazer é mostrar a ele que minha filha ama você, e o próprio Dhiren vai rasgar o acordo de noivado. Depois disso, se ele é verdadeiramente o irmão amoroso que você afirma que é, vai negociar novos termos.”

Após uma breve pausa, Lokesh prosseguiu:

“Quanto a mim, vou desempenhar o papel do pai vingativo que foi enganado pela família Rajaram. Para proteger sua honra e a de sua família, o herdeiro de Rajaram pagará o preço que pedimos para apagar esse feio episódio. Ah, ele pode odiá-lo por um tempo, mas estou certo de que no fim tudo sairá como deveria.” Ele segurou meu antigo eu pelo ombro. “Vamos encontrar juntos uma nova noiva para ele, uma escolha mais adequada. Depois que ele estiver casado e feliz, logo esquecerá todo esse dissabor.”

Homem desprezível, sibilou Ana. *Fico feliz que o demônio esteja morto.*

Concordei. Ficamos para ouvir os dois homens fazerem seus planos e depois acompanhamos meu antigo eu até o lado de fora, seguindo-o de perto até ele

encontrar Yesubai. Ao cair em seus braços, ela levantou o véu e ouvi Ana ofegar de surpresa.

Ela é linda, comentou Ana. Suas lembranças dela eram imprecisas.

Muitas vezes as recordações são assim. Eu me imaginava apaixonado por Kelsey quando você viu Yesubai através dos meus olhos. Provavelmente isso interferiu em minhas lembranças. Mas você está certa, Yesubai era linda, observei enquanto via os dois se abraçarem. Olhei para o rosto de Ana e sua expressão era indecifrável. Será que ela odeia Yesubai? Será que está com ciúme? Se tivesse sido Ana a cair nos braços de um estranho, não sei o que eu faria. O mais provável é que eu o estrangulasse. Mas Ana apenas observava em silêncio.

Também estudei a menina de olhos violeta, pois era o que ela era, uma menina, de apenas 16 anos. Yesubai teria sido uma escolha adequada para mim ou Ren naquela época. Agora, porém, séculos depois, ela parecia jovem demais para mim. Se me olhasse no espelho, meu rosto poderia não parecer tão diferente do jovem abraçado a Yesubai, mas meus olhos revelariam minha idade. Eu carregava os anos dentro de mim. Eles tinham passado e me moldado, do mesmo jeito que as marcas em minha carne denunciavam.

Tantas coisas haviam me acontecido desde que eu fora aquele rapaz. Eu me sentia uma pessoa completamente diferente. Meu corpo era jovem, mas meu espírito era muito velho. Enquanto os observava juntos, meu coração transbordava. Não de um afeto constrangido pela menina doce que era filha de um monstro, mas de uma sensação de melancolia e tristeza por uma vida podada prematuramente.

“O que está acontecendo?”, perguntou Yesubai, afastando-se do abraço.

“Seu pai diz que teremos que confrontá-lo abertamente”, respondeu meu eu mais jovem, “e parece acreditar que será mais fácil convencê-lo se ele vir que nós três estamos unidos. Tecnicamente, meu irmão é prisioneiro do seu pai, mas ele me garantiu que só pretende ameaçar Ren até ele entregar o que seu pai deseja, e então irá assinar o novo acordo de noivado.”

“Mas...”

Nesse momento, Lokesh chegou.

“Ah, aí está você, querida.”

Era óbvio que Yesubai tinha um medo mortal do pai. Ela desceu o véu assim que ouviu a voz dele e baixou a cabeça. Afastando-se rapidamente do rapaz que amava, Yesubai passou o braço pelo do pai.

“Se nos dá licença, Kishan”, disse Lokesh, “vou acompanhar minha filha até os aposentos dela para que descanse e se troque antes de seu irmão chegar.”

“É claro”, disse meu antigo eu.

Tive o cuidado de passar a uma boa distância dele quando deixamos o antigo Kishan para trás e seguimos Yesubai e Lokesh. Ele levou a filha por uma escadaria de pedra. Com nada menos que três portas trancadas entre os aposentos dela e o jardim, era evidente que ele tomara providências para que não houvesse possibilidade de Yesubai fugir.

Depois que ela e Lokesh entraram no quarto dela, a porta foi trancada atrás deles. Decidimos que era melhor esperar no corredor. Mesmo assim, ouvimos trechos de conversa e ameaças sussurradas. Ana estava prestes a ir até eles quando a porta de repente se escancarou e Lokesh saiu. Como Yesubai nesse momento estava em segurança com sua criada, decidimos seguir Lokesh.

O pai de Yesubai trancou a porta do quarto e depois desapareceu pela porta seguinte. Quando íamos segui-lo, ouvimos a voz alarmada da menina através da porta. Yesubai falou baixo o suficiente para que os soldados lá fora não pudessem ouvir, mas suficientemente alto para que uma deusa e seu tigre escutassem.

“Isha”, disse ela, “estou com tanto medo! Ele vai matá-los!”

Ana me lançou um olhar significativo. Peguei sua mão e apertei. Enquanto a criada consolava Yesubai, percorremos o pátio rapidamente, atravessando as paredes do palácio, e seguimos Lokesh, que estava na sala do trono com seu conselheiro.

“Quando você o trouxer”, disse Lokesh, “certifique-se de que Yesubai seja a primeira coisa que ele veja. Os dois príncipes apaixonados vão passar um por cima do outro para me dar o que eu quero.”

“É claro, e então, depois que eles estiverem mortos, receberei minha recompensa?”

“Sim, sim, minha filha será sua. Agora vá. Prepare o prisioneiro.”

Depois que o homem saiu, Lokesh trancou a porta, ergueu os braços e começou a praticar o poder do amuleto. Ana o observava, transfixada. O poder não vinha naturalmente para Lokesh. Nós dois podíamos sentir o amuleto resistir aos comandos dele.

O controle não se destinava a ele, disse Ana. O amuleto luta contra ele. É verdade.

Nunca coube a Lokesh e seus antepassados exercer o poder. Eles eram apenas guardiões. Vimos Lokesh tropeçar. As veias em seus braços saltavam, quase negras, contra a pele. O amuleto o está destruindo, disse Ana. Ele o está enlouquecendo, do jeito que Kadam disse que aconteceria.

Será que vai afetar Kadam do mesmo jeito?, indaguei.

Ana mordeu o lábio.

Quanto mais é usado, mais o poder destrói quem o utiliza. Mas Kadam detém apenas um pedaço. Ela pousou a mão em meu braço. Vamos observá-lo.

Então o que está nos protegendo?, perguntei.

A garota a meu lado me lançou um olhar que queria dizer muitas coisas. O único problema era que eu não sabia exatamente o quê.

Talvez algum dia a gente descubra, respondeu ela.

Lokesh suava em profusão depois de mais ou menos uma hora usando o amuleto. Ele enxugava a testa com uma toalha quando bateram à porta, aberta por ele com violência.

“O que é?”, sibilou.

“Sua filha está pronta. Neste momento ela se encontra com o príncipe mais novo. Achei melhor não deixá-los sozinhos por muito tempo.”

“Muito prudente da sua parte”, disse Lokesh. “Me dê um momento e depois os traga aqui.”

O homem desapareceu e Lokesh usou o poder do amuleto para se refrescar. Ele vestiu a túnica e ajeitava o cabelo quando o servo entrou, curvando-se, acompanhado por Yesubai e meu antigo eu.

Como eu estava orgulhoso então. Tão feliz e autoconfiante. Sim, eu estava preocupado com Ren, no entanto meus pensamentos voltavam-se para a garota de braço dado comigo. Ana estava certa ao dizer que minhas lembranças de Yesubai não lhe faziam jus. Naquela ocasião, tudo que eu tinha visto fora sua

beleza. A bondade em seus olhos. O amor que ela obviamente sentia por mim. Agora eu podia ver o medo tremeluzindo sob o rubor do rosto, o tremor dos lábios brilhantes que maculava seu sorriso e as lágrimas não derramadas fazendo com que seus olhos faísassem.

Depois que eles se sentaram e Lokesh deu suas instruções finais, os soldados receberam ordens e Ren foi trazido à sala. Ele tinha sido espancado, mas não era nada se comparado à tortura que Lokesh pessoalmente lhe infligia no futuro. Naquele momento de sua vida, Ren ainda estava cheio de esperança e rebeldia. Mesmo quando me viu sentado no trono com Yesubai e soube de minha traição e da deslealdade dela, sua raiva e sua tristeza eram coisas mínimas se comparadas ao que ele sentira ao perder Kelsey.

“Por que você... você, que é quase da família... me tratou com tanta... falta de hospitalidade?”, perguntou Ren.

“Meu querido príncipe”, respondeu Lokesh, “você tem algo que eu desejo.”

Estremeci, obrigando-me a ouvir novamente cada palavra de Ren. Era quase como se ele estivesse fazendo as perguntas a mim, não a Lokesh. Sim, o pai de Yesubai nos causara dor, mas agora era eu o carrasco. Na verdade era eu, Kishan, quem ia impor a ele e a nós um sofrimento que duraria anos.

“Nada que você possa querer justifica isso”, disse Ren. “Nossos reinos não devem se unir? Tudo que tenho está à sua disposição. Basta pedir. Por que fez isso?”

Por quê, de fato? Embora meu irmão não pudesse me ver, fui até ele e pousei minha mão espectral em seu ombro. Ambos fitávamos Lokesh enquanto ele esfregava o queixo. Eu assim, ao lado de Ren, era como sempre deveria ter sido. Irmãos, lado a lado.

“Os planos mudam”, respondeu Lokesh. “Parece que seu irmão gostaria de tomar minha filha como noiva. Ele me prometeu certas compensações se eu o ajudar a atingir esse objetivo.”

A conversa entre os dois prosseguiu. Minhas mãos coçavam para fazer algo. Para deter Lokesh. Aqui. Agora. Mas eu não deveria fazer isso. Estava ali para tomar uma decisão. Uma decisão que afetaria não só minha vida, mas a de todas as pessoas que eu amava no mundo.

“Pensei que tivéssemos um acordo”, sibilou meu eu mais jovem. “Só atraí meu irmão até aqui porque você jurou que não o mataria! Era para você tomar o amuleto dele. E só.”

“A esta altura, você já deveria ter aprendido que eu tomo tudo que eu quero”, retrucou Lokesh.

Era assim que *eu* sempre fui, um homem que tomava para si o que queria? Eu tinha tomado Yesubai. Tinha tomado Kelsey. E agora havia Ana. Se eu decidisse manter o poder do amuleto, estaria tirando suas escolhas? E as de Ren?

Foi quando escutei.

Estarei do seu lado, irmão.

Espantado, ergui os olhos e vi que Ren fitava meu antigo eu e este, por sua vez, olhava para trás. *Aquela tinha sido minha voz ou a de Ren? Será possível que sempre estivemos conectados de alguma forma através do Amuleto de Damon ou eu estava apenas escutando o eco de pensamentos vindos do meu eu mais jovem?* Não havia como saber.

O grito de Lokesh desviou todos os olhares para ele:

“Talvez você precise de uma demonstração do meu poder. Yesubai, venha!”

A pobre garota gemeu e se contorceu na cadeira dourada enquanto ele se aproximava. Antes que ele a alcançasse, Ren, sempre o herói, interveio e atraiu de volta para si a atenção do pai dela.

“Você é como uma cobra enrolada que se escondeu em sua cesta, esperando o momento de dar o bote”, gritou meu irmão, olhando para Yesubai e depois para meu antigo eu. “Vocês não veem? Suas ações libertaram a víbora e nós fomos picados. Seu veneno agora corre pelo nosso sangue, destruindo tudo.”

Como era irônico o fato de que, no fim, *foi* mesmo uma víbora que acabou por destruir Lokesh. Se ao menos Fanindra estivesse aqui agora.

“Você quer ouvi-la gritar?”, ameaçou Lokesh quando o ínfimo controle que mantinha sobre sua sanidade se extinguiu. “Garanto que ela grita muito bem. Esta é sua última chance de fazer uma escolha. Entregue a sua parte para mim.”

Enquanto Lokesh, o rosto arroxeadado, ameaçava Ren, eu pensava em Yesubai. Agora eu via com os próprios olhos o que Ren tinha sofrido nas mãos de

Lokesh. E o que ela sofrera? Ren tinha sido prisioneiro de Lokesh apenas por alguns meses, mas Yesubai vivera com ele por dezesseis anos.

“Que seja, então”, disse Lokesh, e puxou uma fada da túnica. Ele começou a girar um medalhão ao mesmo tempo que sussurrava algumas palavras, conjurando o feitiço de sangue para fazer de Ren seu escravo.

Nisso, notei algo que não tinha visto antes. Uma luz surgiu em torno de Ren e Lokesh à medida que o feitiço progredia, mas Yesubai também estava brilhando.

Está vendo, Ana?, perguntei.

A pedra do tigre esculpida a partir do ovo da Fênix nos mostra a verdade, respondeu Ana.

Aparentemente, eu não precisava mais tocar um pedaço da pedra da verdade para enxergar o que havia no coração das pessoas. Eu podia ver através dos olhos de Ana. O corpo inteiro de Yesubai pareceu brilhar com um lustro dourado que me lembrou Ana quando estava na forma de deusa. Fui até Ana, que observava em silêncio, encostada em um pilar.

O que está acontecendo com ela?, perguntei no instante em que meu antigo eu saltou do tablado para atacar Lokesh.

Yesubai se pôs de pé e sua aura cresceu até ela parecer um pequeno sol prestes a explodir.

É um dom, eu acho, disse Ana, com os braços cruzados na frente do peito. Ela fechou os olhos. *Sim. Quando Lokesh matou a mãe de Yesubai, Yuvakshi, ela fez um pedido antes de morrer, um pedido nascido do amor. Sua última súplica ecoa nos meus pensamentos ainda hoje.*

E qual foi o pedido?, perguntei.

Foi o simples pedido de uma mãe. Que sua filha soubesse que era amada e que fosse protegida da ameaça de seu pai. A súplica de Yuvakshi foi ouvida e o universo concedeu seu desejo. Yesubai foi agraciada com dois dons por causa disso. Para se esconder do pai, ela desenvolveu o dom da invisibilidade.

Quer dizer que ela pode se dessincronizar com o tempo, como nós?

Ana refletiu.

Não. Acredito que seja simplesmente uma forma de camuflagem, como a dos animais que se fundem com o ambiente.

Então ela poderia tê-lo deixado a qualquer momento.

Ah, mas a jovem Yesubai ama a criada que cuida dela e muitas vezes suplicou aos deuses pedindo pela mulher. Nunca a deixaria para trás. Seu pai cuidava para que ela estivesse sempre por perto, para que a filha fizesse o que ele mandava.

E qual foi o segundo dom?

O milagre da cura, tanto para si mesma como para os outros. É esse dom que ela dá a você agora.

O quê? O que você...

Ana pegou meu braço e me virou de frente para a cena. Lokesh estava brigando com meu eu mais jovem enquanto Ren tentava se levantar. Ao mesmo tempo, Yesubai, braços erguidos, entoava um cântico, sussurrando uma súplica pela intervenção divina. Ana e eu assistimos quando o poder se elevou do corpo de Yesubai em uma nuvem dourada. Ele se dividiu em dois, metade disparando na direção de Ren, e a outra, na direção de meu antigo eu. Os ferimentos dos príncipes começaram a cicatrizar de imediato.

Quer dizer que é por isso que podemos nos curar? Sempre pensei que tinha a ver com o amuleto ou com o próprio tigre.

Ana sacudiu a cabeça.

A cura foi sempre um presente dado por Yesubai.

Um doce sentimento de profunda gratidão me invadiu. *Quantas vezes eu tinha considerado natural nossa capacidade de curar?* Ren e eu teríamos morrido em várias ocasiões, não fosse pelo sacrifício dela.

Tornei a olhar para a garota, mas Yesubai desapareceu diante de meus olhos. Ana apontou e só consegui distinguir sua forma espectral quando ela apanhou uma faca que estava esquecida por ali e a cravou nas costas de Lokesh. O golpe, porém, não foi suficiente para matá-lo.

A corajosa jovem, seu manto de invisibilidade se dissolvendo, saltou em seguida na frente de meu antigo eu para protegê-lo quando Lokesh estava prestes a matá-lo. Ele usou o poder do ar e da terra para golpeá-la, lançando seu corpo delicado no ar.

Ela caiu e as lágrimas encheram meus olhos ao ouvir sua cabeça bater na borda do tablado com um estalo inconfundível. Mesmo se eu já não soubesse o

que aconteceria em seguida, tanto Ana quanto eu tínhamos bastante experiência para reconhecer um golpe fatal quando víamos um. O tempo congelou.

Ana pôs a mão em meu braço.

– Vou até ela agora – falou, hesitante, como se pedisse minha permissão.

Assenti com a cabeça e Ana usou seu poder para se transformar na deusa, mas sem os braços extras. Isso não me espantou, mas fiquei surpreso ao ver que Fanindra tinha se juntado a ela. A serpente olhou para Lokesh e sibilou, abrindo as mandíbulas.

– Ainda não, meu bichinho – disse Ana a Fanindra, e em seguida descongelou o tempo em torno de Yesubai.

Vi que ela estava canalizando energia suficiente apenas para adiar a morte da menina. Ana se ajoelhou ao lado de Yesubai e pegou sua mão.

– Olá, Yesubai – disse ela. – Eu sempre quis conhecê-la.

Yesubai tentou dizer algo, mas apenas um sopro agitou o ar. Ana sorriu de leve e usou seu poder para ajudar.

– Você pode falar, se assim desejar.

– Quem... quem é você? – perguntou Yesubai. – O que está acontecendo?

– Sou a deusa Durga.

– Uma deusa?

Yesubai perguntou se Ana iria salvar a todos. Embora Ana tenha dito que não, eu me perguntei se isso era verdade. Ana, sem dúvida, tinha me salvado inúmeras vezes.

– Não entendo. Então por que está aqui? – perguntou a garota agonizante.

– Como eu disse, queria conhecê-la.

– Por quê?

– Queria entender quem você é. – Ana olhou para mim. – Particularmente, eu queria saber se você o ama.

– Se amo quem?

Ana hesitou antes de responder:

– Kishan.

Eu me aproximei, então, franzindo o rosto, e sacudi a cabeça, mas Ana insistiu.

– Sim – respondeu Yesubai suavemente. – Eu o amo. Sinto muito pelo que aconteceu com Dhiren. Ele é um bom homem. Não merecia sofrer. Se eu pudesse voltar atrás e fazer tudo diferente, voltaria.

– Acredito em você – afirmou Ana.

– Eles não merecem que o destino deles fique preso ao meu.

– Não quero que você se preocupe com o destino deles, Yesubai.

– Mas Lokesh...

Ana acariciou o rosto da menina, inclinou-se e sussurrou:

– Seu pai será derrotado, mas não neste tempo.

– Vou viver para presenciar isso?

Ana abriu a boca, mas a resposta demorou para vir:

– Não penso igual aos outros deuses com relação a revelar o futuro, então vou responder à sua pergunta. Você não viverá além de hoje. Na queda, você quebrou o pescoço.

– Mas eu sou capaz de me curar – insistiu Yesubai.

Sentindo-me derrotado, abaixei-me no tablado ao lado de Ana e Yesubai, com a cabeça nas mãos. Enquanto explicava a Yesubai que seu dom agora se fora, Ana estendeu a mão, segurou meus dedos e apertou.

– Então eu passei no seu teste? – perguntou Yesubai.

– Não havia nenhum teste, Yesubai.

– Talvez não, mas Kishan disse que uma dádiva seria conferida até mesmo à mais baixa das criaturas se os deuses a julgassem valorosa.

Minha respiração ficou presa no peito. *Qual seria o desejo de Yesubai? Viver? Que a deusa levasse nós dois para longe desta câmara?*

– Que dádiva deseja? – perguntou Ana, a voz falhando.

– Você pode... zelar por ele?

Ana sorriu para a garota altruísta.

– Sim. Vou zelar pelos dois príncipes. Prometo a você.

Em seguida, Yesubai pediu à deusa que salvasse sua criada. Então proferiu suas últimas palavras. Palavras que ficariam gravadas em meu coração daquele dia em diante.

– Então o sacrifício valeu a pena – disse Yesubai.

Meu coração falhou. *Esse sacrifício vale a pena?* Essa linda, doce e corajosa garota achava que sim. Ren achava que sim. Kadam também. Se eu tivesse a chance de perguntar a Kelsey, sei exatamente o que ela diria.

– Agora descanse, minha pequena – disse Ana. – Você é muito corajosa.

Ana acariciou os cabelos de Yesubai e se dessincronizou com o tempo, tornando-se invisível. Em seguida, reiniciou o relógio.

Meu antigo eu foi até Yesubai e tomou nos braços a garota agonizante.

– *Dayita*, meu amor... não me deixe – implorou ele.

Ambos sentimos o momento em que o coração de Yesubai parou de bater.

Por que você fez aquela pergunta a ela?, indaguei a Ana.

Você se refere àquela sobre o amor dela por você?

Assenti.

Você precisava saber. Uma parte de você sempre se perguntou se ela realmente o amava ou se era cúmplice do pai. Como o corvo, assisti, da sua perspectiva, ao que aconteceu aqui. Que você gostava profundamente dela é óbvio, mas carregou a mágoa dentro de si por muito tempo. Você se culpou pela morte dela, mas também por não ter visto a armadilha.

Ela parou para respirar e prosseguiu:

Foram a autorrecriação e a culpa que engoli, como corvo. Como resultado, você se convenceu de que Yesubai não o amava. Isso o absolveu, em certa medida, da deslealdade que você associou ao amor por Kelsey. A dívida quanto aos motivos de Yesubai eu não podia eliminar. Até agora. Foi por isso que perguntei. Yesubai amou você, Sohan. Devemos honrá-la pelo presente que deu de livre e espontânea vontade.

Ana encostou os lábios em minha orelha e sussurrou:

Aproveite para pensar enquanto cuida da criada de Yesubai.

Anuí e ela desapareceu. Estalei os dedos e o tempo tomou a congelar. Andei pela cena, olhando uma pessoa de cada vez. Mesmo Lokesh, com uma expressão enlouquecida, era alguém que eu precisava levar em conta. Seguindo para os grandes pilares, onde a sala se abria para a selva lá fora, parei nos degraus de mármore e olhei para as árvores.

Era isso.

Minha grande escolha.

Eu iria passar por tudo de novo, lançar sobre mim e sobre Ren a maldição de sermos tigres, ou retomar minha mortalidade e me tornar o jovem príncipe que eu deveria ter sido?

Se eu desistisse de tudo, nunca conheceria Kelsey nem Ana. Se o amuleto continuasse a existir, então Ren e eu enfrentaríamos Lokesh juntos, talvez até o vencêssemos, e o Amuleto de Damon permaneceria dividido em pedaços para sempre. Ou, se perdêssemos, Lokesh conseguiria os pedaços que estavam conosco, recomporia o amuleto e se elevaria ao poder, enlouquecendo aos poucos e destruindo a si mesmo e muitos outros.

Mas havia outra possibilidade. Se Ana estivesse certa, então, sem o tigre, o Amuleto de Damon deixaria de existir e Lokesh estaria morto muito antes de Ren e eu nascermos. Se fosse esse o caso, Ren e eu estaríamos em nossa casa com nossos pais agora, preparando-nos para a próxima fase de nossas vidas. Yesubai nunca teria nascido.

Esfreguei a palma da mão no peito. Havia muitas variáveis. Eu queria que Kadam me dissesse o que fazer. *Mas ele já não tinha dito?* Amaldiçoar-me para ser um tigre estava na lista. Ele tinha deixado esse item para o fim, mas sua sugestão era clara.

Mesmo assim, ele e Ana queriam me dar a oportunidade de escolher. Em meu coração, eu sabia o que deveria fazer. Agora só precisava reunir a coragem para agir.

Minhas narinas se abriram quando captei o aroma de jasmim e rosas.

– Você precisa de mais tempo? – perguntou Ana delicadamente.

Virando-me, tomei-a nos braços.

– Não, minha bela senhora. Já fiz minha escolha. – O olhar de Ana se desviou. – Mas antes há uma coisa que você precisa saber.

– O que é, Sohan?

Fiz uma pausa. As palavras estavam ali, esperando para serem ditas. Embora em meu coração já tivesse reconhecido a veracidade delas há tempos, eu as retive, não querendo ficar vulnerável daquele jeito outra vez. E agora aqui estava eu, pronto para tomar uma decisão que mudaria minha vida para sempre. A única coisa que restava era Ana.

Tocando seu queixo com a ponta do dedo, fiz com que olhasse para mim.

– Antes, eu quero lhe dizer...

– Sim?

– Quero que saiba que amo você, Ana. – Ela abriu a boca em um leve arquejo. – Eu deveria ter dito isto há muito tempo.

– Quando... quando você soube? – perguntou ela.

– É difícil dizer. Quando você devolveu minhas lembranças, minha paixão infantil voltou com toda a força. Acho que, olhando por esse lado, estou apaixonado por você desde os meus 12 anos. Lamento ter demorado tanto para reconhecer isso. Como você sabe, sou um pouco cabeça-dura.

Ana ergueu a mão e acariciou meus cabelos. Peguei sua mão e virei a cabeça para beijar a palma.

– Se esta é a hora das confissões, então também admito que comecei a gostar de você quando era criança.

– Então é só isso que você sente? Você simplesmente gosta de mim? – provoqueei, sorrindo.

– Não, Sohan – respondeu ela, séria, e segurou meus braços. – Gostar é a palavra que eu uso para me referir a minhas armas, ao meu cavalo favorito ou... como se chama?... ah, pipoca. O que sinto por você passou a ser uma dor constante no meu coração. Durante o dia, mal posso esperar para sentir seus olhos em mim e seus lábios nos meus. À noite, sonho em me aninhar em seus braços. Tem sido uma coisa muito incômoda de experimentar e é muito imprópria para um guerreiro. Você me distrai de tudo em que devo me concentrar. Se você rotula isso de amor, então acredito que sofro de um caso grave.

– Entendo. – Toquei as sardas em seu nariz com a ponta do dedo. – Talvez exista algum tipo de elixir que possa resolver isso para você.

Ela franziu a testa e empurrou meu peito.

– Não quero tomar um elixir.

– Está dizendo que você *quer* continuar se sentindo assim? – perguntei, fingindo uma expressão de assombro.

Ana cruzou os braços e virou-se, murmurando:

– Você é um homem tolo e um tigre lamentável. Não sei como posso amar alguém tão desagradável.

Rindo levemente, tomado por emoções agridoces, eu a abracei e murmurei em seu ouvido:

– Então você me ama.

– Amo, Sohan – confirmou ela, inclinando a cabeça para que eu pudesse morder sua orelha. – Eu amo você. Mais do que eu jamais acreditaria ser possível.

Era o que eu queria – não, era o que eu precisava – ouvir, e ainda assim a doçura de suas palavras não tornava mais fácil o que eu estava prestes a fazer. Ela virou-se em meus braços e abraçou minha cintura. Fitei seus encantadores olhos verdes e entrelacei seu cabelo sedoso em meus dedos. Deslizando a mão por trás de sua cabeça, puxei-a mais para mim. Quando meus lábios tocaram os dela, foi diferente de todos os outros beijos. Não estava cheio de poder ou criação. Não era o beijo de uma deusa e seu consorte.

Era simplesmente um homem beijando a mulher que amava.

Pela primeira vez, abri minha mente completamente para ela, sem hesitação nem reservas. Compartilhei tudo com ela – minhas esperanças, meus sonhos e o mais importante naquele momento: minha decisão.

Ela vacilou por um instante, mas em seguida me abraçou ainda mais forte.

Ambos escolhemos ignorar as lágrimas salgadas que molhavam nossos rostos.



Sonho realizado

Afastando-me, continuei segurando a mão de Ana enquanto virava as costas para a selva.

– Você tem certeza, então? – perguntou ela, a voz hesitante.

– Tenho.

Ana entrelaçou os dedos nos meus e eu não sabia se era a mão dela que tremia ou a minha. Fui até Ren. Ele estava de quatro. Seu sangue formava uma poça no chão. Agachando-me ao lado dele, toquei suas costas.

– Eu gostaria de poder dizer que tenho certeza de que você tomaria a mesma decisão se estivesse no meu lugar. Você confiou em mim antes. Gostaria de pensar que confiaria outra vez. Meu maior arrependimento é não ter sido o irmão que você merecia. Pelo menos, não durante muitos anos. Tudo que posso prometer é que vou tentar agir melhor com você no futuro.

Olhei para meu antigo eu, debruçado sobre o corpo da garota que amava, seu rosto uma máscara de agonia. *Alguma parte dele se lembraria disso?*, me perguntei. Provavelmente não. Mas isso não tinha mais importância. Não pela primeira vez e provavelmente tampouco pela última, me questionei se estava fazendo a coisa certa.

A voz de Ana em minha mente pôs fim à hesitação:

Você sabe o que fazer, Sohan.

Colocando ambas as mãos em meu irmão, invoquei o poder do amuleto. Ele fluiu através de mim e a meu redor. O amuleto pendia de meu pescoço e a ponta tocava as costas de Ren. Inclinei-me um pouco mais e o amuleto se acomodou entre suas escápulas. Uma luz emanou do tigre entalhado no amuleto e nos envolveu. Ouvi um ruído e me virei para Ana. Ela se transformara na deusa e seus oito braços estavam erguidos no ar, tecendo a magia entre eles.

O corpo de Ren tremeu sob minhas mãos e o tempo avançou em câmera lenta. Nem mesmo a deusa Durga ou seu tigre poderiam detê-lo. Já não tínhamos controle sobre ele. Meu irmão gritou em agonia quando a luz do amuleto se retorceu e curvou-se, mergulhando em seu corpo. Ergui os olhos para meu antigo eu. Ele havia tapado os ouvidos, tentando bloquear o poderoso zumbido da deusa, que aumentava de volume. Ao fechar os olhos, desejei que também eu pudesse tapar os ouvidos.

Então eu o ouvi. E senti seu cheiro.

Garras estalaram no piso de mármore. Levantei a cabeça e olhei nos olhos de um tigre. Ele era imenso. O pelo branco estava molhado da selva úmida e havia barro entre as garras. Aproximando-se, ele me cheirou e depois cheirou Ren. Ele atendera ao chamado do amuleto. Tendo testemunhado as outras criações da deusa, eu sabia o que precisava fazer em seguida.

– Você vai servir à deusa? – perguntei a ele. – Vai se tornar parte do meu irmão?

O tigre baixou a cabeça e rosnou baixinho, depois se aproximou e cutucou minha mão com o focinho. Ele bufou e minha visão ficou turva.

– Obrigado – sussurrei. – Cuide dele. – Erguendo uma das mãos, pousei-a na cabeça do tigre e senti a vibração de sua energia. – Quando chegar a hora, voltaremos para libertá-lo.

A magnífica criatura desapareceu diante de meus olhos, colocando sua força vital a serviço da deusa e curvando-se diante do poder do Amuleto de Damon. Conduzi a essência do tigre para dentro de meu irmão e, na sequência, fiquei de pé, as pernas trêmulas, observando enquanto homem e tigre duelavam pelo controle. A pele de Ren ondulou e se rasgou, cicatrizou e esticou enquanto o tempo se movia lentamente a seu redor.

Ana pegou minha mão e me guiou até meu outro eu.

– Você não pode pôr as mãos nele – advertiu –, mas pode lhe dar o dom através de mim.

Um dom, foi como ela definiu. Sorri e toquei seu rosto.

É assim que você vê, eu disse para sua mente.

Em seu coração, você sabe que é, replicou ela.

Eu sei.

Meu antigo eu tinha saltado no ar, o rosto cheio de fúria, ao atacar Lokesh. Ana se meteu entre os dois homens e usou o poder do vento para erguer o corpo no ar um pouco mais. Ela pôs duas de suas mãos no rosto dele e olhou para mim.

Virei-me para a selva aberta e gritei:

– Sei que está aí. Se vai servir à deusa, apareça.

Esperamos um momento, e mais outro. Senti o peso de sua presença, mas ele ainda estava indeciso. Finalmente, ouvi um rosnado e um segundo tigre surgiu subindo os degraus com um salto. Ele andou diante de mim, mostrando os dentes. Quando levantei a mão, subitamente deu meia-volta e rugiu alto o suficiente para afugentar os mainás das árvores.

– Você sabe quem eu sou – declarei – e o que peço.

O grande felino andou em círculo, a cauda balançando de um lado para outro enquanto absorvia a cena. Era um belo animal. O pelo era escuro, e as listras, grossas e negras. Seus olhos brilhavam com inteligência enquanto me observava. Ao perceber que eu não iria me mexer, ele parou de andar e sentou-se, ofegante. E começou a lamber uma pata com calma.

– Vai servir à deusa? – perguntei humildemente.

O tigre ergueu a cabeça no meio de uma lambida e rosnou, depois se sacudiu e se aproximou da deusa.

– Olá, bonitão – saudou ela, estendendo duas de suas mãos para acariciar-lhe a cabeça.

O animal virou a cabeça para que ela pudesse afagar sua nuca e depois esfregou o corpo em sua coxa.

– Ele está claramente se apropriando de você – afirmei.

– É como deveria ser, não? – disse Ana com um sorriso. – O que você diz, grande felino? – perguntou Ana. – Meu Sohan pode não ser tão bonito quanto você, mas é um lutador valoroso. Ele gosta de caçar e de tirar cochilos longos e preguiçosos – arrematou, piscando para mim.

O tigre olhou para a deusa e depois para mim.

– Não sei quando ou se você vai ser libertado – comentei –, mas posso lhe prometer vida longa e, se tivermos sorte, uma bela deusa disposta a coçar nossas costas.

Sentando-se, o grande animal me analisou por um momento e depois finalmente bufou, concordando, virando a cabeça para que a deusa pudesse brincar com suas orelhas. Aproximei-me, tomando cuidado para não o assustar, e coloquei as mãos nas costas de Ana.

– Está pronta? – perguntei.

– Você está? – ela devolveu a pergunta.

Em resposta, retirei o Amuleto de Damon do pescoço e usei o poder do vento para posicioná-lo contra o peito de meu antigo eu. Uma das mãos de Ana o manteve no lugar enquanto eu colocava a mão no tigre. Meu antigo eu gritou. O tigre ao lado de Ana dissolveu-se na luz e sua essência vital entrou no corpo que Ana tocava.

Depois que o tigre ficou ali lutando dentro de sua nova forma, assim como Ren lutara com seu felino, julguei que nosso trabalho estivesse pronto. Ana, porém, com as mãos ainda em meu antigo eu, disse:

– Agora devemos fazer dele Damon.

Franzi a testa.

– Pensei que dar a ele o dom do tigre seria o suficiente.

Ela balançou a cabeça.

– Devemos batizá-lo e selar o amuleto para ele definitivamente. A maldição do tigre nunca disse respeito a Ren ou Kelsey. Ela diz respeito a você, meu amor. Sempre foi a você.

Fechando os olhos, esperei até absorver o impacto de sua declaração. Damon era um nome que eu carregaria para o resto da vida. O tigre negro e eu ficaríamos unidos até que o universo julgasse que nossa estada estava terminada, e o trabalho, feito. Respirando fundo, pensei em todas as coisas de que abrisa mão e

ainda abria, mas depois refleti sobre tudo que eu receberia em troca. Quando me ofereceu o soma, Phet disse que isso me daria o que eu mais queria no mundo, mas também me faria sentir falta de algo. Eu tinha aceitado a bebida dos deuses naquela ocasião e ainda a aceitaria agora.

– Pode me ajudar a dar a ele esse último presente? – perguntou Ana, arrancando-me de meus pensamentos.

– Eu... eu não sei como – confessei.

– Você se lembra de quando Kelsey e Ren se tocaram?

– Eles produziram a luz dourada.

Ela assentiu.

– Devemos criar uma luz nossa e derramá-la sobre ele.

Pressionando meu rosto no dela, deslizei as mãos ao longo de seus braços, com cuidado para não entrar em contato com meu antigo eu. Ele ainda estava se movendo no ar, mas era lento o suficiente para que pudéssemos evitar tocá-lo. Fechei os olhos e deixei minha mente e meu coração abertos para Ana. Nossas energias se misturaram até nossos corações baterem como um só e o ar entrando e saindo de nossos pulmões se mover em perfeita sincronia.

– Príncipe Sohan Kishan Rajaram – disse Ana com a voz do trovão –, nós o apresentamos com um novo nome. Daqui em diante, você se chamará Damon e será dotado de todos os poderes de que a deusa Durga dispõe, bem como dos de seu tigre consorte. Você poderá exercer todas as nossas múltiplas habilidades. Seu dever é servir à deusa pelo restante dos seus dias. O Amuleto de Damon é, e sempre foi, seu legado. Nós o encarregamos de guardá-lo, assim como o seu poder. Você aceita esse dever?

Meu antigo eu, a boca ainda aberta em um grito, não conseguiu responder, então falei em seu lugar.

– Aceito – murmurei.

– Então que assim seja.

Uma onda de poder fluiu de nós dois até entrar em meu antigo eu. Achei que aceitar o tigre era doloroso, mas não se comparava a receber o poder da deusa. Os olhos de meu antigo eu se reviraram, ele desmaiou e eu senti o cheiro de carne queimada. O amuleto em seu pescoço o havia marcado. Um vergão vermelho, no formato de um tigre, surgiu em sua pele.

Ana deu um passo para trás, segurando o Amuleto de Damon, e levou uma das mãos aos lábios. Soprou um beijo para meu antigo eu e a pele em seu pescoço cicatrizou na mesma hora. Depois pegou meu braço e me levou dali.

– Está feito – disse ela.

Fiapos de fios moveram-se por seu corpo e seus braços extras cintilaram e desapareceram. Logo ela estava de volta em seu vestido de caça verde. Estalando os dedos, Ana usou seu poder para que o tempo fluísse naturalmente ao nosso redor mais uma vez.

Ren se transformou primeiro. O tigre branco explodiu de seu corpo, começando pelas garras. Ele se sacudiu e rugiu para Lokesh. O antigo Kishan estava caindo. Sua forma humana permanecia inconsciente, mas o tigre encontrava-se muito desperto e consciente. Ele se transformou antes que seu corpo tocasse o chão. De imediato, o tigre deu um salto para a frente e liderou o caminho para a selva. Ren o seguiu. Os dois tigres pararam no limite da floresta e olharam para trás.

Ana sorriu quando eles desapareceram na vegetação e apertou meu braço, apoiando a cabeça em meu ombro.

Antes de irmos embora, voltei até Yesubai. Gentilmente, toquei seu rosto. Pegando sua mão, levei-a aos lábios.

– Ela não merecia esse destino – declarei. – Ao amaldiçoar Ren e a mim mesmo, eu também a amaldiçoei. Foi egoísmo meu.

– Não, Sohan – disse Ana. – Você deu a ela o maior presente que uma pessoa pode dar a outra.

Olhei para ela e passei a mão pelo rosto para enxugar uma lágrima.

– O que você quer dizer? Foi Yesubai que nos deu o dom da cura, e pagou com a própria vida por isso.

– É verdade – Ana assentiu. – Mas você sabia que ela se perguntava se não teria sido melhor se nunca tivesse nascido? Yesubai não queria ter o destino da sua família, Kishan, nas mãos dela. Ela se via como uma covarde por não ter enfrentado o pai antes.

– Ele a teria matado.

– Sim. E eu concordo que a curta vida de Yesubai foi trágica. Seu potencial foi desperdiçado. Mas você, meu tigre maravilhoso, a amou e ela pôde

corresponder a esse amor. Ouvi as súplicas de inúmeras pessoas que sofrem de solidão, mágoa e saudade. Acima de tudo, elas desejam amor. A maioria morre sem nunca tê-lo experimentado. É uma coisa muito preciosa, um milagre, uma centelha no coração que nem uma deusa pode produzir. Embora seu tempo na Terra tenha sido breve, ela experimentou algo delicioso para sua alma. *Amor. Você* deu isso a ela.

Ana permaneceu a meu lado enquanto fiquei ali segurando a mão de Yesubai. Por fim, beijei sua testa e me despedi.

– Venha, meu tigre – disse Ana, me abraçando. – Está na hora de deixar o passado para trás e pôr os pés no caminho que leva ao nosso futuro.

Rodopiamos em um vórtice e voltamos à nossa casa, surgindo no gramado de seu jardim de rosas antes que eu me desse conta do que estava acontecendo. Ana se afastou, como se fosse se separar de mim ali, mas deslizei depressa a mão por seu braço e segurei a sua.

– Aonde você vai? – perguntei.

– Eu... eu pensei que você gostaria de ficar sozinho.

– Acho que já fiquei sozinho por muito tempo. Além disso, você me prometeu férias.

Ela inclinou a cabeça.

– E você quer começar essa viagem agora?

– Hum, acho que posso ser convencido disso.

– Muito bem, então. Para onde vamos primeiro? – perguntou enquanto eu a tomava nos braços.

– Acho que precisamos ter uma conversa antes de fazermos outros planos, Ana.

– Hã? E sobre o que seria?

– Sobre a maneira como você continua lançando por aí essa maldita palavra. Aquela que eu odeio.

– Que palavra? – perguntou ela, intrigada.

– Consorte.

Ana soltou uma risada.

– Devo entender que você se sente ofendido com ela?

– Sim, me sinto.

– Entendo. Pois, então, que palavra você prefere que eu use para me referir a você?

– Ah, não sei. Que tal marido?

O sorriso de Ana foi lento e doce, e, quando se abriu em todo o seu esplendor, me deixou sem fôlego.

Fomos em busca de Kadam e perguntamos se faria as honras. Ele ficou empolgado quando pedimos que nos casasse, mas nós dois soubemos, ao olhar em seus olhos, que ele já sabia que isso aconteceria. Quando dissemos que queríamos que o casamento acontecesse em Shangri-lá, ele assentiu e mostrou um documento que, de fato, lhe concedia o poder de realizar tal casamento. Ana sacudiu a cabeça, rindo por eu ter insistido na formalidade, mas eu queria começar nossa relação adequadamente.

Kadam sorriu para Ana e deu-lhe dois beijos no rosto, depois me deu tapinhas orgulhosos nas costas e começou, à sua maneira habitual, um sermão sobre os deveres de um marido. Ele desapareceu por um instante e puxei Ana para mim, beijando-a na testa. Eu não tinha planejado pedir Ana em casamento daquele jeito, mas, quando o fiz, parecia a coisa certa. Já éramos um par, ligados como deusa e tigre, mas eu queria mais. Queria que Ana fosse minha de todas as maneiras.

Então nos separamos pelo espaço de um dia. Kadam levou Ana para que ela pudesse descansar de nossas provações e ter tempo para se preparar para o casamento. Eu também dormi, comi e dormi um pouco mais ao longo desse dia. Quando acordei, estava pronto em todos os aspectos, exceto por um. Queria dar um presente a Ana. Um sinal do amor que sentia. Refleti sobre o presente perfeito, saltando através do tempo para tentar encontrar inspiração, mas não consegui me decidir por uma coisa sequer. Nada do que eu escolhia parecia bom o bastante. Ainda assim, reuni alguns objetos, na esperança de que ela gostasse de pelo menos um deles.

Com uma bolsa pendurada nas costas, segui para Shangri-lá, onde fui recebido por Kadam. Os proclamas já haviam sido anunciados e as fadas cantavam alegremente quando cheguei, ansiosas por testemunhar as núpcias da

deusa que as criara. As árvores e as casas estavam enfeitadas com jasmims e madressilvas, e flores de todos os tipos brotavam entre as pedras, por todos os lados.

Kadam me disse que as silvanas tinham levado Ana para prepará-la e que voltariam dali a uma hora. Isso me dava bastante tempo para conversar com ele.

– Você sabe que ele estaria aqui, se você quisesse – disse Kadam. – Todos eles estariam. Sunil adoraria entregá-la a você.

– Eu sei. Falamos sobre isso, mas decidimos deixá-los em paz por enquanto. Nós dois conhecemos, como você, o fardo de ter muitos segredos para guardar.

– Você nunca irá visitá-los?

– Talvez um dia.

Kadam assentiu.

– É sua a decisão, é claro. Estou feliz por você, filho.

– Você sabia, não é? – perguntei.

– Sabia.

– Podia ter nos contado.

– Ambos sabemos que eu não podia.

Falamos de Ren e Kelsey, Nilima e Sunil. Kadam sempre teve o cuidado de apenas acrescentar algo à conversa quando eu falava primeiro do que tinha visto. Isso fez com que eu me perguntasse o que mais ele saberia. Talvez tivesse razão ao dizer que nem sempre era bom saber o futuro. Nem sempre saber tornava a jornada mais fácil.

Alguém bateu à porta. Kadam levantou-se para abrir.

– Está na hora – disse ele, virando-se para mim com um sorriso.

Kadam ficou a meu lado, nós dois descalços e vestindo as calças brancas e as camisas brancas de tecido fino preferidas pelos silvanos. As únicas diferenças na forma como estávamos vestidos eram as rosas tecidas na gola de minha camisa e o Amuleto de Damon, que pendia de meu pescoço. O calor do verão perpétuo envolveu-nos enquanto o sol se punha, estendendo seus longos raios sobre a Terra, como se ele também não quisesse ir embora antes de testemunhar o casamento.

Então Ana apareceu. Enquanto caminhava em minha direção, a luz que se extinguiu emoldurava sua linda figura, banhando sua pele com tons de dourado. No entanto, por mais espetacular que fosse essa visão, foi o sorriso que ela me dirigiu que fez meu coração palpitar no peito.

Minha, pensei com orgulho. *Ana é minha*.

Kelsey teria criticado uma afirmativa dessas. Eu, mais do que qualquer um, sabia que a deusa Durga não era – na verdade, mulher alguma era – uma posse para um homem reivindicar. Eu mesmo matara um homem que tinha feito essa suposição em relação a Ana no passado. No entanto, eu também era uma criatura movida pelo instinto e, naquele momento, sentia-me decididamente territorial em relação à mulher que amava.

Eu já tinha me sentido feliz antes. Muitas vezes, na verdade. Mas nenhum acontecimento na minha longa vida me enchera de um contentamento tão profundo. Tudo que se passara comigo, cada momento de minha vida, tinha me trazido a esse acontecimento, e eu viveria tudo de novo só para experimentar a intensa alegria que sentia nesse momento. Observando Ana percorrer lentamente o caminho até chegar a meu lado, fiquei maravilhado com a absoluta bênção que era o presente que eu havia recebido. Ser marido daquela mulher era um milagre que eu, por certo, não merecia.

Os pássaros cantavam nas árvores e os silvanos ladeavam o caminho, cantarolando com suas vozes etéreas e alegres, enquanto alguns tocavam flautas. Sua música inesquecível era, ao mesmo tempo, mágica e singular, apropriada para o casamento de uma deusa. As fadas haviam tecido um vestido para Ana. As mangas, estreitas e justas nos braços, abriam-se nos pulsos em forma de copos-de-leite.

Rosas brancas foram tecidas na cauda diáfana do vestido, que, em vez de ser arrastada pelo tapete de grama, era carregada centímetros acima do solo pelas fadas aladas. Os longos cabelos de Ana estavam enfeitados com flores de todas as cores e se derramavam em ricas ondas por suas costas. Os pés dela estavam descalços como os meus, mas aros de prata adornavam-lhe os tornozelos e os pulsos, de modo que cada passo que ela dava tilintava com o som de sinos. Ela carregava o maior buquê que eu já vira, chegando quase até o chão.

Quando finalmente parou a meu lado, estendi as mãos. Ela fez um movimento e o buquê flutuou, afastando-se dela e se transformando em centenas de borboletas coloridas. Ouvi a multidão ofegar quando as lindas criaturas se instalaram nas árvores, nas casas, nos ombros e nas plantas. Prendi a respiração quando Ana chegou mais perto de mim e pousou as mãos sobre as minhas.

Eu não conseguia desviar meus olhos dela. Eles acompanharam a curva das maçãs de seu rosto, a linha do queixo, as sardas salpicadas sobre o nariz, os aclives e declives dos lábios e, por fim, se perderam nos poços verdes de seus olhos. O tempo pareceu parar enquanto ficamos ali, extasiados um com o outro. As vozes dos silvanos haviam silenciado e até os pássaros estavam quietos. O ar parecia pesado, à espera de algo.

– Estão prontos? – perguntou Kadam.

– Estou – respondi, sem querer tirar os olhos dela.

– Então vamos começar. Anamika, pode colocar os braços sobre os dele?

Ela olhou para ele, erguendo as sobrancelhas.

– Assim? – perguntou, enquanto deslizava as mãos por meus antebraços.

Delicadamente, segurei-a da mesma maneira.

– Assim mesmo – começou Kadam. – Vocês dois conhecem a promessa do guerreiro. Eu mesmo ensinei a vocês, mas agora vão conhecer sua verdadeira origem. Há muito tempo, um homem abraçou a vida de um tigre. Esse homem sacrificou tudo pelo amor de uma deusa. Sua história foi transmitida ao longo das eras. Embora muitos tenham esquecido que o tigre não era um mero companheiro de batalha que a carregava por vastas planícies ou que ameaçava seus inimigos, todos se lembravam do vínculo especial que existia entre eles.

Ele fez uma pausa antes de prosseguir:

– Kishan, repita comigo. Anamika Kalinga...

Acaricieei os braços dela com meus polegares. A energia zumbia entre nós.

– Anamika Kalinga – repeti, com voz rouca.

– Eu sou seu por toda a vida.

– Eu sou seu por toda a vida.

– E seu na morte.

– E seu na morte.

– Prometo respeitar sua sabedoria.

Ela sorriu quando repeti:

– Prometo respeitar sua sabedoria.

– E me mantereí sempre vigilante dos meus deveres como seu marido.

– E me mantereí sempre vigilante dos meus deveres como seu marido.

– Por você, enfrentarei com bravura todas as coisas.

– Por você, enfrentarei com bravura todas as coisas.

– E deste dia em diante hei de honrá-la acima de todos os outros.

– E deste dia em diante hei de honrá-la acima de todos os outros.

– Muito bom – disse Kadam. – E agora, a última parte. Anamika Kalinga, eu, Príncipe Sohan Kishan Rajaram, agora sou seu, assim como você é minha. Esta é a minha promessa.

– Anamika Kalinga – repeti suavemente, e minha garganta estreitou-se enquanto eu terminava –, eu, Príncipe Sohan Kishan Rajaram, agora sou seu, assim como você é minha. Esta é a minha promessa.

Toquei minha testa na dela por um breve momento e então Ana repetiu as mesmas palavras para mim.

– Príncipe Sohan Kishan Rajaram – começou ela –, eu sou sua por toda a vida. E sua na morte.

Observei sua linda boca formar cada palavra. Ela falou com uma certeza e uma confiança que me surpreenderam. Sua firmeza era algo com que eu sabia que contaria ao longo dos anos. O Mestre do Oceano me disse uma vez que eu poderia ser uma pedra capaz de resistir aos golpes das tempestades. Por maior que fosse minha força, eu sabia que só a possuía porque Ana era minha âncora.

– Prometo respeitar sua sabedoria – disse ela. – E me mantereí sempre vigilante dos meus deveres como sua mulher. Por você, enfrentarei com bravura todas as coisas. E deste dia em diante hei de honrá-lo acima de todos os outros. – Ana apertou meus braços. – Príncipe Sohan Kishan Rajaram, eu, Anamika Kalinga, agora sou sua, assim como você é meu. Esta é a minha promessa – concluiu ela em voz baixa.

– Excelente – disse Kadam. – Agora acho que é hora de trocar os presentes.

Ana começou, passando a mão sobre a minha. Um anel de prata surgiu.

– Ele foi feito da primeira arma que você me deu – informou.

Levantei minha mão para examinar o anel.

– Está falando da faca que usei para matar o homem que fez de você uma escrava? – perguntei.

– Sim.

– Não traz de volta lembranças ruins?

– Não – respondeu Ana. – É um lembrete para mim de que você desceria aos lugares mais escuros para me encontrar. Este anel será sempre um farol de esperança para mim.

– E a pedra?

Na parte externa do anel, engastada entre as duas bordas, estava uma pedra faiscante.

– Você não a reconhece? – perguntou ela.

Sacudi a cabeça, negando.

– É feita com fragmentos da pedra da verdade.

– Ah!

Agora que ela dissera, senti a vibração da pedra no ponto onde ela tocava meu dedo.

– Dessa forma, você sempre saberá que eu falo a verdade. É um sinal da minha fidelidade.

– O casamento já deixa você tentada a mentir para seu marido? – provoquei.

Inclinando-se, ela murmurou:

– Estou pressupondo, é claro, que meu marido nunca me dará motivo para mentir.

Eu ri.

– É perfeito o presente. Obrigado. Posso lhe dar seus presentes agora?

Ela ergueu a sobrancelha.

– Você tem mais de um?

– Tenho.

Kadam ajudou, pegando os objetos que eu colocara em uma bolsa e me entregando um a um.

– O primeiro – comecei – é um cinto tecido de penas da Fênix. A nova Fênix, Cair da Noite, ofereceu-as como um presente de casamento. Demorou para deixá-las retas. As penas da Fênix são muito difíceis de manusear.

Ana pegou o presente e acariciou as penas. Então ergueu a cabeça, o rosto surpreso.

– Há magia nelas! – exclamou.

Assenti com a cabeça e sorri.

– Há um pouco de magia em todos os meus presentes.

– Qual é o próximo? – perguntou ela, ansiosa, entregando o cinto a uma silvana.

Kadam me passou uma pequena muda em um vaso de barro. Tinha apenas alguns centímetros de altura.

– O que é isso? – perguntou Ana, pegando a planta.

– Uma mangueira, ou pelo menos será, um dia. Representa nossa nova união, que, espero, crescerá, tomando-se tão alta e frutífera quanto esta árvore.

Ela entregou a pequena árvore a outra silvana depois de tocar com a ponta do dedo uma das três folhas trêmulas. Em seguida, dei-lhe o presente que Lady Bicho-da-Seda fizera com o tecido que Nilima lhe dera. O véu finalmente tecido era do mesmo tom de verde que os olhos de Ana. Ela cobriu a cabeça com ele e as fadas ajudaram a mantê-lo no lugar. O tecido cintilava e faiscava com um poder próprio. Por um momento, fiquei distraído com a visão de seus belos olhos emoldurados pelo véu.

Então pigarreei.

– Este colar substitui o *Mangalsutra* tradicional. Sei que é uma peça simples, mas vou completá-la mais tarde. Parece que é muito difícil encontrar pérolas.

Ana sorriu e se virou para que eu pudesse prender a fina corrente em seu pescoço. A pérola negra solitária deslizou, parando no centro de seu pescoço delicado.

– Adorei – disse Ana, virando-se para mim e tocando a pérola brilhante.

– Sei que nenhum desses presentes é tradicional.

– A nossa união não é tradicional – disse ela, pegando minhas mãos e apertando. – O maior presente que você me deu, Sohan, foi ter escolhido ficar a meu lado.

Pigarreando novamente, eu disse:

– O último é um anel.

- Mas você já me deu um.
- Eu mudei umas coisas nele.

Fechando a mão, sussurrei algumas palavras e uma luz surgiu entre meus dedos. Quando ela diminuiu, mostrei o que estava na palma de minha mão. Era o anel de prata com videiras entrelaçadas, mas agora esmeraldas brilhantes descansavam entre cada volta, com uma grande esmeralda lapidada no centro, cercada por diamantes.

– Foi feita a partir da pedra com que você presenteou meus pais quando os visitou. Kadam guardou-a por todos esses anos – expliquei. – O verde é do tom exato dos seus olhos.

Ana estendeu a mão e eu deslizei o anel em seu dedo.

– É perfeito – disse ela, segurando minhas mãos.

– Muito bem – disse Kadam. – Então, se vocês dois estiverem prontos, acho que é hora de coroar esta ocasião mais do que auspiciosa com o noivo beijando a noiva.

Puxei Ana para mais perto, um sorriso no rosto quando baixei a cabeça, mas, assim que meus lábios tocaram os dela, ela falou em minha mente:

Há mais um presente que preciso lhe dar, Sohan.

E o que é, Hridaya Patni?, perguntei, mais do que distraído pelo beijo.

Ela não respondeu com palavras. Em vez disso, sua mente se abriu para mim. Ana despiu as camadas de sua alma, lançando uma linda luz sobre tudo que ela fora, tudo que ela era e tudo que se tornaria. Nós nos aceitamos com tudo que éramos, sem esconder nada. Com todas as barreiras derrubadas, descobrimos um ao outro em níveis tão profundos que nada jamais seria capaz de se colocar entre nós outra vez, e isso selou para sempre o vínculo que tivera início tanto tempo atrás.

Embora para os demais o beijo tenha durado um tempo adequado, ficamos girando nos braços um do outro, flutuando pelo tempo e pelo espaço, perdidos tão completamente um no outro que nem mesmo uma deusa ou seu tigre poderiam ter nos encontrado.



Andarilho

Quando enfim nos afastamos, olhamos nos olhos um do outro e havia uma compreensão entre nós que não existia antes. Estávamos mais do que casados. Fomos enxertados um no outro e desfazer um desfaria os dois.

Vieram então os cumprimentos, e ficamos surpresos ao ver que as árvores dos silvanos tinham entrelaçado suas raízes. Elas haviam se projetado do chão, formando um grande arco sobre nós. Flores brotaram da madeira e derramaram pétalas sobre nós. Deslizando as mãos por sua cintura, levantei Ana do chão e a girei, enquanto ela jogava a cabeça para trás, erguia os braços e ria de prazer.

Naquela noite, festejamos com os silvanos, saboreando bolos de mel, cremes, tortas de limão e lavanda, compotas de frutas e saladas salpicadas com flores comestíveis. Kadam estava encantado com o banquete e eu ri ao vê-lo pedir uma sacola cheia de guloseimas para levar para casa. Ana e eu nos sentamos juntinhos, como dois pássaros em um ninho, e nos revezamos oferecendo um ao outro pedaços de doces deliciosos e frutas silvestres suculentas.

Quando fiquei mais interessado em morder a orelha dela do que a comida, Ana se levantou e pegou minha mão.

– Muito obrigada, meus amigos, por nos oferecerem esta refeição e sua companhia. Devemos nos despedir agora, mas prometo que voltaremos muitas vezes.

– Mas aonde vocês vão? – perguntou a rainha dos silvanos.

– Está na hora de começarmos nossa lua de mel – respondi, beijando os dedos delicados de Ana e sorrindo quando sua mão estremeceu de leve.

– Ah, é claro. Mas vocês não precisam partir – disse a rainha.

Ana olhou para mim, arqueando as sobrancelhas, intrigada.

– O Bosque dos Sonhos é confortável – respondi –, mas não quero me concentrar em nada que não seja a deusa.

– Nós compreendemos – disse a rainha. – É por isso que preparamos um bangalô para vocês. Está escondido em uma área linda da floresta. As fadas trabalharam incansavelmente para deixá-lo pronto para vocês. Tem bastante comida, uma cachoeira com um grande lago para nadar e o mais lindo de todos os jardins. Seria uma honra para nós se vocês ficassem por um tempo. Prometemos que não vamos incomodá-los, a menos que nos chamem.

– Este é um presente que não esperávamos – disse Ana.

– E vocês nos deram um presente maravilhoso casando-se aqui – respondeu a rainha. – Nossas terras agora nos curam e nos nutrem. Qualquer ser que colocar os pés nesta parte de Shangri-lá sentirá o poder da deusa cobri-lo e renová-lo. Por favor, aceitem nossa pequena oferta em retribuição.

Ana olhou para mim.

Não ligo, informei. Eu só quero você.

Pude sentir o tremor de excitação e nervosismo que a percorreu e acariciei de leve seus dedos com meu polegar.

Ela se virou, inclinando a cabeça de maneira graciosa.

– Obrigada, então. Aceitamos sua generosa oferta. Uma das fadas poderia nos guiar?

– Não há necessidade. As pedras marcam o caminho.

– Pedras?

Eles apontaram e, de fato, as pedras que ladeavam a trilha de terra que partia da aldeia na direção oeste emitiam um suave brilho verde na escuridão.

Nós nos levantamos e Kadam também ficou em pé. Ele deu um tapinha em meu ombro.

– Vejo você em breve, filho.

Então ele abraçou Ana, deu-lhe dois beijos no rosto e disse:

– Estou muito feliz por você agora oficialmente fazer parte da minha família.

– E acrescentou: – Cuidem um do outro.

– Cuidaremos – prometi.

Juntos, Ana e eu saímos pelo caminho. Com meus olhos de tigre, eu podia vê-la claramente, mesmo na escuridão. Brinquei com seus dedos e, enquanto ela ia na frente, deixei que meus olhos passeassem por sua linda figura, admirando a curva de seus quadris, a cintura fina e o modo como os cabelos longos roçavam meu braço.

Os silvanos não exageraram na descrição. A pequena casa que construíram para nós era linda. Ana ficou encantada com o jardim, salpicado de luar. Eu, particularmente, estava mais extasiado com a mulher. As flores noturnas se abriram, exalando seu aroma, mas não eram nem de perto tão inebriantes quanto Ana.

Agora que estávamos a sós e nossas mentes se achavam abertas para o outro, senti sua timidez repentina. A última coisa que eu queria fazer era lembrá-la das coisas terríveis que tinham lhe acontecido no passado.

– Podemos nos sentar junto à cachoeira um pouco? – perguntei. – Isto é, se você não estiver cansada.

Ela concordou e eu evoquei o poder do lenço para fazer uma colcha espessa e dúzias de almofadas macias. Depois de me sentar, puxei-a para mim e a beijei de maneira suave, porém breve.

– Você está linda – afirmei. Em seguida, franzi a testa. – Não tiramos fotografias.

– Fotografias?

– Sim, lembra? São como pinturas, mas são criadas instantaneamente.

– Ah, é. Você quer dizer assim?

Ela fez um gesto em espiral com a mão e fios se juntaram, formando uma tapeçaria representando o momento de nosso beijo ao fim da cerimônia, as pétalas de flores caindo sobre nossas cabeças.

Eu ri.

– Acho que isso serve – falei.

Quando ela estalou os dedos, a tapeçaria se enrolou sozinha e Ana usou o vento para mandá-la para dentro do chalé. Uma pétala soltou-se de seus cabelos e caiu em seu colo. Ela apontou para a cabeça e perguntou:

– Tem outras?

Inclinando-me para ela, sussurrei:

– Na verdade, estou com um pouco de medo de que as abelhas possam atacá-la enquanto dormimos.

O canto da boca de Ana se ergueu.

– Pode me ajudar?

– Claro.

Puxei uma pétala e então outra, e depois tirei delicadamente uma flor após outra, enfiando os dedos pelos fios de seu cabelo para soltá-las das tranças. Foi um processo lento, mas nós dois precisávamos disso. Quando seus cabelos ficaram livres das flores, massageei-lhe o pescoço e os ombros através das camadas do tecido vaporoso.

Ana usou sua magia para desfazer o tecido até o meio das costas e agora minhas mãos tocavam sua pele nua. Respirei fundo e tentei me concentrar no que estava fazendo, não na pele lisa como cetim ou na delicada curva de seu pescoço. Quando os cabelos soltos começaram a atrapalhar a massagem, cheguei mais perto dela, jogando a massa de fios por cima de seu ombro, toquei com os lábios o ponto logo atrás de sua orelha e desci devagar pelo pescoço.

Ela se virou e, quando suas mãos envolveram meu pescoço, eu a abracei e a puxei para meu colo, encostando a testa na dela.

– Não há pressa, Ana. Estou contente por ser seu marido.

Chegando um pouco para trás, Ana me estudou. Seu vestido, meio desfêto nas costas, se abriu na frente de uma forma que me distraiu muitíssimo.

Tropecei nas palavras, sabendo que precisavam ser ditas e desejando que fossem verdadeiras:

– Temos uma vida inteira juntos, talvez até mesmo várias. Temos tempo para ir devagar.

Ana tocou meu rosto.

– Você não me assusta, Sohan. Não vou negar que às vezes me sinto apreensiva, mas conheço seu coração. Você não tem intenção de me machucar.

– Eu a protegeria com minha vida – afirmei. – Você é a minha bela senhora, meu tesouro, minha *prēmikā*. – Beije-a em ambas as faces. – Pelo restante dos meus dias, meu maior desejo será satisfazê-la.

Colando o corpo flexível ao meu, ela disse:

– Então vamos começar o primeiro dia agora.

Ana me beijou e eu a deixei tomar a iniciativa, deitando-me no cobertor com o corpo dela estendido sobre mim. De início fiquei hesitante, mantendo as mãos paradas, embora os fios sussurrassem ao redor dela, desfazendo o lindo vestido de noiva centímetro por centímetro de forma provocante. A longa cauda transformou-se em uma segunda colcha, que nos cobriu, e, com a energia dourada zumbindo entre nós, se intensificando a cada carícia e a cada toque, quando suas mãos deslizaram por meu peito nu é que me dei conta de que ela havia desffeito minha roupa também.

Acariciando suas costas, beije sua orelha e murmurei:

– *Tuma mere sapanom ki aurata ho.*

Ela ergueu a cabeça, os longos cabelos se espalhando ao nosso redor como uma cortina. Os olhos verdes de Ana brilharam quando ela sorriu.

– Você gostaria de ver com que *eu* sonhei? – perguntou.

Ergui o corpo, apoiando meu peso nos cotovelos, e a beije, ligando minha mente à dela, e logo nós dois fomos envolvidos por seu sonho. Naquela noite, mais alguns sonhos se tornaram realidade.

No dia seguinte, ou melhor, na tarde seguinte, percebemos que uma nova cadeia montanhosa havia surgido em Shangri-lá. Eu ri, mas Ana mordeu o lábio, preocupada com o possível dano ao mundo que ela aprendera a amar. Quando um aldeão apareceu com uma cesta cheia de comida após Ana chamá-lo, ela perguntou sobre as mudanças na paisagem, mas ele nos assegurou que estavam todos bem.

Após comermos, nadamos no lago e tomamos banho de cachoeira. Penteei os cabelos de Ana e nos deitamos lado a lado para nos secarmos ao sol, os

dedos entrelaçados enquanto conversávamos sobre o futuro. Ali fizemos um pacto de não tentarmos ver o nosso. Com um pouco mais de prática, logo descobrimos que a afeição física que demonstrávamos mutuamente não afetava o mundo ao redor quando nos dessincronizávamos com o tempo.

Criamos o hábito de usar esse poder sempre que queríamos ficar a sós, um fato sobre o qual nossos filhos muitas vezes nos provocariam mais tarde. Ana e eu queríamos uma família grande, especialmente depois que lhe contei o sonho que tivera em que caçava com nossos filhos. Tivemos nove: sete meninos e duas meninas, embora, na realidade, tenhamos adotado dezenas mais, uma vez que Ana acolhia crianças perdidas em todos os lugares a que íamos. Depois de dar à luz nosso sétimo filho, a primeira menina, Arundati, Ana começou a dar sinais de que estava perdendo seu poder.

Isso assustou mais a mim do que a ela. Quando Kadam apareceu, como tinha feito quando todos os nossos filhos nasceram, expressei minha preocupação. Ele ficou silencioso, como sempre, e nos deixou com o conselho ambíguo de considerarmos cada dia uma bênção. Tivemos o oitavo e o nono filhos e percebi que a cada bebê Ana cedia uma parte de si mesma e de seu poder. Quando segurei nos braços nosso nono filho, nosso garotinho, Jayesh, eu lhe disse que não queria mais filhos. Poderíamos adotar outros, se ela quisesse, mas eu não queria perdê-la. Mesmo que isso significasse nunca mais tocá-la.

Ana pensou que eu acabaria cedendo. No entanto, depois de um mês evitando ficar a sós com ela, ela concordou comigo, relutante, e avancei para o futuro a fim de obter de Kadam o que ela precisava para evitar a gravidez. Então nossa vida pareceu se acomodar em uma rotina. Muitas vezes nos ausentávamos, servindo nos papéis de deusa e tigre. Em alguns casos, ela curava ou fornecia respostas a súplicas sussurradas. Outras vezes, surgia como um anjo vingador, destruindo usurpadores e levando justiça àqueles que dela precisavam.

Passamos o equivalente a muitas vidas perdidos no tempo, cuidando de nosso trabalho e fazendo intervalos para ficarmos sozinhos, mas sempre voltávamos para casa pouco depois de sairmos, para não ficar longe da família. Eles entendiam a necessidade de atender ao chamado da deusa. Uma vez, perguntaram por que nós dois tínhamos que ir e expliquei que fizera uma

promessa de sempre proteger a mãe deles. Nossos filhos entenderam e fizeram eles próprios a promessa de servir ao lado dela quando e onde fosse possível.

Isha, a velha criada de Yesubai, morreu quando nosso caçula tinha 8 anos. Ela fora babá de todos os nossos filhos e aprendemos a amá-la. A mulher tinha me reconhecido imediatamente quando retornamos à casa da montanha e nós três choramos juntos a perda de Yesubai. Falávamos com frequência dela, assim como de Ren e Kelsey, Nilima e Sunil e de nossos pais. Eram parentes distantes que ensinamos nossos filhos a honrar.

A exceção era Kadam, que fez várias visitas ao longo dos anos, comparecendo a todos os nascimentos e até me ajudando a treinar meus filhos de vez em quando. Sempre aparecia como ele mesmo e me perguntei se Phet tinha desaparecido para sempre. Às vezes ele pedia nossa ajuda. Embora nossa lista estivesse terminada havia muito tempo, ele ainda tinha um grande número de itens para cuidar na lista dele e volta e meia recrutava a mim ou Ana para ajudá-lo.

Eu estava junto quando ele fez em Kelsey a tatuagem de hena. Kadam bateu de leve em minhas costas e sorriu quando o desenho cuidadosamente trabalhado ganhou vida no momento em que passei a mão sobre ele, ligando-o ao poder dentro dela. Agora eu reconhecia a tatuagem pelo que era – uma manifestação física do amor entre um tigre branco e a garota com quem ele acabou se casando, um meio de revelar a brilhante luz dourada escondida sob a pele dela.

Kadam também me pediu que o acompanhasse para tirar nosso poder de cura pouco antes da batalha com Lokesh. Quando lhe perguntei o motivo, ele respondeu que o espírito de Yesubai estava ligado ao nosso e, com o pai morto, estava na hora de ela finalmente descansar. Ele acrescentou que o elixir da sereia e a fruta do fogo permitiriam que eu e Ana prosseguíssemos.

Argumentei que deveríamos esperar mais um dia, até que a batalha terminasse. Dessa forma, Ren não precisaria morrer. No entanto, com paciência, ele explicou que Ren tinha de perecer para que eu fizesse o sacrifício. Foi o ato de salvar meu irmão que me deu coragem para ficar para trás.

Ana foi com ele para tirar de Nilima as lembranças de ter se perdido no tempo. Ela também o acompanhou até o momento em que Phet libertou o tigre branco do serviço à deusa. Os outros não viram o tigre quando ele saltou do

corpo de Ren. Ana se ajoelhou ao lado dele e acariciou sua cabeça, agradecendo por servir à deusa por tantos anos.

Ele se virou e fôcinhou a mão de Kelsey, embora ela não tenha sentido, e lançou a Ren um olhar longo e penetrante. Então, com passadas largas, correu para a floresta, seu corpo etéreo tornando-se apenas um sussurro na relva. Depois que o tigre se fôi, a magia dourada deixou Ren e Kelsey, a tatuagem de hena desapareceu e a luz dourada voltou a se acomodar dentro do amuleto no pescoço de Ana.

Certa vez, encontramos um bilhete de Kadam afixado em nossa porta. Ele nos pedia que nos juntássemos a ele em um templo no Japão e nos deu instruções específicas sobre o que vestir, advertindo que deveríamos nos disfarçar. Para a alegria de Ana, nos vimos como convidados no casamento de Ren e Kelsey. Procuramos por Kadam e vimos o sacerdote xintoísta que os estava casando parar e piscar para nós. Ele pôs uma das mãos sobre o coração e inclinou a cabeça em nossa direção, e, quando Ren beijou a noiva, aplaudiu mais alto do que qualquer outra pessoa, enxugando as lágrimas.

O tempo passou enquanto nos concentrávamos, felizes, na família. Tivemos grande prazer em criar nossos pequenos. Quando os filhos, que se tornaram grandes caçadores e guerreiros habilidosos, tiveram idade suficiente, passaram a nos acompanhar nas batalhas. Eu observava, orgulhoso, enquanto lutavam e podia curá-los simplesmente ao encostar o Amuleto de Damon na pele deles.

Um por um, eles nos deixaram. Era sempre triste e nós os visitávamos tantas vezes quanto podíamos, mas, com o tempo, nossos filhos e depois nossos netos morreram. Eles viveram muito mais do que os mortais à sua volta. Eram líderes, cada qual à sua maneira, e tínhamos orgulho deles.

Comparecemos a todos os funerais, nascimentos e casamentos, em alguns casos abertamente, como pais ou avós, mas depois, mais tarde, como estranhos. Quando nossa linhagem tornou-se grande demais, desistimos de acompanhá-la, embora pudéssemos sentir, quando encontrávamos certas pessoas, que elas eram parte de nós, graças às pedras da verdade que usávamos.

Comecei uma tradição de, a cada aniversário de dez anos de casamento, adicionar algo aos presentes que eu dera a Ana. A mangueira tinha crescido sob seus cuidados; colhi a fruta mais madura e plantei para ela uma nova árvore, até

que um grande pomar de mangueiras surgiu perto de nossa casa da montanha. Com a ajuda de Yínbáilóng, o dragão branco, encontrei um grupo de mariscos gigantes e consegui adicionar mais algumas preciosas pérolas negras ao colar dela.

Visitamos a casa das Fênixes e cada novo pássaro me presenteou com uma pena, que acrescentei ao cinto de Ana. Após centenas de anos fazendo acréscimos aos presentes de casamento, a magia dentro de cada um deles cresceu, até percebermos o que tínhamos diante de nós. Eram os presentes de Durga. A pérola única tornou-se o Colar de Pérolas. O cinto de penas da Fênix tornou-se a Corda de Fogo. O véu verde, o que ela mais usava, estava agora imbuído de mais magia e tornou-se o Lenço Divino.

Um dia, quando caminhávamos no pomar de mangueiras, esquecemos de nos dessincronizar com o tempo. Inspirado pelo ambiente bucólico, puxei Ana para baixo dos galhos e a beijei. Quando estávamos indo embora, percebi que algo brilhava acima de nós em um galho alto da árvore. Ana ergueu os braços, envolvendo-nos em uma bolha, e levitamos no ar. Ali, aninhado entre as outras mangas, um globo solitário balançava, a luz do sol refletida na casca brilhante.

Ana o puxou e entregou a mim com um sorriso. Agora tínhamos todos os presentes e sabíamos de onde eles tinham vindo. Havia sido tecidos pelo tempo, pelo amor e pela magia.

A história da deusa e de seu tigre acabou se modificando e as pessoas a esqueceram. Orações e súplicas tornaram-se não só menos frequentes como também menos urgentes. Ana ficou doente pela primeira vez desde que aceitara o papel da deusa. Alarmado, procurei Kadam.

Ele preparou uma bebida para ela. Quando perguntei o que era, Kadam respondeu:

- Soma, o tônico dos deuses.
- O mesmo que você me deu tantos anos atrás?
- Sim. Ela pode se recuperar dessa doença, Kishan, mas temo que isso vá minar uma parte de sua energia enquanto ela utiliza o poder de cura que há dentro de você. Você se lembra de quando Kelsey curou Ren da *Gáe Bolga*?
- Eu me lembro – respondi, enchendo-me de esperança.

– Você pode fazer o mesmo com a conexão que têm. Apenas tenha cuidado para não dar tanto que não sobre nada para si mesmo. A esta altura, ela não pode sobreviver sem você.

– Vou fazer isso – insisti. – Pegue o que for necessário.

– Kishan – disse Kadam –, você sabe que nem você nem ela são imortais. Ana tem exercido grande poder ao longo dos séculos. Isso tem um preço. Ela começa a mostrar sinais da idade.

– Então vou conseguir mais elixir da sereia. Irei à Fênix para buscar ajuda.

– O elixir já não funciona com ela. Ana agora é imune aos seus efeitos. Quanto ao suco de fruta do fogo, receio que aconteça o mesmo. É o caminho natural das coisas. Lamento, filho, mas o corpo de Ana está cansado. Sua energia está se esgotando. Ela precisa usar as *suas* reservas agora, se quiser se curar.

Olhando para baixo, para minha linda mulher, toquei seus cabelos escuros. Mesmo no auge da doença, ela parecia tão jovem quanto no dia em que nos casamos. Se seus olhos não estavam tão brilhantes ou sua pele não estava tão firme, eu via isso como consequência da doença. Ana não estava envelhecendo. Eu não podia aceitar o que Kadam estava dizendo. Dessa vez ele estava errado.

– Ren não envelheceu. E você viveu tanto quanto ela – argumentei, desesperado para encontrar uma solução.

– Levei uma vida tranquila, exceto nesses últimos meses. Quanto a Ren, o tigre e o presente de Yesubai o mantiveram jovem – explicou ele. – O Amuleto de Damon concede vida longa, especialmente a você e a Ren, que receberam a essência do tigre. Mas você e Ana viveram muitos, muitos anos. Muitos anos mais, se considerarmos quantas semanas e meses vocês saltaram no tempo. E utilizaram o poder do amuleto de um jeito que o restante de nós não utilizou.

Após uma breve pausa, ele continuou:

– Ana sempre exerceu seu poder através de você. Ele tem sido compartilhado livremente entre vocês todos esses anos, por meio de sua conexão, e isso permitiu que ambos fizessem coisas notáveis a serviço da humanidade, mas ele está se extinguindo nela agora. Ana está começando a sentir o peso de sua mortalidade.

– Tem certeza?

– Tenho.

Kadam tocou o ombro dela e vi algo mais em seus olhos.

– O que foi? – perguntei.

– Quero dizer que lamento.

– Lamenta o quê? Você não causou isso.

– Não. Mas acelerei o processo.

– Como assim?

– Se você... se você não tivesse tido de me salvar quando fiquei preso no tumulto, vocês dois poderiam ter muito mais anos juntos. Temo que ter salvado a vida de Ren e depois ter me resgatado tenha custado a ambos. Esgotamos significativamente seu poder. É uma coisa terrível, filho. Não posso pedir que me perdoe, pois não há nada que eu possa fazer para compensar essa perda.

Segurei sua mão enquanto ela se contorcia de febre, pressionando seus dedos contra meus lábios. Não falamos por muitos minutos.

– Não importa – falei por fim, com toda a calma. – Ana ia querer você a salvo, não importa a que custo. Eu sabia que haveria um preço a pagar.

Kadam assentiu e ficou por perto, velando Ana comigo a noite toda. Tentei uma vez pressioná-lo para me dizer quanto tempo nos restava, mas seus olhos brilhantes nada revelaram. Poderíamos ter ainda séculos, anos, meses ou dias. Não saber era a pior parte.

Se eu fosse um de seus seguidores, poderia ter pedido ajuda a Ana, mas a quem uma deusa e seu humilde marido poderiam rezar? Durante duas semanas me mantive a seu lado, enxugando-lhe a testa enquanto tentava afastar a voz que me incomodava no fundo da mente, um presságio, contando-me que havia mais sobre essa doença do que Kadam estava dizendo.

Ana se recuperou, mas não era mais a mesma depois da doença prolongada. Seus poderes diminuíram bastante e ela realmente estava começando a mostrar sinais da idade. Não demorou muito para que, toda vez que a tocava, eu transmitisse energia a ela. Isso se tornou uma obsessão para mim. A cada dia eu observava novas linhas aparecerem ao redor de sua boca e manchas escuras surgirem em suas mãos. Fios brancos brilhavam em meio aos cabelos negros e até mesmo seu amado jardim passou a sofrer. Pela primeira vez em séculos, suas rosas começaram a morrer.

Um dia, quando peguei suas mãos, soprando-as e esfregando-as, infundindo nela toda a força que me era possível, ouvi sua voz em minha mente.

Sohan, disse ela suavemente, *é hora de parar, meu amor.*

Levantei a cabeça e perguntei em voz alta:

– Estou machucando você?

Não.

– Então o que é? – perguntei, franzindo o cenho.

Ana me olhou e algo dentro de mim se desfêz e se partiu.

– Não! – protestei com veemência. – Não, Ana. Isso não.

Lágrimas borraram minha visão e soluzei. Minha Ana, minha mulher, me abraçou e me puxou para perto enquanto eu chorava.

– Sshh, meu tigre – disse ela, sua voz pouco mais que um sussurro. – Chegou a hora. Adiamos este momento o mais que podíamos.

Levantei a cabeça.

– Posso fazer mais. Eu posso...

– Venha comigo – ela me interrompeu. – Leve-me além deste plano uma última vez.

Havia muito Ana perdera a habilidade de saltar no tempo e dependia exclusivamente de mim para levá-la para a frente e para trás. Eu deixara de fazer isso depois de perceber como cada salto a esgotava. Eu ia dizer não, tentar argumentar, mas ela fixou sua mente na minha e qualquer afirmação que eu fizesse se esvaiu diante da certeza dela.

Levantando-a delicadamente em meus braços, as lágrimas escorrendo por meu rosto, perguntei:

– Aonde você quer ir?

Ela afastou o cabelo de meus olhos, beijou meu rosto molhado e respondeu:

– Você sabe.

Assenti com a cabeça e levei-a de volta à nossa pequena cabana em Shangri-lá. Seu corpo tremia devido à transição.

– Estamos aqui – avisei.

Sua voz soou, suave e calma, em minha mente:

Leve-me até a cachoeira.

Eu a levei. Criando uma colcha, sentei-me com ela nos braços, minhas costas apoiadas em uma árvore. Ela se encostou em mim, os cabelos sedosos fazendo cócegas em meu pescoço.

Prometa, disse ela.

Qualquer coisa, prēmikā, respondi, apertando sua cintura.

Prometa que vai terminar de entalhar a pedra da verdade.

Aquilo nunca tinha parecido importante antes. Havia muitas coisas que eu queria fazer, a maioria envolvendo Ana. Toda vez que eu pegava a pedra para terminar, algo acontecia e desviava minha atenção. Sempre me justifiquei afirmando que havia muito tempo. Agora, parecia, meu tempo estava acabando. Assenti, roçando meu rosto no dela.

Ficamos sentados em silêncio olhando a água. Nossas mentes estavam conectadas e não havia necessidade de palavras. Não havia necessidade de falar. Eu conhecia todos os seus pensamentos e todos os seus desejos, assim como ela conhecia os meus. O que ela mais lamentava no fim era me deixar só. Ana me fez prometer que eu não tentaria fazer mal a mim mesmo e que verificaria de vez em quando como estava nossa linhagem.

Com esses últimos desejos declarados, a única coisa que restava era o murmúrio satisfeito de nosso amor. Ele queimava suavemente, fluindo entre nós, tornando-se cada vez mais fraco, até que, por fim, minha Ana se foi. Ela parecia tão tranquila, tão em paz quando a virei em meus braços. Era como se estivesse apenas dormindo. Chorando abertamente, beijei seus lábios uma última vez e depois seu rosto e suas pálpebras fechadas, sem querer me separar dela.

Tínhamos estado juntos durante séculos, mas não fora o bastante. Nem mesmo uma eternidade com Ana seria suficiente. Nós dois tínhamos sido um só no serviço à deusa, um em mente, um em espírito e um em amor. Mas agora, sem Ana, havia apenas... um. Eu estava sozinho e assim ficaria pelo resto de meus dias. O melhor que poderia esperar era que não demorasse muito.

– Eu te amo, minha bela senhora – murmurei, lágrimas salgadas pingando em seu rosto de porcelana.

Enxuguei-as e então me levantei e preparei o lugar para o repouso final da mulher que eu amava. A casa no jardim dissolveu-se e desapareceu e em seu lugar uma grande rocha se ergueu. Flores entalhadas adornavam o granito liso.

Pegando no colo a deusa Durga, a mãe de nossos filhos, minha mulher ainda tão linda, coloquei-a sobre a rocha, cruzando suas mãos no peito. Enquanto o lenço criava para ela um belo vestido e flores brotavam em cachos em torno de seu santuário, senti uma mão no meu ombro.

– Sinto muito, filho – disse Kadam.

Então ele me abraçou e eu recomecei a chorar em seu ombro.

Ficamos juntos ali por um tempo, apenas olhando para ela. Permanecemos no túmulo de Ana por três dias, mantendo vigília, como minha mãe tinha feito com meu pai. Durante esse período, nem ele nem eu dormimos ou comemos. Fiz com que o luar prateado descansasse no lindo rosto de Ana à noite e a protegi do calor do sol durante o dia. Quando os três dias se passaram, aproximei-me de seu caramanchão de pedra e toquei sua testa com os lábios uma última vez. Em seguida, a pedra cresceu e fechou-se sobre ela, selando-a em seu túmulo.

Não sei por quanto tempo fiquei ali, a palma da mão pousada na rocha, mas foi o suficiente para Kadam sair e voltar, porque ele disse:

– Os silvanos sabem que ela está aqui. Eles vão manter a vigília enquanto seu povo existir e as fadas vão cuidar do jardim. – Como não respondi, ele continuou: – Venha, vou ficar um tempo com você.

Kadam ficou comigo por mais uma semana, embora eu soubesse que isso lhe custava. Ninguém morava em nossa casa da montanha agora. Todos os nossos amigos próximos tinham morrido. Lady Bicho-da-Seda fora enterrada havia muito tempo ao lado de Isha e já não precisávamos de servos depois que nossos filhos saíram de casa. Os seguidores haviam sumido anos antes. Eu estava sozinho agora na casa que compartilhara com Ana.

Quando me refiz o suficiente para perceber a fadiga evidente no rosto e nos olhos de Kadam, disse-lhe que ele precisava ir para casa. Seguro de que eu me encontrava estável o suficiente em meu desespero, ele se foi.

Os anos que se seguiram foram um borrão para mim, afóra umas poucas experiências dignas de nota. Segui entalhando a pedra da verdade e, enquanto trabalhava, percebi que tinha uma companhia, afinal. Um dia, estava sentado na cadeira favorita de Ana, trabalhando na pedra, quando notei um brilho na janela.

– Olá – falei, feliz por vê-la.

Deixei a faca de lado e limpei nas pernas os fragmentos da pedra.

Fanindra ergueu a cabeça, oscilando à luz do sol.

– O que você acha? – perguntei, mostrando-lhe a pedra de marfim com os veios cor de laranja e dourados. Ela inclinou a cabeça, como se analisasse meu trabalho. – Eu sei, eu sei. Posso fazer melhor. Mas vou terminar, pode ter certeza.

A serpente ficou comigo depois disso e, quando fui me sentindo cada vez mais inquieto, preparei uma bolsa com os presentes de Ana, coloquei Fanindra em cima de tudo e saí andando pelo mundo. Depois de alguns meses, cheguei a uma clareira e algo nela me pareceu familiar. Demorei um pouco, mas acabei me dando conta de que era o lugar onde deveria ser a casa de Phet. Suspirando, ergui os braços e criei uma pequena cabana, decidindo torná-la meu novo lar fixo.

De vez em quando eu viajava no tempo com Fanindra, espiando aqueles que amava, embora cada salto me deixasse esgotado por semanas. Ainda assim, isso afastava a solidão. E era gratificante ver que todos estavam felizes e contentes. Os filhos de Ren e Kelsey também cresceram fortes e saudáveis. Eles tiveram cinco. Eu os observei por um tempo, mas não me preocupei em acompanhá-los depois que saíram de casa.

Quando Ren morreu, eu estava a seu lado. Kelsey havia falecido antes dele, cercada pelos filhos e netos. Eu estava lá, mas ninguém ficou ciente disso. Invisível, inclinei-me sobre a cama do hospital enquanto ela dormia e beijei seu rosto enrugado. Mesmo com analgésicos pingando em suas veias, ela abriu os olhos e me fitou como se pudesse me ver. Retribuí seu sorriso e fiquei ao lado de Ren enquanto ele segurava sua mão e ela passava ao mundo seguinte.

Seus filhos não chegaram a tempo quando Ren morreu de um súbito ataque cardíaco. Sentei-me ao lado da cama em sua pequena casa. Ele parecia tão velho, pensei, embora seus olhos tivessem ainda o mesmo azul e, mesmo naquela idade, ele ainda fosse bonito. Estava ficando cada vez mais difícil fazer isso, mas congelei o tempo, como Ana fizera para Yesubai, e conversei com meu irmão por longas horas.

Depois que restaurei todas as suas lembranças, ele me perdoou sinceramente por toda a dor que eu lhe causara e choramos juntos pelas mulheres que amamos

e pela tristeza de nossas vidas separadas. Disse-lhe que o amava e ele me perguntou se tinha sido eu que presenteara seu filho com o selo da família. Respondi que, de fato, tínhamos sido eu e Ana, embora soubesse que o selo inacabado ainda se encontrava na cabana de Phet em minha linha do tempo.

Contei-lhe o que o selo realmente era e que, em uma de suas visitas a mim e a Ana, Kadam me deu o que ele usara para abrir a Caverna de Kanheri, dizendo que estava na hora de passarmos o selo à geração seguinte. Depois de deixá-lo com o filho mais velho de Ren, seguimos seu caminho por um tempo. Os filhos de Ren nunca souberam a importância do objeto nem seu poder.

Sentado ali com Ren, soube que, naquele momento, o selo descansava sobre a cornija da lareira de um dos netos dele. Eu me perguntei quantas gerações levaria para que a história simples que eles conheciam fosse esquecida.

Ren me repreendeu por não ter feito uma visita a ele e Kelsey em anos.

– Se não fosse pela carta que escreveu, nem saberíamos o que aconteceu com você – disse ele.

– Carta? – indaguei.

– Sim – respondeu ele, tossindo. – Você sabe, o pergaminho.

Assenti com a cabeça, embora não soubesse a que ele estava se referindo. Dei-lhe um pouco d'água e mudei de assunto. Fiquei com ele por horas, contando todas as minhas aventuras e escutando-o contar as dele. Ren tinha orgulho de sua família, e deveria mesmo ter, mas estava mais entusiasmado com a possibilidade de rever Kelsey.

– Você acredita que ela está por aí, em algum lugar? – perguntei.

– Se existe alguém que deveria saber isso, eu diria que é você – respondeu Ren.

Olhei pela janela para o sol da manhã, congelado no tempo, e depois verifiquei o relógio. Eram 6h38.

– Gostaria de poder dizer que tenho certeza que sim – falei.

– Bem, se você não tem certeza, eu tenho.

– Como você sabe?

– Posso senti-la. Aqui – disse ele, batendo no peito.

– Acho que é seu ataque cardíaco falando – comentei.

– Não. É algo mais do que isso. É como... como se ela estivesse me chamando. Pedindo que eu a encontre. – Nós nos olhamos por um longo momento. – Eu... eu acho que quero ir até ela agora, irmão.

Assentindo, levantei-me e peguei sua mão, apertando-a na minha. Ele a apertou em resposta, mas mal senti algo além de uma leve agitação contra minha pele.

– Adeus, Ren – eu disse. – Vá ao encontro de Kells, e mande lembranças minhas.

– Darei. E... Kishan?

– Sim?

– Eu também te amo.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Reiniciando o tempo, parti, sem querer ver morrer outra pessoa que eu amava.

De volta à cabana de Phet, pensei muitas vezes sobre o que Ren tinha dito. Peguei tinta e um pergaminho, sentei-me e escrevi uma carta para ele e Kelsey. Enrolei o pergaminho, tentando entender de onde um rolo, entregue a eles depois do casamento, poderia ter vindo. O tempo teria de ser exato para que não impactasse o futuro deles.

Carreguei-o comigo durante anos e, quando o papel se rasgou e desbotou, fiz uma cópia, usei o selo recém-concluído da Casa de Rajaram para fechá-lo e moldei um vidro para proteger o papel de danos. Foi quando eu soube o que era. Eu o tinha visto antes.

Sabendo o que fazer, visitei a Fênix, que, quando perguntei sobre uma substância que abriria os olhos de um mortal para que ele pudesse ver coisas que estavam ocultas para os outros, pediu-me que tirasse o suco de uma fruta do fogo. Fiz isso e o apresentei a ela, que se inclinou sobre o líquido e piscou. Uma única lágrima se formou na borda de seu olho e caiu no líquido.

– Quanto tempo vai durar? – perguntei.

– Ele permanecerá potente até a queda da última Fênix – respondeu ela.

Agradei e segui para o Tibete. Em vez de deixar que todos os monges soubessem de minha presença, me materializei diante do primeiro Dalai-Lama enquanto ele caminhava sozinho em seu jardim, provavelmente refletindo sobre os segredos do universo. Se ficou espantado ao me ver, não demonstrou.

Depois de entregar-lhe o pergaminho e o unguento, usei o poder do lenço para criar um medalhão de tigre como aquele de que me lembrava e o pendurei ao redor de seu pescoço. Terminei avisando-o de que o conteúdo do pergaminho não deveria ser lido e lhe dei todas as outras instruções que pensei serem pertinentes para ajudar Kelsey e meu antigo eu em sua missão.

Toda vez que eu pensava em Shangri-lá, sentia um aperto no peito. Com a carta entregue e o selo concluído, eu não tinha mais nada a fazer. Vagueei por algumas décadas, ajudando as pessoas quando podia, sabendo que Ana teria desejado que eu fizesse isso. Durante minhas viagens, encontrei um jovem e minha mão vibrou quando apertei a dele.

De imediato soube que se tratava de um de meus muitos descendentes. Ele me disse que se chamava Tarak e tive um sobressalto. Eu estava na presença do meu avô. Para ter certeza, perguntei-lhe de onde era e ele confirmou minhas suspeitas. Viajamos juntos por um tempo e, quando nos separamos, lhe ofereci um presente.

– O que é isso? – perguntou ele, desembulhando o pano.

– Uma herança muito preciosa. Uma vez que não tenho descendentes – o selo permaneceu frio em minhas mãos, reagindo à minha mentira –, eu ficaria honrado se você mantivesse isso em sua família.

Seus olhos se arregalaram ao ver o que tinha nas mãos.

– Tem certeza que deseja se separar dele? – perguntou.

– Considero você merecedor de possuí-lo. Além disso, chegou a hora de seguir sem ele.

Eu estava prestes a ir embora quando outra coisa me ocorreu. Hesitante, tirei um segundo tesouro inestimável de minha bolsa e o coloquei em suas mãos.

– Isto pertenceu à minha falecida esposa – informei. – Talvez um dia sua mulher ou sua filha possa apreciá-la.

Toquei com a ponta dos dedos a escova de cabelo com cabo de marfim de Ana e depois sorri, sabendo que algum dia estaria nas mãos de minha mãe.

Ele apertou meu braço em um gesto familiar. Era a promessa do guerreiro. As palavras tinham mudado um pouco desde o meu casamento, mas as promessas feitas ainda agitaram meu coração. Abracei o rapaz, batendo em suas costas.

- Que a sorte esteja com você sempre, jovem Tarak.
- E também com você.

O rapaz acenou quando nos separamos e continuei minha jornada, voltando para a cabana de Phet. Muitas vezes refleti que eu, de algum modo, podia ser meu antepassado e desejei ter compartilhado essa ideia com Ren. Decidi escrever uma nova carta, incluindo o fato recém-descoberto, e viajei de volta no tempo, trocando-a pela antiga, enquanto meu outro eu dormia na cabana.

Dessincronizado com o tempo, olhei meu rosto adormecido. Havia mechas grisalhas em meus cabelos e rugas ao redor dos olhos e eu tinha perdido massa muscular. Parecia que o tempo estava me alcançando. Quando retornei, gemi. Eu me sentia velho e cansado do mundo. Os dias transcorriam de forma monótona, sobretudo porque eu pressentia que meu trabalho finalmente estava terminado.

Certa manhã, Fanindra me acordou. Sentou-se em meu peito e ergueu a cabeça.

– Olá, minha menina – cumprimentei. Ela projetou a língua no ar e eu quase não senti quando tocou minha bochecha. – Ah – murmurei com tristeza. – Você está dizendo adeus. Volte para mim algum dia, se puder, pois vou sentir muita saudade de você.

Depois de um momento, ela deslizou para o chão e, quando olhei, havia desaparecido, assim como os outros presentes de Durga.

Sem Fanindra e os presentes, senti meu poder se esvaír rapidamente. Não podia mais viajar no tempo, invocar armas, criar comidas ou bebidas. Transformando-me em tigre, saí para caçar, ampliando meu território até deparar com as antigas terras onde meus pais, algum dia não muito distante, construiriam uma casa perto da cachoeira. Não assumi a forma humana durante mais de um ano e descobri, quando tentei, que já não conseguia.

Logo depois, perdi o amor pela caçada e me levantava apenas para beber água no lago. Quantos dias se passaram sem que eu comesse, eu não sabia. Mas um dia, no fim da tarde, enquanto eu dormia, farejei um cheiro que eu não sentia fazia anos.

- Olá, filho – disse Kadam, de costas para o sol poente.

EPÍLOGO



Sonolência

Tentei me levantar e cumprimentá-lo, mas ele sacudiu a mão.

– Não precisa se levantar. Se não se importa, eu gostaria de me sentar com você um pouco.

Em minha mente, falei com ele, mas logo ficou evidente que ele não podia me ouvir.

Kadam pôs a mão em minhas costas e me falou de amor e perda. Falou sobre sua mulher e como foi difícil viver sem ela por tantos anos. Suas palavras me fizeram pensar em Ana e em Ren, e em como meu irmão acreditava que Kelsey o estivesse chamando. Kadam continuou a falar, sua voz familiar, reconfortante e calma contribuindo para aumentar a tranquilidade da floresta silenciosa. Eu me sentia sonolento e suspirei quando meus olhos se fecharam.

Então ouvi uma espécie de zumbido. Uma brisa beijou o pelo de minha nuca e senti o cheiro de flores silvestres... não... de jasmim. Meu coração silenciou e, se estivesse na forma humana, eu teria sorrido. A luminosidade do sol poente atravessava minhas pálpebras fechadas e a voz de Kadam foi se tornando cada vez mais fraca. Em seu lugar, eu ouvia o farfalhar das folhas lá no alto – um tilintar que ia se tornando mais rico a cada segundo.

Quando o último suspiro deixou meu corpo exausto, senti em meu ouvido a pressão de lábios macios que sussurraram:

Sohan.

Minha mão se imobilizou quando o tigre soltou seu suspiro final. Então me permiti chorar um pouco por meu menino, meu filho, que morreu 35 anos antes de sequer ter nascido. Abracei seu corpo, o pelo macio fazendo cócegas em meu rosto. Delicadamente, retirei o Amuleto de Damon de seu pescoço e usei seu poder para enterrá-lo no mesmo pedaço de terra em que um dia sepultaria seus pais e onde eu mesmo teria meu descanso final.

Ainda havia trabalho a fazer. Parecia interminável, no entanto, mais do que ninguém, eu estava ciente de que o fim estava de fato se aproximando. Eu teria de separar os pedaços do Amuleto de Damon, encontrar Ana no passado e levá-la comigo para dar os cinco pedaços de presente – um para cada líder de cada um dos cinco exércitos que haviam ajudado a derrotar Lokesh na montanha. Em seguida, eu precisaria ir ao primeiro templo de Durga e destruir a quinta coluna antes que Anamika tivesse chance de ver todas as coisas ali entalhadas.

Depois disso, eu teria que responder a um chamado que eu mesmo enviara a Phet quando lhe pedi que ajudasse com a memória de Ren. Embora a lista já tivesse sido muito longa, estava chegando ao fim um tanto rápido demais.

Pensando tanto no tigre branco quanto no negro, esfreguei o polegar na cara do tigre do amuleto e pousei a mão no monte de terra que cobria o corpo de Kishan.

Ele merecia mais.

O Príncipe Sohan Kishan Rajaram deveria ter tido um funeral magnífico. Deveria ter sido homenageado por todos os seus muitos descendentes, prestigiado por todas as pessoas que ele e sua mulher haviam ajudado ao longo dos séculos. Deveria ter sido mais do que uma nota de pé de página nos anais da história ou uma referência em um livro de mitologia. No mínimo, deveria ter sido sepultado ao lado da mulher.

Mas esse era o lugar em que sempre o encontrara em todas as linhas do tempo que eu vira, e, depois de tudo que fizemos juntos, eu não achava que ele

se importaria muito em ser enterrado ali. Levantando-me, limpei as mãos e olhei para o céu. O sol havia se posto e os insetos ciciavam nas árvores uma canção final para um herói tombado.

– Até logo, meu filho – falei, pressionando a mão sobre o coração e deixando as lágrimas fluírem. – Logo irei ao seu encontro.

Envolvendo o amuleto com a mão, saltei através do tempo e do espaço, tentando encontrar consolo no dever e no conhecimento de que logo eu estaria novamente entre aqueles que amei e perdi.

Um sonho perdido

Sohan Kishan Rajaram

(sua única experiência com a poesia)

Eu já tive
Um beijo na fronte,
Uma promessa eterna
De alguém que eu ansiava que fosse minha.

Agora
Um outro levou
De mim, depressa,
Aquele que eu ansiava que fosse minha.

Eu já contemplei
Um bebezinho cálido,
Uma mãe de formas delicadas,
Uma família que eu ansiava que fosse minha.

Agora
Meu amor está com outro.
O homem a que chamo irmão
Levou a família que eu ansiava que fosse minha.

Eu já acreditei
Que meu coração a esqueceria,
Minha alma não apodreceria
Por aquela que eu ansiava que fosse minha.

Agora
Meu mundo está destruído,
Meu amor ela abandonou,
Aquele que eu ansiava que fosse minha.

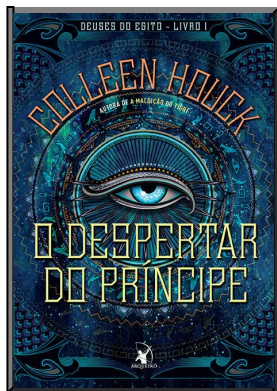
Desde
Que meu amor se foi,
Meu coração está partido
Por aquela que eu ansiava que fosse minha.

Então
O que restou pode alegrar
Este rio de tristeza?
Ela que anseio que seja minha.

Mas
Ai de mim! Parece
Que devo silenciar todos os meus sonhos
Com aquela que eu ansiava que fosse minha.

E, no entanto...
Se o destino piedoso julgar
Minha alma especial e redimida
Por ceder aquela que eu ansiava que fosse minha,

Então talvez eu encontre
Não aquela por quem meu coração sofre,
Mas *aquela* que anseia por ser *minha*.



O DESPERTAR DO PRÍNCIPE

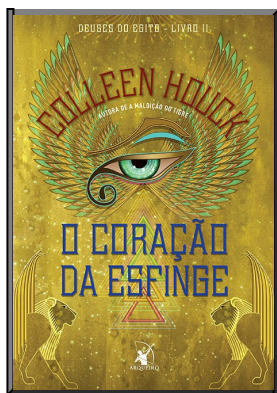
O *despertar do príncipe* é o primeiro volume da aguardada série **Deuses do Egito**, uma aventura fascinante que vai nos transportar para cenários extraordinários e nos apresentar a criaturas fantásticas da rica mitologia egípcia.

Aos 17 anos, Lilita Young tem uma vida aparentemente invejável. Ela mora em um luxuoso hotel de Nova York com os pais ricos e bem-sucedidos, só usa roupas de grife, recebe uma generosa mesada e tem liberdade para explorar a cidade.

Mas para isso ela precisa seguir algumas regras: só tirar notas altas no colégio, apresentar-se adequadamente nas festas com os pais e fazer amizade apenas com quem eles aprovarem.

Um dia, na seção egípcia do Metropolitan Museum of Art, Lily está pensando numa maneira de convencer os pais a deixá-la escolher a própria carreira, quando uma figura espantosa cruza o seu caminho: uma múmia – na verdade, um príncipe egípcio com poderes divinos que acaba de despertar de um sono de mil anos.

A partir daí, a vida solitária e super-regrada de Lily sofre uma reviravolta. Uma força irresistível a leva a seguir o príncipe Amon até o lendário Vale dos Reis, no Egito, em busca dos outros dois irmãos adormecidos, numa luta contra o tempo para realizar a cerimônia que é a última esperança para salvar a humanidade do maligno deus Seth.



O CORAÇÃO DA ESFINGE

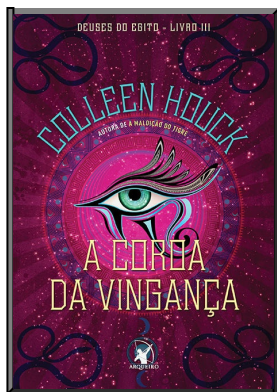
Lily Young achou que viajar pelo mundo com um príncipe egípcio tinha sido sua maior aventura. Mas a grande jornada de sua vida ainda está para começar.

Depois que Amon e Lily se separaram de maneira trágica, ele se transportou para o mundo dos mortos – aquilo que os mortais chamam de inferno. Atormentado pela perda de seu grande e único amor, ele prefere viver em agonia a recorrer à energia vital dela mais uma vez.

Arrasada, Lily vai se refugiar na fazenda da avó. Mesmo em outra dimensão, ela ainda consegue sentir a dor de Amon, e nunca deixa de sonhar com o sofrimento infinito de seu amado. Isso porque, antes de partir, Amon deu uma coisa muito especial a ela: um amuleto que os conecta, mesmo em mundos opostos.

Com a ajuda do deus da mumificação, Lily vai descobrir que deve usar esse objeto para libertar o príncipe egípcio e salvar seus reinos da escuridão e do caos. Resta saber se ela estará pronta para fazer o que for preciso.

Nesta sequência de *O despertar do príncipe*, o lado mais sombrio e secreto da mitologia egípcia é explorado com um romance apaixonante, cenas de tirar o fôlego e reviravoltas assombrosas.



A COROA DA VINGANÇA

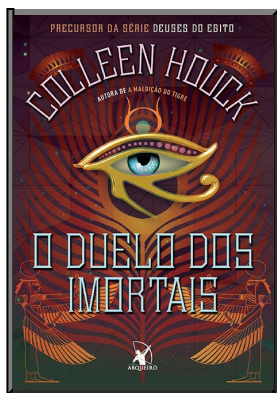
Meses após sua pacata vida como herdeira milionária sofrer uma reviravolta e ela embarcar numa vertiginosa jornada pelo Egito, Lilliana Young está praticamente de volta à estaca zero.

Suas lembranças das aventuras egípcias e, especialmente, de Amon, o príncipe do sol, foram apagadas, e só resta a Lily atribuir os vestígios de estranhos acontecimentos a um sonho exótico. A não ser por um detalhe: duas estranhas vozes em sua mente, que pertencem a uma leoa e uma fada, a convencem de que ela não é mais a mesma e que seu corpo está se preparando para se transformar em outro ser.

Enquanto tenta dar sentido a tudo isso, Lily descobre que as forças do mal almejam destruir muito mais que sua sanidade mental – o que está em jogo é o futuro da humanidade.

Seth, o obscuro deus do caos, está prestes a se libertar da prisão onde se encontra confinado há milhares de anos, decidido a destruir o mundo e todos os deuses. Para enfrentá-lo de uma vez por todas, Lily se une a Amon e seus dois irmãos nesta terceira e última aventura da série *Deuses do Egito*.

Em *A coroa da vingança*, Colleen Houck nos presenteia com um desfecho tão surpreendente e inspirado quanto o elaborado universo mitológico que criou.



O DUELO DOS IMORTAIS

Quem são os deuses que regem os caminhos e descaminhos de Amon e Lily, os corajosos heróis da série *Deuses do Egito*? Por que esses deuses tramam conquistas e vinganças, envolvendo a humanidade em suas maquinações? E por que deixam nos ombros de alguns jovens mortais a responsabilidade pela salvação do mundo?

Antes que Lily e Amon se encontrassem, antes mesmo que o caos dominasse o cosmos e os deuses precisassem de três irmãos corajosos para combater o mal, muita coisa já estava em jogo. Em *O duelo dos imortais*, vamos conhecer a história dos quatro irmãos que assistiam, com seus poderes especiais, o grande Amon-Rá no governo da Terra:

Osíris, o generoso deus da agricultura, que ajuda os mortais a crescer e prosperar em seu ambiente natural.

Ísis, a linda deusa da criação, que promove a saúde e o bem-estar.

Néftis, a doce vidente, que mantém o equilíbrio entre os seres vivos e o universo.

E por último Seth, o mais jovem, que cresceu desprovido de poderes e desprezado por todos.

Quando, finalmente, os poderes de Seth se manifestam, que efeito sobre a humanidade terá a perigosa mistura de uma infância marcada pela rejeição, uma intensa paixão não correspondida e o incrível poder de desfazer coisas, pessoas... e até deuses?

SOBRE A AUTORA



COLLEEN HOUCK é uma leitora voraz que adora títulos de ação, aventura, temas paranormais, ficção científica e romance. Ela entrou para a lista de livros mais vendidos do *The New York Times* com a série *A maldição do tigre*, que teve os direitos adquiridos pela Paramount Pictures. Também é autora da série *Deuses do Egito*. As duas séries já venderam 2 milhões de livros no mundo – sendo 700 mil só no Brasil. Colleen estudou na Universidade do Arizona e trabalhou como intérprete de língua de sinais durante 17 anos. Ela mora em Salem, no Oregon, com o marido e uma imensa coleção de tigres de pelúcia.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



série
a maldição do tigre

COLLEEN HOUCK

a maldição do tigre

o resgate do tigre

a viagem do tigre

o destino do tigre

a promessa do tigre



Box A maldição do tigre

Houck, Colleen

9788580411706

1808 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando a jovem órfã Kelsey Hayes vai trabalhar no circo da cidade e se encanta pelo tigre Ren, não imagina que ele na verdade é o príncipe indiano Alagan Dhiren Rajaram. Determinada a ajudá-lo, ela embarca em uma perigosa jornada pela Índia, onde enfrenta criaturas imortais e mundos místicos. A maldição do tigreAo desejar que o tigre Ren seja livre, Kelsey acaba tomando possível que ele volte a ser Dhiren, o príncipe indiano amaldiçoado há 300 anos por um feiticeiro. Mas Ren só pode assumir a forma humana durante 24 minutos por dia e, para quebrar de vez a maldição, precisa convencer Kelsey a desvendar uma profecia e enfrentar grandes desafios na busca pelas oferendas à deusa Durga. O resgate do tigreAmeaças terríveis obrigam Kelsey a encarar uma nova busca – dessa vez com Kishan, o irmão bad boy de Ren –, e a dupla improvável começa a questionar seu destino. A vida de Ren está por um fio, assim como a verdade no coração de Kelsey. A viagem do tigreKelsey e os príncipes-tigres precisam superar dragões míticos e riscos terríveis, e a montanha-russa emocional se torna mais angustiante do que nunca. O desprezível Lokesh, irritado pela recente derrota sofrida, está à espreita, deixando claro que, para desfazer a maldição, Kelsey precisa passar por ele primeiro. O destino do tigreAntes que possam procurar o último presente da deusa Durga, Kelsey, Ren e Kishan têm que enfrentar o feiticeiro Lokesh em seu próprio território. Em meio a lava, demônios, animais fantásticos e zumbis, o trio enfrenta seu derradeiro desafio. A promessa do tigreMais de 300 anos antes de Kelsey surgir na vida de Ren e

Kishan, a jovem Yesubai cruzou o caminho dos príncipes. Seu amor por um deles mudou o curso da história e o destino da família Rajaram. Este livro revela os acontecimentos que deram origem à saga A maldição do tigre.

[Compre agora e leia](#)

AS CRÔNICAS DAS IRMÃS BRUXAS I

JESSICA SPOTSWOOD

ENFEITIÇADAS



Enfeitiçadas

Spotswood, Jessica

9788580412314

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes do alvorecer do século XX, um trio de irmãs chegará à idade adulta, todas bruxas. Uma delas terá o dom da magia mental e será a bruxa mais poderosa a nascer em muitos séculos: ela terá poder suficiente para mudar o rumo da história, para suscitar o ressurgimento do poder das bruxas ou um segundo Terror. Quando Cate descobre esta profécia no diário de sua mãe, morta há poucos anos, entende que precisa repensar seus planos. Qual será a melhor opção: servir a Irmandade, longe dos olhos vigilantes dos Irmãos caçadores de bruxas, aceitar uma proposta de casamento que lhe garanta proteção e segurança ou abandonar tudo e viver um grande amor proibido? Prepare-se para se encantar com os jovens pretendentes de Cate, abominar o ódio e a repulsa que os Irmãos dedicam a meninas e mulheres, e aguardar ansiosamente pela sequência de As Crônicas das Irmãs Bruxas.

[Compre agora e leia](#)

Mais de 500 milhões de livros vendidos no mundo

NORA ROBERTS

ESTRELAS DA SORTE

Os Guardiões
LIVRO I



Estrelas da Sorte

Roberts, Nora

9788580418316

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sasha Riggs é uma artista assombrada por sonhos que transforma em pinturas maravilhosas, cenas que preveem o futuro. Ela nunca conseguiu assumir seu dom, mas desta vez não consegue ignorar as visões que a atormentam e viaja para a ilha grega de Corfu. É lá que encontra as pessoas com quem sonha: um mágico, um arqueólogo, um viajante, um lutador, um solitário. Elas também foram atraídas por uma força inexplicável. Dotadas de habilidades extraordinárias, cada uma terá um papel fundamental na aventura que as espera: encontrar as míticas Estrelas da Sorte, que caíram do céu, pondo em risco o destino de todos os mundos. Sasha é quem os mantém unidos e vê no mágico, Bran Killian, um homem de imensa compaixão. Ela tem dificuldade para lidar com sua vidência, mas Bran está lá para apoiá-la. Porém, os dois não devem desviar sua atenção da missão, pois uma ameaça sombria procura corromper tudo que está no caminho para alcançar as estrelas. Nesse primeiro volume da série Os Guardiões, Nora Roberts se aventura mais uma vez pela fantasia, mas sem deixar de lado o seu envolvente romantismo e a escrita que a consagrou. "Nora Roberts é uma verdadeira artista das palavras." – Los Angeles Daily News

[Compre agora e leia](#)

Mais de 8 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY

As SETE IRMÃS

As Sete Irmãs | Livro 1
A História de Maia



As sete irmãs

Riley, Lucinda

9788580415926

480 páginas

[Compre agora e leia](#)

Filha mais velha do enigmático Pa Salt, Maia D'Aplièse sempre levou uma vida calma e confortável na isolada casa da família às margens do lago Léman, na Suíça. Ao receber a notícia de que seu pai – que adotou Maia e suas cinco irmãs em recantos distantes do mundo – morreu, ela vê seu universo de segurança desaparecer. Antes de partir, no entanto, Pa Salt deixou para as seis filhas dicas sobre o passado de cada uma. Abalada pela morte do pai e pelo reaparecimento súbito de um antigo namorado, Maia decide seguir as pistas de sua verdadeira origem – uma carta, coordenadas geográficas e um ladrilho de pedra-sabão –, que a fazem viajar para o Rio de Janeiro. Lá ela se envolve com a atmosfera sensual da cidade e descobre que sua vida está ligada a uma comovente e trágica história de amor que teve como cenário a Paris da belle époque e a construção do Cristo Redentor. E, enquanto investiga seus ancestrais, Maia tem a chance de enfrentar os erros do passado – e, quem sabe, se entregar a um novo amor. "Uma leitura cativante." – Daily Mail "O projeto mais ambicioso e emocionante da autora... um labirinto sedutor de histórias, escrito com o estilo que fez de Lucinda Riley uma das melhores escritoras atuais. Um começo épico para uma série épica." – Lancashire Evening Post "Lucinda Riley é uma hábil autora de romances épicos. Ela entrelaça história factual e ficção em uma narrativa envolvente." – Red

[Compre agora e leia](#)

DEUSES DO EGITO - LIVRO III

COLLEEN HOOVER

AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE



A COROA DA VINGANÇA



A coroa da vingança

Houck, Colleen

9788580417883

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Uma história envolvente de devoção e sacrifício, cheia de humor e perigosas incursões em mundos estranhos." – VOYA"Com diálogos ágeis e elementos da mitologia egípcia, esta aventura romântica agrada em cheio aos fãs de Rick Riordan e da outra série da autora, A maldição do tigre." – BooklistEm A coroa da vingança, Colleen Houck nos presenteia com um desfecho tão surpreendente e inspirado quanto o elaborado universo mitológico que criou. Meses após sua pacata vida como herdeira milionária sofrer uma reviravolta e ela embarcar numa vertiginosa jornada pelo Egito, Lilliana Young está praticamente de volta à estaca zero. Suas lembranças das aventuras egípcias e, especialmente, de Amon, o príncipe do sol, foram apagadas, e só resta a Lily atribuir os vestígios de estranhos acontecimentos a um sonho exótico. A não ser por um detalhe: duas estranhas vozes em sua mente, que pertencem a uma leoa e uma fada, a convencem de que ela não é mais a mesma e que seu corpo está se preparando para se transformar em outro ser. Enquanto tenta dar sentido a tudo isso, Lily descobre que as forças do mal almejam destruir muito mais que sua sanidade mental – o que está em jogo é o futuro da humanidade. Seth, o obscuro deus do caos, está prestes a se libertar da prisão onde se encontra confinado há milhares de anos, decidido a destruir o mundo e todos os deuses. Para enfrentá-lo de uma vez por todas, Lily se une a Amon e seus dois irmãos nesta terceira e última aventura da série Deuses do Egito.

[Compre agora e leia](#)